

Universidade Federal de Santa Catarina  
Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística

*A Verbalklammer*: estruturas verbais  
descontínuas em alemão

Markus J. Weininger

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Letras/Linguística da Universidade Federal de  
Santa Catarina, como requisito parcial para a  
obtenção do título de Doutor em Linguística.

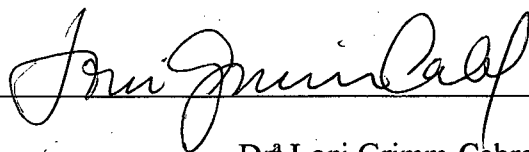
Orientador: Prof. Dr. Paulino Vandresen

**Florianópolis**

2000

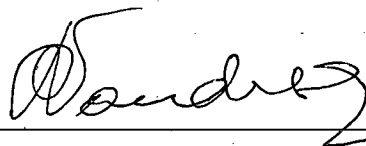
Esta tese foi julgada adequada e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Letras / Linguística para a obtenção do grau de

Doutor em Linguística

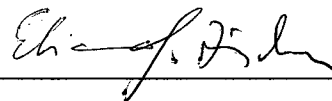


Dr<sup>a</sup> Loni Grimm-Cabral  
Coordenadora

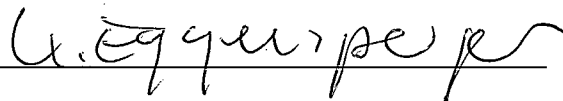
Banca examinadora:



Dr. Paulino Vandresen - Orientador



Dr<sup>a</sup> Eliana Fischer - examinadora

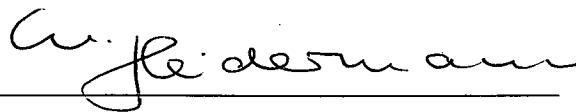


Dr. Klaus Eggensperger - examinador

Dr<sup>a</sup> Loni Kreis Taglieber - examinadora



Dr<sup>a</sup> Edair Maria Gorski - examinadora



Dr. Werner Heidermann - examinador

Florianópolis, 25 de fevereiro 2000

WEININGER, Markus Johannes. **A *Verbalklammer*: estruturas verbais descontínuas em alemão.** Florianópolis, 2000. 300p. Tese (Doutorado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Lingüística, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Paulino Vandresen

Defesa: 25/02/2000

Análise sintática das estruturas verbais descontínuas do alemão (*Verbalklammer*), com embasamento e orientação funcionalista. Após uma discussão crítica da literatura e uma pequena análise de exemplos empíricos de diferentes tipos de textos, o trabalho apresenta um modelo descritivo unificado, válido para todas as frases do alemão, onde um elemento verbal inicial (pré-verbo) e um elemento verbal final (pós-verbo) estabelecem um sistema de três (ou cinco) campos topológicos que servem a várias funções sintáticas – como à integração de frases em períodos mais complexos – e textuais e discursivas – como à topicalização e à atribuição de foco e ênfase. Algumas conseqüências para o ensino do alemão como língua estrangeira são apontadas.

Palavras-chave: *Verbalklammer*; Estruturas verbais descontínuas do alemão; Campos topológicos; Integração de frases; Topicalização

## Abstract

Syntactical analysis of discontinuous verbal structures in German (*Verbalklammer*), within a functionalist approach. After a critical discussion of previous publications and a small analysis of empirical examples from different types of texts, this study presents a unified descriptive model for all sentences of German, with an initial and final verbal element which establish three (or five) topological fields, serving various syntactical functions (e.g. integration of phrases in more complex periods) and textual / discursive purposes (like topicalization, distribution of focus and emphasis). Some consequences for teaching German as a Foreign Language are pointed out.

**Keywords:** Verbalklammer; discontinuous verbal structures in German; topological fields; integration of phrases; topicalization

## Resumo

Análise sintática das estruturas verbais descontínuas do alemão (*Verbalklammer*), com embasamento e orientação funcionalista. Após uma discussão crítica da literatura e uma pequena análise de exemplos empíricos de diferentes tipos de textos, o trabalho apresenta um modelo descritivo unificado, válido para todas as frases do alemão, onde um elemento verbal inicial (pré-verbo) e um elemento verbal final (pós-verbo) estabelecem um sistema de três (ou cinco) campos topológicos que servem a várias funções sintáticas – como à integração de frases em períodos mais complexos – e textuais e discursivas – como à topicalização e à atribuição de foco e ênfase. Algumas conseqüências para o ensino do alemão como língua estrangeira são apontadas.

**Palavras-chave:** Verbalklammer; Estruturas verbais descontínuas do alemão; Campos topológicos; Integração de frases; Topicalização

## Anexo 2: ABREVIACOES

A	ADJ	MF	Mittelfeld
acc	Accusative	MIT	Massachusetts Institute of Technology
AcI	Acusativo com Infinitivo	MJW	Markus J. Weininger
ADJ	Adjunct	N	Noun / Nomen / (grupo) nominal
adj	Adjective	NF	Nachfeld
ADV	Adverb	nom	Nominative
akk	Akkusativ	NONLOC	Non-Local
ant	anterior	n.º	número
APG	Arc Pair Grammar	NP	Noun Phrase
ARG-ST	Argument structure	NUM	Number
AUXF	Auxiliary Form	O	Objeto / Objekt / Object
AVM	Attribute-Value Matrix	op. cit.	opus citado
bse	Base Form	ORF	Oesterreichischer Rundfunk
c	campo	p	página
C	COMP	P	Position / Preposition / Prädikat
CAT	Category	part	partícula / Partikel
CD	Communicative Dynamism	PER	Person
cf.	conferir	PFORM	Preposition Form
CFG	Context Free Grammar	PH	Phrase
CG	Categorial Grammar	PHON	Phonology
CL	Clitic	post	posterior
COMP	Complement	PP	Preposition Phrase
CONT	Content	ppp	Past Participle
CONX	Context	PRD	Predicative
dat	Dativ(e)	prep	Preposition
DCG	Definite Clause Grammar	PRO	Pronoun
dêit	dêitico	PSG	Phrase Structure Grammar
dir	direito	psoa	Parametrized State of affairs
DOM	Word Order Domain	PVP	Partial Verb Phrase
DTR(S)	Daughter(s)	QUE	Question
E	Ergänzung	rSkI	rechte Satzklammer
ERG	Ergative	REL	Relativizer
esq	esquerdo	RELN	Relation
et al.	et alii	S	Sentence / Subjekt / Subject / Sujeito
ex	exemplo	SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
ext	externo	SK	Satzklammer
EXTRA	Extraposition	SkI	Satzklammer
fin	Finit(e)	SUB	Subordinate clause
FSP	Functional Sentence Perspective	SUBJ	Subject
GB	Government and Binding	SYNSEM	Syntactical-Semantical
gen	Genitiv(e)	SZ	Süddeutsche Zeitung
GEN(D)	Gender	USP	Univesidade de São Paulo
GPSG	Generalized Phrase Structure Grammar	V	Verb(o) / Verbindungsteil
H	HEAD	V-1	Verbo finito em posição inicial
H(EA)D	Head	V-2	Verbo finito em posição 2
HPSG	Head-Driven Phrase Structure Grammar	VFIN	Verbo finito em posição final
IdS	Institut für deutsche Sprache	Vf	Verb, finite
IK	Infinitivkonstruktion	VF	Vorfeld
inf	Infinitiv(e)	VFORM	Verb Form
INST	Instance	Vi	Verb, infinite
INV	Inversion	V-L	Verb-Letzt
KM	Kommunikative Minimaleinheit	VK	Verbalklammer
L1	primeira língua / língua materna	VP	Verb Phrase
L2	segunda língua / língua estrangeira	vs	versus
LEX	Lexical	X	other element / outro elemento
LFG	Lexical-Functional Grammar		
LIPOC	language independent preferred order of constituents		
LOC	Local		
LP	Linear Precedence		
lSkI	linke Satzklammer		

## Agradecimentos

Agradecimentos especiais devo aos meus orientadores e co-orientadores,  
à UFSC, que me permitiu retomar este estudo,  
e a inúmeras pessoas, próximas e distantes  
(no sentido geográfico tanto quanto pessoal):

aos professores, colegas e amigos,  
na Alemanha, no Brasil e em outros países,  
que acompanharam toda a elaboração desta tese,  
com seu apoio, com discussões e com sua ajuda, concreta e moral,

e à minha família.

Todos contribuíram, à sua maneira,  
com aspectos importantes,  
para a conclusão deste trabalho.

# Sumário

Abstract	IV
Agradecimentos	V
Sumário	VI
Prefácio	IX
<b>PARTE I: INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>I.1 Objetivos</b>	<b>12</b>
I.1.1 Descrição abrangente do fenômeno	12
I.1.2 Discussão de publicações anteriores	13
I.1.3 Elaboração de um modelo descritivo único	13
I.1.4 Descrição da função constitutiva para o texto	14
I.1.5 Conseqüências dos resultados deste trabalho para o ensino do alemão como L2	14
<b>I.2 Terminologia e outras convenções</b>	<b>15</b>
Excurso: Terminologia lingüística internacional — base e limitação	15
I.2.1 O termo <i>Verbalklammer</i>	17
I.2.1.1 Traduções de termos alemães	18
I.2.1.2 Tentativas de metáforas em português	20
I.2.1.3 Paráfrases	22
I.2.1.4 Conclusão	23
I.2.2 Outras questões terminológicas	23
I.2.3 Apresentação de exemplos	25
I.2.4 Citações	26
I.2.5 Notas	26
I.2.6 Referências bibliográficas	27
I.2.7 Abreviações	27
<b>I.3 Metodologia</b>	<b>27</b>
I.3.1 Escolha do referencial teórico	27
I.3.2 Discussão de elementos básicos para a descrição proposta	28
I.3.3 Apresentação da descrição da VK	29
I.3.4 Verificação do modelo descritivo em situações textuais e discursivas	31
I.3.5 Elaboração de algumas sugestões para o ensino do alemão como L2	33
<b>I.4 Embasamento teórico</b>	<b>34</b>
I.4.1 Funcionalismo	35
I.4.1.1 A evolução da posição funcionalista	35
I.4.1.2 Premissas da abordagem funcionalista	36
I.4.1.3 A análise da Perspectiva Funcional da Frase (FSP)	39
I.4.1.4 FSP e padrões de entoação	42
I.4.1.5 Iconicidade e estruturas verbais descontínuas	43
I.4.2 Gramática de Valências	44
I.4.3 Gramática Textual de Harald Weinrich	47
<b>I.5 O fenômeno</b>	<b>48</b>
I.5.1 Verbos bipolares	49
I.5.2 Verbos modais	49
I.5.3 Tempos verbais analíticos do passado	50
I.5.4 Tempos verbais analíticos do futuro	50
I.5.5 Voz passiva	51
I.5.6 Formas analíticas do <i>Konjunktiv I e II</i>	52
I.5.7 Verbos de ligação ( <i>Kopula</i> )	52
I.5.8 Negação frasal	52
I.5.9 Orações "subordinadas"	53

<b>PARTE II: DISCUSSÃO</b>	<b>54</b>
<b>II.1 Gramáticas de referência</b>	<b>54</b>
II.1.1 Drosdowski / Eisenberg et al. ( <i>Duden-Grammatik</i> )	55
II.1.1.1 Modelos básicos de frases	56
II.1.1.2 Predicados analíticos	58
II.1.2 Helbig & Buscha	61
II.1.2.1 "Moldura verbal" constitutiva para a frase	61
II.1.2.2 Prova de permutação como critério de elementos constitutivos para uma VK (negação frasal)	63
II.1.2.3 A ordem dos elementos do complexo verbal e o conceito de proximidade sintática ( <i>Syntaktische Verbnahe</i> )	66
II.1.2.4 A exclusão de elementos da moldura verbal para o campo posterior ( <i>Ausräumung</i> )	68
II.1.3 Schulz & Griesbach	71
II.1.3.1 Teoria de campos funcionais e bipolaridade verbal	71
II.1.3.2 Prioridade para o <i>Satzfeld</i> (campo da frase)	72
II.1.3.3 Serialização dentro do <i>Satzfeld</i>	75
II.1.3.4 A ocupação do campo posterior	77
II.1.3.5 A ocupação do campo anterior	78
II.1.3.6 Uma tipologia neutra de frases	80
II.1.4 Flämig	81
II.1.4.1 A moldura da frase	82
II.1.4.2 Duas serializações básicas para o alemão	82
II.1.4.3 Os tipos de frases e seus campos topológicos	84
II.1.4.4 A antecipação do verbo auxiliar no grupo verbal em posição final	86
II.1.4.5 A exclusão da moldura sem campo posterior	87
II.1.5 Heidolph, Flämig & Motsch ( <i>Akademie-Grammatik</i> )	88
II.1.5.1 Estrutura sintática básica ( <i>syntaktische Grundstruktur</i> ) vs. serialização de base ( <i>Grundreihenfolge</i> )	89
II.1.5.2 Os campos da frase	89
II.1.5.3 Serialização no campo da frase ( <i>Satzfeld</i> )	91
II.1.5.4 Frases "subordinadas"	92
II.1.6 Ulrich Engel	93
II.1.6.1 Premissas para a descrição das regras de serialização	94
II.1.6.2 <i>Satzklammer</i> explícita e virtual	94
II.1.6.3 A ocupação do campo anterior	96
II.1.6.4 Deslocamentos para a direita e esquerda	98
II.1.6.5 Aspectos funcionais dos campos da frase – ênfase e foco	98
II.1.6.6 A integração de frases complemento	100
II.1.6.7 A ordem de elementos dentro do complexo verbal	102
II.1.7 Peter Eisenberg	105
II.1.7.1 Constituintes descontínuos em diferentes abordagens de descrição sintática	105
II.1.7.2 Regência posicional	110
II.1.7.3 Os tipos de frases e campos topológicos do alemão	110
II.1.7.4 Ocupação do campo posterior	112
II.1.8 Zifonun, Hoffmann & Strecker ( <i>IdS-Grammatik</i> )	114
II.1.8.1 A definição de frase e da unidade comunicativa mínima ( <i>Kommunikative Minimaleinheit</i> )	115
II.1.8.2 Os campos da frase e os domínios de acentuação ( <i>Hervorhebungsdomänen</i> )	116
II.1.8.3 Os tipos da frase definidos pela ocupação de seus campos topológicos	117
II.1.8.4 Complementos, suplementos e outros elementos na frase	119
II.1.8.5 Fatores funcionais na composição do complexo verbal	121
II.1.8.7 A inversão do verbo auxiliar	122
II.1.8.8 Aspectos funcionais e topológicos de construções infinitivas	124
II.1.8.9 Análise funcional e topológica de frases complemento e suplemento	129
II.1.8.10 A estrutura linear da frase em alemão	132
II.1.8.11 A ocupação do campo anterior	134
II.1.8.12 A ocupação do campo posterior e campo externo da direita	145
<b>II.2 Abordagens gerativas</b>	<b>151</b>
II.2.1 Semelhanças e divergências entre gramática gerativa chomskyana e HPSG	152
II.2.1.1 Semelhanças entre HPSG e teoria chomskyana	158
II.2.1.2 Divergências	160
II.2.2 A <i>Verbalklammer</i> em algumas publicações gerativas clássicas	162
II.2.3 A <i>Verbalklammer</i> em publicações da HPSG	165



<b>II.3 Abordagens funcionalistas</b>	<b>167</b>
II.3.1 Talmy Givón	167
II.3.2 Simon Dik	168
II.3.3 Harald Weinrich	169
II.3.3.1 Tipologização do alemão: <i>Verbalklammer</i> como tipo sintático básico	169
II.3.3.2 Pré- e pós-verbo e suas funções na frase	172
II.3.3.3 Tipos de VK	175
II.3.3.4 Integração de várias VK na mesma frase por uma VK textual	182
II.3.3.5 A hierarquia de integração entre diferentes tipos de VK	185
<b>II.4 Análises quantitativas, críticas estilísticas e descrição de tendências diacrônicas</b>	<b>188</b>
II.4.1 Orville Dean	189
II.4.2 Duk Ho Lee	190
II.4.3 Maria Thurmair	191
<b>II.5 Análises do alemão medieval</b>	<b>194</b>
II.5.1 Exemplos da literatura medieval	195
II.5.2 Ernst Bolli	199
II.5.3 Alfred Bortler	199
<b>PARTE III: DESCRIÇÃO</b>	<b>201</b>
<b>III.1 Observações sobre aspectos quantitativos da <i>Verbalklammer</i> em exemplos de textos escritos e discursos orais</b>	<b>201</b>
<b>III.2 Funções sintáticas da <i>Verbalklammer</i></b>	<b>206</b>
III.2.1 A <i>Verbalklammer</i> como eixo sintático da oração em alemão	207
III.2.2 A constituição dos campos topológicos pela VK nos três tipos de frases do alemão	211
III.2.3 A integração de várias frases em junções (múltiplas) pela VK	215
III.2.4 A <i>Verbalklammer</i> como instrumento de topicalização	231
III.2.5 A <i>Verbalklammer</i> como instrumento de integração textual / discursiva	248
<b>III.3 A importância da descrição proposta para o ensino do alemão como língua estrangeira</b>	<b>264</b>
III.3.1 Situação atual do ensino da <i>Verbalklammer</i>	265
III.3.2 O problema geral da gramática didática	266
III.3.3 Sugestões para o ensino da <i>Verbalklammer</i>	270
III.3.3.1 VK já nas primeiras frases	270
III.3.3.2 Modelo unificado para todas as VK	271
III.3.3.3 Substituir terminologia vazia por conceitos claros e visualização da regularidade	271
III.3.3.4 Incluir formas marcadas na apresentação	272
III.3.3.5 Usar mais textos autênticos	273
<b>Resumo final</b>	<b>275</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>281</b>
<b>Anexo 1: CD-ROM</b>	<b>287</b>
<b>Anexo 2: ABREVIACÕES</b>	<b>288</b>
<b>Anexo 3: Sinopse dos dados da análise quantitativa de exemplos do capítulo III.1.1</b>	<b>289</b>
<b>Anexo 4: Exemplos usados na análise quantitativa do capítulo III.1.1</b>	<b>290</b>
<i>Goethe: Wahlverwandtschaften</i>	290
<i>SZ: Wissenschaft und Technik</i>	291
<i>TV: "Hautnah" – Pro 7</i>	292
<i>Aula: Valenzgrammatik</i>	295

# Prefácio

Esta tese sobre as estruturas verbais descontínuas chamadas de *Verbalklammer*, um dos fenômenos sintáticos centrais do alemão, foi iniciada em 1986, no curso de Lingüística Aplicada ao Ensino de Alemão como Língua Estrangeira (*Deutsch als Fremdsprache*) na Universidade de Munique, sob a orientação de Harald Weinrich. Por motivos circunstanciais e de escolha profissional do autor, o trabalho foi interrompido entre 1988 e 1995, o ano em que o autor retomou o estudo, então na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob orientação de Paulino Vandresen.

Durante os anos da pesquisa, o enfoque principal mudou. O projeto inicial previa uma análise de um *corpus* de textos orais e escritos para poder documentar a ocorrência empírica da *Verbalklammer*. Porém, a montagem do *corpus* provisório e as primeiras análises quantitativas mostraram que seria necessário um número de frases na grandeza de alguns milhões para poder obter resultados representativos. Por um lado, esta estrutura ocorre praticamente em todas as frases; por outro lado, ela é um fenômeno tão diversificado que um número menor de frases não documentaria todos os seus tipos satisfatoriamente, e não permitiria chegar a resultados estatísticos válidos ou conclusões realmente representativas. Ao mesmo tempo, o levantamento bibliográfico mostrou que as descrições existentes do fenômeno eram muito pouco satisfatórias, e, desta maneira, um estudo apenas empírico seria erguido sem a base descritiva geral adequada. Por isso, foi tomada a decisão de dedicar-se à elaboração de um modelo de descrição geral do fenômeno.

O trabalho é dividido em três partes. A parte I, *Introdução*, define os objetivos da pesquisa, delimita melhor o objeto, esclarece sobre problemas de ordem terminológica, justifica o procedimento metodológico e identifica o embasamento teórico do trabalho. A parte II, *Discussão*, revisa e submete a uma discussão crítica publicações relevantes de áreas e abordagens diferentes sobre aspectos importantes do tema, para identificar elementos que possam ser integrados a uma descrição mais abrangente do fenômeno, elaborada, apresentada e testada na parte III, *Descrição*, que conta também com uma pequena análise de exemplos empíricos e é encerrada por algumas sugestões sobre como a descrição do fenômeno por este trabalho poderia contribuir para o ensino de alemão para estrangeiros.

Assim, o trabalho, que teve a sua origem no contexto do ensino de alemão como L2, é finalizado com propostas para a elaboração de livros didáticos e para a sala de aula de língua estrangeira, campo de atuação profissional importante do autor.

Die Geschichte der Grammatik kann – etwas vereinfacht, aber sicher nicht ganz unzutreffend – als eine nun schon über zwei Jahrtausende währende Auseinandersetzung zwischen Analogisten und Anomalisten dargestellt werden. (...) Der historische Kompromiß zwischen beiden Positionen heißt: Regel. Denn die grammatische Regel, zu der immer die Ausnahmen gehören, enthält im Prinzip soviel Analogie wie rational möglich und soviel Anomalie wie empirisch nötig. Die Wissenschaft darf sich jedoch mit diesem Kompromiß niemals zufriedengeben. Sie muß notwendig, wenn sie Wissenschaft bleiben will, mit der Vernunft paktieren und daher unaufhörlich versuchen, die Demarkationslinie zwischen der Analogie und der Anomalie in der grammatischen Regel zugunsten der Analogie zu verschieben, wo immer das von den Fakten her möglich ist.

*A história da gramática pode ser descrita – de maneira um pouco simplificada, porém certamente não de todo impropriedade – como uma polêmica entre analogistas e anomalistas, que já dura dois milênios. (...) O meio-termo histórico entre ambos chama-se "regra". Pois a regra gramatical, que sempre inclui as exceções, em princípio contém tanto de analogia quanto for racionalmente possível e tanto de anomalia quanto for empiricamente necessário. A ciência, porém, nunca pode se contentar com esse meio-termo. Se ela pretende continuar como ciência, ela deve, necessariamente, fazer um pacto com a razão e tentar, sem trégua, e sempre onde tiver apoio dos fatos empíricos, avançar a linha de demarcação entre analogia e anomalia na regra gramatical em favor da analogia.*

(Harald Weinrich)

Grammar is not a set of rigid rules that must be followed  
in order to produce grammatical sentences.  
Rather, grammar is a set of strategies that  
one employs in order to produce  
coherent communication..

(Talmy Givón)

Etwas gut sehen, aber nicht erklären können,  
ist ein Indiz dafür, daß etwas nicht  
vollständig gesehen wurde.

*Poder ver algo nitidamente, mas não poder  
explicá-lo, é um indício de que algo  
não foi visto completamente.*

(Elisabeth Leiss)



# Parte I: Introdução

A primeira parte desta tese define os objetivos e o objeto da pesquisa. Aqui delimita-se o tema e justifica-se o seu enfoque. Esta parte esclarece sobre a abordagem metodológica e o embasamento teórico do trabalho. Também aqui serão discutidas e definidas questões terminológicas e outras convenções relevantes para este estudo.

## I.1 Objetivos

O presente trabalho tem cinco objetivos:

- Descrever o fenômeno da *Verbalklammer* do alemão de uma maneira abrangente, incluindo todas as estruturas e situações que a este fenômeno pertencem.
- Revisar e discutir de forma crítica publicações anteriores de diferentes abordagens sobre aspectos relevantes da *Verbalklammer* para dar uma visão mais completa sobre o fenômeno e juntar elementos úteis para uma descrição mais abrangente.
- Propor um modelo de descrição único e abrangente, válido para todos os tipos de frases do alemão, onde a regularidade subjacente da *Verbalklammer* não é encoberta por outros critérios formais.
- Completar o trabalho de Harald Weinrich sobre o assunto em um aspecto importante e mostrar de que forma a *Verbalklammer* é uma estrutura eminentemente constitutiva do texto.
- Apontar algumas conseqüências desta descrição mais abrangente da *Verbalklammer* para o ensino do alemão como língua estrangeira.

### I.1.1 Descrição abrangente do fenômeno

O primeiro objetivo faz-se necessário porque, na literatura existente, a *Verbalklammer* aparece de maneira segmentada, parcelada, sem ser tematizada da maneira adequada. Muitas publicações mencionam o fenômeno de maneira superficial, na ocasião de descrever outros pontos sintáticos. Como será mostrado na parte II deste trabalho, a *Verbalklammer* inevitavelmente aparece de uma ou outra forma em todos os trabalhos, porém, na maioria dos casos de maneira secundária, incompleta e até com erros descritivos. Assim, este trabalho pretende abordar o fenômeno com o

enfoque que ele merece, descrevendo-o como estrutura sintática central da frase em alemão. Lutzeier (1991: 14) caracteriza a situação encontrada na descrição sintática do alemão da seguinte maneira:

Independent of the amount of available detailed descriptions about individual data, as long as these descriptions are not related to each other or to further language phenomena by means of general principles, they cannot tell us much about the language as such.

Como esta descrição unificada e orientada por um princípio geral subjacente às estruturas em questão ainda não ocorre nos trabalhos anteriores, o enfoque deste estudo teve que ser mais amplo, para primeiro estabelecer uma **descrição geral** mais adequada, ao invés de efetuar mais uma **análise minuciosa de um subconjunto do fenômeno**, num trabalho com enfoque restrito e de cunho empírico, baseado em um *corpus* lingüístico.

### I.1.2 Discussão de publicações anteriores

O segundo objetivo, uma revisão e discussão crítica de publicações existentes relacionadas ao assunto, justifica-se não apenas pela obrigação acadêmica de considerar publicações anteriores relevantes. A parte II deste trabalho tem o objetivo de discutir, criticar e corrigir algumas das publicações revisadas. Por outro lado, a revisão crítica também levantará muitos elementos interessantes de descrição que serão utilizados de maneira implícita ou explícita como base da descrição aqui proposta na parte III. Em diversos casos, os autores anteriores prepararam o caminho para uma descrição mais ampla, e assim, a parte II é essencial como preparação do modelo descritivo próprio, elaborado na terceira parte deste trabalho.

### I.1.3 Elaboração de um modelo descritivo único

O terceiro objetivo, de elaborar um modelo descritivo único e mais adequado, baseia-se na frase de Weinrich citada acima que postula que a tarefa da ciência lingüística é tentar estender a área coberta por uma visão de analogia e reduzir o terreno residual da anomalia. O fenômeno das estruturas verbais descontínuas do alemão é visto como uma anomalia clássica por uma parte considerável da descrição lingüística (veja cap. II.1 adiante). Mesmo os trabalhos que postulam que a *Verbalklammer* é uma estrutura central para a frase não dispõem de um modelo descritivo e explicativo que consiga transcender este caráter de anomalia. Como a frase de Leiss citada no início deste trabalho sugere, o fato de enxergar bem a *Verbalklammer* sem ter como explicá-la de

forma satisfatória pode indicar que o fenômeno até agora foi visto de maneira parcial apenas. O presente trabalho quer ampliar a visão para tematizar toda a extensão do fenômeno, e assim mostrar que a *Verbalklammer* é uma **regularidade** do alemão, e que ela é muito mais forte e ampla do que as descrições existentes da língua alemã deixam perceber, pois são orientadas por outros critérios, muitas vezes meramente formais (como por exemplo a posição do verbo finito). O novo modelo descritivo apresentado será aplicado a diferentes exemplos de textos autênticos (orais e escritos) para verificar a sua validade.

#### I.1.4 Descrição da função constitutiva para o texto

O quarto objetivo é completar e aprofundar uma observação de Harald Weinrich. Em seu artigo *Klammersprache Deutsch* (1986: 121), ele postula que a *Verbalklammer* "sem dúvida é uma contribuição importante para a textualidade". Como Weinrich está mais preocupado em mostrar a regularidade análoga subjacente de uma série de subtipos do fenômeno, ele não chega a verificar a verdadeira abrangência desta sua observação na constituição de um texto. No seu artigo, Weinrich não transcende o nível frasal de análise, apesar de basear-se em um trecho de um texto literário autêntico. Assim, um dos objetivos deste trabalho é mostrar que a regularidade apontada por Weinrich (1986 e 1993) por um lado é mais abrangente ainda do que ele próprio elabora, e, por outro lado, que a função constitutiva para o texto da *Verbalklammer* é fundamental não apenas dentro da frase, mas também na progressão textual entre frases em si.

#### I.1.5 Conseqüências dos resultados deste trabalho para o ensino do alemão como L2

O quinto e último objetivo é esboçar algumas conseqüências da análise proposta por este trabalho para o ensino do alemão como língua estrangeira. Pois é nesta área que o fruto da extensão maior da cobertura por analogia ao invés da anomalia, nos termos da máxima de Weinrich, é de enorme importância. Normalmente, o alemão tem uma fama de "língua difícil", principalmente para estudantes com línguas neolatinas como L1. Como estas línguas mostram uma estrutura sintática diferente (SVO), é de suma importância ensinar desde o início com a maior clareza a diferença básica do alemão neste sentido. Ainda mais levando em consideração que a *Verbalklammer* é um fenômeno tão básico e, como será mostrado neste trabalho, o eixo sintático de **todas** as frases da língua alemã.

## I.2 Terminologia e outras convenções

Nesta seção são justificadas e explicadas algumas opções do autor em relação à terminologia e outras convenções utilizadas ao longo do trabalho. Principalmente a questão terminológica colocou problemas iniciais consideráveis para esta pesquisa.

### Excursão: Terminologia lingüística internacional – base e limitação

Um dos desafios elementares deste trabalho tem sido de ordem lingüística: a tradução, em geral, da terminologia alemã utilizada para descrever o fenômeno em questão e aspectos relacionados para o português, e, em particular, do termo *Verbalklammer*, introduzido por Weinrich (1986), para denominar o fenômeno estudado aqui. Evidentemente, a terminologia geral da lingüística ocidental é parecida para a descrição das principais línguas européias. Conceitos como **sujeito**, **verbo**, **objeto**, **artigo**, **substantivo**, **adjetivo**, **advérbio**, **preposição** e **conjunção** e tantos outros são fenômenos e termos que existem de forma quase idêntica em todas elas. A homogeneidade terminológica, então, ocorre por dois motivos: um baseado no objeto, o outro nos instrumentos de sua análise.

A pesquisa lingüística do ocidente analisa há mais de dois mil anos objetos muito parecidos: línguas indo-européias. Nesta família lingüística, as ocorrências ontológicas são definitivamente muito semelhantes. Decorrente do fato da quase identidade dos objetos, não é de se estranhar o uso dos mesmos nomes descritivos que a eles se referem. Assim sendo, apesar do trabalho de pesquisas sobre outras línguas (indígenas por exemplo), que é importante para todo o desenvolvimento da disciplina em si, o peso do eurocentrismo na lingüística geral é considerável, até na análise de línguas não indo-européias, o que coloca seríssimos problemas de ordem epistemológica, para dizer pouco. Até o ponto de se ter a impressão de que muitos resultados possam ter sido seriamente prejudicados por esta interferência.

Segundo motivo: isto posto, a terminologia lingüística em si é baseada em termos derivados de raízes greco-latinas. O instrumento de análise lingüística é um só para toda a família indo-européia. As mesmas ferramentas são utilizadas para a descrição de cada uma delas e a congregação dos lingüistas, desta forma, é constituída e reunida pelo uso dos mesmos procedimentos e instrumentos. Querendo ou não, todo lingüista tem como referencial noções básicas do latim e



grego, mesmo que indiretas e implícitas, apenas pelo fato de usar a sistemática e terminologia derivada destas línguas, para a análise delas, e depois usada também para descrever outras línguas da mesma família. Com certeza, esta base facilita muito a integração mundial da disciplina.

Por outro lado, porém, o mesmo fato também coloca certos problemas, principalmente na hora de tentar descrever com esta sistemática, genuinamente inerente ao grego e latim, uma língua com características germânicas mais acentuadas, como o alemão. Na análise do inglês e das línguas neolatinas não se sente tanto esta dificuldade, obviamente. Como o inglês adotou, na mistura com o normando e francês, não apenas elementos lexicais de origem neolatina, mas também perdeu as declinações e, por isso, teve que adotar grande parte da estrutura topológica das línguas neolatinas, ele se assemelha em certos pontos mais com estas do que com as demais línguas germânicas. As divergências entre os sistemas lingüísticos do alemão, por um lado, e das línguas neolatinas e o inglês, por outro, começam com a regência verbal e as declinações. Enquanto o segundo grupo possui apenas a diferenciação entre sujeito, objeto direto e um objeto indireto preposicional (exceto alguns restos de dativos na área dos pronomes pessoais), o alemão dispõe de paradigmas desenvolvidos e marcadores para o sujeito (no caso reto ou nominativo), objeto acusativo, objeto dativo, objeto genitivo e o objeto indireto preposicional (respectivamente regência de caso da preposição). No caso específico, a descrição do inventário alemão não causa maiores problemas terminológicos, apesar do fato de que estes fenômenos não ocorram nas línguas neolatinas, porque o lingüista dispõe da terminologia desenvolvida na descrição do latim, onde estas mesmas estruturas existem e, como já foi assinalado, porque uma parte considerável dos membros da comunidade lingüística possui algum conhecimento pelo menos sumário ou implícito do sistema lingüístico do latim.

Um pouco mais difícil já se apresenta a tarefa de descrever com terminologia única e de forma inequívoca o sistema verbal de todas estas línguas. As conjugações ainda seguem mais ou menos esquemas semelhantes. Porém, tanto no âmbito dos tempos quanto dos modos verbais, surgem divergências que nem com a ajuda da terminologia do latim conseguem ser resolvidas facilmente. O subjuntivo do português e espanhol ainda é comparável ao *subjunctif* do francês (com certas restrições), mas de forma alguma ao *Konjunktiv* do alemão. Ainda mais delicada é a situação com determinados tempos verbais. *Perfekt* e *Präteritum* (erroneamente também chamado de *Imperfekt*) do alemão têm funções bem diferentes do pretérito perfeito e imperfeito do português. A descrição nestes casos deve recorrer a explicações bem mais detalhadas para transmitir o valor comunicativo e pragmático correto.

A estrutura estudada neste trabalho, então, perdeu-se no inglês e é completamente desconhecida nas línguas neolatinas, o que contribui bastante para a dificuldade de descrevê-la com a ajuda delas. Por isso, como ainda é de se mostrar, a análise do objeto desta pesquisa, da *Verbalklammer*, dentro de todos esforços para uma descrição mais adequada do alemão, sem dúvida foi dificultada consideravelmente pelo fato de depender justamente da sistemática e terminologia greco-latina internacional, derivada da análise de idiomas onde a *Verbalklammer* simplesmente não existe. A lingüística alemã superou a dificuldade parcialmente pela formação de termos alemães mais adequados. Este trabalho, por isso, está enfrentando o desafio inverso de ter que retraduzir estes termos para uma língua neolatina, para poder falar do fenômeno ao leitor em português, sem que, novamente, se perca a conquista obtida em esforços árduos de enxergar as características fundamentais do objeto da pesquisa. O simples fato de o português e as outras línguas neolatinas não disporem de uma estrutura sintática semelhante comprova, mais uma vez, quão verdadeira é a famosa frase 5.6 do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein (1996): *Die Grenzen meiner Sprache bedeuten die Grenzen meiner Welt* (Os limites da minha língua significam os limites do meu mundo). Como o universo do falante luso desconhece o fenômeno ontológico, a língua não apresenta registro para tal ocorrência, e, portanto, limita a visão sobre o objeto.

### I.2.1 O termo *verbalklammer*

O autor deste trabalho busca há mais de dez anos uma tradução adequada para reproduzir o termo *Verbalklammer* em português desde uma apresentação do fenômeno na USP em 1987. As tentativas ao longo destes anos incluíram todos os meios, leituras, contatos diretos e indiretos com colegas, alunos e professores, lingüistas de renome no Brasil, na Alemanha e em outros países. O inventário das metáforas científicas do português parece esgotado, sem ter chegado a uma solução plenamente satisfatória. Relatar, porém, porque e onde as tentativas neste sentido fracassaram já pode ser uma importante contribuição para atenuar o próprio problema e, mantendo-se a imagem de Wittgenstein, para começar a estender um pouco os limites do mundo do leitor de língua portuguesa deste trabalho.

Aqui são descritas algumas das tentativas de se transpor pelo menos certos aspectos do termo para o português. Por um lado há traduções de termos alemães, como no caso de *Klammer* e moldura, tradução da expressão (*Satz-*) *Rahmen*, utilizada por Schulz & Griesbach (1984) e outros. Por outro

lado há as tentativas de encontrar uma expressão semelhante e parcialmente feliz para reproduzir ao menos alguns dos aspectos semânticos contidos na expressão original.

### *1.2.1.1 Traduções de termos alemães*

Antes das tentativas de metáforas científicas em português, serão relatados os esforços de tradução de termos existentes do alemão.

#### *1.2.1.1.a Klammer*

A expressão *Verbalklammer* consegue descrever por si só não apenas a posição da estrutura verbal bipolar na oração alemã como também e, ao mesmo tempo, uma das suas funções importantes. *Verbalklammer* já é uma metáfora em alemão. O substantivo *Klammer* em si denomina vários objetos: um grampo que se usa para juntar várias folhas de papel (*Heftklammer*) ou para prender roupa no varal (*Wäscheklammer*), um clip para juntar papéis (*Büroklammer*) e o sinal de pontuação chamado "parênteses" em português, ( e ). Ao contrário do uso em português, *Klammer* (parêntese) em alemão acentua o aspecto de juntar o que está dentro e não o aspecto de separar isto do resto, que está fora, e onde o parêntese está inserido. A raiz semântica de *Klammer* exige algo com dois elementos ou dois pólos que possuam a qualidade de poder juntar e segurar o que se coloque no meio. Este perfil semântico fundamental (baseado numa análise semântica, como proposta por Leisi, 1975) deve ser considerado para medir o sucesso de uma tradução. O instrumento utilizado por carpinteiros para juntar duas ou mais vigas é uma *Klammer*. O marceneiro junta e segura elementos a serem colados uns aos outros com uma *Schraubklammer*, ("sargento" na linguagem técnica do sul do Brasil) até que a cola esteja suficientemente seca para a conexão adesiva resistir por si só. No caso de ferimentos em forma de cortes que não são suficientemente profundos para exigir fixação com pontos, porém profundos demais para deixá-los abertos, o médico usa *Klammern* para segurar as bordas do ferimento juntas uma à outra e garantir uma cicatrização mais rápida. Derivado do substantivo feminino *Klammer* existe o verbo *klammern* para o ato de usar uma determinada *Klammer*, e o uso reflexivo dele: *sich an etwas klammern*, como na frase: *Das kleine Mädchen klammerte sich mit beiden Armen fest an seine Mutter* (A menina agarrou-se com os dois braços firmemente à sua mãe).

O fato de que o perfil semântico de cada uma das traduções para o português difere significativamente do perfil semântico da expressão original fica mais do que evidente no problema

encontrado na tentativa de se usar uma das traduções de *Klammer* acima para a denominação das estruturas sintáticas em questão neste trabalho: **grampo** verbal, **clip** verbal, **sargento** verbal, **parêntese** verbal, etc., nenhuma delas é capaz de despertar no leitor sequer uma imagem levemente parecida com o objeto denominado no original alemão.

#### *1.2.1.1.b Rahmen*

A expressão *Rahmen*, pelo menos à primeira vista, parece opor menos resistência aos esforços de tradução. O objeto físico denominado por *Rahmen* coincide, na maioria dos casos, com o objeto denominado de "moldura" em português. Uma moldura de um quadro ou de uma foto seria o caso mais clássico. Ocorre, porém, que, como no caso de "parêntese", há novamente uma diferença sensível de enfoque que resulta do perfil semântico atrás da expressão e que fica mais nítida, outra vez, no uso figurativo do termo. A moldura que delimita e realça tem uma conotação parecida com *Klammer* em alemão, a saber, a de juntar e destacar o que está dentro e segurar o conjunto no seu devido lugar. Por isso, é usada em múltiplas composições, como *Rahmenvertrag (-abkommen)* que seria um contrato ou tratado geral ou fundamental que serve de base e enquadramento para vários contratos específicos. Imediatamente aqui, a metafórica do português foge da "moldura" e apela à outra imagem da construção, como uma "base" e o detalhamento erguido em cima desta base, ou então o geral e o específico, para reproduzir a mesma relação hierárquica. De fato, no caso do *Satzrahmen*, a moldura vem primeiro e é preenchida com o conteúdo informativo do campo interior da oração alemã. A tradução de *Verbalklammer* como "**moldura** verbal" parece bem mais viável do que "**grampo** etc. verbal", no caso anterior. Porém, novamente, não chega a ser satisfatória, pois moldura, em português, parece salientar mais a função de enfeite e adereço ao conteúdo, totalmente desapropriado para o fenômeno em questão. Além disso, "**moldura** verbal" parece denominar satisfatoriamente o quadro estático e final da oração completa, com moldura e conteúdo. Não consegue indicar, porém, o instrumento dinâmico em si que cria este quadro, que são as estruturas verbais analisadas neste trabalho.

Uma tentativa de tradução mais abstrata de *Rahmen* seria o uso da palavra "enquadramento". A vantagem dela sobre "moldura" está na sua gênese morfológica: sua sintaxe interna com o prefixo "en-" (para dentro), a raiz "quadro" e o sufixo "-mento" (resultado de uma ação), em conjunto, evoca um aspecto dinâmico e perfectivo muito desejável para uma maior aproximação ao conteúdo da expressão original do alemão. Pelo mesmo motivo de ser abstração de uma ação, porém, ela, novamente, não se presta muito para a denominação do instrumento deste processo. Ou seja, não

parece servir para referir-se à própria estrutura verbal em questão como, por exemplo, em composições como "enquadramento verbal conjuntivo da oração", para descrever uma construção com verbo auxiliar no *Konjunktiv* e o verbo principal no infinitivo e na posição final da oração como em: *Heute würde ich sowas nicht mehr sagen* (Hoje eu não diria mais uma coisa dessas).

### *1.2.1.2 Tentativas de metáforas em português*

Como as traduções diretas de termos usados em alemão não levaram a um resultado satisfatório, a segunda possibilidade verificada foi a criação de um termo adequado, usando metáforas na língua alvo, uma vez que o termo original também é uma metáfora.

#### *1.2.1.2.a Jugo*

Uma possibilidade de se referir à própria estrutura verbal e não apenas a um aspecto de sua função é o uso de nomes de objetos como base metafórica. Um instrumento que une dois ou mais elementos para obter um conjunto funcional com desempenho consideravelmente superior à soma das partes é o jugo. Ele coerce os animais de tração e possibilita a coordenação de suas forças para superar uma resistência e levar uma carga ou um instrumento como um arado adiante. Ao mesmo tempo que limita o movimento dos bois, o jugo permite o movimento do conjunto na direção desejada. Até aqui há uma coincidência com a sintaxe. A escritora alemã Elisabeth Langgässer conseguiu resumir esta relação dialética de forma quase aforística num diálogo de duas de suas personagens literárias:

Die Grammatik ist die Askese der Sprache, ohne die man nicht vorwärts kommt. – Gewiß. Sie ist auch das Gerippe der Sprache, ihr Skelett, der Knochenmann ihres schönen, blühenden Fleisches – ist es nicht so? – mit einem Wort: ihr Tod.

*A gramática é a ascese da língua, sem a qual não é possível mover-se para diante. – Com certeza. Ela também é a ossatura da língua, seu esqueleto, o rígido em baixo de sua carne bonita e florida – não é mesmo? – em uma palavra: a sua morte.*

Para voltar à metáfora do jugo: os bois, no caso das estruturas em questão, seriam os dois elementos verbais, sendo o próprio jugo apenas a ligação sintática invisível entre eles. Até aqui não haveria obstáculos insuperáveis para o uso emprestado. Um ponto mais crítico é a distribuição dos elementos no espaço esboçado pela imagem: os bois (elementos verbais) estão na frente e puxando com esforço considerável a carga morta a eles amarrada com a ajuda do jugo. A carga segue sem interferir ou contribuir, o que absolutamente não é o caso no plano lingüístico onde a "carga" é viva e precisa ser apenas alinhavada para atingir o objetivo (comunicativo) intencionado. Outro

problema é que os bois precisam do jugo porque sem ele não colaborariam um com o outro. No caso dos elementos verbais, a sintonia entre eles é perfeita e inata pela regência verbal. Novamente, a prova de fogo para estas afirmações sobre a possibilidade de uso metafórico é o teste com combinações como "**jugo** verbal conjuntivo" ou "**jugo** de mais-que-perfeito". A comparação da *Verbalklammer* com um jugo pode ser construtiva para ilustrar alguns aspectos, porém, o potencial metafórico da expressão não é suficiente para sustentar o uso previsto para ela como conceito básico deste trabalho.

#### *1.2.1.2.b Cingel*

Para este sinônimo de "jugo" valem, em princípio, as mesmas observações feitas em I.2.2.2.a. Um acréscimo resulta do perfil semântico de verbo "cingir" (juntar) e as possibilidades de sua derivação. Porém, combinações como "**cingel** verbal modal", etc., soam singelas demais.

#### *1.2.1.2.c Verbo ponte*

A imagem da ponte, baseada em dois pilares, com uma distância por vezes considerável entre eles, corresponde ao aspecto da possível extensão das estruturas bipolares em questão. Uma ponte junta dois pontos: um no lado de origem, outro no destino, e os aproxima, deixando o rio embaixo para trás, anulando seu potencial de separação. Por outro lado, uma ponte sempre supera e ultrapassa um obstáculo, que não poderia ser vencido tão facilmente sem este recurso. A ponte evita o contato com o rio que corre em baixo dela. O rio é um elemento adverso para o construtor da ponte. Já, esta conotação poderia desaconselhar a utilização de "verbo ponte" para *Verbalklammer*. Além disso, ao contrário da expressão *Verbalklammer*, "verbo ponte" não consegue expressar a função de juntar todos os elementos que estão no vão entre suas duas cabeceiras. Pelo contrário, a ponte, por sua vez, pode chegar a ser um obstáculo para o rio, que pode ser retido no seu leito por uma ponte, e a ponte pode ser levada pelo rio em momentos de enchentes. No conjunto, estas facetas semânticas parecem menos úteis para o uso metafórico no nosso caso. Por outro lado, a ponte tem uma origem e um destino. O usuário entra na ponte com uma certa expectativa de chegar em algum lugar no outro lado. Esta expectativa pode inclusive mudar durante o caminhar em cima da ponte. Outra vantagem de "ponte" poderia ser a possibilidade de formar combinações para denominar vários tipos de *Verbalklammern*, por exemplo "**ponte** modal", "**ponte** conjuntiva", etc.

#### *I. 2.1.2.d Encadeamento*

Uma tentativa abstrata de reproduzir o conteúdo de *Verbalklammer* é o termo "encadeamento" da oração. Novamente, a sintaxe interna da expressão ajuda. Os mesmos afixos "en-" e "-mento", desta vez em conjunto com a raiz "cadeia", sugerem um caráter processual que corresponde a um aspecto bastante interessante do fenômeno em questão: sua capacidade de estruturar uma oração ou um enunciado que está se desenrolando aos poucos. Vários exemplos de *corpus* de língua falada, com hiatos, *false starts*, alterações de regência no meio da *Verbalklammer*, inconsistências de concordância entre verbo e objeto, etc. deixam perceber nitidamente que a *Verbalklammer*, de fato, serve de molde a ser preenchido com informações. Ela estrutura e alinha o enunciado. Como no caso de "enquadramento", porém, "encadeamento" não se presta para denominar a própria estrutura verbal, e sim, por ser abstrata e resultativa, apenas o processo de enquadrar o enunciado numa seqüência organizada de elementos.

#### *I. 2.1.3 Paráfrases*

Depois das metáforas, ainda sobra a tentativa de parafrasear o termo técnico original do alemão. Abaixo apresentamos duas tentativas com elementos abstratos que descrevem ao menos alguns aspectos da expressão original.

##### *I.2.1.3.a Estrutura verbal descontínua*

Esta paráfrase com a ajuda de termos da linguagem técnica da lingüística consegue descrever bem um aspecto importante e desconcertante da *Verbalklammer*: o fato que o grupo verbal se divide em seus elementos finitos e infinitos, com uma distância por vezes considerável entre ambos. Assim, enquadra bem a singularidade deste fenômeno na língua alemã. Porém, não é descritivo no sentido de outros traços semânticos importantes de *Klammer*, acima descritos, como o aspecto de juntar elementos entre os elementos descontínuos. Pelo contrário, "estrutura verbal descontínua" pode até ser interpretado como uma tendência centrífuga entre os elementos em questão. Também é menos claro como denominação do instrumento e do resultado e nem tão prático e convincente em combinações como "**estrutura verbal descontínua modal**".

### *I.2.1.3.b Estrutura verbal bipolar*

Esta tentativa é de certa forma semelhante à anterior, no sentido de que também chama a atenção ao fato inusitado de haver elementos verbais deslocados na frase. Uma certa vantagem parece estar na ênfase dada aos dois pólos – em distância, por vezes, considerável um do outro – que realmente exercem uma função importante na sintaxe do alemão. Novamente, não fica claro qual é esta função, ou seja, de juntar elementos entre os pólos.

### *I.2.1.4 Conclusão*

As duas últimas paráfrases são usadas esporadicamente ao longo do trabalho. A primeira aparece no seu título, para chamar a atenção do leitor de língua portuguesa à diferença característica da sintaxe do alemão das demais línguas européias neste ponto, assim servindo quase como uma justificativa inicial para o trabalho em si. Porém, tendo em vista que nenhuma das tentativas de tradução direta ou transposição metafórica satisfaz um número razoável de critérios semânticos do termo original, e por ser o termo central de todo o trabalho, optou-se por não traduzi-lo e, assim, manter-se o termo original *Verbalklammer*, como aparece no título desta tese. Por motivos de praticidade, em muitas instâncias, o termo será abreviado por "VK". Um dos motivos para isso é que a abreviação pode servir sem problemas para combinações como VK modal, VK passiva, etc.

## I.2.2 Outras questões terminológicas

Além do termo *Verbalklammer*, existem outros elementos da terminologia lingüística da descrição sintática do alemão que são difíceis de traduzir para o português, como, por exemplo, os nomes dos tempos verbais. *Perfekt* e *Präteritum* do alemão não são idênticos aos tempos verbais homônimos do português. O modo verbal *Konjunktiv* não tem equivalente em português. Outros elementos terminológicos empregados por determinados autores não são usuais em português, como por exemplo o termo *Junktion* (junção) introduzido por Weinrich (1982). Mais difícil ainda são derivações, como *Junktor*, *Adjunktor*, *Konjunktör* e *Subjunktör*. É possível, porém, inferir o significado desejado. Juntor, adjuntor, conjuntor e subjuntor soam um tanto estranho em português e não parecem linguagem técnica da lingüística, por causa de analogias existentes com a linguagem técnica de engenharia elétrica (disjuntor). Por causa destas e de outras considerações, em quase todas as instâncias, este trabalho usa o recurso de reproduzir os termos originais entre parênteses para facilitar a sua identificação por leitores familiarizados com a terminologia em alemão. No



caso contrário de usar termos originais do alemão, haverá traduções aproximadas entre parênteses para não excluir os leitores de língua portuguesa. O presente trabalho não pretende criar neologismos ou cunhar uma terminologia própria. As traduções aproximadas formadas em analogia à terminologia lingüística internacional acima referida servem apenas como tentativa de esclarecer de forma aproximada o conteúdo referido.

Além dos exemplos de difícil tradução acima mencionados, existem casos de terminologia não unânime, polêmica ou até inadequada. Toda terminologia baseia-se em certas assunções, pois ela normalmente situa-se em determinado ambiente teórico, e coloca os fenômenos por ela referidos em certos lugares entre si relacionados dentro de uma estrutura hierárquica que organiza a respectiva área de conhecimento, segundo este modelo. Assim, a terminologia em si já constitui uma interpretação na maioria dos casos, como Weinrich (1986: 123) chama à atenção, com toda a razão, no caso de uma das estruturas verbais descontínuas analisadas neste trabalho: os chamados verbos separáveis (*trennbare Verben*). Como Weinrich coloca, este nome não é feliz, pois pressupõe que o infinitivo seja a forma primária do verbo, e não a forma finita, onde o verbo aparece de forma descontínua. Por isso, Weinrich prefere chamá-los de *zweiteilige Verben* (verbos de duas partes = verbos bipolares). Outros autores usam o termo *Verben mit (beweglichem) Verbzusatz*, ou seja, verbos com adendo verbal (móvel). Esta denominação leva em consideração o fato que estes verbos podem aparecer em adjacência ou descontinuamente. Porém, estabelece uma hierarquia desapropriada entre o elemento móvel e o elemento que recebe a conjugação, priorizando o aspecto sintático formal da inflexão. Em termos semânticos, muitas vezes é justamente o "adendo" que carrega a parte lexical decisiva do conjunto. Outros autores usam o termo *Partikelverben* (verbos com partículas), novamente hierarquizando, pois parece que as partículas são secundárias aos verbos "de verdade" que os aglomeram. De fato, porém, o verbo é formado por ambas as partes com contribuição e direitos iguais. Assim, Weinrich sugere uma terminologia nova (veja cap. II.3.3), adotada neste trabalho: o termo **verbo bipolar** (*zweiteiliges Verb*) para o conjunto, e, mais genericamente, *Vorverb* e *Nachverb* (pré-verbo e pós-verbo) para a situação descontínua.

Neste trabalho, para facilitar a identificação dos fenômenos pelo leitor acostumado à terminologia lingüística convencional e por motivos de fidelidade às publicações originais, usam-se os termos encontrados nas obras citadas em vários momentos, principalmente na parte II do trabalho (discussão crítica da literatura). Isso não significa de maneira alguma que o autor concorde em todos os casos com estas escolhas terminológicas, e, muito menos, que haja uma falta de

conscientização ou rigor do presente trabalho neste sentido. Para marcar determinada terminologia como *dúbia* ou ao menos *discutível*, usar-se-ão aspas ou um atributo neste sentido (ex: os **chamados** "verbos separáveis").

### I.2.3 Apresentação de exemplos

Ao longo deste trabalho será necessário usar um número considerável de exemplos para ilustrar melhor certas afirmações feitas pelo autor ou pelos autores citados, e, por vezes, para apoiar ou recusar a posição dos autores discutidos. Também é citada uma série de exemplos originais dos autores revisados na parte II, pelo mesmo motivo ilustrativo e para permitir que o leitor deste trabalho tenha condições de acompanhar as críticas aqui levantadas de maneira mais transparente. Na parte II, os exemplos originais dos autores revisados são complementados por variações em analogia ou por exemplos autênticos, sempre que o argumento os exigir, também para melhor ilustrar os pontos de vista dos autores originais ou os deste trabalho. Em alguns casos, foram colocados exemplos em analogia dos exemplos originais dos autores citados, onde estes eram muito extensos, porém, resguardando a estrutura sintática do exemplo. Todos os exemplos na parte I e II do trabalho que são marcados com ❖ são do autor deste trabalho. Os demais exemplos são oriundos das obras citadas na respectiva seção, se nenhuma outra fonte for indicada. Na parte III, todos os exemplos são do autor, exceto onde houver indicação contrária. Os exemplos são numerados dentro de cada uma das três partes do trabalho. Exemplos agramaticais em alemão serão marcados com um asterisco (\*), exemplos questionáveis com ponto interrogação (?).

Para fins ilustrativos, haverá sempre uma tradução intermediária, seguindo rigorosamente a ordem linear do alemão e ao máximo possível literal. Isso permitirá a leitores menos proficientes em alemão acompanhar melhor o argumento. Nestas traduções intermediárias, ocorrem casos de elementos que não possuem equivalente literal em português como, por exemplo, certas partículas modais ou advérbios dêiticos. Neste caso, a tradução intermediária marcará este elemento de maneira genérica, por exemplo: (part). Para poder-se acompanhar relações de regência na tradução intermediária, indicações sobre a marcação de caso no original alemão acompanham os elementos em português, por exemplo: ele(dat). Algumas palavras compostas do alemão são reproduzidas de forma literal, com hífen, novamente para deixar transparecer melhor a estrutura da frase no original para leitores em português. Elementos funcionais importantes como verbos auxiliares ou modais que não têm tradução direta em português são traduzidos de forma literal, em termos semânticos, e

com hífen onde isso requer mais de um elemento (ex. *werden* como "tomar-se", *müssen* como "ter-que"). Desta forma, podem ocorrer casos onde a tradução final diverge bastante da tradução intermediária, por exemplo, onde esta salienta uma particularidade do alemão. Em (4b) abaixo, ocorre o pronome pessoal nominativo da forma de cortesia, "*Sie*" que literalmente significa "elas", pois em alemão o feminino predomina no plural, ao contrário do português. A equivalência funcional deste elemento, porém, é "o Sr.", ou seja, uma forma no singular.

Estas medidas podem, eventualmente, causar um certo efeito de estranheza para o leitor bilingüe, porém, contribuirão para salientar as características do alemão em relação ao português, tanto em termos da ordem dos elementos quanto em relação aos princípios de codificação típicos do alemão, para o leitor sem familiaridade com este idioma. A segunda tradução para o português (em itálico, no final dos exemplos) tentará resguardar elementos de enfoque ou ênfase do original onde possível. Onde a tradução intermediária coincide com a tradução final, esta será omitida. Em alguns casos, será necessário pressupor marcações (prosódicas) de ênfase para determinadas serializações serem aceitáveis em português. Elas serão indicadas com vírgulas (pausas) ou sublinhado (acentuado). Ao contrário dos exemplos em alemão, a indicação de agramaticalidade mediante um asterisco não será feita para o português. Negrito em exemplos salientará elementos sintáticos, como a VK.

#### I.2.4 Citações

Citações diretas são usadas de maneira muito econômica e as fontes são citadas de preferência de forma resumida, em português e dentro do texto. Onde citações diretas do alemão aparecem, elas são traduzidas para o português. Citações do inglês ou de outras línguas neolatinas não serão traduzidas. Elementos de línguas estrangeiras são reproduzidos em itálico.

#### I.2.5 Notas

Notas de rodapé ou fim de capítulo são evitadas, para aumentar-se a legibilidade do texto.

## **I.2.6 Referências bibliográficas**

As fontes usadas sempre são indicadas dentro do texto, com autor, ano e página entre parênteses, por exemplo (Weinrich, 1993: 121). A seção "Referências bibliográficas" identifica a fonte de forma completa. Apenas publicações citadas ou explicitamente mencionadas no texto são listadas nas referências bibliográficas.

## **I.2.7 Abreviações**

Em alguns casos, abreviações são usadas, ou para aumentar a legibilidade do texto, ou porque elas são utilizadas pelos autores originais citados. Para facilitar sua identificação nos respectivos textos originais, estas abreviações não são traduzidas nem reproduzidas por abreviações de conceitos equivalentes em português. Há um anexo que registra todas as abreviações usadas (exceto quando uma abreviação ocorre apenas em uma instância, com legenda no mesmo lugar). A versão destacável deste anexo pode ser consultada paralelamente ao texto, principalmente em seções que usam muitas abreviações, em gráficos, tabelas e esquemas.

## **I.3 Metodologia**

A presente tese pretende, em primeiro lugar, ampliar a visão sobre o tema, juntando diferentes aspectos e fenômenos pertencentes à *Verbalklammer*.

### **I.3.1 Escolha do referencial teórico**

Foram revisadas publicações anteriores relacionadas de mais de um século – desde Erdmann (1886) – e, apesar de a estrutura em questão ter sido identificada e analisada em aspectos parciais há bastante tempo, ainda não se chegou a uma descrição abrangente e adequada, nem a um modelo descritivo único para todas as suas ocorrências. A discussão crítica de publicações anteriores relevantes de diversas abordagens metodológicas ajudará a ampliar a perspectiva, e, ao mesmo tempo, mostrará que todas as tentativas até então, em maior ou menor grau, falham de certa forma na questão de juntar o que deve ser analisado como um conjunto. Na maioria das vezes, isso deve-

se a pressuposições teóricas dos diferentes trabalhos, explícitas ou implícitas. De modo geral, até hoje vale a observação de Lee (1979: 12):

So muß die Wortstellung des *verbum finitum*, die für die Gestaltung der Satzstruktur in der deutschen Sprache eine außerordentliche Bedeutung hat, so paradox es auch klingen mag, noch eingehender untersucht werden, zumal die meisten neueren Arbeiten darüber die alten Theorien und Ansätze fast unkritisch übernommen haben, die an sich (...) zuvor darauf hin überprüft werden müßten, ob sie mit der Sprachwirklichkeit im Einklang stehen.

*"Assim, a posição do verbo finito, que tem uma importância extraordinária para a estrutura da frase na língua alemã, ainda tem que ser analisada mais profundamente, por mais paradoxal que isso possa soar. Ainda mais porque a maioria dos trabalhos mais recentes sobre o assunto assumiu as velhas teorias e abordagens, que antes disso deveriam ser verificadas se estão de acordo com a realidade da língua, de maneira quase acrítica."*

Por isso, a abordagem metodológica deste trabalho inclui a tentativa de transcender estas limitações manifestas e impostas por conceitos formais que, por exemplo, acabaram sendo limites em vez de serem ferramentas de uma descrição mais adequada. Como será explicado no capítulo I.4, o embasamento teórico deste trabalho tenta incluir diferentes referências procedentes da área funcionalista, justamente para não se limitar a uma visão parcial na descrição, preestabelecida por determinada abordagem teórica restrita. O referencial teórico não deve representar uma camisa de força ou restrição da visão, e sim um apoio construtivo e um conjunto de ferramentas adequadas para desenvolver melhor a descrição do fenômeno. Assim, o presente trabalho tentou percorrer o caminho inverso de não escolher de antemão apenas um autor como modelo teórico para, depois, desenvolver uma descrição baseada nele (e por ele limitada). Ao invés disso, tentou-se, primeiro, esboçar uma descrição mais abrangente do fenômeno em questão e depois procurar ancorá-la em um referencial teórico que pudesse apoiá-la e refiná-la de forma adequada. Este procedimento, por outro lado, não significa que as referências teóricas são usadas de maneira casuística, levando o ecletismo ao extremo de juntar premissas e referências teóricas entre si incompatíveis ou contraditórias. Como será mostrado no próximo capítulo, o embasamento teórico em que esta tese se apóia é alinhado em torno de posições tendencialmente funcionalistas, apesar de oriundas de autores com abordagens e preocupações diferentes.

### I.3.2 Discussão de elementos básicos para a descrição proposta

Na parte II desta tese é discutida uma seleção de obras importantes para o tema. Como o assunto é bastante amplo, não será possível incluir todas as publicações de alguma forma relacionadas com

aspectos parciais do fenômeno. De todas as publicações levantadas na fase da pesquisa bibliográfica, e das verificadas pelo autor, apenas uma pequena parte será mencionada e discutida. Aqui cabe esclarecer o critério para a seleção das publicações explicitamente tratadas. Por um lado, trata-se de gramáticas de referência recentes e de uma circulação considerável que exercem uma influência grande na área da descrição sintática e do ensino de alemão. Por outro lado, são pesquisas quantitativas e históricas que tratam explicitamente da *Verbalklammer*.

Na discussão e revisão crítica da literatura, serão apontados os pontos interessantes e produtivos tanto quanto os menos acertados, os erros e as falhas de cada publicação e os seus pontos fortes. Em termos metodológicos, esta tentativa serve para preparar a descrição proposta neste trabalho num duplo sentido: para afastar elementos limitantes que se tornaram obstáculos para uma descrição mais completa e certa no passado e para juntar pontos de vista produtivos que serão utilizados como base para dar um passo adiante na descrição do fenômeno em questão. Assim, o presente trabalho estará conectado à discussão relevante a respeito do assunto dentro da disciplina e poderá justificar certas decisões importantes, baseando-se sempre que possível em publicações anteriores.

A parte III mostrará a descrição da *Verbalklammer* deste trabalho. Inicialmente serão apresentadas algumas observações sobre uma pequena coleção de exemplos autênticos que podem contribuir para uma melhor avaliação dos resultados de algumas publicações anteriores revisadas, apesar de não tratar-se de um número de exemplos suficiente para poder chegar a conclusões representativas ou definitivas. Depois, será proposto o modelo descritivo elaborado com base nas críticas às publicações anteriores. Os pontos aprovados das descrições revisadas serão considerados parte da descrição aqui proposta, mesmo sem repeti-los explicitamente na parte III da descrição mais abrangente da *Verbalklammer* que será reservada apenas para apresentar pontos não encontrados na literatura.

### I.3.3 Apresentação da descrição da VK

Com a intenção de verificar os resultados estatísticos obtidos por Dean (1974), Lee (1979) e Thurmair (1991) em suas análises quantitativas de *corpus* de língua escrita e falada, no início da pesquisa para este trabalho, foi feito um pequeno levantamento próprio de dados em forma de uma coleção de exemplos de trechos de textos orais e escritos de diferentes tipos. Como a pesquisa paralela da literatura sobre a *Verbalklammer* revelou que o modelo descritivo encontrado

necessitava de maior elaboração para melhor descrever a VK, o projeto inicial de um levantamento empírico maior foi reformulado, pois não parecia interessante executar uma pesquisa detalhada empírica sobre um aspecto parcial do fenômeno enquanto a descrição geral ainda apresentava déficits consideráveis.

Por outro lado, uma pesquisa empírica satisfatória, para cobrir um fenômeno tão básico e multifacetado como a VK, teria que incluir um volume de *corpus* de milhões de frases para poder tirar conclusões com alguma chance de validade representativa. Porém, este tipo de pesquisa exige tempo, recursos e uma equipe de pesquisadores além das possibilidades de uma tese de doutorado. Assim, o enfoque principal deste trabalho concentrou-se na revisão crítica da literatura e na elaboração de um modelo descritivo mais completo para a VK, como também na indicação de algumas de suas conseqüências para o ensino do alemão como língua estrangeira. Não obstante a isso, alguns dos resultados da verificação de exemplos efetuada poderão contribuir para o argumento do trabalho em sua forma final. Os resultados, com certeza, não são representativos, mas podem indicar certas tendências e justificar futuras pesquisas nesta direção.

O levantamento final de exemplos pelo autor analisou uma amostra de 11.600 palavras, em 843 frases no total, de dois textos escritos e duas transcrições feitas pelo autor de discursos orais autênticos, sendo que os textos orais respondem por cerca de 75% das frases, ou seja, o peso do canal oral nas médias indicadas é o dobro do escrito (veja os textos no anexo ou no CD-ROM). Todas as frases foram analisadas segundo 30 categorias sintáticas, usando um pequeno banco de dados configurado para isso. Os exemplos representam tipos de textos escritos e orais onde esperavam-se diferenças grandes em determinados critérios, como ocorrência de certos tipos de VK, números de elementos no campo interno e muitos outros. A análise dos exemplos servirá apenas como uma ilustração de algumas informações relatadas e discutidas na segunda parte deste trabalho e não como base para a argumentação própria desenvolvida neste trabalho. Por isso não será necessário entrar em maiores detalhes sobre a escolha dos textos, nem problematizar a diferenciação dos tipos de texto (cf. Zimmermann, 1978: 77-82) e outros detalhes relacionados importantes, como, por exemplo, o tratamento estatístico.

Com base nos trabalhos apresentados na parte II, será elaborado um modelo descritivo próprio deste trabalho para a VK. A metodologia deste trabalho prevê a verificação do seu modelo descritivo em (trechos de) textos, para superar o nível da frase como limite de análise. Metodologicamente falando, a descrição sintática apenas baseada em frases isoladas não é o

suficiente. Ou seja, um modelo que explica frases isoladas e neutras (sem seu contexto), na maioria das vezes construídas para esta ocasião pelos autores, não pode cobrir toda a extensão de um fenômeno. Elas podem representar simplificações e generalizações que encobrem determinados aspectos, em vez de esclarecer toda a importância de um fenômeno. Assim, este modelo será testado com exemplos de textos escritos e falados para verificar-se a sua validade na prática. Além de submeter o modelo ao exame de frases isoladas, seqüências de textos serão usadas, pois apenas o nível de análise de texto permite uma descrição completa do fenômeno.

Estes exemplos incluirão textos com todos os eventos típicos da língua falada, que normalmente não aparecem na descrição sintática, mais preocupada com a abstração e com a intenção de chegar a um modelo geral. Como o presente trabalho tem um referencial teórico funcionalista, no sentido mais amplo, tentar-se-á mostrar que uma abstração descritiva pode (e deve) levar em consideração todas as ocorrências reais "imperfeitas" da linguagem natural, tais como *false starts*, reanálises, erros de planejamento e de performance do falante e condicionamentos específicos de determinados contextos situacionais. Ao mesmo tempo, a descrição deve dar conta da flexibilidade, versatilidade e multifuncionalidade da estrutura sintática em questão, com o mesmo modelo descritivo, sem recorrer ao recurso de declarar grupos relevantes de ocorrências autênticas como exceções ou estabelecer restrições ou condições de validade estreitas para o modelo descritivo.

Os exemplos usados nesta parte terão contexto suficiente para poder avaliar as funções sintáticas textuais da *Verbalklammer*, ou pelo tipo de texto que já limita expectativas contextuais ou situacionais (por exemplo um verbete de uma enciclopédia), ou pelo tamanho do exemplo em si. Este fator ainda não tem sido abordado por outros autores com a devida atenção. Há mais de 30 anos, existem abordagens lingüísticas como a análise de discurso e a lingüística textual que tentam transcender o nível da frase para obter uma descrição mais completa. Apesar disso, praticamente todos os trabalhos a respeito da *Verbalklammer* permanecem até hoje dentro do limite da frase ou da oração.

#### I.3.4 Verificação do modelo descritivo em situações textuais e discursivas

O presente estudo acompanha estes trabalhos e discute suas assunções inicialmente no nível de frase, escolhido pelos autores citados. Também o modelo descritivo aqui proposto inicia-se no



nível da frase, pois a *Verbalklammer* ontológica é o eixo sintático da **frase** em alemão. Mas, como será mostrado, a VK não apenas estrutura a frase, mas também é constitutiva para o texto / discurso. Por isso, toda a orientação do modelo descritivo deste trabalho, desde o início, é para o texto, e não mais apenas para a frase. Ele focaliza as funções sintáticas da *Verbalklammer* como base da constituição do texto / discurso. A análise da função sintática da VK só é plenamente possível no momento de transcender o limite da frase e voltar-se à progressão do texto como um conjunto. Permanecendo dentro de frases isoladas, como ocorre nas gramáticas de referência, as funções textuais da estrutura ficam opacas e difusas. Para poder verificar a flexibilidade da *Verbalklammer* no seu uso textual, será necessária a análise no nível de texto / discurso, conforme a parte III deste trabalho deverá expor.

A discussão da literatura e a descrição elaborada na parte III referem-se sempre a textos escritos e orais. Evidentemente, existem diferenças fundamentais entre textos escritos e discursos orais. Peter Koch e Wulf Oestreicher (1985 e 1994) desenvolveram um modelo interessante para descrever o contínuo entre os dois pólos que eles preferem descrever como linguagem de distância e proximidade, determinado por uma lista de critérios antagônicos na descrição da situação comunicativa e das estratégias de codificação (Koch & Oestreicher, 1985: 23):

Sinais de proximidade	Sinais de distância
diálogo	monólogo
parceiro(s) de comunicação familiar(es)	parceiro(s) de comunicação desconhecido(s)
comunicação presencial	comunicação à distância de tempo e/ou espaço
assunto livre	assunto pré-estabelecido
progressão caótica e imprevisível	progressão estruturada e previsível
situação de comunicação particular	situação de comunicação pública
comunicação espontânea	comunicação refletida
engajamento	neutralidade
afetividade	distanciamento
integração dos participantes na mesma situação	determinação da situação específica à parte dos participantes
caráter processual	caráter resultativo
caráter provisório	caráter definitivo
<b>menor:</b>	<b>maior:</b>
densidade de informação	
integração informacional	
complexidade	
elaboração	
planejamento	

Ou seja, existem situações de linguagem de distância ou proximidade em ambos os canais; há uso formal oral assim como escrito muito informal, embora exista uma maior frequência de sinais de proximidade no canal oral e de distância no canal escrito. O que se considera tipicamente oral, porém, pode ser usado parcialmente no canal escrito onde necessário e vice-versa.

A VK interfere e colabora com esta constituição de marcadores de proximidade / distância e ela ocorre de maneira significativamente diferente nos dois canais (veja a análise quantitativa de exemplos dos dois canais em III.1). Kaiser (1996: 397) lista algumas das estruturas sintáticas que operam como marcadores no sentido de Koch & Oestreicher e sempre a opção que reforça ou salienta a VK marca linguagem de proximidade. No presente trabalho, porém, o objetivo é descrever os traços da *Verbalklammer* que são comuns e constitutivos para os dois canais e não apontar as diferenças do seu uso no canal oral ou escrito. Por isso, mesmo onde não se faz menção explícita da duplicação autor / falante e leitor / ouvinte em textos / discursos, sempre serão incluídas as duas dimensões, exceto onde o contrário é assinalado.

### I.3.5 Elaboração de algumas sugestões para o ensino do alemão como L2

Por último, serão indicadas algumas sugestões sobre a importância da descrição mais completa da *Verbalklammer* deste trabalho para o ensino e a elaboração dos livros didáticos. Parte-se da hipótese de que o falante nativo do alemão use inconscientemente as regularidades descritas neste trabalho na codificação e no processamento de material lingüístico desta língua. Nada mais justo do que basear os métodos de ensino para falantes de outras línguas nestes princípios sintáticos. Infelizmente, há um hiato sensível entre o avanço da pesquisa lingüística e a consideração de seus resultados pelos autores de materiais de ensino. Também, as editoras têm o interesse de confeccionar livros didáticos com os quais os professores – normalmente não familiarizados com a pesquisa da área – possam identificar-se facilmente. Este imperativo mercadológico acaba limitando em muitos casos o desenvolvimento da metodologia do ensino do alemão como língua estrangeira. Não obstante a isso, este trabalho tentará indicar o caminho para abordagens inovadoras, baseadas na descrição anterior.

## I.4 Embasamento teórico

Como já foi apontado no capítulo anterior, este trabalho buscou não se limitar desnecessariamente em suas possibilidades descritivas e analíticas pela escolha antecipada de um determinado referencial teórico. As pesquisas preliminares já tinham assinalado que muitos dos estudos anteriores sobre o assunto tinham sofrido limitações sérias, impostas direta e indiretamente pelo seu referencial teórico. Às vezes, os respectivos autores talvez nem tenham chegado a efetuar uma escolha neste sentido, ao menos não conscientemente. Apenas a opção por uma determinada terminologia, usada em outros trabalhos, já traz implicitamente definições teóricas dificilmente revogáveis para a descrição do fenômeno.

Na tentativa de superar os efeitos limitantes observados em muitas das descrições existentes do fenômeno, buscou-se um referencial teórico mais adequado, sempre sob o ponto de vista de poder apoiar-se em conceitos amplamente aceitos, e sem restringir em demasia o raio de ação para uma descrição mais completa da *Verbalklammer*. São três as vertentes teóricas principais que fornecem ferramentas com embasamento teórico sólido para esta tese: o funcionalismo, a Gramática de Valências e a Gramática Textual. Como um objetivo importante deste trabalho é esclarecer melhor a função da *Verbalklammer*, tanto por interesse científico quanto para ajudar o professor e estudante de língua estrangeira, é natural que abordagens da área do **Funcionalismo** sejam uma fonte de grande valor. Este trabalho apóia-se no funcionalismo num sentido mais amplo, como uma postura geral para um trabalho sobre a sintaxe verbal do alemão, por exemplo expressa por Lutzeier (1991: 83):

We engage in syntax not for the sake of syntax, we engage in syntax for the sake of semantics. In other words, our syntactic notions and methods must be relevant for the content level as well.

Ou seja, a finalidade de uma descrição e análise sintática é esclarecer melhor a função comunicativa da língua, e não apenas erguer modelos abstratos, em si mais ou menos coerentes e consistentes. Depois, num sentido mais específico, mais adiante, os conceitos funcionalistas de topicalização e a análise da progressão da perspectiva funcional da frase com a ajuda do binômio tema / rema serão usados para descrever uma das funções sintáticas importantes da *Verbalklammer*.

Posto que a *Verbalklammer* pertence de maneira central à sintaxe verbal do alemão, é claro que a **Gramática de Valências**, que coloca o verbo no centro de sua análise funcional da frase, tem algo

importante a contribuir. No caso concreto, são as relações de regência dentro do grupo verbal que serão descritas mais adiante.

Por último, este trabalho foi inspirado por Harald Weinrich e sua *Gramática Textual*, que completa o arco de abordagens teóricas funcionalistas (no sentido amplo da palavra) que apóiam o presente estudo. Weinrich contribuiu em muitos sentidos, em primeiro por dedicar à VK o espaço merecido, depois em muitos pontos da sua análise do fenômeno. Neste capítulo será apenas resumida a sua abordagem teórica geral.

Como já foi constatado, parte-se a princípio de uma visão funcionalista, no sentido amplo da palavra, inclusive para justificar certas decisões importantes na elaboração de um modelo descritivo unificado para a *Verbalklammer*. Assim, as linhas gerais da abordagem funcionalista, como representada por Talmy Givón, entre outros, são brevemente resumidas aqui. Em um ponto importante de sua argumentação, este trabalho baseia-se em um conceito específico do modelo funcionalista, mostrando que as funções sintáticas da VK estão estreitamente ligadas à topicalização. Por isso, este conceito teórico é apresentado e discutido com mais detalhes abaixo, incluindo uma definição clara de como o conceito e termos relacionados serão usados neste trabalho.

### I.4.1 Funcionalismo

De modo geral, teorias funcionalistas partem da prioridade da função comunicativa que determinadas estruturas lingüísticas exercem para servir à intenção pragmática do usuário da língua e da análise da interação de estruturas que contribuem para esta função.

#### *I.4.1.1 A evolução da posição funcionalista*

O funcionalismo como escola lingüística no sentido mais restrito nasceu nos anos setenta e surgiu com maior força nos anos oitenta e noventa, como reação à predominância de abordagens "formalistas" durante quase uma geração, como por exemplo a gramática gerativa ou a gramática categorial. Porém, como Givón (1995: 1-5) mostra, citando Aristóteles, Platão, Empédocles ou Demócrito, como posições da antigüidade, Charles Peirce, Otto Jespersen e Edward Sapir, como representantes da primeira metade do século XX, e autores dos anos setenta, como Simon Dik ou

Michael Halliday, os pontos de vista do funcionalismo – e também a oposição a posturas de alguma maneira formalistas ou estruturalistas – são muito mais antigos.

O funcionalismo tem uma de suas vertentes na análise de discurso que se preocupa com situações comunicativas orais concretas e tenta mostrar como a linguagem consegue reproduzir todas as intenções pragmáticas concretas, determinadas por uma dada situação contextual, dentro de uma situação de comunicação. Como Schiffrin (1994) mostra, a análise de discurso, por sua vez, tem várias correntes entre si relacionadas, como a teoria dos atos da fala, baseada em J. Austin e J. Searle, a socio-lingüística interacional (J. Gumperz, E. Goffman), a etnometodologia (D. Hymes) e a pragmática (H. P. Grice, H. Sacks, E. Schegloff). A análise de discurso não se limita ao nível de frase em suas pesquisas e considera a sintaxe apenas uma ferramenta com a função de viabilizar a comunicação.

#### *1.4.1.2 Premissas da abordagem funcionalista*

Givón (1993a: XIX) abre o prefácio dos dois volumes da sua gramática da língua Inglesa, de subtítulo "uma introdução baseada na função", com as seguintes observações:

Grammar is everybody's business. (...) Of grammar's many self-appointed guardians, my own profession may claim special credit for our present predicament of profound grammatical illiteracy. It is the linguists that came up with the myth of formal structure: Grammar as an arbitrary, autonomous mechanism whose prime function was to govern the construction of well-formed sentences. Grammar that was about grammar. The logical consequence of this pernicious nonsense is, of course, that grammar is not about communication. (...) But no, grammar is not about grammar; and no again, grammar is not arbitrary, it is there for a reason. Grammar is our path to concise, coherent expression.

O funcionalismo lingüístico baseia-se no axioma aristotélico da correlação entre a forma e a função, formulado pelos arquitetos e desenhistas industriais "modernos" norte-americanos como: *form follows function*.

Givón (1995: 9) lista e depois (1995: 10-22) especifica e restringe com cautela as premissas "clássicas" da abordagem funcionalista:

- uso da linguagem é atividade sócio-cultural
- estruturas servem a uma função cognitiva ou comunicativa
- estruturas são não-arbitrárias, motivadas e icônicas
- mudança e variação lingüística são onipresentes
- significação depende do contexto e não é atômica
- categorias não são totalmente discretivas
- estruturas são maleáveis, não rígidas
- gramáticas são emergentes, não fixas

- regras gramaticais permitem vazamento

Gorski (1994: 77), por sua vez, resume a abordagem funcionalista em relação ao seu modelo de discurso da seguinte maneira concentrada:

(...) um modelo de discurso de base funcionalista tem as seguintes características fundamentais: é **interativo**, no sentido de que opera em mão-dupla em relação a falante - ouvinte, modelo de discurso - texto, e função - forma (mostrando "motivações em competição"); é **adaptivo**, ou seja, flexível e adaptável a situações comunicativas particulares; é parcialmente **determinístico** quanto ao esquema básico que pré-existe, porém dinâmico no sentido de que o esquema vai sendo preenchido aos poucos; é **criativo** e **interpretativo**, já que dependente tanto de motivações internas ao indivíduo, quanto de contexto (e as situações contextuais são múltiplas e variáveis); é **integrado**, pois trata produção e recepção como um processo único (com as devidas particularidades) de construção do discurso; é, por fim, **estratégico**, trabalhando com hipóteses operacionais que vão sendo confirmadas ou rejeitadas durante o processamento das informações.

Assim, nem sempre e necessariamente, todas as regras gramaticais são transparentes em relação à sua função. Existem casos de estruturas opacas e de codificações não-icônicas, normalmente devidos ao efeito cumulativo da evolução subsequente de uma estrutura. A língua é considerada um organismo vivo e complexo, em analogia ao corpo físico humano, que também sofreu uma série de evoluções que resultaram em estruturas nem sempre totalmente transparentes em suas funções, ou até em mudanças radicais de funções ao longo da história filogenética da espécie humana.

As estruturas e suas funções estão sempre conectadas, e, muitas vezes, são interdependentes entre si. Como Givón (1993a: 5) afirma, uma certa estratégia gramatical adotada em determinado domínio funcional, muitas vezes, deve-se a uma confluência acidental de várias mudanças históricas. Mas também, ao menos parcialmente, deve-se à escolha de outras estratégias em domínios funcionalmente relacionados. Assim, temos uma relação estreita entre os domínios funcionais da declinação do grupo nominal que marca a função sintática dos elementos da frase e o domínio funcional do uso muito flexível dos campos topológicos disponibilizados pela *Verbalklammer*. A posição mais livre dos elementos não-verbais da frase em alemão é possível apenas por causa da inflexão nominal consistente. Ao contrário disso, o inglês e as línguas neolatinas precisam recorrer à posição mais fixa SVO dos elementos, na falta da declinação do grupo nominal para marcar o caso. Em decorrência disso, usam outros recursos para marcar a ênfase e a progressão da perspectiva funcional na frase e no texto.

Uma outra causa para a opacidade observável nas relações entre forma e função está no fato de que, em alguns momentos, ocorre uma concorrência entre os objetivos de função pragmática no nível do discurso e a função semântica no nível da oração. Assim, segundo Givón (1993a: 30), a

estrutura de orações complexas muitas vezes perde em parte a transparência funcional das orações simples por causa do meio termo comunicativo entre dois objetivos parcialmente conflitantes: "*This imperfect state of affairs is due to the fact that syntax (or grammar) is used to code two distinct functional realms*".

Resumindo, como no caso da anatomia, a grande maioria das estruturas e formas existentes na língua serve a uma ou até a várias funções. Como Givón (1993a: 2) lembra, na anatomia, apenas a descrição das estruturas formais do corpo, sem considerar as suas funções, seria vista como um contra-senso e um exercício inútil.

O funcionalismo também considera que a língua é primordialmente oral e as suas regularidades centrais derivam do seu uso falado que tem uma história de cerca de meio milhão de anos, enquanto a variante escrita é uma camada bastante recente (no máximo cerca de cinco mil anos). A aquisição da variante escrita da língua materna, segundo Givón (1993a: XXI), torna o usuário bilíngüe. As diferenças entre os dois sistemas são profundas, agudas e absolutas, na maioria dos casos. Onde isso não ocorre, no mínimo, existem diferenças de frequência e distribuição consideráveis entre as duas variantes, sendo que a mais importante e inovadora é sempre a língua falada, segundo Givón (1993a: 15): "*The primacy, creative vigor and central role of the spoken language must be acknowledged*".

Assim, o presente trabalho postula que a *Verbalklammer* faz parte da estrutura básica oral da língua alemã, ao contrário de alguns autores que a criticaram como excesso de um estilo literário do século XVIII e XIX.

O apriorismo da função não significa que a forma seja um dado desconsiderável. A forma, sim, é importante (Givón, 1993a: XXI), mas ela quase sempre serve a uma função. O funcionalismo critica os extremos do reducionismo platônico nas abordagens formalistas, mas, ao mesmo tempo, Givón (1995: XVI-XVII) alerta os seus colegas funcionalistas para o perigo de caírem, por sua vez, no reducionismo desapropriado de postular simplesmente o oposto, com igual postura idiossincrática. Givón (1995: XVII) mostra uma postura autocrítica louvável na tentativa de evitar que o funcionalismo torne-se uma "caricatura da lingüística chomskyana", neste sentido.

### *I.4.1.3 A análise da Perspectiva Funcional da Frase (FSP)*

Junto com outras raízes, o funcionalismo atual tem precursores na escola de Praga (iniciada por autores como Mathesius, Trnka e Vachek, nos anos vinte e trinta do século passado, mais tarde continuada por Jakobson, Martinet ou Beneš). Entre outras contribuições importantes para a fonologia moderna e para o estruturalismo europeu, este grupo analisou a perspectiva funcional da frase, ou seja, a distribuição de informação conhecida e informação nova dentro de frases e a progressão desta distribuição ao longo de seqüências de frases / enunciados. Foi dado um primeiro passo importante para superar a limitação imposta pela análise sintática restrita ao nível da frase e em direção a uma lingüística ao mesmo tempo funcional e textual. De certa maneira, autores como L. Sütterlin ou H. Paul tinham descrito de maneira correta dois modos de "perspectiva funcional" na frase em alemão. Sütterlin (1910: 293) fala da "apresentação calma, que quer convencer e parte do conhecido e guarda o novo e importante até o final" e da "apresentação viva, que impõe primeiro o mais importante como o mais forte e deixa o conhecido apenas para esclarecimento para o final, como um adendo". Com isso já temos uma descrição rudimentar das duas funções básicas da topicalização e da ênfase (usando os campos topológicos do alemão). Hermann Paul (1919: 78) considera que o "sujeito psicológico" (que nem necessariamente precisaria ser o sujeito sintático no nominativo) abre a frase e faz a conexão com a frase anterior, dando uma definição antecipada para o conceito do tema / tópico da frase. Drach (1937), que é citado como testemunha por Weinrich (1986), retoma estas idéias, que foram continuadas e mais desenvolvidas por autores como Schulz & Griesbach (1984).

A perspectiva funcional da frase (FSP – *Funktionale Satzperspektive* ou *functional sentence perspective*), então, analisa o valor informativo dos elementos do enunciado / da frase e a sua progressão ao longo do discurso / texto, diferenciando entre informação conhecida e nova. Diferentes autores usaram uma terminologia por vezes levemente divergente para abordar o assunto. Beneš (1973: 42) relata a história destes conceitos: *Basis - Nukleus* (Mathesius, 1929 e Beneš, 1967), *Thema - Rhema* (Drach, 1937; Boost, 1955; M.A.K. Halliday, 1967; Eroms, 1986, entre muitos outros), *given - new* (Halliday, 1957), *topic - comment* (Hockett, 1958; Chomsky, 1965 e van Dijk, 1985), *presupposition - focus* (Chomsky, 1968), *topic - focus* (Sgall, 1973 e Dik, 1980) e *theme - predication* (Dik, 1980). Não apenas a terminologia, também o conteúdo dos conceitos varia um pouco entre os autores. M.A.K Halliday, por exemplo, na análise do inglês, simplesmente denomina de tema o primeiro elemento da frase e de rema o resto. Outros autores



seguem o critério de conhecido - novo, ou o do tema e do foco da comunicação, diferenciando assim entre primeiro e segundo plano na estrutura da informação.

O fato de que tema e rema não são sempre facilmente identificáveis com rigor absoluto dentro da frase e ao longo do texto, e de que o rema em uma frase é retomado como tema depois e posteriormente pode ser rematizado de novo, tanto quanto o fato de poder haver tema(s) e rema(s) secundários, têm contribuído a uma certa dificuldade na compreensão e aceitação destes conceitos. Para diversificar e afinar este instrumento, J. Firbas (1964) propôs uma escala entre os dois pólos (tema - rema) num contínuo de *communicative dynamism* (CD – dinamismo comunicativo), sendo que o elemento com menor CD seria o tema e o com maior CD o rema, com uma escala de transição entre os dois extremos.

Givón (1983: 5) explica que, nos anos setenta, ele e outros (como Hawkinson e Hyman) que herdaram os conceitos da escola de Praga inicialmente teriam assumido sem crítica uma visão do tópico como valor atômico, discretivo para assinalar um único constituinte da frase, descrevendo assim o sujeito como o tópico gramaticalizado, no nível da frase. Através de vários passos, vendo a topicalidade como critério funcional não discretivo e grau de pressuposicionalidade / previsibilidade e continuidade do tópico, Givón chegou a uma visão mais diferenciada. A continuidade temática de um texto como categoria mais alta estabelece-se através da continuidade de ação e do tópico, no nível da frase (Givón, 1983: 8). Na continuação, Givón (1983: 9-12) indica critérios para a análise do tópico ao longo do texto / discurso e adere de certa forma à idéia do contínuo de topicalidade proposto por Firbas (Givón, 1983: 20).

Gorski (1994: 25) mostra que Givón (1990) novamente reduz o contínuo flutuante e aponta que restam três níveis de topicidade: o sujeito como tópico principal, o objeto direto como tópico secundário e os demais casos como não-tópicos. Com isso, Givón (1990) parece, por um lado, voltar ao "valor atômico" do tópico, por outro lado, restringe bastante a abrangência do conceito. Gorski (1994: 31) define tópico como o "elemento sobre o qual se fala" ou ponto de referência do enunciado que pode ser "codificado com diferentes graus de proeminência", em diferentes formas sintáticas e em diferentes ordenações pragmáticas, ou seja, em posições topológicas variadas, não apenas no início da frase.

Para o presente trabalho, a expressão **topicalização** (topicalidade, topicalizado, topicalizante, etc.) será usada como referente ao processo abstrato de estruturar um texto / discurso em sua progressão

de frases, segundo a lógica da perspectiva funcional, seja ela descrita como oposição entre informação conhecida vs nova, tópico vs. comentário ou "ponto sobre o qual se fala" vs. "o que é falado". Porém, no nível da frase, não usaremos o binômio **tópico - não-tópico** de Givón, e sim os termos **tema** e **rema**, por estes não serem limitados de forma estreita a valores atômicos que apenas refletem no plano da análise discursiva as categorias sintáticas de sujeito ou objeto. A identificação do tópico com complementos fixos do verbo reduz sensivelmente a utilidade deste instrumento de análise textual para o alemão, que desconhece a ordem SVO como regra básica. Os conceitos de **tema - rema** aqui usados são baseados em Beneš (1964; 1973) e implicam a acessibilidade anafórica do tema e uma predicação sobre o tema com a ajuda do rema. Assim também não coincidem necessariamente com os critérios de informação conhecida vs informação nova. Neste sentido aqui definido e mais amplo, o sujeito pode ser remático. A alternância entre tema e rema, como manifestação concreta da topicalização, e a progressão dos dois pólos através do texto são um elemento constitutivo para a textualidade. O ponto sobre o qual se fala existe também como categoria macro, no nível do texto / discurso, e resulta de maneira cumulativa das (sucessivas ou cíclicas) retomadas (de variantes) do mesmo tema, ao longo da seqüência linear. O processo de instituir este **macro-tema** no nível discursivo é chamado de **tematização** nesta tese, para diferenciar da **topicalização** acima definida. Teun van Dijk (1977: 132) usa os conceitos de tópico do discurso / tópico da conversa (*topic of discourse / conversation*) e tópico da frase (*sentence topic*) para diferenciar os dois níveis.

Givón (1995: 78-79) utiliza uma abordagem semelhante a Beneš na sua metodologia quantitativa para estabelecer o grau de topicalidade: dimensão anafórica e catafórica na análise da topicalidade de elementos. A acessibilidade anafórica ou distância referencial mede se, e com que distância, um elemento apareceu anteriormente no texto, ou seja, registra a provável acessibilidade cognitiva dele. A persistência catafórica indica se, quantas vezes, e em que distância um elemento é retomado na continuação do texto, e, com isso, a sua importância temática e ativação na atenção do emissor / destinatário. Ambos os indicadores podem ser usados para medir a importância temática de um elemento, assumindo que ele seria ao mesmo tempo anaforicamente acessível (= contínuo) e cataforicamente persistente (= recorrente), proporcional à sua importância para o texto / discurso.

Na sua gramática do inglês, Givón (1993b: 173) afirma que a estrutura de topicalidade reflete a avaliação do autor sobre a importância dos elementos, enquanto o uso de ênfase contrastiva por ele reflete a sua presunção a respeito da avaliação do discurso pelo destinatário. Assim, por exemplo, o uso de instrumentos como artigos definidos / indefinidos depende da estrutura que o autor quer

dar à informação. O uso de acentos contrastivos reflete a expectativa do autor sobre as atitudes do destinatário em relação ao conteúdo (e outros fatores situacionais).

Apesar da divergência terminológica entre os vários autores e a dificuldade intrínseca inevitável de definir com precisão os dois pólos tema e rema em exemplos concretos, é evidente que os mecanismos por vezes sutis de codificar estes aspectos são centrais para o funcionamento de línguas naturais, independente de quais estruturas lingüísticas uma determinada língua use para codificar esta função. É inevitável que a análise concreta da estrutura de topicalização em seqüências textuais seja complexa e que o tema ou o rema não possam ser identificados baseando-se apenas em poucos critérios formais, de maneira monocausal, como por exemplo na identificação do sujeito e do objeto. A situação mais complexa corresponde à necessidade pragmática e comunicativa complexa do uso real da linguagem. Para que uma abordagem analítica possa dar conta desta realidade complexa da codificação lingüística, que serve ao mesmo tempo a vários objetivos (por vezes concorrentes ou até antagônicos) em diferentes níveis (semântico, sintático, pragmático, discursivo), ela necessariamente deverá mostrar uma flexibilidade e adaptabilidade, como é o caso do modelo da FSP (*Funktionale Satzperspektive*).

#### *1.4.1.4 FSP e padrões de entoação*

Lötscher (1983: 2), com o seu trabalho muito interessante sobre a relação entre a acentuação frasal e a perspectiva funcional da frase, parte da premissa de que todas as frases da língua alemã tenham um determinado padrão de entoação, característico e único. A análise de padrões de entoação não é apenas importante para exemplos do canal oral. Lötscher (1983: 3) defende que mesmo na leitura silenciosa de frases ocorre a atribuição dos pesos de força e acentuação, pois a sua realização audível é vista apenas como manifestação sonora de uma distribuição de marcadores de interpretação da frase, que é imprescindível também para o processamento silencioso de textos escritos. Um dos resultados da pesquisa de Lötscher (1983: 265) é que os elementos que pertencem ao mesmo nível de tematicidade / rematicidade ou ao mesmo grau ou tipo de acentuação / ênfase formam uma área relativamente homogênea de marcação prosódica dentro da frase, em contiguidade. Como um dado muito importante para este trabalho, o Lötscher acrescenta (op. cit., 265) que "*Verbalelemente einer gemeinsamen prädikativen Struktur können auch in diskontinuierlicher Anordnung einen eigenen, gemeinsamen Akzentbereich bilden.*" (Elementos verbais de uma estrutura predicativa conjunta podem formar uma área de acentuação própria e conjunta mesmo em disposição descontínua). Neste sentido, referências a marcadores prosódicos

para a atribuição de variantes de topicalização neste trabalho podem ser sempre entendidos como sinais de interpretação presentes também no canal escrito.

Aparentemente, na grande maioria de línguas, além da entoação, a ordem e posição dos elementos (= topologia) interfere e contribui de maneira central para a estrutura e progressão da perspectiva funcional. No inglês, com a sua ordem relativamente fixa de SVO, Givón (1993b: 201) indica as seguintes estruturas sintáticas com funções topicalizantes: construções de apresentação existencial (frases do tipo *it is*, *there is* e semelhantes), extração com deslocamento para a esquerda e direita, *dative-shifting* (objeto dativo direto em vez de preposicional), *raising* (o sujeito de um complemento frasal e conectado como objeto direto com complemento infinitivo: *She expected him to leave* em vez de *She expected that he would leave*), *Cleft* (antecipação de um constituinte com uma construção de apresentação existencial: *Joe ate the apple* torna-se: *It is Joe who ate the apple* ou: *It is the apple that Joe ate*) e movimento Y (*Y-movement*: antecipação do objeto com inversão objeto - sujeito: *The man we ignored*).

A tarefa deste trabalho não é a análise detalhada dos mecanismos de topicalização do alemão em si, e sim descrever e analisar a *Verbalklammer*. É fundamental não apenas descrever a estrutura em questão de forma abrangente e correta, mas sim elucidar ao menos algumas das suas funções sintáticas importantes. Mais adiante, então, será mostrado que uma destas funções da VK é providenciar os campos topológicos usados como instrumentos de topicalização / tematização em alemão.

#### *1.4.1.5 Iconicidade e estruturas verbais descontínuas*

O princípio funcionalista da iconicidade, à primeira vista, não parece contribuir para a explicação da VK em si, como estrutura verbal descontínua. Aparentemente, a VK contradiz o segundo princípio da iconicidade, o princípio da proximidade, que postula que entidades próximas em termos de função, de cognição ou de conceito ocorreriam em proximidade temporal / espacial no discurso / texto. Redder (1992) tentou alegar que os verbos bipolares do alemão indicariam em sua descontinuidade de maneira icônica uma ação processual em seu desenvolvimento, porém sem convencer. Na análise da topicalização, o terceiro princípio da iconicidade (o da ordem seqüencial, de que a informação mais importante tende a ocorrer no início da frase) parece mais apropriado, pois existe uma tendência do tema em ocorrer mais para o início da frase / do período e do rema mais para o seu final. Em *corpus* do alemão com exemplos de língua escrita e falada registra-se

uma freqüência de cerca de 50 a 60% de frases com o sujeito temático no campo anterior da VK (veja II.4.2. II.4.1 e III.1). Porém, não se trata de uma regra rígida.

Por último, o princípio da marcação (*markedness*) como meta-iconeidade é discutido longamente em Givón (1995: 25-70). Ele implica que a relação marcada e mais complexa cognitivamente seria mais complexa também estruturalmente e menos freqüente, por isso mais saliente (Givón, 1995: 28). Isso, novamente, reproduz de forma (meta-) icônica a relação pragmática. Ao mesmo tempo, a estrutura marcada demanda mais esforço / tempo de processamento. Como Givón (1995:29) coloca, o grau de marcação da mesma estrutura pode variar dependendo do contexto / tipo de texto / registro. Neste trabalho, a importância de formas marcadas para a descrição da regularidade é bastante salientada. Uma regra não pode ser definida de maneira satisfatória apenas pelas formas neutras, não marcadas. A dialética entre o uso de formas neutras e marcadas na língua não é apenas uma necessidade pragmática, no sentido de reproduzir as relações extra-lingüísticas nela codificadas, conforme à sua complexidade. No ensino de línguas estrangeiras, apenas a apresentação do conjunto de formas neutras e marcadas dará ao aluno uma noção confiável das regularidades apresentadas, como da sua abrangência e importância.

O princípio funcionalista da adaptividade do modelo às situações comunicativas concretas contextualmente definidas e variáveis e o da integração da produção e recepção no mesmo modelo descritivo único são válidos para o fenômeno aqui analisado, bem como o fato do modelo ser estratégico no sentido de fornecer hipóteses operacionais que são confirmadas ou rejeitadas durante o processamento das informações.

Em linhas gerais, o modelo funcionalista ajuda a apoiar e justificar o modelo descritivo escolhido, e, ao mesmo tempo, contribuirá a uma melhor compreensão do fenômeno. Isso poderia facilitar a árdua tarefa dos professores de alemão como língua estrangeira em um aspecto importante do sistema lingüístico alvo, conforme os objetivos do funcionalismo e deste trabalho.

## I.4.2 Gramática de Valências

A gramática de valências verbais foi inicialmente desenvolvida por Lucien Tesnière no seu livro *Éléments de syntaxe structurale*, publicado em 1959. Como primeiro passo, Tesnière constata que a conexão entre os elementos de uma frase faz parte da frase. Assim ele insiste que seu primeiro exemplo "*Alfred parle*" (Alfred fala) é composto de três elementos: 1º *Alfred*, 2º *parle* e 3º a

conexão entre os dois, sem a qual não haveria a frase e sim dois elementos isolados (Tesnière, 1976: 12). O segundo passo é constatar que a conexão consiste em relações de dependência hierárquica (op. cit., 13), chamadas de regência. A ordem estrutural de dependência não coincide com a ordem linear em que os elementos ocorrem e a mesma ordem estrutural pode descrever várias serializações concretas (op. cit., 21). Depois segue a distinção entre actantes obrigatórios, exigidos pela regência, e circunstantes, não-obrigatórios (op. cit., 102). Paralelamente à química, Tesnière descreve a capacidade de conexão do verbo com o termo de valência (op. cit., 238), distinguindo entre verbos avalentes / impessoais (op. cit., 239), monovalentes / intransitivos (op. cit., 240), bivalentes / transitivos (op. cit., 242) e trivalentes (op. cit., 255). Além da regência direta nas conexões, Tesnière descreve a junção, que equivale à coordenação (op. cit., 323), e a translação (op. cit., 361) de primeiro e segundo grau, que equivalem a complementos nominais ou frasais, como mecanismos para conectar elementos que não são diretamente conectados pelo verbo. Assim, Tesnière consegue incluir frases complexas no seu modelo descritivo.

A Gramática de Valências tem certos aspectos de um sistema formal de descrição, na medida em que ela descreve frases de uma maneira geral, nos *stemmas virtuels* de Tesnière (op. cit., 63-66), ou seja, um modelo abstrato de uma frase, composta, por exemplo, por um nóculo verbal bivalente com seus actantes sujeito e objeto direto mais um circunstante adverbial, modelo válido para um número quase infinito de frases concretas possíveis. Por outro lado, as relações descritas pela Gramática de Valências são eminentemente funcionais, como as relações entre verbo e sujeito ou substantivo e adjetivo. O próprio Tesnière (1976: 39) afirma que:

Il résulte de ce qui précède que la syntaxe structurale est en même temps la syntaxe fonctionnelle et que, comme telle, elle aura essentiellement à étudier les différentes fonctions nécessaires à la vie de la phrase.

Tesnière, de origem da região fronteira da França com a Alemanha (*Alsace-Lorraine*), dominava o alemão e usa alguns exemplos. Ele inclusive faz algumas observações a respeito da classificação do alemão como língua centrípeta, com predeterminação da base pelo seu determinador (op. cit., 22) e sobre a posição verbal e a ordem dos elementos do alemão (op. cit., 129), usando um exemplo emprestado do seu aluno e amigo Jean Fourquet, autor de uma gramática francesa de referência do alemão (Fourquet, 1952):

Toutes ces variantes sont également correctes. La seule différence entre elles, c'est que l'élément mis en tête y prend davantage de relief. Monsieur Fourquet compare fort heureusement cette structure à un **trousseau de clés** où les dépendants directs du verbe (actants comme circonstants) seraient représentés par les différentes clés, et le nœud verbal par l'anneau qui les retient ensemble. Ceci posé, la phrase allemande se comporte comme si l'on tenait une des clés que suivraient alors de haut en bas, d'abord (à la deuxième place) l'anneau-nœud, et ensuite tous les autres subordonnés-clés.

Este exemplo do chaveiro segurado por qualquer uma das chaves para cima e o verbo como anel que segura o conjunto é bastante ilustrativo em certo sentido (de não haver uma regra que exija a ordem SVO em alemão), porém, não contempla a possibilidade de grupos verbais descontínuos. De fato, Tesnière quase sempre usa exemplos do alemão com tempos verbais sintéticos evitando, aparentemente a *Verbalklammer*. Um dos poucos exemplos com grupo verbal analítico (*Ich werde dieses Buch morgen fertig gelesen haben* – Eu terei terminado de ler este livro amanhã) é usado para ilustrar que os elementos infinitos (particípio ou infinitivo) em posição  $V_{\text{final}}$  não são elementos verbais mas têm caráter nominal (Tesnière, 1976: 131):

C'est ainsi que l'on tirera par exemple des faits de la phrase allemande des renseignements fort instructifs sur la nature de l'infinitif et du participe. En effet, ces deux espèces de mots occupent dans la phrase allemande une place spéciale, et qui n'est pas celle du verbe. (...) Comme on le voit par les exemples précédents, seul l'auxiliaire *werde* est considéré comme un verbe puisque seul il occupe la place du verbe, tandis que les auxiliés que sont le participe *gelesen* et l'infinitif *haben* sont traités comme des espèces de mots différentes puisqu'ils occupent une place à eux, et qui n'est pas la place du verbe. Nous verrons par la suite que cette conclusion est exactement confirmée par l'analyse de ces espèces de mots.

Ou seja, os elementos verbais não-finitos não são considerados parte do verbo porque não ocupam a posição do verbo  $V_2$  e sim actantes normais deste primeiro. De certa maneira, Tesnière soluciona o problema da descrição do grupo verbal descontínuo no seu modelo simplesmente abolindo a *Verbalklammer*, pois, se os elementos infinitos são considerados nominais, não há mais descontinuidade no grupo verbal.

Sentindo que esta postura de Tesnière talvez não seja muito satisfatória, Jean Fourquet, que teve um papel importante na publicação dos *Éléments de syntaxe structurale* cinco anos depois da morte de Tesnière, mais tarde analisa um exemplo de um verbo bipolar (*rief - zusammen*) para mostrar que o conceito de "nódulo" de Tesnière poderia dar conta, teoricamente, de grupos verbais descontínuos com mais de um elemento (Fourquet, 1970: 46).

Também a descrição de junção e translação por Tesnière não resolve os questionamentos colocados pela *Verbalklammer* do alemão, na aplicação direta à área da integração (múltipla) de frases. Fourquet comenta que Tesnière teria sido impedido de levar seu modelo do *stemma* à

última clareza na conexão de elementos frasais pela pressão da tradição de dois milênios na definição dos conceitos "palavra" e "classe de palavra" (op. cit., 49). Segundo Fourquet, sem isso ele poderia ter chegado a um conceito de "unidades específicas" (*spezifische Einheiten*) e evitar o "desvio" (*Umweg*) e as contradições internas (*innere Widersprüche*) da sua solução de "translações", que transferem aos elementos frasais relações de conexão sintática de elementos nominais no modelo de dependência verbal.

Não obstante aos problemas da aplicação direta desta abordagem à *Verbalklammer*, o modelo baseado em Tesnière é amplamente usado de forma indireta neste trabalho, pois vários trabalhos posteriores desenvolveram melhor alguns pontos de vista iniciados por Tesnière. Helbig & Buscha são os primeiros gramáticos que introduziram a abordagem valencial na descrição do alemão numa gramática de referência de grande circulação. Depois deles, Heidolph, Flämig & Motsch seguiram o mesmo caminho. Ulrich Engel, que traduziu e comentou os *Éléments de syntaxe structurale* para o público alemão em 1980, e cuja gramática do alemão é usada mais adiante neste trabalho num ponto importante, é apenas o expoente mais pronunciado da Gramática de Valências. Também, Peter Eisenberg e a gramática de referência mais ambiciosa e mais recente do alemão, do *Institut für deutsche Sprache*, baseiam-se no conceito da valência, que hoje é quase uma unanimidade na descrição sintática do alemão. Apesar de vários problemas ainda em aberto (como por exemplo a diferenciação nítida entre actantes obrigatórios e circunstantes factuais e a classificação inequívoca dos verbos segundo a sua valência) a abordagem certamente contribuiu com aspectos centrais para a melhor compreensão do funcionamento sintático da frase. A dependência entre os elementos do complexo verbal pode ser descrita corretamente como dependência de regência (veja capítulos II.1.4 a II.1.6). Eisenberg (cap. II.1.7) descreve toda a VK como "regência posicional".

### I.4.3 Gramática Textual de Harald Weinrich

A lingüística textual na tradição alemã está relacionada a várias das abordagens acima já mencionadas na seção sobre o funcionalismo. Harald Weinrich é um dos seus representantes pioneiros, ao lado de W. Dressler, W. Koch, R. de Beaugrande, R. Harweg, W. Kallmeyer, H. Kalverkämper ou K. Brinker. Aliás, o termo *Textlinguistik* em si, segundo Sowinski (1983: 21), foi cunhado por Weinrich em 1967, quando ele afirmou que qualquer lingüística só seria possível como lingüística textual, ou seja, que toda análise lingüística deve partir do texto como nível descritivo, na ocasião de uma apresentação com o título *Syntax als Dialektik* (sintaxe como



dialética). Em 1969, Weinrich publicou um artigo sobre a sintaxe do artigo em alemão em cujo título também aparece este rótulo. Ele chama a atenção à função textual ana- e catafórica do artigo definido e indefinido. Em termos de conteúdo, o artigo sobre a fonologia da pausa em textos orais (1961) ou o livro bastante conhecido sobre tempos verbais de 1964 preparavam o terreno para uma lingüística de textos, pois Weinrich vinculava sua descrição dos tempos verbais do passado do alemão ou da progressão prosódica a uma análise de diferentes tipos de textos / discursos e diferentes situações narrativas / comunicativas dentro deles.

Weinrich nunca dissociou seu interesse lingüístico do seu interesse em textos, principalmente literários, mas também em textualidades criadas e descritas na tradição da retórica antiga. Seu trabalho sobre a "Lingüística da Mentira" (1970) ou várias publicações sobre a metáfora (1958, 1963, 1964, 1967 e 1976 – todos republicadas em Weinrich, 1976) ou uma coletânea de artigos sobre assuntos de teoria literária e estética de recepção (1971) mostram as raízes na análise do texto literário e, ao mesmo tempo, a preocupação com a elaboração de uma lingüística e gramática do texto. Até 1978, Weinrich foi professor catedrático de Literatura e, simultaneamente, de Lingüística Alemã em Bielefeld. Com os seus conceitos de "partitura do texto" (*Textpartitur*) e da análise das "transições sintáticas textuais" (*Textübergänge*) de 1972 e 1974, que propõem uma análise contínua de categorias sintáticas ao longo de um texto, para estudar especialmente momentos onde ocorrem transições nestas categorias, Weinrich consolidou sua importância para a área. Finalmente as duas gramáticas textuais do francês (1982) e do alemão (1993) juntam aspectos abordados anteriormente e elaboram mais outros. De 1978 a 1988, Weinrich foi professor catedrático de Lingüística Aplicada ao Ensino do Alemão como Língua Estrangeira (*Deutsch als Fremdsprache*) e conseqüentemente desenvolve também as implicações de sua análise de Lingüística Textual para a perspectiva didática.

## **I.5 O fenômeno**

Antes de entrar na discussão detalhada de publicações relacionadas ao tema deste trabalho, cabe aqui delimitar o fenômeno. O tema é amplo, como foi exposto, por causa do enfoque do trabalho de tentar descrever as estruturas verbais descontínuas em conjunto através de uma maneira mais consistente e satisfatória. Por enquanto, uma enumeração de exemplos que, segundo os critérios deste trabalho, pertencem ao fenômeno ajudará a ilustrar melhor a abrangência da temática.

*Quais são, então, as estruturas verbais bipolares e descontínuas do alemão, chamadas de Verbalklammer?*

São todas as ocorrências de grupos verbais onde o verbo finito junto com outros elementos predicativos formam uma estrutura descontínua bipolar que abre e determina os três (ou cinco) campos possíveis da oração (veja capítulo III.2.2). Os exemplos autênticos abaixo são extraídos dos dois exemplos de textos / discursos usados no capítulo III.1 e documentados no anexo / CD-ROM. Alguns exemplos (marcados com ❖) foram acrescentados pelo autor. Estruturas verbais descontínuas, então, ocorrem na língua alemã *necessária e explicitamente* nas seguintes situações:

### I.5.1 Verbos bipolares

Nesta categoria encontram-se verbos compostos (na frase afirmativa "clássica", o último elemento da composição vem conjugado na posição  $V_2$ , o(s) outro(s) ocorre(m) invariado(s) na posição  $V_{\text{final}}$ ):

- (1a) Die Leute **nehmen** einen überhaupt gar nicht **ernst**.  
As pessoas pegam um absolutamente (part) não sério  
"As pessoas absolutamente não te levam a sério."

Também constam desta categoria os chamados "verbos com prefixos separáveis" (a raiz conjugada na posição  $V_2$  e o prefixo na posição final):

- (1b) Aber da **fangen** die Probleme **an**.  
Mas lá capturam os problemas (part)  
"Mas aí começam os problemas."  
  
(1c) Der Geldbetrag **stellt** also einen Wert, äquivalent zum Kaufgegenstand, **dar**.  
A dinheiro-soma põe então um valor equivalente ao compra-objeto (part)  
"Então, a soma de dinheiro representa um valor equivalente ao do objeto da compra."

### I.5.2 Verbos modais

Verbos modais em todos os tempos verbais e no *Konjunktiv*: o verbo modal ou auxiliar *haben* (ter) no *Konjunktiv*, no pretérito perfeito ou mais-que-perfeito ocorre na posição  $V_2$ . O verbo principal no infinitivo na posição final (2a), em conjunto com o verbo modal no infinitivo em caso de formas analíticas (2b):

- (2a) Jetzt **muß** ich auch mal Bettina **fragen**.  
Agora tenho-que eu também (part) Bettina perguntar  
"Agora tenho que perguntar também a Bettina, né."
- (2b) Das **könnt'** ich vielleicht nochmal **angehen** demnächst.  
Isso poderia eu talvez ainda-vez iniciar isso-próximo  
"Talvez eu ainda pudesse começar isso, daqui a pouco."

### I.5.3 Tempos verbais analíticos do passado

Todos os verbos no *Perfekt* (pretérito perfeito) e *Plusquamperfekt* (mais-que-perfeito): os verbos auxiliares *haben* (ter) e *sein* (ser) ocorrem na posição V<sub>2</sub>, o particípio II do verbo principal na posição final, na frase afirmativa:

- (3a) Ich **hab'** mir das ja zum Beispiel selber **angetan**.  
Eu tenho mim isso (part) ao exemplo mesmo (part)-feito  
"Eu, por exemplo, aprontei isso para mim mesmo."
- (3b) Und da **hatt'** ich bißchen Angst **gehabt**.  
E aí tive eu pouquinho medo tido  
"E aí, eu tive um pouquinho de medo."

Os tempos verbais *Perfekt* e *Präteritum* do alemão não correspondem em termos de função comunicativa e aspecto aos homônimos em português. Porém, esta questão não é de importância aqui, ao se identificarem as estruturas do alemão que fazem parte da *Verbalklammer*. Weinrich (1964) analisa com detalhes este assunto.

### I.5.4 Tempos verbais analíticos do futuro

Futuro I e II: o auxiliar *werden* (tornar-se) ocorre na posição V<sub>2</sub> e o infinitivo do verbo principal na posição final:

- (4a) Der **wird** niemals alleine zum Mittagessen **gehen**.  
Este torna-se nunca sozinho ao meio-dia-comer ir  
"Este nunca irá sozinho para o almoço."
- (4b) Bis dahin **werden** Sie das ja hoffentlich schon fertig **übersetzt haben**.  
Até lá tornar-se-á Elas isso (part) tomara já pronto traduzido ter  
"Até lá, tomara, o Sr. já terá traduzido isso por completo." ❖

No alemão de hoje em dia, os tempos verbais chamados de futuro têm uma forte tendência a marcar modalização, enquanto informações apenas com a intenção de marcar referência temporal

futura muitas vezes são codificadas no presente, com um advérbio temporal que indica referência ao futuro. Porém, para este trabalho, que analisa em primeiro lugar a sintaxe da Verbalklammer, não é central dedicar uma atenção maior à discussão sobre até que ponto o chamado futuro ainda é um tempo verbal ou já se tornou um modo verbal.

### I.5.5 Voz passiva

Todos os verbos na voz passiva em todos os tempos verbais: o verbo auxiliar *werden* (tomar-se) da passiva, o verbo auxiliar *haben* (ter) e *sein* (ser) do pretérito perfeito e mais-que-perfeito ocorrem na posição V<sub>2</sub> da frase afirmativa e o particípio II do verbo em questão na posição V<sub>final</sub>, em conjunto com o particípio do auxiliar *werden* em caso de *Perfekt* e mais-que-perfeito:

- (5a) Der Kaufgegenstand **wird** durch den Geldbetrag **ersetzt**.  
O compra-objeto torna-se através a dinheiro-soma substituído  
*"O objeto da compra é substituído pela soma de dinheiro."*
- (5b) Und mir **wurden** die Haare nicht gegen meinen Willen **gefärbt**.  
E mim tornaram-se os cabelos não contra minha vontade tingido  
*"E meus cabelos não foram tingidos contra a minha vontade."*
- (5c) Das Fahrzeug **war** bereits vor einer Woche **aufgefunden worden**.  
O veículo era já antes uma semana (dêit) encontrado tornado-se  
*"O veículo já tinha sido encontrado há uma semana."* ❖

Formas com o verbo auxiliar *sein* (ser) e o particípio II, chamadas de *Zustandspassiv* por alguns autores (por exemplo, Helbig & Buscha, 1999: 175; Eisenberg et al, 1998: 183), são consideradas construções cópula com adjetivo predicativo neste trabalho (como também em Griesbach, 1986: 372), pois o particípio sempre pode ser usado como adjetivo (atributivo ou predicativo). Por vários motivos, parece mais indicado segmentar o contínuo de ativa - passiva de maneira diferente e não considerar estas frases passivas, e sim descrições existenciais resultativas, como em I.5.7. Apoio para esta decisão vem de diferentes lados: por exemplo, de Stefan Müller (comunicação pessoal por e-mail), autor da descrição mais completa da sintaxe alemã dentro da abordagem HPSG (Müller, 1999), ou de Zifonun et al. (1997: 1247), a gramática de referência mais recente e mais completa do alemão (discutida detalhadamente em II.1.8).

## I.5.6 Formas analíticas do *Konjunktiv I* e *II*

A forma analítica do *Konjunktiv I* e *II* de todos os verbos, incluindo as situações onde o *Konjunktiv II* analítico substitui necessariamente o *Konjunktiv I*, ou seja, no caso do singular da 1ª pessoa e da 1ª e 3ª do plural de todos os verbos regulares: o verbo auxiliar ocorre na posição V<sub>2</sub>, o verbo principal, na posição V<sub>final</sub>:

- (6a) Er sagte, das **sei** schon längst **erledigt worden**.  
Ele disse isso seja já longamente resolvido tornado-se  
"Ele disse que isso já teria sido resolvido há tempo." ❖
- (6b) Das **hättest** du wohl an meiner Stelle auch **getan**.  
Isso terias tu (part) em meu lugar também feito  
"Tu também terias feito isso no meu lugar." ❖
- (6c) Das **wär'** jetzt mein nächster Satz **gewesen**.  
Isso seria agora minha próxima frase sido  
"Agora, isso teria sido a minha próxima frase."
- (6d) Vorspiegelung **würde** ich nicht **sagen**.  
Pré-espelhagem tornar-se-ia eu não dizer  
"Falsidade, eu não diria."

## I.5.7 Verbos de ligação (*Kopula*)

O verbo de ligação ocorre na posição V<sub>2</sub> e o complemento predicativo na posição V<sub>final</sub>:

- (7a) Also, einer **war** total **hinüber**.  
Então um era totalmente para-lá-cima  
"Então, um estava totalmente estragado."
- (7b) Er **wurde** schließlich **Ingenieur**, wie sein Vater.  
Ele tornou-se finalmente engenheiro como seu pai  
"No final, ele virou engenheiro, como seu pai." ❖
- (7c) Also **ist** das noch nicht mal **gelogen**.  
Então é isso ainda não (part) mentido  
"Então, ainda nem chega a ser mentira."

## I.5.8 Negação frasal

Nas situações onde o elemento de negação *nicht* (não) encontra-se na posição final da frase e tem como foco de negação a frase inteira, ele forma uma estrutura verbal descontínua:

- (8) Also **möge** ich auch **nicht**.  
Então engano eu também não  
"Então, também não estou enganando."

Mais adiante (no capítulo II.1.2.2), a decisão de incluir a negação frasal no fenômeno será justificada com exemplos e provas de permutação.

### I.5.9 Orações "subordinadas"

Nas orações tradicionalmente chamadas de subordinadas, introduzidas por partículas como conjunções e pronomes relativos, esta partícula abre a estrutura descontínua em posição  $V_2$  e o verbo finito ocupa a posição  $V_{\text{final}}$ :

- (9a) **Wenn**'s mal hart auf hart **kommt**, dann ist das Teil weg.  
Se isso (part) duro sobre duro vem então é a peça fora  
"Quando a hora da verdade chegar, um dia, esta peça estará longe."
- (9b) Ein Mann, **der** alles an Frauen **häßt**, **was** falsch ist.  
Um homem que tudo em mulheres odeia que falso é  
"Um homem que odeia tudo o que é falso em mulheres."

Como a análise deste trabalho mostrará mais adiante, o conceito de junção de Weinrich é mais adequado para descrever a integração de várias frases no mesmo período. As partículas que introduzem a "frase subordinada" (neste trabalho chamada de *Verbalklammer* integrada) serão descritas como juntores neste trabalho, baseado em Weinrich (veja capítulos II.3.3.4 e III.2.3).

Em algumas das situações descritas acima, existem as duas possibilidades: utilizar uma estrutura analítica, descontínua, ou uma sintética, com um só elemento verbal na posição  $V_2$ , tanto em casos determinados por escolha lexical (verbos bipolares vs verbos simples) quanto no caso de alguns tempos ou modos verbais (*Konjunktiv* analítico vs sintético, *Präteritum* vs *Perfekt*, futuro vs presente com marcador adverbial temporal de futuro). Portanto, esta escolha sempre implica alterações do enunciado / texto, em termos semânticos e / ou pragmáticos.

Resumindo, a *Verbalklammer* completa ocorre em um grande número de situações, seja por motivos lexicais de escolha de determinados elementos, seja por motivos sintáticos de formação de predicados analíticos ou de integração de frases complexas em períodos maiores. Alguns dados que podem indicar tendências da sua frequência e distribuição serão apresentados no capítulo III.1.1.

## Parte II: Discussão

A segunda parte deste trabalho contém a revisão e discussão crítica de publicações anteriores relevantes sobre a VK. Ela atende aos objetivos I.1.1 e I.1.2 e ao mesmo tempo juntará e discutirá elementos de descrição que serão usados direta ou indiretamente na descrição proposta neste trabalho na parte III. Em alguns casos, determinados autores desenvolvem pontos de vista muito interessantes que serão usados mais adiante. Os trabalhos são apresentados em seções que seguem uma certa sistemática. O espaço dedicado a cada grupo, abordagem ou autor depende às vezes da sua importância para esta tese, do espaço que o trabalho em questão dedica à VK, ou da necessidade de comentar suas afirmações de forma crítica.

### II.1 Gramáticas de referência

Neste capítulo será feita uma revisão das mais importantes gramáticas da língua alemã, de um certo alcance e reconhecimento amplo dentro da comunidade de lingüistas e professores de alemão, no que diz respeito ao aspecto de como a *Verbalklammer* nelas é descrita. Evidentemente, existem descrições mais antigas que ainda estão exercendo uma influência considerável, principalmente sobre os métodos de ensino do alemão como língua estrangeira, como veremos mais adiante. Porém, neste capítulo, apenas a descrição sintática atual da língua alemã será considerada, incluindo publicações recentes de autores reconhecidos que estão tentando empregar conceitos e abordagens teóricas inovativas.

Como a função deste capítulo é o levantamento das publicações procedentes sobre o fenômeno em questão, esta parte do trabalho utiliza (e traduz) as terminologias empregadas pelos respectivos autores, sem que isso signifique que esta terminologia seja aceita sem críticas ou assumida automaticamente para o restante do trabalho. Em alguns casos, no entanto, inconsistências terminológicas serão apontadas já aqui, e as variações na terminologia podem até ser um indício em si de que a descrição das VK e de muitos aspectos relacionados a ela ainda não encontraram sua versão definitiva.

Na análise de obras relevantes, como regra, a VK aparece de uma forma ou outra nas descrições, com terminologias variadas e enfoques diversos. Porém, nem sempre ela é tematizada com a devida prioridade e atenção. Muitas vezes, elementos e aspectos chaves não são abordados, e, mais

grave, em alguns casos acham-se descrições incoerentes e até afirmações errôneas. O Dicionário de Lingüística de Hadumod Bußmann pode servir de exemplo: ele rotulou as VK de "princípio básico da ordem de palavras alemã" (Bußmann, 1983: 447), mas, ao mesmo tempo, omite completamente vários tipos importantes de VK na sua listagem (por exemplo, o grupo dos verbos bipolares – também chamados de verbos "separáveis" – *trennbare Verben*).

Os exemplos apresentados, em número relativamente elevado nesta parte do trabalho, são normalmente reproduzidos dos autores citados e têm a função de aumentar a fidelidade a eles. Ao mesmo tempo, permitem que o leitor desta tese possa melhor acompanhar e avaliar as críticas aqui proferidas. Apesar de ocuparem bastante espaço, por causa das duas traduções, eles normalmente são indispensáveis para o entendimento rápido da descrição dos autores citados. Um exemplo clarifica muito mais rápido que uma paráfrase longa e nem sempre precisa. Em alguns casos, exemplos construídos em analogia pelo autor são acrescentados para efeito de comprovar certos argumentos deste trabalho ou para esclarecer melhor a intenção dos autores originais citados.

### II.1.1 Drosdowski / Eisenberg et al. (*Duden-Grammatik*)

Começaremos a verificação com uma das mais reconhecidas gramáticas do alemão: sem sombra de dúvida, a "Gramática da Língua Alemã Contemporânea", da editora Duden (Bibliographisches Institut), em sua 4ª edição de 1984, organizada por Günter Drosdowski. O início desta gramática foram os "*Grundzüge der neuhochdeutschen Grammatik für höhere Bildungsanstalten und zur Selbstbelehrung für Gebildete*" (Traços Básicos da Gramática do Novo Alto Alemão para Institutos de Formação Superior e para a Auto-instrução dos Eruditos) de Friedrich Bauer (1850), a primeira gramática que uniu resultados científicos com uma abordagem didática bem-sucedida, muito usada no ensino do alemão como língua materna. O editor Konrad Duden mais tarde contribuiu de maneira extraordinária para o êxito duradouro desta obra, organizando as edições desde a 18ª até à 27ª edição (de 1881 a 1912) e dando-lhe seu prestígio e reconhecimento unânime, do qual usufrui até hoje. Como homenagem póstuma a ele, a obra e a editora exibem seu nome até hoje.

Além de uma menção rápida no contexto dos chamados verbos separáveis, que o Duden descreve dentro de seu excelente e extenso capítulo sobre a formação de palavras no alemão, sob o título de semi-prefixos (cf. Drosdowski et al., 1984: 425), o tema da *Verbalklammer* aparece de forma



bastante sumária, comparando-se com outras gramáticas (cf. Weinrich, 1993; Schulz & Griesbach, 1984). Dentro do sub-capítulo sobre a ordem de palavras, as VK são abordadas de forma explícita em menos de uma página. Indiretamente, no contexto da posição verbal, dos campos sintáticos da frase e dos tipos de frases, elas aparecem de forma secundária.

### II.1.1.1 Modelos básicos de frases

Primeiro, o Duden afirma que o verbo finito pode ocorrer na frase na posição inicial,  $V_2$ , ou  $V_{\text{final}}$  (Drosdowski et al., 1984: 715).

- (1a) Peter hilft seinem Vater im Garten.  
Pedro ajuda seu(dat) pai no jardim.  
"Pedro ajuda seu pai no jardim."
- (1b) Hilft Peter seinem Vater im Garten?  
Ajuda Pedro seu(dat) pai no jardim?  
"Pedro ajuda seu pai no jardim?"
- (1c) ..., daß Peter seinem Vater im Garten hilft.  
... que Pedro seu(dat) pai no jardim ajuda  
"... que Pedro ajuda seu pai no jardim."

Na página seguinte, o Duden denomina as frases do tipo (1a) como *Kernsätze* (frases nucleares), com o verbo em posição central ou de eixo (*Mittelstellung* ou *Achsenstellung*), acrescentando que exemplos como (2) também devem ser incluídos nesta categoria:

- (2) Denn sie hatte die Geldbörse vergessen.  
Pois ela tinha a carteira esquecido  
"Pois ela esquecera a carteira."

Apesar do verbo finito ocupar a terceira posição, esta frase é incluída no grupo de frases nucleares, com a justificativa de que a conjunção *denn* teria sido colocada antes da frase completa, em posição de  $V_2$ . A lista do Duden de frases com  $V_2$  inclui afirmativas (3a), frases introduzidas sem conjunção (3b), interrogativas com elemento *w-* (3c), interrogativas sem elemento *w-* (3d), frases exclamativas (3e) e que expressam um desejo, como em (3f), por exemplo (Drosdowski et al., 1984: 716):

- (3a) In diesem Jahr war der Winter zu warm.  
Em este ano era o inverno demais quente  
"O inverno este ano era quente demais."
- (3b) Ich glaube, er war dabei.  
Eu acredito, ele era junto  
"Eu acho que ele estava junto."

- (3c) Wann kommt ihr?  
Quando vêm vocês?  
*"Quando vocês vêm?"*
- (3d) Ihr kommt doch morgen?  
Vocês vêm (part) amanhã?  
*"Vocês vêm amanhã, não é?"*
- (3e) Du hast aber einen langen Bart!  
Tu tens (part) uma longa barba  
*"Que longa barba tu tens!"*
- (3f) Sie lebe hoch!  
Ela viva altamente  
*"Viva!"*

As frases com o verbo finito em posição inicial são chamadas de frases frontais (*Stirnsätze*), como a frase exclamativa (4a), a interrogativa objetiva (4b), a imperativa (4c), ou a "subordinada não-introduzida" (4d):

- (4a) War das eine Hetze!  
Era isso uma correria  
*"Que correria era!"*
- (4b) Kommt ihr morgen?  
Vêm vocês amanhã  
*"Vocês vêm amanhã?"*
- (4c) Tu das bitte!  
*"Faça isso por favor!"*
- (4d) Versagen die Bremsen, dann...  
Falham os freios, então ...  
*"Se os freios falharem, então ..."*

As frases com o verbo finito em posição  $V_{\text{final}}$  são denominadas frases estendidas (*Spannsätze*) por Duden (Drosdowski et al., 1984: 716). Além das subordinadas introduzidas por uma conjunção, como já citadas no exemplo (1c) acima e (5c) aqui, elas englobam frases exclamativas como em (5a) e frases com desejos não-realizáveis (5b):

- (5a) Wie schön das alles ist!  
Como bonito isso tudo é  
*"Como tudo isso é bonito!"*

(5b) Wenn er doch käme!  
Se ele (part) viesse  
"Se ele viesse!"

(5c) Ich bin sicher, daß sie kommt.  
Eu sou seguro, que ela vem.  
"Eu tenho certeza que ela vem."

O Duden acrescenta que nem sempre o verbo finito ocupa a última posição em frases deste tipo. Pode ocorrer uma exclusão de determinados elementos da VK (*Ausklammerung*) ou a antecipação do elemento finito, antes dos demais elementos verbais infinitos. De qualquer maneira, em todos estes casos, o verbo finito ocorreria em uma posição posterior à posição V<sub>2</sub>.

### II.1.1.2 Predicados analíticos

Antes de abordar o assunto das VK explicitamente, o Duden analisa a posição dos elementos predicativos em casos de predicados analíticos de uma forma que parece até evitar o assunto das VK. Já no início do parágrafo em questão chama a atenção a seguinte observação (Drosdowski et al., 1984: 717): "o predicado **pode** ser formado apenas pelo verbo finito, porém, **na medida que ocorrerem** uma forma infinita e/ou um adendo do verbo (*Verbzusatz*), ele **pode** ser composto de várias partes." (grifos MJW) Fica claro que, na melhor das hipóteses, a situação de ter grupos verbais descontínuos é apenas considerada uma opção, que pode ser encontrada empiricamente, mas está longe de ser o enfoque central da descrição. Outros detalhes da gramática do Duden indicam que a "norma" (no sentido de "normal", não de "normativo" – veja Weinrich, 1986: 116-118 sobre a dialética entre ambos os conceitos) é considerada o predicado sintético, com apenas o verbo finito, seja na frase nuclear, frontal ou estendida (na terminologia do próprio Duden). Assim, por exemplo, o Duden afirma que o verbo finito de um predicado analítico ocupa o **mesmo** lugar do verbo finito em predicados sintéticos (p. 717), enquanto os elementos predicativos não-finitos estariam no final da frase, ou, em casos de exclusões, em direção ao final da frase.

Sobre a ordem dos elementos predicativos não-finitos, o Duden menciona que o adendo do verbo (*Verbzusatz*) fica à esquerda do verbo infinito, e, com vários elementos infinitos, eles ficam tanto mais à direita quanto mais cedo se tornariam verbo finito em transformações com o objetivo de eliminar um elemento verbal. No caso das frases estendidas (*Spannsatz*), todas as partes do predicado ficam no final (ou perto do final, em casos de exclusão), sendo que o "adendo do verbo" ficaria mais para a esquerda. Como descrito acima, vale o mesmo princípio de que cada elemento mais para a direita determina os que estão à sua esquerda, sendo o verbo finito o mais para a direita

"normalmente". Esta ressalva faz-se necessária por causa da inversão do auxiliar em certas frases. O Duden aborda esta variante com uma regra de que o chamado "*Ersatzinfinitiv*" (infinitivo substituto), que ocorre em frases modais no pretérito perfeito (*Perfekt*), causaria a inversão, fazendo com que em frases estendidas o verbo finito ocorresse na periferia esquerda do grupo de elementos verbais do predicado, apesar de determinar os demais. Como veremos mais adiante, esta descrição é insuficiente.

A formulação destas regras, na verdade, já presume implicitamente mecanismos de transformação (e integração) de VK, como, por exemplo, descritos por Weinrich (1986 e 1993). Porém, a regra nem chega a tentar descrevê-los de forma explícita, deixando de lado quase como de propósito o princípio básico da formação de frases em alemão. Decorrente disso, as descrições deixam a impressão vaga de uma enumeração de observações pouco conectadas, relatando dados que parecem ser de certa forma resultados de fatores aleatórios e não de um princípio lógico forte inerente. Mesmo na seção que trata explicitamente da VK, o Duden restringe-se a algumas poucas constatações, quase secas, e não salienta a importância nem a enorme frequência desta estrutura. Assim, lemos na página 717 que em frases frontais (*Stirnsatz*) e nucleares (*Kernsatz*) os elementos verbais finitos e não-finitos formam uma *Satzklammer* que inclui os demais elementos da frase, com a exceção do elemento na posição inicial na frase nuclear. A posição inicial das frases frontais e estendidas estaria vazia e, com a exceção do predicado final (que forma a VK), todos os elementos poderiam ocorrer na posição inicial de uma frase nuclear, inclusive uma subordinada (*Nebensatz*) – antes denominada *Spannsatz* (cf. Drosdowski et al., 1984: 718). Muitas vezes, a posição inicial carregaria informação temática, enquanto o campo interno da VK (*Mittelfeld*) teria mais elementos remáticos.

Ao contrário do que afirma o Duden, o elemento final finito pode muito bem ocupar a posição inicial, como será mostrado mais tarde. Isso se deve justamente à função de topicalização desta posição privilegiada que o Duden apenas menciona como efeito colateral.

Com algumas observações sobre a exclusão, o Duden encerra a seção sobre os fenômenos deste trabalho (Drosdowski et al., 1984: 720). A exclusão serviria para evitar elementos predicativos isolados após frases inseridas, por exemplo, ou se usaria no caso de elementos com muito ou muito pouco peso informativo, mais frequentemente em enumerações, apostos e grupos preposicionais, quase nunca com actantes obrigatórios.

Mesmo que na tabela (p.723) que mostra a distribuição dos elementos do campo interno (*Mittelfeld*) apareça o paralelismo evidente entre frases com predicados analíticos e frases subordinadas, o Duden, mais uma vez, não chega a dedicar o espaço merecido a esta estrutura e concentra-se muito mais nas variações de posição dos elementos do campo interno (*Mittelfeld*), formado pela VK. Apenas indiretamente e de forma implícita aparece a função central das VK.

Pouco antes de encerrar este trabalho, o autor teve acesso à 6ª e mais recente edição da gramática Duden, de 1998, organizada por Peter Eisenberg, cuja gramática é revisada abaixo. A 6ª edição cresceu em 100 páginas em relação à 4ª, acima discutida, porém, traz pouquíssimas inovações a respeito do assunto desta pesquisa. A mais saliente é que a postura criticada dois parágrafos aqui acima, de não admitir o paralelismo entre a VK na frase nuclear e na frase estendida, apenas tendo um elemento conjuncional etc. na posição que abre a VK e o verbo finito como seu fecho, foi finalmente revisada, acrescentando uma meia página com uma tabela, mencionando que, em subordinadas relativas – frases pronominais (*Pronominalsätze*) na nova terminologia – o elemento que abre a VK estaria vazio, como mostra o exemplo (5d) e (5f). Como argumento a favor desta descrição, o Duden (Eisenberg et al., 1998: 818) cita frases das variações dialetais ou coloquiais do sul da Alemanha, onde além do elemento relativo, uma conjunção é inserida para abrir a VK de forma mais implícita, como em (5e) e (5g):

(5d) Das ist das Buch, das Ø mir der Buchhändler empfohlen hat.  
Isso é o livro que Ø mim o livreiro recomendado tem  
"Este é o livro que o livreiro me recomendou."

(5e) Das ist das Buch, das wo mir der Buchhändler empfohlen hat.  
Isso é o livro que onde mim o livreiro recomendado tem  
"Este é o livro que o livreiro me recomendou."

(5f) Ich frage mich, welches Buch Ø ich wählen soll.  
Eu pergunto me qual livro Ø eu escolher devo  
"Eu me pergunto qual dos livros devo escolher."

(5g) Ich frage mich, welches Buch daß ich wählen soll.  
Eu pergunto me qual livro que eu escolher devo  
"Eu me pergunto qual dos livros devo escolher."

Esta descrição é única entre todas as gramáticas de referência aqui revisadas. Infelizmente, o Duden apenas coloca os exemplos, porém nem justifica ou discute a sua análise inédita.

Resumindo, o Duden não descreve a VK como central para o alemão e nem chega a enquadrar todos os fenômenos da VK em uma descrição consistente, apesar do paralelismo gritante entre as tabelas para predicados analíticos e "orações subordinadas".

## II.1.2 Helbig & Buscha

Enquanto a gramática da editora Duden tem como abordagem teórica subjacente a análise de constituintes, Gerhard Helbig e Joachim Buscha são pioneiros da gramática de valências e dependências verbais. Sua gramática foi publicada inicialmente em 1970 e revisada em 1984 e 1986, na antiga Alemanha Oriental, pela editora Enzyklopädie, e desde então é uma das obras de referência sobre o assunto. Para este trabalho, foi consultada a 19ª edição de 1999, pela editora Langenscheidt / Verlag Enzyklopädie. Como no caso do Duden, Helbig & Buscha abordam as VK dentro de um capítulo sobre a ordem dos elementos na frase (*Satzgliedstellung*). Entre os fatores que determinam a ordem dos elementos, Helbig & Buscha (1999: 564) contam condições de natureza sintática (tipo de frase), morfológica (classe de palavras) e pragmática (topicalização e ênfase). Os autores diferenciam três tipos de posição verbal ( $V_2$ ,  $V_{inicial}$ , e  $V_{final}$ ). De forma semelhante ao Duden, eles atribuem certos tipos de frases a estes modelos topológicos. Assim, frases afirmativas, subordinadas objeto e sujeito não-introduzidas e perguntas com elemento *w-* caem no primeiro tipo, perguntas objetivas, frases imperativas, certas subordinadas não-introduzidas e frases principais em posição posterior no segundo, com o terceiro formado pelas "subordinadas" introduzidas por conjunções.

### II.1.2.1 "Moldura verbal" constitutiva para a frase

Na página 564 lemos que o tipo topológico de frase determina a posição do verbo finito e dos demais elementos do predicado e que do conjunto destas regras resulta a "moldura verbal" (*verbaler Rahmen*) da frase. Com o termo moldura verbal, que é sinônimo à expressão VK usada neste trabalho, a VK é colocada desde o início com a sua função constitutiva para a frase. Os elementos predicativos não-finitos são chamados de *Prädikatsteile* (partes do predicado) e diferenciados entre partes gramaticais do predicado, infinitivos e participios, e partes lexicais do predicado, partículas e outros complementos do grupo verbal, tais como advérbios, adjetivos predicativos, substantivos, grupos preposicionais e outros. Mais tarde veremos que Harald Weinrich retoma e diversifica esta classificação, sem citar Helbig & Buscha explicitamente. Um pouco mais adiante (Helbig & Buscha, 1999: 566-569), os autores elaboram e reforçam esta

abordagem na seção que trata explicitamente das VK (moldura verbal, na terminologia deles). Assim, eles constatam que, causado pela posição descontínua do verbo finito e das demais partes do predicado no tipo 1 e 2, forma-se uma moldura verbal (também chamado de *Satzklammer*) na qual os elementos não-predicativos da frase são incluídas. No sentido restrito, eles não admitem uma moldura verbal para o tipo 3 ( $V_{\text{final}}$ ), pois todas as partes do predicado encontram-se de forma adjacente no final da frase. Porém, mesmo assim, eles consideram que o elemento que introduz este tipo (conjunção, pronome, advérbio) age como elemento inicial da moldura verbal, fechada pelo grupo predicativo, na posição  $V_{\text{final}}$  (Helbig & Buscha, 1999: 567).

Por um lado, então, eles afirmam explicitamente, embora de uma maneira um pouco cautelosa, que a VK é básica para a frase alemã ("*Die Rahmenbildung kann als ein Grundprinzip des deutschen Satzes gelten.*" – A formação de uma moldura pode ser considerada como um dos princípios básicos da frase alemã. p. 567). Ao mesmo tempo, porém, restringem a validade desta observação: "*Es ist jedoch nicht immer klar, wann von einem Rahmen zu sprechen ist.*" (Nem sempre, porém, está claro quando deve-se falar de uma moldura.) Eles atribuem esta incerteza ao fato que, em muitos casos, o elemento que fecha a moldura não é um elemento verbal. Em seguida listam quais podem ser estes elementos: particípio II e infinitivo nas formas verbais analíticas da passiva (6a) e do futuro I (6b), infinitivo com verbos modais (6c) e semelhantes (6d), partículas separáveis preposicionais (6e) e nominais (6f) dos chamados verbos separáveis, substantivos (6g) e adjetivos (6h) com função predicativa com verbos cópula, advérbios e grupos preposicionais obrigatórios com verbos direcionais (6i), grupos nominais como parte de grupos de verbos funcionais (*Funktionsverbgefüge*) em (6k) e (6l) e a negação frasal com *nicht* (não), no exemplo (6m).

- (6a) Er **wurde** von Freunden nach dem Befinden seiner Frau **gefragt**.  
 Ele tornou-se de amigos após o estar sua(gen) mulher perguntado  
 "*Ele foi perguntado por amigos como sua mulher estava.*"
- (6b) Ich **werde** morgen wegen meiner Erkältung zum Arzt **gehen**.  
 Eu tomar-me-ei amanhã por causa meu(gen) resfriado ao médico ir  
 "*Irei ao médico amanhã por causa do meu resfriado.*"
- (6c) Du **solltest** dir unbedingt den neuen sowjetischen Film **ansehen**.  
 Tu deverias ti absolutamente o novo soviético filme olhar  
 "*Tu deverias assistir o novo filme soviético sem falta.*"
- (6d) Sie **scheint** den Mann schon von früher zu **kennen**.  
 Ela parece o homem já de antigamente (inf) conhecer  
 "*Ela parece conhecer o homen de antes.*"

- (6e) Er **las** die Geschichte den Kindern an einem Abend **vor**.  
 Ele leu a história as crianças em uma noite diante  
 "Ele leu a história para as crianças em uma noite."
- (6f) Er **fährt** wegen seiner Knieverletzung nicht **Rad**.  
 Ele anda por causa sua(gen) lesão de joelho não bicicleta  
 "Por causa de sua lesão de joelho, ele não anda de bicicleta."
- (6g) Er **wird** wegen seines Herzfehlers nicht **Soldat**.  
 Ele torna-se por causa seu(gen) defeito cardíaco não soldado  
 "Por causa de seu defeito cardíaco ele não vai se tornar soldado."
- (6h) Sie **ist** wahrscheinlich schon seit einiger Zeit nicht ganz **gesund**.  
 Ela é provavelmente já há algum tempo não totalmente saudável  
 "Provavelmente já há algum tempo, ela não está completamente bem de saúde."
- (6i) Ich **komme** wegen dringender Arbeiten nur selten **dorthin/ins Kino**.  
 Eu venho por causa urgentes trabalhos só raro lá/ao cinema  
 "Por causa de trabalhos urgentes raras vezes vou lá/ao cinema."
- (6k) Mit dem Experiment **stellte** der Kandidat seine Thesen **unter Beweis**.  
 Com o experimento pôs o candidato suas teses sob prova  
 "Com o experimento, o candidato provou suas hipóteses."
- (6l) Sie **findet** bei ihren Kolleginnen immer **Unterstützung**.  
 Ela encontra em suas colegas sempre apoio  
 "Ela sempre encontra apoio em suas colegas."
- (6m) Er **besuchte** den Lehrer trotz der Einladung **nicht**.  
 Ele visitou o professor apesar do convite não  
 "Ele não visitou o professor, apesar do convite."

### II.1.2.2 Prova de permutação como critério de elementos constitutivos para uma VK (negação frasal)

Helbig & Buscha não mencionam o critério que os leva a considerar um elemento como constitutivo para a moldura na lista acima aparentemente, porém, são provas de permutação que indicam que estes elementos não podem ser colocados em outras posições, sem alterar o significado da frase. Assim, podemos verificar a função constitutiva para uma moldura verbal (VK) no caso do último exemplo (6m), aqui repetido como frase inicial (7), a negação frasal por *nicht* (não). À primeira vista poderia parecer um caso à parte, não relacionado à moldura verbal (VK). Como vemos abaixo, todas as alterações da posição do elemento de negação *nicht* resultam ou em frases agramaticais ou questionáveis (7a), (7b), (7d), (7f) e (7h), em mudanças do foco de negação com alteração significativa do conteúdo do enunciado (7a), (7c) e (7g), ou em combinações



destes. Há ainda a possibilidade de surtir uma exclusão da VK (7e), que, de certa forma, apenas confirma a VK formada, pois sem ela não seria possível excluir algo dela com o resultado de uma ênfase no elemento excluído. Frases marcadas abaixo com + expressam um conteúdo diferente da frase inicial (7) que é idêntica a (6m), acima.

- (7) Er **besuchte** den Lehrer trotz der Einladung **nicht**.
- (7a) Nicht er **besuchte** den Lehrer  $\emptyset$  ?trotz der Einladung. +  
*"Não ele visitou o professor apesar do convite."* ❖
- (7b) \*Er nicht **besuchte** den Lehrer  $\emptyset$  trotz der Einladung.  
*"Ele não visitou o professor apesar do convite."* ❖
- (7c) Er **besuchte** nicht den Lehrer  $\emptyset$  trotz der Einladung. +  
*"Ele visitou não este professor apesar do convite."* ❖
- (7d) ?Er **besuchte** den nicht Lehrer  $\emptyset$  trotz der Einladung. +  
*"Ele visitou o não professor apesar do convite."* ❖
- (7e) Er **besuchte** den Lehrer **nicht**, trotz der Einladung.  
 Ele visitou o professor não apesar do convite  
*"Ele não visitou o professor, apesar do convite."* ❖
- (7f) ?Er **besuchte** den Lehrer  $\emptyset$ , trotz nicht der Einladung. +  
 Ele visitou o professor apesar não este convite  
*"Ele visitou o professor, apesar de não (ter) este convite."* ❖
- (7g) Er **besuchte** den Lehrer  $\emptyset$ , trotz der nicht Einladung. +  
*"Ele visitou o professor apesar do não convite."* ❖
- (7h) ?Nicht **besuchte** er den Lehrer  $\emptyset$ , trotz der Einladung.  
 Não visitou ele o professor apesar do convite  
*"Não visitou ele o professor, apesar do convite."* ❖

Todas as frases marcadas com + mostram uma outra VK: **besuchte -  $\emptyset$** , em vez de **besuchte - nicht**. No capítulo III.2.1 o elemento  $\emptyset$  como elemento final da VK será introduzido e justificado. A única exceção é a frase (7h), onde o elemento final da VK, a partícula de negação frasal **nicht**, está topicalizado / enfatizado no campo anterior, o que, aliás, não parece muito aceitável, pois **nicht** normalmente é um determinador que exige a sua base em adjacência direita, exceto na situação de elemento final da VK, em função de negação frasal. Decorrente desta mudança na VK básica da frase, das seis frases resultantes da permutação do elemento de negação mais ou menos gramaticais, quatro invertem a afirmação básica do enunciado. Ou seja, na frase original (7) não havia nenhuma visita, mas em duas das frases novas na série (7a) a (7h) outro professor é visitado e em duas até o mesmo professor. Mesmo se a variante (7d) fosse considerada aceitável (Ele

visitou o não-professor... ), a frase resultante teria um certo problema de ordem lógica, pois apenas um contexto muito especial poderia explicar que alguém visita uma pessoa apesar do convite. Apenas a presunção que normalmente não se visita uma pessoa quando se recebe um convite poderia consertar este problema. A mesma consideração vale para (7a), onde a mudança da posição do elemento de negação resulta em outro foco de negação, (não **este** professor), porém, pela restrição posterior (apesar do convite) a frase torna-se um tanto questionável. Há mais dois fatos interessantes a serem observados: primeiro, a única ordem 100% agramatical em alemão é (7b) que reproduz de forma fiel a ordem normal desta frase em português.

Para poder comparar com uma VK inquestionável, as mesmas provas de permutação serão feitas agora com uma frase equivalente à (6m), apenas usando uma VK modal com *wollen* (querer), e mudando a preposição *trotz* (apesar), que não faz sentido sem a negação, para *nach* (depois). A frase inicial para esta série seria, então:

- (8) Er **wollte** den Lehrer nach der Einladung **besuchen**.  
 Ele quis o professor depois do convite visitar  
*"Ele quis visitar o professor depois do convite."* ❖

Aqui as permutações em analogia à serie (7):

- (8a) \*Besuchen er wollte den Lehrer nach der Einladung.  
*"Visitar ele quis o professor depois do convite."* ❖
- (8b) \*Er besuchen wollte den Lehrer nach der Einladung.  
*"Ele visitar quis o professor depois do convite."* ❖
- (8c) \*Er wollte besuchen den Lehrer nach der Einladung.  
*"Ele quis visitar o professor depois do convite."* ❖
- (8d) \*Er wollte den besuchen Lehrer nach der Einladung.  
*"Ele quis o visitar professor depois do convite."* ❖
- (8e) Er **wollte** den Lehrer **besuchen**, nach der Einladung.  
*"Ele quis o professor visitar depois do convite."* ❖
- (8f) \*Er wollte den Lehrer nach besuchen der Einladung.  
*"Ele quis o professor depois visitar do convite."* ❖
- (8g) \*Er wollte den Lehrer nach der besuchen Einladung.  
*"Ele quis o professor depois do visitar convite."* ❖
- (8h) Besuchen **wollte** er den Lehrer  $\emptyset$  nach der Einladung.  
*"Visitar quis ele o professor depois do convite."* ❖

Por um lado, o resultado acima mostra que há diferenças enormes entre a partícula de negação *nicht* e o infinitivo *besuchen*, como não era de se surpreender. A partícula de negação pode pré-determinar praticamente todos os elementos da frase, embora modificando o significado, enquanto o infinitivo tem apenas três posições possíveis, como mostram as variantes (8), (8e) e (8h). Não por acaso, as três são determinadas pela VK da qual este infinitivo faz parte: a posição  $V_{\text{final}}$ , em (8) e em (8e), onde temos uma exclusão do grupo preposicional (*nach der Einladung*), e a posição inicial, aberta pela posição  $V_2$ , onde o infinitivo que seria o elemento final recebe o destaque de topicalização ou ênfase máxima, aberta pela VK, não obstante ao fato de ser parte dela. Duas observações laterais: das três serializações corretas em português duas são agramaticais em alemão, apenas em (8h) as duas línguas coincidem na ordem.

O que sugerem, porém, os resultados das provas de permutação em (7) e (8) para julgar a questão se a partícula de negação *nicht* forma uma VK (ou moldura verbal, na terminologia de Helbig & Buscha)? Apesar das muitas diferenças devidas à função semântica diferente dos dois elementos (*nicht* vs. *besuchen*), há coincidências que sugerem a formação de uma VK pelo elemento de negação frasal. Descontando as frases com significado desviante da frase original de cada série de permutações (marcadas com + acima), podemos constatar que *nicht* e *besuchen* comportam-se de forma igual, formando frases gramaticais sinônimas apenas nas versões (e) e (h), além das frases iniciais (7) e (8). Apenas em (7h) e (8h) há uma divergência. (7h) pode ser considerada de gramaticalidade questionável, pois apenas com uma ênfase contextual e/ou prosódica a antecipação do elemento de negação pode ocorrer, enquanto o tipo de ênfase de (8h) é corriqueiro. Mesmo assim, é possível achar contextos onde (7h) pode ocorrer. A frase (7e) onde *nicht* separa o campo interno (*Mittelfeld*) do campo posterior (*Nachfeld*) é um argumento muito forte a favor da função de constituir uma VK. Também os critérios funcionais de Weinrich (veja capítulo II.3.3.2) para o pós-verbo (marcado principalmente pelo teor semântico, não sintático) aplicam-se de forma clara para o elemento de negação frasal *nicht* como está sendo investigado aqui. Por isso, o presente trabalho inclui o tipo de VK de negação na sua análise.

### ***II.1.2.3 A ordem dos elementos do complexo verbal e o conceito de proximidade sintática (Syntaktische Verbnähe)***

A integração de várias "molduras verbais" em uma única frase, segundo os autores, ocorre determinada por regras definidas pela "proximidade sintática" dos elementos com o verbo finito. O conceito de integração de VK é um ponto chave do modelo a ser proposto mais tarde por este trabalho. Conforme a abordagem teórica dos autores (gramática de valências), a citada

proximidade sintática (*Syntaktische Verbnähe*) é definida principalmente pelas relações de valência e outras relações de determinação e dependência entre os elementos e entre os elementos e o verbo (Helbig & Buscha, 1999: 567 e 569). Os elementos com a maior proximidade sintática ocupariam a maior distância topológica do verbo finito. Quanto maior a distância sintática do verbo finito, mais próximo em termos topológicos um elemento estará do verbo finito. Para ilustrar, os autores colocam o seguinte exemplo:

- 0      4      3      2            1
- (9) Er hat damals nicht in Dresden gewohnt.  
 Ele tem então não em Dresden morado  
 "Na época, ele não morou em Dresden."

Seguindo a definição acima, o particípio *gewohnt* que fecha a VK (moldura verbal) é o elemento sintaticamente mais próximo ao verbo finito, o auxiliar *hat*, e ocupa a posição topológica mais distante dele. O grupo preposicional *in Dresden* é exigido pela valência do verbo *wohnen* (morar), por isso, este actante obrigatório ocupa o segundo lugar mais distante, topologicamente. A negação é relacionada de maneira menos forte ao verbo. Por um lado, não é exigida pela valência, por outro lado modifica todo grupo verbal até este ponto (*hat in Dresden gewohnt*). O advérbio temporal *damals*, por último, é o elemento mais dispensável e assim menos sintaticamente próximo do verbo finito. Por isso, ele ocuparia o lugar adjacente ao verbo finito, segundo a regra formulada por Helbig & Buscha.

Por um lado, esta observação parece coincidir com molduras verbais (VK) convencionais, e pode fornecer uma explicação para o fato inusitado de ter uma descontinuidade por vezes tão significativa entre o verbo finito e seus complementos verbais infinitos, sem rompimento da expectativa aberta pelo elemento verbal inicial. Porém, a regra *proximidade sintática = distância topológica* falha totalmente nas situações de exclusões da moldura verbal, na inversão do verbo auxiliar em alguns casos ou na topicalização do elemento final, como mostrado em (7h) acima, por exemplo. A regra de Helbig & Buscha parece ser mais uma observação empírica do que uma regra ativa na formação de frases. O seu valor, como indicado, está no uso da abordagem da gramática de valências para explicar o fato notável que algumas molduras verbais (VK) podem ser muito extensas, com um número surpreendente de elementos incluídos. A "lei da proximidade sintática" de Helbig & Buscha fornece uma explicação sintática convincente para a grande força adesiva entre os dois pólos da VK. Ela não deve ser, porém, vista como a causa para a formação de VK, ao contrário do que os autores afirmam. Mais tarde este trabalho tentará analisar quais funções comunicativas podem ser interpretadas como causas para a VK da língua alemã. A observação da

proximidade sintática feita por Helbig & Buscha pode, porém, ajudar a explicar porque as VK extensas são possíveis. Em outras palavras, esclarece porque a ligação entre os dois pólos descontínuos da VK não se rompe mesmo com distâncias topológicas consideráveis. Com certeza, as relações estreitas de determinação e de valência citadas por Helbig & Buscha contribuem de forma central para a força coesiva das VK.

As regras para a posição dos elementos verbais infinitos (se ocorrer mais de um), segundo Helbig & Buscha (1999: 568), podem ser verificadas pela ordem de possíveis transformações dos elementos infinitos em verbo finito. A última posição dos elementos verbais infinitos seria sempre ocupada pelo elemento que pode tornar-se finito antes dos demais. Os autores usam a seguinte visualização para efeitos de demonstração desta regra, que valeria para todos os tipos de frases acima mencionados:

- (10) Er hat ihn kommen lassen 

wollen.
querido

  
 Ele tem o vir deixar  
 "Ele quiz fazê-lo vir."
- Er will ihn kommen 

lassen.
deixar

  
 Ele quer o vir  
 "Ele quer fazê-lo vir."
- Er lässt ihn 

kommen.
vir.

  
 Ele deixa o  
 "Ele o faz vir."
- Er kommt.  
 "Ele vem."

Mais adiante veremos que este princípio faz ainda mais sentido quando usado no sentido inverso, como por exemplo aplicado por Weinrich, para explicar a hierarquia de integração entre molduras verbais.

#### II.1.2.4 A exclusão de elementos da moldura verbal para o campo posterior (Ausrahmung)

A respeito da exclusão de elementos da moldura verbal, chamada de *Ausrahmung* ("demolduração"), Helbig & Buscha consideram que motivos gramaticais e estilísticos são os responsáveis. O critério para diferenciar entre os dois casos não é muito consistente, como veremos abaixo. Exclusões já gramaticalizadas e marcadas como normais, segundo Helbig & Buscha (1999: 568), seriam comparativos usados com os conectores *wie* (como) e *als* (que), como nos exemplos

(11a) a (11d), em frases "subordinadas" (12a) a (12e) e em complementos infinitivos simples e expandidos (13a), (13b) e (13c).

(11a) Später **ist** er genauso stark **geworden** wie sein Bruder.  
Depois é ele tão forte tornado-se como seu irmão  
*"Depois ele tornou-se tão forte quanto seu irmão."* ❖

(11b) Später **ist** er genauso stark wie sein Bruder **geworden**.  
Depois é ele tão forte como seu irmão tornado-se  
*"Depois ele tornou-se tão forte quanto seu irmão."* ❖

(11c) Das **hat** mehr **gekostet** als letztes Mal.  
Isso tem mais custado que outra vez  
*"Isso custou mais que da outra vez."* ❖

(11d) Das **hat** mehr als letztes Mal **gekostet**.  
Isso tem mais que outra vez custado  
*"Isso custou mais que da outra vez."* ❖

Nos exemplos acima vemos, ao contrário de que Helbig & Buscha sugerem, que a exclusão não é obrigatória e sim apenas uma variante que pode dar uma ênfase maior ao grupo comparativo, como mostram (11b) e (11c), construídos em analogia. Em casos onde os grupos comparativos introduzidos por *wie* e *als* são muito extensos, a exclusão pode tornar-se mais adequada, para não dificultar o processamento. Esta consideração é ainda mais válida para "frases subordinadas", que, em princípio, podem ser incluídas na "moldura verbal", como inseridas, mas encontram limites de processamento. Adicionalmente pode ocorrer o agravante que apenas um elemento verbal final feche uma "moldura verbal" depois de uma subordinada inserida relativamente longa. O resultado é desvantajoso, pois a VK torna-se mais difícil para ser processada. Nas publicações, às vezes, este efeito é chamado *Nachklappen des Verbs* (bater tardio do verbo), assim, por exemplo na 6ª edica da *Duden-Grammatik* (Eisenberg et al., 1998: 820).

(12a) Wir **sind**, weil das Wetter so schlecht war, gestern nicht ans Meer **gefahren**.  
Nós somos porque o tempo tão ruim era ontem não ao mar dirigido  
*"Nós não fomos ao mar ontem, porque o tempo estava muito ruim."* ❖

(12b) \*Er **hat**, daß das Wetter so schlecht war, **gejammert**.  
Ele tem que o tempo tão ruim era lamentado  
*"Ele lamentou que o tempo estava tão ruim."* ❖

(12c) Er **hat gejammert**, daß das Wetter so schlecht war.  
Ele tem lamentado que o tempo tão ruim era  
*"Ele lamentou que o tempo estava tão ruim."* ❖

(12d) ?Heute **habe** ich mit dem Mann, den wir gestern gesehen haben, **gesprachen**.  
Hoje tenho eu com o homem que nós ontem visto temos falado  
"Hoje eu falei com o homem que nós vimos ontem." ❖

(12e) Heute **habe** ich mit dem Mann **gesprachen**, den wir gestern gesehen haben.  
Hoje tenho eu com o homem falado que nós ontem visto temos  
"Hoje eu falei com o homem que nós vimos ontem." ❖

Os exemplos (12a) a (12e) ilustram bem a situação. Em (12a) a relativa inserida tem o mesmo tamanho da subordinada em (12b). A primeira frase é aceitável porque antes do particípio infinito (*gefahren*) ocorrem três outros elementos, ao contrário da segunda, onde apenas o particípio segue a subordinada. Em casos de ter apenas um elemento depois da "subordinada" para fechar a moldura verbal, a exclusão da "subordinada" é mais do que indicada, na grande maioria das vezes. A situação de "subordinadas" inseridas é bastante freqüente no caso de subordinadas relativas. Mas mesmo neste momento, a exclusão é preferível, porém não é obrigatória. A frase (12d) seria tanto mais aceitável quanto mais elementos além do particípio *gesprachen* constarem depois da relativa e antes dele, ou quanto menos elementos a frase relativa inserida tiver.

(13a) Es **hat** zu regnen **aufgehört**.  
Impess. tem (inf) chover parado  
"Parou de chover." ❖

(13b) Es **hat aufgehört** zu regnen.  
Impess. tem parado (inf) chover  
"Parou de chover."

(13c) Er **ist weggefahren**, ohne sich zu verabschieden.  
Ele é partido sem se (inf) despedir  
"Ele partiu sem despedir-se."

Segundo Helbig & Buscha (1999: 568), a frase (13a) seria marcada como exceção, pois a descrição dos autores trata complementos infinitivos do verbo como exclusão já gramaticalizada, com posição normal (*Normalstellung*) fora da moldura verbal, como mostra seu exemplo (13b). Em frases como (13a), porém, trata-se de uma variante opcional absolutamente normal; portanto, a classificação como exceção não é adequada. Como critério para a exclusão por motivos estilísticos, Helbig & Buscha nomeiam a tentativa de colocar maior ênfase no grupo excluído, e a intenção do falante ou escritor de evitar problemas para a inteligibilidade da frase. Como a frase (13c) mostra, este segundo motivo é o que causa a exclusão da moldura verbal (VK), pois a possível variante com o particípio *weggefahren* em posição final poderia ser menos facilmente compreensível, e, com certeza, seria menos aceitável em termos estilísticos. Aparentemente, Helbig & Buscha estão

misturando os critérios para as duas categorias de exclusão antes propostas, pois (13c) era um exemplo dado para a exclusão já gramaticalizada (op. cit., 569), e não por motivos estilísticos.

Resumindo, podemos constatar que Helbig & Buscha consideram a VK constitutiva e básica para a frase. Eles não incluem as chamadas frases subordinadas neste conceito. A tentativa de análise da ordem de frase com o conceito de proximidade sintática não parece suficiente para explicar a VK em si, porém pode contribuir para descrever a ordem dentro do complexo verbal.

### II.1.3 Schulz & Griesbach

A "Gramática da Língua Alemã" (*Grammatik der deutschen Sprache*) de Dora Schulz e Heinz Griesbach foi publicada pela primeira vez em 1960 e logo tornou-se uma obra de referência importante, principalmente para o ensino de alemão como língua estrangeira, com muitas reedições subsequentes (as referências aqui dadas referem-se à 11ª edição de 1984). Como eles se baseiam na abordagem teórica da FSP (*Funktionale Satzperspektive*), inicialmente desenvolvida em 1929 por V. Mathesius da Escola de Praga para o inglês (veja capítulo I.4.1.3), os autores dão bastante espaço à descrição de estruturas relacionadas com o fenômeno central deste trabalho, a VK. O interesse central de Schulz & Griesbach, portanto, não são os elementos verbais que delimitam os campos topológicos da frase alemã, e sim o conteúdo e a distribuição de elementos dentro deles. Assim, eles dedicam muito esforço para a descrição detalhada de todas as variações posicionais dentro dos campos mais importantes da frase em alemão. Porém, desta maneira, embora de forma indireta, a VK acaba recebendo uma presença maior na obra citada (e na continuação dela por Heinz Griesbach, após o falecimento de Dora Schulz – cf. Griesbach, 1986), comparando com outras gramáticas de referência, como por exemplo, o prestigiado Duden.

#### II.1.3.1 Teoria de campos funcionais e bipolaridade verbal

Depois de uma rápida menção indireta, no contexto da seção "verbos compostos" do segundo capítulo – "O verbo" (cf. Schulz & Griesbach, 1984: 29), onde eles introduzem os "verbos compostos com adendos verbais não-fixos" (*zusammengesetzte Verben mit unfesten Verzusätzen*), a VK é tratada no penúltimo capítulo, sobre "A construção de frase" (*Der Satzbau*). Inicialmente, Schulz & Griesbach constatam que a posição dos elementos na frase é determinada basicamente pelo seu valor informativo (*Mitteilungswert*), sendo que o elemento com o valor informativo mais alto tenderia a aparecer mais no final da frase. Como eles salientam, este "valor informativo" dos



elementos é relativo e depende extremamente do contexto concreto de uma frase / um enunciado (Schulz & Griesbach, 1984: 389). Para os autores, a frase afirmativa alemã desenrola-se a partir do elemento de contato (*Kontaktglied*) ou de referência (*Bezugsglied*), passando pelo primeiro elemento predicativo (que define pessoa, número e tempo verbal), para chegar nos demais actantes e complementos até ao segundo elemento predicativo e ao complemento verbal na posição  $V_{\text{final}}$  (que define a ação / o estado descritos na oração).

Para frases chamadas de subordinadas vale a mesma estrutura, apenas que no lugar do primeiro elemento predicativo entraria um elemento de conexão (*Verbindungsteil*). Para ambas as estruturas de frases, a informação já conhecida (o tema), que faz a conexão com a(s) frase(s) anterior(es), precede a informação nova, o rema (Schulz & Griesbach, 1984: 389-390). Com esta observação como premissa, eles chegam a determinar que a frase alemã tem um "padrão de construção de frases peculiar, que difere eminentemente da maioria das outras línguas" (op. cit., p. 390 – "*eine dem Deutschen eigentümliche Satzbauforn, die sich von den Satzbaufornen der meisten anderen Sprachen erheblich unterscheidet.*"). O característico deste padrão para eles é a **bipolaridade do predicado**. Segundo os autores, com isso o predicado recebe, além das suas funções de transportar conteúdo semântico, uma função formal importante, a saber, a de incorporar a maioria dos elementos da frase. Os elementos (descontínuos) do predicado formam a estrutura básica (*Grundgerüst*) para a frase alemã e constituem os três campos característicos da frase: *Satzfeld*, *Vorfeld* e *Nachfeld* (campo da frase, campo anterior e campo posterior, na terminologia de Schulz & Griesbach, 1984: 390). Em algum momento de sua descrição, os autores referem-se a esta estrutura como *Satzrahmen* (moldura da frase), porém sem abordar a estrutura diretamente como tal (op. cit., p. 405).

### II.1.3.2 Prioridade para o *Satzfeld* (campo da frase)

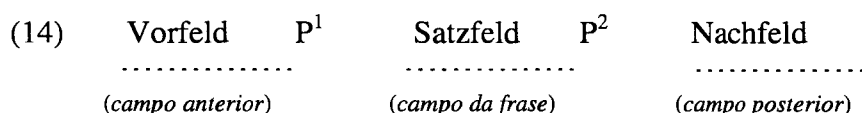
Esta terminologia já indica qual dos campos recebe a atenção principal dos autores: o *Satzfeld* (por outros autores mais corretamente chamado de *Mittelfeld* – campo do meio ou campo interno). Para Schulz & Griesbach, ele é o campo da frase, o campo anterior e posterior são de certa maneira secundários, pois a função deles é "apenas" fazer a conexão com a frase anterior (o campo inicial ou *Vorfeld*) e receber complementos não-obrigatórios (no caso do campo posterior ou *Nachfeld*). Ao *Satzfeld*, os autores dedicam a maior atenção, como veremos. Inclusive, eles introduzem primeiro todos os tipos de frases com o verbo em posição  $V_{\text{inicial}}$ , onde apenas ocorre o *Satzfeld*, sem *Vorfeld* nem *Nachfeld*. Assim, os autores reforçam a impressão que este campo é o mais

importante e, indiretamente, as frases com os dois demais campos são apresentadas como variações da primeira. Eles dão exemplos de frases análogas às citadas por Duden – veja exemplos (4a) a (4d) acima. Não há necessidade de reproduzi-las aqui.

Depois das frases com o verbo em primeira posição, os autores descrevem as "frases subordinadas", onde o campo anterior tampouco existe de forma clássica, pois as subordinadas podem ocorrer de forma inicial ao período, ou, quando são pós-postas, o que está na frente é a chamada oração principal. Como à "oração principal" é atribuído um valor próprio muito alto e independente, Schulz & Griesbach conseguem mostrar a chamada oração subordinada como modelo de frase sem campo anterior. Só depois das subordinadas eles tratam de frases onde ocorre um campo anterior (*Vorfeld*).

Por um lado, esta ordem de apresentação, como já foi mencionado, salienta apenas indiretamente a função constitutiva dos dois elementos predicativos para o campo interno (chamado "campo da frase" por Schulz & Griesbach), como veremos abaixo, onde os autores entram em detalhes da descrição da composição do *Satzfeld* em si. Para usar uma analogia, é como se eles focalizassem apenas as ordenações possíveis das peças de roupa penduradas na linha do varal, sem dedicar nenhuma atenção aos dois postes que esticam a linha, que eles tomam como premissa tão inquestionável que nem consideram necessário entrar nos detalhes de sua descrição ou do seu mérito constitutivo para toda a estrutura da frase. Por outro lado, o peso exagerado que o *Satzfeld* recebe faz com que os autores percam uma possibilidade importante para descrever a integração de orações na língua alemã.

Não obstante a isso, todas as frases, seguem, em princípio, o modelo (14), mesmo que o campo anterior e/ou posterior ou a posição P<sup>2</sup> estejam vazios:



Segundo Schulz & Griesbach (1984: 390), então, o *Satzfeld* é delimitado pelos dois elementos do predicado. O elemento finito do predicado forma o P<sup>1</sup> e o elemento que determina o significado (*sinngebender Prädikatsteil*) o P<sup>2</sup> (op. cit., p. 390). Se o predicado, por razões formais, incluir apenas um único elemento verbal, a posição P<sup>2</sup> permanece vazia, porém entra em ação na hora que este verbo formar um predicado analítico. O modelo (14) inclui também as frases subordinadas, apenas o P<sup>1</sup> é substituído por um V (elemento de conexão – *Verbindungsteil*) e o P<sup>2</sup> recebe o



- (16e) Ich finde diesen Roman *interessant*.  
 "Eu acho este romance *interessante*."

Como os autores constatarem, o complemento do predicado pode ocupar a posição que fecha a frase, como em (16d) e (16e). Evidentemente, porém, o conceito de complemento do predicado está sendo usado sem a necessária precisão e uma parte dos citados complementos do predicado são actantes normais do verbo (16b), outros complementos não-obrigatórios da frase (16d), outros fazem parte do predicado em si, como em (16c) ou (16e). Falta uma segurança conceptual maior que poderia ser alcançada mediante o uso de um embasamento mais firme neste sentido, como por exemplo a Gramática de Valências. Depois, chama a atenção como Schulz & Griesbach percebem, por um lado, o paralelismo entre todas as posições verbais do alemão ( $V_{inicial}$ ,  $V_2$  e  $V_{final}$ ), e, por outro lado, não chegam a enquadrar o fenômeno em toda a sua extensão, devido à escolha do seu enfoque principal e limitações impostas pelas premissas de uma descrição sintática que se apóia na divisão dos tipos de frases em "principal / subordinada".

### II.1.3.3 Serialização dentro do Satzfeld

No seu detalhamento da composição do *Satzfeld*, Schulz & Griesbach primeiro diferenciam elementos pronominais e nominais que ocupam funções sintáticas básicas, como sujeito (S), objeto direto acusativo (Oa) e dativo (Od), sendo que letras minúsculas identificam as formas pronominalizadas e a barra ( / ) divide a área de contato da área de informação. Com isso, o esquema (15) recebe a seguinte primeira diversificação (cf. Schulz & Griesbach, 1984: 399):

$$(17) \quad P^1 (V) - s - oa - od - / - S - Od - Oa - E - P^2 (P)$$

Repara-se que a ordem entre o (Oa) e (Od) é invertida quando ocorrem em forma de pronome. Naturalmente, elementos pronominais com sua função anafórica têm uma tendência de aparecer logo no início do *Satzfeld* na distribuição dos elementos nominais entre a área de contato e informativa (*Kontaktbereich* e *Informationsbereich*). Isso não impede que elementos não-pronominais ocorram na área de contato, principalmente para evitar acúmulo de pronomes. Por isso, os autores modificam o modelo (17) para a seguinte versão:

$$(18) \quad P^1 (V) - s - oa - od - S - Od - Oa / - S - Od - Oa - E - P^2 (P)$$

O esquema acima, naturalmente, não significa que todas as posições são preenchidas em todas as frases. Apenas indica em que ordem relativa os elementos devem estar quando ocorrerem juntos numa frase. Heinz Griesbach posteriormente elaborou ainda mais esta abordagem, na sua "Nova Gramática Alemã" (*Neue deutsche Grammatik*) de 1986. Lá encontramos até 12 posições

diferentes dentro do *Satzfeld* (Griesbach, 1986: 55). Obviamente, o mesmo elemento pode ocorrer apenas uma vez, ou em forma nominal ou como pronome, ou na área de contato ou de informação, salvo os poucos verbos que podem conectar dois Oa, como vemos em (19).

- (19) Da hat er ihn einen Lügner genannt.  
Lá tem ele(nom) ele(akk) um(akk) mentiroso chamado  
"Aí, ele o chamou de mentiroso."

No modelo de Schulz & Griesbach, esta frase teria a seguinte análise:

- (20)  $P^1 - s - oa - / Oa - P^2$

Com a introdução de objetos genitivos (Og) e objetos preposicionais (Op), o modelo recebe sucessivas extensões. Para ambos, os autores reclamam o último lugar da área de informação, antes do "complemento do predicado" (E), sem explicar que ordem prevaleceria na eventual ocorrência dos dois na mesma frase (Schulz & Griesbach, 1984: 401). Complementos livres (*freie Angaben*) temporais (At), causais (Ak), modais (Am) e locais (Al), sendo adverbiais ou preposicionais (não-obrigatórios), segundo os autores, podem ocorrer no final da área de contato, ou na área de informação, depois do sujeito. Entre eles, os complementos livres seguiriam a ordem acima indicada, conhecida também como regra TE-KA-MO-LO (TEmporal-KAusal-MOdal-LOkal). Todos os complementos livres que ocorrerem na área de contato ou no campo anterior, segundo os autores, teriam pouco valor informativo e serviriam apenas para a orientação temporal ou local do ouvinte (op. cit., p. 402). Na continuação (op. cit., p. 402-408), Schulz & Griesbach dedicam-se à descrição minuciosa das possíveis serializações dentro dos campos topológicos, coerente com a abordagem deles. Como no presente trabalho os campos em si não são o objeto principal de análise, e sim a VK que os constitui, não será preciso mostrar e discutir todos os detalhes aqui.

Não apenas como ordem relativa entre complementos livres, todo o modelo de regras de serialização acima exposto deve ser interpretado apenas como uma descrição de frases em contextos neutros, sem considerar fatores como ênfase, acento contrastivo, foco, etc. ou topicalizações marcadas. Pois, em co-ocorrência com marcadores prosódicos no canal oral, em determinados contextos, muitas das possíveis violações das regras descritas por Schulz & Griesbach são perfeitamente aceitáveis, ou até a única maneira de obter determinado valor topicalizante ou foco, contextualmente necessários. Existem muitas análises detalhadas e mais cuidadosas do uso do campo interno para estas funções, por exemplo, Uhmann (1993).

Quando ocorre o campo anterior, ele forma um novo tipo de frase (*Mitteilungssatz* – frase afirmativa), diferente dos demais tipos de frases até aqui apresentados pelos autores. Implicitamente, então, pela maneira de abordar e expor todo o assunto, Schulz & Griesbach parecem defender que a língua alemã é uma língua com verbo inicial. Nas frases com campo anterior, este campo também exerce uma função de contato com o texto anterior, ou seja, ele indica o tema principal da frase. Os elementos da frase que ocupam o campo anterior, porém, não perdem totalmente o seu lugar dentro do *Satzfeld*, para onde eles retornam imediatamente quando um outro elemento é promovido a ocupar esta posição, ou sempre que a frase sofrer uma transformação para um dos tipos sem campo anterior (op. cit., p. 393). Mais uma vez, para Schulz & Griesbach, o ponto de referência é o *Satzfeld*, o centro da frase na abordagem descritiva deles, a partir do qual todos os fenômenos são explicados.

#### II.1.3.4 A ocupação do campo posterior

Com todos os tipos de frases, um campo posterior pode ser aberto para receber determinados elementos. Schulz & Griesbach parecem ter uma certa dificuldade de explicar a causa desta exclusão de um elemento do campo interno, por eles chamado de campo da frase (*Satzfeld*). Eles enumeram como motivos o fato de que alguma informação é colocada depois de já ter fechado o campo da frase, elementos que servem para corrigir ou completar informação dada anteriormente no campo interno, ou que devem receber uma ênfase. Segundo os autores, ambos os campos anterior e posterior servem também para receber frases de complemento (op. cit., p. 406). Quando a frase de complemento (que eles chamam de *Gliedsatz*) exerce a função de elemento de contato, em outras palavras, quando ela está em posição topicalizada, ela pode ocupar o *Vorfeld* (campo anterior). Com esta restrição, eles excluem frases de complemento atributivas (adjetivas – *Relativsätze*), que não podem entrar no campo anterior. De certa forma, Schulz & Griesbach descrevem a função do campo anterior como elemento capaz de efetuar a integração de várias frases para formar uma fala ou um texto coerente, antecipando pontos de vista da lingüística textual posterior a eles.

Às vezes, segundo os autores, frases não precisam ser conectadas ao contexto precedente, dispensando o elemento de contato. Nestes momentos, o pronome neutro *es* ocupa o campo anterior, pois o tipo de frase exige a ocupação do *Vorfeld* (campo anterior). O mesmo ocorre quando o sujeito de uma frase afirmativa está numa subordinada sujeito no campo posterior (op. cit., p. 397-398).

- (21) Es ist unmöglich gewesen, so schnell zu gehen.  
Isso é impossível sido tão rápido (inf) andar  
"Era impossível caminhar tão rápido."

Apesar de constatar a necessidade para o *es*, às vezes chamado de "sujeito funcional" (*Funktionssubjekt*; Schulz & Griesbach, 1984: 7, 163) ou *es* expletivo (*expletives Es*; Engel, 1996: 309), para ocupar a primeira posição, Schulz & Griesbach evitam falar na posição  $V_2$  de maneira explícita, pois, como já foi mencionado, eles parecem considerar implicitamente o alemão uma língua  $V_{inicial}$  e a necessidade forte de evitar esta ordem em frases afirmativas poderia ser um possível argumento contra esta classificação. Depois, na sua abordagem de campos topológicos, o foco principal não são posições verbais fixas, e sim os grupos de elementos que podem ocupar os campos descritos da frase, principalmente o *Satzfeld*.

Em Schulz & Griesbach (1984), a tipologia de frases ainda não chega ao seu desenvolvimento pleno. Como vimos, o centro da descrição é o *Satzfeld*. As frases que seguem a estrutura do esquema (15) acima são apresentadas como o padrão típico da língua alemã. Frases com campos anteriores preenchidos (e posição verbal  $V_2$ ) e com campos posteriores são apresentadas como meras variações do tipo principal – veja o esquema (15) acima. Em Griesbach (1986) há uma continuação e diversificação na tipologia de frases. Por um lado, a focalização do *Satzfeld* continua, e Griesbach (1986: 55) afirma que esta particularidade, de dividir o predicado em dois grupos no início e no final da frase colocaria o alemão (e o holandês que parcialmente compartilha esta característica) no grupo das línguas incorporativas (junto às línguas esquimó e às línguas indígenas da América do Norte). Por outro lado, frases com o campo anterior preenchido ( $V_2$ ) recebem uma atenção um pouco maior.

### II.1.3.5 A ocupação do campo anterior

Na seção respectiva sobre o assunto (Griesbach, 1986: 57-60), sente-se nitidamente que o avanço da lingüística textual entre a primeira publicação de Schulz & Griesbach (1984) em 1960 e a de Griesbach (1986) levou a uma elaboração mais adequada deste aspecto. Segundo Griesbach (1986: 57), ao contrário da estrutura muito bem definida do *Satzfeld*, nenhum elemento da frase está predisposto a ocupar o campo anterior (*Vorfeld*). Assim, sempre o elemento da área de contato do *Satzfeld* que, em determinado contexto, preencher melhor a função de contato ocupará a posição inicial. Ao contrário de outros autores, Griesbach (1986: 59) admite que em situações

comunicativas especiais até elementos do predicado (P<sup>2</sup>) podem ocupar a posição inicial, com ou sem o complemento predicativo (E).

(22a) Ich habe eine neue Kamera. Fotografiert habe ich allerdings noch nicht damit.  
Eu tenho uma nova máquina. Fotografado tenho eu porém ainda não lá-com  
"Eu tenho uma nova máquina fotográfica. Porém, ainda não fotografei com ela."

(22b) Auf dem Rücken schwimmen kann ich noch nicht.  
Sobre o dorso nadar posso eu ainda não  
"Ainda não sei nadar de costas."

Segundo Griesbach, o elemento predicativo pode ocupar a posição inicial quando ele exercer a função de contato. O autor também reconhece que com a antecipação do elemento predicativo pode ocorrer excepcionalmente a antecipação de um objeto direto, como em (23a). Ainda mais marcado como exceção seria a antecipação do objeto direto apenas, como em (23b).

(23a) Deinen Aufsatz schreiben sollst du jetzt und nicht fernsehen!  
Tua(akk) redação escrever deves tu agora e não tele-ver  
"Tua redação deves escrever agora, e não assistir televisão!"

(23b) Museen haben wir viele besucht.  
Muséus temos nós muitos visitado  
"Museus visitamos muitos."

Em comparação com Schulz & Griesbach (1984), é um grande avanço reconhecer a possibilidade da antecipação de elementos do predicado. Mais ainda de elementos da área de informação (*Informationsbereich*) do *Satzfeld*, como é o caso dos exemplos (23a) e (23b). Como a abordagem de colocar o *Satzfeld* com regras relativamente rígidas no centro da descrição continua, Griesbach (1986: 59) é obrigado a descrever estes exemplos como exceções. Mas ao menos eles são admitidos. Griesbach ainda menciona corretamente que o pronome *es* como objeto acusativo (24a) ou objeto estrutural (24b) não pode ocupar a posição inicial:

(24a) Wann gibst du mir mein Geld zurück? \*Es brauche ich. / Ich brauche es.  
Quando dás tu mi meu dinheiro de-volta? Ele necessito eu. / Eu necessito ele  
"Quando me darás meu dinheiro de volta? Preciso dele."

(24b) \*Es machst du dir leicht mit der Arbeit. / Du machst es dir leicht mit der Arbeit.  
Isso fazes tu ti fácil com o trabalho / Tu fazes isso ti fácil com o trabalho  
"Você está sendo leviano com o trabalho."

Para a ocupação do campo posterior (*Nachfeld*), Griesbach (1986: 60) lista principalmente as frases de complemento (*Gliedsätze*) conjuncionais, infinitivas e atributivas. Segundo o autor, outros elementos do *Satzfeld* podem ocupar o campo posterior quando trata-se de informação



posteriormente incluída na frase, o que ocorreria com certa freqüência na língua falada empolgada, ou no caso de comparações e correções. Na língua escrita, isso ocorreria para não sobrecarregar o *Satzfeld* com conteúdos. Novamente, chama a atenção que a descrição se apega em demasia a um modelo que apenas engloba uma parte do fenômeno (embora uma parte importante), e, assim, é obrigada a recorrer a explicações pouco convincentes, a descrever como exceções variantes freqüentes e não marcadas. Depois de ter elaborado toda a descrição das possibilidades de serialização do *Satzfeld*, com até 12 posições previstas nele, é no mínimo um tanto surpreendente justificar exclusões dele em frases com menos de cinco elementos não-predicativos com a preocupação de não sobrecarregar o *Satzfeld*. Como já aconteceu no caso do campo anterior (*Vorfeld*), onde apenas a função de contato era admitida e não era suficiente para explicar todas as ocupações possíveis deste campo, no caso do *Nachfeld*, novamente, a descrição não é suficiente.

### II.1.3.6 Uma tipologia neutra de frases

Não obstante a isso, Griesbach (1986: 47) inova bastante na tipologia de frases como já foi mencionado acima. De uma maneira quase revolucionária, o autor descreve quatro tipos de frases, com peso e importância iguais, chamados de tipo A, B, C e D e definidos pela posição do predicado ou de seus elementos. O predicado delimita os campos das frases, sendo que seus elementos finitos e infinitos formam os limites dos campos.

(25) <i>tipo A</i>	..... campo anterior	P <sup>1</sup>	..... campo da frase	(P <sup>2</sup> )	[ ..... campo posterior ]
<i>tipo B</i>		P <sup>1</sup>	..... campo da frase	(P <sup>2</sup> )	[ ..... campo posterior ]
<i>tipo C</i>		V	..... campo da frase	P	[ ..... campo posterior ]
<i>tipo D</i>			..... campo da frase	P	[ ..... campo posterior ]

Todos os tipos podem, a princípio, ser seguidos por um campo posterior. O tipo A pode ou não apresentar um predicado bipolar. Mesmo se não houver o elemento P<sup>2</sup>, a posição dele está presente, para delimitar o campo da frase (*Satzfeld*) e o campo posterior (*Nachfeld*). Ela é necessariamente preenchida na hora de formar um predicado analítico (exigido por um tempo ou modo verbal). O tipo A tem o campo anterior preenchido e o verbo finito está em posição V<sub>2</sub>. É a frase afirmativa. O tipo B é idêntico à frase frontal do Duden, ou seja, todas as frases com o verbo em posição V<sub>inicial</sub> (veja acima). O tipo C corresponde à frase de complemento de Schulz &

Griesbach (1984), ou à frase "subordinada introduzida". O tipo D, por último, são frases de complemento (*Gliedsätze*) infinitivas, não-introduzidas. Como foi descrito acima, o campo anterior do tipo A pode ser preenchido ou por um dos elementos do *Satzfeld*, ou por uma frase do tipo B (subtipo frase condicional sem conjunção), ou por uma frase do tipo C. O campo posterior de todos os quatro tipos de frase acima pode ser preenchido ou por um dos elementos do *Satzfeld*, quando este encontra-se em posição de exclusão, ou por uma frase do tipo B, C ou D.

O fato de abandonar a terminologia de "oração principal" e "oração subordinada" e de estabelecer em vez disso uma descrição com quatro tipos de frases parece um grande avanço, embora a descrição dos tipos pudesse ser unificada se a função da VK em si fosse levada mais em consideração. Como já foi mencionado várias vezes, isso está fora do alcance desta abordagem por causa da fixação nos **campos da frase**, e, principalmente, com o *Satzfeld*. Em Griesbach (1986: 47), o autor até chega a criticar o nome de *Mittelfeld* (campo do meio) usado por outros autores (por exemplo pelo Duden) para este campo, pois na visão dele esta denominação só se justificaria para frases do tipo A, com os três campos preenchidos (*Vorfeld*, *Mittelfeld* e *Nachfeld*). A fixação nos campos topológicos da frase é tanta que nem parece ocorrer a Griesbach que este nome (*Mittelfeld*) pode ser interpretado como campo que está no meio (*Mitte*) entre os dois elementos do predicado que formam a VK.

Resumindo, apesar das limitações apontadas, Schulz & Griesbach e Griesbach fornecem um modelo de descrição muito interessante, baseado nos três campos topológicos principais da frase. As tentativas de um modelo de descrição unificado contribuíram bastante aos esforços deste trabalho neste sentido, bem como a consideração da perspectiva funcional da frase como elemento relevante.

#### II.1.4 Flämig

Walter Flämig é co-autor da renomeada gramática da editora Akademie Verlag de Berlim (revisada em II.1.5). Sua "Gramática do Alemão" de 1991 foi elaborada na base teórica da primeira e, em alguns sentidos, apresenta a versão mais recente do trabalho deste grupo. Flämig une várias abordagens teóricas: a análise de constituintes, a gramática de valências e a análise da estrutura de tema/rema.

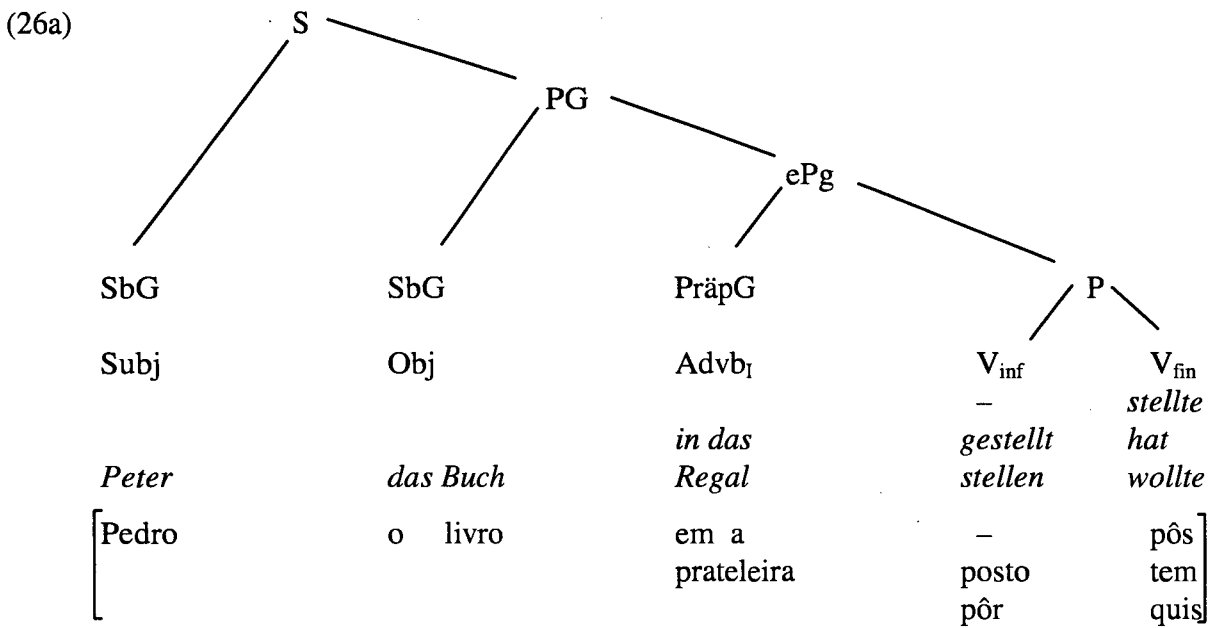
#### II.1.4.1 A moldura da frase

Flämig (1991: 109) constata inicialmente que predicados simples, com apenas o verbo finito que reúne todas as funções gramaticais e semânticas do predicado, definem pela sua posição ( $V_2$ ,  $V_{inicial}$  e  $V_{final}$ ) os modelos de serialização comunicativamente relevantes do alemão. Predicados compostos com  $V_2$  ou  $V_{inicial}$ , segundo o autor, mostram uma fissão (*Aufspaltung*) em elementos finitos e infinitos do predicado, sendo que a informação sintática e semântica do predicado também é dividida entre os dois pólos. O(s) elemento(s) infinito(s) sofre(m) um deslocamento até o final da frase, formando a moldura da frase (*Satzrahmen*). Flämig conta até elementos do grupo do predicado estendido como candidatos para a posição infinita da moldura da frase ( $V_{final}$ ) como, por exemplo, complementos locativos obrigatórios. Em frases com  $V_{final}$ , a moldura da frase é formada pelo elemento que introduz a frase (conjunção, pronome, advérbio) e os elementos do predicado na posição  $V_{final}$ . Estas três variantes de posição do predicado, para Flämig, são características para a construção da frase em alemão. Na formação da moldura da frase, elementos sintaticamente ligados de maneira estreita aparecem em forma descontínua (Flämig, 1991: 109). Com esta análise, o autor usa um conceito semelhante à lei da proximidade sintática de Helbig & Buscha (veja capítulo II.1.2.3). Ao contrário destes, e indo um passo além, Flämig constata explicitamente que a contradição inerente – *relação sintática estreita vs. situação topológica distante* – do predicado do alemão é constitutiva para o efeito pragmático-comunicativo de uma expectativa frasal (*Satzspannung*, literalmente: suspense da frase) que é cumprida apenas no extremo final da frase. A descontinuidade topológica dos elementos predicativos, segundo Flämig, contribui para estabelecer a frase em si como unidade de enunciação, fazendo com que a bipolaridade do predicado precise ser interpretada não apenas como uma "fissão", e sim como uma função com o efeito de integração da frase.

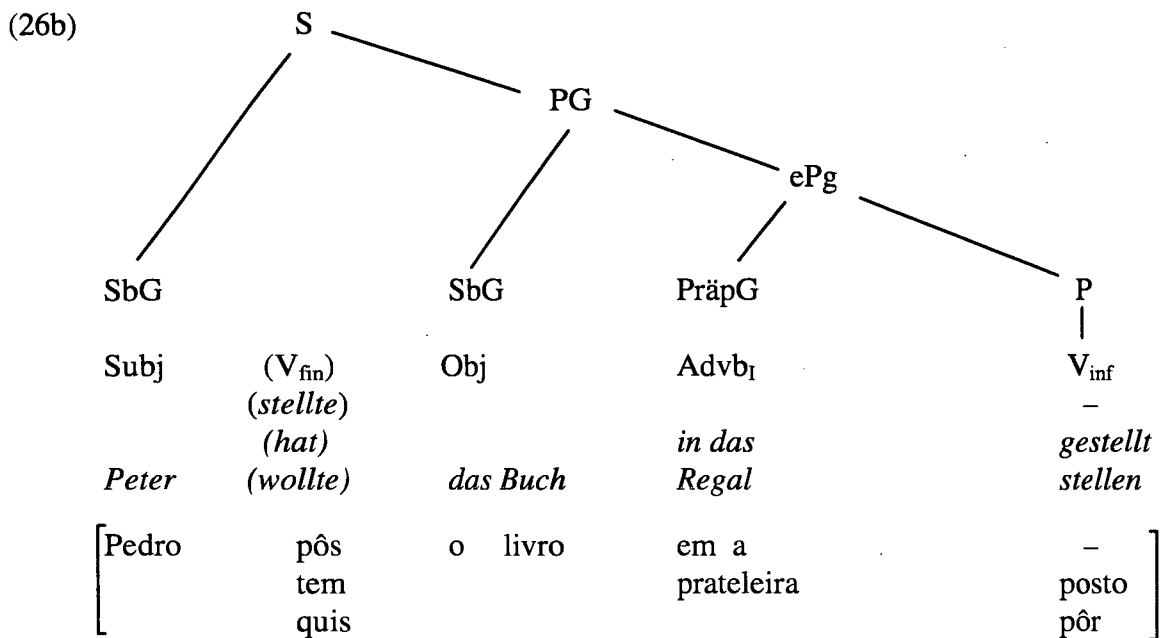
#### II.1.4.2 Duas serializações básicas para o alemão

Na questão da classificação da língua alemã segundo a posição verbal, Flämig (1991: 110) adota uma postura quase salomônica. A posição  $V_2$  é descrita como "posição topológica básica neutra" (*neutrale topologische Grundposition*). Neutra porque, segundo Flämig, esta posição é não-marcada, ao contrário das duas outras ( $V_{inicial}$  e  $V_{final}$ ), no sentido de que ela não define um ato de fala em termos pragmáticos. Frases  $V_2$  podem ser tanto interrogativas, imperativas e afirmativas quanto frases complemento (*Gliedsätze*), na fala indireta, por exemplo (cf. detalhes em Flämig, 1991: 210-218, 224). Em termos sintáticos, porém, Flämig considera a posição  $V_{final}$  a estrutura

sintática básica do alemão (*syntaktische Grundstruktur*), e as posições  $V_{\text{inicial}}$  e  $V_2$  são consideradas derivadas (*abgeleitet*) da posição  $V_{\text{final}}$ . O argumento mais forte de Flämig para esta classificação dupla do alemão é que na posição  $V_{\text{final}}$  a adjacência de todos os elementos sintaticamente próximos do predicado, no final da frase, está garantida. Flämig considera esta contradição na estrutura frasal do alemão um fator complicador na visualização da estrutura de constituintes da frase. De fato, o autor (Flämig, 1991: 110-111) usa dois tipos de diagramas, (26a) para a "posição estrutural básica" (*Grundstrukturposition*) e (26b) para a "posição topológica básica" (*topologische Grundposition*):



Na terminologia de Flämig, as abreviações acima significam: S = *Satz* (frase), [e]PG = [*erweiterte*] *Prädikatsgruppe* (grupo do predicado [estendido]), SbG = *Substantivgruppe* (grupo substantivo), PräpG = *Präpositionalgruppe* (grupo preposicional), P = *Prädikat* (predicado), Subj = *Subjekt* (sujeito), Obj = *Objekt* (objeto), Advb<sub>1</sub> = *Adverbialbestimmung I in ePG* (determinação adverbial I em grupos de predicados estendidos), V<sub>inf</sub> = *infinites Verb* (verbo infinito), V<sub>fin</sub> = *finites Verb* (verbo finito).



Flämig prefere usar em sua gramática esta posição topológica básica (26b) – assim mesmo: com o verbo finito entre parênteses na posição V<sub>2</sub> – sempre onde quer mostrar a estrutura de constituintes de uma oração, por causa da "legibilidade maior" e para "superar a contradição entre proximidade sintática e descontinuidade topológica" (cf. op. cit., p. 111) e, talvez, mas isso não está dito explicitamente, para lembrar em todos os diagramas que ele considera a língua alemã uma língua V<sub>final</sub>, sintaticamente falando.

### II.1.4.3 Os tipos de frases e seus campos topológicos

No seu capítulo topológico ("*Die Reihenfolge der Glieder*" – A ordem dos elementos), Flämig considera a posição V<sub>2</sub> a posição básica (*Grundstellung*) do verbo finito na frase (op. cit., p. 221). Desvios da serialização básica (*Grundreihenfolge*) em termos da posição do verbo finito e dos demais elementos, segundo Flämig (1991: 220), são sempre relacionados a determinadas funções comunicativas e pragmáticas, definidas contextualmente. Assim, as duas variantes de posição do verbo (V<sub>final</sub> e V<sub>inicial</sub>) "indicam funções comunicativas e/ou sintáticas específicas" (op. cit., p. 221). Muito interessante é a estrutura de campos da frase descrita por Flämig (1991: 222). Diferente de Schulz & Griesbach, ele considera a totalidade de todas as posições de todos os elementos topológicos da frase como o campo da frase (*Satzfeld*), que, por sua vez, é dividido em campo anterior (*Vorfeld*), verbo finito e campo principal (*Hauptfeld*). Eventuais elementos infinitos do predicado são considerados parte do campo principal (*Hauptfeld*), como mostra o exemplo (27a), que segue Flämig (1991: 222-223).

(27)

Satzfeld				
Vorfeld	/	finites Verb	/	Hauptfeld

(27a) Das Rauchen hat er sich noch nicht abgewöhnt.  
O fumar tem ele se ainda não desacostumado  
"Ele ainda não deixou de fumar."

(27b) Der Schnee schmilzt. —  
"A neve derrete."

Flämig (1991: 223) concede que podem existir frases onde o campo principal está vazio, em exemplos de frases afirmativas com apenas o sujeito e o verbo sintético, como mostra (27b).

De forma análoga, em frases com as posições  $V_{inicial}$  e  $V_{final}$ , o *Satzfeld* é composto pelo verbo finito e o *Hauptfeld* e pela palavra de junção (*Fügewort*), o *Hauptfeld* e o verbo finito.

(28)

Satzfeld		
Finites Verb	/	Hauptfeld

Hat sich der Patient das Rauchen abgewöhnt?  
Tem se o paciente o fumar desacostumado  
"O paciente deixou de fumar?"

Nas palavras de Flämig (op. cit., p. 223), no caso acima, o campo anterior (*Vorfeld*) foi integrado ao campo principal (*Hauptfeld*), fazendo com que o *Satzfeld* seja composto apenas de verbo finito e campo principal. Novamente, podemos observar que o elemento infinito do predicado faz parte do campo principal.

(29)

Satzfeld				
Fügewort	/	Hauptfeld	/	finites Verb

Ob sich der Patient das Rauchen abgewöhnt hat?  
Se se o paciente o fumar desacostumado tem  
"Se o paciente deixou de fumar?"

Apesar de incluir os elementos verbais infinitos no *Hauptfeld* e reservar um "campo" para o verbo finito, o que parece indicar um status diferente para os dois tipos de elementos verbais, Flämig (1991: 226-227) descreve a função destes dois elementos predicativos na constituição da moldura da frase (*Satzrahmen*). Como já foi citado antes, no caso da posição  $V_{final}$ , a moldura da frase é

formada pelo *Fügewort* (palavra de junção) e pelo verbo finito em posição  $V_{\text{final}}$ . A moldura da frase engloba e junta então todo o *Satzfeld* ou ao menos todo o *Hauptfeld*, na posição  $V_2$ .

Dentro de sua abordagem coerente que serializações desviantes da serialização básica servem a funções comunicativas específicas, Flämig lista os elementos que podem ocupar a posição inicial para fins de topicalização ou para receber uma ênfase maior, incluindo todos os elementos infinitos do predicado, com ou sem seus complementos, ePG (grupo do predicado estendido), na terminologia dele (Flämig, 1991: 233-234). Com este recurso de colocar elementos em posições normalmente não esperadas, o falante poderia realizar certas intenções de fala, principalmente ênfase, acento contrastivo e integração da frase com o co-texto antecedente.

#### *II.1.4.4 A antecipação do verbo auxiliar no grupo verbal em posição final*

A antecipação do auxiliar em casos de predicados complexos em posição  $V_{\text{final}}$  junto com o chamado "*Ersatzinfinitiv*" (infinitivo substitutivo) – na verdade com função de participio II – é descrita com uma certa insegurança por Flämig (1991: 232-233). A causa para a antecipação do auxiliar, segundo Flämig, seria que acumulações de elementos verbais na posição poderiam ser opacas e a reordenação levaria a uma estrutura com transparência maior. Na série de exemplos dados para a ilustração figuram frases cuja classificação como (in)aceitáveis parece ao menos discutível, sendo que a frase (30b), dada como agramatical por Flämig, parece bem mais usual que (30a) e (30c):

(30a) Ich danke dir, daß du mir hast packen helfen.  
Eu agradeço ti que tu mi tens empacotar ajudado  
"Eu te agradeço por ter me ajudado a fazer as malas."

(30b) \*Ich danke dir, daß du mir packen geholfen hast.  
Eu agradeço ti que tu mi empacotar ajudado tens  
"Eu te agradeço por ter me ajudado a fazer as malas."

(30c) Ob er endlich hat lesen lernen?  
Se ele finalmente tem ler aprendido  
"Se ele finalmente aprendeu a ler?"

As reordenações de elementos fora do grupo do predicado são descritas detalhadamente (Flämig, 1991: 234-247) e de forma muito semelhante a Schulz & Griesbach (1984) e Griesbach (1986), levando em consideração principalmente a função temática / remática dos elementos no *Vorfeld* e *Hauptfeld* (terminologia de Flämig), incluindo a diferenciação entre realizações pronominais e

não-pronominais dos elementos, porém, sem usar a terminologia *Kontaktbereich* / *Informationsbereich* (área de contato / informação) de Schulz & Griesbach.

#### II.1.4.5 A exclusão da moldura sem campo posterior

É interessante observar que para Flämig não existe um campo posterior (*Nachfeld*). Ele descreve ocorrências de elementos fora do *Satzfeld* (campo da frase) como extraposições (*Ausgliederungen*). Elas ocorrem antes ou depois do *Satzfeld*. Os exemplos dados como *Ausgliederung* para a frente do *Satzfeld* parecem ser melhor descritas como deslocamentos para a esquerda:

(31a) Mein Freund, der konnte nicht am Spiel teilnehmen.  
Meu amigo este pôde não no jogo participar  
"Meu amigo, ele não pôde participar do jogo."

(31b) Trotzdem, er hätte uns benachrichtigen können.  
Apesar-disso ele teria nos informar podido  
"Apesar disso, ele poderia ter nos informado."

Ainda mais estranho parece que a exclusão de certos elementos da moldura da frase (*Satzrahmen*) é descrito como extraposição para fora do campo da frase, com o nome de pós-posição (*Nachtrag*), que sugere que algo foi colocado depois de se encerrar a frase (Flämig, 1991: 248). Flämig menciona como causa para esta variação topológica a intenção de aliviar (*auflockern*) a estrutura sintática da frase. Já esta explicação parece pouco coerente. Se a estrutura de frase é "arejada", não significa que algo deve ser considerado como se não fizesse mais parte dela. Mais contraditório ainda é a justificativa que a pós-posição de elementos não-remáticos serviria para dar ênfase ao elemento remático antecedente (Flämig, 1991: 249). Ora, se a variante de ordenamento serve para um fim comunicativo tão explícito, não pode tratar-se de uma posição fora do campo da frase que segundo a definição de Flämig engloba toda a frase.

Totalmente confusa, então, é a classificação idêntica (como *Nachtrag*) de exemplos de exclusão da moldura da frase (VK), como em (32a) e (32d), e de deslocamentos para a direita (32b), enquanto (32c) explicitamente *não* é considerado como *Nachtrag*:

(32a) Sie **hat** sich gut **ingelebt** in ihrer Klasse.  
Ela tem se bem em-vivido em sua turma  
"Ela se integrou bem na sua turma."

(32b) Wir **müssen** es **gewinnen**, dieses Endspiel.  
Nós temos-que isso ganhar este final-jogo  
"Nós temos que ganhá-lo, este jogo final."



(32c) Wir **hatten** Mitleid  $\emptyset$  mit dem Kranken.  
Nós tínhamos compaixão com o doente  
"Tínhamos pena do doente."

(32d) Wir **sollten** Mitleid **haben** mit dem Kranken.  
Nós deveríamos compaixão ter com o doente  
"Deveríamos ter pena do doente."

A visível imprecisão descritiva e o fato inacreditável que Flämig defende que (32d) é uma pós-posição (*Nachtrag*) enquanto (32c) não o é deve-se nitidamente à falha de não ter descrito o elemento que fecha a moldura da frase com equivalência ao elemento que a abre. Por causa da integração dos elementos infinitos do predicado em posição  $V_{\text{final}}$  dentro do *Hauptfeld*, Flämig não consegue constituir um campo posterior (*Nachfeld*), confunde deslocamentos com exclusões e é obrigado descrever a mesma frase uma vez com *Nachtrag* outra vez sem, dependendo do predicado sintético ou analítico. A mera mudança do tempo verbal de (32c) para o *Perfekt* já colocaria o complemento preposicional para fora da frase.

Resumindo, Flämig tenta apresentar a gramática alemã para um público "sem conhecimento lingüístico prévio" (texto de apresentação na orelha da capa do livro), ou, como o próprio autor diz nas observações introdutórias (Flämig, 1991: 6): para chegar a uma gramática de uso quotidiano (*Gebrauchsgrammatik*), era necessário sair da concepção teórica inicial da *Akademie-Grammatik*. Ao invés do embasamento orientado na problematização dos assuntos gramaticais, deveria haver uma simplificação no limite do legítimo para se elaborar uma gramática de resultados (*Resultatsgrammatik*) simplificada. Por isso, será apresentado, na seção seguinte, o trabalho original do grupo Heidolph, Flämig & Motsch, ao menos onde difere da sua versão reduzida por Flämig.

### II.1.5 Heidolph, Flämig & Motsch (*Akademie-Grammatik*)

Publicados inicialmente em 1981 por um coletivo de autores da Humboldt-Universität de Berlim oriental, encabeçado por Karl Erich Heidolph, Walter Flämig e Wolfgang Motsch, os *Grundzüge einer deutschen Grammatik* (Traços Básicos para uma Gramática Alemã) foram logo reconhecidos como uma obra de referência de peso, equivalente ou superior à gramática Duden. Superior no sentido que a sua abordagem era mais moderna em muitos sentidos e as suas análises mais profundas.

### *II.1.5.1 Estrutura sintática básica (syntaktische Grundstruktur) vs. serialização de base (Grundreihenfolge)*

O assunto deste trabalho é tratado no quarto capítulo, sobre relações de serialização na frase (Topologia). Inicialmente, os autores definem a entidade de *Stellungsglied* (elemento posicional), relevante para questões de serialização que não necessariamente coincide com constituintes. Elementos posicionais ocupam um determinado lugar na serialização, como complexos fechados com uma estrutura interna definida que podem ser permutados em determinadas circunstâncias. Como modelo básico da serialização, os autores assumem a estrutura sintática básica (*syntaktische Grundstruktur*) de  $V_{\text{final}}$ . Como serialização neutra em termos pragmáticos e comunicativos, porém, partem da posição  $V_2$ , chamada de serialização de base (*Grundreihenfolge*), o que foi reproduzido mais ou menos de maneira fiel por Flämig (com pequenas diferenças terminológicas apenas). Contrário a Flämig, os autores da *Akademie-Grammatik* justificam e discutem esta abordagem. Assim, a posição  $V_2$ , para Heidolph, Flämig & Motsch (1981: 703), é resultado do fato que o verbo finito é extraído do grupo verbal e colocado na sua posição topologicamente neutra, depois do primeiro elemento posicional. Com isso, nasceria uma contradição entre o fato de o verbo finito pertencer estruturalmente ao grupo do predicado restrito ePG (*engere Prädikatsgruppe* – atenção às sutis diferenças terminológicas aqui: ePG para Flämig era *erweiterte Prädikatsgruppe*, ou seja, grupo do predicado estendido!), e a sua posição topológica fora do ePG, na segunda posição da frase. Como os autores salientam, esta contradição é de grande importância para a construção da frase em alemão. Ou seja, esta "contradição" cria a VK, mas os autores não mencionam esta estrutura ainda. Eles justificam a decisão pela frase  $V_2$  como posição neutra pelo fato de que este tipo de frase é aberto para o maior número de funções (afirmativa, interrogativa, imperativa e subordinada).

### *II.1.5.2 Os campos da frase*

Já a divisão dos campos da frase não mudou em Flämig, ou seja, aqui já temos as mesmas classificações do *Satzfeld* entre *Vorfeld*, *Finitum* e *Hauptfeld*, já apresentadas acima em (27), (28) e (29), com o grupo verbal infinito em posição  $V_{\text{final}}$  subsumido no *Hauptfeld*. Para as frases com  $V_{\text{final}}$  e  $V_{\text{inicial}}$ , Heidolph et al. (1981: 706) declaram que o *Vorfeld* (campo anterior) estaria integrado ao *Hauptfeld* (campo principal), fazendo com que o *Satzfeld* (campo da frase) seja composto apenas por *Hauptfeld* e *Finitum*, no caso das frases com o verbo finito em posição  $V_{\text{final}}$  e o inverso (*Finitum* - *Hauptfeld*) para as frases com o verbo em posição inicial. Esta visão, como

já foi criticada em Flämig anteriormente, impossibilita uma análise completa da estrutura da frase, principalmente porque oculta as funções da VK de gerar e delimitar os campos.

Ao contrário da falha lamentável na hora de descrever a função da VK para a delimitação dos campos sintáticos, os autores mostram uma atitude bastante sensata a respeito da descrição da ordem dos elementos posicionais (*Stellungsglieder*) dentro do *Hauptfeld*. Eles dizem (op. cit., 706-707) que a serialização básica (*Grundreihenfolge*) descrita por eles apenas é derivada das relações sintáticas hierárquicas de dependência entre os elementos e representa uma ordem idealizada que não leva em consideração o contexto. Em outras palavras, o contexto concreto de uma frase pode alterar esta ordem e quase qualquer outra serialização "desviante" desta *Grundreihenfolge* pode ser igualmente aceitável, ou até a única possível para realizar determinadas intenções comunicativas ou pragmáticas. Os exemplos (33a) a (33d) ilustram bem esta situação:

(33a) einem Jungen ein Buch geben  
um(dat) garoto um livro dar  
*"dar um livro a um garoto"*

(33b) mit einem Füller einem Schüler eine Note in ein Heft schreiben  
com uma tinteira um(dat) aluno uma nota em um caderno escrever  
*"escrever uma nota com uma tinteira em um caderno a um aluno"*

(33c) ein Buch einem Jungen geben  
um livro um(dat) garoto dar  
*"dar a um garoto um livro"*

(33d) einem Schüler in ein Heft eine Note mit einem Füller schreiben  
um(dat) aluno em um caderno uma nota com uma tinteira escrever  
*"escrever a um aluno em um caderno uma nota com uma tinteira"*

Como vemos, são quatro grupos infinitivos, sendo que (33a) e (33b) representam a serialização neutra, sem contexto, baseada apenas no critério da hierarquia de regências (proximidade sintática ao verbo, para Helbig & Buscha). Assim, o objeto direto de (33a) e (33b) está mais diretamente ligado ao verbo que o objeto indireto dativo, ou seja, como dizem Heidolph et al. (op. cit., 707), os exemplos (33a) e (33b) são neutros porque não pressupõem nenhuma menção anterior de algum dos elementos, nem fazem referência a elementos fora da frase (por exemplo, no sentido de um acento contrastivo) e tem apenas um único peso de entoação, que está no final dos elementos regidos pelo ePG (grupo do predicado restrito). Ao contrário disso, os desvios desta ordem neutra nos exemplos (33c) e (33d) fazem com que um ou mais elementos sejam acentuados – levando a vários pesos de entoação – e que as frases desta forma façam referência a um contexto ou a uma expectativa situacional prévios pelo autor e / ou destinatário das frases.

### II.1.5.3 Serialização no campo da frase (Satzfeld)

Implicitamente, os autores com isso reconhecem que quase todas as serializações podem ser possíveis, dado um determinado contexto e / ou um apoio pela entoação para explicitar referências e ênfases que justifiquem desvios da serialização básica (*Grundreihenfolge*). Para a serialização básica, mostram uma classificação de 12 posições (novamente semelhantes às de Helbig & Buscha que parecem se basear na *Akademie-Grammatik*, até certo ponto):

(34)	Fini-	Advb <sub>II</sub>	indir.	dir.	obj.	abs.	rel.	Prä-	Vz.	VV	Aux.	
	tum	_____	Obj.	Obj.	bez.	Rb.	Rb.	di-	(inf.)		temp.	
		Lok. Mod.			Lok.			ka-			mod.	
		Instr.						tiv			(inf.)	
	[0]	[11]	[10]	[9]	[8]	[7]	[6]	[5]	[4]	[3]	[2]	[1]
											[2b][2a]	[1b][1a]

Onde significam:

- [0] *Finitum* = verbo finito
- [11] *Adverbialbestimmung 2. Grades* (AdvbII) Lokal = complemento adverbial de segundo grau, local
- [10] *Adverbialbestimmung 2. Grades* (AdvbII) Modal/Instrumental = complemento adverbial de segundo grau, modal/instrumental
- [9] *Indirektes Objekt* (indir. Obj.) = objeto indireto
- [8] *Direktes Objekt* (dir. Obj.) = objeto direto
- [7] *Objektbezogene Lokalbestimmung* (obj. bez. Lok.) = complemento local regido pelo objeto
- [6] *Absolute Richtungsbestimmung* (abs. Rb.) = indicação locativa absoluta
- [5] *Relative Richtungsbestimmung* (rel. Rb.) = indicação locativa relativa
- [4] *Prädikativ* = complemento predicativo
- [3] *Verbzusatz* (Vz.) = adendo do verbo (partícula)
- [2] *Vollverb infinit* (VV inf.) = verbo principal (infinito)
- [1] *Auxiliarverb temporal modal infinit* (Aux. temp. mod. inf.) = verbo auxiliar temporal modal infinito

As posições [2b], [2a], [1b] e [1a] servem para receber vários elementos verbais infinitos, em casos onde há acúmulo nas posições [2] e [1], em complexos verbais múltiplos. Nas posições iniciais do verbo finito, o elemento sintaticamente mais diretamente regido por ele encerra a frase. Na página 708 os autores mostram uma tabela com exemplos de frases que mostram possíveis ocupações dos vários campos, sem que necessariamente todas as posições estejam preenchidas. Ao sujeito pertence, nesta serialização neutra, a posição no campo anterior (Vorfeld), por isso ele nem aparece na listagem acima de (34). Em frases com o verbo finito em V<sub>final</sub>, o elemento [0] retorna à posição que lhe pertence pela estrutura sintática básica (*syntaktische Grundstruktur*) da língua alemã, segundo os autores.

Conforme os autores explicam novamente, pelo fato do elemento mais próximo ao verbo finito ocupar a posição final da frase forma-se uma moldura (*Rahmen*) ou *Klammer* na frase. Como

acrescentam (op. cit., 709), este fenômeno ficaria mais explícito quando envolve os elementos posicionais do ePG (numerados de [1] a [6] no esquema acima), pois estes elementos são mais fixos em relação à sua posição e não podem ser influenciados na sua serialização pelo fato de serem contextualizados / enfatizados ou não. A *Klammer* ficaria igualmente evidente também com os elementos posicionais de [7] a [11] do esquema (34), quando estes encontram-se na serialização neutra. Na continuação, os autores listam todas as variações de serializações dos vários tipos de elementos posicionais não-verbais no *Hauptfeld* como exemplos e em detalhes, o que não interessa muito para o presente trabalho. Eles elaboram uma seção inteira muito interessante e procedente sobre o assunto da tematização – rematização através de variantes de serialização (op. cit., 724-759). Apesar de discutirem minuciosamente as possibilidades de tematização abertas pelas várias ocupações do campo anterior, Heidolph et al. nem sequer cogitam a hipótese de constatar que a função de abrir este campo sintático privilegiado poderia ser a causa da posição  $V_2$  do verbo finito, ou pela estrutura da VK, que eles chamam de moldura.

#### II.1.5.4 Frases "subordinadas"

Mais diretamente ligada ao nosso contexto é a classificação das variantes onde o verbo finito [0] é colocado na posição  $V_{\text{final}}$  – na terminologia dos autores, ele volta para a sua posição sintática básica, em adjacência com o seu elemento sintaticamente mais próximo. Heidolph et al. (1981: 716) mostram uma tabela com exemplos deste tipo de frase que eles chamam de frases subordinadas (*subordinierte Sätze*). Agora temos uma conjunção no início, seguida pelo *Hauptfeld* que o verbo finito fecha nesta configuração. Mas nem neste momento, com um elemento que abre e outro que fecha explicitamente o campo principal (*Hauptfeld*), Heidolph et al. parecem perceber que há uma estrutura sintática constitutiva, a *Verbalklammer*, que fundamenta também este tipo de frase. Eles constatam que este tipo de frase não tem campo inicial e que o elemento do campo inicial agora deve ser abrigado dentro do campo principal (op. cit., 717). O mesmo vale para frases com o verbo finito em posição  $V_{\text{inicial}}$ .

Para a situação de complexos verbais elaborados com vários elementos no final da frase, principalmente em frases com o verbo finito em  $V_{\text{final}}$ , os autores comentam que podem resultar acumulações pouco transparentes e difíceis de entender (op. cit., 723; *unübersichtliche, schwer zu verstehende Verbgruppen*) e, sem muitos comentários, listam as situações onde o *Ersatzinfinitiv* (infinitivo substitutivo) deve entrar no lugar do particípio II e onde deve ocorrer a antecipação do auxiliar finito para a primeira posição do bloco do complexo verbal no final da frase.

A respeito da capacidade de ocupar o *Vorfeld* (campo anterior), a *Akademie-Grammatik* traz uma tabela grande e precisa que mostra exatamente quais elementos podem entrar nesta posição e porque ou porque não (op. cit., 720-721). As descrições das extraposições para a direita e esquerda já foram referidas na seção sobre Flämig, que reproduz de forma fiel os erros de Heidolph et al. na classificação de situações de *Nachtrag* (pós-posição) e extraposição (veja acima).

Resumindo, diferente de Flämig, Heidolph et al. (op. cit., 777-838) discutem extensivamente as possibilidades de relações de conexão entre afirmações em frases compostas (*Abwandlungen* = variações). É muito interessante como eles mostram que relações semânticas como simultaneidade, causalidade, relações temporais, locais, modais ou condicionais podem ser codificadas de várias formas sintaticamente (cf. o conceito de junção de Weinrich, capítulo II.3.3.4). Apesar de falhas na descrição dos campos e embora mantenham o conceito de subordinação e não considerem estas frases como VK, a análise detalhada deles abre horizontes muito interessantes para este trabalho.

### II.1.6 Ulrich Engel

Ulrich Engel editou e traduziu a obra básica de Lucien Tesnière, "*Éléments de la syntaxe structurale*" de 1959, para o alemão (Engel, 1980) e posteriormente tornou-se um dos autores mais proeminentes da Gramática de Valências na Alemanha. Entre muitas outras publicações na área, são especialmente importantes "*Syntax der deutschen Gegenwartssprache*" – Sintaxe da Língua Alemã Contemporânea (Engel, 1977) e seu "*Kleines Valenzlexikon deutscher Verben*" – Pequeno Dicionário de Valência de Verbos Alemães (Engel & Schumacher, 1978), que contribuiu muito para a divulgação desta abordagem teórica na Alemanha, principalmente através de sua introdução teórica ao assunto da Gramática de Valências. Aqui nos interessa principalmente a "*Deutsche Grammatik*" (Gramática Alemã), inicialmente publicada em 1988, citada em sua 3ª edição revisada e corrigida de 1996. É uma obra bastante elaborada, de 900 páginas, que teve uma aceitação muito rápida e ampla na comunidade lingüística, o que o próprio autor, no prefácio da 3ª edição, atribui ao fato de que havia uma grande demanda para uma gramática relativamente completa da língua alemã contemporânea, baseada em uma abordagem teórica unificada e consistente (Engel, 1996: 7).

### *II.1.6.1 Premissas para a descrição das regras de serialização*

O tema deste trabalho (a VK) é abordado por Engel (1996) dentro de seu capítulo sobre as regras de seqüência dos elementos da frase (*Folgerregeln für den Satz*). Engel recusa os termos "ordem de palavras" (*Wortstellung*) ou "posição dos elementos da frase" (*Satzgliedstellung*) usados por outros autores, pois lhe parecem errôneos, devido ao fato que as regras em discussão aplicar-se-iam a grupos de palavras, e porque as mesmas regras seriam válidas para elementos da frase (*Satzglieder*) e unidades que não têm este mesmo status sintático (Engel, 1996: 303). Os elementos para os quais as regras por ele descritas se aplicam, Engel chama de *Folgeelemente* (elementos seqüenciais). Eles podem ou não ser compostos de vários elementos, para o ordenamento dos quais existiriam outras regras de seqüência. Segundo Engel, a grande variedade de serializações possíveis na língua alemã não significa que não haja regularidades, muito pelo contrário, apenas indica que as regras são complexas. Para esclarecer o complexo de regras de ordenamento de material lingüístico na frase, Engel parte de três pressupostos:

- 1) A base de todos os fenômenos de serialização na frase é a VK (chamada de *Satzklammer* por Engel, 1996: 303). Ela é formada pelos elementos verbais (nas subordinadas pelos elementos verbais e o subjuntor), que dividem a frase em três campos desiguais: campo anterior, do meio ou interno e posterior (*Vorfeld, Mittelfeld e Nachfeld*). As regras para a ocupação do campo anterior e posterior são relativamente simples, enquanto o campo interno pode receber tantos elementos que a sua serialização exige um número elevado de outras regras.
- 2) A situação do campo interno pode ser compreendida melhor com a ajuda de uma serialização neutra (*Grundfolge*), fora de contextos específicos (op. cit., p. 304).
- 3) A serialização neutra apenas gera frases gramaticais. Porém, não é suficiente para expressar / interpretar corretamente todos os significados possíveis. Por isso, regras de permutações são necessárias (op. cit., p. 304).

### *II.1.6.2 Satzklammer explícita e virtual*

Para o presente estudo, o primeiro ponto é o mais importante e Engel trata dele direta e indiretamente de forma bastante concisa (op. cit., p. 304-306). A definição da *Satzklammer* (SK) para Engel dá-se na oração principal pelos elementos do complexo verbal (*Verbalkomplex*). Com isso, toda oração principal, cujo complexo verbal contém mais de um elemento, contém uma SK,

sendo que o verbo finito forma a parte esquerda e os demais elementos verbais a parte direita da SK. Verbos com *Verbzusatz* (adendo do verbo) – Engel usa até "prefixo separável" (*trennbare Präfix*) neste contexto – separam-se de tal maneira que o verbo simples forma a parte esquerda e o adendo do verbo a parte direita da SK. Segundo Engel, frases com complexo verbal com apenas um elemento não contêm uma SK realizada, e sim apenas a parte esquerda da SK (35a), ao contrário de subordinadas infinitivas, que ocupam apenas a parte direita da SK (35c).

(35a) Sie **beklagt** sich doch ständig.  
Ela queixa se (part) sempre  
"Pois ela sempre se queixa."

(35b) Sie **hat** sich doch ständig **beklagt**.  
Ela tem se (part) sempre queixado  
"Pois ela sempre se queixou." ❖

(35c) ..., nichts nach Hause **bringen**.  
..., nada para casa trazer  
"... trazer nada para casa..."

(35d) Er **kann** nichts nach Hause **bringen**.  
Ele pode nada para casa trazer  
"Ele não pode trazer nada para casa."

Segundo Engel, a SK pode ser gerada facilmente nos dois casos, introduzindo um tempo verbal analítico como o *Perfekt* em (35b) ou uma modalização com o verbo modal *können* como em (35d), que enriquece o complexo verbal como verbo finito, transformando a subordinada infinitiva em oração principal afirmativa. Por isso, Engel (1996: 305) fala de uma SK virtual em frases com complexo verbal com apenas um elemento. A prova da existência da SK em todas as frases para ele é que o lugar sintático de ambas as partes da SK está sempre definido, mesmo quando não estão realizadas na frase. Por isso, na continuação, Engel toma as regras da SK como premissas invariáveis. A parte esquerda e direita são os pontos fixos ao redor dos quais os demais elementos agrupam-se, seguindo as regras de seqüência. Assim, Engel usa a SK virtual como base para as suas regras de serialização da frase em alemão. Na subordinada, a SK é formada pelo elemento de subjunção (à esquerda) e todos os elementos verbais (à direita). Na subordinada introduzida, os elementos do campo anterior ocorrem depois do elemento esquerdo da SK e elas sempre mostram uma SK realizada, mesmo com um complexo verbal de apenas um elemento.

O campo anterior nas frases afirmativas (por Engel chamadas de *Konstativsatz* – frase constativa) e interrogativas com elemento interrogativo deve sempre conter somente um elemento (ao contrário de outras línguas). Nos demais tipos de frases, ele permaneceria normalmente vazio. O campo



interno (*Mittelfeld*), como Engel (1996: 306) observa, não contém necessariamente elementos e pode ficar vazio. Normalmente, porém, ele recebe o maior número de elementos, porque o campo anterior tem a limitação de apenas um elemento e o campo posterior normalmente permanece sem ocupação, segundo Engel. Como causa para isso ele vê que, com pouquíssimas exceções, todos os elementos do campo posterior podem muito bem aparecer no campo interno da frase. O campo anterior e o campo posterior são referidos como campos externos (*Außenfeld*).

### II.1.6.3 A ocupação do campo anterior

Para o campo anterior, Engel afirma a possibilidade de receber elementos verbais infinitos que normalmente formam a parte direita da SK, sem exceção (*ausnahmslos*), o que parece uma generalização mais do que precipitada (cf. Engel, 1996: 306). Os exemplos (36b) e (36d) mostram com nitidez e em situações absolutamente corriqueiras (VK passiva e modal, e com VK do *Perfekt*) que a descrição de Engel não é sustentável.

- (36a) Das **muß** heute noch **gemacht werden**.  
Isso tem-que hoje ainda feito tornar-se  
"Isso tem que ser feito ainda hoje." ❖
- (36b) \*Werden **muß** das heute noch **gemacht**.  
Tornar-se tem-que isso hoje ainda feito  
"Ser tem que isso feito ainda hoje." ❖
- (36c) Das **hat** heute noch **gemacht werden müssen**.  
Isso tem hoje ainda feito tornar-se tido-que  
"Isso teve que ser feito ainda hoje." ❖
- (36d) \*Müssen **hat** das heute noch **gemacht werden**.  
Tido-que tem isso hoje ainda feito tornar-se  
"Teve que isso ser feito ainda hoje." ❖

Igualmente errada é a afirmação oposta de que os "adendos do verbo" (*Verbzusätze*) dos chamados "verbos separáveis" seriam elementos fixos que ocorreriam sempre sozinhos no final da frase ou imediatamente antes de sua base de forma adjacente, mas nunca poderiam ocupar o *Vorfeld*, duas vezes proferida por Engel (1996: 305 e 306), com exemplos diferentes, (37a) e (37c):

- (37a) \*Auf hört sie bald mit ihrer Arbeit.  
Para-cima ouve ela logo com seu trabalho  
"Ela pára logo com o seu trabalho."

- (37b) Sie hört bald mit ihrer Arbeit auf.  
Ela ouve logo com seu trabalho para-cima  
*"Ela pára logo com o seu trabalho."* ❖
- (37c) \*Vor kommt das bei uns nicht.  
Antes vem isso cerca nós não  
*"Isso não ocorre conosco/aqui."*
- (37d) Das kommt bei uns nicht vor.  
Isso vem cerca nós não antes  
*"Isso não ocorre conosco/aqui."*
- (37e) Raus sollst du das Auto fahren, nicht rein!  
Fora debes tu o carro dirigir não adentro  
*"Para fora debes pôr o carro, não para dentro!"* ❖

Os exemplos dados por Engel são corretos e as frases citadas realmente inaceitáveis. Porém, a generalização de que a posição do *Verbzusatz* no campo anterior sempre seria incorreta é facilmente derrubada, com exemplos como (37e), onde existe um acento contrastivo. O mesmo erro já foi cometido antes, por Bierwisch (1963: 102). Exemplos semelhantes podem ser encontrados com todos os verbos bipolares com partículas onde o mesmo verbo-base pode ser combinado com partículas contrastantes. Isso ocorre com relativa facilidade e frequência na formação de verbos com partículas com significado de dêixis local ou temporal, como *an* (em), *aus* (ex[tra]), *ab* (de), *ein* (em), *rein/raus* (para dentro/fora), *vor* (diante ou antes), *unter* (abaixo) e outros. Engel (1996: 306) ainda por cima comenta um exemplo de Nietzsche com a partícula no campo anterior como "jogo de palavras" (*Wortspiel*), sem perceber a nítida função contrastiva da antecipação, também neste caso:

- (38) Nicht fort sollt ihr euch pflanzen, sondern hinauf.  
Não embora deveis vós vos plantar mas-sim para-cima  
*"Vós não deveis multiplicar-vos, mas sim elevar-vos."*

Engel lista com muitos detalhes todos os possíveis tipos de elementos que podem ocupar o campo anterior (op. cit., p. 309-316), o que parece quase um pouco desnecessário depois de ter afirmado que todos os elementos podem ocupá-lo (exceto a partícula do verbo). Para o campo posterior, Engel constata que apenas uma pequena parte dos candidatos potenciais pode ser transferida. Raríssimas vezes teria mais que um elemento no campo posterior (op. cit., p. 316). Complementos preposicionais e outros complementos livres podem aparecer com frequência no campo posterior. Como motivo para a posição no *Nachfeld*, Engel menciona principalmente um número elevado de elementos no campo interno que poderia levar a uma redução da compreensibilidade de uma frase. Complementos anafóricos (por exemplo pronomes), segundo Engel, não podem ocupar o campo

posterior. Surpreendentemente, a comparação e enumerações não são mencionados como candidatos freqüentes para uma posição no campo posterior. Como ocupação comum do *Nachfeld* figuram finalmente as orações subordinadas (op. cit., p. 318).

#### *II.1.6.4 Deslocamentos para a direita e esquerda*

Ao contrário de Flämig ou outros, Engel descreve de forma correta deslocamentos para a direita e esquerda e lista detalhadamente possíveis elementos nesta posição (Engel, 1996: 318-320). Às possíveis serializações no campo interno e à sua descrição do ordenamento neutro (*Grundfolge*), Engel dedica bastante espaço (op. cit., p. 320-328) e encontra uma forma própria de descrição, independente da descrição de outros autores, como, por exemplo, Schulz & Griesbach, que desenvolveram bastante este aspecto. Engel, como é de se esperar, baseou-se na Gramática de Valências, usando o status dos actantes e complementos livres para descrever a hierarquia posicional dos elementos não-verbais dentro do *Mittelfeld* e todas as variações de posições possíveis.

#### *II.1.6.5 Aspectos funcionais dos campos da frase – ênfase e foco*

Semelhante a Schulz & Griesbach (1984) e Griesbach (1986), Engel analisa a função de certos campos de garantir conexão e integração da frase ao co-texto. Os elementos de referência como pronomes ou advérbios e determinativos que normalmente exercem esta função, segundo Engel (1996: 330) podem ser situados no campo anterior (*Vorfeld*) ou interno (*Mittelfeld*). Como o autor demonstra, vários elementos com referência à frase anterior podem ser encontrados simultaneamente em diferentes campos da frase, o que leva Engel a afirmar que a referência em si não depende de uma determinada posição em um ou outro campo. Segundo ele, porém, a posição pode reforçar a função referencial. Normalmente, o campo anterior serve para estabelecer a conexão ao texto anterior, ainda mais quando ele recebe elementos que nem sempre lá aparecem. Não obstante a isso, o campo anterior pode exercer uma função totalmente distinta, a de enfatizar certos elementos, mesmo ou até principalmente quando eles **não** exercem a função de conectar a frase ao co-texto. Como na maioria das frases o campo anterior contém um elemento ao menos concomitantemente referencial, o peso da ênfase é considerável quando isso não ocorre. As duas funções, conexão e ênfase, portanto, não são contraditórias ou concorrentes. A ênfase forte de certos elementos no campo anterior é possível como exceção da regra da conexão no campo anterior, justamente por causa dela e não em seu detrimento. Como Engel (op. cit., p. 331) coloca,

a posição no campo anterior em si não determina automaticamente ênfase ou conexão ao texto anterior. Outros fatores textuais devem ser levados em consideração. Por exemplo, grupos nominais mais complexos no campo anterior tenderiam a chamar mais atenção como enfatizados do que pronomes ou substantivos simples. Ou ainda, o sujeito que aparece em 50 a 60% das frases afirmativas no campo anterior dificilmente terá como ser enfatizado nesta posição, enquanto outros actantes obrigatórios, como objetos acusativos, dativos e genitivos (em ordem ascendente) no campo anterior, teriam um potencial enfático cada vez maior.

Uma outra possibilidade de ênfase, embora um pouco menos saliente e sem tanta liberdade de variação, segundo Engel (op. cit., p. 331), é a colocação de actantes em posições mais à direita da sua posição neutra (*Grundfolge*). O exemplo (39) mostra este efeito com a mudança da posição do sujeito:

- (39a) Fünf Jahre lang hat mein Vater in dieser Stadt gewohnt.  
Cinco anos longo tem meu pai em esta cidade morado  
*"Durante cinco anos meu pai morou nesta cidade."*
- (39b) Fünf Jahre hat mein Vater dort gewohnt.  
Cinco anos tem meu pai lá morado  
*"Cinco anos meu pai morou lá."*
- (39c) Fünf Jahre hat dort mein Vater gewohnt.  
Cinco anos tem lá meu pai morado  
*"Cinco anos morou meu pai lá."*
- (39d) Mein Vater hat fünf Jahre in dieser Stadt gewohnt.  
Meu pai tem cinco anos em esta cidade morado  
*"Meu pai morou cinco anos nesta cidade." ❖*

Em relação à frase (39d), que seria a serialização neutra com o sujeito na posição inicial da frase, no campo anterior onde ele não recebe ênfase, (39a) enfatiza o complemento temporal. Em (39b), a mesma ênfase é mantida, porém, o actante obrigatório local do verbo *wohnen* é anaforizado com o advérbio dêitico *dort* (lá). Ele agora exerce a função de contato com o texto anterior, apesar de estar longe do campo anterior ou da "área de contato" do campo da frase de Griesbach. Em (39c) ocorre a mudança da posição do sujeito mais para a direita, descrita por Engel. Sem dúvida, enfatiza mais o sujeito do que o dêitico átono *dort* que agora chega a ocupar a posição normalmente preenchida por um sujeito que não está na posição inicial, no campo anterior.

Como fica claro, a ênfase pode ser alcançada em múltiplas posições, como a referência e conexão ao texto anterior, pois as muitas combinações dos elementos nos diferentes campos da frase permitem uma diferenciação bastante fina. Normalmente, o elemento temático recebe uma certa ênfase, apenas para indicar que ele é o tema, e a maneira mais simples é de colocá-lo no campo anterior. Interessante nos exemplos (39a) a (39c), porém, é de ver que o complemento temporal no campo anterior não é temático (informação conhecida) e sim nitidamente remático (informação nova). O uso do campo anterior para fins de ênfase, portanto, pode excluir a função de tematizar / conectar com o texto anterior, que é exercida por outros elementos, em outras posições. Segundo Engel (op. cit., p. 332), a colocação de elementos no campo posterior pode tanto causar ênfase quanto rematização. Mas, para ter certeza, o valor de determinado elemento em certa posição sempre deve ser analisado considerando o conjunto total da frase (incluindo marcadores prosódicos na fala), seu co-texto e contexto.

Como Engel coloca de forma procedente, na ênfase colaboram tantos fatores sintático-semânticos, fonéticos e textuais que regras simplistas tenderiam a confundir mais do que esclarecer a situação. Bastante importante neste contexto é a observação de Engel de que o peso comunicativo total na frase não muda muito com o uso de recursos enfáticos. A ênfase, mesmo forte, em determinados elementos resulta invariavelmente no enfraquecimento do peso de outros e não aumenta o peso da frase inteira, pois o destaque trabalha com contrastes, e colocando mais luz em um lugar, inevitavelmente aumenta a sombra em outros, ou com a luz forte uniforme em toda a parte, nada mais se destaca.

#### *II.1.6.6 A integração de frases complemento*

A integração de várias frases, principalmente de orações subordinadas e principais (na terminologia de Engel *Untersatz* e *Obersatz* – frase inferior e frase superior), também é tratada dentro do capítulo sobre serializações (*Folgeverhältnisse*). Inicialmente Engel (1996: 344) constata que as subordinadas podem ocorrer nos três campos da frase:

(40a) **Als der Regen kam,** machten sie die Boote fertig.  
Quando a chuva chegou fizeram eles os barcos pronto  
"*Quando a chuva chegou, eles prepararam os barcos.*"

(40b) Sie machten, **als der Regen kam,** die Boote fertig.  
Eles fizeram quando a chuva chegou os barcos pronto  
"*Eles prepararam – quando a chuva chegou – os barcos.*"

- (40c) Sie machten die Boote fertig, als der Regen kam.  
 Eles fizeram os barcos pronto quando a chuva chegou  
 "Eles prepararam os barcos quando a chuva chegou."

Na continuação, Engel declara que a frase inferior (*Untersatz*) ocorre no campo anterior apenas quando a frase superior (*Obersatz*) é uma frase constativa (*Konstativsatz* = frase afirmativa, para Engel). No caso de uma frase superior interrogativa "*kann der Untersatz nie vorangestellt werden*" (a frase inferior nunca pode ser colocada antes – Engel, 1996: 345).

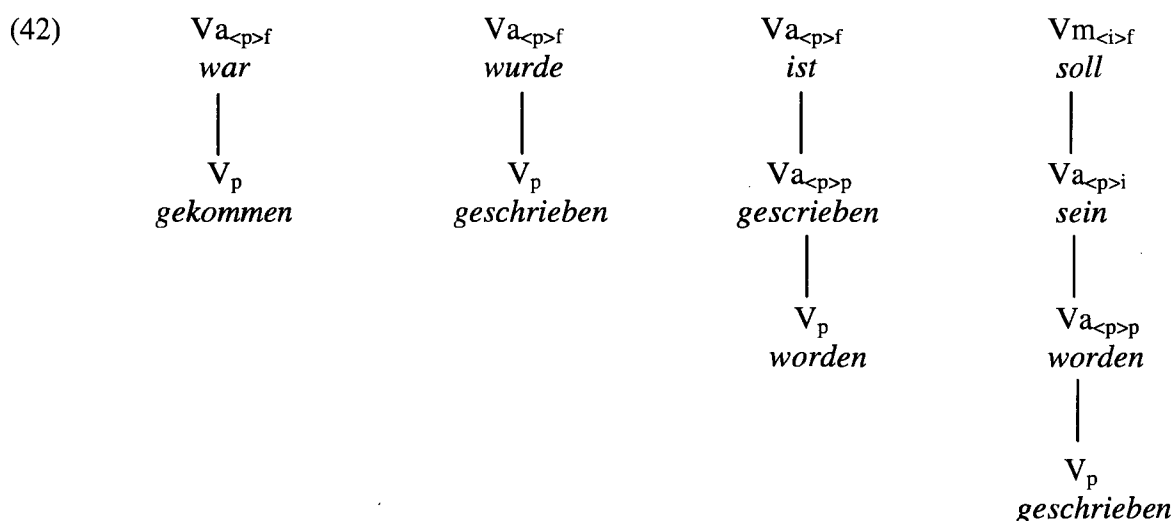
- (41a) Habt ihr die Boote fertig gemacht, als der Regen kam?  
 Têm vocês os barcos pronto feito quando a chuva chegou  
 "Vocês prepararam os barcos quando a chuva chegou?"
- (41b) Habt ihr, als der Regen kam, die Boote fertig gemacht?  
 Têm vocês quando a chuva chegou os barcos pronto feito  
 "Vocês – quando a chuva chegou – prepararam os barcos?"
- (41c) Als der Regen kam, habt ihr die Boote fertig gemacht?  
 quando a chuva chegou têm vocês os barcos pronto feito  
 "Quando a chuva chegou vocês prepararam os barcos?" ❖
- (41d) Um fünf Uhr habt ihr die Boote fertig gemacht?  
 Às cinco horas têm vocês os barcos pronto feito  
 "Às cinco horas vocês prepararam os barcos?" ❖

Segundo Engel, (41c) seria agramatical, o que não é verdadeiro, da mesma maneira que (41d) não o é. Apenas a interpretação pragmática da frase muda um pouco, devido à ênfase forte que o campo anterior recebe. Ela não é mais uma frase com a intenção comunicativa de receber uma informação, e sim uma investigação, um pedido de confirmação, junto a uma repreensão implícita forte, querendo dizer: "Como??! Apenas quando a chuva chegou vocês prepararam os barcos??" Mais uma vez, Engel fica restrito demais em seus vereditos, talvez por considerar demais as serializações neutras (*Grundfolge*). É uma pena, pois o exemplo (41c) preenche exatamente os critérios descritos por Engel, tematização e forte ênfase pela posição no campo anterior. Outra vez, Engel lista todas as possibilidades de frases inferiores (*Untersätze*) em suas combinações com frases superiores (*Obersätze*), de vários tipos (op. cit., p. 345-355). Nenhuma menção, porém, de que a *Satzklammer* (na terminologia dele) rege todas estas integrações de períodos. Nem em diagramas fica claro que o eixo sintático da frase possibilita também a construção de períodos mais complexos. Apenas frases são juntadas, como se fossem blocos.

### II.1.6.7 A ordem de elementos dentro do complexo verbal

Engel não trata a ordem dentro do grupo verbal, por vezes bastante complexo, como nós vimos, no capítulo sobre as regras de serializações (*Folgerregeln*). Ele aborda o assunto dentro de um capítulo à parte sobre o complexo verbal (*Verbalkomplex*). Para Engel, toda construção com forma de frase contém um verbo que determina a estrutura de todo o conjunto em muitos sentidos. Este é o verbo central. Por outro lado, orações principais e subordinadas contém um verbo finito. Os dois, verbo central e finito, coincidem sempre que houver apenas um verbo na frase. Em todos os casos com mais de um verbo, por exemplo em predicados analíticos com verbos auxiliares, isso não ocorre e Engel fala de um complexo verbal (Engel, 1996: 443). O verbo central ou principal (*Hauptverb*) é regido pelos demais verbos do complexo verbal e ele rege os demais actantes da frase. Segundo Engel, não ocorrem problemas de serialização enquanto ocorrerem apenas dois verbos no complexo verbal, pois neste caso o verbo finito ocupa a posição  $V_2$  e o verbo central a posição final. No caso da subordinada, o verbo finito vai para o extremo final, fechando o complexo verbal, agora novamente adjacente. Com mais elementos verbais, a situação pode ficar mais difícil.

Engel propõe a análise das relações dentro do complexo verbal com instrumentos da Gramática de Valências. Assim, ele define que o verbo finito rege os demais verbos e determina a forma sintática deles (Engel, 1996: 444).

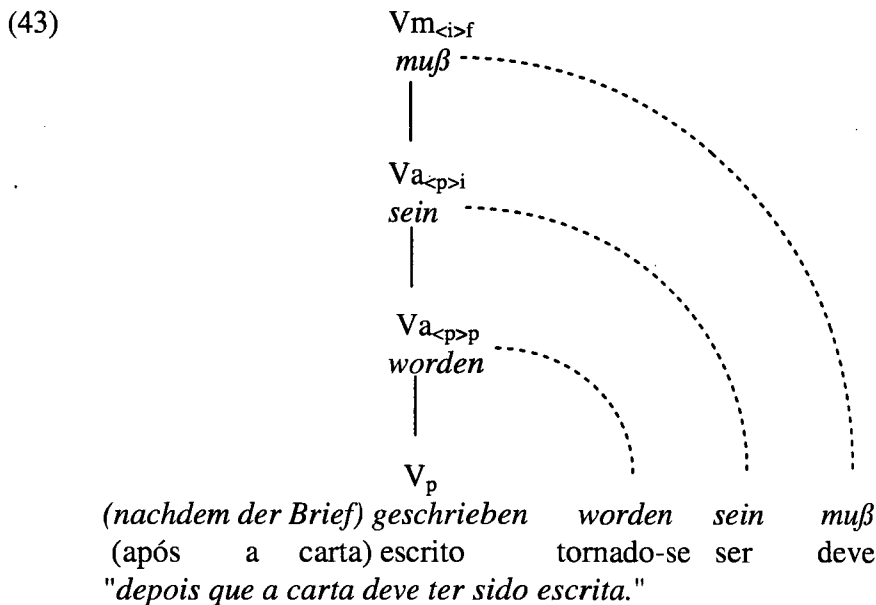


A abreviação  $V_{a\langle p \rangle f}$  acima significa que o verbo auxiliar que rege um particípio II está em forma finita.  $V_{m\langle i \rangle f}$  é um verbo modal que rege um infinitivo e está em forma finita (e assim por diante).

Com estas estruturas de dependência, segundo Engel (1996, 448), é possível deduzir sempre o significado dos complexos verbais descendo nos diagramas até o elemento mais básico que é

determinado e regido pelos anteriores, seguindo o princípio de pré-determinação do alemão, que Tesnière (1976: 22) chamou de ordem centrípeta. Assim, cada elemento dependente é um predicado para o anterior.

Se este diagrama de dependência acima é virado 90 graus para a direita, resulta a ordem correta na subordinada (ou a *Grundstrukturposition* de Flämig e Heidolph et al.):



Esta regra funciona para a maioria dos complexos verbais elaborados, mas, como já vimos, existem casos onde o elemento auxiliar finito é antecipado. Engel (op. cit., p. 446) suspeita que isso é devido à acumulação de elementos com forma de infinitivo (apesar de alguns deles serem na verdade particípios) em determinados complexos verbais.

Com certos complexos verbais de 4 elementos em posição final, apesar de a estrutura de dependência seguir o modelo em (42) e (43) acima, é necessário reagrupar os elementos da seguinte forma (Engel, 1996, 446):

(44a) \* daß ... kommen sehen wollen hat      ⇒      daß ... hat kommen sehen wollen  
\* que ... vir visto querido tem      ⇒      que... tem vir visto querido  
"que ... quis ter visto vir..."

(44b) \* daß ... landen sehen dürfen hat      ⇒      daß ... hat dürfen landen sehen  
\* que ... aterrissar visto podido tem      ⇒      que ... tem podido aterrissar visto  
"que ... tem podido ver aterrissar..."

(44c) \* daß ... liegen bleiben sehen hat      ⇒      daß ... hat liegen bleiben sehen  
\* que ... deitar ficar visto tem      ⇒      que ... tem deitar ficar visto  
"que ... tem visto ficar deitado ..."



- (44d) \* daß ... kommen sehen haben will      ⇒      daß ... will kommen sehen haben  
 \* que ... vir      visto ter quer      ⇒      que ... quer vir      visto ter  
 "que ... quer ter visto vir ..."

Engel acrescenta que a regra não é totalmente coerente, ou seja, existem casos onde complexos verbais com apenas três elementos em posição final – dois em forma de infinitivo – exigem a antecipação do auxiliar, enquanto outros o mantêm na posição  $V_{\text{final}}$ , conforme mostram os exemplos em (45a) a (45c), seguindo Engel (op. cit., 446):

- (45a) \* daß ... kommen wollen hat      ⇒      daß ... hat kommen wollen  
 \* que ... vir      querido tem      ⇒      que ... tem vir      querido  
 "que ... tem querido vir."

- (45b) daß ... reden lassen hat      (45c) daß ... kommen sehen will  
 que ... falar deixado tem      que ... vir      ver quer  
 "que ... tem deixado ... falar"      "que ... quer ver ... vir."

Como se vê, o critério de a forma infinitiva ser realmente um infinitivo, como em (45c), ou um particípio em forma de infinitivo (*Ersatzinfinitiv*), como em (45b), não consegue explicar sozinho a antecipação do auxiliar. Para estes casos, Engel formula uma série de regras bastante complexas, ainda com algumas exceções. A "primeira regra de infinitivo" (*1. Infinitivregel*) de Engel (1996, 447) exige que sempre após três elementos infinitivos no complexo verbal em  $V_{\text{final}}$  os demais elementos verbais sejam colocados em ordem invertida no início do complexo verbal com posição no final da frase. A "segunda regra de infinitivo" (*2. Infinitivregel*) diz que em complexos verbais com dois elementos infinitivos os demais elementos verbais são antecipados em ordem invertida, ou se o segundo elemento infinitivo é um particípio II de um verbo normal seguido por outro infinitivo (que é antecipado junto neste caso).

Engel não menciona este aspecto, mas, como já foi apontado antes neste trabalho, as regras de antecipação do auxiliar também são sujeitas a variações regionais / dialetais. Por exemplo, no dialeto bávaro, a regra forte da VK, conforme a regra básica (*Grundregel*) de Engel em (43) acima, é mantida sem as exceções aqui descritas.

Mais adiante veremos que as regras formuladas por Engel não são satisfatórias, por tomarem como base apenas critérios sintáticos como número de elementos infinitivos no complexo verbal. Como o próprio Engel admite (1996, 447), estas regras são complicadas e difíceis de manusear (*kompliziert und schwierig zu handhaben*) e faz a ressalva de que complexos verbais com tantos elementos infinitivos não são muito frequentes, o que reduziria os problemas de aplicação de suas regras. Além disso, Engel considera que até falantes nativos hábeis muitas vezes teriam

dificuldades na formação destes complexos verbais elaborados em posição  $V_{\text{final}}$  e uma insegurança em avaliar sua gramaticalidade.

Resumindo, Engel contribui com três elementos importantes para este trabalho: o conceito de VK virtual, a descrição das relações complexas na definição de aspectos funcionais como topicalização e ênfase através da ocupação dos campos da frase e uma abordagem muito interessante para a descrição da ordem dentro do complexo verbal, baseada, de certa forma em Helbig & Buscha e Heidolph, Flämig & Motsch.

## II.1.7 Peter Eisenberg

O gramático e lingüista de Berlim leciona hoje na universidade de Potsdam, mas tem um passado de pesquisador na área de processamento automático de linguagem natural (estudou no MIT – *Massachusetts Institute of Technology* — em Cambridge, MA – EUA) no início dos anos 70, onde teve contato intenso também com a sintaxe gerativa chomskyana. Sua gramática é uma das mais novas das gramáticas de referência. O "*Grundriss der deutschen Grammatik*" (Traçado da Gramática Alemã) foi publicado primeiro em 1986. Para o presente trabalho foi usada a sua 3ª e revisada edição de 1994.

### *II.1.7.1 Constituintes descontínuos em diferentes abordagens de descrição sintática*

Como Eisenberg nota já na introdução às noções de estruturas sintáticas da sua gramática (1994: 51), a língua alemã é caracterizada pela frequência de constituintes descontínuos que dificilmente são compatíveis com os conceitos teóricos da maioria das teorias sintáticas. Segundo Eisenberg, em muitos casos, os autores evitam o assunto para manter seu aparato formal de descrição simples. Obviamente, os critérios formais de constituintes e a descrição teórica de material sintático precisam ser mais complexos para poder englobar estruturas descontínuas numa área tão central quanto a do verbo, como no caso das VK. Eisenberg (1994: 52) indaga em tom de indignação, "*Was nützt aber ein einfacher Begriff von Konstituente, wenn er auf das Deutsche nicht mehr paßt?*" (Para que serve, porém, uma noção simples de constituinte se não se encaixa mais com o alemão?).

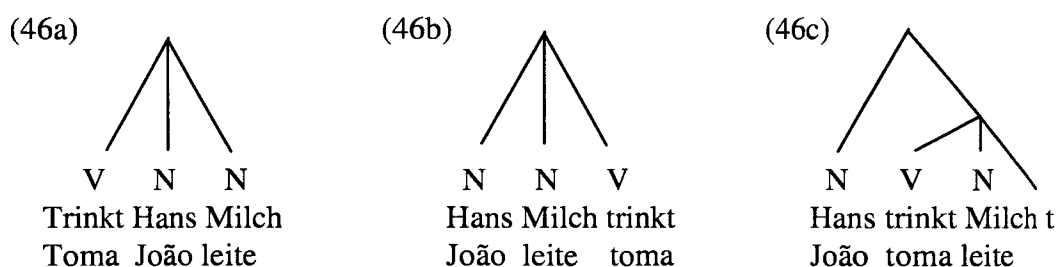
Entre as relações sintáticas básicas Eisenberg conta regência, valência, congruência e concordância, como também a regência posicional (*Positionsbezug*) e dá como exemplo uma conjunção que rege um verbo finito em posição  $V_{\text{final}}$  (Eisenberg, 1994: 56). A relação entre os elementos do complexo verbal são descritas como *Bereichsrelationen* (relações de áreas) onde os elementos da área posterior são vinculados a um ou mais elementos na área inicial. É uma tentativa de diversificar o conceito de constituinte sintático de uma maneira que pode descrever constituintes mais elaborados e ao mesmo tempo englobar vários fenômenos da língua alemã, como por exemplo a pré-determinação dentro do grupo nominal ou o vínculo do elemento final de uma VK com o elemento finito em posição  $V_2$  (Eisenberg, 1994: 69).

A VK em si, mais uma vez, é abordada no capítulo sobre a ordem de palavras, mais para o final da obra. Antes de descrever os detalhes da ordem de elementos no alemão, Eisenberg (1994: 397) cita vários autores como testemunhas de que este aspecto da sintaxe ainda estaria sendo tratado sem a merecida atenção. Ele dá uma pequena introdução geral ao porquê de estudos topológicos em si, que não é sem interesse para o presente trabalho. Como possíveis objetivos da análise da ordem dos elementos sintáticos, Eisenberg conta A) a enumeração de todas as seqüências de elementos possíveis de uma língua, B) a análise da função de permutações, C) o isolamento de fatores topológicos e universais na ordem de elementos e D) a análise da relação entre a ordem das palavras e a estrutura sintática de uma língua.

Um exemplo clássico para a abordagem A), para Eisenberg, é a gramática Duden, aqui já analisada, com a sua divisão da frase em alemão em três tipos (frase frontal, nuclear e estendida – *Stirnsatz*, *Kernsatz* e *Spannsatz*) e os respectivos campos topológicos anterior, interno e posterior (*Vorfeld*, *Mittelfeld* e *Nachfeld*). Mas também trabalhos da linha gerativa encaixam-se neste sentido. Para gramáticas gerativas, segundo Eisenberg (1994: 398), a tarefa coloca-se de uma forma um tanto diferente, pois elas tentam gerar todas as variações posicionais a partir de uma estrutura básica, que pode ser (re-) ordenada – Eisenberg cita Bierwisch (1963) e Grewendorf (1988), um como expoente reconhecido do início dos trabalhos gerativos na Alemanha e o outro como representante mais recente da gramática gerativa "clássica" da língua alemã. Eles partem de uma ordem básica de SOV, ou seja, o verbo em posição  $V_{\text{final}}$ , que, posteriormente, é movido para as posições iniciais (veja mais observações sobre a VK na abordagem gerativa abaixo, no capítulo II.2.2). Vennemann (1972) e Uszkoreit (1987) são citados como representantes de uma estrutura básica não-ordenada, onde todas as serializações finais são devidas a regras de precedência específicas.

Eisenberg constata as sérias dificuldades dos modelos gerativistas de dar conta da língua alemã com as suas muitas variedades posicionais. Além desta natureza da língua em si, Eisenberg suspeita que isso deve-se à impossibilidade de usar conceitos como campos sintáticos ou tipos de frases em teorias gerativas, e cita a vasta literatura gerativista sobre "*Scrambling*" (= variantes de serializações) no campo interno (*Mittelfeld*) da frase alemã como exemplo das tentativas pouco bem-sucedidas de enquadrar em uma teoria formada na base de uma língua com ordem relativamente fixa (o inglês) uma situação de ordem relativamente livre, onde uma série de fatores concorrentes podem influenciar simultaneamente o resultado final. Principalmente se esta abordagem gerativa tem como objetivo formular tipos estruturais para uma ou mais línguas, ou postula certos princípios gerais que são mais ou menos indispensáveis para a teoria em si, Eisenberg (1994: 398) prevê que pequenas diferenças de serialização, aparentemente insignificantes, podem chegar a ter o peso de problemas abrangentes, de ordem teórica.

A *Generalized Phrase Structure Grammar* (GPSG = Gramática Generalizada de Estrutura de Frases) como proposta por Gazdar (1982) é uma das gramáticas precursoras da *Head-Driven Phrase Structure Grammar* (HPSG = Gramática de Estrutura de Frases Comandada por Cabeças Lexicais), mencionada no capítulo II.2, mais adiante. Eisenberg mostra como o modelo gerativo da GPSG tem dificuldades nos seus próprios princípios com a língua alemã.



Enquanto a frase frontal em (46a) e a frase com verbo final em (46b) não colocam desafios para o modelo teórico de descrição, a frase afirmativa do alemão visivelmente não cabe no modelo e exige construções descritivas mais complexas e pouco eficientes, como mostra (46c), onde o verbo é movido para a segunda posição, deixando um traço *t* na posição final original. Como Eisenberg explica, autores da linha chomskyana de *Government and Binding* usam uma outra maneira para descrever as três frases básicas do alemão. Neste modelo, a ordem básica é SVO, ou seja  $V_{\text{final}}$ , e tanto frases de  $V_{\text{inicial}}$  quanto  $V_2$  são vistas como resultado de um movimento do verbo para a posição frontal, sendo que em certas condições, o sujeito pode anteceder o verbo, assim formando frases em outros modelos chamadas de  $V_2$ . Com isso, uma característica básica do alemão, a

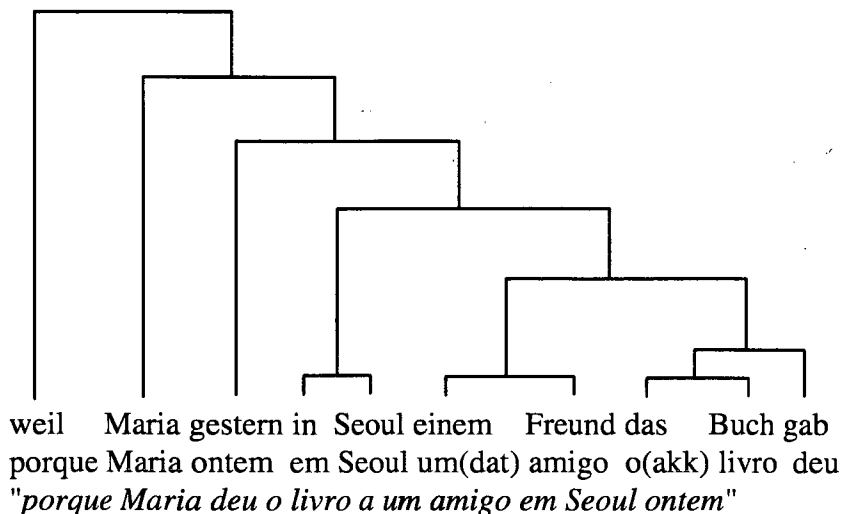
posição V<sub>2</sub> simplesmente deixa de existir na descrição, e, conseqüentemente não é analisada em suas funções importantíssimas para a compreensão do funcionamento da língua em si.

A abordagem B) das acima citadas verifica as conseqüências funcionais e pragmáticas de alterações de serialização em frases e normalmente escolhe uma posição como a básica, explicando as demais com a necessidade funcional de realizar outras intenções comunicativas, por exemplo, gerar interrogativas ou imperativos. Esta abordagem é encontrada em muitas gramáticas de referência, de novo começando pelo próprio Duden, onde vimos uma correlação entre tipos de frases e funções pragmáticas. Também, segundo Eisenberg, encaixam-se neste grupo autores baseados na abordagem de perspectiva funcional da frase (FSP) com a sua análise da progressão de tema - rema na frase.

A abordagem C) de usar as regularidades de serialização de línguas para a sua classificação e tipologia foi iniciada por Greenberg nos anos 60 e até hoje divide as línguas entre os tipos SOV, SVO e VSO. Como Eisenberg (1994: 400) aponta, à primeira vista pode parecer que estas categorias cobrem os três tipos de frase do alemão. Porém, isso seria uma simplificação grosseira e, olhando de perto, verificar-se-ia que o alemão não cabe em nenhum dos três tipos de forma orgânica. O critério central destas abordagens é a relação posicional entre elementos base e seus determinadores. Assim, como mostra Eisenberg (1994: 401), Vennemann (1974, 1977) usa Behaghel que constatou já nos anos 30 que no alemão o elemento determinador antecede o elemento por ele determinado. A questão crucial é como todos os elementos sintáticos são categorizados neste sentido nas suas relações de determinação. Eisenberg (1994: 401) cita uma lista destas relações de Vennemann, que postula validade para todas as línguas.

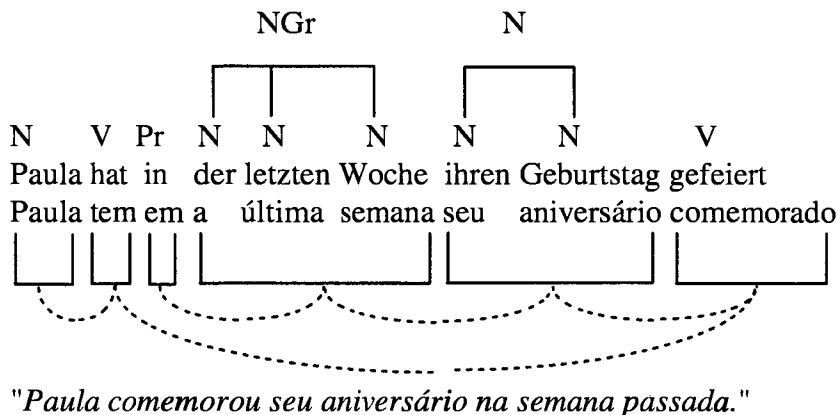
A abordagem D) que relaciona a ordem dos elementos e a estrutura sintática de uma língua é a mais ampla, que une aspectos das anteriores. É esta que Eisenberg implicitamente reclama para a sua própria gramática. Como Eisenberg (1994: 402) constata, com a visão de relações de determinador e determinado, a adjacência de elementos e as regras que a permitem tornam-se fatores centrais da descrição, não apenas das regularidades topológicas de uma língua, mas sim de sua estrutura sintática em si. Como a adjacência exige que um elemento esteja em contato exatamente com um outro, esta abordagem leva quase automaticamente à formação de estruturas binárias hierárquicas com o verbo como determinado mais básico que agrega, em última análise, todos os demais elementos como seus determinadores.

(47)



A hipótese que os pares sejam constituintes da frase em vários níveis parece atraente, porém, como Eisenberg mostra, a adjacência, no mínimo, é conflitante com outros critérios para constituintes da frase. Como exemplo, muito importante para o fenômeno deste trabalho, Eisenberg (1994: 403) cita as já mencionadas regências posicionais (sempre onde um elemento está em posição fixada em relação a um outro).

(48)



O esquema (48) acima, de Eisenberg, mostra algumas das relações sintáticas da frase. Como vemos, o sujeito da frase está ligado ao verbo auxiliar finito e concorda com ele em número e pessoa. Este, por sua vez, tem conexão com o verbo principal, infinito. O objeto direto depende do verbo principal. A preposição rege um complemento com dativo, e assim por diante. O gráfico de Eisenberg ilustra que, ao mesmo tempo, várias relações sintáticas são ativas, algumas em decorrência de outras, algumas de forma independente.

### II.1.7.2 Regência posicional

Um mérito também de Eisenberg, como já no caso de Engel, é de estabelecer relações de dependência entre os vários elementos do grupo verbal. As relações de adjacência recíproca, adjacência necessária e adjacência absoluta e suas definições exatas por Eisenberg não são centrais para o contexto deste trabalho (talvez exceto para certos fenômenos de serialização dentro do complexo verbal composto em posição  $V_{\text{final}}$ ). Mais importante já é a relação posicional que Eisenberg (1994: 405) denomina de precursor (*Vorgänger*) e sucessor (*Nachfolger*), ou seja, uma relação que define que um elemento só pode ocorrer antes ou depois de um outro, sem a necessidade de adjacência direta. Central para este estudo, porém, é a relação chamada de *Positionsklammer* (VK). A definição de Eisenberg é a de que um constituinte  $f_1$  forma uma *Positionsklammer* com um constituinte  $f_2$  se eles não são adjacentes, porém, existe um contexto sintático onde eles mostram adjacência necessária. Com isso, também a *Nominalklammer* do alemão (formada pelo grupo nominal composto por artigo, atributos e o substantivo) seria uma *Positionsklammer*, pois em um momento, artigo e substantivo são necessariamente adjacentes, quando não ocorrem atributos. Porém, o critério que Eisenberg sugere está se referindo à situação  $V_{\text{final}}$ , onde o verbo finito necessariamente junta-se aos outros elementos verbais em adjacência necessária. Assim, a VK com o verbo finito como  $f_1$  e os verbos infinitos como  $f_2$  é a *Positionsklammer* por excelência, pois em VK, com o verbo finito em posição  $V_{\text{final}}$ , a segunda parte da condição de Eisenberg é preenchida. De certa forma, com este critério, Eisenberg exclui a interpretação da VK conjuncional como *Positionsklammer* no seu modelo, pois em **nenhum** momento o verbo finito e a conjunção estão numa relação de adjacência necessária. De fato, como veremos adiante, isso acontece na gramática de Eisenberg. Apesar de fazer menção da crítica da divisão clássica entre frase subordinada e principal (Eisenberg, 1994: 68-69), ele mais tarde apresenta exatamente esta mesma divisão, e não inclui a integração de frases "subordinadas" no modelo da *Verbalklammer*. Eisenberg (1994: 408) conclui suas considerações iniciais sobre o assunto com a observação de que a regência posicional (*Positionsbezug*) não é necessária para a definição do caráter de constituinte dos elementos e afirma que não pode ser uma desvantagem que através da análise das relações posicionais a análise de constituintes normalmente seja reforçada.

### II.1.7.3 Os tipos de frases e campos topológicos do alemão

Entrando na análise da ordem de elementos na frase alemã em si, Eisenberg primeiro lista as tipologizações clássicas das frases: *Stirnsatz* (frase frontal), *Kernsatz* (frase nuclear) e *Spannsatz*

(frase estendida) do Duden ou *Verberst-, Verbzweit e Verbletzstellung* (posição verbal inicial,  $V_2$  e  $V_{\text{final}}$ ). Como já foi observado neste trabalho, Eisenberg também constata que vários gramáticos consideram  $V_2$  como posição básica ou primária de forma implícita, ou seja, já pelo nome (Duden = *Kernsatz*; Helbig & Buscha = tipo 1; Griesbach = tipo A). A decisão normalmente tem embasamento pragmático, como as frases com  $V_2$  são as frases afirmativas simples, provavelmente o tipo mais freqüente de frase. Como Eisenberg constata (1994: 409), vários autores com interesse de classificar a língua alemã e a maioria dos autores da sintaxe gerativa preferem descrever o alemão como língua  $V_{\text{final}}$ . Para a sua gramática, Eisenberg evita uma decisão sobre qual dos tipos da frase seria "básico". Em vez disso, ele mostra que o tipo de frase (*Satztyp*) definido pela posição do verbo nem sempre coincide com um modo de frase (*Satzart*; afirmativa, interrogativa, imperativa, subordinada). Existem subordinadas, imperativas e interrogativas com posição  $V_2$ , interrogativas com  $V_{\text{final}}$  e afirmativas com o verbo na posição inicial. Não obstante a isso, Eisenberg (1994: 410) declara que a frase estendida (*Spannsatz*), definida pela posição  $V_{\text{final}}$  do verbo finito e um elemento inicial (conjunção, pronome relativo), marca uma função sintática: a frase de complemento, frase adverbial ou atributiva.

Interessante é a observação de que, em alguns casos, o campo anterior (*Vorfeld*) pode ser ocupado por mais de um elemento:

(49a) Irene hat ihm den Stern gezeigt.  
Irene tem ele(dat) a(akk) estrela mostrado  
"Irene mostrou-lhe a estrela."

(49b) Ihm den Stern hat Irene gezeigt.  
Ele(dat) a(akk) estrela tem Irene mostrado  
"A ele a estrela mostrou Irene."

(49c) Ihm den Stern gezeigt hat Irene.  
Ele(dat) a(akk) estrela mostrado tem Irene  
"A ele a estrela mostrou Irene."

Eisenberg afirma que a ordem dos elementos acumulados na posição inicial não pode divergir de sua ordem neutra na frase (49a). Além destes elementos, todos os elementos que podem ocupar o campo posterior podem também estar no campo anterior.

Já foi relatado que Eisenberg considera a VK definida como relação de regência posicional, entre o elemento verbal finito e o complexo verbal infinito. Com sua definição de que a posição  $V_2$  não seria uma posição verbal tanto quanto a posição para o elemento finito, Eisenberg (1994: 414) parece no final aderir parcialmente (e também de forma implícita) à posição dos gerativistas de que



a posição  $V_{\text{final}}$  seria a básica do alemão. A justificativa dele não convence: o verbo como portador da ação (*Träger des Geschehens*) da frase estaria no final e o verbo como portador das categorias finitas (*Träger der Finitheitskategorien*) na posição  $V_2$ . Esta observação feita de forma tão genérica parece um tanto superficial e o exemplo dado é um verbo com partícula (*denkt - nach* = reflete) que não serve para sustentar o argumento, porque neste caso a partícula evidentemente apenas detalha mas não define a ação do verbo em posição  $V_2$ . Em casos de predicados analíticos com apenas um verbo auxiliar temporal na posição  $V_2$ , o ponto de Eisenberg seria mais plausível. Mas, mesmo assim, não é adequado dividir de forma tão simplificada as funções entre as duas posições verbais da frase. Como veremos, Weinrich sugere uma divisão de função gradual entre ambos.

#### II.1.7.4 Ocupação do campo posterior

Eisenberg considera difícil descrever a ocupação do campo posterior (*Nachfeld*) e critica a descrição da ocupação do campo posterior como exclusão (*Ausklammerung*) por alguns autores, pois isso indicaria a idéia que a *Satzklammer* seja constitutiva para a frase e que deveria terminar depois dela encerrada. Explicitamente, Eisenberg (1994: 415) descreve esta opinião como indefensável (*unhaltbar*), pois, como ele argumenta, frases adverbiais (50d) ou de complemento (50c) nunca poderiam ocorrer no campo interno (*Mittelfeld*), mas somente no campo anterior ou posterior.

- (50a) Er **hat gesehen**, daß du dabei warst.  
 Ele tem visto que tu junto estavas  
 "Ele viu que tu estavas junto."
- (50b) Daß du dabei warst, **hat er gesehen**.  
 Que tu junto estavas tem ele visto  
 "Que tu estavas junto, ele viu."
- (50c) \*Er **hat** daß du dabei warst **gesehen**.  
 \*Ele tem que tu junto estavas visto  
 "Ele viu que tu estavas junto."
- (50d) \*Er **hat** den Zug weil das schneller geht **genommen**.  
 \*Ele tem o(akk) trem porque isso mais-rápido vai tomado  
 "Ele pegou, porque é mais rápido, o trem."
- (50e) Er **hat** – weil das schneller geht – den Zug **genommen**.  
 Ele tem – porque isso mais-rápido vai – o(akk) trem tomado  
 "Ele pegou, porque é mais rápido, o trem."

Indefensável, de fato, é esta generalização prematura de Eisenberg, pois tanto frases de complemento quanto adverbiais podem ocorrer como inseridas no campo interno, como mostram os exemplos (51a) e (51b) abaixo. Chama a atenção como Eisenberg usa a grafia dos exemplos (50c) e (50d), onde não coloca as vírgulas que separariam a frase inserida, aparentemente para sustentar a impressão sugerida de não-aceitabilidade desta frase. Em vez disso, acrescenta a versão (50e) como frase parentética aceitável, e usa a grafia com travessões para destacar o caráter "excepcional" desta variante. Uma frase inserida pode ter a ênfase de parênteses que Eisenberg tenta mostrar com o uso dos travessões ou não, o que na língua falada manifesta-se com instrumentos prosódicos (pausa, movimento do tom da voz e acentos). O certo, porém, é que, dependendo do caso concreto, mais exatamente do grau de elaboração das inseridas e do resto do campo interno, as frases complemento e adverbiais podem ocupar o campo interno, como já mostraram os exemplos (40b) e (41b) de Engel acima. Também Helbig & Buscha (1999: 654) indicam que a posição de frases complemento no campo interno é possível. Aqui estão dois exemplos, com uma frase de complemento objeto (51a) e uma frase de complemento adverbial (51b):

(51a) Er **hat** dir übrigens, daß du nicht da warst, später ziemlich **übelgenommen**.

Ele tem ti aliás que tu não lá estavas depois bastante mal-tomado

"Aliás, depois ele ficou bastante ressabiado porque tu não estavas." ❖

(51b) Letzte Woche **bin** ich, weil ich krank war, nicht in der Arbeit **gewesen**.

Última semana sou eu, porque eu doente era, não em o trabalho sido

"Semana passada, eu, porque estava doente, não fui ao trabalho." ❖

Esta posição de Eisenberg é pouco consistente, pois no mesmo lugar (Eisenberg, 1994: 415) ele afirma que a "maneira de falar" (*Redeweise*) de campo anterior, interno e posterior se ofereceria para a frase nuclear por causa da VK claramente marcada, apenas para destacar que isso seria viável para as frases estendidas (*Spannsatz*), onde normalmente não existiria uma *Satzklammer*. Surpreendentemente, Eisenberg (1994: 416) constata que mesmo assim (apesar de não ter VK), faria sentido usar as mesmas denominações de campos para as frases com  $V_{\text{final}}$ , e mostra uma tabela onde os paralelismos da estrutura verbal bipolar entre ambos os tipos de frase são mais do que evidentes. Mais grave ainda do que as generalizações errôneas de Eisenberg, a partir de exemplos isolados (talvez estilisticamente menos bem-sucedidos), é o fato de que adotando este ponto de vista, ele perde completamente a possibilidade de descrever a função da VK como separador dos campos sintáticos da frase em alemão. De fato, consistente com estas superficialidades da descrição, Eisenberg rapidamente deixa o assunto da *Satzklammer* e aborda a

questão da posição de elementos dentro do campo interno e dentro do grupo nominal nas 20 páginas restantes do capítulo.

Resumindo, com Eisenberg, temos mais um exemplo de um autor moderno que aborda a questão inevitável das VK e faz observações bastante interessantes, como a introdução do conceito de regência posicional. Posteriormente, porém, ele falha em aspectos importantes, ao ponto de cometer inconsistências descritivas e até erros.

### II.1.8 Zifonun, Hoffmann & Strecker (*IdS-Grammatik*)

A gramática de referência mais recente no mercado, e, ao mesmo tempo, o projeto de longe mais ambicioso de uma gramática alemã é a *Grammatik der deutschen Sprache* (Gramática da Língua alemã), coordenada por Gisela Zifonun, Ludger Hoffmann e Bruno Strecker, no *Institut für deutsche Sprache – IdS* (Instituto para a Língua Alemã) em Mannheim. O projeto encomendado pelo conselho científico do governo alemão (*Wissenschaftsrat*) para um trabalho no sentido de um inventário das características gramaticais do alemão contemporâneo iniciou nos anos 60 e foi retomado no início dos anos 80. Os manuscritos parciais elaborados pelos 10 autores principais foram entregues no final de 1993, mas apenas em 1997 o trabalho redacional de integração do trabalho completo foi concluído, e só em 1998 a obra com três volumes e mais de 2.500 páginas no total chegou ao mercado.

A estrutura desta obra parte da definição de conceitos básicos para analisar depois a gramática de textos e discursos. Ou seja, ela dedica quase 1.000 páginas à descrição de elementos discursivos e constitutivos para textos, como estruturas de referência, dêixis, organização de textos ou discursos, tematização e ênfases, aspectos funcionais e modais, antes de abordar assuntos mais tradicionais, como estruturas de constituintes de frases e complementação. Apenas as últimas 1.000 páginas tratam de categorias sintáticas "clássicas" como tempos e modos verbais, voz passiva, preposições, conjunções, frases subordinadas e outros. Pela abordagem predominantemente funcionalista desta gramática, porém, o fenômeno central deste trabalho, a *Verbalklammer* (VK) aparece de muitas formas implícitas, mesmo sem ser tematizada diretamente. Pela sua abordagem inovativa e pelo detalhamento das várias abordagens parciais da descrição do funcionamento da língua alemã, o conjunto das descrições relacionadas ao assunto na *IdS-Grammatik* tem muito a contribuir para o presente trabalho.

### II.1.8.1 A definição de frase e da unidade comunicativa mínima (Kommunikative Minimaleinheit)

Inicialmente, Zifonun et al. (1997: 86) constatam a dificuldade de definir o conceito de frase e sugerem uma abordagem dupla, na diferenciação entre frase (*Satz*) e unidade comunicativa mínima (*Kommunikative Minimaleinheit* – KM). Com esta duplicação dos conceitos, os autores pretendem satisfazer ao mesmo tempo as exigências de uma descrição formal e de uma análise funcional. Assim, para os autores, existem frases que não são unidades comunicativas mínimas (KM), ou seja, não podem ser enunciadas sozinhas, como por exemplo as frases complemento, ou as suas frases matrizes – sem estas frases complemento. Por outro lado, há KM que não são frases, pois lhes falta o critério formal, um verbo finito. Ainda assim, a análise não é suficientemente abrangente, pois existem frases sem verbo finito que não são KM, como frases complemento infinitivas. Porém, a abordagem mais ampla é entendida como mais construtiva para a descrição correta de fenômenos lingüísticos empíricos. Apesar disso, como os autores admitem (op. cit., 87), com esta decisão eles são levados a uma batalha em duas frentes ao mesmo tempo: seguindo critérios de interação comunicativa, fica difícil explicar porque existem frases "dependentes", e, priorizando o aspecto formal, muitas "frases" existentes não podem ser descritas ou devem ser eliminadas do modelo, como irregulares ou exceções. Como conclusão, com uma postura salomônica, Zifonun et al. criam o conceito de *Vollsatz* (frase completa) que satisfaz ao mesmo tempo os dois critérios. Ela é uma unidade comunicativa mínima e tem um verbo finito.

Aplicando estes critérios, eles admitem que existem frases completas não apenas com posição  $V_2$  ou  $V_{inicial}$  do verbo finito, mas também com  $V_{final}$ , como no exemplo (52):

- (52) Daß du mir ja nix von meinem Fisch nimmst!  
Que tu mim (part) nada de meu peixe pegas  
"Não pegue nada do meu peixe!"

Como eles tentam mostrar já pela grafia sublinhada da partícula modal do exemplo, eles avaliam estas frases como marcadas, e, desta forma, como exceções. Frases que têm um verbo finito, mas não são KM, são chamadas de *Teilsatz* (frase parcial), sendo que uma frase parcial que contém uma outra chama-se *Obersatz* (frase superior). A frase contida é chamada *Untersatz* (frase inferior). Assim, os autores reproduzem de forma fiel a antiga classificação de frase principal e frase subordinada. Estes rótulos anteriores continuam sendo empregados, na medida em que um *Obersatz* que é KM pode ser chamado de *Hauptsatz*, e um *Untersatz* que não pode ser KM de *Nebensatz* (op. cit., 88). Mais adiante, no seu capítulo sobre subordinação (op. cit., 2235-2385), os autores confirmam que continuam empregando o conceito de frases subordinadas (op. cit., 2235-

2239). Eles apenas dão uma visão mais ampla no sentido de analisarem vários tipos de (sub-) categorização (semântica, funcional, por tipo de introdução, por critérios categoriais, etc.).

### II.1.8.2 Os campos da frase e os domínios de acentuação (Hervorhebungsdomänen)

No capítulo *Diskurs und Mündlichkeit* (discurso e oralidade), Zifonun et al. (1997: 216-219) definem grupos de entoação (*Intonationsphrasen*) a partir de acentos e desacentuação de (grupos de) elementos sintáticos ou partes deles. Os autores notam que, além dos meios prosódicos (ou tipográficos), fatores topológicos principalmente e elementos lexicais que abrem domínios de acentuação (*Hervorhebungsdomänen*) como partículas interagem de forma intrincada para dar a interpretação correta de cada KM. De maneira geral, acentuação topológica implica em acentuação prosódica, não o inverso. Neste contexto (op. cit., 219) aparece uma tabela que mostra as áreas de acentuação topológica (*topologische Hervorhebungsbereiche*):

(53)

Linkes Außenfeld (campo externo esquerdo)	Vorfeld (campo anterior)	Satzklammer	Vorderes Mittelfeld (campo interno inicial)	Hinteres Mittelfeld (campo interno final)	Satzklammer	Nachfeld (campo posterior)
Thematisierung (tematização)	Thema (tema)		Thema (tema)	Thema (tema)		Nachtrag / Reparatur (pós-posição / conserto)
	Thematisierung / Relevanz (tematização / relevância)			Thematisierung / Relevanz (tematização / relevância)		Relevanz (relevância)

Além de ilustrar melhor onde as funções de acentuação incidem preferencialmente, esta tabela é perfeita para mostrar uma das funções básicas da VK, apesar de os autores nem estarem tratando da Satzklammer neste momento: a delimitação dos campos topológicos e, com isso, a disponibilização dos espaços múltiplos para a topicalização em alemão. A mesma divisão de campos topológicos já presente em Altmann (1993: 5).

O assunto da tematização textual é retomado no capítulo sobre a organização temática de texto e discurso, onde os autores (op. cit., 508) constatam que eles preferem usar um conceito de tema mais amplo, não limitado ao nível de frase, como ocorreria na maioria dos trabalhos publicados

sobre o assunto. Para um tema ser estabelecido é preciso que ele continue (eventualmente com subtemas) ao longo de uma série de frases. Ele não precisa ser necessariamente introduzido de forma explícita. Em muitos contextos, alusões rápidas podem estabelecer temas de forma bastante dominante, sem que isso se manifeste no nível explícito, pois, em determinadas circunstâncias, o contexto pode fornecer esta função com a mesma eficiência. Um tema pode ser estabelecido e abandonado e tentativas de introduzir um tema podem ser bem sucedidas ou não. Apenas a interação do discurso, ou o desenvolvimento do texto ao longo de várias frases mostrarão o(s) tema(s) de forma confiável (op. cit., 509-510). Como os autores salientam, a topicalidade de uma expressão pode ser avaliada apenas de forma retrospectiva, na relação da expressão em questão com o co-texto anterior e a situação de orientação contextual dos participantes do discurso oral ou escrito. A primeira menção de uma expressão pode ser no máximo uma tentativa de tematização, cujo sucesso será revelado apenas pela continuação do discurso (op. cit., 511). Como anteriormente descrito, existem vários recursos e várias posições na frase para a tematização, que, em todos os casos, são determinadas de forma direta ou indireta pela VK da frase. Como vimos (cf. capítulo I.4.1.3), Givón elaborou uma metodologia interessante para medir a topicalidade de determinados elementos.

### *II.1.8.3 Os tipos da frase definidos pela ocupação de seus campos topológicos*

No capítulo sobre o modo frasal de unidades comunicativas mínimas (*kommunikative Minimal-einheiten* – KM), os autores constatam inicialmente que ele é definido por características formais e funcionais em conjunto. Classificações baseadas apenas em um destes lados seriam insuficientes (op. cit., 608). Zifonun et al. também consideram a frase completa com o verbo finito em posição  $V_2$  ou  $V_{inicial}$  como manifestação prototípica da KM. É interessante como a definição de todos os tipos de frases baseia-se na VK (op. cit., 609-610), porém apenas implicitamente. Assim, o tipo "frase afirmativa" (*Aussagesatztyp*) mostra um campo anterior (*Vorfeld*), por isso  $V_2$ , e o *Vorfeld* não é ocupado por um elemento interrogativo *W-*. O *Entscheidungsfragesatztyp* (tipo de frase interrogativa de decisão) define-se por ausência do campo anterior e por isso  $V_{inicial}$ , sendo que o modo do verbo não é imperativo. Característico para o *Ergänzungsfragesatztyp* (tipo de frase de interrogativa de complementação) são a ocupação do campo anterior por uma expressão interrogativa *W-*, formando  $V_2$  sem que o verbo mostre morfologia de modo imperativo. Para o *Aufforderungssatztyp* (tipo de frase de solicitação) é constitutiva a ausência do campo anterior, por isso  $V_{inicial}$ , com modo verbal imperativo ou formas admonitórias.

Além destes tipos clássicos de frases, os autores admitem que existem frases completas (que são KM independentes) com  $V_{\text{final}}$  – apesar de declarar que seriam formas de realização não-prototípicas que não teriam um tipo de frase definido (op. cit., 611). O tipo formal de frases  $V_{\text{final}}$  não sugeriria um tipo funcional (o que por si só é igualmente válido para o tipo  $V_2$ , como acabamos de ver). As frases  $V_{\text{final}}$  do tipo *Entscheidungsfragesatz* são introduzidas pelo subjuntor *ob* (se), como mostra (54a) e o tipo *Ergänzungsfragesatz* por um elemento interrogativo W- (54b), frases  $V_{\text{final}}$  do tipo *Aufforderungssatz* são introduzidas por *daß* (54c), frases exclamativas por *daß* (que), como em (54d), ou por um elemento interrogativo W- (54e) e frases  $V_{\text{final}}$  que expressam desejos são marcadas por *wenn* (se) e o modo verbal é conjuntivo II (54f):

- (54a) Ob Hans wohl kommt?  
 Se Hans (part) vem?  
 "Será que Hans vem?"
- (54b) Was Hans wohl gesehen hat?  
 Que Hans (part) visto tem?  
 "Que será que Hans viu?"
- (54c) Daß du mir ja nicht zu spät kommst!  
 Que tu mim (part) não demais tarde vens  
 "Que tu não te atrases!"
- (54d) Daß der so gut spielt!  
 Que este tão bem joga  
 "Como aquele joga bem!"
- (54e) Wie freundlich der ist!  
 Como gentil este é  
 "Como ele é gentil!"
- (54f) Wenn er doch käme!  
 Se ele (part) viesse  
 "Se ele viesse!"

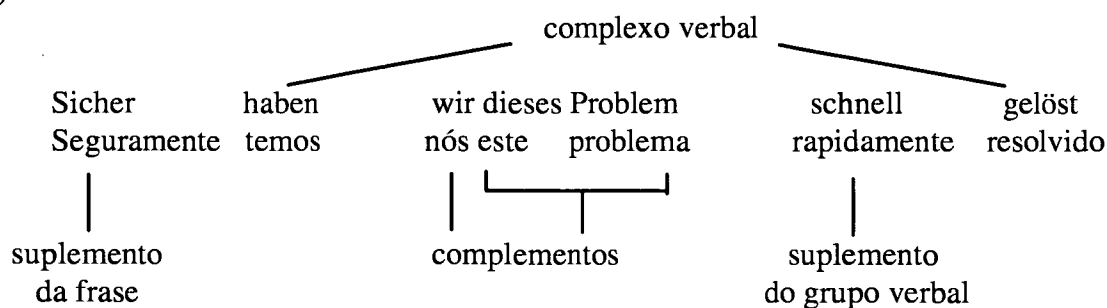
Como os autores esclarecem (op. cit., 612), frases completas  $V_{\text{final}}$  com status de KM podem ser usadas sem integração situacional ou contextual direta, o que não permite interpretá-las apenas como formas elípticas, onde uma frase superior (*Obersatz*) foi suprimida, pois a elipse funciona apenas por causa do apoio pelo contexto que permite a supressão de elementos ou a sugere por motivos de economia lingüística. Não por acaso, os autores usaram partículas modais em todos os exemplos acima. De fato, parece que nestes casos as partículas ajudam a definir o tipo funcional de frase, como sugerem Zifonun et al. (op. cit., 611). Além disso, as partículas modais salientam o caráter de KM independentes e evitam a interpretação destas frases como subordinadas (op. cit.,

612). No canal oral, recursos prosódicos (pelos autores reproduzidos como sublinhado nos exemplos acima) apóiam a seleção do modo funcional destas frases.

#### II.1.8.4 Complementos, suplementos e outros elementos na frase

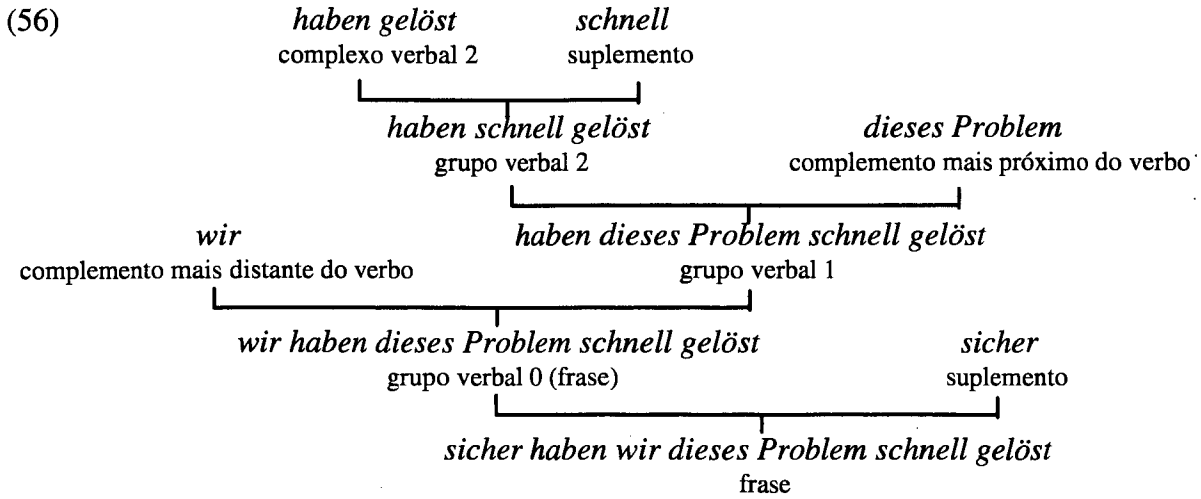
Para definir melhor a estrutura semântica elementar de proposições, os autores se referem ao conceito de predicado da tradição lógica-filosófica que inicia com Aristóteles e elaborada posteriormente por Frege, em trabalhos mais recentes por Strawson, Prior ou Tugendhat. Como eles mencionam, a escola valencial usa um conceito bastante próximo, apenas usando "verbo" no lugar de "predicado", por causa de razões formais desta abordagem (op. cit., 677). Os autores usam esta análise de predicados para explicar predicacões complexas como os chamados grupos de verbos funcionais, em construções causativas, incoativas, durativas ou passivas. A observação de que existem predicados mínimos e máximos coincide com a análise da gramática de valências, onde um predicado mínimo é formado pelos actantes exigidos pela regência do verbo (*Komplemente* – complementos, na terminologia da *IdS-Grammatik*) e o predicado máximo pode ser enriquecido por circunstantes (chamados suplementos – *Supplemente* por Zifonun et al.). No seu quinto capítulo (p. 955-1495), a *IdS-Grammatik* analisa a estrutura composicional de unidades comunicativas mínimas e trata dos componentes primários da frase completa, ou seja, do complexo verbal, dos complementos e dos suplementos do verbo ou da frase (op. cit., 955), conforme mostra (55).

(55)



Os autores diferenciam na descrição entre a estrutura funcional e a estrutura linear da frase completa. A estrutura funcional categorial (*kategoriale Funktionalstruktur*) é hierárquica, sem considerar a conexão serializada na frase. Depois de completar a estrutura funcional categorial com todos os suplementos (circunstantes), ela passa para a estrutura linear. Para a frase do exemplo (55) resulta a seguinte análise detalhada (op. cit., 957):

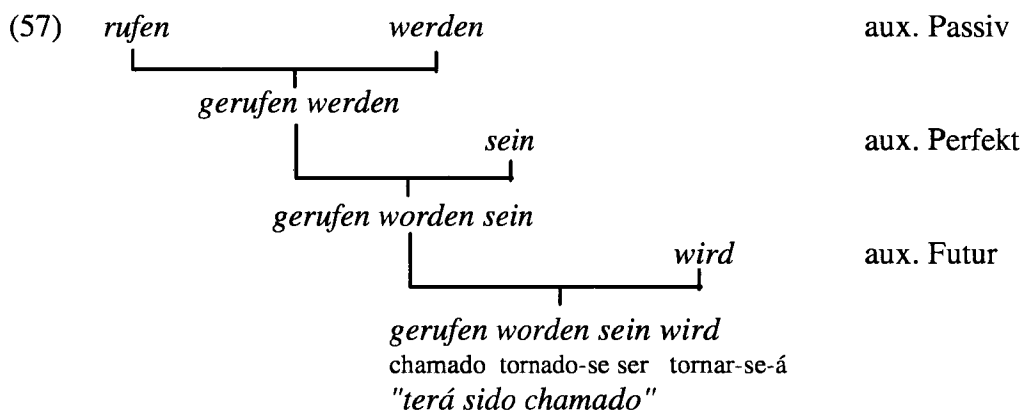




Como vemos, a frase do exemplo (56) tem apenas dois complementos (actantes), porém, entre a integração do complemento mais próximo e o mais distante podem surgir vários passos lógicos, com vários subgrupos verbais de crescente complexidade, dependendo do número de complementos exigidos pela valência do verbo. O grupo verbal 0 acima por si só já tem caráter de frase, mas ele ainda recebe um suplemento para modificar toda a frase, para finalmente formar a frase completa.

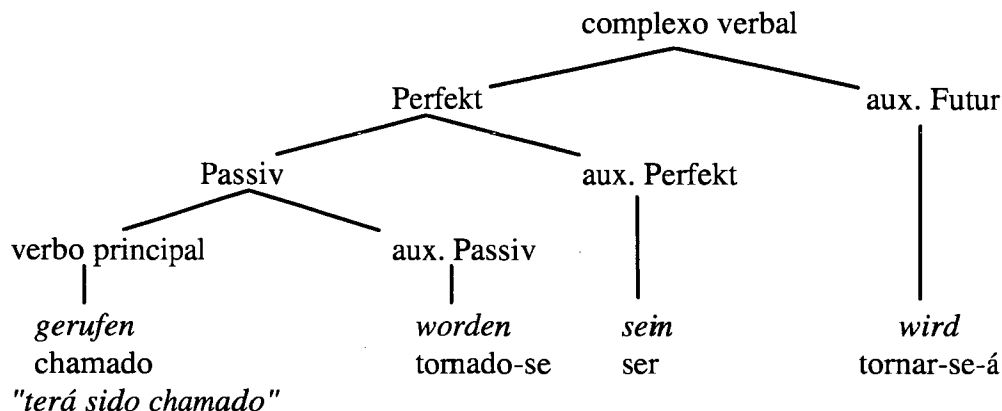
Para diferenciar entre complementos e suplementos de maneira mais exata, os autores apóiam-se na abordagem da gramática de valências mais recente, que interpreta a valência de maneira multidimensional, incluindo fatores semânticos e sintáticos. A seleção de um determinado número de argumentos do verbo implica que eles sejam de um determinado tipo, que tenham um determinado valor informacional e uma determinada forma sintática (op. cit., 1030).

A análise funcional categorial é aplicada também no caso do complexo verbal em si pelos autores. No exemplo (57) abaixo, eles combinam três operações para criar um complexo verbal de quatro elementos (op. cit., 1246):



Para o mesmo complexo verbal, Zifonun et al. (1997, 1247) dão um diagrama de estrutura frasal que mostra a dependência hierárquica. O fato de haver uma bifurcação para a esquerda é interpretado como uma prova de que o alemão seria uma língua com posição  $V_{final}$  subjacente (op. cit., 1246). Em frases do tipo  $V_2$  ou  $V_{inicial}$ , apenas o operador finito da margem direita apareceria como elemento esquerdo da *Klammer* formada pelo complexo verbal, como se a bifurcação mais alta tivesse sido girada para a esquerda.

(58)



#### II.1.8.5 Fatores funcionais na composição do complexo verbal

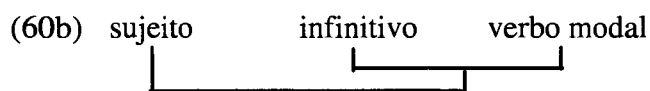
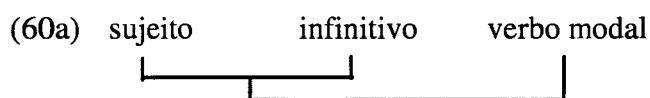
Antes de chegar na análise da estrutura de linearização da frase, e com isso no centro do interesse para o presente estudo, os autores apresentam uma discussão semântico-funcional detalhada sobre a orientação do complexo verbal, principalmente o que contém verbos modais, e sobre complementos formados por construções infinitivas (*Infinitivkonstruktionen* – IK) e frases de complemento. Os fatores funcionais levantados, como veremos, dão uma contribuição importante para a posterior descrição sintática de alguns aspectos dos fenômenos em questão, como por exemplo a inversão do auxiliar. No caso dos verbos modais, os autores distinguem três usos ou escopos possíveis: uso epistêmico, uso extrasubjetivo e intrasubjetivo, como mostram os exemplos (59a) a (59c) abaixo:

(59a) Er kann nicht mehr ganz nüchtern gewesen sein.  
 Ele pode não mais totalmente sóbrio sido ser  
 "Ele não mais podia estar totalmente sóbrio."

(59b) Sie können meinetwegen gehen.  
 O-sr. pode por-mim ir  
 "Por mim, o sr. pode ir."

- (59c) Er will an der Veranstaltung teilnehmen.  
 Ele quer em o evento participar  
 "Ele quer participar do evento."

O Exemplo (59a) mostra o uso epistêmico, por outros autores chamado de uso subjetivo dos verbos modais (Schulz & Griesbach, 1984: 84-88; Helbig & Buscha, 1991: 136-137), onde o grau de probabilidade do predicado é atribuído. A diferenciação entre intrasubjetivo e extrasubjetivo leva em consideração a identidade do referente do verbo modal, ou seja, a pessoa que modaliza, e do verbo principal que efetua a ação modalizada. Assim, os dois não coincidem em (59b), onde o falante outorga permissão para um referente diferente da pessoa dele (= **eu** permito que **o Sr.** vá). Em (59c), ambos são a mesma pessoa (= **B** deseja que **B** participe do evento). O diagrama funcional para uso epistêmico (60a) e não-epistêmico (60b) mostra uma diferença de escopo clara (Zifonun et al., op.cit., 1276):



Como primeira consequência, os autores ressaltam que o escopo epistêmico exclui a seleção de determinadas combinações de auxiliares no complexo verbal (o paradigma do *Perfekt* no complexo verbal), e, ao contrário, a seleção de determinadas combinações pode sugerir escopo epistêmico (não necessariamente, porém).

### II.1.8.7 A inversão do verbo auxiliar

Apesar de ser um capítulo sobre a estrutura funcional das frases completas, há uma seção sobre irregularidades na ordem dos elementos do complexo verbal, sob o ponto de vista funcional, que pode contribuir a um esclarecimento de fenômenos sintáticos. Mais exatamente, os autores analisam a inversão do auxiliar nos casos de complexos verbais elaborados com a participação de participípios de verbos modais em forma de infinitivos, o chamado *Ersatzinfinitiv* (infinitivo substituto), que os autores da *IdS-Grammatik* denominam de *Operandinfinitiv* (infinitivo operante; op.cit., 1285-1287). Eles explicam que as formas finitas do auxiliar "haben" (ter) não podem seguir dois ou mais *Operandinfinitive*, o que poderia ser o caso em frases com posição  $V_{\text{final}}$  do verbo finito.

- (61a) \* ... daß er wohl { kommen dürfen hat.  
 ... que ele (part.) { vir tido-permissão tem  
 { kommen dürfen wollen hat.  
 { vir ter-permissão querido tem }
- (61b) ... daß er wohl { hat kommen dürfen.  
 ... que ele (part.) { tem vir tido-permissão  
 { "... que ele teve permissão de vir."  
 { hat kommen dürfen wollen.  
 { tem vir ter-permissão querido  
 "...que ele queria ter tido permissão de vir."

Os autores citam Engel como testemunha de que a inversão após dois infinitivos operantes ocorre obrigatoriamente apenas quando se trata de infinitivos de verbos modais, para outros casos, como situações de verbos com AcI (acusativo com infinitivo), a inversão seria opcional. Os autores também atestam inversão opcional para o verbo auxiliar "werden" (tornar-se) em frases futuras ou passivas. Para o caso onde um verbo modal finito segue dois infinitivos operantes, os autores declaram a inversão impossível para a língua falada (op. cit., 1286), como em (62a) e (62b). Depois de três infinitivos operantes seria opcional como mostram (62c) e (62d), tanto em casos de verbos modais infinitivos quanto verbos AcI.

- (62a) \*... weil Hans ihn soll fragen können  
 ... porque Hans ele(akk) deve perguntar poder  
 "... *porque Hans deve poder perguntá-lo.*"
- (62b) \* ... weil er ihn will reden lassen.  
 ... porque ele ele(akk) quer falar deixar  
 "... *porque ele quer deixá-lo falar.*"
- (62c) ... weil Hans ihn kommen sehen haben will  
 ... porque Hans ele(akk) vir ver tido quer  
 "... *porque Hans quer tê-lo visto vir.*"
- (62d) ... weil Hans ihn will kommen sehen haben  
 ... porque Hans ele(akk) quer vir ver tido  
 "... *porque Hans quer tê-lo visto vir.*"

É interessante que os autores da *IdS-Grammatik*, pela abordagem funcional neste capítulo, usam como critério o tipo do verbo finito em posição  $V_{\text{final}}$  para estabelecer uma regra sobre a inversão dentro do complexo verbal e conseguem dar uma explicação muito mais simples e concisa do que outros (veja principalmente Duden, Heidolph et al. e Engel acima), que se baseiam apenas no número de elementos infinitivos no complexo verbal, sem focalizar o tipo do elemento finito como critério para a inversão.

### *II.1.8.8 Aspectos funcionais e topológicos de construções infinitivas*

Como já foi mencionado, Zifonun et al. analisam amplamente a integração de construções infinitivas (*Infinitivkonstruktionen IK*) e frases subordinadas com a função de complemento ou suplemento (na terminologia deles). Esta análise é muito detalhada e precisa. É importante para o presente trabalho no sentido de iluminar melhor a possibilidade de integrar informação adicional, conectando-a à frase com a ajuda de um outro verbo. Por outro lado, a construção infinitiva (*IK*) é um tipo de *VK* especial, mais exatamente, é uma *VK* onde o elemento que abre a *VK* não é realizado. Mais adiante neste trabalho, este tipo de *VK* será analisado sob o ponto de visto do autor. A análise de Zifonun et al. contribui bastante como base, embora não esteja focalizando as *IK* como *Klammer*.

Os autores constataam que a função das *IK* como complemento primário da frase é complexa e ainda exige muita pesquisa. No capítulo topológico, os autores listam exaustivamente (sub-) tipos de *IK* (op. cit., 2158- 2234). Aqui interessa mais o aspecto funcional das construções infinitivas. Assim, *IK* podem preencher a posição de actantes (sujeito e objeto acusativo) ou de circunstantes (atributos ou adverbiais). Como sujeito, as *IK* são especialmente freqüentes em frases com cópula. Como Zifonun et al. sublinham (op. cit., 1378), neste caso é o elemento predicativo (adjetivo ou substantivo) da cópula que seleciona a *IK* como sujeito. Ou seja, apenas complementos predicativos que permitem como sujeito uma descrição situacional ou processual podem ocorrer com *IK* nesta função. Normalmente estes complementos predicativos da cópula são de caráter normativo, epistêmico ou circunstancial. O elemento predicativo da cópula seleciona de forma indireta o sujeito do verbo cópula.

(63a) Sich heute in die Sonne zu legen ist schön.  
Se hoje em o sol (inf) deitar é bonito  
"É bonito deitar-se no sol hoje."

(63b) \*Sich heute in die Sonne zu legen ist weiß.  
Se hoje em o sol (inf) deitar é branco  
"É branco deitar-se no sol hoje."

(63c) Bald aufgeben ist seine einzige Chance.  
Logo desistir é sua única chance  
"Desistir logo é sua única chance."

(63d) \*Bald aufgeben ist ein blauer Opel.  
Logo desistir é um azul Opel  
"Desistir logo é uma Opel azul."

Como vemos em (63a), o adjetivo normativo *schön* (bonito) pode selecionar uma IK como sujeito, enquanto o adjetivo descritivo *weiß* (branco) de (63b) não tem esta possibilidade (a não ser que um adjetivo descritivo seja usado metaforicamente de maneira avaliativa). De forma semelhante, descrever algo como uma *Chance* é uma avaliação que pode ser feita de uma situação expressa com uma IK (63c), enquanto a descrição como um objeto concreto não cabe (63d). Adjetivos típicos neste sentido que selecionam IK como sujeito com frequência são: *möglich* (possível), *wahrscheinlich* (provável), *erforderlich / nötig* (necessário), *gut* (bom), *richtig* (correto), *zulässig* (permitido), *bedauerlich* (lamentável), *erstaunlich* (surpreendente), *faszinierend* (fascinante), *normal* (normal), *wundervoll* (maravilhoso), *schrecklich* (terrível), etc.

Os autores comparam integrações paralelas de IK como complemento sujeito ou acusativo, dependendo da codificação do elemento que os seleciona como adjetivo ou substantivo:

- (64a) Hier zu liegen ist schön. (IK = sujeito)  
 Aqui (inf) ficar-deitado é bonito  
 "É bonito ficar deitado aqui."
- (64b) Ich finde es schön, hier zu liegen. (IK = objeto akk)  
 Eu acho isso(akk) bonito aqui (inf) ficar-deitado  
 "Eu acho bonito ficar deitado aqui."
- (64c) Er wünscht zu gehen. (IK = objeto akk)  
 Ele deseja (inf) ir  
 "Ele deseja ir."
- (64d) Zu gehen ist sein Wunsch. (IK = sujeito)  
 (inf) ir é seu desejo  
 "Ir é seu desejo."
- (64e) Er ist fähig zu arbeiten. (IK = atributo)  
 Ele é capaz (inf) trabalhar  
 "Ele é capaz de trabalhar."
- (64f) Zu arbeiten ist seine große Fähigkeit. (IK = sujeito)  
 (inf) trabalhar é sua grande capacidade  
 "Trabalhar é sua grande capacidade."

Como mostra a lista de exemplos de Zifonun et al. (op. cit., 1381) acima, a seleção indireta de IK como sujeito ocorre com frequência com substantivos derivados de verbos ou de adjetivos. Como estes substantivos retêm a estrutura de argumentos de sua base verbal ou adjetiva, a IK pode ocupar a posição do argumento não-pessoal em função de sujeito. Argumentos pessoais são conectados diretamente pelo substantivo, como atributos ou determinativos possessivos. Para os autores (op. cit., 1383), a prova que realmente a IK é o sujeito em frases como (64d), e não a frase

nominal *sein Wunsch* (seu desejo) com função de complemento predicativo do verbo (que pela sua morfologia de nominativo singular poderia ser visto como sujeito do verbo *ist* que está na 3ª singular), estaria no fato de que esta frase nominal não pode ser substituída pelo pronome pessoal *er* (ele) em (65b), o que seria o caso com um sujeito, enquanto a IK pode ser pronominalizada com *es* (isso) sem problemas em (65c).

(65a) Der Wunsch ist pünktlich zu sein.  
O desejo é pontual (inf) ser  
"O desejo é ser pontual."

(65b) \* Er ist pünktlich zu sein.  
Ele é pontual (inf) ser  
"Ele é ser pontual."

(65c) Der Wunsch ist das.  
"O desejo é isso."

(65d) Jetzt habe ich meinen größten Wunsch erkannt. Er ist pünktlich zu sein.  
Agora tenho eu meu maior desejo reconhecido Ele é pontual (inf) ser  
"Agora reconheci meu maior desejo. É o de ser pontual." ❖

Acontece muito raras vezes com os autores da *IdS-Grammatik*, porém, aqui encontra-se uma avaliação de gramaticalidade inadequada, provavelmente devido ao problema de analisar frases fora de contexto. Para a frase (65b) de Zifonun et al., apenas um pouco de contexto mostra que ela é perfeitamente viável, como vemos em (65d). Talvez os autores também tenham declarado a frase (65b) agramatical por causa da estrutura "*sein + zu + Infinitiv*", à primeira vista paralela, que é uma substituição perifrástica de construções com verbos modais e que não faria sentido com o verbo "*sein*" na posição do infinitivo.

Além de verbos de ligação (*Kopula*), verbos com função semelhante como *bedeuten* (significar), *heißen* (chamar-se), *gelten als* (ser tido como), etc. e verbos com função semelhante aos verbos modais como *ermöglichen* (possibilitar), *erlauben* (permitir), *erfordern* (exigir) selecionam IK como sujeito com certa frequência (op. cit., 1385).

Com função de objeto, as construções infinitivas (IK – *Infinitivkonstruktionen*) também são muito freqüentes. Zifonun et al. (op. cit., 1386) listam a possibilidade de objetos acusativos, genitivos, preposicionais e complementos verbativos para as IK e apontam que elas, como também as frases complemento, não podem preencher a função de objeto dativo. A grande maioria de IK objeto são complementos acusativos. IK como objeto genitivo restringe-se a poucos verbos que regem este caso (como *gedenken* – recordar, *sich entsinnen* – lembrar-se) e, para objetos preposicionais,

prevalece a possibilidade de frases com correlato sobre a codificação como IK. Em muitos casos de IK como objeto acusativo existe a opção de uma frase complemento com *daß* (que), sendo que a IK fica mais elegante e enxuta para situações com identidade do sujeito do verbo principal e o verbo da IK. A frase complemento com *daß* é obrigatória onde isso não acontece.

(66a) Er beschließt, sich ein Auto zu kaufen.  
Ele decide se um carro (inf) comprar  
"Ele decide comprar-se um carro." ❖

(66b) Er beschließt, daß sein Sohn sich ein Auto kaufen soll.  
Ele decide que seu filho se um carro comprar deve  
"Ele decide que seu filho deve comprar um carro." ❖

O segundo grupo mais freqüente são IK com função de objeto preposicional onde a construção infinitiva preenche a posição de um complemento preposicional obrigatório, sem que a preposição apareça obrigatoriamente na frase, como mostra (67a). Ela pode entrar na frase como correlato em forma de *Pronominaladverb* (advérbio pronominal), como *damit* em (67b) e (67c). Este último exemplo mostra a possibilidade de codificar também o objeto preposicional através de uma frase complemento com *daß*, normalmente acompanhado pelo correlato.

(67a) Er beginnt ein Buch zu schreiben.  
Ele começa um livro (inf) escrever  
"Ele começa a escrever um livro."

(67b) Er beginnt damit, ein Buch zu schreiben.  
Ele começa lá-com um livro (inf) escrever  
"Ele começa com o ato de escrever um livro."

(67c) Er beginnt damit, daß er ein Buch schreibt.  
Ele começa lá-com que ele um livro escreve  
"Ele começa com o seguinte, ele escreve um livro."

A codificação do objeto preposicional através de uma frase complemento com correlato *damit* e *daß* que explicita o sujeito *er* (ele) duas vezes abre a possibilidade de interpretação com um foco diferente para o verbo principal *beginnen* (começar) no sentido do correlato. Em vez de catáfora, o verbo será interpretado anaforicamente, como referência a uma outra ação, fora do escopo da frase complemento com *daß*. Por exemplo, "Ele começa a nova fase de vida com o ato de escrever um livro". A interpretação catafórica, ainda assim, pode ocorrer, principalmente na língua falada, onde uma maior redundância às vezes ocorre como ênfase. Neste caso, a diferenciação seria feita através de uma acentuação de *damit* para a interpretação anafórica e um acento no *beginnt* para a interpretação catafórica, com redução fonética total do correlato *damit*. Zifonun et al. fazem uma



diferenciação semelhante mais adiante, na análise de frases com advérbios pronominais (op. cit., 1476).

Zifonun et al. analisam em minúcias a estrutura funcional de complementos infinitivos de alguns verbos trivalentes (op. cit., 1392-1411), também chamados de verbos de controle, como *bitten* (pedir), *befehlen* (comandar), *warnen* (alertar) e outros, e construções infinitivas do tipo AcI (*acusativo com infinitivo*; op. cit., 1411-1426). A análise mostra, entre muitas outras coisas, que os complementos são anaforizados como um só elemento:

(68a) Ich bat ihn, morgen schon um 5 Uhr wegzufahren.  
Eu pedi ele(akk) amanhã já às 5 horas fora(inf)dirigir  
"Pedi lhe para viajar já às 5 horas amanhã." ❖

(68b) Ich bat ihn das.  
Eu pedi ele(akk) isso(akk).  
"Eu lhe pedi isso." ❖

(68c) Ich höre ihn kommen.  
Eu ouço ele(akk) chegar  
"Eu o ouço chegar."

(68d) Ich höre es.  
"Eu ouço isso."

Este paralelo entre as frases complemento analisadas em diante é uma das justificativas para este trabalho decidir tratar as construções infinitivas com *zu* igualmente como VK, apesar de não ter um elemento explícito que as abre.

Como Zifonun et al. mostram (op. cit., 1430-46), IK podem também aparecer com função de suplemento (na terminologia deles), ou seja, como equivalente de uma frase adverbial:

(69a) Anstatt immer nur zu klagen, könntest du auch etwas tun.  
Em-vez sempre só (inf) lamentar poderias tu também algo fazer  
"Em vez de sempre apenas lamentar, tu poderias também fazer algo." ❖

(69b) Er hat sehr kalt gebadet, ohne sich zu erkälten.  
Ele tem muito frio banhado sem se (inf) resfriar  
"Ele tomou um banho muito frio sem se resfriar."

(69c) Um besser zu sehen, kaufte er sich eine Brille.  
Para melhor (inf) ver comprou ele se um óculos  
"Para ver melhor, ele comprou-se um óculos." ❖

- (69d) Anstatt daß du immer nur klagst, könntest du auch etwas tun.  
Em-vez que tu sempre só lamentas poderias tu também algo fazer  
"Em vez de sempre apenas lamentar, tu poderias também fazer algo." ❖
- (69e) Er ging nach Hause, ohne daß er sich verabschiedet hätte.  
Ele foi para casa sem que ele se despedir tivesse  
"Ele foi para casa sem que tivesse se despedido." ❖
- (69f) Damit er besser sieht, kaufte er sich eine Brille.  
Para-que ele melhor vê comprou ele se um óculos  
"Para que visse melhor, ele comprou-se um óculos." ❖
- (69g) Damit sie besser sieht, kaufte er ihr eine Brille.  
Para-que ela melhor vê comprou ele lhe um óculos  
"Para que ela visse melhor, ele comprou-lhe um óculos." ❖

Como vemos, as IK em função de suplemento são introduzidas por uma partícula (*ohne, anstatt, um*) que também abre a VK, como constatam os autores (op. cit., 1430). Apenas no caso de co-referência de sujeitos entre o verbo principal e o verbo da IK, as variantes (69a), (69b) e (69c) são possíveis, e, ao mesmo tempo, as soluções estilisticamente preferíveis. As variantes como frase complemento adverbial (69d), (69e) e (69f) são mais encontradas na língua falada. Elas são obrigatórias em casos onde o sujeito implícito da IK não coincide com o sujeito do verbo principal como mostra (69g) e como sublinham os autores (op. cit., 1449). Ao mesmo tempo, proposições com relativa independência de conteúdo da estrutura regente seriam codificadas preferencialmente em frases complemento, enquanto proposições estreitamente ligadas no seu aspecto denotativo à sua expressão regente entrariam com maior probabilidade como IK na frase (op. cit., 1470). Por isso, frases complemento seriam menos frequentes com verbos regentes implicativos (negados), intencionais e perífrases de verbos modais, onde dominariam as construções infinitivas (IK).

#### *II.1.8.9 Análise funcional e topológica de frases complemento e suplemento*

Na análise funcional das frases complemento, Zifonun et al. categorizam as expressões que podem concetá-las e listam uma longa série de exemplos para cada tipo. Nas páginas 1470-71 colocam uma sinopse sobre as classes de verbos que podem reger complementos em forma de frases complementos introduzidas por *wenn, ob* e *daß* e construções infinitivas (IK). Outra vez, a premissa funcionalista explícita, baseando-se em Givón (1980), leva a uma perspectiva nova na análise: em vez de focalizar exclusivamente a frase complemento (subordinada), os autores focalizam o verbo regente dela e, com isso, vemos que as frases são (apenas) uma opção de codificação do conteúdo regido pelo verbo.

Além das frases "clássicas" de complemento, as chamadas frases relativas livres (*freie Relativsätze*) também podem preencher a função de objeto. Ao contrário das frases relativas adjetivas normais, que funcionam como atributo ao seu elemento nominal de referência, estas frases contêm actantes exigidos pela regência do verbo principal:

- (70) Wir wählen, wen wir wollen.  
"Nós elegemos quem nós queremos."

O verbo *wählen* exige um complemento acusativo introduzido e conectado pelo juntor relativo *wen* que para isso ao mesmo tempo mostra a morfologia de acusativo masculino singular e a forma com *w-* para indicar que não há um elemento nominal como ponto de referência e sim a frase toda e o seu verbo deve ser interpretado como regente. No exemplo (70) acima, há coincidência na regência dos dois verbos. Tanto o verbo principal *wählen* quanto o verbo *wollen* da frase relativa regem um objeto acusativo. A situação contrária permite a mesma construção apenas com restrições:

- (71a) Ich suche aus, wem ich mich unterwerfe.  
Eu busco de quem(dat) eu me submeto  
"Eu escolho a quem me submeto."  
  
(71b) \*Ich unterwerfe mich, wen ich aussuche.  
Eu submeto me quem eu de-busco  
"Eu submeto-me a quem eu escolho." ❖  
  
(71c) Ich unterwerfe mich dem, den ich aussuche.  
Eu submeto me àquele quem eu de-busco  
"Eu submeto-me àquele que eu escolho." ❖

Como vemos, na frase (71a) não há coincidência de regência entre o verbo principal e o verbo da frase de complemento. *Aussuchen* exige um complemento acusativo e *unterwerfen* é trivalente, ou seja, necessita de um complemento acusativo e dativo, sendo que o complemento acusativo já está na frase de complemento (*mich*) e é correferencial com o sujeito do verbo principal (*suche - aus*). O elo de conexão entre as duas frases dá-se através da identidade referencial entre o complemento acusativo do verbo principal (*suche - aus*) e o complemento dativo do verbo da frase complemento (*unterwerfen*). Ou seja, a frase de complemento preenche a função de objeto direto acusativo de *suche - aus*, apesar do fato de o conector relativo não mostrar a morfologia acusativa, por causa das exigências de regência do verbo da frase de complemento (*unterwerfen*). Na frase (71a) isso é aceitável, segundo Zifonun et al. (op. cit., 1471), por causa do fato de que a hierarquia de regência gradativa (*Rektionsgradienz*) está mantida (acusativo > dativo), o que não é o caso em (71b) onde esta ordem estaria invertida. Em casos como este, é necessário inserir um elemento (pro-) nominal dêitico que preenche a vaga de actante do verbo principal e serve como correlato de elemento de

referência para a frase relativa, agora adjetiva, introduzida pelo juntor relativo com *d-*. O mesmo ocorre com verbos principais que regem complementos preposicionais obrigatórios.

- (72) Er freute sich sehr über das, was er gerade gesehen hatte.  
Ele alegrou se muito sobre isso que ele direito visto tinha  
*"Ele gostou muito daquilo que tinha visto há pouco."*

A regência preposicional não permite outra solução senão a colocação de um correlato, embora a morfologia impessoal do objeto preposicional permita a especificação dele através de uma frase relativa complemento (com juntor *w-*). Isso abre a questão sobre a estrutura de complementos desta frase (72) e de outras frases com correlato com morfologia do complemento exigido pelo verbo principal, fora da frase de complemento propriamente dita. No contexto de sua análise das frases não-relativas com correlato (Zifonun et al., op. cit., 1475-1490), os autores consideram três possibilidades para a descrição funcional das frases deste tipo: A) a ocupação dupla da vaga do complemento, pelo correlato e pela frase complemento, B) a frase complemento (ou IK) como atributo do correlato e C) o correlato como complemento e a frase complemento / IK como reforço extraposto e não-obrigatório (op. cit., 1488). A maioria das gramáticas favorece a opção A), apesar do fato de representar uma grave violação dos princípios de constituição frasal e regência, apenas baseado no argumento formal da morfologia idêntica. Além disso, este raciocínio não vale para frases com o correlato neutro *es* (isso). A opção B) é satisfatória para frases onde o advérbio pronominal é acentuado, ou seja, onde ele tem um acento contrastivo e uma função dêitica clara de indicar uma referência ana- ou catafórica, como no exemplo (67c) acima. Mas fica pouco convincente para a variante não-acentuada, ou seja, onde o advérbio pronominal é quase mudo e aparentemente exerce apenas a função de evitar a violação das exigências formais de regência do verbo principal, enquanto a complementação de fato acontece pela frase complemento. A interpretação C), por um lado, é ainda mais incisiva neste sentido, pois considera apenas o correlato como complemento e explicitamente declara a frase complemento como elemento não-obrigatório, desnecessário sintaticamente. Nem o status de atributo ao correlato é admitido. Ou seja, o problema classificatório é solucionado decretando-se a abolição da realidade óbvia de muitas frases. Por isso, tampouco é completamente satisfatória. Zifonun et al. demonstram uma análise mais diferenciada que permite a interpretação como B) ou C), onde isso é procedente, e assim resolve ao menos uma grande parte das situações. Sem problemas é a interpretação de frases com um correlato que se refere a frases com função de suplemento (adverbiais).

### II.1.8.10 A estrutura linear da frase em alemão

Depois de referir as análises funcionais de vários aspectos relevantes para o assunto deste trabalho, segue a análise sintática e topológica de Zifonun et al., no seu capítulo sobre a estrutura linear da frase (*Die Linearstruktur des Satzes*) que descreve com detalhes a estrutura topológica dos campos principais da frase em alemão (op. cit., 1498-1680), e, inevitavelmente, a VK volta ao centro da descrição. Como os autores mencionam, a topologia dos campos da frase foi introduzida na discussão lingüística alemã por Oskar Erdmann, no século retrasado, depois mais elaborada por Erich Drach (1937). A gramática do *IdS* segue esta abordagem. Em termos de orientação verbal, os autores compartilham a hipótese da língua alemã ser SOV, ou seja, que a posição básica da frase é com o verbo em posição  $V_{\text{final}}$ . Os autores partem dos componentes primários da frase como unidades da topologia (op. cit., 1499). Imediatamente coloca-se a questão da VK, pois o grupo verbal seria um componente primário, mas ele pode ocorrer de forma descontínua. Por outro lado, existem unidades com características topológicas próprias que não são componentes primários da frase (ou partes deles). Os autores citam como exemplo o *es* em verbos meteorológicos com valência zero.

(73a) Es hat zwei Stunden geregnet.  
Isso tem duas horas chovido  
"Choveu duas horas." ❖

(73b) Bier haben sie dort wirklich gutes.  
Cerveja têm eles lá realmente boa  
"Cerveja eles têm realmente boa lá."

A frase (73a) mostra ao mesmo tempo o *es* não-fórico (sem referente) e o grupo verbal descontínuo. Em (73b) vemos o atributo *gutes* do objeto direto *Bier* realizado de forma descontínua. Assim, as unidades da estrutura linear podem divergir das unidades da estrutura funcional da frase. Como unidades topológicas (*Stellungseinheiten*), os autores definem elementos da frase que podem ser potencialmente movidos dentro da frase sem mudar a sua estrutura composicional. Elas constituem posições topológicas dentro da frase (op. cit., 1499). Como exemplos para unidades topológicas são citados componentes primários não-verbais como complementos sujeito, objetos, ou suplementos adverbiais e componentes secundários como elementos do complexo verbal ou atributos e o *es* acima mencionado.

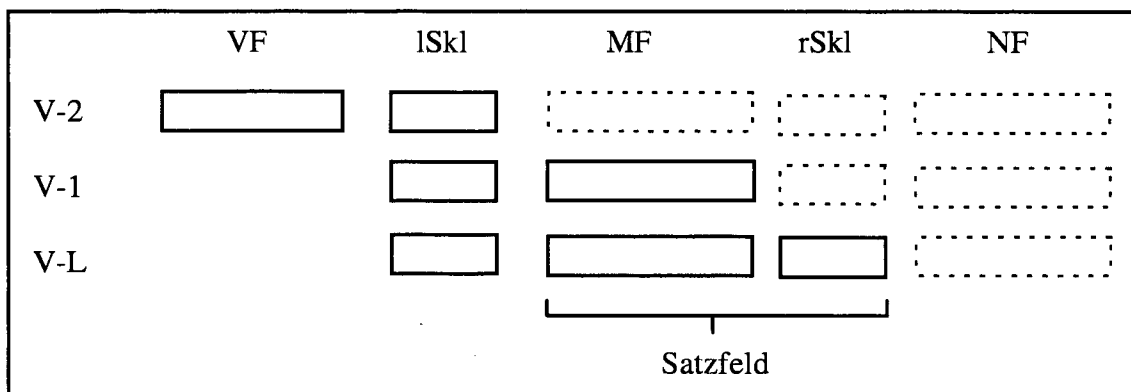
As posições verbais definem três tipos de frase: verbo inicial (V-1 – *Verb-Erst*), verbo dois (V-2 – *Verb-Zweit*) e verbo final (V-L – *Verb-Letzt*). O esquema (74) abaixo mostra os três tipos de frases e as posições topológicas (P) abertas (op. cit., 1500):

(74)

<b>V-1:</b>	VFIN	P <sub>2</sub>	P <sub>3</sub> ...	P <sub>n</sub>	<b>Kommt</b> er morgen?
<b>V-2:</b>	P <sub>1</sub>	VFIN	P <sub>3</sub> ...	P <sub>n</sub>	Er <b>kommt</b> morgen.
<b>V-L:</b>	P <sub>1</sub>	P <sub>2</sub>	P <sub>3</sub> ... P <sub>n-1</sub>	VFIN	daß er morgen <b>kommt</b>

Como já foi mencionado, o complexo verbal pode ocorrer em formas descontínuas quando mais elaborado, formando, assim, uma *Satzklammer* (Skl), e, no tipo de frase V-L, onde os elementos do complexo verbal ocorrem em forma adjacente, um elemento de introdução (*V-L-Einleitung* – subjuntivos, jutores relativos em formato d- e w-) assume a função de abrir a Skl. Assim, a Skl é composta por um elemento esquerdo (*Linke Satzklammer* – lSkl), podendo ser ou o verbo finito ou o elemento introdutório do tipo de frase V-L, e um elemento à direita (*Rechte Satzklammer* – rSkl), que pode ser o verbo finito ou os demais elementos do complexo verbal. Estes elementos abrem os campos da frase: campo anterior (*Vorfeld* – VF), campo interno (*Mittelfeld* – MF) e campo posterior (*Nachfeld* – NF) como mostra a tabela (75) abaixo (op. cit., 1503):

(75)



As linhas pontilhadas indicam que esta posição não é necessariamente ocupada neste tipo de frase. É interessante observar que Zifonun et al. seguem a abordagem de outras gramáticas aqui já apresentadas, a de incluir a posição final que fecha a VK no campo interno da frase. Apesar do fato de o elemento rSkl ser obrigatório apenas em frases do tipo V-L, os autores afirmam que ele deve ser considerado como potencialmente presente em todas as frases, mesmo que não seja realizado, pois esta posição delimita os campos MF e NF mesmo quando se encontra apenas como Ø.

### II.1.8.11 A ocupação do campo anterior

Depois de uma seção sobre as variantes topológicas dentro do campo interno (MF), os autores chegam à análise do campo anterior, muito interessante para o presente trabalho. Eles definem o campo anterior (VF), como os demais campos, através da *Satzklammer* (Sk1): *Das Vorfeld ist der Satzabschnitt vor dem linken Satzklammerteil in Verbzweitstrukturen*. (O campo anterior é a seção da frase antes do elemento esquerdo da *Satzklammer*, em frases  $V_2$ . – op. cit., 1576). Com esta definição, os autores descrevem as seguintes situações de ocupação do campo anterior:

- (76a) **Das vorliegende Buch** soll Ihnen helfen, Ihre Rechte zu wahren.  
O presente livro deve o Sr.(dat) ajudar do Sr. direitos (inf) preservar  
"O presente livro deve ajudar o Sr. a preservar seus direitos."
- (76b) **Es** soll jenen, denen Unrecht geschehen ist, ...  
Ele deve aqueles(dat) aqueles(dat) injustiça ocorrido é ...  
"Ele deve ... àqueles que sofreram alguma injustiça ..."
- (76c) **Jeder, der für das Recht eintritt**, soll es maßvoll tun.  
Todo que por o direito entra deve isso comedidamente fazer  
"Todos que lutarem pelo direito devem fazê-lo comedidamente."
- (76d) **Der Aufruf, für das Recht zu kämpfen**, ist also mit einem Appell verknüpft....  
O chamado por o direito (inf) lutar é então com um apelo vinculado  
"O chamado para lutar pelo direito está vinculado a um apelo, então, ..."
- (76e) **Wenn wir uns unter diesen Voraussetzungen wehren**, stützen wir die Demokratie.  
Se nós nos sob estas condições defendemos apoiamos nós a democracia  
"Se nos defendermos sob estas condições, apoiaremos a democracia."

Com estes exemplos, Zifonun et al. mostram que o VF pode ser ocupado por um pronome em função de sujeito apenas (76b), ou por componentes primários com seus atributos, sejam eles integrados no grupo nominal (76a) ou colocados em forma de frases complemento relativas (76c) ou infinitivas (77d), ou até por uma frase adverbial elaborada, como em (76e). Além destas possibilidades, a ocupação do campo anterior pode ser por um grupo preposicional, ou outras determinações adverbiais. A ocupação da posição antes do verbo em si é considerada menos problemática pelos autores do que a definição da posição  $V_2$  que abre este campo, à qual os autores dedicam a maior parte da discussão sobre o VF. Zifonun et al. consideram que frases  $V_{\text{final}}$  e  $V_{\text{inicial}}$  não têm um campo anterior (VF – *Vorfeld*). A ocupação do VF por um elemento da frase seria normalmente uma topicalização deste elemento (op. cit., 1577).

Para simplificar a análise e evitar o máximo possível a descrição do *Vorfeld* como ocupado por mais de um elemento, os autores descrevem um campo externo esquerdo (*linkes Außenfeld*), antes do VF, que pode abrigar tanto elementos que não pertencem à frase, mas fazem parte da KM (*Kommunikative Minimaleinheit*), por exemplo, partículas de negação ou afirmação, ou interjeições, quanto extraposições para a esquerda, que normalmente são retomadas por elementos anafóricos dentro da frase, principalmente quando se trata de componentes primários como sujeito ou objetos (op. cit., 1579).

Conjuntivos coordenativos podem ocupar o campo externo esquerdo (*und, aber, sondern, denn* etc.), porém, alguns deles, como *aber*, podem aparecer à direita do elemento que ocupa o VF, abrindo assim a discussão sobre ocupação múltipla do VF:

- (77a) Gestern aber war er wirklich zu spät hier.  
Ontem porém era ele realmente demais tarde aqui  
"Ontem, porém, ele realmente esteve aqui tarde demais." ❖
- (77b) Aids, das ist mittlerweile unbestritten, gab es lange vorher schon.  
Aids isso é entremeio indiscutível dava isso longo antes já  
"Aids, isso é indiscutível hoje, já existia muito antes."
- (77c) Aids gab es, das ist mittlerweile unbestritten, lange vorher schon.  
Aids dava isso isso é entremeio indiscutível longo antes já  
"Aids existia, isso é indiscutível hoje, já muito antes." ❖

Além de situações como (77a), os autores mostram que a fronteira entre o VF e o elemento esquerdo da *Satzklammer* é um nicho predileto para a inserção de frases parentéticas como em (77b), apesar de os autores não concordarem que as situações (77a) e (77b) sejam exemplos para ocupação múltipla do campo anterior. Para os autores, o caráter parentético da frase inserida em (77b) é sublinhado pelo fato de que ela não tem vínculo sintático direto com a frase matriz. O elemento ana-dêitico *das* ocorreria igual se a frase inserida estivesse pós-posta. Além disso, o fato de a frase poder ocorrer como inserida no campo interno, como mostra (77c), fornece outro argumento, segundo os autores (op. cit., 1581), para desconsiderar ocupação do campo anterior (VF) por mais de um elemento, pois esta possibilidade proíbe uma interpretação da frase inserida como funcionalmente atributiva. Contudo, eles admitem que nem sempre o elemento esquerdo da *Satzklammer* (ISkl – *linke Satzklammer*) é o limite direito do *Vorfeld*. Um pouco mais complexa é a situação em frases onde a primeira condição acima (ausência de vínculo sintático) não pode ser aplicada para explicar o status de inserida:



- (78) Bücher, auch wenn sie Bestseller sind, werden nur von einigen tausend gelesen.  
Livros mesmo se eles *bestsellers* são só por alguns mil lido  
"Livros, mesmo que sejam bestsellers, são lidos apenas por alguns milhares."

O segundo argumento, a possibilidade de colocar a frase no campo interno ou no campo posterior, porém, ainda é suficiente para os autores a considerarem uma frase inserida parentética.

Apesar de excluírem situações de frases inseridas parentéticas e o campo externo esquerdo de sua análise da posição verbal em frases afirmativas, restam muitos exemplos onde aparentemente há mais elementos no campo anterior da frase. Os autores questionam se o *Vorfeld* e o tipo de frase  $V_2$  são definidos de forma satisfatória, especialmente frente a exemplos onde longas séries de múltiplas frases adverbiais, adjetivas e de complemento sujeito/objeto podem anteceder o verbo finito teoricamente em posição  $V_2$ . O problema de frases como (79a) é facilmente resolvido, pois a coordenação com *und* (e) efetua um paralelismo e a reduplicação do mesmo componente:

- (79a) Zwei Polizisten **und** ein Rettungswagen **sind** jetzt am Unfallort eingetroffen.  
Dois policiais e uma ambulância são agora no acidente-lugar chegado  
"Dois policiais e uma ambulância chegaram no lugar do acidente agora."  
(79b) Jetzt am Unfallort eingetroffen **sind** zwei Polizisten und ein Rettungswagen.  
Agora no acidente-lugar chegado são dois policiais e uma ambulância  
"Agora chegaram no lugar do acidente dois policiais e uma ambulância."

Aparentemente, o problema é mais grave em (79b), onde três componentes primários da frase (o adverbial temporal *jetzt*, o adverbial preposicional local *am Unfallort* e o elemento verbal infinito *eingetroffen*) antecederem o verbo finito, como uma frase afirmativa, ou seja, em posição  $V_2$ . Como Zifonun et al. indagam (op. cit., 1583), talvez os três elementos no campo anterior possam ser interpretados como uma unidade sintática, mesmo assim, pelo fato de que haja uma dependência hierárquica de regência entre os três e os dois primeiros podem ser interpretados como complementos do elemento verbal infinito.

Situações como no exemplo (80), porém, colocam questionamentos mais sérios (veja Zifonun et al., op. cit., 1582):

(80) Seit ich weiß, wie alles gekommen ist, vor allem angesichts der Tatsache,  
Desde eu sei como tudo vindo é antes tudo frente o(dat) fato

daß das junge Mädchen, das mich in die Pariser Opera begleitete,  
que a jovem moça que me em a parisiense ópera acompanhou

dasselbe Kind gewesen ist, das wir beide, (Hanna und ich) mit Rücksicht  
a-mesma criança sido é que nós dois (Hanna e eu) com respeito

auf unsere persönlichen Umstände, ganz abgesehen von der politischen  
a nossas pessoais circunstâncias totalmente desconsiderado de a política

Weltlage damals, nicht hatten haben wollen, **habe** ich mit mehreren  
mundo-situação então não tínhamos ter querido tenho eu com várias

und verschiedenartigen Leuten darüber **gesprachen**, wie sie  
e diferentes pessoas lá-sobre falado como elas

sich zur Schwangerschaftsunterbrechung stellen (...)  
se à gravidez-interrupção colocam

*"Desde que eu soube como tudo aconteceu, principalmente diante o fato de que a moça que me acompanhou à Opera Parisiense era a mesma criança que nós dois (Hanna e eu) não quisemos, devido à nossa situação pessoal, sem considerar a situação política do mundo na época, eu **tenho falado** com várias pessoas – e bem diferentes -sobre a questão de como elas se colocam frente ao aborto (...)"*

Seguindo o modelo esboçado acima, todos os elementos antes do verbo finito *habe* em posição  $V_2$  (em negrito no exemplo) estão no campo anterior. A pergunta um tanto resignada dos autores (e não respondida) – se os critérios para a definição do tipo de frase  $V_2$  e o campo anterior seriam realmente satisfatórios – mostra que apenas o critério formal (a posição em relação ao verbo finito) e o critério sintático coadjuvante (a integração de vários elementos para formar um grupo lógico que pode ser considerado como unidade topológica) não são suficientes para assim salvarem o seu modelo descritivo. Em vez de uma resposta, os autores apressam-se a constatar que o caso normal (de apenas um elemento no campo anterior) seria tão dominante empiricamente que pode ser considerado como fundamentação suficiente para o modelo tipológico de frases, tanto que alguns autores até usam a possibilidade de ocupar o campo anterior como critério para a decisão se um elemento é ou não é constituinte primário da frase (op. cit., 1582). Mais adiante neste trabalho será dada uma interpretação funcional que pode indicar uma explicação mais satisfatória de frases como (80), aliás, uma frase autêntica tirada do romance *Max Frisch: Homo Faber*. (Frisch, 1986)

De qualquer maneira, os autores constataam que a ocupação neutra, não-marcada do campo anterior (VF), mostra **uma** das unidades topológicas **não-verbais** da frase (complementos ou suplementos).

Casos com mais de um elemento, ou com um dos elementos verbais infinitos em posição de topicalização, seriam marcados e precisariam de apoio de marcadores prosódicos, na língua falada. Em princípio, todos os complementos ou suplementos podem ocupar o campo anterior. Há uma certa dominância do VF pelo sujeito da frase, que segundo os autores aparece em um pouco mais de 50% das frases empíricas no campo anterior (op. cit., 1584). Estes números coincidem com contagens de outros autores e do presente trabalho. Porém, como os autores apontam, a posição do sujeito no VF nem por isso pode ser considerada a posição básica. Ela tampouco serve para desambigüizar frases onde a morfologia não indica qual dos complementos está em função de sujeito e qual de objeto acusativo, como (81):

- (81) Peter fragte sie danach.  
"Peter perguntou ela depois. / Peter, ela perguntou depois." ❖

Na frase acima, em alemão, onde justamente a posição do elemento não define a sua função sintática, tanto *Peter* quanto *sie* podem ser sujeito (ou objeto). Em casos como este, nem a semântica do verbo nem a expectativa baseada em conhecimento geral do mundo podem providenciar a mínima ajuda para decidir a questão. Apenas o contexto da situação dará um esclarecimento definitivo.

Os elementos que nunca podem aparecer neste campo são o *es*, na variante como *es* expletivo (82a) ou como pronome neutro acusativo (82b), e pronomes oblíquos da forma impessoal *man* (82d). Na função de sujeito, porém, não existe nenhuma restrição contra o pronome *es* no *Vorfeld* (VF), como mostra a frase (82c).

- (82a) \*Es hast du gut.  
Isso tens tu bem  
"Tu tens sorte."  
  
(82b) \*Es habe ich auf die Kommode gelegt.  
Isso tenho eu sobre a comoda colocado  
"Eu o coloquei sobre a comoda."  
  
(82c) Es tut mir leid.  
(part) faz mim sofrimento  
"Eu sinto muito." ❖  
  
(82d) \*Einem muß das ja mal gesagt werden.  
Um tem isso (part) (part) dito tornar-se  
"Isso tem que ser dito enfim."

É importante sublinhar que *einem* pode ficar na posição inicial quando ele é pronome pessoal de *einer* (um) e não do impessoal *man*. Neste caso, a frase (82d) teria provavelmente um acento em

*einem*. Como os autores observam (op. cit., 1585), existe uma certa inconsistência na situação. O pronome pessoal neutro acusativo *es* não pode ocupar o VF, enquanto isso é possível para o seu equivalente masculino ou feminino *ihn / sie*.

(83a) *Ihn* haben wir gestern gesehen. (den Lehrer)  
Ele(akk) temos nós ontem visto (o professor)  
"Ele, nós vimos ontem." ❖

(83b) \**Es* haben wir gestern gesehen. (das Mädchen)  
Ela temos nós ontem visto (a menina)  
"Ela, nós vimos ontem." ❖

A explicação oferecida por Zifonun et al. parece um pouco fraca: uma forma tão pouco expressiva (*eine so schwach ausgeprägte Form*) não poderia estar numa posição sintaticamente marcada. Uma unidade estruturalmente marcada precisaria de uma certa substância morfológica e fonética para poder aparecer em posição exposta, no início da frase. Mais provável é um outro argumento que os autores não mencionam. No caso de *ihn / sie* (ele / ela) não existe concorrência com outras formas, por exemplo o *es* expletivo, ou o *es* acusativo fixo de alguns verbos que exigem este objeto direto impessoal, como acima *es gut haben*, do exemplo (82a). Um caso parecido são os pronomes reflexivos acusativos que podem ocupar o VF quando o verbo é apenas usado de maneira reflexiva, ou seja, em casos onde o pronome reflexivo preenche uma posição de complemento acusativo e se faz necessário por causa da correferência do sujeito e do objeto direto, como na frase (84a), na qual a posição inicial do pronome reflexivo provavelmente seria por causa de um acento contrastivo (indicado por sublinhado pelos autores), mas não com verbos lexicalmente reflexivos, às vezes chamados de verbos reflexivos verdadeiros, em (84b).

(84a) Sich hat sie gewaschen (nicht das Kind).  
Se tem ela lavado (não a criança)  
"Ela se lavou, não a criança."

(84b) \**Dich* sollst du schämen.  
Te debes tu envergonhar  
"Tu *deves* envergonhar-te."

Os autores não contam determinações de elementos por elementos atributivos, adverbiais ou posições como ocupação múltipla do VF, mesmo que se trate de um grupo preposicional extenso ou uma longa frase relativa. Suplementos sozinhos podem ocupar o VF enquanto modificam toda a frase. Impossível é a colocação de mais de um suplemento do mesmo tipo. Entre os suplementos, apenas partículas modais, a negação frasal com *nicht* (quando não é acompanhada de outros modificadores) e determinados advérbios de graduação não podem formar o VF.

Quando o campo anterior (VF – *Vorfeld*) não é ocupado por um componente primário da frase, Zifonun et al. (op. cit., 1605) falam de uma ocupação estruturalmente marcada do VF. Isso ocorre quando a unidade do VF é um componente secundário, normalmente uma parte de um componente primário, ou quando mais de um componente primário ocupa o VF. Já foi mencionado o *es* expletivo, que pode ocupar o VF, como em (85a).

(85a) Es ist ein langer Streit darüber entstanden.  
(part) é uma longa briga lá-sobre iniciado  
"Começou uma longa briga sobre isso." ❖

(85b) Ein langer Streit ist darüber entstanden.  
Uma longa briga é lá-sobre iniciado  
"Uma longa briga começou sobre isso." ❖

(85c) Darüber ist ein langer Streit entstanden.  
Lá-sobre é uma longa briga iniciado  
"Sobre isso começou uma longa briga." ❖

(85d) Entstanden ist darüber ein langer Streit.  
Iniciado é lá-sobre uma longa briga  
"Começou, sobre isso, uma longa briga." ❖

O *es* expletivo não tem registro na estrutura funcional da frase. Quando qualquer dos outros elementos ocupa o VF, ele desaparece da frase sem nenhuma alteração do significado. Como os autores argumentam, a função do *es* em (85a) é de afastar os demais elementos do VF, principalmente para acentuar o sujeito "*ein langer Streit*", e, ao mesmo tempo, manter o verbo em posição V<sub>2</sub>. De maneira semelhante, o *es* como correlato de uma frase complemento, tem a função topológica de ocupar o VF (para manter o verbo na posição V<sub>2</sub>) e permitir que os outros componentes da frases possam ser colocados em posições mais adequadas para obter um determinado efeito comunicativo, como mostra (86a).

(86a) Es ist mir unerklärlich, wie das passieren konnte.  
(part) é mim inexplicável como isso acontecer pôde  
"É inexplicável para mim como isso pôde acontecer."

(86b) Mir ist unerklärlich, wie das passieren konnte.  
Mim é inexplicável como isso acontecer pôde  
"Para mim é inexplicável como isso pôde acontecer."

(86c) Unerklärlich ist mir, wie das passieren konnte.  
Inexplicável é mim como isso acontecer pôde  
"Inexplicável é para mim como isso pôde acontecer."

- (86d) Wie das passieren konnte, ist mir unerklärlich,  
Como isso acontecer pôde é mim inexplicável  
*"Como isso pôde acontecer é inexplicável para mim."*

Como já foi mencionado, a interação dos vários recursos sintáticos que podem gerar ênfase em frases alemãs é bastante complexa. Indubitável é, porém, o fato de que a colocação do *es* no VF é um destes recursos. É evidente que cada uma das serializações acima enfatiza ou topicaliza outros elementos da frase. Mais adiante veremos quanto este sistema de variantes topológicas constituído pela VK é produtivo (capítulo III.2.4). Os autores acham possível a ocupação do VF por componentes secundários quando ele é ocupado por elementos parciais de componentes primários que passam a formar componentes descontínuos desta maneira, por exemplo, quando um atributo preposicional de um componente ocupa o VF sozinho:

- (87a) **Vor einer Maus** brauchst du doch keine **Angst** zu haben.  
De um rato precisas tu (part) nenhum medo (inf) ter  
*"De um rato não precisas ter medo." ❖*
- (87b) **Klagen** kamen gestern deshalb nur **über den hohen Preis**.  
Queixas vieram ontem por-isso apenas sobre o alto preço  
*"Por isso, queixas vieram ontem apenas sobre o preço alto." ❖*

Nos dois exemplos acima, os atributos preposicionais estão separados de suas bases, sendo que tanto a base quanto o atributo podem ocupar o VF sozinhos, ou então em conjunto, abrindo novamente uma série de variantes de ênfase diferenciada. O mesmo fenômeno ocorre com modificadores quantitativos (88a) e qualitativos (88b).

- (88a) Fehler hat er keine gemacht.  
Erros tem ele nenhum(plur) feito  
*"Erros, ele cometeu nenhum."*
- (88b) Frauen hat er attraktive eingeladen.  
Mulheres tem ele atraentes convidado  
*"Mulheres, ele convidou as atraentes." ❖*

Ao contrário da separação do atributo preposicional de sua base nos exemplos (87a) e (87b), aqui não é possível que apenas o modificador ocupe o VF. Novamente, porém, a separação dos dois elementos é marcada e serve ao propósito de distribuir ênfase na frase.

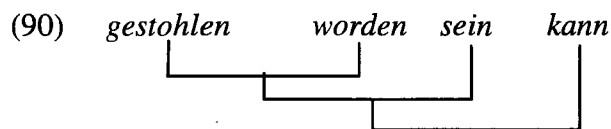
Zifonun et al. (op. cit., 1621-1624) descrevem de forma completa e adequada as possibilidades de ocupação do VF por elementos infinitos do complexo verbal que normalmente aparecem como elemento direito da *Satzklammer* (SkI). Para a partícula verbal, os autores indicam duas situações que permitem a sua colocação no VF: acento contrastivo quando existe outra partícula para o

mesmo verbo e partículas adverbiais. Outros elementos do complexo verbal infinito também podem ocupar o VF, em conjunto ou em subconjuntos (Zifonun et al., op. cit., 1623-1624):

- (89a) Es kann nicht gestohlen worden sein.  
Isso pode não roubado tornado-se ser  
"Isso não pode ter sido roubado."
- (89b) Gestohlen worden sein kann es nicht.  
Roubado tornado-se ser pode isso não  
"Ter sido roubado, isso não pode."
- (89c) Gestohlen worden kann es nicht sein.  
Roubado tornado-se pode isso não ser  
"Sido roubado, isso não pode ter."
- (89d) Gestohlen kann es nicht worden sein.  
Roubado pode isso não tornado-se ser  
"Roubado, isso não pode ter sido."
- (89e) \*Worden kann es nicht gestohlen sein.  
Tornado-se pode isso não roubado ser  
"Sido pode isso não roubado ter."
- (89f) \*Gestohlen sein kann es nicht worden.  
Roubado ser pode isso não tornado-se  
"Roubado sido isso não pode ter."

Em (89b) o complexo verbal infinito completo ocupa o VF, deixando a função do elemento direito da VK para a partícula de negação *nicht*. Em (89c) e (89d), o complexo verbal distribui-se em três posições diferentes,  $V_2$  abriga o verbo modal finito,  $V_{final}$ , o infinitivo dele, e o VF, o verbo principal com e sem o auxiliar da passiva em formato de particípio, por causa do tempo verbal da frase – *Perfekt*.

A possibilidade de o complexo verbal infinito ocupar o VF (parcialmente) depende da hierarquia funcional de regência entre os seus elementos, descrita por Engel – veja exemplo (42) acima, ou pelos próprios Zifonun et al., como mostram os exemplos (57) e (58) acima. No caso mostrado na frase (89) aqui, a estrutura seria:



O verbo principal *stehlen* (roubar) é primeiro modificado pelo auxiliar da passiva (*werden* – tornar-se), que, por sua vez, é regido pelo auxiliar *sein* (ser) do *Perfekt*, que, finalmente, é

transformado em infinitivo pelo verbo modal *können*. Cada novo elemento verbal finito nesta cadeia rege os anteriores como se formassem um grupo. Assim, "*gestohlen werden*" pode ser interpretado como "infinitivo passivo", e "*gestohlen worden sein*" como "infinitivo *Perfekt* da passiva", e estes (sub-) grupos podem, então, ocupar o VF como **uma** unidade topológica.

De modo semelhante, o elemento infinito do complexo verbal pode levar outros complementos regidos por ele para o VF, como mostram os autores (op. cit., 1628):

- (91) Dem Kind ein Eis gekauft hat der alte Mann.  
 A(dat) criança um sorvete comprado tem o velho homem
- 

*"Para a criança um sorvete comprou o homem velho."*

A frase (91) pode parecer um tanto excepcional, por causa da falta de contexto, porém, como resposta a uma pergunta repetida "O que o homem velho fez?", ela é totalmente coloquial, e a ocupação do campo anterior pela frase verbal inteira, exceto o verbo finito em  $V_2$  e o sujeito, serve de forma perfeita para enfatizar o que o homem fez.

Além destas ocupações múltiplas do VF, ocorrem casos onde uma partícula conectiva (92c), de negação – em (92a), ou de graduação, como em (92a) e (92b), junta-se a um componente primário.

- (92a) Nicht nur am Atom scheiden sich die Geister.  
*"Não só no átomo dividem-se os espíritos."*

- (92b) Höchstens drei Autos sind noch da.  
 Maximamente três carros são ainda lá  
*"No máximo três carros ainda estão lá." ❖*

- (92c) Er aber hatte wieder keine Zeit.  
 Ele porém teve novamente nenhum tempo  
*"Ele, porém, novamente não teve tempo." ❖*

Estes casos parecem menos problemáticos, pois, apesar de tratar-se de mais de um componente primário, as partículas estão aparentemente modificando o componente primário que está com elas no VF. Também nos exemplos anteriores, de certa forma, ainda é possível interpretar os elementos do campo anterior (VF) como uma unidade, sob determinado aspecto comunicativo. Este ponto de vista ainda é reforçado pelo apoio dos dados prosódicos. Em todas as situações acima com ocupação múltipla do *Vorfeld*, é imperativo que todos os elementos formem **uma** unidade de



entoação, com no máximo um pico de ênfase. Zifonun et al. (op. cit., 1639) dão um exemplo agramatical para ilustrar esta situação:

- (93) \*Ich das Wienerschnitzel habe bestellt.  
Eu o escalope-vienense tenho pedido  
"Eu o escalope vienense pedi."

A frase torna-se agramatical porque não é possível formar apenas uma unidade de entoação no campo anterior. Tanto o sujeito quanto o objeto direto no campo anterior exigiriam um acento de entoação. Assim, os autores formulam a regra para o campo anterior da seguinte maneira (op. cit., 1639): "O campo anterior contém **uma** unidade de informação; a ela corresponde tipicamente, mas não necessariamente, **um** componente sintático." Como os autores afirmam, isso não deve ser considerado uma solução emergencial para salvar o conceito sintático de  $V_2$  através de uma explicação pragmática, como foi levantado por autores que discordam do tipo  $V_2$  para o alemão. Baseados na sua orientação funcionalista, Zifonun et al. defendem que na formação de unidades comunicativas existem outros princípios – e talvez mais importantes – além dos meramente sintáticos. Eles admitem que, apenas em termos rigorosamente sintáticos, o tipo  $V_2$  não poderia ser justificado, a não ser que o conceito de componente sintático seja definido de forma vaga ou circular. Os autores defendem o conceito misto, sintático e funcional também tendo em vista que as diferentes ocupações sintáticas do campo anterior sempre servem a um propósito funcional e comunicativo, ou seja, nem todas as possibilidades sintáticas para a ocupação do VF dentro de uma frase são adequadas num determinado texto / discurso. Assim sendo, o critério funcional-comunicativo mostra-se superior ao meramente sintático, o que, para Zifonun et al. (op. cit., 1640), justifica considerá-lo pelo menos como coadjuvante também na definição das possibilidades sintáticas da frase em si. Pelo mesmo motivo, eles argumentam que a análise da ocupação do VF deve levar em consideração sempre os dois níveis, ou seja, a organização do texto / discurso e a da KM (unidade comunicativa mínima). Além de termos várias possibilidades de topicalização e ênfase do alemão, já mencionadas anteriormente, elas podem servir a uma função de organização da frase e / ou do texto / discurso, acrescentando complexidade para o quadro final da análise. Com isso, explicam-se resultados divergentes de diferentes autores, interpretando frases apenas no nível da KM (frase) isolada ou no nível discursivo / textual. Por exemplo, Griesbach interpretou o *Vorfeld* apenas como área de contato (*Kontaktbereich*), enfatizando essas funções sobremaneira e em detrimento de outras, talvez um pouco menos frequentes, mas nem por isso menos importantes.

Desta maneira, as possíveis funções da ocupação do VF são a atribuição do escopo e foco principal e secundário, a ênfase de determinados elementos da KM, a integração temática da KM com o co-

texto anterior, através de elementos dêiticos anafóricos, a topicalização de elementos, a introdução de um novo (sub-) tema e a focalização do rema. Assim, a descrição da *IdS-Grammatik* é, de longe, a mais diferenciada e completa neste sentido.

### *II.1.8.12 A ocupação do campo posterior e campo externo da direita*

Do campo anterior, Zifonun et al. passam para o campo posterior (op. cit., 1644), novamente definindo-o de forma implícita pela *Verbalklammer*, mais exatamente pelo seu elemento direito (*rechte Satzklammer – rSkl*, na terminologia dos autores). Inicialmente, os autores constataam que todos os tipos de frase podem ter um campo posterior. Em nenhum ele é obrigatório, ao contrário do campo anterior, que não pode existir em determinadas frases e é obrigatório em outras, um ponto onde o presente trabalho discorda, como veremos adiante. Em decorrência disso, os autores declaram que a área do campo posterior seria menos estruturada do que os campos anterior e interno da frase, o que resulta em maior dificuldade de delimitar este campo, o qual teria possibilidades de ocupação, por vezes mais livres, por vezes mais restritas do que os outros campos. Por não ser estruturalmente necessário na frase, o campo posterior (*Nachfeld – NF*) poderia ser utilizado principalmente para fins comunicativos, sem tantas exigências sintáticas (op. cit., 1645).

Como já foi mencionado, os autores partem da hipótese de que mesmo em frases com apenas um elemento verbal em  $V_2$ , existe uma VK onde o elemento direito (rSkl) é  $\emptyset$ . Porém, mesmo assim, ele separa o campo interno do campo final. A discriminação do campo posterior do campo externo direito (*rechtes Außenfeld*), que abriga extraposições para a direita, também não parece tão simples. Os autores sugerem como critério que os elementos do campo posterior teriam uma integração sintática com a frase e os do campo externo direito não. Como os autores mencionam, os elementos do campo externo direito podem ocorrer intercalados com os do campo posterior, o que reduz um pouco a validade dos critérios dos autores. Assim, as seguintes frases podem servir como exemplos para campo posterior e campo externo direito:

(94a) **Hol** mich doch bitte **ab** heute Abend.  
Busque me (part) por-favor de hoje noite  
"Por favor, me busque hoje à noite."

(94b) Ich **warte** hier schon mehr als eine Stunde  $\emptyset$  auf dich.  
Eu espero aqui já mais que uma hora por ti  
"Estou esperando aqui já mais de uma hora por ti." ❖

- (94c) Ich **führe** jetzt schon sechzehn Jahre diese Töpfe **vor**, nicht?  
 Eu conduzo agora já dezesseis anos estas panela diante não  
 "Eu já estou demonstrando estas panelas agora há dezesseis anos, não é?"
- (94d) Ich **hab** 's halt nicht **ausgehalten** ohne die Angela, Frau Strobl.  
 Eu tenho isso (part) não aguentado sem a Angela Sra. Strobl  
 "Eu não aguentei viver sem a Ângela, Sra. Strobl."
- (94e) **Wie** sie sich **ziehen**, diese letzten blöden Warteminuten!  
 Como eles se puxam estes últimos idiotas espera-minutos  
 "Como se estendem estes últimos minutos de espera idiotas!"

Os exemplos acima mostram a ocupação do campo posterior por elementos adverbiais (94a) ou complementos preposicionais regidos pelo verbo (94b). Nos dois casos, o elemento do NF poderia ocupar perfeitamente um lugar no campo interno. Por causa desta característica, aliás, a ocupação do NF é chamada de *Ausklammerung* (exclusão) por muitos autores. Em (94c), vemos a ocupação apenas do campo externo direito, pelo elemento de negação *nicht*, aqui usado como partícula interativa. O exemplo (94d) mostra ambos os campos, posterior e externo direito, ocupados: o grupo preposicional no campo posterior (ele poderia ocupar o campo interno também), seguido pelo elemento vocativo que não poderia ocupar o campo interno facilmente (apenas em forma parentética acentuada), e não seria possível ocupar o campo anterior, ao contrário do grupo preposicional do campo posterior. No máximo, o elemento vocativo poderia ser colocado no campo externo esquerdo, antes do VF. Exatamente o mesmo vale para o exemplo (94e), onde o campo externo direito é ocupado pelo sujeito em extraposição para a direita com a função de topicalização enfática. Enquanto a ocupação do campo interno e anterior pelo vocativo de (94d) é impedida pela falta total de integração sintática deste elemento com a frase, em (94e) isso ocorre porque o sujeito já se encontra na frase, em forma do pronome dêitico catafórico *sie*, que exigiria um parêntese com marcação tipográfica ou prosódica para poder abrigá-lo no campo interno ou a sua colocação no campo externo esquerdo para poder antecipá-lo na frase.

Para poder dar conta de situações onde frases complemento ou adverbiais são colocadas depois de uma VK, Zifonun et al. (op. cit., 1650) definem um campo posterior estreito e amplo (*enges / weites Nachfeld*):

VF	lSkl	MF	rSkl	NF estreito	c. externo dir.	NF amplo
----	------	----	------	-------------	-----------------	----------

(95a) Ich habe sie gefragt gestern, die Monika, ob das stimmt.  
 Eu tenho ela perguntado ontem a Monika se isso confere  
*"Perguntei a ela, ontem, à Monika, se isso confere."*

(95b) Wir haben uns Sorge gemacht um euch, Kind, weil ...  
 Nós temos nos preocupação feito de vós criança porque ...  
*"Preocupamo-nos por vós, filho, porque..."*

Aplicando os mesmos critérios anteriores, podemos ver porque os autores diferenciam entre o campo externo direito, cujo conteúdo é sujeito a restrições quanto à sua colocação em outros campos da frase, e os dois campos posteriores, cujos elementos podem ocupar muito bem os demais campos sintáticos da frase. A diferença entre o NF "estreito" e "amplo" não parece tão convincente, depois que já foi constatado que o campo externo direito pode ocorrer intercaladamente com o campo posterior (NF). Menos ainda porque não tem nenhum critério sobre que elementos poderiam ocupar os dois NF. De fato, ao menos na frase (95a), eles poderiam ser invertidos sem problemas.

(96) Ich habe sie gefragt, ob das stimmt, die Monika, gestern.  
 Eu tenho ela perguntado se isso confere a Monika ontem  
*"Perguntei a ela, se isso confere, à Monika, ontem." ❖*

Por isso, parece mais indicado considerar apenas **um** campo posterior e constatar que elementos do campo externo direito podem entrar no meio de elementos múltiplos do campo posterior. Como os autores admitem mais adiante (op. cit., 1663), a ocupação múltipla do NF, ao contrário do VF, é possível sem que estes elementos possam ou precisem ser considerados como uma unidade de informação num plano funcional que forma uma unidade de entonação. Não obstante a isso, a ocupação múltipla do NF também é uma situação marcada que também exige apoio prosódico, apenas no sentido oposto: cada unidade é acentuada e separada por pausas. A ocupação do NF por múltiplas frases adverbiais não é rara enquanto não parece possível que mais de uma frase complemento ocupe o campo posterior (op. cit., 1664).

Como os autores constatam, problemas de serialização dentro do campo posterior são de importância menor. Quanto à questão sobre que elementos podem de fato ocupar o NF, eles citam um artigo de Engel (veja Zifonun et al., op. cit., 1650) que considera apenas componentes primários e diz que o conjunto dos elementos capazes disso é um subconjunto dos elementos que podem estar no VF, que, por sua vez, é um subconjunto dos que podem entrar no MF (campo interno). Porém, o NF pode abrigar componentes secundários ou partes de componentes primários.

Como já foi mencionado, as regras para a ocupação do NF são menos rígidas do que as do VF. Assim, os autores preferem nomear tendências, no lugar de regras ou critérios fixos. Nesse sentido, suplementos (circunstantes) teriam maior facilidade para entrarem no NF do que complementos (actantes); transferência de componentes longos para o NF seria mais freqüente do que a de curtos, apesar de não se tratar do comprimento simples, e sim melhor do tamanho em termos de número de componentes, ou seja, complexidade estrutural. Os autores (op. cit., 1651) dão como hierarquia para esta tendência de ocupação o NF:

Frase/IK > grupo adjunto > grupo preposicional > grupo nominal > grupo adjetivo/adverbial

Quanto mais à esquerda nesta seqüência, mais chances tem um elemento de aparecer no NF, sem que seja uma situação marcada.

(97a) Ich habe gleich gewußt, daß das nicht gut gehen kann.  
 Eu tenho já sabido que isso não bem ir pode  
*"Eu sabia no ato que isso não pode dar certo."*

(97b) Er hat mich gebeten, bald wieder zurückzukommen.  
 Ele tem me pedido logo de-novo de-volta(inf)vir  
*"Ele me pediu para voltar logo." ❖*

(97c) Ich war gestern nicht da, weil ich keine Zeit hatte.  
 Eu era ontem não lá porque eu nenhum tempo tinha  
*"Eu não estive lá ontem porque não tive tempo." ❖*

(97d) Weil ich keine Zeit hatte, war ich gestern nicht da.  
 Porque eu nenhum tempo tinha era eu ontem não lá  
*"Porque não tive tempo, eu não estive lá ontem." ❖*

Frases (97a) e IK (97b) complemento têm uma certa preferência para o NF, em menor grau frases suplemento / adverbiais (97c). Como (97d) mostra, a frase adverbial pode muito bem aparecer no VF, enquanto isso já seria uma situação mais marcada para a frase complemento (ao contrário do português).

(98a) Da erschien ein Mann langsam im Bild, der über 100 kg wiegen mußte.  
 Lá apareceu um homem lentamente no vídeo que mais-de 100 kg pesar devia  
*"Aí apareceu um homem no vídeo lentamente, que devia pesar mais de 100 kg." ❖*

(98b) Da erschien ein Mann, der über 100 kg wiegen mußte, langsam im Bild.  
 Lá apareceu um homem que mais-de 100 kg pesar devia lentamente no vídeo  
*"Aí apareceu um homem, que devia pesar mais de 100 kg, lentamente no vídeo." ❖*

(98c) \*Der über 100 kg wiegen mußte, erschien da ein Mann langsam im Bild.  
 Que mais-de 100 kg pesar devia apareceu lá um homem lentamente no vídeo  
*"Que devia pesar mais de 100 kg, um homem apareceu lentamente lá no vídeo." ❖*

Como mostram os exemplos acima, em analogia ao exemplo dos autores (op. cit., 1653), frases adjetivas podem ocupar o NF (98a) ou o MF (98b), mas nunca o VF (98c). Um caso à parte é se elas definirem um elemento do VF. Os autores sublinham que frases relativas com um atributo restritivo podem se distanciar com maior facilidade da sua base para o NF do que relativas com atributos apositivos (op. cit., 1652-1653).

(99a) Das **ist** viel billiger **gewesen** als ich dachte.  
Isso é muito mais-barato sido que eu pensei  
*"Isso foi muito mais barato do que eu pensava."*

(99b) Er **sah** jetzt **aus** wie ein halb geleerter Zweizentnersack.  
Ele viu agora de- como um meio esvaziado 100-kg-saco  
*"Ele agora parecia um saco de 100 kg, esvaziado pela metade."*

(99c) Er **sah** jetzt wie ein halb geleerter Zweizentnersack **aus**.  
Ele viu agora como um meio esvaziado 100-kg-saco de-  
*"Ele agora parecia um saco de 100 kg, esvaziado pela metade." ❖*

Expressões comparativas conectadas com adjutores como *wie* (como / que) e *als* (que) ocorrem com tanta frequência no NF que os autores consideram este lugar sua posição não-marcada (op. cit., 1654-1655). Como vemos, porém, elas podem muito bem estar no MF.

(100a) Ich **hab'** viele Ärzte **gesprachen** in England.  
Eu tenho muitos médicos falado em Inglaterra  
*"Eu falei com muitos médicos na Inglaterra."*

(100b) Wir **müssen** uns hier hauptsächlich **konzentrieren** auf ....  
Nós temos-que nos aqui principalmente concentrar sobre ...  
*"Aqui temos que concentrar-nos principalmente em ...."*

(100c) Das **ist** längst **erledigt** **worden** von unserer Exportabteilung.  
Isso é longamente despachado tornado-se por nosso exportação-departamento  
*"Isso foi despachado há tempo pelo nosso departamento de exportação." ❖*

(100d) Wir **haben** einen Bericht hier **vorliegen**, aus dem März dieses Jahres.  
Nós temos um relatório aqui diante-deitado de o março este(gen) ano  
*"Temos um relatório aqui de março deste ano." ❖*

Para grupos preposicionais também existe uma frequência alta no NF. Porém, isso depende de sua função. Como suplemento adverbial (100a), eles são muito frequentes no NF, especialmente na língua falada, como também complementos preposicionais que são exigidos pela regência do verbo, como em (100c), enquanto são raros como complemento adverbial ou suplemento nominal (100d). Complementos preposicionais com preposições fixas, regidas pelo verbo, aparecem com certa frequência no NF, porém, eles marcam uma clara ênfase nesta posição (100b). Grupos

preposicionais como complementos nominais têm uma certa tendência ao NF, principalmente no caso dos grupos verbais funcionais (*Funktionsverbgefüge*).

(101a) Damit haben wir besprochen Syntax, Funktion und formale Aspekte.  
Com-isso temos nós discutido sintaxe função e formais aspectos  
"Com isso discutimos sintaxe, função e aspectos formais." ❖

(101b) ... daß es da eine Existenzfrage gibt, des Staates ...  
... que isso lá uma existência-pergunta dá do Estado  
"... que lá existe uma pergunta de sobrevida do Estado..."

(101c) Ja, das müßte aber ein anderer Roman sein dann.  
Sim isso deveria porém um outro romance ser então  
"Sim, isso deveria ser, porém, um outro romance, então."

(101d) Er hat mit dem Verkäufer gesprochen, einem sehr vernünftigen Mann.  
Ele tem com o(dat) vendedor falado um(dat) muito razoável homem  
"Ele falou com o vendedor, um homem muito razoável." ❖

(101e) Ist der Test positiv ausgefallen oder negativ?  
É o teste positivo decaído ou negativo  
"O teste saiu positivo ou negativo?"

Grupos nominais no NF ocorrem com grande frequência em enumerações (101a) onde provavelmente marcadores prosódicos depois do pré-verbo no sentido de dois pontos indicariam a exclusão da VK. Mais marcado, porém, são componentes primários como sujeito e objetos ou atributos genitivos (101b). Os autores suspeitam que em muitos destes seus exemplos, normalmente oriundos da língua falada, falta de planejamento do falante ou a tentativa de prolongar o turno do falante seriam o motivo de aparecerem no NF (op. cit., 1660). Elementos adjetivos ou adverbiais (101c) também encontram-se mais na língua falada em posição de NF e a sua aceitabilidade é um pouco maior do que a de grupos nominais, pois são suplementos, na maioria dos casos. Expressões apositivas (101d) ou coordenativas (101e) também podem ocupar o NF sem problemas. Partículas modais e de negação, elementos pró- e os elementos topologicamente fixos da VK não podem entrar no NF, nem partes do complexo verbal infinito (op. cit., 1651).

Zifonun et al. (op. cit., 1669) constatam que o campo posterior como posição não necessária da frase contribui relativamente pouco para a organização temática do texto / discurso, exceto situações onde o NF recebe um componente primário como o sujeito como tema enfático. Eles indicam como uma das funções do NF a integração distribuída da informação ao longo da frase (*Informationsentflechtung*), para evitar sobrecarregar as capacidades de processamento do receptor.

Isso vale principalmente para componentes elaborados com a ajuda de frases complemento ou em combinação com frases atributivas. Neste caso, a colocação no MF pode resultar na situação pouco satisfatória de haver apenas um elemento final da VK (rSkI) após uma longa frase relativa, por exemplo. Para evitar o efeito estilístico negativo e aumentar a clareza, a colocação destes elementos no NF, dentro das possibilidades acima listadas, é uma solução adequada. Depois, principalmente na língua falada, o NF serve para receber informação que o falante queira inserir depois de já ter encerrado uma VK (*Nachtrag*). Também na língua falada existe a situação de usar a possibilidade de um NF extenso como tentativa de estender o turno do falante e aumentar a sua participação no discurso. Como veremos mais adiante, a VK tem um papel interessante na organização discursiva da fala. Além das funções acima, os autores identificam o uso deste recurso em obras literárias que querem imitar oralidade em diálogos de fala direta e narrativas na primeira pessoa, ou, pelo contrário, em estilo arcaico, e citam exemplos de Thomas Mann e outros (op. cit., 1674).

Resumindo, a *IdS-Grammatik* realmente é a mais completa das gramáticas de referência e a mais exata no que diz respeito ao tratamento do fenômeno deste trabalho. No âmbito das VK, são muito poucos os erros detectados, comparando-se com outras obras. Os autores, com seu embasamento teórico amplo (Gramática de Valências, Gramática Categorial, Funcionalismo e alguns conceitos da Gramática Gerativa Chomskyana), conseguem dar uma visão muito mais ampla sobre a língua alemã do que outras obras semelhantes, e vários de seus resultados parciais serão utilizados na descrição do fenômeno da VK neste trabalho: 1) a descrição de frases  $V_{\text{final}}$  como KM completas e frases independentes; 2) a descrição de construções infinitivas que apóia a sua interpretação como junção no sentido de Weinrich; 3) o modelo de frase (75) que será corrigido e expandido mais adiante, e 4) a análise profunda das possibilidades de ocupação do campo anterior. Não obstante a isso, o fato de haver soluções interessantes e criativas em vários pontos não significa, de maneira geral, que os autores consigam se livrar totalmente da influência de determinadas bagagens na descrição sintática e, na maioria das grandes linhas de sua obra, eles seguem o rumo clássico da disciplina. Isso vale também no que tange o assunto deste trabalho.

## II.2 Abordagens gerativas

A seção dedicada a abordagens gerativas será relativamente curta, apesar do número considerável de publicações que abordam a VK de forma direta ou indireta, por dois motivos opostos. Por um lado, as análises da *Verbalklammer* por autores da Gramática Gerativa Chomskyana não



contribuem muito para este trabalho, como será mostrado abaixo. Por outro lado, um capítulo extenso sobre a abordagem gerativa da *Head-Driven Phrase Structure Grammar* (gramática de estrutura frasal dirigida por cabeças [lexicais] – HPSG) de quase cem páginas (incluindo uma introdução geral nesta abordagem recente, ainda não muito discutida no Brasil) foi excluído deste trabalho para não aumentar em demasia o seu volume e ficará para uma publicação posterior. O motivo principal que facilitou a decisão de não detalhar a abordagem da HPSG nesta tese foi que a descrição do fenômeno por autores desta linha teórica, apesar de muito interessante e detalhada, não contribui nem de forma direta nem indireta para o modelo descritivo proposto aqui, na parte III.2. Assim, esta seção menciona apenas as abordagens gerativistas para completar o capítulo de discussão da literatura e justificar porque elas foram descartadas como referencial teórico ou instrumento de análise. Como representantes das abordagens gerativas, serão mencionados, por um lado, a escola chomskyana pura, como origem e "guardiã" da teoria gerativa, e, por outro, uma das vertentes mais recentes, a *Head-Driven Phrase Structure Grammar*, HPSG, baseada em Ivan Sag e Carl Pollard.

### II.2.1 Semelhanças e divergências entre gramática gerativa chomskyana e HPSG

A gramática gerativa chomskyana e a HPSG compartilham vários objetivos e métodos, porém, divergem radicalmente em outros. Entre outros fatores, a HPSG acrescenta níveis de análise importantes com a sua orientação para o processamento automático de linguagem por computador que exige a permanente verificação da teoria pelo empirismo.

Desde as primeiras publicações de Noam Chomsky, ainda no final dos anos 50, a teoria gerativa sofreu várias evoluções e transformações, passando pelas versões conhecidas como *Standard Theory* e *Revised Standard Theory* (anos 60 e 70) e as variantes mais recentes de *Government and Binding (GB)* nos anos 80, *Minimalist Program* e *Principles and Parameters* nos anos 90. A HPSG teve seu início no final dos anos 80 e nos seus dez anos de existência firmou-se como abordagem consistente, muito usada em projetos de processamento automático de linguagem, amplamente incentivados por instituições de fomento e empresas nos EUA e na Europa. As observações aqui feitas para distinguir a HPSG e a teoria chomskyana referem-se às características básicas da última em seu patamar hoje alcançado, sem considerar todos os detalhes de seu desenvolvimento em determinados aspectos, durante mais de 40 anos.

A abordagem da HPSG nasceu nos Estados Unidos, (*Ohio State University e Stanford University / Center for the Study of Language and Information – CSLI*), elaborada por pesquisadores que tiveram sua formação dentro do âmbito do gerativismo, tentando, porém, superar as limitações das gramáticas derivacionais e transformacionais como são arquetipicamente representadas na teoria chomskyana, com todos seus desdobramentos e variações ao longo dos anos. Paralelamente à publicação em 1994, e imediatamente depois, o modelo da HPSG já foi submetido à aplicação a outras línguas, entre elas o alemão. Ao mesmo tempo, pelo fato de ter sido elaborada desde o início sob verificação empírica em mais de uma língua, a HPSG livrou-se logo no início dos vícios de focalizar em demasia uma só língua, o inglês, e, por assim dizer, de formular a "gramática universal" deste idioma. A viabilidade comprovada da HPSG na área da lingüística computacional fez com que esta abordagem logo conseguisse adesão de outras equipes de pesquisadores e apoio maciço de órgãos de fomento e empresas de porte da área de informática nos Estados Unidos e na Europa, e hoje fosse uma das mais promissoras nas pesquisas de Inteligência Artificial, no que tange o processamento automático de linguagem natural.

A HPSG, então, está estreitamente ligada à lingüística computacional (ou seja, à tentativa de conseguir que um programa de computador seja capaz de processar linguagem natural com certo êxito). Como dizem John Nerbonne, Klaus Netter e Carl Pollard (Nerbonne et al. 1994: 1) na introdução de sua coletânea de trabalhos de HPSG que analisam fenômenos da língua alemã:

"HPSG has attracted attention not only as a framework for linguistic analysis, but also because of its precise and explicit mathematical basis (...) and for its applicability in computational linguistics."

Ela justamente nasceu da insatisfação com todas as abordagens gerativistas até então neste sentido. Por isso, apesar de ser uma abordagem gerativa ampliada e mais elaborada, a HPSG, desde o início, nunca pôde parar na etapa da análise do aspecto sistêmico da língua. Depois de tentar formalizar determinadas relações sintáticas (usando frases feitas em todas as suas permutações como na abordagem gerativista tradicional), ela **necessariamente** passa para a etapa da verificação (ou não) de seus resultados, por exemplo, empíricos de *corpus* lingüísticos, no momento em que um programa de computador baseado nas suas formulações lógicas tenta processar linguagem natural. Justamente o imperativo de dar conta do empírico levou os autores da HPSG a abandonarem determinados conceitos, a ampliarem o enfoque e a introduzirem considerações basicamente funcionalistas em sua abordagem. Ivan Sag e Thomas Wasow afirmam (Sag / Wasow 1999: 243) que a distinção chomskyana entre *competence* e *performance* permitiu aos lingüistas de se ocuparem com problemas isolados e controláveis no estado incipiente de

desenvolvimento de sua abordagem, sem se preocuparem muito com a maneira como as pessoas realmente falam. Não obstante a isso, segundo Sag e Wasow, a maioria dos gerativistas deve concordar que uma teoria otimizada da competência lingüística deve ter condições de participar mais ativamente na explicação de fenômenos concretos da área de performance. Só assim poderá passar a chamar-se uma gramática "realista".

Precusores da HPSG no seu caminho de se afastar do *mainstream* do gerativismo são abordagens não-derivacionais como a Gramática Categorial (CG – *Categorial Grammar*), a Gramática de Pares de Arcos (APG – *Arc Pair Grammar*) de David Johnson e Paul Postal, a Gramática Lexical-Funcional (LFG – *Lexical-Functional Grammar*) e, principalmente, a abordagem da *Phrase Structure Grammar* (1982) e GPSG (*Generalized Phrase Structure Grammar*) de Gerald Gazdar, na qual Ivan Sag era um dos co-autores na variante de 1985. Pollard e Sag (1994) apontam como um exemplo de influências para conceitos chaves da HPSG o surgimento de idéias como a do compartilhamento de estruturas sintáticas (por exemplo em Johnson & Postal 1980: 479-483), que foi usado e elaborado em artigo por Daniel Flickinger, Carl Pollard e Thomas Wasow (veja Flickinger et al. 1985), antes de ser incorporado em Pollard & Sag (1987) e de virar elemento fundamental para a HPSG (Pollard & Sag 1994, Sag & Wasow 1999).

Sem entrar em muitos detalhes da lógica formal de estruturas definidas de propriedades distribuídas, convém salientar alguns pontos chaves aqui, antes de se mostrarem exemplos concretos de estruturas de propriedades. Aprofundamento neste assunto pode ser encontrado em Shieber (1986), Pereira & Shieber (1987) e, principalmente, Carpenter (1992).

- As estruturas de propriedades utilizadas na HPSG são **classificadas** de forma **inequívoca**. Isso significa que cada subconjunto de propriedades é declarado através de um símbolo ou "rótulo" que indica inequivocamente e sem ambigüidades que tipo de objeto esta estrutura está modificando. Só existe um símbolo para cada tipo básico de propriedade, por exemplo, categorias ontológicas como caso, gênero etc.
- Todos os símbolos são **integrados** em uma **hierarquia** de (sub-) conjuntos de propriedades. Assim, "palavra" é um subconjunto de "frase", que é subconjunto de "signo".
- Propriedades e atributos podem ser **conjuntos** ou **listas** de propriedades / atributos. Existem conjuntos e listas vazias.

- As estruturas de propriedades são **bem definidas**. Cada estrutura de propriedades só pode ter os atributos (ou subestruturas de propriedades) previamente definidas, em correspondência com sua categoria ontológica. Isso impede a introdução de construções *ad-hoc* na descrição de determinados fenômenos e garante a consistência do sistema lógico (que é condição *sine qua non* para o processamento automático). Por exemplo, a propriedade "gênero" do alemão terá exatamente os atributos possíveis de "masc", "fem" e "neut", a propriedade "caso" terá "nom", "acc", "dat" e "gen" e assim por diante (para outras línguas a lista de propriedades e atributos será diferente).
- A mesma exigência tem como consequência que as estruturas de propriedades devem ser sempre **totalmente definidas**. Ou seja, a propriedade "substantivo" não pode apenas ter um atributo "caso" numa dada análise (o que incluiria simultaneamente "nom", "akk", "dat" e "gen"). A propriedade "substantivo" exige uma subpropriedade "caso" que exige a atribuição de exatamente um atributo em uma descrição concreta de um signo lingüístico. Isso não impede que uma propriedade seja sub-especificada em uma entrada lexical. A sub-especificação é um recurso muito importante para evitar redundância na descrição da gramática. Exemplo: na análise isolada do signo < *das* >, da classe "palavra", há uma sub-especificação a respeito da propriedade caso – < *das* > pode ser "nom" ou "akk". Mas, em co-ocorrência com outros signos, numa frase, a propriedade "caso" estará sempre suficientemente atribuída.

Como a HPSG é *constraint-based* (baseada em restrições de co-ocorrência), não há problema com o fato que < *das* > pode ser [*nom*] ou [*acc*]. Importante é satisfazer a exigência de mostrar uma propriedade compatível com [*acc*] quando o verbo rege um objeto direto.

- Pelo princípio de **compartilhamento de estruturas**, o mesmo nóculo lógico pode estar conectado a mais de uma propriedade. Cabe frisar que, neste caso, a **identidade ontológica** do elemento lingüístico concreto é exigida e indicada pelo mesmo índice (veja exemplo abaixo). Não se trata apenas de uma identidade de estruturas lógicas ou de propriedades. Este mecanismo é o princípio central de funcionamento da HPSG. É ele que efetua a integração de todas as estruturas hierárquicas de propriedades. Nele as restrições de co-ocorrência são verificadas, e, para usar um conceito estruturalista, neste momento acontece o milagre da língua, de colocar o paradigma no sintagma, ou seja, codificar e decodificar enunciados

gramaticais. Nas palavras de Wilhelm von Humboldt, é este mecanismo que permite que a gramática seja o "uso infinito de meios finitos".

Vejam, então, exemplos mais concretos. Os tipos de signos descritos pela HPSG são signos lexicais (*lexical-signs*) e signos frasais (*phrasal-signs*). Os signos frasais são tratados da mesma forma que as entradas lexicais. Deste modo, as relações sintáticas entre entradas lexicais, entre seqüências frasais e entre as duas categorias são sempre estabelecidas da mesma maneira. A sintaxe, de certo modo, é uma decorrência da integração de vários níveis de signos. Não ao contrário, como em abordagens mais tradicionais, onde a estrutura sintática é vista como pré-existente e posteriormente preenchida por elementos lexicais que "recebem" da estrutura sintática subjacente os seus respectivos marcadores. Ao contrário disso, a HPSG é uma teoria lexicalista, onde os elementos lexicais, através de restrições inerentes, determinam-se mutuamente uns aos outros, resultando numa definida estrutura sintática (cf. Sag, 1997: 439).

Para a HPSG, no mínimo, cada signo possui os dois atributos PHON (valor fonológico) e SYNSEM (o conteúdo da integração entre seus atributos sintáticos e semânticos). Em sua versão de 1987, os autores ainda trabalhavam com dois atributos como categorias separadas, SYNTAX e SEMANTICS. A unificação dos dois deve-se ao reconhecimento de que os dois níveis de análise são intrinsecamente integrados e dependentes um do outro, ou seja, uma análise satisfatória só no nível sintático ou no semântico seria impossível. A informação subcategorizada e compartilhada por outros signos sempre é ao mesmo tempo semântica e sintática, o que recomenda e justifica sua representação única no modelo da HPSG. Na prática, os atributos de PHON e SYNSEM, muitas vezes, são novamente listas ou conjuntos de propriedades, com seus respectivos atributos ou subpropriedades, e assim por diante, resultando numa estrutura de propriedades hierárquica complexa. A descrição da propriedade PHON é excluída pela grande maioria dos autores de HPSG e este valor é representado como seqüência de transcrições fonêmicas IPA, ou, para facilitar mais a leitura, pela transcrição ortográfica tradicional.

As propriedades SYNSEM são divididas em LOCAL (presentes no local) e NONLOCAL. A informação de LOC abrange os atributos CATEGORY, CONTENT e CONTEXT. Com o exemplo do pronome pessoal *she* (ela), Pollard/Sag mostram como estas propriedades e seus atributos são integrados. No caminho SYNSEM | LOCAL | CONTEXT | BACKGROUND está definido um estado parametrizado cujo valor de RELATION (ao mundo de objetos) é "feminino (biológico)" e cujo valor de INSTANCE remete ao valor REF no caminho SYNSEM | LOCAL |

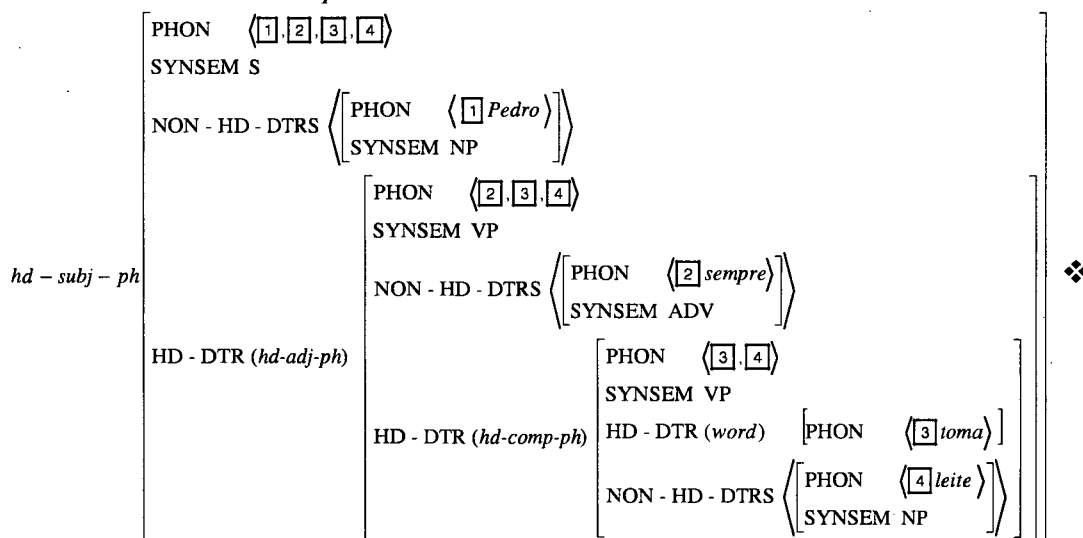


- (103) rooted-at(X1) & word(X1) & PHON(X1,X2) & nelist(X2) & FIRST(X2, X3) & she(X3) & REST(X2,X4) & elist(X4) & SYNSEM(X1,X5) & synsem(X5) & LOCAL(X5,X6) & local(X6) & CAT(X6,X7) & cat(X7) & HEAD(X7,X8) & noun(X8) & CASE(X8,X9) & nom(X9) & SUBCAT(X7,X10) & elist(X10) & CONTENT(X6,X11) & ppro(X11) & INDEX(X11,X12) & ref(X12) & PERSON(X12,X14) & 3<sup>rd</sup>(X14) & NUMBER(X12,X16) & sing(X15) & GENDER(X12,X16) & fem(X16) & CONTEXT(X6,X17) & context(X17) & BACKGROUND(X17,X18) & SINGLETON-OF(X18,X19) & psoa (X19) & INSTANCE(X19,X12) & female(X20)

Está na natureza da matéria que descrições de signos mais complexos, como uma frase verbal, uma sentença, um discurso, que são compostos por uma série cada vez mais longa de elementos, tanto na representação em sinopses de acordo com o diagrama AVM [exemplo (102)], quanto em fórmulas seqüenciais como em (103) tenderão a ocupar cada vez mais espaço. Como eles serão apenas uma soma de elementos como o <she> descrito aqui, resultado de uma adição incremental (comparável à produção de um enunciado por um falante), sua complexidade não aumentará em termos qualitativos. Apenas será necessário introduzir um maior número de índices como [1], no caso das AVMs, para garantir a identificação dos elementos idênticos que compartilham a mesma estrutura. Em fórmulas do tipo (103), a identidade é indicada pelo mesmo índice numérico (Xn).

No exemplo abaixo vemos a análise de um "signo sentencial" pela HPSG:

- (104) AVM da frase: *Pedro sempre toma leite.*



### II.2.1.1 Semelhanças entre HPSG e teoria chomskyana

Primeiramente apresentam-se os aspectos compartilhados entre a HPSG e a teoria sintática mais influente da segunda metade deste século, seguindo-se em alguns dos pontos abaixo a comparação feita por Ivan Sag e Carl Pollard (1994: 2-13):

- Teoria chomskyana e HPSG acreditam que existem **princípios universais** de funcionamento lógico para a descrição de todas as línguas naturais, que devem ser diversificados, complementados e variados para adaptá-los a determinados idiomas concretos (ou seus subconjuntos).
- As duas teorias são **gerativas**, ou seja, partem da premissa de que uma gramática descritiva deve ter como objetivo fornecer regras abstratas que são capazes de gerar todas as sentenças corretas possíveis de uma língua, sem permitir (licenciar, como diz a escola de Chomsky) sentenças consideradas inaceitáveis por participantes da comunidade lingüística do idioma estudado. No caso do gerativismo chomskyano, esta exigência é um imperativo categórico, no caso da HPSG uma necessidade prática, para poder partir ao processamento automático de linguagem natural.
- Ambas tentam alcançar uma descrição gramatical **formalista**, ou seja, um nível de abstração suficientemente alto para sair dos clássicos casuísmos, presentes em todas as gramáticas descritivas tradicionais, onde sempre ocorre que a descrição de tipos lingüísticos é sobreposta pela descrição de elementos concretos isolados. Em outras palavras, HPSG e a gramática derivacional negam-se a aceitar formulações descritivas de regras (e exceções) no nível de ocorrências lingüísticas concretas (*token*) e exigem a descrição satisfatória no nível sistêmico (*type*). O formalismo chomskyano é uma consequência de seu rigor científico, e quer estabelecer a lingüística como ciência exata. No caso da HPSG, o formalismo é uma necessidade pragmática, pois fórmulas são a única maneira de um computador poder efetuar o processamento de quaisquer dados.
- As duas exigem que suas formulações abstratas evitem redundâncias desnecessárias, ou seja, que haja uma **economia de regras** para simplificar a gramática o máximo possível.
- Nas duas, estruturas lingüísticas complexas são determinadas na interação entre **entradas lexicais articuladas** e caracterizadas por **propriedades específicas** e **regras parametrizadas** de gramaticalidade, deduzidas até chegarem a um conjunto relativamente pequeno de esquemas de estruturas de frase (HPSG) ou de dominância imediata (Chomsky).



- Tanto HPSG quanto teoria chomskyana utilizam **estruturas lógicas hierárquicas** para descrever os diversos níveis de dependência em formato de árvores (mais ou menos ramificadas).
- Ambas as abordagens recorrem a **categorias foneticamente não realizadas** para a sua descrição adequada de certos fenômenos de dependência (chamadas "variáveis" em *Government and Binding* e "traços" na HPSG).

### II.2.1.2 Divergências

As diferenças entre as duas abordagens, porém, são ainda mais marcantes, e mostram nitidamente como a HPSG eliminou uma parte de sua bagagem chomskyana e incorporou elementos que a possibilitam satisfazer as exigências necessariamente funcionalistas de uma descrição lingüística que pretende ser base para a simulação do processo mental mais complexo e ao mesmo tempo mais eficiente da mente humana: o processamento lingüístico.

- A HPSG não se pronuncia a respeito da discussão do inatismo de uma gramática universal, julgando-a pouco interessante, desnecessária e sobrecarregada de crenças que não poderão ser provadas nem rejeitadas com argumentos convincentes.
- Não há elementos ou regras de transformação ou derivação na HPSG. Não existe "movimento", e sim "compartilhamento de estruturas", ou seja, há identidade da representação concreta de diferentes estruturas abstratas (*token identity*), de acordo com especificações lexicais dos elementos, ou com princípios gramaticais e relações complexas entre ambas.
- "*HPSG is nonderivational, in contradistinction to nearly all variants of GB and its forebears, wherein distinct levels of syntactic structure are sequentially derived by means of transformational operations.*" (Pollard & Sag 1994: 2)
- Segundo a HPSG, atribuir a estrutura sintática a processos derivacionais, na melhor das hipóteses, não contribui nada para uma teoria. Na maioria dos casos, porém, este recurso "*introduces complications and confusions (i.e. ordering paradoxes) of a completely artifactual nature.*" (Pollard & Sag 1994: 10)

- Relações derivacionais abstratas como "government" ou "c-command" (em GB) não são consideradas como lingüisticamente significativas. Seu papel é preenchido por relações de obliquidade relativa entre os elementos dependentes da mesma frase. Ou seja, na HPSG não é necessário postular projeções de relações de dependência através de supostas transformações.
- A relação entre uma posição lógica e sua realização zero é resultado de compartilhamento de estruturas e não de transformações ou movimentos.

"...we will argue that the relationship between the gap and its [phonetically null] filler is more clearly understood as a matter of structure sharing than as one of movement. To put it in another way, we deny that transformations themselves model anything in the empirical domain" (Pollard & Sag 1994: 4)

- O chamado "raising" de sujeitos e objetos em GB (como em sentenças do tipo: *Kim believes Sandy to be happy*) não existe na HPSG. O princípio do compartilhamento de estruturas explica estes fenômenos de forma totalmente satisfatória.
- O nível de descrição semântica é incluído na HPSG que atribui a uma descrição completa de vários feixes de propriedades dos elementos lexicais uma função chave. Desta forma, ela se torna apta para solucionar mais do que problemas de ordem sintática apenas.
- A HPSG permite, de modo geral, a integração de informações não-lingüísticas para poder evitar ambigüidades semânticas possíveis em exemplos como: *She found the book on the molecular surface*, ou para poder interpretar de forma correta fenômenos freqüentes, porém muito problemáticos para o processamento automático de linguagem natural, como, por exemplo, polissemia, uso idiomático ou metafórico / metonímico.
- HPSG descreve sentenças ou enunciados de maneira incremental e integrativa. Quer dizer que a descrição de um sub-conjunto de signos de uma seqüência não muda com a ocorrência de mais elementos na mesma seqüência. Um grupo nominal isolado é descrito da mesma forma quando ele ocorrer dentro de uma frase, na função de sujeito ou objeto. A descrição de uma sentença inteira integra as descrições parciais de seus elementos de forma perfeita e orgânica, sem necessidade de adaptações.

- Por isso, a descrição de constituintes na HPSG é independente de sua ordem numa sentença. Além de tornar o modelo mais versátil de forma geral, isso é uma enorme vantagem na hora de lidar com uma língua como o alemão, que permite variações muito mais livres da ordem de elementos do que outras línguas.
- A HPSG é baseada em um sistema de restrições de co-ocorrência (*constraint-based*) de elementos lexicais com uma estrutura de propriedades específicas definida. Por exemplo, existe uma regra que impede que um elemento nominal em posição de sujeito e marcado como singular possa co-ocorrer na mesma sentença com um verbo marcado como plural.
- Decorrente disso, a HPSG é neutra em relação ao tipo de processamento e pode ser utilizada para descrever processos de codificação e de decodificação simultaneamente, sem necessidade de reformulação de suas descrições. As regras de co-ocorrência determinam ao mesmo tempo que elementos podem ser colocados na produção de uma cadeia de signos e como dadas co-ocorrências devem ser interpretadas na hora da decodificação. Seguindo-se o exemplo anterior, na hora da produção, as restrições de possíveis co-ocorrências exigem que o verbo e seu sujeito concordem nas categorias número e pessoa. No momento do processamento receptivo, a mesma regra identifica se este grupo nominal pode ser o sujeito para o verbo, pois a exigida concordância é verificada (ou não).

Como se vê, já na comparação sumária de suas características gerais com o modelo gerativista chomskyano, a HPSG está muito mais preocupada com o desafio da sua verificação empírica na hora do processamento de um *corpus* de linguagem natural. Esta situação leva a HPSG a abandonar várias posições gerativistas clássicas e a aproximar-se em alguns sentidos a abordagens funcionalistas.

## II.2.2 A *Verbalklammer* em algumas publicações gerativas clássicas

Segundo Dean (1974: 16), o primeiro artigo sobre o alemão dentro da abordagem gerativa transformacional foi Lees (1957), aprofundado por Emmon Bach (1962). Um dos mais influentes trabalhos gerativos iniciais sobre a sintaxe verbal do alemão é do lingüista berlinense-oriental Manfred Bierwisch (1963), revisado por Bach na revista *Language*, em 1964. Inicialmente, o autor (op. cit., 31) constata que a ordem dos elementos é mais livre em alemão e aponta três tipos de

frase como básicos, dependendo da posição do verbo finito, sem fazer menção da *Verbalklammer*. Na sua discussão da constituição do grupo verbal em frases com predicados analíticos, Bierwisch nem sequer menciona a *Verbalklammer* ou a descontinuidade do grupo verbal e usa nesta parte do seu trabalho preferencialmente exemplos onde o campo interno está vazio, para apresentar o grupo verbal em adjacência, como ele ocorre em inglês ou nas línguas neolatinas (op. cit., 66-68, 74). Bierwisch considera o alemão uma língua SOV, com o verbo finito naturalmente em posição  $V_{\text{final}}$ . As frases com o verbo finito na primeira ou segunda posição seriam resultado de uma transformação com o movimento do verbo (Bierwisch, 1963: 108). O fato de que com isso nasce uma estrutura verbal descontínua e um campo topológico entre os dois pólos do grupo verbal é solenemente ignorado. Ou melhor, dentro das premissas da abordagem teórica transformacional, a descontinuidade que ocorre "apenas" no nível de superfície não é considerada importante, e a posição inicial da frase e a posição dois não são consideradas posições verbais. Quando o verbo encontra-se nelas, é por causa de uma transformação apenas, não porque ele tenha que preencher uma função importante neste lugar, além de marcar tipos de frases, talvez. A posição verbal nata é a posição final. Quando todos os elementos do grupo verbal encontram-se em adjacência (como deve ser) na posição  $V_{\text{final}}$ , há ainda menos necessidade para estes autores de considerar uma estrutura bipolar, descontínua. O fato de que há um elemento (*complementizer*) que interage com o grupo verbal, fazendo surgir a posição  $V_{\text{final}}$  de todo o predicado, pois ele está numa posição eminentemente verbal, não é abordado nos trabalhos gerativistas, pois estes partem da premissa de que a posição SOV é a serialização básica. Resumindo, não há lugar para uma descrição da *Verbalklammer*, pois para isso precisar-se-ia partir da hipótese de que a posição nata do verbo seria a descontinuidade da VK, ou ao menos reconhecer que esta posição bipolar fosse central na sintaxe do alemão. Assim, a *Verbalklammer* chega a ser eliminada pelo filtro perceptivo, institucionalizado já logo no início desta teoria. Como Dean (1974: 17) resume: "*In short, by the late 1960s, the final position of the verb in the deep structure of German transformational grammar was virtually taken for granted.*"

A lista de publicações gerativistas chomskyanas posteriores sobre aspectos da sintaxe alemã é longa. Discutem-se, por vezes, problemas específicos como os acima mencionados, por vezes, a ordem peculiar dos elementos chamada  $V_2$  que coloca vários problemas para a abordagem chomskyana, assim em Edmondson (1982), Haider & Prinzhorn (1986) ou Weerman (1992).

Günther Grewendorf da Universidade de Frankfurt é um representante importante da gramática chomskyana dos anos 80 e 90 na Alemanha. Mesmo 30 anos depois de Bach e Bierwisch,

Grewendorf & Wilder (1991) continuam no mesmo ponto: alemão é inquestionavelmente SOV, o resto são movimentos do verbo no nível de superfície, sem muita importância para a estrutura sintática da frase e ponto. Os autores discutem problemas específicos relacionados à VK, como a posição V<sub>2</sub> (op. cit., 16), a antecipação do elemento final do grupo verbal infinito (op.cit., 12), sob o rótulo de *long scrambling*, ou a construção chamada de *pied-piping* (op. cit., 15), mas o fato de que apenas a estrutura descontínua da VK gera o campo anterior para o qual o elemento final é movido ainda não é considerada digna de uma menção sequer. No seu trabalho *German – A Grammatical Sketch*, Grewendorf (1992: 1) apenas repete Bach (1962) e Bierwisch (1963): "*German is a 'verb second' language whose basic (D-structure) constituent order is verb-final*". Grewendorf (1992:2-3) ao menos menciona que a tradição da gramática descritiva (não-gerativista) descreve esta posição como *Satzklammer*, que abre três campos topológicos, porém imediatamente acrescenta que a descrição correta está "*within a more explanatory syntactic theory*" (Grewendorf, 1992:3), ou seja, na abordagem chomskyana, na sua variante mais atual na época, a teoria X'. Da mesma maneira que Bach e Bierwisch três décadas antes, o autor aplica conceitos da teoria original norte-americana à língua alemã, por exemplo, o deslocamento para o campo externo esquerdo (op. cit., 11), o chamado movimento Wh- (deslocamento do elemento interrogativo da posição do seu equivalente na serialização de base SOV para o início da frase nas interrogativas com o verbo em posição V<sub>2</sub>) como estrutura ligada à topicalização (op. cit., 12-21), *Pied-piping* (op. cit., 22-24), movimento de elementos nominais – *NP-movement* (op. cit., 30), o já citado *scrambling* (op. cit., 34) e outros. Porém, como no original, desenvolvido com base no inglês, não aparece uma estrutura bipolar semelhante à *Verbalklammer*, ela não pode ser descrita pelos autores gerativistas alemães, apesar de ser a base para vários dos fenômenos acima descritos por Grewendorf. Outro exemplo mais recente é o estudo de Karsten Rinas (1997) que descreve:

- **construções AcI** – complementos acusativos do verbo que são conectados em forma de infinitivos, como em *Ich bedaure, ihn zu kennen* (Lamento conhecê-lo);
- **long extractions** – extrações longas em frases tipicamente gerativistas como *Wen glaubst du daß Maria geküßt hat?* (Quem você acha que Maria beijou?) onde o interrogativo com a marcação de caso acusativo exigida pelo verbo da frase complemento (*küssen*) encontra-se no início da frase matriz;
- **neg-raising** (elevação da negação) – com determinados verbos a negação da frase complemento pode ser elevada para a frase matriz: *Ich glaube nicht, daß er krank ist* (Não acho que ele esteja doente) – sendo que a negação seria oriunda do verbo da frase complemento.

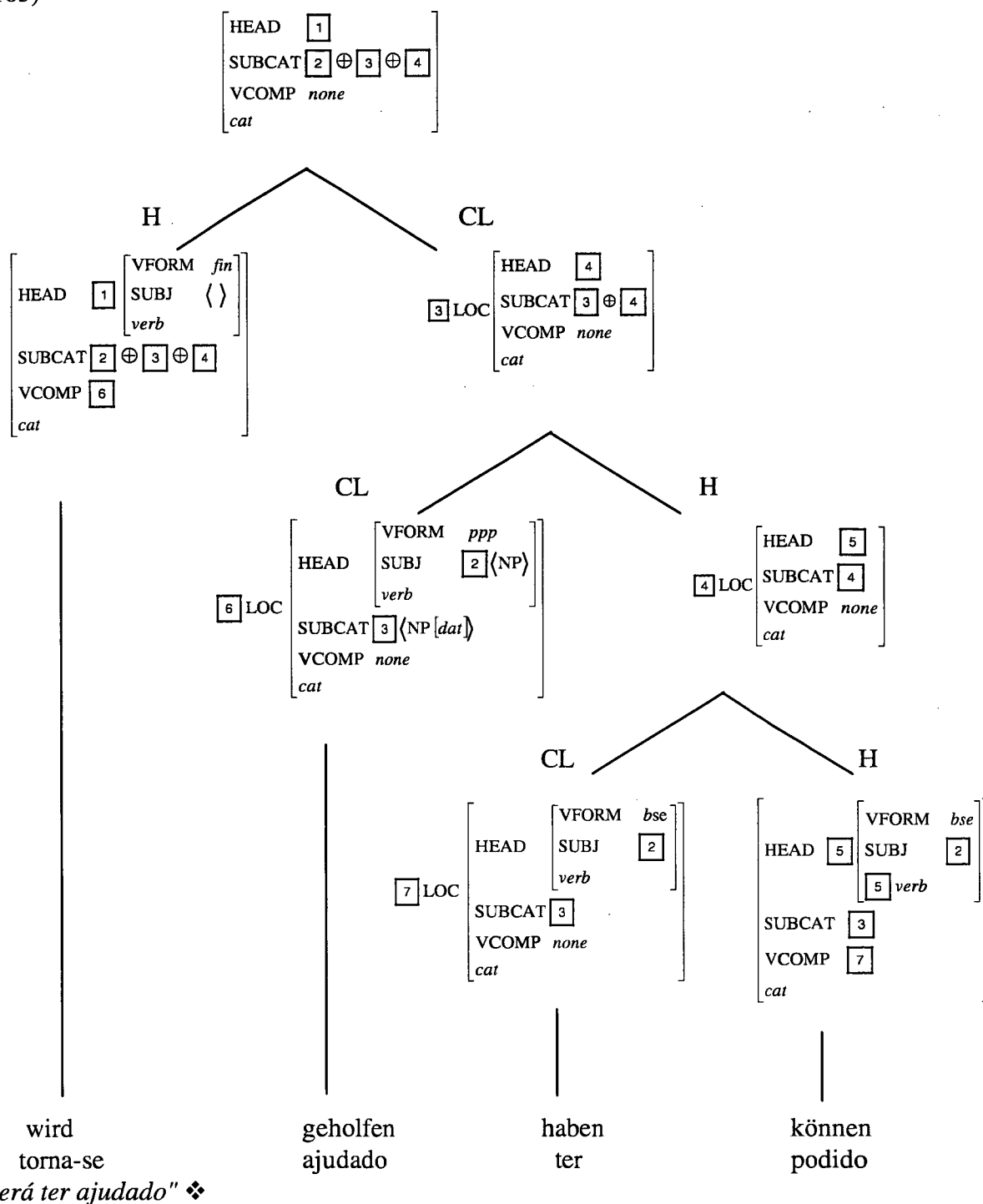
Em todo o seu trabalho que gira em torno de fenômenos estreitamente ligados à *Verbalklammer*, Rinas não chega a mencioná-la uma única vez sequer.

Como constante na literatura gerativista alemã permanece a aparente impossibilidade de se tematizar a *Verbalklammer* com as ferramentas da teoria chomskyana que de certa forma tem um defeito de nascimento grave para a análise deste fenômeno sintático tão elementar do alemão. A saber, o "defeito" de ter sido elaborada de maneira impressionantemente consistente em si, com uma abordagem teórica e premissas epistemológicas que romperam com a maioria dos conceitos anteriores da disciplina, por uma figura tão brilhante e fascinante como Chomsky, porém para uma só língua, o inglês. Somando estes fatores, resultou o fato de que os seus adeptos e discípulos até hoje usam as mesmas ferramentas desenvolvidas para o inglês e analisam com elas fenômenos parciais de suas línguas maternas, sempre de forma seletiva e onde isso é possível no fundo para apoiar e consolidar ainda mais a teoria-mãe. Porém, como não se sentem à vontade para modificar ou rever aspectos-chaves desta teoria para adaptá-la melhor a todas as outras línguas, não conseguem chegar a uma descrição completa destas línguas por causa da abordagem teórica escolhida que, assim, torna-se um obstáculo sério – da mesma maneira como a sistemática e terminologia da gramática greco-latina antiga, criticada no excuro do capítulo I.2.

### II.2.3 A *verbalklammer* em publicações da HPSG

A HPSG (ao contrário da abordagem gerativa da linha chomskyana) desde muito cedo no seu desenvolvimento foi aplicada ao alemão, por exemplo por Andreas Kathol, um doutorando de Ivan Sag em Stanford, por J. Nerbonne e K. Netter, ou, mais recentemente na Alemanha, por autores como W. D. Meurers, K. De Kuthy-Großkopf e Stefan Müller. Assim, por um lado, as particularidades do alemão na sintaxe verbal foram consideradas no instrumentário básico da abordagem teórica em si, por outro lado, temos descrições muito completas de todos os fenômenos relacionados à *Verbalklammer* por estes autores, pois no momento de se processarem textos autênticos com os sistemas baseados na HPSG, inevitavelmente todos os aspectos da VK fizeram-se presentes de maneira imperativa. Sem poder entrar em maiores detalhes aqui, apenas um exemplo como a HPSG descreveria um grupo verbal complexo com quatro elementos em alemão – exemplo analisado em analogia a Müller (1999: 260):

(105)



Como vemos, não é nenhum problema descrever as VK complexas que integram vários complementos verbais com a ajuda da HPSG, ou, de forma semelhante, outros tipos de VK complexas.

A deficiência da HPSG em relação à descrição da *Verbalklammer* como uma regularidade sintática subjacente a todas as frases em alemão consiste no fato de que ela atomiza a sua descrição, tornando-se desta forma cega para a analogia estrutural entre os diferentes subtipos do fenômeno.

A HPSG consegue fornecer descrições formalizadas para praticamente todas as situações empíricas encontradas, usando sempre o mesmo instrumentário básico da teoria. Porém, infelizmente, ela não foge do parcelamento dos vários subtipos da VK em categorias desconexas como voz passiva, verbo bipolar, verbos modais, tempos verbais compostos, "subordinadas", perdendo assim a possibilidade de enxergar a regularidade consistente em todas estas estruturas, da mesma forma que algumas das gramáticas de referência acima apresentadas.

## II.3 Abordagens funcionalistas

Depois de já ter citado autores funcionalistas em I.4.1 como referencial teórico básico para este trabalho, esta seção discute as contribuições por autores desta abordagem para a descrição explícita da *Verbalklammer*.

### II.3.1 Talmy Givón

Givón, por um lado, é amplamente usado como referência para o embasamento teórico deste trabalho, pois ele fornece conceitos importantes para uma descrição mais completa da VK. Por outro lado, infelizmente, não chega a tematizar a descontinuidade no grupo verbal. O problema é que ele analisa apenas exemplos do inglês moderno, onde a VK não ocorre mais. Givón quase chega a abordar o assunto. Ele descreve casos de VK residuais de forma enfática como: "*One of the most baffling facts of English grammar, often defying both description and learning, is the use of prepositions to augment the lexical meaning of verbs*" (Givón, 1993a: 138). Pois ainda existem alguns resquícios da VK, como nos verbos compostos mencionados que permitem a inclusão de objetos pronominais em frases como: *Switch it off!* Onde o objeto ocorre não-pronominalizado, porém, a ordem gramatical é: *Switch off the light!* Como critério para a possibilidade de inclusão, Givón (1993a: 142) sugere fatores pragmáticos e sintáticos, como a topicalidade e o comprimento do objeto direto. Talvez por ser um fenômeno muito periférico na língua inglesa, Givón abandona o assunto tão logo que ele surgiu. Infelizmente.



### II.3.2 Simon Dik

Simon Dik é um dos importantes autores da Gramática Funcional. Como ele é holandês e, ao contrário de Givón, analisa exemplos do holandês (que conhece a VK) e do alemão, poder-se-ia pensar que ele abordasse o fenômeno em algum momento. Porém, já nas considerações básicas sobre a Gramática Funcional, constatamos que ele trata o grupo verbal como uma só posição. Assim, quando define como LIPOC (*language independent preferred order of constituents* – ordem preferida de constituintes, independente da língua):

(106) CL < PRO < NP < NPP < V < NP < PNP < SUB

Como vemos, há apenas uma posição verbal (V) prevista no esquema. Esta regra LIPOC (Dik, 1980: 23) é especificada para o inglês, no capítulo seguinte sobre a formação de predicados (*On predicate formation*), onde de fato normalmente temos apenas uma posição verbal (Dik, 1980: 30):

(107) PS1 S V O X

Na continuação, no terceiro capítulo, Dik analisa frases causativas do holandês (Dik, 1980: 53-90), onde praticamente em todos os exemplos aparece uma VK. No sexto capítulo tematiza a ordem de constituintes nas mais variadas línguas, porém, em nenhum momento aparece a descontinuidade do grupo verbal como tema. O sétimo capítulo trata da transição de línguas VSO para SVO que discute a situação das línguas germânicas (Dik, 1980: 169-177), lamentando que não consegue usar o mesmo raciocínio para a descrição da posição do verbo nas frases matriz e subordinadas. Aqui o autor ao menos nota que existe um padrão recorrente de descontinuidade no grupo verbal: "*One complicating factor not taken into account so far is the position of non-finite verbs.*" (Dik, 1980: 172). Para holandês e alemão modifica-se o esquema LIPOC então para:

(108) P1 Vf S O Vi

Apesar de apresentar erros grosseiros, como a ordem S < O que não existe como regra desta forma em alemão, temos aqui algo como o reconhecimento da existência da VK e ele admite que "(...) *these different positions of Vi are certainly relevant to a complete account of constituent order developments in the Germanic languages*" (op. cit., 173), embora isso fique sem conseqüências para o argumento do autor que é preocupado apenas com a explicação da gênese de V<sub>2</sub> e SVO, como ele mesmo constata: "*I will therefore leave them out of account for the moment*" (op. cit., 173).

### II.3.3 Harald Weinrich

Harald Weinrich, um dos pioneiros da Lingüística Textual na Alemanha, despertou com o seu artigo "*Klammersprache Deutsch*" de 1986 o interesse do autor pelo assunto. Mais tarde, Weinrich elaborou ainda mais o tema na sua "*Textgrammatik der Deutschen Sprache*" (Gramática Textual da Língua Alemã) de 1993. Ele define, já no artigo acima mencionado, o que seria uma *Textgrammatik*. Não seria uma gramática de textos, e sim uma gramática textual. Esta não se define pela inclusão do nicho do texto dentro de uma gramática de frases, e sim pelo fato de ser substancialmente regida pelos princípios da lingüística textual. Isso, segundo Weinrich, significa que na descrição de cada fenômeno gramatical seriam considerados prioritariamente todas as funções que contribuem à constituição de textos (Weinrich, 1986: 120).

#### II.3.3.1 Tipologização do alemão: verbalklammer como tipo sintático básico

Pelo fato de priorizar a constituição textual na descrição, Weinrich (1993), como muitos outros autores de gramáticas modernas da língua alemã (Helbig & Buscha 1999, Griesbach 1986, Eisenberg 1994, Engel 1996, apenas Flämig 1991 forma uma exceção), inicia a descrição do sistema lingüístico com o seu centro de força sintático, o verbo. Com isso, coloca-se diante do dilema de escolher uma posição do verbo como a básica. Weinrich (1986) antecipa no seu artigo a posição inovadora de sua gramática textual (Weinrich, 1993). Entre as opções de descrever o alemão como língua SVO/VSO (cf. Beckman, 1975; Lange, 1978) ou SOV, ou seja, entre escolher a posição dois / a posição seguida pelo objeto, ou a posição final do verbo, seguindo o objeto como o padrão principal, ele constata que nenhuma dessas pode ser acertada. Pois na grande maioria das frases empíricas do alemão, um elemento verbal encontra-se na posição dois ou um, e outro na posição final. Isso, segundo Weinrich (1986: 120) também proíbe a descrição do alemão como tipo "misto", muitas vezes adotada como saída (cf. Askedal, 1995). Na verdade, já cem anos antes, Erdmann (1886: 183-185) tinha criticado os conceitos de *ordo naturalis* (SVO) e *inversio* (OVS) e constatado que ambas as frases VO e OV seriam igualmente básicas para o alemão. Etzensperger (1979) lista um grande número de publicações sobre a questão da ordem básica e subsequente tipologização do alemão.

Como já foi mostrado, a língua alemã conhece a posição inicial do verbo, em interrogativas objetivas do tipo (109a) e imperativas (109b).

(109a) Kommst du heute pünktlich zum Abendessen?  
Vens tu hoje pontualmente pra janta?  
*"Virás pontualmente para a janta hoje?"* ❖

(109b) Bring mir bitte meine Tasche.  
Traga me por-favor minha bolsa  
*"Por favor, traga-me a minha bolsa."* ❖

Em subordinadas, a posição do verbo finito é o extremo final da oração, como em (111), e, no caso da afirmativa, o verbo finito ocupa o segundo lugar (110).

(110) Morgen komme ich dann wieder pünktlich.  
Amanhã venho eu então de novo pontual  
*"Amanhã então, virei pontualmente de novo."* ❖

(111) ..., daß er heute leider nicht pünktlich ist.  
..., que ele hoje infelizmente não pontual é.  
*"..., que ele infelizmente não será pontual hoje."* ❖

As três posições tem sido descritas como posição base do alemão, com certos argumentos a favor para cada uma. Declarando o alemão como uma língua com verbo inicial (como o árabe, por exemplo), facilita-se a explicação das frases (109a) e (109b) e (110), onde um elemento topicalizado seria movido para a posição inicial, com destaque especial. Esta variante foi favorecida pelos autores da semântica gerativa (cf. McCawley, 1970). A posição final do verbo é difícil de se explicar com este pressuposto. Colocando-se o alemão no grupo das línguas com o verbo no final (como o turco), o exemplo (3) torna-se o pólo tranqüilo do modelo. As frases (109a), (109b) e (110) precisam ser explicadas com um movimento do verbo. Esta postura é a preferida pelos autores da escola gerativista chomskyana (cf. Bach, 1962; Bierwisch, 1963; Koster, 1975; Thiersch, 1978; Voyles, 1978, Grewendorf, 1992), como foi mostrado acima, com a dificuldade de se explicar por que às vezes o verbo vai para a primeira, às vezes para a segunda posição.

A descrição do alemão como língua V2 tem o seu problema maior em explicar a posição final do verbo, além de perder a vantagem de se encaixar num dos dois grandes grupos de famílias de línguas acima mencionados. Um representante importante desta abordagem é Theo Vennemann (cf. Vennemann, 1974 e Vennemann & Harlow, 1977)

O início da discussão classificatória foi nos anos 60, paralelamente às primeiras publicações da gramática gerativa transformacional, baseada em Chomsky, que afirmava a existência de uma estrutura profunda por trás de todos os enunciados que seriam transformados seguindo certas

regras para a sua forma final de "superfície". Idealmente, a maneira de compor a estrutura profunda e o inventário de possíveis mecanismos para a sua transformação aproximar-se-iam a elementos de uma gramática universal (cf. Greenberg, 1963 e 1974). Outra fonte da discussão citada encontra-se em teorias lingüísticas inspiradas pela lógica de operadores, ou a gramática categorial (cf. Vennemann). Em princípio, cada língua teria uma serialização natural básica, onde o operador ou sempre segue ou precede o seu operando. Como Hadumod Bußmann constata, porém, por causa da permanente mudança lingüística que sofrem, num corte sincrônico, as línguas empíricas raras vezes comportam-se de forma consistente em relação à serialização natural (Bußmann, 1983: 342). Jean Marie Zemb questionou em seu artigo de 1978 as classificações rígidas e postulou uma visão "copernicana", orientada na análise objetiva dos dados, em vez da "ptolemaica", regida por ideologias intransigentes, para a posição verbal do alemão. Weinrich dá um passo a mais na mesma direção e sugere uma categoria inédita de estrutura sintática, a VK com o verbo finito na posição dois e o(s) elemento(s) verbal(ais) infinito(s) na posição final, como serialização básica do alemão.

A ordem relativa entre o verbo e o objeto direto, a categorização subjacente aos modelos de verbo inicial e final, também não se mostra capaz de englobar o alemão. Necessariamente, o árabe, com o verbo na posição inicial, exhibe a seqüência VO, e o turco, com o verbo final, OV. Línguas neo-latinas e o inglês (com a posição SVO) podem ser incluídas no primeiro grupo satisfatoriamente. Mas, de novo, o alemão não cabe no modelo, o que motiva Weinrich a falar do "*Sonderweg der deutschen Sprache*" (caminho à parte da língua alemã – Weinrich, 1986: 124). De fato, nem considerando apenas as afirmativas com o verbo em segunda posição o alemão cabe no modelo. Nestas frases, o objeto direto pode tanto ocorrer antes como depois do verbo, sem que isso seja uma exceção muito drástica e, como tal, marcada, como é o caso das línguas neo-latinas e do inglês, onde esta situação é conhecida como inversão sintática (do sujeito e objeto). Olhando para as frases chamadas de subordinadas, então, com o verbo finito em posição final, o alemão teria que ser considerado OV, como o turco ou o japonês (cf. Griesbach, 1986: 55-57, para as observações sobre o árabe, turco e japonês). Obviamente, quando uma língua cabe em todas as categorias, com alguns de seus fenômenos, ela não é descrita por nenhuma delas. E realmente não parece satisfatório elaborar teorias que justifiquem uma das classificações, apesar de haver freqüentes evidências contrárias. Assim justifica-se a abordagem de Weinrich de partir da *Verbalklammer* como posição básica do alemão.

Weinrich resolve o dilema de forma clara: para ele (e para o presente trabalho) a posição verbal padrão do alemão é a *Verbalklammer* (VK) com o seu característico deslocamento dos elementos verbais finitos e infinitos para os extremos da frase (Weinrich, 1993: 29). Weinrich decide romper com as tipologizações anteriores não apenas em prol de uma descrição mais certa, mas também para honrar seu compromisso com o princípio da gramática textual, acima descrito. Pois, se os elementos do verbo encontram-se deslocados no texto em dois lugares distantes, incluindo entre eles quantidades de texto por vezes consideráveis, esta estrutura descontínua, sem dúvida deve contribuir de forma significativa à constituição da textualidade (Weinrich, 1986: 121) e ele diz que a textualidade de um texto em alemão baseia-se de maneira ampla na formação de *Klammern* neste texto (Weinrich, 1993: 23, 33). Construções verbais com VK teriam um grau mais elevado de textualidade virtual do que construções verbais simples, onde a posição  $V_{\text{final}}$  está vazia (1993: 29). A VK é descrita como estrutura básica para a progressão do processamento do texto (1993: 24). Esta avaliação apóia-se no fato de que o significado do verbo não pode ser identificado nem apenas com o elemento inicial nem o final, mas sim nasce somente do conjunto dos dois pilares textualmente deslocados de forma estratégica. Como Weinrich (1993: 34) argumenta, mesmo em situações onde ocorre apenas um elemento verbal na posição  $V_2$ , ele abre uma VK em potencial, pois praticamente todos os verbos podem ser diferenciados por elementos que neste caso ocorreriam na posição  $V_{\text{final}}$  e fechariam a VK. Em casos onde nenhum elemento adicional especifica o verbo que abriu a VK, isso não significa que a VK (potencial) não estava ativa. Apenas a posição aberta pelo elemento verbal inicial não foi preenchida, pois não havia necessidade para isso no contexto, segundo Weinrich.

Com esta posição aparentemente óbvia, a de simplesmente respeitar os dados empíricos, sem tentar encaixá-los à força num modelo universal, Weinrich coloca o seu ponto final à longa discussão classificatória pouco satisfatória a este respeito.

### *II.3.3.2 Pré- e pós-verbo e suas funções na frase*

Weinrich (1986: 121; 1993: 29) introduz para os dois elementos que abrem e fecham a VK a terminologia de *Vorverb* e *Nachverb* (pré-verbo e pós-verbo). Para ele, uma vantagem destes termos é que eles reproduzem a seqüência dos dois no evento sonoro do enunciado (1993: 35), lembrando-nos, assim, a premissa funcionalista de que a base e origem dos princípios ativos de todas as línguas naturais vivas está na sua forma falada, não na sua codificação escrita. Weinrich critica explicitamente a descrição do primeiro elemento verbal (finito) como "verbo" e do segundo

elemento (infinito) apenas como "adendo do verbo" (*Verbzusatz*), muito encontrada em descrições do alemão (veja capítulo II.1). O fato de ocorrer antes e de conter os principais marcadores sintáticos (número, pessoa, modo), segundo Weinrich (1986: 122) não poderia levar a uma prioridade lingüística ou lógica. Ele insiste em que o pós-verbo deve ser considerado parte igual na descrição lingüística, mesmo que se trate "apenas" de uma partícula como *entgegen*, como no exemplo literário de Elias Canetti citado por Weinrich *komme - entgegen*, um verbo tradicionalmente descrito como "verbo separável" *entgegenkommen* (vir na direção oposta, encontrar).

Esta última forma, do infinitivo, que escreve os dois elementos juntos, para Weinrich, não deveria ser considerada a forma base do verbo, pois em textos, ela ocorre com muito menos freqüência do que a forma finita separada, *komme - entgegen*, que Weinrich passa a usar como básica (1986: 123; 1993: 29), sugerindo que dicionários registrem seus verbetes desta maneira também, a exemplo do grego antigo onde uma forma conjugada forma o verbete dos verbos. Ele menciona que um efeito colateral desta abordagem seria a desambiguação de casos como *übersetzen* não-bipolar (traduzir) e bipolar (passar para a outra margem) para *übersetze e setze - über* (Weinrich, 1986: 124). Estes pares não são casos tão raros, pelo fato de que a língua alemã usa preposições como partículas para a derivação verbal onde estes elementos preposicionais podem ganhar um significado mais abstrato, sem excluir o uso da mesma partícula na composição de um verbo "separável", com o seu significado preposicional mais concreto, como em *stelle - unter* (abrigar) vs. *unterstelle* (supor). Como já foi mencionado, a língua falada marca a diferença com um acento tônico na preposição em verbos bipolares que aparecem como infinitivo (junto) num texto, por exemplo numa VK modal.

Associada à separação dos elementos verbais entre duas posições sintaticamente distantes e semanticamente incompletas, está a criação de uma expectativa semântica contextualmente definida pelo pré-verbo, e sua confirmação, eventualmente sua expansão ou até correção pelo pós-verbo. O pré-verbo é um sinal comunicativo para o ouvinte / leitor para disponibilizar memória textual para uma seqüência de signos lingüísticos que deve ser processada de forma conjunta. O pós-verbo sinaliza que esta memória pode ser liberada novamente e o processamento desta seqüência está finalizado (1993:30). Weinrich interpreta todas as formas de *Klammern* da língua alemã como fenômenos de gerenciamento da memória contextual. O efeito de "suspense" resultante, para ele, adiciona força textual e define o perfil informacional de um texto (1993: 39).

Esta função de criar uma expectativa semântica está presente igualmente na língua falada e escrita (as diferenças características entre as VK das duas formas de textos serão mencionadas mais tarde).

Weinrich constata uma distribuição nas funções entre o pré-verbo e o pós-verbo (1993: 37-39). A diferenciação lexical maior do grupo verbal ocorre no pós-verbo, enquanto a diferenciação sintática tem seu centro no pré-verbo (Weinrich, 1993: 35). O primeiro é bastante variável em sua forma, pois carrega determinadores e marcadores sintáticos importantes como pessoa, número, tempo e modo verbais, e o *genus verbi*. O significado lexical do primeiro é muito menos desenvolvido, e, muitas vezes apenas cria um quadro geral de expectativas, que precisa ser preenchido pelo pós-verbo que, por sua vez, se comporta da maneira exatamente oposta: com a sua forma infinita e invariável, nem pode carregar certos marcadores sintáticos, apenas contribui com a informação sintática pela opção de ser realizado como infinitivo ou particípio. Por outro lado, carrega a maior parte da informação léxico-semântica do conjunto (Weinrich, 1986: 128-129; 1993: 32-36, 1032). Esta função pode consistir em uma modificação mais ou menos drástica (112) ou tênue (113) do pré-verbo, como em alguns exemplos dos chamados verbos separáveis. Depois temos os chamados conjuntos de verbos funcionais (*Funktionsverbgefüge*) (114) ou os verbos modais (115), nos quais a maior parte do conteúdo semântico está no pós-verbo, ou então os tempos verbais analíticos (116), nos quais o verbo auxiliar na função de pré-verbo carrega apenas a informação sintática e todo teor semântico está no pós-verbo (por exemplo, em formato de particípio II). Podemos observar como acréscimos de conteúdo lexical acontecem do lado do pós-verbo, enquanto modificações de tempo ou modo verbal são inseridas no pré-verbo, deslocando-se o pré-verbo anterior (com todo o seu conteúdo lexical) para a posição  $V_{\text{final}}$ . A seguir, os **pré- e pós-verbos** em negrito:

(112a) Bitte **hör'** mir endlich mit meiner Geschichte **zu**.  
Por favor ouça me finalmente com minha história (dêitico: a mim)  
*"Por favor, finalmente preste atenção à minha história."* ❖

(112b) Bitte **hör'** mir endlich mit meiner Geschichte **auf**.  
Por favor ouça me finalmente com minha história (dêitico: acima)  
*"Por favor, finalmente páre de me incomodar com a minha história."* ❖

(113a) Morgen **hole** ich meine Uhr von der Reparatur **ab**.  
Amanhã busco eu meu relógio de o(dat) conserto (dêitico: para cá)  
*"Amanhã buscarei meu relógio do conserto."* ❖

(113b) Morgen **hole** ich meine Uhr von der Reparatur **Ø**.  
Amanhã busco eu meu relógio de o(dat) conserto  
*"Amanhã buscarei meu relógio do conserto."* ❖

- (114) Nach 100 m **kam** der Wagen endlich **zum Stehen**.  
 Após 100 m chegou o carro finalmente ao parar.  
 "Após 100 m, o carro finalmente chegou a parar." ❖
- (115) Und dann **muß** ich natürlich auch noch etwas **nachdenken**.  
 E então tenho que eu naturalmente também ainda um pouco refletir  
 "E então, naturalmente, também ainda tenho que refletir um pouco." ❖
- (116) Dafür **hat** er sich gestern **entschuldigt**.  
 Por isso tem ele se ontem desculpado  
 "Ele se desculpou por isso ontem." ❖

Como vemos, a modificação semântica do conteúdo do enunciado pelo pós-verbo varia consideravelmente nos exemplos acima (para detalhes sobre este aspecto, cf. o estudo de Mungan, 1986). Em (112a) e (112b), o pós-verbo *auf* ou *zu* efetua uma modificação drástica. A omissão do pós-verbo em ambos os casos resultaria num enunciado incompleto e agramatical. O contrário acontece em (113a) e (113b). (113b), sem o pós-verbo *ab*, é um enunciado bem formado, quase 100% sinônimo de (113a). A diferenciação pelo pós-verbo é mínima, e limita-se a reforçar o aspecto dêitico já incluído, de certa forma, no complemento preposicional (*von der Reparatur*). Tanto que na tradução para o português, os dois ficam idênticos, pois o português não explicita estas minúcias dêiticas e confia no apoio contextual. O grupo de verbo funcional em (114) ilustra o caso onde o pós-verbo contribui com aspectos semânticos centrais, porém, sem ele, ainda teríamos um enunciado completo e gramatical, embora com um significado diferente. Em (115) e (116), o pós-verbo carrega quase todo o conteúdo semântico do grupo verbal. Os pré-verbos (*muß* e *hat*) indicam apenas uma modalização característica e o tempo verbal da ação. Sem eles, os enunciados seriam incompletos, incompreensíveis e agramaticais. No caso das frases complemento, onde um elemento de conexão abre a VK, este é um sinal sintático importante. O seu teor semântico define o tipo de relação apenas, mas ainda não o conteúdo semântico da seqüência. Como todo o grupo verbal está na posição de pós-verbo, ela é mais importante ainda, pois recebe os marcadores semânticos e sintáticos do conjunto. Esses poucos exemplo são o suficiente para justificar a posição de Weinrich, a de reclamar um status de equivalência de peso e terminologia entre a posição do pré- e do pós-verbo, bem sinalizada pela sua escolha terminológica.

### II.3.3.3 Tipos de VK

Weinrich (1986: 125) usa um trecho de um texto narrativo de Elias Canetti para classificar os vários tipos de VK. O primeiro tipo são as *Lexikalklammern* (VK lexicais). Os exemplos (112) a (114) acima representam este grupo. A VK é formada por um verbo bipolar ou um grupo de verbo



funcional. Na versão de 1993, Weinrich considera os verbos bipolares produtos de um processo da formação de itens lexicais que ele chama *Konstitution* (constituição), ou seja, um verbo sintético pode ganhar o status de um verbo bipolar, capaz de formar uma VK completa, através da aglomeração com um pós-verbo, que pode ser uma preposição, um advérbio, um adjetivo ou um substantivo (Weinrich, 1993: 1032-52). Os chamados conjuntos de verbos funcionais, Weinrich (1993: 1052-1058) integra na mesma categoria, com o nome de verbos bipolares com pós-verbo nominal ou sintagmático (quando um grupo preposicional forma o pós-verbo). Nos dois casos há participação de outros verbos (auxiliares ou modais).

No caso das VK lexicais, ambos os elementos carregam informação semântica. O grupo verbal resultante, segundo Weinrich (1986: 129), mostra no seu deslocamento na frase uma progressão informativa que segue o princípio tema-rema. Weinrich admite que, em alguns casos de VK lexicais, esta progressão possa ficar menos evidente do que em outros tipos de VK. O exemplo (112b) ilustra bem esta restrição. Enquanto (112a) ainda pode ser interpretado na linha de uma especificação do *hören* pelo *zu*, a lexicalização do verbo *aufhören* (parar) progrediu além dos limites da transparência semântica, e o resultado semântico não parece ter nenhuma ligação mais com o verbo raiz *hören* (ouvir). Entrando um pouco mais profundamente na análise funcional da semântica dos verbos bipolares formados com a ajuda de partículas preposicionais, porém, é possível ver a origem do verbo *aufhören* na mesma lógica da modificação da raiz por um elemento de dêixis local. Se alguém está fazendo alguma coisa de forma concentrada e recebe a ordem "*Hör' auf!*" (literalmente: ouça para cima), ele terá que levantar a cabeça, direcionar os ouvido para o emissor da ordem, e, com isso, terá de fato parado com o que estava fazendo antes. Porém, esta motivação do significado e da progressão informativa é bem menos evidente que em outros casos, por exemplo (113a) ou (114) acima.

Outra crítica de Weinrich à descrição tradicional de VK lexicais refere-se ao tratamento para ele incoerente na parte da lexicografia. O verbo *hole - ab* (113a) consta no dicionário pelo pós-verbo *ab* (*abholen*), enquanto o exemplo (114) *kam - zum Stehen* tem sua entrada no dicionário pelo pré-verbo (*kommen*). Weinrich (1986: 128) argumenta que pelo menos um dicionário da língua alemã deveria seguir este segundo método de ordenação de maneira consistente, para abrir aos seus usuários um acesso ainda pouco utilizado ao léxico.

Um subtipo de VK lexicais é denominado de *Prädikationsklammer* (VK predicativa) por Weinrich (1986: 131), formado por verbos de ligação (*sein, werden, scheinen* etc. – *Kopula*, em alemão) e seus complementos (principalmente adjetivos predicativos e substantivos).

O próximo tipo de VK é chamado de *Grammatikalklammern* (VK gramaticais) por Weinrich, com os subtipos *Valenzklammern, Modalklammern* e *Tempusklammern* – VK de valência, VK modais e VK temporais (1986: 132). O primeiro subtipo abrange VK infinitivas (*Infinitivklammern*) e VK de voz passiva (*Passivklammern*), formadas com o pré-verbo *werden* (tornar-se), tradicionalmente chamado de verbo auxiliar, e o particípio II do verbo principal como pós-verbo. A VK infinitiva (com ou sem *zu*), tanto quanto a VK passiva, permite a alteração da valência do verbo base. Enquanto a VK passiva, com a sua típica tematização do rema – o objeto direto da ativa (117a) é transformado em sujeito da passiva (117b) – reduz a valência do verbo por um actante na superfície, o contrário ocorre com a VK infinitiva (118a) e (118b) que aumenta o número de actantes.

(117a) Viele fragten mich nach dir.  
Muitos perguntaram me depois ti  
"Muitos me perguntaram por ti." ❖

(117b) Ich wurde viel nach dir gefragt.  
Eu tornei-me muito depois ti perguntado  
"Fui muito perguntado sobre ti." ❖

(118a) Ich gehe jetzt.  
Eu vou agora  
"Estou indo." ❖

(118b) Ich gehe jetzt schwimmen  
Eu vou agora nadar  
"Eu estou indo nadar." ❖

As VK modais podem ser divididas em dois sub-grupos também: as com infinitivo puro e as com infinitivo com *zu* (cf. Weinrich, 1986: 132-133):

(119a) Er muß heute nicht arbeiten.  
Ele tem que hoje não trabalhar  
"Ele não tem que trabalhar hoje." ❖

- (119b) Er braucht heute nicht zu arbeiten.  
Ele precisa hoje não (inf) trabalhar  
"Ele não precisa trabalhar hoje." ❖

O *Konjunktiv II* analítico do alemão, formado com *werden* e o infinitivo, também faz parte deste grupo, apesar de não ser mencionado por Weinrich (1986):

- (120) Das würde ich nicht tun.  
Isso tornar-me-ia eu não fazer  
"Eu não faria isso." ❖

As VK temporais são formadas por todos os tempos verbais analíticos do alemão: *Perfekt* – exemplo (116), aqui repetido como (122), *Plusquamperfekt* (121), *Futur I* (123) e *II* (124).

- (121) Er war letzte Woche wieder einmal nicht hier gewesen.  
Ele era última semana de novo uma vez não aqui sido  
"Semana passada ele não tinha estado aqui novamente." ❖

- (122) Dafür hat er sich gestern entschuldigt.  
Por isso tem ele se ontem desculpado  
"Ele se desculpou por isso ontem." ❖

- (123) Nächste Woche wird er bestimmt kommen.  
Próxima semana torna-se ele certamente vir  
"Semana que vem ele virá certamente." ❖

- (124) Bis dann wird er seine Grippe überstanden haben.  
Até então torna-se ele sua gripe superado ter  
"Até lá, ele terá superado sua gripe." ❖

Estes exemplos ilustram bem o que já foi mencionado acima: nas VK modais e temporais, a tendência de se concentrar informação semântica no pós-verbo e reduzir o pré-verbo a funções sintáticas é bem mais nítida do que nas VK lexicais.

O último grande tipo de VK são as chamadas frases subordinadas, que Weinrich (1986) denomina de *Junktionsklammern* (VK de junção), e, na versão de 1993, de *Adjunktklammern* (1993: 23). Como junção, Weinrich define um conjunto determinativo, onde uma base, com carência de determinação, é ligada a um adjunto determinador mediante um *Junktor* que pode ser uma preposição, uma conjunção, ou um pronome relativo. Esta abordagem tem a grande vantagem de que a mesma análise pode ser aplicada à complementação por um objeto preposicional, uma "frase subordinada" com valor de complemento objeto, sujeito e "subordinadas" adverbiais e adjetivas. Como desta forma a noção de junção abrange todos os tipos de conjuntos de orações "principais" e

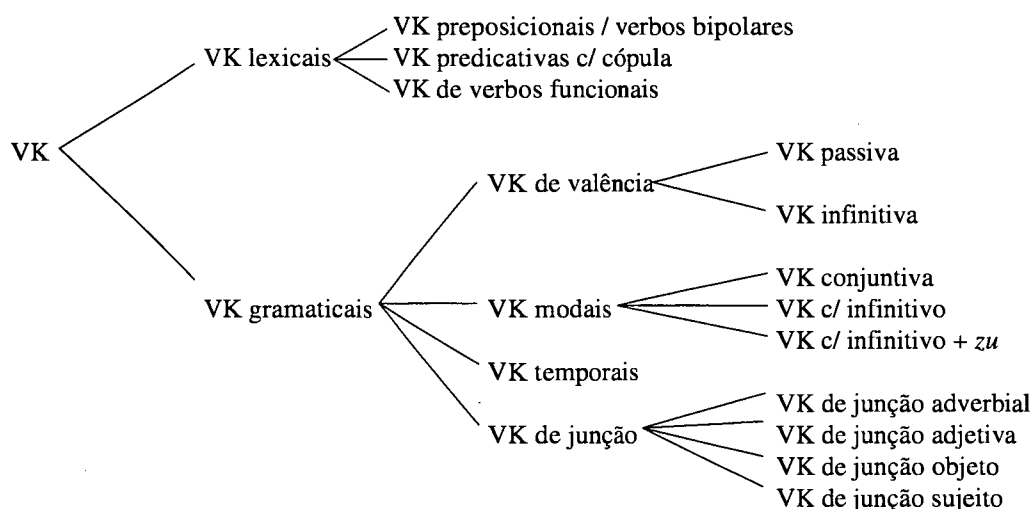
"subordinadas", Weinrich sugere que inclusive esta terminologia (subordinada e oração principal) seja abandonada (1986: 140). No lugar dela Weinrich coloca o conceito da junção.

O conceito da junção foi elaborado inicialmente com detalhes no capítulo oito de Weinrich (1982) e depois retomado em Weinrich (1993), capítulo sete. Weinrich (1986: 141) justifica porque as junções conjuncionais acima podem ser enquadradas no esquema das VK, apesar de mostrarem duas diferenças profundas: o elemento inicial da VK, o pré-verbo, não é um verbo e sim um juntor, e o elemento final, o pós-verbo é finito, juntando assim as funções semânticas e as sintáticas na posição final da oração. Além de delimitarem os campos topológicos criados pelas VK de forma idêntica (todas as provas de permutação na ordem dos elementos aplicam-se igualmente às VK de junção), o juntor (relativo, preposicional e conjuncional) e o verbo têm uma potência adesiva de conectar elementos sintáticos muito parecida (Weinrich, 1986: 142). Em Weinrich (1993: 611), ele descreve o próprio verbo cópula como juntor, entre a base (sujeito) e o complemento predicativo. Weinrich argumenta que é por causa desta analogia estrutural em primeiro lugar que as VK de junção podem ser analisadas pelo mesmo sistema das VK lexicais, modais ou temporais.

Resumindo, então, o melhor é não usar terminologia desnecessária e incoerente de oração "principal" e "subordinada". Ainda mais tendo-se em vista o ensino do alemão como língua estrangeira. O conceito de junção proposto por Weinrich evita as incoerências e ainda tem a vantagem de ser mais amplo, incluindo a junção preposicional. Na terceira parte, com a descrição da VK por este trabalho, o assunto será retomado e ilustrado com mais exemplos.

Com as VK de junção, temos agora o seguinte quadro completo, seguindo Weinrich (1986):

(125)



No esquema (125) temos uma sinopse dos tipos de VK como Weinrich (1986) as classifica. A VK de negação não é considerada por Weinrich. Mas ela seria incluída na categoria de VK lexicais. Os vários sub-tipos de junções ("frases subordinadas"), segundo as classificações semânticas (temporal, condicional, consecutiva etc.) em cada uma das quatro categorias (adverbial, adjetiva, objeto, sujeito) não são listados, pois estas classificações decorrem de um outro nível descritivo, o da função sintática dos complementos acrescentados pela junção. Da mesma forma, em (125) os sub-tipos de VK temporais (*Perfekt*, *Plusquamperfekt*, *Futur I + II*) não são listados de forma separada. A tabela (126) abaixo pode ser útil como referência e para eliminar eventuais dúvidas a este respeito. A VK de valência infinitiva, para Weinrich, são casos onde um verbo intransitivo conecta um outro verbo, aumentando, assim, a sua valência (ex.: *gehe - schwimmen*). É importante frisar, também, que as VK modais com infinitivo (com e sem *zu*) não se referem às "subordinadas" infinitivas, e sim aos verbos modais que exigem um complemento verbal infinitivo com ou sem a partícula *zu* (*müssen* vs. *brauchen + nicht*). De certa forma, esta última categoria (VK modal com infinitivo e *zu*) parece questionável, pois é formada por um exemplo só, *brauchen*, e ainda por cima restrito ao seu uso com negação como na frase (119b) acima – *brauchen* sem negação não pode ser empregado como verbo modal e rege apenas um objeto direto. Este fato pode ajudar a explicar porque a partícula *zu* se faz necessária: como normalmente, *brauchen* não é verbo modal, a marcação de infinitivo tem que ser reforçada.

## (126) Tabela com exemplos de VK por subtipo:

Sub-tipo de VK	Exemplo(s)
VK preposicional	Ich hole meine Uhr von der Reparatur ab.
VK c/ verbo bipolar	Sonntags fährt er gern rad. (Rad)
VK predicativa c/ cópula	Das wird sehr schön! Er ist seit 20 Jahren blind.
VK de verbo funcional	Er brachte das Auto in letzter Minute zum Stehen.
VK passiva	Hier wird das neue Stadion gebaut.
VK infinitiva	Morgen gehe ich mit dir schwimmen.
VK conjuntiva	Das würde ich an deiner Stelle lassen.
VK modal c/ infinitivo	Du mußt dir unbedingt diesen Film ansehen!
VK modal c/ infinitivo + zu	Da brauchst du dir keine Sorgen zu machen.
VK temporal <i>Perfekt</i>	Das habe ich doch schon damals gewußt.
VK temporal <i>Plusquamperfekt</i>	Da hatte ich schon nach Brasilien geschrieben.
VK temporal <i>Futur I</i>	Wir werden dieses Problem schon irgendwie lösen.
VK temporal <i>Futur II</i>	Das wird er in dem Moment schon gemerkt haben.
VK de junção adverbial	Wenn du kommst, können wir das besprechen. Weil er fragte, wußte ich davon. Sie macht das, obwohl sie das nicht darf. Ich brauche eine Brille, um Auto zu fahren. Damit das nicht wieder passiert, solltest du auf ihn hören. Sie löste das Problem, indem sie einfach nichts tat. Während wir uns unterhielten, tanzten die anderen wild. Bevor er darüber lacht, lache ich lieber seiber. Ich machte mir Kaffee, nachdem ich ausgiebig geduscht hatte.
VK de junção adjetiva	Das ist der Freund, der morgen nach Hamburg fährt.
VK de junção objeto	Er sagte, daß du das für ihn machst. Er fragte, wann wir endiich da sind. Er bat mich, Ø morgen pünktlich zu kommen. Was du da sagst, glaube ich einfach nicht.
VK de junção sujeito	Es ist wichtig, Ø bei Nebel langsam zu fahren Was er sagt, bedeutet mir viel. Wo du das machst, ist mir egal.

Como se vê, o subtipo VK de junção adverbial abrange uma grande série de conjunções, tradicionalmente relacionadas a tipos semânticos de "subordinadas". A VK de junção adjetiva descreve as "subordinadas" relativas com pronome relativo definido (*d-* em alemão), enquanto que as chamadas "subordinadas" relativas livres (sem substantivo de referência específico, em alemão com jantor relativo em *w-*) podem constar em VK de junção objeto ou sujeito, dependendo da sua função sintática no conjunto da oração. As perguntas indiretas, introduzidas por determinados verbos (*sagen* – dizer; *fragen* – perguntar; *sich wundern* – surpreender-se etc.), constam nas VK de junção objeto, pois elas normalmente exercem a função de objeto destes verbos.

Na versão de 1993, Weinrich diferencia três tipos de *Klammern*: a *Verbalklammer*, abrangendo tudo entre os dois elementos verbais descontínuos, a *Nominalklammer*, aberta pelo artigo e fechada pelo seu substantivo e a *Adjunktklammer*, que abrange todos os elementos entre um *Junktor* e o verbo em  $V_{\text{final}}$  (Weinrich, 1993: 23). As *Nominalklammern* não são analisadas neste trabalho,

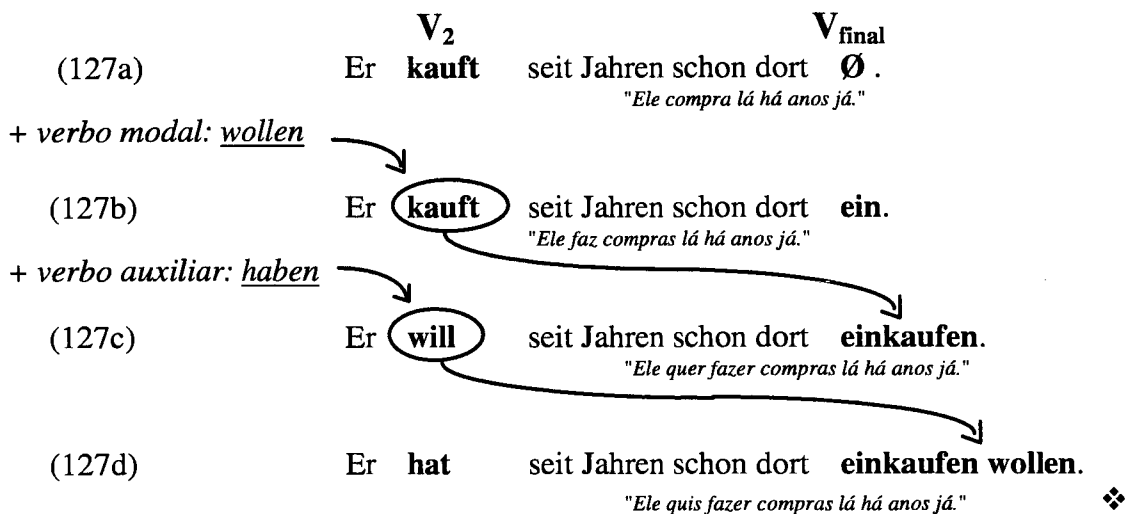
porém, aparentemente, seguem um padrão muito semelhante ao das VK (cf. Weinrich, 1993: 355-358). Na sua gramática textual de 1993, Weinrich apresenta o modelo de estruturas de *Klammer* da língua alemã de uma maneira mais conservadora. A base da frase continua a VK textual (*Textklammer*), e a VK de junção, agora chamada de *Adjunktklammer*, não é mais colocada no mesmo nível das VK, como eixo sintático da frase, e sim considerada apenas como estrutura de um "adjunto frasal" (*satzförmiges Adjunkt*), o nome "subordinada" (*Nebensatz*) aparecendo entre aspas e em parênteses, talvez para a identificação mais fácil pelo leitor acostumado com a terminologia tradicional (Weinrich, 1993: 23). Isso, contudo, parece um certo recuo em comparação com a versão de 1986, mais abrangente, onde a VK de junção é considerada igualmente básica para a formação do eixo da frase. Para não perder as vantagens evidentes na descrição da integração de várias VK numa só VK textual (*Textklammer*) que Weinrich não discute, nem na versão de 1986, nem de 1993, este trabalho continua se baseando na versão mais abrangente que substitui a descrição de frases como "principais" e "subordinadas" pela descrição da possibilidade de integração de várias VK à mesma frase, abaixo, em II.3.3.4.

Com a eliminação da divisão artificial da frase entre "oração principal" e "subordinada", baseado em Weinrich (1986), e sua substituição pelo conceito funcional mais amplo e coerente de junção, poderemos agora analisar melhor e de maneira mais abrangente uma outra das funções elementares das VK: a disponibilização de um campo de topicalização principal, no início da frase também na situação da combinação seqüencial de duas (ou mais) VK, com participação de uma VK de junção. Weinrich menciona, como citado acima, que a VK exerce uma função constitutiva para o texto, e, por isso, deve ser descrita com destaque numa gramática textual. Contudo, ele se refere com isso apenas ao campo interior formado pelos dois elementos da VK. Ele não aborda a função importante do verbo de delimitar o campo anterior, de topicalização principal numa afirmativa com o pré-verbo na posição dois. O fato que a regra da posição dois para o verbo finito seja tão forte em alemão (também em casos onde não temos um pós-verbo), aponta para esta função de topicalização. Na terceira parte deste trabalho este ponto será elaborado com mais detalhes.

#### *II.3.3.4 Integração de várias VK na mesma frase por uma VK textual*

Depois de descrever a VK de junção, Weinrich (1986) passa para a análise igualmente importante da situação de coincidência de mais de uma VK dentro da mesma oração. Nesta coincidência, por exemplo, de uma VK lexical com uma VK temporal, apenas uma permanece ativa. A outra perde a forma característica de separação entre pré- e pós-verbo. A VK dominante, que continua formando

os dois pólos do grupo verbal, Weinrich (1986: 133) chama de *Textklammer* – VK textual. Os exemplos (127) mostram a transformação típica resultante da introdução de uma VK em frases simples, ou na integração de VK subseqüentes:



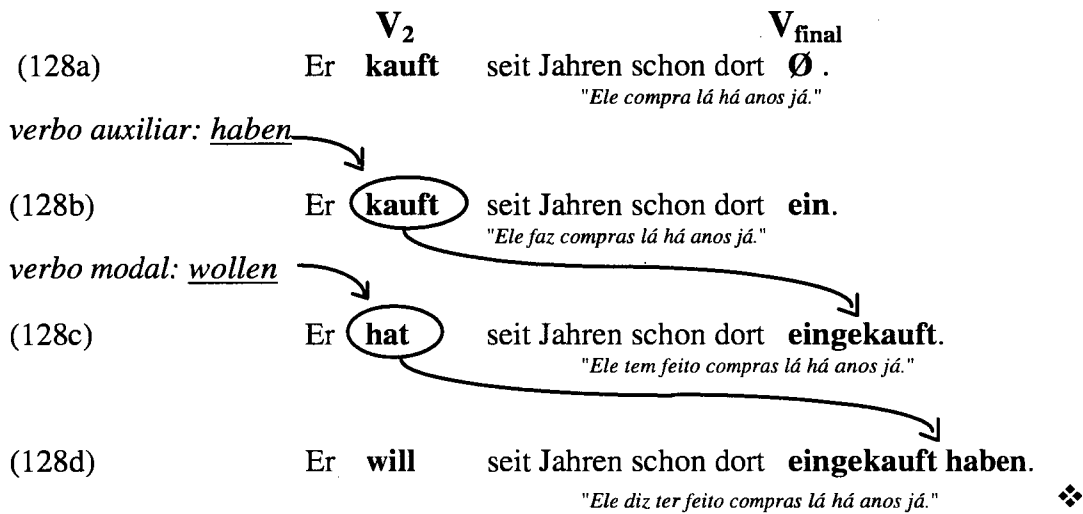
A frase inicial (127a) é formada pelo verbo *kaufen*, que não forma uma VK no presente. Portanto, a posição do pós-verbo está vazia. Na segunda frase (127b), esta posição é preenchida pelo pós-verbo *ein*, para formar uma VK lexical que modifica o significado do verbo um pouco, acrescentando informação semântica na resultante VK textual *kauft - ein*. No momento de adicionar a (127b) uma modalização mediante a VK formada pelo verbo modal *wollen*, o pré-verbo finito *kauft* em posição de  $V_2$  é substituído pelo verbo modal e movido para a posição  $V_{final}$  – mais exatamente, para o extremo final desta posição – juntando-se ao pós-verbo *ein* (127c). Simultaneamente, ele perde os marcadores de conjugação de número e pessoa, para assumir marcadores não-finitos, como exige a sua posição de pós-verbo; mais exatamente, ele recebe o marcador de infinitivo, para satisfazer as exigências do pré-verbo modal. Na coincidência da VK lexical *kauft - ein* com a VK gramatical modal *will - kaufen*, a VK dominante (VK textual, na terminologia de Weinrich) é a gramatical. Ela é que continua exercendo a função de VK principal da frase (127c).

Como Weinrich (1986: 135) mostra, sempre na situação de coincidência entre qualquer tipo de VK lexical – abrangendo todos os sub-tipos listados no quadro (126) acima – e qualquer outra das VK gramaticais lá listadas, a última assume o papel de VK textual dominante. Na terceira transformação, de (127c) para (127d), que é resultado da introdução de uma VK temporal de *Perfekt* (pretérito perfeito), o novo pré-verbo (*hat*), por sua vez, substitui o pré-verbo anterior *will*, que é novamente movido para o último lugar da posição  $V_{final}$  – outra vez em forma do infinitivo *wollen*, como vemos em (127d). Cada nova VK textualmente ativa preenche todas as funções



sintáticas de VK na divisão entre seu pré- e pós-verbo (que pode incorporar até cinco elementos verbais), principalmente a função de delimitar os campos anterior (de tópico principal) e interior (*Mittelfeld*), onde inclui elementos até os limites que a memória textual do ouvinte / leitor impõe. Como se vê em (127a) a (127d), em cada transformação e integração de mais uma VK, o *Mittelfeld*, entre pré- o pós-verbo, fica rigorosamente igual. O que varia, sempre conforme o tipo de VK por último introduzido, é a modificação semântica do grupo verbal.

A seqüência da incorporação de VK é parcialmente estabelecida pelas necessidades pragmáticas da situação comunicativa. Ou seja, não existe, no nosso caso, uma hierarquia entre a VK gramatical modal e a VK gramatical temporal. Dependendo do contexto, a seqüência das duas últimas transformações poderia ser invertida:



Como vemos, o resultado final é significativamente diferente. Primeiro, o pré-verbo *kauft* de (128b) sai para a posição  $V_{\text{final}}$  em forma do particípio II do pré-verbo *kaufen* (*gekauft*), exigido pela VK temporal (*Perfekt*). Como o antigo pós-verbo *ein* já está na posição  $V_{\text{final}}$ , o movimento do particípio *gekauft* para a direita dele resulta na inclusão do morfema *ge-* (marcador de particípio II) entre o pós-verbo e o pré-verbo. A segunda transformação pela VK gramatical modal ocorre igual ao exemplo anterior, ao menos em termos sintáticos. O pré-verbo *hat* de (128c) é colocado no final, como infinitivo em (128d). Em termos semânticos, as divergências causadas pela inversão da ordem de incorporação dos dois sub-tipos de VK são enormes, como mostram nitidamente as traduções para o português.

### II.3.3.5 A hierarquia de integração entre diferentes tipos de VK

Enquanto as VK temporais e modais têm a mesma prioridade sintática, deixando a prioridade semântica como critério que define a seqüência de sua incorporação no texto, estas duas são sintaticamente prioritárias em relação à VK gramatical de valência, e uma eventual VK de junção tem prioridade absoluta para ser a VK textual dominante sobre todos os demais tipos de VK (cf. Weinrich, 1986: 144). O seguinte exemplo com VK lexical, de valência, modal, temporal e de junção mostra esta hierarquia sintática em ação:

- (129a) Die Gäste werden um 8 abgeholt.  
Os hóspedes tornam-se às 8 buscado  
"Os hóspedes são buscados às 8." ❖
- (129b) Die Gäste müssen um 8 abgeholt werden.  
Os hóspedes têm que às 8 buscado tornar-se  
"Os hóspedes têm que ser buscados às 8." ❖
- (129c) Die Gäste sind um 8 abgeholt worden.  
Os hóspedes são às 8 buscado tornado-se  
"Os hóspedes foram buscados às 8." ❖
- (129d) Die Gäste haben um 8 abgeholt werden müssen.  
Os hóspedes têm às 8 buscado tornar-se tido-que  
"Os hóspedes tiveram que ser buscados às 8." ❖
- (129e) Die Gäste müssen um 8 abgeholt worden sein.  
Os hóspedes têm que às 8 buscado tornado-se ser  
"Os hóspedes têm que ter sido buscados às 8." ❖
- (129f) Er sagt, daß die Gäste um 8 haben abgeholt werden müssen.  
Ele diz que os hóspedes às 8 têm buscado tornar-se tido que  
"Ele diz que os hóspedes tiveram que ser buscados às 8." ❖
- (129g) Er sagt, daß die Gäste um 8 abgeholt worden sein müssen.  
Ele diz que os hóspedes às 8 buscado tornado-se ser ter que  
"Ele diz que os hóspedes tem que ter sido buscados às 8." ❖

Em ambos os casos finais (129f) e (129g), temos cinco elementos verbais na posição  $V_{\text{final}}$ , o pós-verbo *ab*, o particípio II do pré-verbo *holen*, o auxiliar da passiva *werden*, o verbo modal *müssen* e o auxiliar do *Perfekt*, *haben* / *sein*. As diferenças sintáticas entre (129f) e (129g) são resultado das duas opções de seqüência de integração da VK modal e temporal, que estão no mesmo nível de prioridade sintática na incorporação à frase. As primeiras duas incorporações, da VK lexical e da VK gramatical de valência (a passiva), resultam na frase (129a), da qual saem duas variantes.

(129b) prioriza a VK modal (colocando o auxiliar da VK passiva *werden* como infinitivo em  $V_{\text{final}}$ , enquanto que em (129c), onde a VK temporal é priorizada, o auxiliar *werden* da passiva (que é movido para  $V_{\text{final}}$ , como particípio II) exige o auxiliar *sein* para formar o *Perfekt*. Em (129d), a incorporação posterior da VK temporal inclui o verbo auxiliar *haben*, exigido pelo pré-verbo *müssen*. Em (129e), a inclusão posterior da VK modal coloca o auxiliar da VK temporal *sind* na última posição, em forma infinitiva (*sein*), como o verbo modal exige. A incorporação final da VK de junção com *daß* apenas coloca a conjunção em posição  $V_2$ , remetendo os respectivos pré-verbos anteriores para a última posição em (129g) e para a primeira posição de  $V_{\text{final}}$  em (129f). Esta exceção da regra sintática até aqui esboçada chama-se *Auxiliary Flip* (inversão do auxiliar) e é analisada com detalhes mais adiante neste trabalho. É interessante observar que ela não existe obrigatoriamente em alguns dialetos do alemão, como o bávaro, onde a frase (129f) seria:

- (130) Ea sogd, daas d' Gest um achde abghoid wean miasn hom.  
 Er sagt, daß die Gäste um acht abgeholt werden müssen haben  
 Ele diz que os hóspedes às oito buscado tornar-se tido-que têm  
 "Ele diz que os hóspedes tiveram que ser buscados às 8." ❖

Este fato de que a regra sintática das transformações na ocasião da sucessiva incorporação de VK numa frase é mais rígida num dialeto predominantemente oral, como o bávaro, pode ser tomado como um indício de que o princípio da VK em si pode ter uma afinidade maior com o canal oral. Isso, por sua vez, pode apontar para mais uma função da VK e para a sua origem diacrônica na língua alemã.

Weinrich (1986: 144-145) resume a hierarquia de incorporação de VK na sua coincidência: sempre dominante sobre todas as demais é a VK de junção; VK modal e temporal (no mesmo nível hierárquico e predominante segundo critérios semânticos) precedem as VK de valência, que por sua vez precedem VK lexicais. A VK de negação é a mais baixa em toda a hierarquia e é sempre incorporada por todas as demais. Ela não é tratada por Weinrich, porém considerada por Helbig & Buscha, cuja posição foi comprovada já aqui (em II.1.2.3, acima), mediante a prova de permutação da frase (6m) de Helbig & Buscha, nos exemplos (7).

As regularidades de incorporação de VK coincidentes na mesma frase acima descritas permitem outras incorporações múltiplas de VK, bastante complexas, por exemplo, na combinação de VK lexical (com verbo funcional), VK de valência (passiva), VK modal e VK temporal de *Futur II*, todas incorporadas por uma VK de junção.

(131a) Sie glaubt, daß das bis morgen wird in Gang gesetzt worden sein können.  
Ela acha que isso até amanhã torna-se em marcha posto tornado ser poder  
"Ela acha que isso poderá ter sido posto em funcionamento até amanhã." ❖

(131b) \*Sie glaubt, daß das in Gang bis morgen wird gesetzt worden sein können.  
\*Ela acha que isso em marcha até amanhã torna-se posto tornado ser poder  
"Ela acha que isso em funcionamento poderá ter sido posto até amanhã." ❖

Como vemos em (131), o pós-verbo *in Gang*, da VK lexical *setze - in Gang*, pela sua estrutura, originalmente é um grupo preposicional que é incorporado em todas as instâncias de forma idêntica a outros elementos de VK. Todas as provas de permutação do tipo (131b) com frases como esta mostram que o pós-verbo nominal não pode ocorrer em outra posição a não ser a atribuída pelas regras de VK. O mesmo ocorre com outros pós-verbos não-verbais de VK lexicais, por exemplo, adjetivos ou substantivos em função de complementos predicativos da cópula, onde se aplicam as regras topológicas da VK e não mais aquelas para complementos nominais, preposicionais etc.

(132a) Trotz seiner Behinderung hat er immer Arzt werden wollen.  
Apesar sua(gen) deficiência tem ele sempre médico tornar-se querido  
"Apesar de sua deficiência ele sempre quis ser médico." ❖

(132b) \*Trotz seiner Behinderung hat er Arzt immer werden wollen.  
Apesar sua(gen) deficiência tem ele médico sempre tornar-se querido  
"Apesar de sua deficiência ele quis sempre ser médico." ❖

Convém constatar que avaliações de inaceitabilidade de variantes de linearização como acima em (131b) ou (132b) devem ser interpretadas em relação ao contexto normal de uso. Por motivos de ritmo, estilo literário, efeitos de ênfase adicional, ou fenômenos próprios do canal oral, como reanálise, correção ou *false starts*, serializações desviantes podem ocorrer e podem tornar-se aceitáveis no canal oral normalmente com a ajuda de marcadores prosódicos que marcam os traços das posições alteradas com pausas, acentos ou movimentos da voz. Assim, elas assinalam que a regra de serialização normal foi conscientemente alterada e não violada por falta de competência. Por exemplo, (132b) poderá ser aceitável com uma entoação que marca *Arzt* com uma elevação do tom de voz, seguida por uma pequena pausa que marca a inversão com o advérbio temporal *immer* e um tom de voz mais baixo para *immer*, recebendo os dois elementos um peso de acentuação relativamente forte. Porém, na hora de usar este tipo de desvio para criar efeitos de ênfase especiais, o falante utiliza justamente a regularidade acima descrita. Sem a regra da serialização relativamente fixa das VK, a exceção e seu uso criativo não seriam possíveis.

Weinrich (1986: 129) aborda também a questão da frequência dos verbos bipolares em comparação com os verbos simples. Ele afirma que os verbos bipolares que formam VK lexical ocorrem mais frequentemente quando o texto se aproxima da norma falada e coloquial do alemão. O fato de existirem muitos pares sinônimos, por exemplo *fange - an* vs. *beginne, höre - auf* vs. *beende, lese - vor* vs. *rezitiere*, etc., onde a variante bipolar é típica para o canal oral ou um registro informal, enquanto a variante sintética marca de forma nítida o canal escrito ou um registro mais formal, apóia a observação. Weinrich (1986: 130; 1993: 42-43) explica que no uso escrito / registro formal ocorrem mais palavras derivadas de raízes gregas, (neo-) latinas ou inglesas, que, enquanto verbos, são sempre sintéticos, pois estas línguas de origem não conhecem uma estrutura bipolar verbal semelhante à do alemão. Como Weinrich admite, em alguns casos, a integração progressiva destas palavras ao núcleo da língua alemã permite a combinação com partículas dêiticas para formar VK lexicais, como o exemplo *marschiere - ab* (sair marchando) mostra. Muito mais frequentes como núcleo de verbos bipolares em VK lexicais seriam verbos básicos como *setzen, stellen, legen, kommen, nehmen*, etc. Com isso, a questão da frequência de VK completamente realizadas com pré- e pós-verbo em *corpus* lingüísticos depende muito da sua composição de tipos de textos e a distribuição dos registros e canais.

Resumindo, as contribuições de Weinrich para a descrição da VK são muitas e muito importantes. Em primeiro lugar, conta a ênfase e o espaço dedicado a este fenômeno. Depois temos a decisão de Weinrich de considerar a VK a posição sintática básica do alemão, a descrição e a terminologia do pré- e pós-verbo, a sua tipologização de VK, a substituição do conceito de subordinação sintática pelo conceito mais amplo de junção, as regras de incorporação hierárquica de VK, o conceito de VK textual e a aplicação de critérios funcionalistas para a descrição deste fenômeno. Alguns pontos Weinrich não aborda, como a VK de negação, por exemplo, que se encaixa perfeitamente no seu modelo. Ele também não desenvolve todos os aspectos de sua abordagem, como vimos. Na terceira parte deste trabalho, os fundamentos colocados por Weinrich serão ainda mais elaborados, para chegar a uma descrição mais completa e unificada do fenômeno.

## **II.4 Análises quantitativas, críticas estilísticas e descrição de tendências diacrônicas**

Esta parte apresenta publicações com abordagem empírica e análises quantitativas, autores que criticam a VK de um ponto de vista estilístico ou descrevem tendências do "alemão contemporâneo" relacionadas com a *Verbalklammer*. O elo entre todos estes trabalhos é a tentativa

de encontrar e descrever uma norma para este fenômeno, no sentido de "normalidade" estatística, não no sentido de normatividade. Weinrich (1986: 116) também levantou esta questão e salientou que mesmo as descrições da norma sem pretensão de agir num sentido normativo acabam influenciando o uso da língua, pois os usuários em geral tentam falar dentro de um padrão reconhecido como "normal", assim tornando a normalidade descritiva indiretamente normativa, posteriormente.

#### II.4.1 Orville Dean

Na sua tese de doutorado, Dean (1974) analisou um pequeno *corpus* de 10.450 palavras, composto de 6 textos escritos, sendo um científico, um jornalístico, um técnico e três literários. Dois dos textos literários são diálogos sem narrativa intermitente. O objetivo era de identificar um padrão tipológico de frases para o alemão. Dean cita como referência autores da discussão classificatória já mencionada (veja capítulo II.1.7.1). O resultado final da pesquisa não é nenhuma surpresa (Dean, 1974: 189):

The examination of the corpus has confirmed the fact that German cannot be neatly classified as either a VO or OV language. It appears to belong somewhere in the middle of a continuum between VO and OV, neither being basically VO, as Lehmann assumes, nor having almost all SOV characteristics, as Vennemann asserts.

A diferença entre Dean e outros autores, mais renomados, é que Dean constata de forma clara que os dados não apóiam a classificação do alemão em nenhuma das grandes categorias – (S)OV vs. (S)VO. Apenas a conclusão de Dean de que alemão deve estar em algum ponto no meio de um contínuo entre estes dois tampouco convence. Em todo o seu trabalho, Dean não chega a discutir o valor da *Verbalklammer* para a classificação do alemão, embora na verdade ela seja o padrão consistente para a descrição correta do tipo topológico da língua alemã.

Embora o resultado final de Dean apenas documente mais uma vez o ponto de que as pesquisas sobre o assunto ainda são incompletas, alguns de seus resultados estatísticos merecem ser citados aqui. A distribuição da posição do verbo finito em relação ao tipo de texto encontrada por Dean (1974: 152) foi como segue:

V <sub>1</sub> :	entre 17% (texto técnico) e 0,5% (narrativa literária)	<b>média 8,3%</b>
V <sub>2</sub> :	entre 77,3% (diálogo literário) e 53,5 (texto científico)	<b>média 67,9%</b>
V <sub>final</sub> :	entre 9,9% (diálogo literário) e 42,5 (texto científico)	<b>média 23,8%</b>

A posição do sujeito encontrada por Dean (op. cit., 157) foi de:

<b>(X)VS:</b> entre 25,7% (texto científico) e 47,6% (texto técnico)	<b>média 34,5%</b>
<b>SVO:</b> entre 28,6% (texto técnico) e 54,5% (diálogo literário)	<b>média 41,2%</b>
<b>SOV:</b> entre 10,4% (diálogo literário) e 42,5% (texto científico)	<b>média 24,3%</b>

O tipo (X)VS inclui também interrogativas com posição V<sub>2</sub>. Considerando apenas frases declarativas, temos mais frases SVO (op. cit., 159): entre 48,4% (texto técnico e jornalístico) e 75,3% (diálogo literário), na média 60,4%. Os resultados da contagem de situações com elementos verbais (finitos e infinitos) em posição V<sub>final</sub> (ou seja, frases com pós-verbo explícito) efetuada por Dean (op. cit., 184) mostram entre 24,4% (diálogo literário) e 54,0% (texto científico), com a média de 41,5%.

Como Dean não incluiu seu *corpus* na pesquisa, é difícil averiguar e comentar seus resultados. O tamanho do *corpus* usado é muito pequeno para chegar a resultados representativos nos dados específicos. Como Dean (op. cit., 185) afirma, porém, fica muito claro, que a classificação do alemão como língua VO ou OV é impossível, com a distribuição de cerca de 45% de frases OV e 55% de frases VO (entre todos os tipos de frases).

## II.4.2 Duk Ho Lee

Em sua pesquisa de doutoramento, Lee (1979) analisa como Dean a língua alemã sob o aspecto de sua serialização básica. Como Dean, o trabalho empírico de Lee analisa um *corpus* misto de textos (desta vez predominantemente literários), com o total de 4.217 frases, e não chega a uma conclusão a respeito do tipo topológico do alemão. Também como Dean, Lee não analisa a Verbalklammer especificamente. Seu enfoque é a quantificação da posição do verbo finito, a distribuição de frases VO e OV, eliminação de verbos auxiliares em textos literários e a figura da elipse. Novamente queremos citar alguns resultados quantitativos que podem servir de referência para o presente trabalho. Primeiro, Lee (1979: 30-31) analisa o comprimento de frase em textos literários, prosa jornalística e cartas publicadas de 52 autores da literatura alemã do século XIX e XX e encontra enormes variações da média de cada um: entre 8,72 palavras e 92,40 palavras por período. Como valor médio total encontra 25,30 palavras, consideradas representativas por Lee.

A incidência da posição SVO nos textos analisados por Lee distribui-se da seguinte forma: nos textos literários (cf. op. cit., 60-61), frases SVO ocorrem entre 41,79% e 76,19% das frases (média

66,34%). Em seus exemplos de textos técnico-científicos (op. cit., 71), SVO ocorreu em 55,00% das frases e, em textos jornalísticos, em 58,79% (op. cit., 73).

### II.4.3 Maria Thurmair

Existe um grupo de autores que criticam a *Verbalklammer* como uma estrutura anacrônica, estilisticamente desaconselhada e disfuncional ao ponto de prejudicar seriamente o processamento de textos em alemão. Maria Thurmair, que participou do grupo de colaboradores da *Textgrammatik* de Weinrich (1993), analisa esta questão em seu artigo *Warten auf das Verb* (Esperando pelo verbo; Thurmair, 1991). Como introdução, Thurmair cita fontes literárias, lingüísticas e estilísticas que apóiam esta opinião, como Mark Twain (segundo Thurmair, 1991: 174): "*Wenn doch die Deutschen das Verb so weit nach vorne zögen, 'that one it without a telescope discover can'!*" (Se os alemães pudessem puxar o verbo para a frente ao ponto "*that one it without a telescope discover can*"!).

Thurmair (1991: 175) ainda cita fontes de críticos da *Verbalklammer* bem menos humorados, como Schneider que, referindo-se à VK, fala de "*schlimmen Vorschriften*" (normas nefastas) ou J. Grimm, que fala de um: "*noch peinlicheren Trennen des Hilfsverbs vom dazugehörigen Participium*" (a separação ainda mais dolorosa do verbo auxiliar do seu respectivo participio). Johann Christoph Gottsched (1762: 476), um dos chamados "*Sprachkritiker*" (críticos da língua) do século XVIII é ainda mais pronunciado:

Man setze also zur Beförderung der Deutlichkeit, jedes Zeitwort, unmittelbar zu seinem Hauptworte, und lasse lieber den Anhang des Satzes nachfolgen, als daß man denselben, auf seine langweilige Art zwischen beyde einschalte. (...) Wer sieht hier nicht, welch eine Verwirrung und Dunkelheit, aus einer so weiten Trennung (...) erfolge.

"Assim, coloque-se, para o aumento da clareza, todo verbo imediatamente junto à sua palavra principal, e deixe seguir depois todos os anexos da frase, do que inserir o mesmo de uma maneira demorada entre ambos (...) Quem não veria que confusão e obscuridade resulta de uma separação tão distante."

Thurmair (1991: 175) resume que vários autores respeitados da filologia e lingüística alemã passam a imagem de que a VK seja uma construção arbitrária, desnecessária:

(...) die für Muttersprachler und Nicht-Muttersprachler nur Schwierigkeiten macht, die das Verstehen und Sprechen erschwert und den anthropologischen Gegebenheiten des Gedächtnisses deutlich zuwiderläuft.



"(...) que apenas cria problemas para falantes nativos e não-nativos, que dificulta o entendimento e a fala e claramente contraria os fundamentos antropológicos da memória."

Schneider (1959: 431-432), entre outros, constata que a VK muitas vezes é "inflada" por elementos que sobrecarregam a memória do leitor / ouvinte que precisa reter todo o material até o momento em que o elemento verbal final permita a resolução desta tensão sintática, para finalmente clarificar o conteúdo da frase. Em períodos mais complexos com a integração múltipla de VK, Schneider vê o limite ultrapassado. O leitor / ouvinte seria confrontado com tarefas impossíveis em construções com tensão insuportável. Em publicações sobre tendências diacrônicas recentes e as características do alemão moderno, encontramos observações que apontam para uma direção semelhante, especialmente no conceituado *Lexikon der Germanistischen Linguistik*, (Enciclopédia de lingüística germanística), na sua edição de 1980, onde Hans Glinz (1980: 614) nota como uma tendência louvável o avanço da exclusão de elementos do campo interno da VK para o campo posterior, que teria sido temporariamente reprimida pela escola que teria seguido ideais literários. Na mesma obra, Drosdowski e Henne (1980: 627) continuam no mesmo raciocínio. O avanço da exclusão de elementos da VK na língua falada para evitar estruturas descontínuas extensas teria como finalidade aliviar a sintaxe rígida e contribuiria para uma estrutura mais compreensível. Assim, cada elemento da frase poderia ser interpretado imediatamente, sem ter que esperar pelo elemento verbal final. Por isso, a redução da VK seria especialmente encontrada em textos que precisam ser claros e descomplicados, como os textos científicos.

Neste sentido, Thurmair tenta levantar fontes sobre a origem da *Verbalklammer*, não apenas por interesse científico, mas sim para verificar se a VK é um elemento genuíno e inerente da língua com uma função importante, ou uma construção posteriormente introduzida, com uma finalidade meramente decorativa que se tornou perniciososa em seus abusos desnecessários da capacidade de processamento do leitor / ouvinte. Thurmair (1991: 176) identifica duas linhas diametralmente opostas na explicação diacrônica da *Verbalklammer*: Behaghel, Schmitt e v. Polenz argumentam que a VK teria sido imposta à língua alemã pela linguagem escrita burocrática do início na época moderna, a chamada *Kanzleisprache* (língua das chancelarias), fortemente influenciada pelo latim. Ao contrário disso, Schildt, Ebert e Admoni afirmam que a VK teria sua origem na língua falada e de lá teria invadido a língua escrita. Admoni (1973: 89) é apodítico: "*Ganz falsch ist die These von der Entlehnung des Satzrahmens aus dem Lateinischen. Denn der Satzrahmen ist vor allem für die Umgangssprache kennzeichnend*" (Totalmente errada é a hipótese do empréstimo da moldura da frase do latim. Pois a moldura da frase é característica principalmente da linguagem coloquial). Na continuação, Admoni cita muitos pontos convincentes para apoiar sua opinião e rejeita o

argumento de que os exemplos de exclusão de elementos da VK para o campo posterior seriam um indício de sua artificialidade ou até do início de sua extinção na língua alemã.

A questão da origem da *Verbalklammer* é importante para avaliar a legitimidade das críticas proferidas em relação à VK. Se ela for uma construção do núcleo oral da língua, é muito pouco plausível que ela seja um elemento que apenas complica e atrapalha o funcionamento da língua. Muito pelo contrário, teríamos uma forte evidência de que ela seja uma estrutura básica da língua, com uma função sintática e comunicativa importante.

Thurmair não tenta decidir a questão da origem da VK (veja II.5 abaixo para mais evidências neste sentido). Porém, ela levanta argumentos para demonstrar que a VK não pode ser considerada uma sobrecarga para a memória processual dos falantes. Para isso, efetua uma pequena análise quantitativa sobre um *corpus* misto de língua falada. O resultado é claro. A VK não pode ser um abuso da capacidade de processamento pois, na grande maioria dos casos, ela não é estendida ao extremo, como nos exemplos citados pelos críticos acima. Thurmair (1991: 186) encontrou VK completas (com pré- e pós-verbo) em quase 72% das 1455 frases analisadas, com uma extensão média de 2,9 palavras incluídas no campo interno. Mais interessante ainda é o número de grupos lógicos (*chunks*) por VK, pois os grupos lógicos são o fator limitante para o processamento na memória: Thurmair contou uma média de apenas 1,7 *chunks* incluídas no campo interno das VK, ou seja, um valor muito abaixo do limite de processamento que é considerado  $7 \pm 2$  (Thurmair, 1991: 187). Típico para um *corpus* de texto oral é o número alto de VK completas e ao mesmo tempo a elaboração baixa dos grupos lógicos. Como veremos no capítulo III.1, a análise de textos escritos mostra diferenças e semelhanças interessantes neste sentido. Apenas em 6% das frases analisadas Thurmair (1991: 192) encontrou exclusões da VK. Isso mostra que não existe esta necessidade aguda ou tendência na língua falada contemporânea. Ao contrário disso, um outro ponto levantado por Thurmair mostra que há indícios para uma tendência ao fortalecimento da VK na língua e não seu esvaziamento. Assim, criações de verbos novos com prefixo quase sempre escolhem o sistema do verbo bipolar e não a possibilidade de prefixos que não permitem a criação de estruturas descontínuas. Birgit Jünemann (1990) mostra como a VK de verbos bipolares é produtiva no seu estudo de um *corpus* computadorizado do *IdS* (*Institut für deutsche Sprache – instituto para a língua alemã*) em Mannheim e lista todos os tipos de VK descritas por Weinrich (veja II.3.3.3, acima) por grupos de pós-verbos em ordem alfabética pelo pré-verbo, com mais de 11.000 entradas de verbos bipolares, apenas as combinações bipolares com *bringen* (trazer, levar,

aportar) contam cerca de 150 entradas diferentes (*mitbringen, vorbringen, abbringen, etc.* – levar/trazer, fazer uma colocação, desconversar).

## II.5 Análises do alemão medieval

A questão da origem da VK em alemão tem uma importância muito além de um mero interesse histórico. Vários críticos da VK alegaram que ela seria o resultado da influência do latim na língua alemã, e exemplo de um estilo pretensioso e rebuscado do barroco. Como já foi referido em II.4.3, existem diferentes teorias sobre a origem da VK na língua alemã. É difícil chegar a uma conclusão final sobre o assunto. Por um lado, há o problema das fontes disponíveis. Para o período antes de 750 ou 800 d.C., os exemplos de textos de línguas germânicas reduzem-se a inscrições de runas em objetos ou monumentos, encontradas em sítios arqueológicos, seqüências que raras vezes excedem quatro ou cinco palavras contínuas. Mesmo assim, Braunmüller (1982) tenta uma análise da sua ordem sintática e chega à conclusão de que a ordem (S)VO é predominante depois de 600 d.C., antes disso ele considera SOV como tipo básico. Porém, como o próprio autor admite (Braunmüller, 1982: 141), para toda a época antes do ano 600 d.C., existem apenas cerca de 30 exemplos de inscrições frasais, muito pouco para basear uma conclusão tão abrangente nelas.

Importante é constatar que a partir do século IX, aproximadamente, a *Verbalklammer* existe como uma constante nos textos. Os exemplos abaixo são do alemão medieval, desde os primeiros textos escritos em alemão, do período do ano 700 a 1050, chamado Antigo Alto Alemão (*Althochdeutsch*) e de 1050 a 1500, conhecido como Médio Alto Alemão (*Mittelhochdeutsch*). A possibilidade de haver influência do latim não pode ser categoricamente afastada com estes exemplos, pois nesta época o latim era a língua erudita do continente europeu. Porém, a afirmação que a posição final do verbo finito seria influência do latim não é o que está em discussão aqui (e mesmo este ponto parece pouco convincente, pois a posição do verbo finito no latim era bastante livre). No que se refere à dúvida que centralmente interessa para este trabalho, a origem da VK em si, podemos ver, antes de mais nada, que o latim desconhece grupos verbais descontínuos. Em termos de topologia da frase, porém, o latim realmente tem uma ordem mais livre e há bastante exemplos de frases  $V_{\text{final}}$ .

## II.5.1 Exemplos da literatura medieval

Como se vê abaixo, porém, os exemplos já mostram a maioria das VK usadas na língua alemã hoje em dia, incluindo VK gramaticais (como VK modais ou de perfeito), VK lexicais (como de verbos separáveis) e VK de junção, como frases adverbiais temporais e frases de complemento atributivas. Onde não especificado diferentemente, os exemplos são citados segundo a história da literatura alemã de Fritz Martini (1963). O primeiro é do *Hildebrandslied* (Canção de Hildebrando), codificado cerca de 820, no convento de Fulda.

- (133) Hiltibrant enti Hadubrant (...) gurtun sih iro suert ana  
Hildebrand und Hadubrand (...) gürteteten sich ihre Schwerter an,  
Hildebrand e Hadubrand cingiram se suas espadas (dêit)

helidos ubar hringa do sie to dero hiltiu ritun.  
die Helden, über Brünnenringe, als sie zu ihrem Kampfe ritten.  
os heróis sobre armaduras quando eles a sua luta cavalgaram

*"Hildebrand e Hadubrand, os heróis, cingiram suas espadas sobre as armaduras quando cavalgaram à sua luta."*

Na primeira VK (*gurtun - ana*) temos uma VK lexical perfeita que abre os três campos topológicos da frase, seguido por uma VK de junção (*do - ritun*).

O segundo exemplo também data do Médio Alto Alemão, e é extraído da obra de Wolfram von Eschenbach.

- (134) Svenne aber er den vogel erschôz,  
Wenn aber er den Vogel erschöß,  
Se porém ele o pássaro matou

des schal von sange ê was sô grôz,  
dess' Gesanges Schall einst war so groß,  
cujo canto(gen) som então era tão forte

sô weinder unde roufte sich  
so weinte er und raufte sich  
aí chorou ele e bateu se

*"Se ele matava, porém, o pássaro, de cujo canto o som era tão forte então, ele chorava e batia em si."*

Em (134) vemos uma VK de junção inicial (*svenne - erschôz*) e uma VK atributiva (*des - war*) que coloca o complemento do verbo de ligação (*so grôz*) no seu campo posterior, nitidamente para satisfazer a exigência da rima e do metro.

Em (135a) e (135b), vemos outros exemplos do Médio Alto Alemão, de Gottfried von Straßburg que data de cerca de 1210:

(135a) Ez hat mir sanfte vergeben.  
Es hat mir sanft vergeben  
Isso tem me suave perdoado

*"Perdoou-me suavemente."*

(135b) solte diu wunecliche Isôt  
Sollte die wonnigliche Isolde  
Deveria a adorável Isolde

iemer alsus sîn min tôt,  
immer also sein mein Tod,  
sempre então ser minha morte

so wolte ich gerne werben  
so wollte ich gerne werben  
aí queria eu com-prazer candidatar

umb ein ewecliches sterben.  
um ein ewigliches Sterben.  
para um perpétuo morrer

*"Se a adorável Isolde sempre fosse minha morte, então eu queria com prazer candidatar-me a um morrer eterno."*

Em (135a) está uma VK de *Perfekt* (*hat - vergeben*), em (135b) duas VK modais (*solte - sîn e wolte - werben*), onde novamente o complemento da cópula e o complemento preposicional ocupam o campo posterior por causa da rima.

O autor conhecido Walther von der Vogelweide, representante do Médio Alto Alemão, está presente com dois exemplos, uma estrofe das Canções das Meninas (*Mädchenlieder*), em (136), escrito cerca de 1203, com duas VK de verbos com complemento infinitivo, os chamados verbos de controle (*hôrte - diezen e sah - fliezen*), e duas VK de junção, de frases tradicionalmente chamadas de relativas livres, com juntor em *w-*.

(136) Ich hôrte ein wazzer diezen  
Ich hôrte ein Wasser rauschen  
Eu ouvia uma água murmurar

und sach die vische fliezen,  
und sah die Fische flitzen  
e via os peixes correr

ich sach swaz in der welte was,  
ich sah was in der Welt war  
eu via que em o mundo era

velt walt loup rôr unde gras,  
Feld Wald Laub Rohr und Gras  
campo bosque folhas junco e grama

swaz kriuchet unde fliuget  
was kreucht und fleucht  
que arrasta e voa

und bein zer erde biuget.  
und Bein zur Erde beugt.  
e perna à terra dobra

*"Eu ouvia uma água murmurar, via os peixes correr, via o que estava no mundo, campo, bosque, folhagem, junco e grama, o que se arrasta e voa e caminha e se dobra na terra."*

O exemplo (137), tirado de *Wigalois* (escrito cerca de 1204), da autoria de Wilm von Grafenberg, mostra uma VK de Perfekt com o auxiliar *sîn* (*sein*, ser), *bin - innen worden* e uma VK de junção com uma frase de complemento objeto, *daz - sinket*:

(137) ich bin wol innen worden  
Mir ist wohl bewußt geworden  
eu sou (part) adentro tornado-me

daz der werlde freude sinket  
daß der Welt Freude sinkt  
que o(gen) mundo alegria afunda

unde ire êre hinket.  
und ihre Ehre hinkt.  
e sua honra manca

*"Me dei bem conta de que a alegria do mundo declina e sua honra falha."*

Do mesmo gênero das canções líricas trovadorescas (*Minnelieder*), aqui mais um exemplo, da autoria de Heinrich von Morungen († 1222), com VK de junção de comparação (*alse - fliegen kunne*), adverbiais temporais (*sît daz - enpfie*) e de complemento atributivo (*der - gie*):

(138) ich war alse ich fliegen kunne  
Mir war als ob ich fliegen könnte  
eu era como se eu voar pudesse

mit gedanken iemer umbe sie,  
mit Gedanken immer um sie  
com pensamentos sempre cerca ela

sît daz mich ir trôst enpfie,  
seit daß mich ihr Trost empfang  
desde que me seu consolo recebeu

der mir durch die sêle mîn  
der mir durch die Seele mein  
que mi através a alma minha

mitten in daz herze gie.  
mitten in das Herz ging.  
meio em o coração foi

*"Me senti como se pudesse voar, os pensamentos sempre com ela, desde que seu consolo me recebeu, que atravessou minha alma e acertou meu coração no meio."*

O último exemplo data já mais do final do período do Médio Alto Alemão, tirado dos *Meistersinger* de Heinrich von Meißen, dos Manuscritos de Colmar, século XIV, com duas VK modais (*solt - gan* e *wil - han*):

(139) Ir frumen gesanges gesellen, ... ir solt mit edelsange ze himelriche gan.  
Ihr frommen Gesanges Gesellen ihr sollt mit Edelsang ins Himmelreich gehn  
Vós piedosos canto(gen) rapazes vós deveis com nobre-canto no céu-reino ir

got wil gesanc in sinem hoechsten himel han  
Gott will Gesang in seinem höchsten Himmel haben  
Deus quer canto em seu altíssimo céu ter

*"Vós rapazes piedosos do canto, deveis entrar no reino do céu com canto nobre, Deus quer ter canto em seu céu mais alto."*

Em todos os exemplos escolhidos ocorre uma VK. Chama a atenção que, com raras exceções, a estrutura sintática do alemão medieval é a mesma do alemão moderno. Até detalhes como a rima ficaram mantidos, apesar do deslocamento sistêmico de faixas inteiras de fonemas (por exemplo, as consoantes [ p ] – [ t ] – [ k ], mas também vogais e ditongos), conhecido como *Hochdeutsche Lautverschiebung*. Todos os exemplos podem ser descritos com o modelo proposto mais tarde neste trabalho. Em outras palavras, a VK moderna aparentemente sempre existiu como tal na língua alemã, mesmo que alguns dos tempos verbais analíticos sejam desenvolvimentos mais recentes, formados em analogia à VK já existente para situações semelhantes de grupos verbais descontínuos. Aparentemente, a VK não era tão dominante nesta época, e os exemplos acima foram escolhidos para documentar sua existência, não para serem interpretados como

representativos. Outras posição topológicas também aparecem com frequência, como, por exemplo, a posição inicial do verbo finito em frases afirmativas ou a posição adjacente do complexo verbal.

Como o Antigo e Médio Alto Alemão não pertencem à área de especialidade do autor desta tese, convém consultar pesquisas específicas sobre o assunto. Destacam-se dois trabalhos sobre os textos de Notker III de St. Gallen (cerca de 950 a 1022), um autor e tradutor de destaque da época do Antigo Alto Alemão, cujos textos são considerados uma das mais importantes fontes para este período. Como veremos, os dois autores chegam, em muitos pontos em relação à *Verbalklammer*, às mesmas conclusões para o Antigo Alto Alemão de Notker que as gramáticas de referência mais recentes (Engel, Eisenberg, IdS-Grammatik), acima discutidas.

### II.5.2 Ernst Bolli

Ernst Bolli (1975) analisou a tradução por Notker da obra *De Consolatione Philosophiae* de Boethius do latim para o Antigo Alto Alemão e chegou à conclusão que Notker usou a VK de maneira virtuosa para obter um texto didático e expressivo, tanto no sentido de incluir elementos quanto de excluir elementos para o campo posterior. Os elementos excluídos com maior frequência são os mesmos do alemão moderno: comparações, enumerações, junções adversativas (conectadas por preposições ou conjunções) e elementos em paralelo (Bolli, 1975: 161). Segundo Bolli, Notker usa a ocupação do campo posterior (*Ausklammerung* – exclusão da VK) como meio estilístico de uma linguagem poética. Para obter este efeito, a existência e força da VK como princípio sintático é condição necessária (Bolli, 1975: 161). No caso de Notker, Bolli (1975:162) vê uma interação perfeita entre regularidade e uso da liberdade poética, não mais possível na mesma extensão no alemão moderno, onde a VK é uma regularidade ainda mais forte e a ocupação do campo posterior perde parcialmente sua função como opção estilística.

### II.5.3 Alfred Bortler

Alfred Bortler (1982) completa os resultados de Bolli, analisando 7.500 frases de uma outra tradução de Notker do latim sob três aspectos diferentes: em termos sintáticos, no nível de conteúdo e estilo e sob o ponto de vista de regularidades tradutológicas na comparação de determinadas VK do texto final com o texto original. Os resultados de Bortler levam a regras que



estabelecem em quais situações Notker usou determinados tipos de VK. Em termos quantitativos, Borter (1982: 68-70) mostra em pesquisa detalhada com tratamento estatístico que, em 53 % das situações com grupos verbais analíticos, Notker usa uma VK completa, em 27%, ocorre a ocupação do campo posterior (inclusive por complementos acusativos e nominativos), e em 20% não ocorre uma VK descontínua. Borter (1982: 176-178) elabora uma hierarquia de frequência com que um elemento ocorre dentro da VK ou no seu campo posterior ou anterior. O sujeito é o elemento com a menor probabilidade de ser encontrado fora da VK, seguido pelos objetos acusativos, dativos, genitivos e grupos preposicionais, que têm a maior frequência de exclusões da VK. Esta hierarquia já é a mesma do alemão moderno, em termos relativos. Em termos absolutos, hoje existem mais restrições a uma colocação de actantes como complementos sujeitos ou objetos acusativos no campo posterior do que na época de Notker, mais de mil anos atrás. A regularidade sintática da VK em si, porém, parece surpreendentemente pouco mudada. Com isso temos mais um forte indicador de que ela realmente deva ser considerada o eixo sintático central da língua alemã, como é proposto neste trabalho, e não uma sobreposição posterior, a partir de um estilo burocrático, influenciado pelo latim.

Ingerid Dal (1962: 175) confirma os resultados de Bolli e Borter em sua descrição diacrônica da sintaxe do alemão. Ela constata que, desde Notker, as regras básicas para a ordem dos elementos da frase estão em vigor, apenas reforçando a regularidade da VK através do tempo e restringindo a liberdade de usar formas desviantes sem serem muito marcadas. Como Dal acrescenta, do ponto de vista oposto, é possível achar na literatura exemplos onde autores como Friedrich Schiller imitam a sintaxe mais livre do alemão medieval para dar uma impressão de fala arcaica.

Podemos concluir esta seção com o resultado definitivo de que a *Verbalklammer* já existiu no alemão medieval como princípio básico de serialização, com as mesmas características fundamentais, válidas até hoje. A diferença é que no alemão medieval havia uma maior liberdade de usar normalmente serializações que hoje seriam consideradas fortemente marcadas. Ou seja, do ponto de vista diacrônico, podemos constatar que a força da regularidade da VK em si é uma constante. Em determinadas épocas e certos tipos de textos, o rigor de sua aplicação aumentou, em outras, diminuiu. Mas a partir de 800 d.C., a VK sempre foi o eixo sintático da frase, e ela continuará exercendo esta função, mesmo que haja mudanças no uso e no grau de marcação de certas ocupações dos campos anterior e posterior.

## Parte III: Descrição

Depois de resumir, comentar e discutir publicações sobre aspectos da VK por obras importantes, aqui são apresentadas as contribuições genuínas deste trabalho: certos pontos que não são encontrados na literatura sobre o assunto, complementando, estendendo e corrigindo algumas das descrições anteriores com o objetivo de chegar a um modelo descritivo mais completo e mais adequado do fenômeno.

### **III.1 Observações sobre aspectos quantitativos da *Verbalklammer* em exemplos de textos escritos e discursos orais**

Os quatro tipos de textos são (trechos de): um romance de J. W. Goethe (*Wahlverwandtschaften* – Afinidades eletivas), duas matérias de jornalismo técnico-científico (*Süddeutsche Zeitung* – um dos jornais diários mais conceituados da Alemanha, abreviado como SZ abaixo), uma entrevista televisiva com três convidados de um programa de auditório e uma aula de pós-graduação gravada pelo autor. O romance de Goethe prometia representar o estilo criticado de VK estendidas em demasia (veja II.4), o texto jornalístico, por sua vez, um uso escrito moderno com um certo registro formal. A entrevista do programa de auditório está em linguagem muito informal, e a aula de sintaxe permite avaliar um registro oral de uma certa formalidade e com complexidade maior de conteúdo. Os textos são reproduzidos na íntegra no anexo e no CD-ROM anexado.

Em primeiro lugar, os resultados obtidos por Dean (1974), Lee (1979) e Thurmair (1991) são aproximadamente confirmados pelos exemplos analisados (veja anexos 3 e 4 para a íntegra dos exemplos e para uma sinopse dos dados quantitativos). Thurmair tinha encontrado VK completas em 72% das frases. Os nossos exemplos do texto oral de TV mostram VK completas em 67,65% das frases, o discurso de aula em 72,25%. A média dos quatro tipos de texto foi de 70,89%, incluindo os textos escritos. O número de palavras incluídas no campo interno achado por Thurmair era de 2,9 e 1,7 grupos lógicos. Para a entrevista televisiva contamos 3,20 palavras e 2,16 *chunks*; para o discurso de aula, 3,97 e 2,10, respectivamente.

Esta comparação entre o número de palavras e grupos lógicos (*speech chunks*) parece o resultado mais interessante para uma pesquisa mais aprofundada. Apesar de termos exemplos com um

número elevado de palavras no campo interno em alguns dos textos (mais de 30 palavras no campo interno em uma frase de Goethe), a média de grupos lógicos varia surpreendentemente pouco. O número maior de palavras no campo interno apenas elabora mais os grupos lógicos, que ganham atributos e suplementos.

Item / Texto	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
palavras no campo interno	4,46	8,55	3,20	3,97	5,05
grupos lógicos ( <i>chunks</i> )	2,12	2,66	2,16	2,10	2,26

Como vemos, mesmo com as VK muito mais elaboradas do texto de jornalismo científico, o número de grupos lógicos não cresce na mesma proporção. Entre os dois textos orais e o romance de Goethe existe praticamente o mesmo número de *chunks* no campo interno, sendo que o registro oral informal é o que menos elabora estes grupos.

Interessante também é a comparação com o comprimento médio das frases em número de palavras: Goethe, 30,31; SZ, 20,88; TV, 8,51 e Aula, 20,01. O texto narrativo literário mostra as frases mais longas, seguido pelos textos escritos e orais do registro técnico-científico, os dois com quase o mesmo valor. O registro oral informal forma frases muito mais curtas. Apesar destas diferenças consideráveis, o número de *chunks* no campo interno varia relativamente pouco. Poderíamos então confirmar com mais legitimidade a conclusão de Thurmair (1991) de que, em média, a VK não chega a ser um problema grave de sobrecarga para a memória de processamento, em que caberiam sete ou até mais grupos lógicos.

Outros dados distributivos poderiam ser interessantes, porém, como já repetimos, os dados abaixo não devem ser tomados como representativos, por múltiplos motivos. Por isso, não é possível generalizar a partir destes resultados. Vários deles podem ser devidos a preferências particulares dos autores dos quatro textos. Assim, por exemplo, outros textos literários mostrarão certamente dados diferentes dos de Goethe. Mas, como os textos foram escolhidos na intenção de ter uma gama de tipos extremos, eles podem servir, sim, como *indicadores* para *possíveis tendências* e para apontar pontos de partida para pesquisas futuras mais aprofundadas neste sentido.

Assim, a distribuição dos tipos de frases nos quatro textos foi a seguinte:

Tipo de frase (em %):	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
declarativas	40,26	70,18	63,73	64,16	59,58
interrogativas	0,00	0,00	12,09	3,75	3,96
imperativas	0,00	0,00	0,33	1,44	0,44
<i>frases de complemento:</i>					
adjetivas	23,38	9,65	4,25	9,82	11,78
adverbiais	23,38	7,02	10,78	9,82	12,75
substantivas objeto	10,39	13,16	8,50	10,11	10,54
substantivas sujeito	2,60	0,00	0,33	0,29	0,81
<i>soma frases de complemento</i>	59,75	29,83	23,86	30,04	35,88
<i>soma total</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Como vemos, o número de frases declarativas é muito mais baixo na narrativa literária onde as frases de complementos são muito mais numerosas, principalmente as adverbiais e adjetivas (relativas). Isso parece ser devido à intenção comunicativa do texto literário de Goethe de diferenciar mais os seus elementos e criar uma riqueza maior de detalhes, o que poderemos verificar também em outros critérios abaixo relacionados. A variação entre os quatro textos é muito menor em relação às frases complemento de objeto. Naturalmente, as frases interrogativas são muito presentes na entrevista de TV.

Conforme a distribuição dos tipos sintáticos de frases, temos a seguinte variação da posição do verbo finito (a diferença da soma para 100% resulta de frases sem verbo finito). Na mesma tabela, temos a frequência da ocupação do campo anterior pelo sujeito da frase.

Posição verbo finito (em %):	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
V <sub>2</sub>	37,66	61,40	61,44	62,72	45,04
V <sub>final</sub>	61,04	33,33	17,97	30,35	35,67
outras (V <sub>1</sub> , sem verbo)	1,31	5,27	20,59	6,93	19,29
<i>soma</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Ocupação campo anterior (%)	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
Sujeito	37,50	39,47	70,59	22,54	42,53
outros elementos	62,50	60,53	29,41	77,46	57,47
<i>soma</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Desta vez o texto do discurso informal de TV foge da média, em dois dos critérios comparados. Ele mostra muito mais frases sem verbo (mais de 20%), e o sujeito ocupa o campo anterior com uma frequência muito elevada. Ao contrário disso, os demais textos usam este campo para tematizar ou enfatizar outros elementos da frase.

O próximo ponto analisado é a morfologia do verbo principal (que nem sempre é o verbo finito) do grupo verbal. Mais exatamente, é verificada a presença de verbos bipolares (os chamados "verbos separáveis") e os verbos com prefixo, que não criam um grupo verbal bipolar descontínuo.

Morfologia verbo principal (%):	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
verbo bipolar	25,00	12,96	30,11	14,45	20,63
prefixado não bipolar	31,94	21,30	9,32	13,29	18,96
verbo sem prefixo	45,06	65,74	60,67	72,26	60,41
<i>soma</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

As duas categorias de verbos semanticamente enriquecidos aparecem com maior frequência no texto literário de Goethe. O discurso de aula usa os dois tipos, mas não com a mesma frequência. O texto escrito técnico-científico privilegia os verbos prefixados sintéticos, onde o discurso informal mostra uma nítida preferência pelo verbo bipolar analítico.

O tipo de verbo finito (verbo de ligação, modal e auxiliar) complementa os resultados acima. Novamente, a categoria não-marcada, o verbo simples, completa a tabela. A frequência destes tipos está relacionada com os tipos de VK mais frequentes, abaixo levantados: por exemplo, verbos auxiliares abrem VK gramaticais.

Tipo do verbo finito (%):	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
verbo de ligação	8,33	16,83	11,87	13,58	12,65
modal	11,11	14,85	9,71	23,99	14,91
auxiliar	22,22	13,86	19,78	12,71	17,14
simples	59,34	54,46	58,64	49,72	55,30
<i>soma</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Chama-nos a atenção o fato de que Goethe usa poucas construções de verbos de ligação e o uso maciço de verbos modais pelo professor do discurso de aula (veja o texto no anexo), devido aparentemente ao estilo pessoal dele e não ao tipo de texto.

Tempo verbal (%):	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
presente	31,16	73,68	74,84	89,01	67,17
<i>Perfekt</i>	3,90	3,51	12,42	8,96	7,2
<i>Präteritum</i>	49,35	18,42	12,09	1,16	20,26
mais-que-perfeito	14,29	3,51	0,65	0,29	4,68
futuro	1,30	0,88	0,00	0,58	0,69
<i>soma</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

A maior frequência do presente está no discurso de aula; a menor na narrativa literária, o que não surpreende. Também, conforme as expectativas baseadas em Weinrich (1964), que descreve o eixo *Präteritum* – mais-que-perfeito como o característico para narrativas, encontramos uma larga dominância destes dois em Goethe. O futuro sintático é raro nos quatro textos, sendo que ele não ocorre nenhuma vez no discurso oral informal. A voz passiva aparece bem mais no registro escrito.

<i>Genus Verbi</i> (%):	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
voz ativa	92,21	92,11	96,41	98,27	94,75
voz passiva	7,79	7,89	3,59	1,73	5,25
<i>soma</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Abaixo vemos a distribuição das VK mais frequentes. Os resultados não somam 100%, os restantes são distribuídos nos demais 14 tipos de VK. A antepenúltima linha da tabela mostra quanto por cento do total de VK é representado pelos sete tipos presentes na tabela.

VK mais frequentes (em % das VK completas):	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
junção relativa (c/ e s/ prep.)	32,81	14,49	7,25	11,27	16,46
junção consecutiva	14,06	14,49	7,73	7,51	10,95
junção condicional	6,25	2,90	12,08	5,20	6,61
VK cópula	3,13	20,29	13,04	8,09	11,14
VK modal	10,94	15,94	10,14	18,49	13,88
VK <i>Perfekt</i>	0,00	4,35	17,39	5,49	6,81
verbo bipolar	1,56	5,80	12,56	4,05	5,99
<i>soma em % de todas VK</i>	68,75	78,26	80,19	60,1	71,84
outros tipos de VK	31,25	21,74	19,81	39,9	28,16
<i>soma</i>	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Estes dados estão relacionados com a distribuição dos verbos finitos, porém, agora a base é o número de VK completas (com pré- e pós-verbo) e não mais o número de verbos. Ao mesmo tempo, a caracterização de VK de junção traz critérios semânticos. Assim, as junções consecutivas (com o juntor *daß* que é usado para frases complemento substantivas de objeto e sujeito) mostram a mesma frequência nos dois textos orais e escritos, respectivamente. Porém, ela é duas vezes mais usada no canal escrito. A junção condicional (com *wenn* ou *falls* para frases de complemento adverbiais) é muito mais frequente no exemplo da entrevista de TV, que também tem o maior número de VK de perfeito. O primeiro resultado pode estar relacionado ao tema da entrevista que talvez instigue conjecturas, o segundo, porém, é novamente previsto por Weinrich (1964), pois o *Perfekt* está ligado à discussão de informação do passado.

Por último, temos aqui o número e tamanho das exclusões das VK, ou seja, da colocação de elementos no campo posterior em casos de VK completas, para antecipar o pós-verbo.

	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
exclusões (em % das VK completas)	0,00	10,14	13,04	9,54	8,18
média palavras excluídas	0,00	7,75	2,27	2,87	3,22

Como vemos, conforme as críticas proferidas contra o estilo antigo, Goethe não usa o recurso da exclusão para evitar que o elemento verbal em posição  $V_{final}$  fique muito distante, por exemplo, no caso de junções relativas dentro do campo interno. Nos outros três exemplos, o uso da exclusão é mais ou menos igualmente distribuído, com um pequeno aumento no registro oral informal. O número de elementos excluídos no canal oral é aproximadamente igual, enquanto no texto técnico-

científico aparentemente este recurso é utilizado para evitar campos internos muito longos, pois, como vimos, este exemplo já mostrou o maior número de palavras dentro do campo interno.

Outros critérios levantados foram a distribuição entre 1ª, 2ª e 3ª pessoa, singular e plural no verbo finito, ou a distribuição de valência do verbo principal em si e em relação ao tipo de VK; porém, com o número limitado de exemplos, não foi possível indicar determinadas tendências. Uma correlação nítida, porém esperada, existe entre a valência do verbo principal da VK e o número de palavras / grupos lógicos no campo interno da VK que aumenta proporcionalmente com o número de vagas para actantes estabelecido pela valência do verbo principal.

Resumindo, há indícios interessantes que merecem ser citados aqui. Principalmente, eles justificariam pesquisas quantitativas mais aprofundadas sobre a VK para averiguar certos aspectos também na área empírica.

### **III.2 Funções sintáticas da *Verbalklammer***

Como foi comentado ao longo da revisão das gramáticas de referência, nenhuma das publicações dá à *Verbalklammer* o seu devido peso na descrição da sintaxe do alemão. Por outro lado, nenhum autor consegue omitir esta estrutura, e, com um nome ou outro (*Klammer*, *Verbklammer*, *Satzklammer*, *Satzrahmen*), ela sempre aparece de maneira direta ou, às vezes, indireta: seja na descrição dos campos topológicos da frase ou da serialização dos elementos na frase, seja na seção sobre o complexo verbal. Às vezes, ela é diretamente abordada de maneira muito rápida apenas, em pouco mais de um parágrafo, como na *Duden-Grammatik* (cf. capítulo II.1.1), às vezes, descrita extensivamente, como nas publicações de Harald Weinrich (veja II.3.3). Porém, mesmo Weinrich não descreve todos os aspectos da *Verbalklammer*, embora a sua contribuição seja fundamental para este trabalho.

Algumas gramáticas declaram de forma explícita que ela forma a base da frase em alemão (por exemplo, Engel e Eisenberg), mas depois não conseguem elaborar em que sentido ela exerce este papel básico, porque ficam presos a tradições descritivas conservadoras e conceitos ou premissas que impedem a descrição mais certa e completa desta estrutura. Por exemplo, não incluem as frases tradicionalmente chamadas de subordinadas na descrição da *Klammer*. Em quase todas as descrições há erros, mais ou menos graves e freqüentes, muitas vezes decorrentes de generalizações precipitadas a partir de exemplos isolados do seu contexto, porque os autores

normalmente chegam a definir-se por um contexto neutro, enquanto, muitas vezes, há contextos funcionais que podem justificar uma variante que seria considerada agramatical no contexto padrão, não-marcado. Nenhuma das publicações revisadas é completa na sua descrição do fenômeno. Neste sentido, uma das propostas deste trabalho foi expandir a visão sobre o assunto, através da comparação de abordagens bastante diferentes em termos de enfoque descritivo e embasamento teórico.

Contudo, também o presente trabalho não pode ser completo, pois o tema é muito amplo, tem muitas ramificações e conseqüências. Antes de mais nada, no entanto, pode ajudar a focalizar melhor o fenômeno e acrescentar alguns pontos de vista novos, continuando caminhos por vezes já apontados ou até iniciados por outros autores, que acabaram não seguidos ou não finalizados, por diferentes motivos. Em muitos casos, foram necessários apenas passos relativamente pequenos para ir significativamente para além dos trabalhos existentes, nos quais este estudo apóia-se sempre que possível. Porém, muitas vezes, são passos decisivos. O resultado e a soma de vários passos dados neste sentido pode ser uma visão mais ampla e coerente da *Verbalklammer* e uma descrição mais clara e explícita das funções básicas desta estrutura tão típica quanto básica para o alemão.

As funções da *Verbalklammer* incluem na área da sintaxe:

- **Formar o eixo sintático de todas as orações da língua alemã**
- **Constituir os campos topológicos dos três tipos de frases**
- **Integrar várias frases em junções (múltiplas)**
- **Fornecer opções de topicalização**
- **Contribuir para a integração textual / discursiva**

Uma descrição mais consciente das funções sintáticas da VK é imprescindível também para se poder desenvolver livros didáticos do alemão como língua estrangeira mais adequados. Muitas funções importantes, na área da pragmática, da psicolinguística ou da análise de discurso nem podem ser tematizadas neste trabalho.

### III.2.1 A *Verbalklammer* como eixo sintático da oração em alemão

Em todas as orações da língua alemã, existe uma VK, mesmo nos 20 a 50% de frases (dependendo do tipo de texto) onde não há uma estrutura verbal descontínua explícita, ou seja, em frases com





- (2a) **Haben** Sie da kein schlechtes Gewissen  $\emptyset$ ?  
 Têm Elas lá nenhuma má consciência  
 "Aí, a Sra. não tem uma consciência pesada?"
- (2b) Paar Sachen **hab'** ich schon **angesprochen**.  
 Par coisas tenho eu já abordado  
 "Algumas coisas já abordei."
- (2c) **Kommt** noch was **dazu**?  
 Vem ainda algo junto  
 "Há mais alguma coisa?"
- (2d) Ach, **was** noch **dazukommt**?  
 Ah, o-que ainda junto-vem  
 "Ah, o que mais tem?"

As quatro frases acima são oriundas de um entrevista de televisão, onde ocorrem exatamente nesta seqüência. As frases (2b), (2c) e (2d) acima mostram os tipos básicos de VK completas, com pré- e pós-verbo presentes (em negrito), em frases  $V_{\text{inicial}}$  (2c),  $V_2$  (2b), e  $V_{\text{final}}$  (2d). Em (2a) vemos uma VK com  $V_{\text{inicial}}$  onde o pós-verbo é  $\emptyset$ . Mas esta posição virtual torna-se ativa imediatamente ao elaborar essa frase com verbos modais ou auxiliares, em junções operadas por elementos de conexão que passam a reger o verbo finito e colocam-no na posição  $V_{\text{final}}$  ou no momento de preencher o campo posterior ou o campo externo direito (2f), onde  $\emptyset$  exerce a função de delimitar o campo interno:

- (2e) **Haben** Sie da kein schlechtes Gewissen **gehabt**?  
 Têm Elas lá nenhuma má consciência tido  
 "Aí, a Sra. não teve a consciência pesada?"
- (2f) **Haben** Sie da kein schlechtes Gewissen  $\emptyset$  wegen der Kinder?  
 Têm Elas lá nenhuma má consciência por-cause das crianças  
 "Aí, a Sra. não tem a consciência pesada por causa das crianças?"

Os exemplos (3a) e (3b), extraídos de um texto jornalístico escrito, mostram um pós-verbo  $\emptyset$  em frase  $V_2$  (3a) e um pré-verbo  $\emptyset$  em frase  $V_{\text{final}}$  (3b).

- (3a) Schon jetzt **habe** man damit einige Schwierigkeiten  $\emptyset$ .  
 Já agora teria se lá-com algumas dificuldades  
 "Já agora ter-se-ia algumas dificuldades com isso."
- (3b) Bock hofft dennoch,  $\emptyset$  der wachsenden Nachfrage **gerecht zu werden**.  
 Bock espera apesar-disso a(dat) crescente procura justo (inf) tornar-se  
 "Bock espera, apesar disso, satisfazer a crescente procura."

Para (3a) vale o mesmo que para (2a): o pós-verbo virtual pode entrar em ação facilmente, com transformações da frase que criem um grupo verbal analítico, por exemplo, com um verbo auxiliar ou modal. Em (3b), o pré-verbo  $\emptyset$  exerce a sua função de delimitar os campos topológicos, separar o campo anterior do campo interno, neste caso. Como a análise detalhada de Zifonun et al. das IK mostrou (veja acima, capítulo II.1.8.8), estas construções com infinitivo + *zu* são casos especiais de frases complemento ou suplemento. Por isso, como nas demais frases  $V_{\text{final}}$ , elas precisam de um pré-verbo para abri-las e delimitá-las em relação aos elementos adjacentes à sua esquerda. A função de delimitador de campos topológicos fica mais visível ainda em frases onde a construção infinitiva ocupa o campo anterior. Neste momento, o pré-verbo  $\emptyset$  funciona como sinal importante para o processamento da junção (veja detalhes sobre a função de integrar junções mais adiante), e, entre outras coisas, ele forma a fronteira esquerda do campo anterior, separando-o do campo externo esquerdo que abriga a partícula interativa *ja* (sim) em (3c):

- (3c) Ja,  $\emptyset$  hier zu **liegen**, ist wirklich schön.  
 Sim aqui (inf) ficar-deitado é realmente bonito  
 "Sim, ficar deitado aqui é realmente bonito."

Como já foi apontado anteriormente (veja capítulos II.1.3.2, II.1.3.6 e II.1.8.10), a função de delimitador de campo do pré- ou pós-verbo  $\emptyset$  é clara. Ela é facilmente comprovada através de testes de permutação da ordem dos elementos, onde qualquer desrespeito do limite marcado pelo pré- ou pós-verbo  $\emptyset$  entre campos resulta imediatamente em frases agramaticais ou com significado diferente. Isso ocorre no exemplo abaixo.

- (3d) \* $\emptyset$  hier ja zu liegen, ist wirklich schön.  
 Aqui sim (inf) ficar-deitado é realmente bonito  
 "Aqui sim, ficar deitado é realmente bonito."
- (3e) \* $\emptyset$  hier zu ja liegen, ist wirklich schön.  
 aqui (inf) sim ficar-deitado é realmente bonito  
 ?"Aqui ficar sim deitado é realmente bonito."
- (3f) \* $\emptyset$  hier zu liegen ja, ist wirklich schön.  
 aqui (inf) ficar-deitado sim é realmente bonito  
 "Aqui ficar deitado sim é realmente bonito."

Com apenas estes poucos exemplos, já esgotamos os três tipos de frases em alemão e também todas as possibilidades de VK, completas ou virtuais. Em outras palavras, vê-se que a VK forma o eixo sintático de *todas as orações* da língua alemã. Como foi colocado no início deste capítulo, muitas vezes, faltou um passo relativamente pequeno para além das descrições existentes mais elaboradas. No caso concreto, a *IdS-Grammatik*, com sua análise profunda das construções

infinitivas e das ocupações possíveis dos campos topológicos (principalmente do campo anterior), ajudou muito para se poder englobar todas as orações no modelo unificado de frase deste trabalho no esquema (5) adiante, no sentido de fundamentar a justificativa de pré-verbos  $\emptyset$ , em frases como (3c), com complementos infinitivos. Para pós-verbos  $\emptyset$ , já Weinrich, Engel ou Eisenreich tinham preparado o campo. Nenhum dos trabalhos anteriores, porém, chega a dar o passo importante de descrever a função de delimitação entre os três (ou cinco) campos topológicos das frases em alemão. Assim, também ocorre com Zifonun et al., cuja análise minuciosa do campo anterior e posterior teria ganho mais ainda com a introdução desta função nítida de delimitação de campos da VK. Mais importante ainda, nenhum trabalho anterior chega à conclusão de que todas as frases do alemão podem ser descritas com um mesmo modelo topológico, como vemos na próxima seção.

### III.2.2 A constituição dos campos topológicos pela VK nos três tipos de frases do alemão

A primeira função sintática da VK, de constituir o eixo sintático de todas as frases, acima descrita, leva de maneira orgânica à segunda, sendo o elo a delimitação de campos topológicos pela VK, já mostrada para justificar a existência de pré- e pós-verbos  $\emptyset$ . Além disso, este trabalho defende que a VK, presente em cada frase, é constitutiva da definição e delimitação dos campos topológicos em alemão. Para vários autores, a VK define ao menos o campo interno da frase  $V_2$ , porém nem mesmo neste ponto, literalmente mais central, há unanimidade. A *Akademie-Grammatik*, entre outras, conta o pós-verbo como parte do *Satzfeld* (campo da frase), como ela denomina o campo interno (que nem chega a ser interno, por causa desta diferença).

Mas, além do campo interno, a VK também define os campos anterior e posterior, e, em decorrência, também os campos externos da direita e esquerda. Isso porque, na dúvida, a linha entre o campo externo e o anterior / posterior é traçada ao tentar colocar os elementos dos campos externos nos campos internos, o que não é possível, como apontam por exemplo Zifonun et al. e como foi mostrado anteriormente aqui. Em muitos casos, quando o campo anterior / posterior estiver, por sua vez, ocupado por uma VK, o seu pré- ou pós-verbo delimitam de maneira confiável a fronteira com os campos externos. Como já foi apontado antes (por exemplo, em II.1.6.3, II.1.6.5 ou II.1.8.11) e será retomado na próxima seção, o campo anterior serve a vários propósitos importantes na frase, entre eles a tematização, a topicalização e a ênfase de elementos, sempre em

colaboração com outros fatores. Além disso, ele interfere com a distribuição dos elementos nos demais campos topológicos.

Como foi mostrado, Zifonun et al. diferenciam entre unidades comunicativas mínimas (KM) e frases, sendo que a "frase completa" deve satisfazer as duas condições: ser frase (= ter um verbo) e KM (= ser um enunciado independente) ao mesmo tempo. Neste caso (segundo Zifonun et al.), frases chamadas de subordinadas, quando ocorrem sozinhas, poderiam eventualmente ser descritas como KM em alguns casos excepcionais (veja capítulo II.1.8.1, acima), mas normalmente não são consideradas frases completas. Este trabalho, com uma orientação teórica no sentido da gramática funcional e textual, opta por descrever todas as frases como frases potencialmente completas, que tenham ao menos uma VK. Esta decisão leva em consideração o fato de que sempre existe um contexto que permite que uma frase "subordinada" e "dependente" seja enunciada sozinha. Em vez de declarar estas frases como exceção (solução de Zifonun et al.) ou elípticas, este trabalho considera todas as frases com uma VK como frases potencialmente completas por causa da sua integração textual / discursiva. O fato de basear-se em um co- e contexto vale para todas as frases. Parece pouco natural erguer uma descrição sintática a partir de uma situação artificial, de tirar uma frase de seu contexto, e declarar que ela só será uma frase se ela resistir a esta operação.

Além desta consideração e do fato de ser coerente com a constatação na seção anterior, que há uma VK em todos os tipos de frase, esta decisão é baseada no fato de que em todas as frases, a VK abre os três campos topológicos básicos: campo anterior, interno e posterior. Os campos externos são definidos em decorrência dos campos anterior e posterior. Isso não é válido apenas para frases  $V_2$ , como os autores que trabalham mais com a VK afirmam, mas sim igualmente para frases chamadas de  $V_{inicial}$  e também para as frases complemento e suplemento, com posição  $V_{final}$ . Assim, **todas** as frases do alemão podem ser descritas pelo seguinte modelo geral, unificado:

(4)

c. ext. esquerdo	c. anterior	<b>pré- verbo</b>	c. interno	<b>pós- verbo</b>	c. posterior	c. ext. direito
------------------	-------------	-----------------------	------------	-----------------------	--------------	-----------------

Ou seja, frases  $V_{inicial}$  também possuem um campo anterior, que é obrigatoriamente  $\emptyset$ , justamente para marcar que o próprio verbo finito, o pré-verbo, que normalmente delimita o campo de topicalização / ênfase, pela falta de um elemento por ele topicalizado, está em posição de topicalização (veja a próxima seção para mais detalhes sobre aspectos de topicalização da VK). Esta visão é reforçada pela simples constatação de que frases descritas como  $V_{inicial}$  podem muito

bem ter e muitas vezes mostram um campo externo esquerdo. Portanto, a característica deste tipo de frase, que corresponde às funções pragmáticas de interrogativas objetivas e imperativas, não é que o verbo esteja na posição inicial, e sim que o campo anterior seja  $\emptyset$ .

Frases  $V_{\text{final}}$  dispõem igualmente de campo anterior e posterior, como facilmente podemos observar. Quando uma frase complemento ocupa o campo anterior de uma outra frase, seu campo anterior é  $\emptyset$ , para indicar que ela mesma está sendo topicalizada em sua totalidade pela VK textualmente ativa que a segue. As modalidades exatas de ocupação e compartilhamento de campos no momento da integração de múltiplas VK em junções são descritas um pouco mais adiante, na próxima seção deste capítulo. No momento, o mais importante é constatar que todos os três tipos de frase sempre têm uma VK que sempre constitui os seus três campos fundamentais. Assim, o quadro de tipos de frases do alemão de Zifonun et al. [citada em II.1.8.10, acima, como exemplo (75)] precisa ser modificado para a seguinte versão completa:

(5)

	c. ext. esq.	c. anterior	pré- verbo	c. interno	pós- verbo	c. posterior	c. ext. dir.
V-2	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
V-1	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
V-L	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

No quadro (5) acima, linhas pontilhadas significam que um campo pode ou não ser preenchido. A linha contínua mostra campos que são obrigatórios, um elemento zero entre parênteses ( $\emptyset$ ) significa que uma posição pode ser ocupada por um elemento zero. Desta maneira, contrário ao esquema de Zifonun et al., aqui todos os pré- e pós-verbos são posições obrigatórias (como a linha contínua mostra), porém, eles podem ser ocupados por um elemento  $\emptyset$ , que servirá no mínimo como delimitador do(s) campo(s) e separador do(s) campo(s) adjacente(s). Esta situação ocorre com o pós-verbo das frases  $V_2$  e  $V_{\text{inicial}}$  e com o pré-verbo das frases  $V_{\text{final}}$ . O campo anterior das frases  $V_{\text{inicial}}$  é obrigatório, e obrigatoriamente ocupado por  $\emptyset$ . Os demais campos são facultativos.

Assim, são possíveis frases como as seguintes, que, em determinado contexto, seriam a única maneira de expressar o seu conteúdo específico:

- |      | c. ext. esq.  | c. anterior | pré-<br>verbo | c. interno          | pós-<br>verbo | c. posterior   | c. ext. dir.  |
|------|---|-------------|---------------|---------------------|---------------|----------------|---------------|
| (6a) | Frau Lau,   | Ø           | <b>kommen</b> | Sie bitte           | <b>herein</b> | zu mir,        | meine Liebe.  |
|      | Sra. Lau,   |             | venham        | Elas por-favor      | a-dentro      | a mim          | minha querida |
|      | <i>"Sra. Lau, venha por favor entre aqui, para cá, minha querida."</i>        |             |               |                     |               |                |               |
| (6b) | Na ja,  | doch        | <b>weil</b>   | er am Samstag krank | <b>war</b> ,  | bei der Probe, | der Paul.     |
|      | Pois sim,   | (part)      | porque        | ele no sábado       | doente era    | em o ensaio    | o Paul        |
|      | <i>"Pois então, é porque ele estava doente no sábado, no ensaio, o Paul."</i> |             |               |                     |               |                |               |

As frases (6a) e (6b) mostram todos os campos de frases  $V_{inicial}$  e  $V_{final}$  preenchidos, seguindo as regras expostas em (5). O fato de que frases  $V_{final}$  com os dois campos externos e o campo anterior e posterior preenchidos como (6b) sejam relativamente raras, não pode levar a uma descrição reduzida demais que acaba ocultando o princípio de regularidade sintática subjacente a todas as frases possíveis. Principalmente a ocupação do campo anterior em (6b) – uma frase  $V_{final}$  – é uma exceção, normalmente ele estaria ocupado por Ø, ou por uma outra VK. Lembramos que a condição para a ocupação do campo anterior e posterior é que o seu conteúdo deve poder entrar no campo interno. Em frases  $V_{final}$ , esta situação é possível para poucos elementos apenas, exceto a integração de várias frases em junções (tratada logo adiante), onde o campo anterior das frases  $V_{final}$  está em uso freqüentemente. Mas a partícula *doch* em (6b) preenche as condições necessárias: ela pode entrar no campo interno com o mesmo significado. Assim, em (6b), ela ocupa o campo anterior, apesar do fato de que partículas normalmente não entrem no VF. O contexto onde esta frase ocorrerá com naturalidade seria como resposta a uma pergunta do tipo: *"Erklär' mir bitte, warum wir wegen dem Paul schon wieder einen Extratermin machen müssen?"* (Por favor, explique-me porque nós precisamos marcar um encontro adicional por causa do Paul, outra vez?)

Depois de verificar que todas as frases possíveis podem ser descritas pelo modelo acima exposto, a discussão se o alemão é uma língua  $V_2$  ou  $V_{final}$  parece totalmente secundária, ou até desnecessária e desapropriada, pois, como vemos nitidamente, a característica do alemão não é uma ou outra posição do verbo finito. O central é ter uma VK que abre três ou cinco campos topológicos, um no seu centro e dois a cada lado. A questão interessante é muito mais a de saber que elementos podem ocupar quais posições em que situações comunicativas. Para isso, Zifonun et al. dão detalhes importantes em suas descrições minuciosas de um grande número de exemplos diferentes. A discussão classificatória, porém, deveria tomar como base a regularidade subjacente a todas as frases da língua alemã e, portanto, seguir o modelo proposto por este trabalho, resumido no esquema (5) acima.

### III.2.3 A integração de várias frases em junções (múltiplas) pela VK

Este trabalho apóia-se em Weinrich (1982, 1986, 1993) em muitos pontos importantes, também na sua teoria da junção como instrumento sintático para conectar e agregar informações a uma base. A junção é um conceito mais amplo para a descrição da integração de diferentes elementos sintáticos na mesma frase. Weinrich inclui no conceito teórico da junção, antes de mais nada, a força de conexão inerente ao verbo em si, que agrega os seus complementos diretos e indiretos através da sua valência. Depois, há junções preposicionais onde o juntor (obrigatório ou facultativo) conecta complementos ou suplementos. Finalmente, Weinrich descreve a junção pela *Verbalklammer*, onde a conexão se dá através da integração de duas (ou mais) VK. Comparando os três tipos de junção, podemos constatar que a VK pode substituir o primeiro tipo de junção. Elementos com função de complemento obrigatório do verbo, normalmente presentes na frase em codificação nominal, podem ser codificados verbalmente, através de uma frase complemento, na prática em uma junção de VK, como mostram os exemplos (7) abaixo.

- (7a) Wichtig ist das Putzen der Zähne nach jeder Mahlzeit.  
*"Importante é o escovar os dentes após cada refeição."*
- (7b) Es ist wichtig, Ø nach jeder Mahlzeit die Zähne zu putzen.  
Isso é importante após cada refeição os dentes (inf) escovar  
*"É importante escovar os dentes após cada refeição."*
- (7c) Er befahl ihm ein ab sofort pünktlicheres Kommen.  
Ele ordenou lhe um a-partir já pontual-(comparativo) vir  
*"Ele ordenou-lhe uma vinda mais pontual a partir de agora."*
- (7d) Er befahl ihm, ab sofort pünktlicher zu kommen.  
Ele ordenou lhe a-partir já pontualmente-(comparativo) (inf) vir  
*"Ele ordenou-lhe que viesse mais pontualmente a partir de agora."*
- (7e) Ich verstehe den Grund deiner Furcht nicht.  
Eu entendo a causa teu(gen) medo não  
*"Eu não entendo a causa do teu medo."*
- (7f) Ich verstehe nicht, warum du dich fürchtest.  
Eu entendo não porque tu te amedrontas  
*"Eu não entendo porque tu tens medo."*
- (7g) Gestern sagte mir Peter seine Meinung über das Bild.  
Ontem disse mim Peter sua opinião sobre o quadro  
*"Ontem, Peter disse-me sua opinião sobre o quadro."*



- (7h) Gestern sagte mir Peter, daß er das Bild phantastisch findet.  
 Ontem disse mim Peter que ele o quadro fantástico acha  
 "Ontem, Peter disse-me que ele acha o quadro fantástico."

O exemplo (7a) mostra a codificação nominal do sujeito da frase. Em (7b) temos sua codificação verbal, em frase complemento com construção infinitiva. Em termos de topicalização e ênfase, as duas frases são mais ou menos equivalentes. A nominalização do verbo *putzen* em função de sujeito e a subsequente integração do seu suplemento preposicional em (7a) marca uma diferença de registro / tipo de texto. A mesma analogia existe entre as frases (7c) / (7d) e (7e) / (7f). A marcação de registro formal / tipo de texto ocorre em (7c) e (7e), com a nominalização do verbo *kommen* (vir) e *sich fürchten* (amedrontar-se), que exercem a função de objeto direto acusativo do verbo *befehlen* (ordenar) e *verstehen* (entender). Em (7d) ainda vemos a subsequente integração dos suplementos em forma de atributiva, dentro do mesmo grupo nominal. Ao contrário disso, a codificação nominal (7g) do complemento (objeto direto acusativo) de *sagen* não é capaz de reproduzir todos os aspectos codificados verbalmente em (7h). A frase (7g) é uma abstração de (7h). No máximo, (7g) pode incluir um atributo para definir o tipo de opinião.

A VK como instrumento de junção de suplementos, codificados verbalmente em frases adverbiais, por sua vez, pode ser substituída na maioria dos casos por uma junção preposicional, onde o suplemento encontra uma codificação nominal adaptada, conforme mostra a série de exemplos (8). Em alguns casos, também frases complemento podem ser reproduzidas por complementos preposicionais, como em (8a):

- (8a) Er fragte mich, wann unser Zug abfährt.  
 Ele perguntou me quando nosso trem parte  
 "Ele me perguntou quando nosso trem partirá."
- (8b) Er fragte mich nach der Abfahrtszeit unseres Zuges.  
 Ele perguntou me após o partida-tempo nosso(gen) trem  
 "Ele me perguntou pelo horário de partida do nosso trem."
- (8c) Er kam nicht zum Unterricht, weil er krank war.  
 Ele veio não à aula porque ele doente era  
 "Ele não veio à aula porque estava doente."
- (8d) Er kam nicht zum Unterricht wegen seiner Krankheit.  
 Ele veio não à aula por-causa sua doença  
 "Ele não veio à aula por causa da sua doença."
- (8e) Obwohl sie keine Lust hatte, ging sie mit ins Kino.  
 Embora ela nenhuma vontade tinha foi ela junto ao cinema  
 "Embora não tivesse vontade, ela foi junto ao cinema."

- (8f) Trotz ihrer Unlust ging sie mit ins Kino.  
Apesar sua (neg)vontade foi ela junto ao cinema  
*"Apesar de sua falta de vontade, ela foi junto ao cinema."*
- (8g) Wenn wir uns 20 Minuten verspäten, könnt ihr schon vorausgehen.  
Se nós nos 20 minutos atrasamos podéis vós já em-frente-ir  
*"Se nós nos atrasarmos mais do que 20 minutos, vocês já poderão ir em frente."*
- (8h) Bei einer Verspätung von 20 Minuten unsererseits könnt ihr schon vorausgehen.  
A um atraso de 20 minutos nossa(gen)parte podéis vós já em-frente-ir  
*"Com um atraso nosso de 20 minutos, vocês já poderão ir em frente."*

Em todos os exemplos acima, a codificação nominal marca uma diferença no registro e reproduz de maneira mais ou menos fiel ou abstrata as informações mais detalhadas da codificação verbal equivalente. A lista de frases adverbiais reproduzidas por suplementos preposicionais poderia ser ainda bastante continuada, com os vários tipos semânticos de frases adverbiais. Porém, o importante aqui é apenas mostrar o paralelismo funcional básico entre os dois tipos de junção. Cada uma destas formas de codificação tem suas vantagens ou desvantagens. A junção preposicional contribui para uma maior nominalização e densidade de informação, o que é uma das características do registro escrito ou falado mais formal. A codificação da mesma informação através de uma VK de junção tem uma tendência ao oral e ao menos formal, pois ela aumenta a redundância pela presença explícita dos complementos do verbo da VK conectada, enquanto a nominalização e junção preposicional os explicita menos e pode resultar em uma força dêitica menor. Dependendo das exigências comunicativas e pragmáticas do contexto, a variante mais adequada é utilizada.

Por último, a maioria das frases chamadas de "subordinadas" relativas também pode ser integrada no primeiro tipo de junção, a conexão direta, no caso das frases atributivas, usando-se uma codificação nominal onde o verbo da frase atributiva é transformado em participio:

- (9a) Das Buch, das wir vor einer Woche bei Ihnen bestellt haben, ist ...  
O livro que nós antes uma semana com Elas encomendado temos é  
*"O livro que encomendamos com os Srs. há uma semana é..."*
- (9b) Das von uns vor einer Woche bei Ihnen bestellte Buch ist ...  
O de nós antes uma semana com Elas encomendado livro é  
*"O livro por nós encomendado com os Srs. há uma semana é ..."*

As chamadas frases relativas livres (com juntor relativo em w-) em função de complemento também podem ser inseridas num atributo participial extenso (*erweitertes Partizipialattribut*):

- (9c) Was er mir gestern gesagt hat, ist enorm wichtig.  
 O-que ele mim ontem dito tem é enormemente importante  
 "O que ele me disse ontem é enormemente importante."
- (9d) Das mir gestern von ihm Gesagte ist enorm wichtig.  
 O mim ontem de ele dito é enormemente importante  
 "O a mim ontem por ele dito é enormemente importante."

Em resumo, e analisando-se todas as frases acima sob o ângulo funcional, constata-se, então, que o termo junção de Weinrich engloba os diferentes graus de integração sintática de informação e, por isso, parece ser mais adequado do que a análise de outros autores que opera com conceitos diferentes, isolados e mais restritos para as mesmas relações sintáticas, no caso da integração de VK aqui tratada, com o conceito discutível de subordinação sintática e lógica.

De fato, esta divisão corriqueira entre oração principal e subordinada, pela sua rigidez, limita muito uma descrição mais adequada da integração sintática de informação em frases complexas. Subordinação é uma categoria que abrange vários tipos de relações lógicas. No caso do alemão, todas as frases chamadas de "subordinadas" mostram principalmente uma propriedade formal bastante marcante em comum: o verbo finito está na posição final e elas sempre são separadas da chamada oração "principal" por uma vírgula. A exceção desta regra são as chamadas "subordinadas não-introduzidas", que preservam a posição de  $V_2$  e são marcadas como "dependentes" apenas pela vírgula e pela conexão semântica. O conceito de subordinação do alemão inclui fenômenos que em português, entre outras línguas, nem são consideradas como tal, e sim como meros complementos da frase, dentro de uma mesma oração. Isso reforça a posição de que é no mínimo questionável a descrição desta relação como subordinação, somente com apoio de critérios formais como a posição final do verbo e a vírgula que separa o complemento. A mesma relação lógica de uma subordinada com "daß" em alemão é vista "apenas" como um dos possíveis complementos em português. Isso nos leva a um dos tipos lógicos citados – a subordinada objeto – como em:

- (10a) Er hat gesagt, daß er nicht kommt.  
 Ele tem dito que ele não vem  
 "Ele disse que não vem."

Neste caso, o objeto direto do verbo *sagen* seria o conteúdo da subordinada, ou seja, ela preencheria a função de complemento deste verbo. Pela prova de substituição esta análise de ver a subordinada como constituinte da oração principal é apoiada claramente (O que ele disse? Ele disse que não vem). A prova de permutação também funciona:

- (10b) **Daß er nicht kommt**, hat er gesagt.  
Que ele não vem tem ele dito  
"Que ele não vem, ele disse."

Por outro lado, há a variante sintática (10c) que é sinônima em alemão:

- (10c) Er hat gesagt, **er kommt nicht**.  
Ele tem dito ele vem não  
"Ele disse, ele não vem."

Conseqüentemente, em (10c), a frase afirmativa  $V_2$  "*er kommt nicht*" é vista como uma subordinada (e chamada de não-introduzida), apesar do fato de não mostrar o marcador formal mais forte para a subordinada: o verbo na posição final. A base para declarar que a frase é subordinada, mesmo assim, está no fato de que ela preenche a posição de complemento acusativo do verbo *sagen*, na frase anterior. Por causa disso, o verbo *sagen* é visto como principal, e a frase formada por ele é chamada de oração principal. Na análise topológica da frase (10c), *er* ocupa o campo anterior, *hat - gesagt* forma a VK, o *Mittelfeld* (campo interno) está vazio, e a frase "*er kommt nicht*" está no campo posterior. Existe, porém, uma segunda maneira de analisar esta frase, ou seja, considerar a frase "*er kommt nicht*" como VK textualmente ativa e a frase "*er hat gesagt*" estaria no campo externo esquerdo dela, de maneira semelhante à frase (10d):

- (10d) Genau, er kommt nicht.  
Exato ele vem não  
"Exato, ele não vem."

Com isso, a frase "*er hat gesagt*" seria vista com uma função semelhante a uma frase adverbial como no exemplo (10e), que poderia ser a resposta a uma pergunta do tipo: "Como você sabe que ele não vem?".

- (10e) Weil er gesagt hat, **er kommt nicht**.  
Porque ele dito tem ele vem não  
"Porque ele disse, ele não vem."

- (10f) Weil er gesagt hat, **daß er nicht kommt**.  
Porque ele dito tem que ele não vem  
"Porque ele disse que ele não vem."

A mesma resposta poderia ser dada como em (10f), onde, na terminologia tradicional, não haveria nenhuma oração principal, apenas duas subordinadas, que teriam que ser interpretadas como seqüência analítica, onde se deveria pressupor uma oração principal omitida do tipo "*ich weiß es*" (eu sei isso) que precederia as duas "subordinadas".

- (10g) **Er kommt nicht**, hat er gesagt.  
Ele vem não tem ele dito  
"Ele não vem, ele disse."

Este exemplo, paralelo a (10b), novamente ilustra a dificuldade de se descrever a frase grifada como subordinada. Aparentemente, para a frase "*hat er gesagt*" caberia muito bem a condição de informação adicional no campo posterior da primeira. Em todos os exemplos acima – exceto (10d) – o verbo *sagen* tem o seu complemento numa oração à parte. Em outras palavras, a conexão entre as frases (junção, na terminologia de Weinrich) aparentemente deve-se à valência deste verbo, que rege um complemento acusativo. Agora, o fato de que a regência verbal seja condição necessária para a junção, ainda não implica automaticamente que aquela seja a condição suficiente para declarar uma determinada relação de subordinação.

A própria definição sintática de subordinação, pela posição do verbo finito, não parece consistente. Uma das condições para chamar uma oração de subordinada é o fato de que ela seria "dependente" e não poderia aparecer sozinha. Este critério parece ser circular. Olhando para (10b) fica claro o porquê. A frase "*daß er nicht kommt*" teria posição verbal de subordinada (posição final) e, por isso, não poderia ser usada sozinha. Primeiro, na hora de aparecer sozinha, sem a chamada oração principal "*er hat gesagt*" e a conjunção *daß*, necessária apenas para fazer a conexão, esta frase assumiria a ordem de elementos "normal" e correta para uma afirmativa: "*er kommt nicht*". Do mesmo jeito, "*hat er gesagt*" de (10b), sem o complemento em posição inicial, seria "*er hat gesagt*". Em outras palavras, a definição pelo critério formal da ordem de elementos / posição verbal parece ser circular, pois a frase mostra  $V_{\text{final}}$  porque é "subordinada", e é "subordinada" porque mostra  $V_{\text{final}}$ .

O critério da dependência também não parece satisfatório, de forma unilateral: na verdade, pela valência do verbo "*sagen*", é a seqüência "*er hat gesagt*" que não pode aparecer sozinha, pois o verbo exige um complemento acusativo, enquanto a seqüência "*er kommt nicht*" é totalmente gramatical, bem-formada e independente da chamada oração principal.

O segundo grupo de subordinadas com status de complemento são as subordinadas sujeito do tipo:

- (11) Was er sagt, bedeutet nichts für mich.  
"O que ele diz significa nada para mim."

Em termos semânticos, esta "subordinação" parece ser mais uma coordenação, a saber, das duas frases seguintes: "*Er sagt das*" e "*Das bedeutet nichts für mich*". O fato de que a primeira preenche

a posição de complemento nominativo (sujeito) para a segunda significaria que a segunda oração é dependente da primeira, invertendo totalmente a relação. Existe, sim, uma evidente dependência entre as duas partes do exemplo (11), onde nenhuma pode ficar sozinha desta forma, porém não parece haver "subordinação", e sim uma junção visível de duas frases, por si só independentes, interdependentes no momento em que se unem.

A "subordinada" também pode ter a função de um atributo nominal, as "subordinadas adjetivas", também chamadas de "subordinadas relativas".

- (12a) Da kommt das Auto, das mich überholt hat.  
Lá vem o carro, este me ultrapassado tem  
"Lá vem o carro que me ultrapassou."

Em alemão, as duas orações podem ser vistas como a soma de duas frases independentes: "*Da kommt das Auto. Das hat mich überholt.*" Não por acaso, o juntor relativo mostra dupla congruência de declinação: primeiro, com o caso exigido pelo verbo da oração relativa (nominativo, pois ele é sujeito da frase relativa), e depois, com o número e gênero da sua base na oração anterior que é determinada por ela (neutro singular). O exemplo (12b) mostra isso com mais clareza, numa situação onde o complemento relativo é inserido e o caso entre a base e o complemento diverge, em função da regência dos respectivos verbos.

- (12b) Den Mann, mit dem du gesprochen hast, kenne ich nicht.  
O(akk) homem com este tu falado tens conheço eu não  
"O homem com o qual falaste eu não conheço."

Aqui, o juntor relativo mostra a declinação de dativo – exigida pela preposição *mit*, por sua vez regida pelo verbo *sprechen* da frase relativa – e o masculino singular, para concordar com a sua base nominal (*Mann*). Novamente, poderíamos separar as duas orações para obter uma seqüência: "*Den Mann kenne ich nicht. Du hast mit dem gesprochen.*" Na primeira, o substantivo *Mann* está marcado como acusativo (objeto direto do verbo), na segunda como dativo, regido pela preposição *mit* que, por sua vez, é exigida pelo verbo *sprechen*. Porém, existe a congruência de número e gênero que permite a referência entre as duas. Como se vê, nenhuma das duas é logicamente dependente da outra. Quando a junção entre as duas acontece, o complemento segue a base, que é retomada anaforicamente pelo juntor relativo. Apoiado no contexto, porém, esta ordem pode ser invertida para: "*Du hast mit dem gesprochen. Den Mann kenne ich nicht.*" O aspecto dêitico forte do pronome demonstrativo *dem* é até reforçado pelo seu caráter catafórico nesta ordem dos enunciados.

Depois, temos "subordinadas" chamadas de adverbiais, introduzidas pelos juntores *weil*, *wenn*, *obwohl*, *nachdem*, etc., muitas vezes descritas e categorizadas com critérios semânticos como "subordinadas" causais, condicionais, concessivas, temporais, etc. Em todos estes casos, encontramos ambas as distribuições mostradas em (13a) e (13b):

(13a) Er kann nicht arbeiten, weil er krank ist.  
Ele pode não trabalhar por causa ele doente é  
*"Ele não pode trabalhar porque está doente."*

(13b) Weil er krank ist, kann er nicht arbeiten.  
Por causa ele doente é pode ele não trabalhar  
*"Por estar doente ele não pode trabalhar."*

(13c) Er kann nicht arbeiten, denn er ist krank.  
Ele pode não trabalhar pois ele é doente  
*"Ele não pode trabalhar, pois está doente."*

(13d) \*Denn er ist krank, kann er nicht arbeiten.  
Pois ele é doente pode ele não trabalhar  
*"Pois ele está doente ele não pode trabalhar,."*

Tanto a seqüência "*Er kann nicht arbeiten. Er ist krank.*", quanto "*Er ist krank. Er kann nicht arbeiten.*" são lógicas e reproduzem corretamente o mesmo conteúdo, com uma certa diferença apenas na ênfase da causa ou da conseqüência, dependendo das necessidades do contexto concreto. Portanto, não há uma dependência lógica de uma frase da outra que possa justificar a subordinação. Como já foi mostrado acima, os critérios formais da vírgula e da posição verbal no final são circulares. O exemplo (13c) expressa a mesma relação lógica com o uso da chamada "*Hauptsatzkonjunktion*" (conjunção de oração principal) *denn*. Ou seja, esta conjunção não exige a posição final do verbo, mas mostra o critério principal para se falar em oração principal: V<sub>2</sub>. Apesar disso, com esta conjunção, a ordem do exemplo (13b) de antecipar a causa não é possível, como mostra (13d). Isso sim seria um caso de falar em oração dependente, o que não acontece, e representa mais uma inconsistência deste modelo descritivo.

Por último, temos casos de "subordinação", onde complementos verbais infinitivos com *zu* também eram separados por vírgulas (agora opcionais) até a reforma ortográfica recente do alemão e mostram o verbo infinitivo em posição final:

(14a) Sie hat mir fest versprochen, morgen das Buch zu kaufen.  
Ela tem mim firmemente prometido amanhã o livro (inf) comprar  
*"Ela me prometeu firmemente comprar o livro amanhã."*

- (14b) Morgen das Buch zu kaufen, hat sie mir fest versprochen.  
Amanhã o livro (inf) comprar tem ela mim firmemente prometido  
*"Comprar o livro amanhã, ela me prometeu firmemente."*
- (14c) Sie hat mir fest versprochen, daß sie morgen das Buch kauft.  
Ela tem mim firmemente prometido que ela amanhã o livro compra  
*"Ela me prometeu firmemente que ela comprará o livro amanhã."*
- (14d) Sie hat mir den Kauf des Buches fest versprochen.  
Ela tem mim a compra do livro firmemente prometido  
*"Ela me prometeu a compra do livro firmemente."*
- (14e) Das Buch hat sie mir fest versprochen morgen zu kaufen.  
O livro tem ela mim firmemente prometido amanhã (inf) comprar  
*"O livro, ela firmemente me prometeu comprar amanhã."*

De (14a) a (14c), vemos que a oração "subordinada" nem é uma oração completa, no sentido tradicional, pois não há sujeito explícito e o verbo permanece sem conjugação de pessoa e número. Apenas temos o grupo verbal infinitivo, formado pelo verbo e seus complementos: o objeto direto acusativo, o objeto indireto dativo facultativo e o adjunto adverbial temporal. O sujeito do grupo infinitivo tem que ser reconstruído baseado no contexto. Apesar de ser mais raro, o grupo infinitivo pode ocorrer de forma livre como enunciado, e, como vemos em (14b), ao contrário de (13c), a inversão da ordem entre o determinador e a base da junção é possível. A variante (14c) mostra a mesma relação formulada como uma junção de duas frases, onde o sujeito correferencial *sie* (ela) é repetido nas duas, o que pode ser necessário para obter o efeito de ênfase desejado em alguns contextos. O exemplo (14d) mostra o mesmo conteúdo numa só frase, sendo que a informação da frase "subordinada" encontra-se agora de forma nominalizada conectada diretamente ao verbo, o que é facilitado pela junção genitiva (*Kauf des Buches*). Isso mostra mais uma vez que, em termos funcionais, a descrição da relação de "subordinação" pode ser substituída pelo conceito mais amplo de **junção** de Weinrich, que engloba todas as formas sintáticas possíveis de se conectarem informações.

As quatro formas podem ser utilizadas para a conexão tanto de elementos exigidos pela valência do verbo quanto de elementos livres (actantes ou circunstantes, pela terminologia de Tesnière, complementos e suplementos segundo Zifonun et al.):



- **junção verbal pela valência do verbo** (para conectar informação diretamente ao verbo)
- **junção genitiva** (para conectar informação ao grupo nominal)
- **junção preposicional** (para conectar informação ao grupo nominal ou ao verbo)
- **junção frasal entre VK** (para conectar informações de duas ou mais frases)

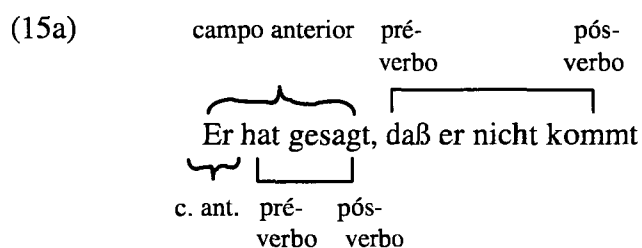
Por último, a variante possível (14e) mostra que a separação em duas frases rigorosamente separadas (principal e subordinada) da informação não é tão rígida quanto o conceito descritivo da subordinação entre frases poderia sugerir. O complemento acusativo da "frase subordinada" (*das Buch*) pode ocupar o campo anterior da "frase matriz", ultrapassando a barreira normalmente considerada insuperável entre as duas "frases".

Assim sendo, e sem querer julgar de forma definitiva a questão do valor do conceito sintático de subordinação em outros contextos, este trabalho prefere trabalhar com o conceito funcional de junção, baseado em Weinrich (1982, 1986 e 1993), por ser mais abrangente, mais neutro e mais consistente. A descrição de todas estas possibilidades de conexão de informação como junção salienta as possibilidades de se optar por uma ou outra variante, o que é importante para o ensino de alemão como língua estrangeira. Com esta ferramenta, pode-se analisar melhor, de maneira mais adequada e em detalhes, uma outra das funções sintáticas elementares da VK: a integração (múltipla) de frases em junções.

A junção aproveita a função de disponibilização de um campo de topicalização / tematização / ênfase principal, no campo anterior da frase pela VK. Weinrich menciona, conforme citado acima (capítulo I.1.4), que a VK exerce uma função constitutiva para o texto, e, por isso, deve ser descrita com destaque numa gramática textual. Contudo, ele se refere com isso apenas ao campo interior formado pelos dois elementos da VK. Ele não aborda a função importante do verbo de delimitar o campo anterior, de topicalização principal numa afirmativa com o pré-verbo na posição dois. O fato de que a regra da posição dois para o verbo finito seja tão forte em alemão (também em casos onde não há um pós-verbo explícito), aponta para a função de demarcar o campo de topicalização principal. Isso não significa que este campo não possa ser utilizado para outros fins, nem que não haja outras posições que possam exercer a função topicalizante. Como foi mostrado também, Weinrich utiliza o conceito de *Textklammer* (VK textual ou textualmente ativa), na hora de descrever a integração de vários tipos de VK (lexical, gramatical e VK de junção) **dentro da mesma frase**, estabelecendo uma hierarquia de integração entre elas. Este trabalho dá mais um passo lógico da aplicação do conceito de Weinrich: o conceito de *Textklammer* é usado num sentido mais amplo, pois a mesma VK textualmente ativa, que por dentro de sua frase pode

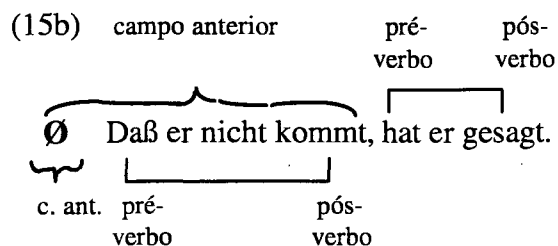
integrar outras VK, torna-se um instrumento de constituição textual com um sentido muito mais amplo do que o descrito por Weinrich, pela possibilidade de integrar outras VK em seu campo anterior ou posterior.

Nos exemplos de (7) a (9) e (14) acima, já se percebem as duas possibilidades de topicalização de junções com mais de uma VK. Repetindo o exemplo (10a) aqui como (15a), podemos analisar a sua estrutura na junção:



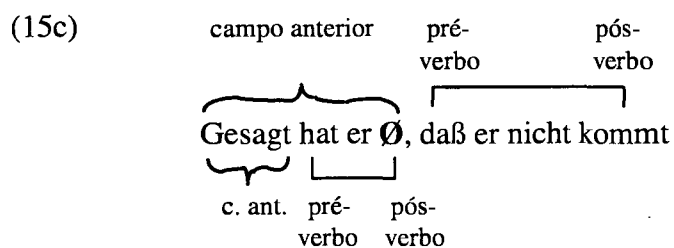
O exemplo (15a) é composto de duas VK. A análise deve seguir o fluxo natural linear do enunciado, isto é, a ordem cronológica de ocorrência sonora de seus elementos (tomando o canal oral como base), ou da esquerda para a direita (falando em termos do canal escrito). O sujeito *er* ocupa a posição 1 e deve, portanto, ser considerado o tópico / tema principal da oração gerada pela VK temporal *hat - gesagt*. O pós-verbo desta VK aparece antes do falante (autor) preencher todas as posições de actantes obrigatórios do verbo bivalente *sagen*, ou seja, antes de colocar o objeto direto acusativo (o que ele disse). O enunciado "*Er hat gesagt*" sozinho seria agramatical. Porém, o juntor *daß* aparece imediatamente depois do pós-verbo, abrindo uma nova VK e, com isso, a expectativa de que agora as exigências de valência do verbo *sagen* sejam cumpridas. Desta maneira, ocorre uma reanálise da estrutura de topicalização do enunciado todo, e, com o novo pré-verbo (*daß*), toda a primeira VK (*Er hat gesagt*) passa a ser interpretada como o tópico principal da segunda (*daß er nicht kommt*). No canal oral, marcadores prosódicos apóiam esta reanálise: nota-se a ausência da pausa final e da cadência descendente no tom da voz no pós-verbo *gesagt*. Pelo contrário, o tom da voz sobe no pós-verbo *gesagt*, para anunciar a continuação da frase. O mesmo não ocorre com outras ocupações do campo posterior. Isso é um sinal comunicativo que anuncia a junção de duas VK, com subsequente reinterpretação da estrutura de topicalização no conjunto. No canal escrito, o sinal equivalente é dado pela falta do ponto final, e a ocorrência imediata de um novo pré-verbo.

Vejamos agora a segunda possibilidade de junção das mesmas VK:



O enunciado (15b) é composto das mesmas duas VK (*hat - gesagt* e *daß - kommt*). Processando a seqüência, percebemos que o pré-verbo *daß* agora está na posição inicial. A ausência de conteúdo topicalizado por ele (a posição antes do pré-verbo *daß* em posição V<sub>2</sub> está vazia) indica que a própria VK *daß er nicht kommt* inteira está em posição de tópico principal de uma outra VK, que, desta maneira, já se anuncia muito antes de se chegar no seu pré-verbo *hat*.

Como variação de (15a), existe ainda uma terceira opção de topicalização deste mesmo conjunto:



Como se vê, agora o pós-verbo da VK *hat - gesagt* ocupa o lugar de topicalização máxima. Como ele teve de sair de sua posição final, deixando a função do pós-verbo nesta VK para o elemento ∅ e invertendo a seqüência dos dois elementos originais da VK que agora até passam a ficar em posição adjacente, torna-se evidente que, em (15c), trata-se de uma ênfase muito forte, no canal oral normalmente acompanhada por um forte acento no antigo pós-verbo antecipado, o elemento verbal infinito *gesagt*. Com a ocorrência do pré-verbo *daß*, novamente antes de satisfazer as exigências de valência do verbo *sagen*, toda a VK inicial passa a ser interpretada como tópico da VK seguinte (*daß er nicht kommt*), como já aconteceu em (15a).

Evidentemente, as três junções acima descritas satisfazem determinadas necessidades discursivas. Uma análise discursiva e pragmática completa teria que levar em consideração muitos outros dados, prosódicos, co- e contextuais, situacionais, culturais, etc. Porém, como o presente trabalho focaliza a estrutura sintática das VK, aqui bastam apenas algumas observações básicas sobre as variantes possíveis. Na próxima seção será dada mais ênfase à progressão de topicalização. A variante (15a) pode ser interpretada como a posição sintaticamente menos marcada. Em (15b), temos já uma topicalização do objeto direto do verbo *sagen*, com a função pragmática de enfatizá-lo, o que seria útil, por exemplo, para responder a um pedido de repetição, do tipo "Was hat er

*gesagt?*" (O que foi que ele disse?). A última variante, (15c), coloca um acento de ênfase contrastiva muito forte no verbo *sagen*. Como interpretações pragmáticas possíveis, teríamos que o enunciante quer insinuar que o falante referido (*er*) tinha mentido, ou que disse uma coisa, mas escreveu ou fez algo diferente, entre outras possíveis interpretações.

Como foi mostrado, em todos os casos temos uma estrutura verbal descontínua, que, através de seu pré-verbo, marca topicalização no campo inicial, tanto na reanálise de uma VK de junção inicial como elemento inicial da oração seguinte (15b), quanto na situação oposta, quando a VK de junção forma a VK textual principal da frase, com a "oração principal" inteira em posição de elemento inicial. Estendendo esta visão um pouco, podemos constatar que esta observação vale também para as interrogativas com elemento inicial em *W-* em alemão, como em (16) abaixo, onde o pronome interrogativo *Was* (o que) é topicalizado no campo anterior.

- (16) **Was hat** er denn eigentlich **gesagt**?  
Que tem ele pois no fundo dito?  
*"Então, o que ele disse, no fundo?"*

Ou seja, de certo modo, a posição do pré-verbo sempre é ocupada por um elemento juntor, conforme a abordagem de Weinrich, pela qual a função de aglomerar elementos sintáticos de verbos, conjunções e preposições pode ser comparada e descrita com o conceito mais amplo de junção. De certa forma, toda a abordagem da gramática de valências é baseada na função de juntor sintático do verbo que articula e aglomera determinados elementos com status de actantes ou circunstantes. O problema é que a abordagem de valências não faz a ligação com o aspecto topológico da posição verbal, neste caso, do pré-verbo.

Olhando-se novamente para três situações de verbos na posição inicial (imperativas, interrogativas objetivas, condicionais com verbo inicial), desta vez sob o ponto de vista da integração de VK numa junção, podemos primeiro analisar (17a) da mesma maneira já vista na seção anterior. Ou seja, com o campo anterior ocupado por  $\emptyset$ , o pré-verbo recebe uma posição destacada pela ausência de um valor temático no campo anterior vazio.

- (17a)  $\emptyset$  **Gib** mir bitte mein Buch **zurück**!  
Dê mim por favor meu livro para trás!  
*"Por favor, dê-me meu livro de volta."*

- (17b)  $\emptyset$  **Holst** du mich morgen vom Flughafen **ab**?  
Buscas tu me amanhã do aeroporto (dêitico)?  
*"Tu me buscarás do aeroporto amanhã?"*

(17c)  $\emptyset$  **Kommt** er vor 10 Uhr **an**, **können** wir zusammen **fahren**.

Chega ele antes 10 horas (dêit) podemos nós juntos ir

"Se ele chegar antes das 10 horas poderemos ir juntos."

Seguindo a análise do exemplo (15) acima, no caso de (17c) o elemento  $\emptyset$  na posição inicial marca que a VK *kommt - an* inteira ocupa o campo anterior da VK seguinte, *können - fahren*. Nos termos da descrição gramatical que se baseia no conceito de subordinação, dir-se-ia que a posição inicial do verbo finito marca a oração como "subordinada" condicional, neste caso. Como vimos em (17a), a ocupação do campo anterior por  $\emptyset$  indica ênfase no próprio verbo finito e a morfologia do verbo finito define imperativo. Verificando as frases (17b) e (17c), fora da acentuação do verbo finito pelo campo anterior  $\emptyset$ , apenas pistas prosódicas no canal oral e o ponto de interrogação no canal escrito caracterizam a interrogativa em (17b). Falando-se em termos de sinais sintáticos, apenas a falta de continuação à direita por um pré-verbo após *ab* evita a interpretação de (17b) como condicional do tipo da frase (17c), que teria que ser descrita como "subordinada não-introduzida".

Olhando-se do ponto de vista oposto ao deste trabalho e desconsiderando-se o marcador prosódico da elevação da voz no pós-verbo em (17b), no exemplo (17c), justamente a continuação com o pré-verbo *können* indica que não se trata de uma interrogativa, e sim de uma oração condicional, apesar da ausência de um juntor condicional (*wenn* ou *falls*) e da posição característica de  $V_{\text{final}}$  para o verbo finito. Na verdade, apenas a situação de junção entre as duas VK em (17c) define a função de condicional da primeira VK, topicalizada pela segunda. Tanto que a inversão das duas VK em (17c) resulta numa inversão da condicionalidade entre as duas, ou seja, numa outra frase:

(17d)  $\emptyset$  **Können** wir zusammen **fahren**, **kommt** er vor 10 Uhr **an**.

Podemos nós juntos ir chega ele antes 10 horas (dêit)

"Se nós podemos ir juntos ele chegará antes das 10 horas."

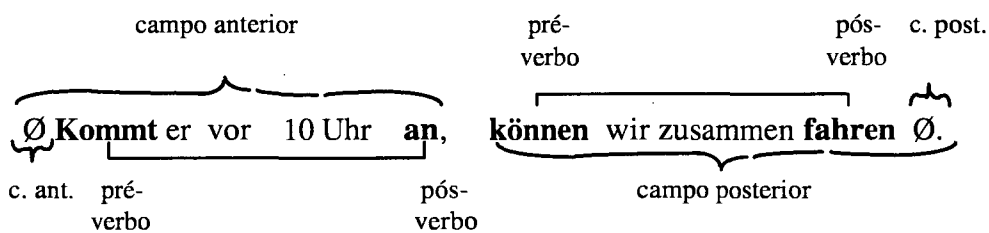
Este exemplo, composto de duas VK com o verbo finito em posição de pré-verbo, é ideal para demonstrar o mecanismo básico da integração de várias VK numa junção, pois não há nele uma relação de regência, ou de complemento, nem um elemento juntor, a não ser a própria VK textualmente ativa que integra a outra no seu campo anterior, dando-lhe destaque de tópico e função de suplemento adverbial. Dado que numa junção como esta temos duas VK completas, a sua integração precisa ser analisada do ponto de vista das duas. Conforme os modelos (4) e (5) acima, as duas VK da frase (17c), cada uma vista por si só, podem ser descritas da seguinte maneira:

(17e)

c. anterior	pré-verbo	c. interno	pós-verbo	c. posterior
∅	<b>kommt</b>	er vor 10 Uhr	<b>an</b>	∅
∅	<b>können</b>	wir zusammen	<b>fahren</b>	∅

Da forma como estão, elas seriam interpretadas como interrogativas se ocorressem de maneira isolada. Para formarem frases afirmativas do tipo V<sub>2</sub>, em cada uma delas, um dos elementos do campo interno (ou o sujeito ou o suplemento preposicional / adverbial) precisaria ocupar o campo anterior, dependendo das necessidades de topicalização do contexto concreto. Se o sujeito ocupar o campo anterior, ainda haverá a opção de o suplemento ser colocado no campo posterior. Na integração das duas, conforme mostrado no exemplo (17c), podemos focalizar primeiro a VK *kommt - an* e dizer que seu campo anterior está ocupado por ∅, e seu campo posterior pela VK *können - fahren*. Tomando a segunda como ponto focal, o campo anterior dela está ocupado pela VK *kommt - an*, e seu campo posterior por ∅.

(17f)



Teoricamente, as duas análises são justificadas, pois as duas VK contribuem igualmente para a junção, e, como foi mostrado, não há nenhuma relação hierárquica entre as duas. Porém, na operação de junção e na frase resultante, vista como um todo, a segunda VK (*können - fahren*) torna-se a VK textualmente ativa, com a informação remática, nos termos de Weinrich (veja capítulo II.3.3.4, acima), e ela integra a primeira (*kommt - an*), que assim ganha o seu status de frase adverbial. Assim temos como análise da frase final uma situação semelhante ao exemplo (15b) acima. O exemplo (17d) mostrou que o inverso ocorre se a VK *kommt - an* fica em posição de VK textualmente ativa, pois se ela chega a integrar a VK *können fahren* no seu campo anterior, esta torna-se suplemento adverbial condicional. Mais uma vez, a relação entre as duas frases é estabelecida apenas pelo fato de que uma das duas VK continua como a textualmente ativa.

Como Zifonun et al. mostraram (veja II.1.8.11 e II.1.8.12), uma das condições para a ocupação do campo anterior ou posterior de uma frase é que o elemento em questão também poderia estar no campo interno desta frase. Conforme esta condição, uma frase complemento, como *daß er nicht*

*kommt* em (15a) acima, pode ou ocupar o campo anterior ou o campo posterior ou entrar no campo interno da VK do verbo que a exige como complemento:

	campo anterior	pré- verbo	campo interno	pós- verbo	campo posterior
(18a)	Daß er nicht kommt,	hat	er	gesagt	Ø.
(18b)	Er	hat		gesagt,	daß er nicht kommt.
(18c)	Er	hat,	daß er nicht kommt,	gesagt	Ø.

Para a junção da frase (17c), existe uma restrição neste sentido, como foi mostrado acima. A ocupação do campo posterior pela VK com função de frase adverbial (*kommt - an*) não é possível. Isso poderia ser explicado devido à ausência de um juntor que possa manter o caráter da junção, mesmo alterando a seqüência das VK integradas na junção, como ocorre no exemplo (18) acima com *daß*. Porém, uma restrição semelhante contra uma inversão das duas VK ocorre nos exemplos (13c) e (13d) acima, onde temos o juntor *denn* (pois). A ocupação do campo interno pela VK adverbial de (17c), porém, parece possível, apesar de pouco usual:

- (19) Wir **können**, **kommt** er vor 10 Uhr **an**, zusammen **fahren**.  
 Nós podemos chega ele antes 10 horas (dêit) juntos ir  
 "Poderemos, se ele chegar antes das 10 horas, ir juntos."

O critério da ocupação do campo interno pelo elemento do campo anterior parece colocar alguns problemas para a análise da mesma frase (10a), acima já repetida como (15a) e (18b) e aqui reproduzida como (20a), onde a VK textualmente ativa é a frase complemento:

- (20a)
- |  |                |               |                    |
|--|----------------|---------------|--------------------|
|  | campo anterior | pré-<br>verbo | pós-<br>verbo      |
|  | Er hat gesagt, |               | daß er nicht kommt |
|  | c. ant.        |               | pré-<br>verbo      |
|  |                | pós-<br>verbo |                    |

Para poder inserir o elemento do campo anterior (*er hat gesagt*) no campo interno da VK *daß - kommt*, será necessário assumir um contexto específico e uma situação bastante marcada. Porém, isso não parece impossível, principalmente se o campo interno é um pouco mais extenso. Assim, (20b) poderia responder de forma enfática à pergunta "*Was hat er gesagt?*" (Que foi que ele disse?), criando um tipo de suspense e destaque adicional para o conteúdo remático da VK *kommen - kann* pela antecipação da VK temática *hat - gesagt*, não enfatizada:

- (20b) Daß er, hat er gesagt, morgen leider nicht kommen kann.  
 Que ele tem ele dito amanhã infelizmente não vir pode  
 "Que ele, disse, amanhã infelizmente não poderá vir."

Por ser uma serialização fortemente marcada, no canal oral, será necessário um apoio claro por marcadores prosódicos. Em contextos menos marcados, então, a colocação de uma VK com um pré-verbo finito no campo interno de uma VK textualmente ativa com o verbo finito com função de pós-verbo não será utilizada. Em algumas situações ela pode até ser impossível, dependendo do caso concreto. Um dos critérios aqui será o comprimento da VK textual, que recebe a outra no seu campo interno. No mesmo contexto e com a mesma estrutura de topicalização, a variante (20c) seria menos marcada:

- (20c) Daß er morgen leider nicht kommen kann, hat er gesagt.,  
Que ele amanhã infelizmente não vir pode tem ele dito  
"Que ele amanhã infelizmente não poderá vir, disse."

Importante, porém, no exemplo (20b) é que ele mostra que, em princípio, a VK completa do campo anterior em (20a) pode entrar no campo interno, como outros elementos do campo anterior.

Resumindo, então, constatamos que a integração de duas VK numa junção pode ser analisada com base no esquema (5) acima, que descreve todos os tipos de frases do alemão de maneira unificada.

### III.2.4 A *Verba1klammer* como instrumento de topicalização

Como já se viu nas etapas anteriores deste capítulo, cada seção leva de forma orgânica à próxima. Assim, da integração de duas VK, passamos agora à análise da interação mútua desta integração com a progressão da perspectiva funcional da frase resultante, ou seja, para a descrição das funções topicalizantes da VK e para a descrição da integração múltipla de VK consecutivas neste sentido. Para alguns autores, como Schulz & Griesbach, ela é chamada de subordinação múltipla e descrita apenas segundo critérios sintáticos formais.

O mesmo tipo de reanálise de uma VK como elemento topicalizado de uma segunda VK, como foi mostrado acima, pode ocorrer de maneira consecutiva, em integrações múltiplas e subseqüentes de mais de duas VK, estejam elas em função de complemento ou suplemento. Em (21a), vemos uma VK de cada tipo. Nos termos da gramática baseada no conceito da subordinação, dir-se-ia que há em (21a) uma "oração principal" seguida de uma "oração subordinada objeto" e uma "oração subordinada adverbial". O centro, indubitavelmente, seria a "oração principal" inicial do período, com o verbo finito em posição V<sub>2</sub>.

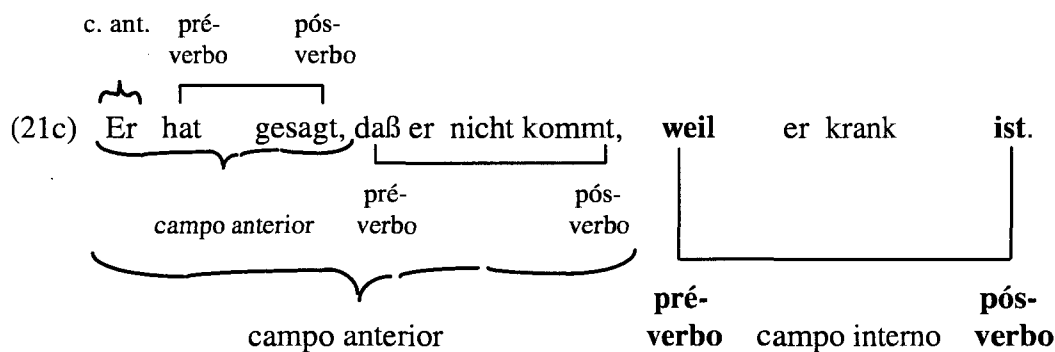


- (21a) Er hat gesagt, daß er nicht kommt, weil er krank ist.  
 Ele tem dito que ele não vem porque ele doente é  
 "Ele disse que não vem porque está doente."

A análise deste trabalho chega a conclusões diferentes. A primeira VK *hat - gesagt* (com o seu sujeito *er* no campo anterior) ocupa, por sua vez, o campo anterior da VK *daß - kommt*, no mesmo processo acima mostrado com o exemplo (20a). A diferença em (21a) é que as duas VK são integradas pela terceira VK (*weil - krank ist*), cujo campo anterior elas ocupam como uma unidade. Isso não significa que haja uma hierarquia lógica ou sintática entre as três, tanto que a ordem entre as três poderia ser diferente, sem alterar o significado, redistribuindo apenas o peso das topicalizações.

- (21b) Daß er nicht kommt, weil er krank ist, hat er gesagt.  
 Que ele não vem porque ele doente é tem ele dito  
 "Que ele não vem porque está doente, ele disse."

Para a frase (21a), pressupondo uma leitura não marcada, ou seja, sem co- nem contexto ou marcadores prosódicos (acentos tônicos, pausas, movimentos no tom da voz) que indiquem ênfase contrastiva em determinadas partes, a estrutura de integrações de VK da junção seria interpretada assim:



Ou seja, as duas VK *hat - gesagt* e *daß - kommt* são integradas e formam, em conjunto e como **uma** unidade lógica, o campo anterior da VK *weil - krank ist*, estendendo-se a análise de Zifonun et al. sobre reanálises de elementos que ocupam o campo anterior (veja II.1.8.10, acima). No canal oral, as duas VK integradas no campo anterior da última seriam pronunciadas como um único grupo de entoação, com o peso de força relativa maior e o tom da voz elevando-se no pós-verbo da segunda VK (*kommt*), anunciando assim a VK textualmente ativa, *weil - krank ist*. Assim, na progressão linear de várias VK, a última seria a VK textualmente ativa. Comparando-se este resultado com a análise anterior do exemplo (21a) constata-se que agora o centro do período completo não está mais na "oração principal", e sim no seu final, numa VK com função de



de maneira mais diferenciada a complexa engrenagem dos vários recursos topicalizantes e enfatizantes, e evitar modelos descritivos fixos, como o de Schulz & Griesbach, por exemplo, que declaram apenas a ocupação de duas posições como únicos recursos tematizantes / de ênfase (campo anterior e o início do campo interno), sem considerar todas as possibilidades abertas pelo sistema sintático diferenciado da VK.

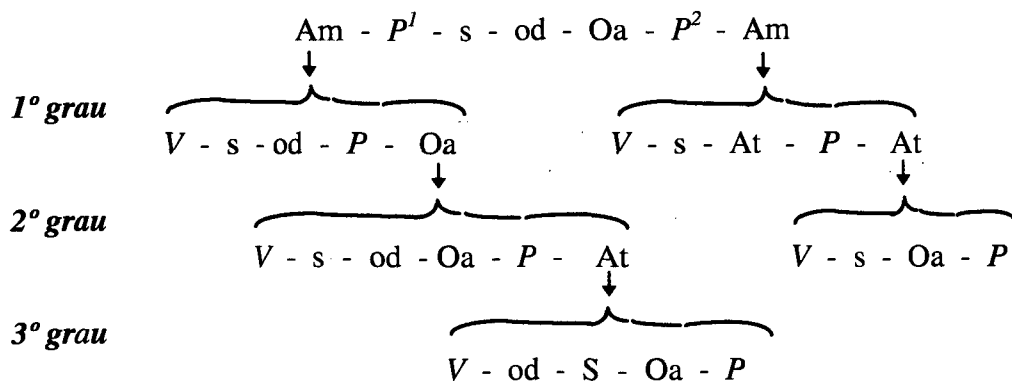
Nesta seção, interessam principalmente as possibilidades de análise da estrutura de integração múltipla de VK e a pergunta se a descrição proposta aqui acrescenta algo em relação aos outros modelos descritivos, que têm pouco a declarar sobre esta "subordinação" múltipla (*mehrfache Unterordnung*), além de constatar que ela existe e atribuir os rótulos de subordinação de primeiro, segundo e terceiro grau (veja Schulz & Griesbach, 1984: 416). A subordinação de primeiro grau seria uma frase que se refere imediatamente a uma oração principal (V<sub>2</sub>), como complemento ou suplemento. A subordinação de segundo grau seria uma frase que se refere a uma subordinada, e a de terceiro grau seria uma frase complemento para uma frase subordinada que depende de uma outra, e assim por diante. Vejamos o exemplo de Schulz & Griesbach (1984: 417), já com as suas VK marcadas e numeradas. Os respectivos pré- e pós-verbos são marcados com  $\boxtimes_n$  e  $\boxleftarrow_n$ :

- (22a)  $\boxtimes_1$  Wenn du mir  $\boxleftarrow_1$  **versprichst**,  $\boxtimes_2$  daß du mir das Geld  $\boxleftarrow_2$  **wiedergibst**,  $\boxtimes_3$  **sobald** dir dein  
 Se tu mim prometes que tu mim o dinheiro de-volta-dás tão-logo ti teu  
 $\boxleftarrow_3$   $\boxtimes_4$  Vater den Scheck **geschickt hat**,  $\boxleftarrow_4$  **kann** ich dir die 100 Mark  $\boxleftarrow_4$  **geben**,  $\boxtimes_5$  **obwohl** ich  
 pai o cheque mandado tem posso eu ti os 100 marcos dar embora eu  
 $\boxleftarrow_5$   $\boxtimes_6$  noch mindestens zwei Wochen **warten muß**,  $\boxleftarrow_6$  **bis** ich mein nächstes Gehalt  
 ainda no-mínimo duas semanas esperar tenho-que até eu meu próximo salário  
 $\boxleftarrow_6$  **bekomme**.  
 recebo

"Se me prometeres que me darás o dinheiro de volta, tão logo teu pai tiver te mandado o cheque, eu posso te emprestar os 100 marcos, embora eu tenha que esperar no mínimo duas semanas ainda até receber meu próximo salário."

A análise de Schulz & Griesbach (1984: 417) deste exemplo parte simplesmente da frase afirmativa da VK  $\boxtimes_4$   $\boxleftarrow_4$  *kann - geben* (*Mitteilungssatz* na terminologia deles) – ou seja V<sub>2</sub> – para colocar as (múltiplas) frases de complemento como bifurcações para a esquerda e direita dos campos anterior e posterior. A análise traz como elo as conexões sintáticas entre elas, empregando a descrição que tinham elaborado para as posições dentro do *Satzfeld* (campo da frase), como foi referido anteriormente (em II.1.3.3, acima):

(22b)



A = Angabe (suplemento adverbial)  
S = sujeito  
V = Verbindungselement (conector)  
t = temporal

P = Prädikat (predicado)  
O = objeto  
d = dativo  
m = modal

s = sujeito pronominal  
o = objeto pronominal  
a = acusativo

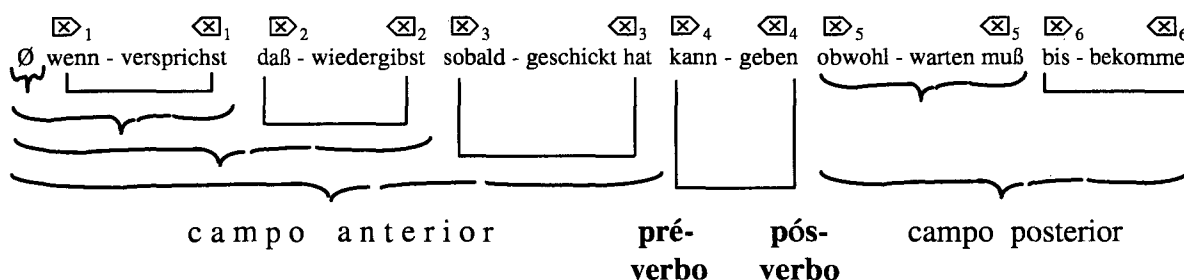
As VK aparecem de maneira muito sutil apenas no diagrama de Schulz & Griesbach, pela grafia em itálico dos seus símbolos (*V* e *P*). O que predomina é a análise de constituintes sintáticos e da subordinação entre as frases. Visivelmente no topo do diagrama e no centro da análise está a frase afirmativa da VK 4 (*kann - geben*), da qual descem dois troncos de subordinadas, que nela preenchem a função de suplementos adverbiais modais. À esquerda, ou seja, no campo anterior, a subordinada de 1º grau é a VK 1 (*wenn - versprichst*), cujo objeto direto acusativo está na subordinada de 2º grau, a VK 2 (*daß - wiedergibst*), que tem um suplemento adverbial temporal presente na subordinada de 3º grau, com a VK 3 (*sobald - geschickt hat*). À direita, ou seja, no campo posterior, temos o suplemento adverbial modal da VK 5 (*obwohl - warten muß*), que, por sua vez, tem um suplemento adverbial temporal na VK 6 (*bis - bekomme*).

Apesar de sua abordagem geral em eliminar a terminologia de oração principal e subordinada, e falar apenas de quatro tipos de frases em alemão (veja acima, II.1.3.6), de fato, a velha hierarquia entre os tipos de frases persiste, como vemos em (22b). As frases complemento (*Gliedsätze*) são vistas como satélites dependentes da frase afirmativa (*Mitteilungssatz*), longe de analisar uma integração funcional definida por um contexto comunicativo, para o qual a sintaxe apenas fornece os recursos necessários e úteis. Como vimos no exemplo (21c) acima, o fato do pré-verbo ser o verbo finito (estrutura  $V_2$  – chamada de frase afirmativa por Schulz & Griesbach), não significa necessariamente que esta VK contenha a parte central da frase e que ela, apenas por ter o verbo finito como pré-verbo, seja a VK textualmente ativa da frase. Dependendo do contexto específico, ela **pode** ser uma repetição quase redundante do tema anteriormente estabelecido da frase. Neste sentido, o presente trabalho sugere uma descrição mais diferenciada, levando em consideração que

todos os tipos de VK podem receber a informação que forma o centro da frase. Ou seja, elas podem ser a VK textualmente ativa, como definida por Weinrich.

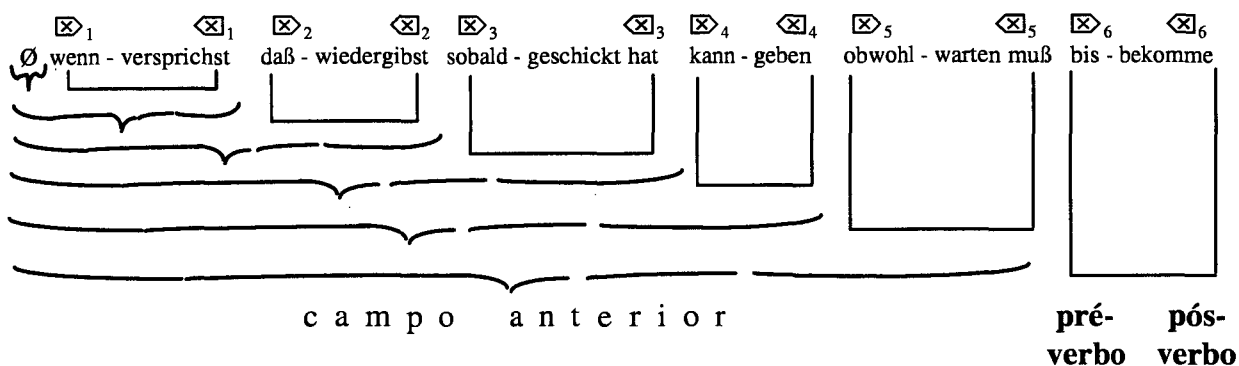
Assim, o exemplo (22a) de Schulz & Griesbach poderia receber várias interpretações, dependendo do contexto, ou, mais exatamente, da distribuição de elementos topicalizantes ao longo da frase, ou seja, da progressão da perspectiva funcional dentro dela. Sem dúvida, existe uma possibilidade de analisar a estrutura de VK da frase (22a), em concordância com o diagrama (22b) de Schulz & Griesbach, como mostra (22c), que acompanha melhor a progressão linear do enunciado e considera as subseqüentes reanálises das VK que são integradas e tornam-se parte do campo anterior da VK adjacente à sua direita.

(22c)



Para a interpretação (22c), será necessário pressupor uma cessão lógica após o pós-verbo da VK 4 (*geben*) – no canal oral representada por uma cadência descendente do tom da voz e uma pausa – para marcar as duas VK do campo posterior em (22c) como informação adicional, de peso menor neste contexto. Temos, porém, elementos dêiticos que só podem ser interpretados como anafóricos: *den Scheck* e *die 100 Mark*. A interpretação de *das Geld* pode ser anafórica, referindo-se ao tema geral do texto: "dinheiro (emprestado)", ou catafórica, referindo-se a *die 100 Mark*, mais adiante na mesma frase. Os elementos fortemente anafóricos indicam informação temática, ou seja, na análise da progressão de VK, podem indicar que estas VK estejam integradas no campo anterior da VK que contém a informação remática. Neste caso, a VK 4 (*kann - geben*), onde temos forte referência anafórica pelo artigo definido *die 100 Mark*, poderia ser considerada temática ainda, sendo o rema e a ênfase principal a restrição auto-enaltecedora do autor da frase. Isso levaria à seguinte análise:

(22d)



Como pode-se ver, a análise de Schulz & Griesbach acima não está errada, mas o seu enfoque é demasiado estreito, pois considera a estrutura de constituintes sintáticos com peso exagerado. Desta maneira, ela não consegue se adequar a todas as situações pragmáticas que a estrutura de integração múltipla de VK permite expressar. Mais grave ainda, pelo modelo sintático monocausal, os autores não podem captar o princípio funcional mais importante da frase de maneira correta – a integração flexível de VK, por uma VK textualmente ativa, em função do respectivo contexto.

Um outro exemplo de uma frase longa, mas com uma estrutura nem tão complexa de integrações múltiplas de VK numa só frase, foi dado por Zifonun et al. e reproduzido acima, como exemplo (80) do capítulo II.1.8.11. Vejamos, então, como ficaria a análise deste exemplo dentro do exposto até aqui. A frase está abaixo repetida como (23a). Dentro da longa frase encontramos 7 VK, numeradas de 1 a 7, marcando-se os pré- e pós-verbos novamente com  $\boxtimes_n$  e  $\boxleftarrow_n$ . Contrariamente à frase anterior, em (23a) temos uma estrutura de VK não totalmente linear, ou seja, existe uma VK no campo interno de uma outra:

(23a)  $\boxtimes_1$   $\boxtimes_1$   $\boxtimes_2$   $\boxtimes_2$   
**Seit** ich **weiß**, **wie** alles **gekommen ist**, vor allem angesichts der Tatsache,  
 Desde eu sei como tudo vindo é antes tudo frente o(dat) fato  
 $\boxtimes_3$   $\boxtimes_4$   $\boxtimes_4$   
**daß** das junge Mädchen, **das** mich in die Pariser Opera **begleitete**,  
 que a jovem moça que me em a parisiense opera acompanhou  
 $\boxtimes_3$   $\boxtimes_5$   
 dasselbe Kind **gewesen ist**, **das** wir beide, (Hanna und ich) mit Rücksicht  
 a-mesma criança sido é que nós dois (Hanna e eu) com respeito  
 auf unsere persönlichen Umstände, ganz abgesehen von der politischen  
 a nossas pessoais circunstâncias totalmente desconsiderado de a política  
 $\boxtimes_5$   $\boxtimes_6$   
 Weltlage damals, nicht **hatten haben wollen**, **habe** ich mit mehreren  
 mundo-situação então não tínhamos ter querido tenho eu com várias  
 $\boxtimes_6$   $\boxtimes_7$   
 und verschiedenartigen Leuten darüber **gesprachen**, **wie** sie  
 e diferentes pessoas lá-sobre falado como elas  
 $\boxtimes_7$   
 sich zur Schwangerschaftsunterbrechung **stellen** (...)  
 se à gravidez-interrupção colocam

*"Desde que eu soube como tudo aconteceu, principalmente diante do fato de que a moça que me acompanhou à Opera Parisiense era a mesma criança que nós dois (Hanna e eu) não quisemos, devido à nossa situação pessoal, sem considerar a situação política do mundo na época, eu tenho falado com várias pessoas – e bem diferentes – sobre a questão de como elas se colocam frente ao aborto (...)"*

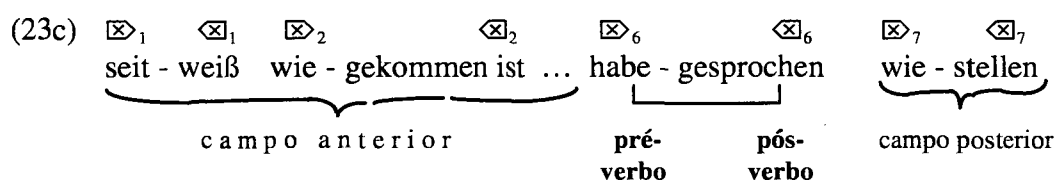
Na frase (23a) acima, poder-se-ia identificar uma progressão básica de VK:

(23b)  $\boxtimes_1$   $\boxtimes_1$   $\boxtimes_2$   $\boxtimes_2$   $\boxtimes_6$   $\boxtimes_6$   $\boxtimes_7$   $\boxtimes_7$   
 seit - weiß wie - gekommen ist habe - gesprochen wie - stellen

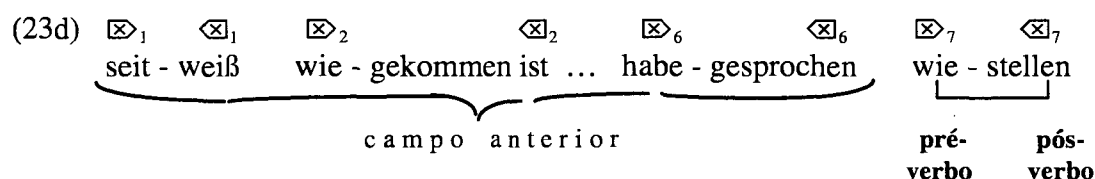
Entre o pós-verbo da VK 2 (*ist*) e o pré-verbo da VK 6 (*habe*) aparecem três construções relativamente extensas com função de suplemento adverbial que não são VK: os dois suplementos preposicionais *angesichts der Tatsache...* e *mit Rücksicht auf...* e a construção participial *abgesehen von...* Contrário a Zifonun et al., que traçam de certa maneira um paralelo entre construções infinitivas e participiais como suplementos infinitos (op. cit., 2158), este trabalho coloca as construções participiais no mesmo nível de suplementos preposicionais, com os quais eles compartilham o caráter nominal. As VK 3, 4 e 5 são complementos ou suplementos diretos e indiretos do primeiro suplemento (*angesichts der Tatsache...*) e, aparentemente, todas estas

estruturas devem ser consideradas estruturas inseridas que servem apenas para contextualizar o destinatário da frase.

As interpretações da estrutura de integração de VK no exemplo (23a) dependem fundamentalmente da progressão na perspectiva funcional do contexto discursivo do qual o exemplo foi extraído. Pressupondo que a VK 7 (*wie sie sich zum Schwangerschaftsabbruch stellen*) pertence à área temática do contexto, apenas repetindo e reafirmando "aborto" como tópico principal, a VK 6 (*habe ich mit mehreren und verschiedenartigen Leuten darüber gesprochen*) poderia ser considerada a VK textualmente ativa, e a VK 7 seria considerada apenas o seu campo posterior, como mostra (23c). Esta interpretação seria apoiada primeiramente pelo fato de que a VK 7 poderia facilmente ocupar uma posição dentro do campo interno da VK 6 e também pelo seu caráter de informação redundante que está manifesto no fato que ela poderia até ser omitida completamente, sem alterar a frase, sendo que o advérbio pronominal *darüber* (sobre isso) seria interpretado como dêitico anafórico que retoma o tema anteriormente estabelecido e não como correlato catafórico que rege a VK 7.



No caso contrário, de assumir que "aborto" seja remático neste ponto do discurso, a VK 7 tem que ser considerada a VK textualmente ativa da frase, que integra todas as anteriores de forma sucessiva no seu campo anterior extenso (23d).



O contexto discursivo como critério central para a interpretação (23c) ou (23d) já foi mencionado. Como nos exemplos anteriores de integrações de várias VK em junções (múltiplas), no canal oral também teríamos marcadores prosódicos para apoiar uma ou outra análise. Assim, o caráter de informação inserida entre o pós-verbo da VK 2 (*ist*) e o pré-verbo da VK 6 (*habe*) seria marcado por uma elevação no tom de voz em *ist*, uma pequena pausa antes da continuação e um tom de voz reconhecivelmente mais baixo durante toda a seqüência inserida, para retomar-se exatamente o mesmo tom de voz no *habe*, que, por sua vez, seria separado por uma pequena pausa da informação inserida. Para sustentar a interpretação (23c), seria necessário que o tom da voz





em repetidas reprises de monólogos internos, cada vez mais elaborados e enriquecidos por detalhes desconhecidos do leitor, chega-se a uma outra visão. O contexto, de forma muito resumida, é o seguinte: na separação de Hanna (de origem judaica), durante a segunda guerra mundial, o protagonista tinha sugerido que ela abortasse a criança que estava esperando dele e, durante 25 anos, ele estava crente que isto tinha acontecido. Porém, Hanna, sem informar o pai da criança, não abortou, casou com outro, e o protagonista agora encontra a sua filha, o que aguça o sentimento de culpa por causa da decisão unilateral dele pelo aborto no passado. Todo o desenvolvimento do argumento gira em torno das tentativas de auto-justificação do personagem central. Por isso, o longo período completo citado, (23a) e (23e), reflete bem a progressão de todo o romance até este ponto. As oito VK iniciais retomam as informações até ali já conhecidas do leitor e acrescenta como ponto remático neste estágio a constatação triunfante de que todas as várias pessoas consultadas compartilhavam o ponto de vista do protagonista. Assim, a VK textual, sem sombra de dúvida é a VK 9 (*daß - teilen*), que incorpora no seu campo interno a restrição do suplemento adverbial da VK 10 (*wenn - betrachtet*).

Na retrospectiva das três diferentes interpretações da mesma frase acima podemos observar que, na perspectiva do processamento, as análises anteriores de (23c) e (23d) não estavam erradas, uma vez que a base de dados disponíveis para a análise era interpretada de maneira coerente em si, conforme o modelo funcionalista integrado e estratégico do discurso (veja Gorski, 1994: 77, e capítulo I.4.1.2, acima). O fato de o modelo descritivo aqui proposto poder explicar de forma consistente mesmo dados (ainda) incompletos prova que ele é bastante próximo à realidade do processo discursivo real de codificação / decodificação contínua e flutuante. O modelo nisso mostra a sua aplicabilidade a contextos reais de uso da linguagem. O participante do discurso, em situações de processamento em tempo real, seja no canal oral ou escrito, procede exatamente da mesma maneira como aqui analisamos a seqüência ainda incompleta de forma provisória e, depois, a reanalisamos frente à disponibilidade de dados novos. Como Sag & Wasow (1999: 223) colocam de forma procedente:

"(...) language comprehension is working in a highly integrative and incremental fashion. Linguistic and nonlinguistic constraints are interleaved in real time. Language understanding appears to be a process of constraint satisfaction. Competing interpretations exist in parallel, but are active to varying degrees. A particular alternative interpretation is active to the extent that evidence is available to support it as the correct interpretation of the utterance being processed."

Como foi mostrado antes, não necessariamente em todos os casos, o campo anterior serve apenas para indicar o elemento topicalizado: ele tem outras funções, como, por exemplo, a atribuição de ênfase. A ênfase pode ser um acento contrastivo ou com função dêitica, ou pode servir para

destacar informação remática. O tema, neste caso, pode ser atribuído através de outras posições da frase. Da mesma forma, a integração de uma VK no campo anterior de uma outra não implica o automatismo de se interpretar a VK integrada como temática e a VK textual como remática. Porém, essa é uma tendência na junção entre VK. Quando a VK inicial tiver valor remático, ela provavelmente será VK textual, e a segunda estará no seu campo posterior. Isso pode ser demonstrado de forma clara e em detalhes que devem incluir também marcadores prosódicos no canal oral, com a ajuda das frases (18a) e (18b) acima, aqui repetidas como exemplo (24a) e (24b):

(24a) Daß er nicht kommt, hat er gesagt.

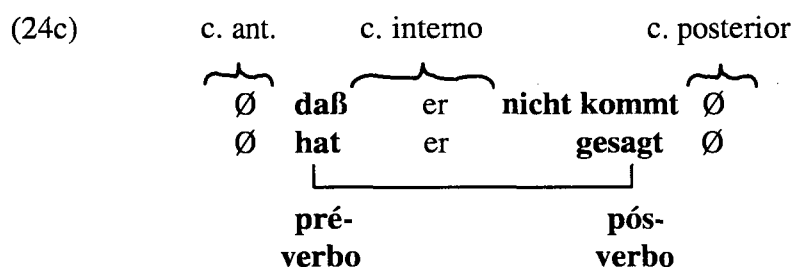
(24b) Er hat gesagt, daß er nicht kommt.

Para a frase (24a), aparentemente simples, existem várias possibilidades de interpretação. Sem mais contexto, pela posição enfatizada que a VK *daß - kommt* ocupa, poder-se-ia supor que a informação remática esteja nela e que ela seja a VK textualmente ativa da frase, fazendo com que a VK *hat - gesagt* seja interpretada como ocupando o campo posterior dela, apenas repetindo uma informação já conhecida: isso, por exemplo, se esta for a resposta a uma pergunta "Was hat er gesagt?" (O que foi que ele disse?). Assim, a entoação ficaria: *Daß er nicht kommt, hat er gesagt.* Sem entrar em detalhes sobre o processamento psicolinguístico no ato da leitura, é preciso constatar que as pistas prosódicas no canal oral têm seu equivalente no processamento de texto escrito, pois elas correspondem a uma estruturação lógica do enunciado que pode levar a interpretações bastante diferentes para uma mesma frase, através de alterações na perspectiva funcional da frase (aqui analisada), mas também no sentido de mudar foco e escopo de operadores na frase. Em outras palavras, as pistas não-verbais do canal oral são inferidas com base no contexto durante o ato da leitura, para poder-se processar a seqüência da frase de uma maneira coerente.

Em um contexto um pouco diferente, da frase (24a) ser resposta a uma contestação do tipo "Woher weißt du das? Daß er krank ist, hat er nicht gesagt." (Como é que você sabe isso? Ele não disse que estava doente.) e carregar uma ênfase no pré-verbo da segunda VK (*hat*), esta pode ser interpretada como a VK textualmente ativa e a primeira será integrada no seu campo anterior (*Daß er nicht kommt, hat er gesagt.*). Existe uma outra variante de (24a) que também usa a segunda VK (*hat - gesagt*) como VK textualmente ativa, como resposta à pergunta "Wer hat gesagt, daß er nicht kommt?" (Quem disse que ele não vem?), com a seguinte entoação: *Daß er nicht kommt, hat er gesagt.* Neste caso, o segundo *er* (ele) ganha um peso de força para servir de dêitico situacional, sendo que não será correferencial com o primeiro, ou seja, a pessoa que não vem não é a mesma que deu esta informação.

Para (24b), também temos várias interpretações. Como resposta à pergunta "Was hat er gesagt?" (O que foi que ele disse?), a frase pode ser lida como "Er hat gesagt, daß er nicht kommt". A segunda VK seria a textualmente ativa, contendo a informação remática. O contrário ocorre com a frase "Er hat gesagt, daß er nicht kommt", onde a VK *hat - gesagt* seria a textualmente ativa e a segunda ocuparia seu campo posterior. Ela seria a resposta para "Woher weißt du, daß er nicht kommt?" (Como você sabe que ele não vem?).

Como vemos, o maior peso de força de entoação encontra-se normalmente concentrado em um dos dois lados da junção: do lado da VK textual, que muitas vezes carrega a informação remática. As VK integradas no campo anterior (ou anexadas no campo posterior) normalmente são pronunciadas como apenas uma unidade de entoação, tendo todos os elementos aproximadamente o mesmo peso. No caso de haver uma (ou mais) VK integradas no campo anterior da VK textual, as primeiras mostram a ausência da cadência descendente no tom da voz na região do pós-verbo das VK integradas. Pelo contrário, normalmente o tom da voz até eleva-se um pouco, para anunciar outro pré-verbo em seguida. No canal escrito, neste caso, o sinal equivalente é a adjacência do pós-verbo com um outro pré-verbo, além da falta do ponto final. Na situação oposta, de ter uma (ou mais) VK integradas no campo posterior da VK textual, o pós-verbo da VK textual mostra a cadência descendente do tom da voz, e incide uma pequena pausa antes do pré-verbo da próxima VK. Voltando-se para a frase (24a), podemos observar que ela pode ser analisada de duas formas diferentes, com a primeira ou a segunda VK com a função de VK textualmente ativa. De forma semelhante ao exemplo (17e) acima, as duas VK da frase (24a) podem ser vistas de forma isolada, cada uma com os seus três campos topológicos:



Na junção, ocorre uma sobreposição do campo posterior da VK inicial com o campo anterior da VK final. Ou seja, ao mesmo tempo, a VK inicial ocupa o campo anterior da VK final, e este campo posterior da primeira, dependendo do ângulo de visão, preenchendo, assim, seus campos mutuamente. Pelas necessidades pragmáticas dos determinados contextos, na frase resultante da junção, a situação é resolvida em favor de uma ou outra VK que será a textualmente ativa e que integra a(s) outra(s) como se fosse(m) apenas um único elemento.

Por um lado, os exemplos acima ainda não mostraram toda a dimensão das variações pragmaticamente diferenciáveis que a VK abre ao falante da língua alemã. Por outro, a função da VK como instrumento de topicalização não ocorre apenas no momento da integração de (várias) VK em junções (múltiplas). Por isso, segue aqui uma pequena demonstração da versatilidade inerente à VK de gerar serializações sutilmente diferentes. Para não ocupar muito espaço, usaremos apenas duas frases com apenas uma VK cada uma. O exemplo (25a) com o verbo e apenas os seus complementos nominativo (sujeito) e acusativo (objeto direto) mostra somente duas variantes topológicas:

- (25a) Er trinkt Bier Ø.    Bier    trinkt er Ø.  
"Ele bebe cerveja."    "Cerveja bebe ele."

A segunda variante é marcada e pode ser usada para enfatizar o objeto, como, por exemplo, para responder a uma pergunta "Was trinkt er?", onde haveria uma ênfase no sujeito (Bier trinkt er) e uma redução da intensidade fonética do sujeito em posição temática, na adjacência esquerda do pré-verbo. Ou, alternativamente, para colocar o sujeito em saliência remática, colocando o objeto em posição temática inicial, a frase *Bier trinkt er* responderia à pergunta *Wer trinkt Bier?* (Quem bebe cerveja?), onde é necessário colocar um acento contrastivo em *Bier*.

Introduzindo apenas um suplemento, por exemplo, um advérbio temporal como *heute* (hoje) na frase (25a), o número de variações é triplicado, para seis: *Er trinkt heute Bier*, *Er trinkt Bier heute*, *Bier trinkt er heute*, *Bier trinkt heute er*, *Heute trinkt er Bier*, *Heute trinkt Bier er*. Claramente temos algumas variantes mais marcadas do que outras, e várias das seis frases resultantes possuem novamente diferentes possibilidades de topicalização. Marcada é a quarta variação que representa a continuação conseqüente da variante *Bier trinkt er*, acima comentada, com um maior deslocamento do sujeito para a margem direita do campo interno, com o resultado de uma ênfase remática maior (assinalada pelo sublinhado). A sexta variante, sem dúvida, é a mais marcada, pois nela o sujeito ocupa o campo posterior da VK. Ela deveria ser transcrita como: *Heute trinkt Bier Ø er*, e, no canal oral, os marcadores prosódicos mostrariam um padrão ascendente na curva de entoação com o ponto culminante em *Bier*, seguido de uma pequena pausa (que, no canal escrito, seria provavelmente marcada por dois pontos), e o tom descendente no sujeito no campo posterior. Em termos de frequência, com certeza, este exemplo seria muito raro, porém, casos de objetos e sujeitos no campo posterior ocorrem e são permitidos e previstos pelas regularidades da VK.

Convém discutir um pouco mais a questão da usualidade ou frequência de exemplos, não apenas em relação a este trabalho. Sem dúvida, alguns exemplos citados são marcados em maior ou menor

grau. Porém, eles são variações possíveis que o sistema sintático da *Verbalklammer* disponibiliza para o falante. Para todos estes exemplos, existe um contexto onde eles servem aos objetivos comunicativos concretos melhor do que outras serializações. É de suma importância incluir exemplos marcados, mesmo que eles ocorram raras vezes ou até com uma probabilidade extremamente reduzida, pois a regularidade subjacente do sistema descrito fica apenas completamente visível com referência aos casos marcados permitidos e previstos por ela. Apenas uma descrição que inclui variantes neutras e marcadas pode ser completa e tem condições de chegar a um resultado satisfatório. Muitas das publicações revisadas na parte II deste trabalho consideram preferencialmente variantes neutras ou menos marcadas, e, quando não as ignoram, declaram as serializações marcadas como exceções ou até como agramaticais (como Bierwisch, 1963: 31-32, 50). Também por isso seus resultados são incompletos e, às vezes, até incorretos. A regularidade sintática manifesta-se em toda a sua extensão apenas no conjunto formado de variantes marcadas e não-marcadas. Como foi citado no capítulo I.4.1.5, a abordagem funcionalista atribui a estruturas marcadas um potencial de complexidade maior para poder codificar relações extra-lingüísticas mais complexas. Apesar disso, consideramos importante salientar que o uso proposital de estruturas marcadas em lugares centrais da argumentação deste trabalho não se deve confundir com o apelo a frases de aceitabilidade duvidosa, como, às vezes, ocorre em trabalhos gerativistas. A descrição aqui nunca se apóia em exemplos questionáveis em relação à sua gramaticalidade. Em todos os casos existem contextos que exigem justamente esta variação. A integração plena de variantes marcadas também é importante para o ensino, como será tematizado mais adiante (em III.3.3.4).

Tomando-se como exemplo uma frase com mais elementos, então, teremos um crescimento exponencial do número de variações possíveis, com subseqüentes diferenciações da distribuição de ênfase, e saliência temática / remática. Em (25c), na página seguinte, encontram-se 120 permutações da frase (25b), sempre mantendo o sujeito no campo anterior e sem abrir um campo posterior.

- (25b) Ina **ist** heute um 10 Uhr mit Paul zum Einkaufen in die Stadt **gefahren**.  
Ina é hoje às 10 horas com Paul para compras em a cidade dirigido  
"Ina foi hoje às 10 horas com o Paul para a cidade para fazer compras."



Evidentemente, várias destas 120 frases acima são (fortemente) marcadas topologicamente, ou seja, no caso concreto, são desvios da ordem não-marcada para complementos e suplementos. Porém, todos estes "desvios" têm uma função importante de marcar ênfase ou atribuem valor de tema / rema primário ou secundário. Assim, todas as frases são, em determinado contexto, a única maneira de expressar uma determinada intenção comunicativa, mesmo que, para isso, seja necessário o apoio de marcadores prosódicos na língua falada.

Além das 120 permutações acima, existem, da mesma maneira, outras 600 variações, 120 para cada um dos cinco elementos do campo interno que podem ocupar o campo anterior. Nestas permutações com o sujeito em diversas posições, teremos exemplos ainda mais fortemente marcados, como, por exemplo, deslocamentos do sujeito para a direita, para enfatizar, rematizar ou tematizar o sujeito mais do que pode o campo anterior. Em (25d) temos um exemplo pronunciado neste sentido, porém perfeitamente gramatical:

- (25d) Mit Paul **ist** heute um 10 Uhr zum Einkaufen in die Stadt **Ina** gefahren.  
Com Paul é hoje às 10 horas para compras em a cidade Ina dirigido  
*"Com Paul, hoje às 10 horas, à cidade, para fazer compras, foi Ina."*

Além do apoio de uma saliência prosódica no sujeito, no canal oral, para aumentar o valor remático já indicado pelo deslocamento, os elementos anteriores ao sujeito no campo interno teriam provavelmente uma proeminência reduzida.

O número de permutações topológicas da mesma frase (25b) aumenta bastante ainda se considerarmos a possibilidade de ocupação múltipla do campo anterior e a abertura de um campo posterior, com um ou mais elementos.

- (25e) Zum Einkaufen in die Stadt **ist** Ina heute um 10 Uhr mit Paul **gefahren**.  
Para compras em a cidade é Ina hoje às 10 horas com Paul dirigido  
*"Para fazer compras na cidade foi Ina, hoje às 10 horas, com Paul."*

- (25f) Ina **ist** heute um 10 Uhr in die Stadt **gefahren**, zum Einkaufen mit Paul.  
Ina é hoje às 10 horas em a cidade dirigido para compras com Paul  
*"Ina foi hoje às 10 horas para a cidade para fazer compras com Paul."*

A ocupação múltipla do campo anterior é ainda mais viável neste caso, porque os grupos preposicionais podem ser interpretados como complementos ou suplementos de outros, mantendo assim uma só posição lógica no campo anterior. Para o campo posterior, não há restrições a respeito de sua ocupação por vários elementos. Apenas os dois elementos presentes no campo anterior em (25e) já somam mais duas vezes 24 combinações, pois eles também podem ser



invertidos entre si. Outras combinações possíveis de elementos no campo anterior são: *heute um 10 Uhr, mit Paul zum Einkaufen* e *mit Paul in die Stadt*. Assim, o número total de permutações já está em 912. A ocupação tripla do campo anterior com *mit Paul zum Einkaufen in die Stadt* acrescenta outras 36 variantes. Apenas todas as permutações com somente um elemento no campo posterior acrescentam outras 720 variações. Contando as possibilidades de ocupação múltipla dos campos anterior e posterior, o número novamente cresce. E, ainda assim, não se esgotaram todas as variações possíveis. Pois, como foi mostrado acima (por exemplo, em II.1.8.11), é possível tematizar o pós-verbo e deixar que ele leve alguns ou todos dos seus complementos e suplementos para o campo anterior.

- (25g) Mit Paul heute um 10 Uhr zum Einkaufen in die Stadt gefahren ist Ina Ø.  
Com Paul hoje às 10 horas para compras em a cidade dirigido é Ina  
"Com Paul hoje às 10 horas para a cidade para fazer compras foi Ina."

Resumindo, então, constata-se que uma frase com apenas uma VK e não mais que seis complementos e suplementos do verbo pode ser diferenciada em mais de duas mil variantes, com diferenças pragmáticas perceptíveis na sua estrutura de topicalização, por menor que sejam. Na integração de várias VK com vários elementos cada uma, o número de variantes aumenta muito mais ainda. Com esta dimensão de variações de topicalização, percebe-se como, de fato, é abrangente a função da VK como ferramenta textual, pois todas as permutações acima apontadas são baseadas na estrutura sintática básica criada pelos dois pilares do pré- e pós-verbo, e os respectivos campos topológicos por eles constituídos.

### III.2.5 A *verbalklammer* como instrumento de integração textual / discursiva

Para aplicar a análise aqui proposta a um outro texto autêntico (desta vez não-literário) e mostrar como a descrição aqui proposta permite melhor focalizar a função textual da VK além do limite da frase, segue como exemplo (26) abaixo a seqüência inicial de frases extraídas do verbete "Absolutismus", de uma enciclopédia histórica (Asendorf et al., 1994), em sua versão digital. Assim, será possível verificar com mais detalhes como a integração de VK acompanha a progressão textual da perspectiva funcional (tema - rema) dentro do texto. Será usado uma seqüência de sete períodos, no total de 12 VK, pois isso garantirá o co-texto suficiente para se poder avaliar a interação entre progressão de VK e o desenvolvimento temático-remático do texto de uma maneira mais exata. Ao mesmo tempo o tipo de texto (verbeta de enciclopédia), a situação pragmática e o contexto situacional deste exemplo parecem suficientemente controláveis para ele

poder servir de ilustração válida do argumento deste trabalho aqui, mesmo num trecho razoavelmente curto.

(26a) Absolutismus (aufgeklärter Absolutismus)

Unter Absolutismus versteht man eine unumschränkte Herrschgewalt, bei der, staatsrechtlich gesehen, die Staatseinheit und die für die Aufrechterhaltung dieser Einheit erforderlichen Machtmittel in der Person eines Monarchen verkörpert sind. Verbunden mit dieser Konstruktion ist die Vorstellung vom Gottesgnadentum des Fürsten: Der Monarch ist niemandem verantwortlich außer Gott. Historisch gesehen bezeichnet der Absolutismus eine Phase, die nach Auffassung vieler Forscher mit der Reformationszeit in der ersten Hälfte des 16. Jahrhunderts beginnt und mit den napoleonischen Kriegen um die Wende vom 18. zum 19. Jahrhundert endet. Doch gibt es auch Periodisierungen, die weit früher ansetzen, und andererseits findet sich der Begriff auch noch zur Charakterisierung politischer Erscheinungen des 19. Jahrhunderts. So wird die Staatsführung des 1871 gegründeten Deutschen Reiches manchmal als "halb-absolutistisch" bezeichnet. Die zeitliche Eingrenzung des Absolutismus ist deshalb so schwierig, weil es sich bei ihm um eine bestimmte Etappe bei der Herausbildung des modernen Staates handelt. (...)

*Absolutismo (Absolutismo iluminado)*

*Por absolutismo entende-se um poder soberano ilimitado, onde – em termos do direito de estado – a união do estado e os instrumentos de poder necessários para a sustentação desta união estão reunidos na pessoa de um monarca. Associada a esta construção está a idéia de o soberano ser instituído por Deus: o monarca não responde a ninguém, exceto a Deus. Historicamente, o absolutismo descreve uma fase que, segundo a interpretação de muitos pesquisadores, começa com a época da Reforma, na primeira metade do século XVI, e termina com as Guerras Napoleônicas, na virada do século XVIII para o XIX. Apesar disso, há periodizações que iniciam muito mais cedo, e, por outro lado, o conceito ainda se encontra na caracterização de fenômenos políticos do século XIX. Assim, a condução do estado do Império Alemão, fundado em 1871, por vezes é descrita como "semi-absolutista". A delimitação temporal do absolutismo é tão difícil porque se trata de uma determinada etapa na formação do estado moderno. (...)*

No esquema da página seguinte, o exemplo acima está sendo analisado em termos de integração de VK e seus respectivos campos (as VK textuais são marcadas em negrito) nas duas linhas acima do texto. Na linha abaixo do texto acompanha a progressão da perspectiva funcional da frase (tema-remã).

(26b) Absolutismus (aufgeklärter Absolutismus)

$\overbrace{\text{[X]}_1 \text{ [X]}_2}^{\text{tema}_1}$   
 Unter Absolutismus versteht man eine ... Herrschaft  $\emptyset$ , bei **der**, staatsrechtlich gesehen, die Staatseinheit und die ... Machtmittel in der Person eines Monarchen **verkörpert sind**.  
 $\text{rema}_2 = \text{tema}_1$

$\text{[X]}_3$   
 $\text{tema}_4 = \text{rema}_3 + \text{rema}_3$   
**Verbunden** mit dieser Konstruktion ist die Vorstellung vom Gottesgnadentum des Fürsten  $\emptyset$ :  
 $\text{rema}_4$   $\text{rema}_3$   
 $\text{[X]}_4$   $\text{[X]}_4$   
 Der Monarch ist niemandem **verantwortlich** außer Gott.  
 $\text{rema}_5$   $\text{rema}_5$   $\text{rema}_6 = \text{rema}_4$

$\text{[X]}_5$   $\text{[X]}_6$   $\text{[X]}_{6a}$   $\text{[X]}_{6b}$   
 Historisch gesehen bezeichnet der Absolutismus eine Phase  $\emptyset$ , die ... mit der Reformationszeit ... **beginnt** und ... um die Wende vom 18. zum 19. Jahrhundert **endet**.  
 $\text{tema}_7 = \text{tema}_1$   $\text{rema}_7 = \text{tema}_8$   $\text{rema}_8$   $\text{rema}_{8a}$   $\text{rema}_{8b}$

$\text{[X]}_7$   $\text{[X]}_8$   $\text{[X]}_9$   $\text{[X]}_9$   
 Doch gibt es auch Periodisierungen  $\emptyset$ , die **weit früher ansetzen**, und andererseits **findet** sich der Begriff auch noch zur Charakterisierung ... des 19. Jahrhunderts  $\emptyset$ .  
 $\text{tema}_9 = \text{rema}_7$   $\text{rema}_9$   $\text{rema}_{10} = \text{tema}_1$

$\text{[X]}_{10}$   
 So **wird** die Staatsführung des 1871 gegründeten Deutschen Reiches manchmal als "halb-absolutistisch" **bezeichnet**.  
 $\text{rema}_{11} = \text{tema}_1$   $\text{rema}_{10} = \text{tema}_1$

$\text{[X]}_{11}$   $\text{[X]}_{12}$   $\text{[X]}_{11}$   $\text{[X]}_{11}$   
 Die zeitliche Eingrenzung des Absolutismus ist deshalb so schwierig, **weil** es sich bei ihm um eine bestimmte Etappe bei der Herausbildung des modernen Staates **handelt**.  
 $\text{rema}_{12} = \text{rema}_7 + \text{tema}_1$   $\text{rema}_{11}$   $\text{rema}_{12} = \text{tema}_{13}$   $\text{rema}_{13}$

Como anteriormente, as VK são marcadas com  $\boxtimes_n$  e  $\boxtimes'_n$ , as VK textuais com  $\ulcorner$  e os campos anteriores e posteriores com  $\frown$ . Percebe-se uma integração de uma VK no campo anterior da VK textual, em cinco das oito frases reproduzidas. As VK textuais, em todas as oito frases, são as finais de suas frases (VK 2, 3, 4, 6, 8, 9, 10 e 12); em nenhum caso uma VK textual integra uma outra no seu campo posterior. A VK 4 possui um campo posterior que abriga um elemento temático que retoma um rema anterior. Temas ou remas retomados são marcados com o mesmo índice, acrescentando ' para cada retomada. Assim, por exemplo, o tema principal, *Absolutismus*, é retomado seis vezes nas oito frases, o que mostra nitidamente que o pequeno texto focaliza bem o seu assunto. Dois outros sub-temas são retomados duas vezes cada um: o monarca e a periodização do absolutismo.

As oito VK textualmente ativas do exemplo (26b) são predominantemente remáticas. Em três casos, o início do campo interno das VK textuais ainda recebe uma parte do tema ou um tema secundário (VK 9, 10 e 12), sendo que, destes três, apenas a VK 12 integra uma outra VK no seu campo anterior. Nas frases das VK 9 e 10 (com apenas uma VK cada uma), um elemento dêitico adverbial ocupa o campo anterior, forçando assim a colocação do elemento temático para dentro do campo interno. As VK integradas no campo anterior de uma VK textual mostram uma tendência a uma ocupação mista, elementos temáticos nos seus campos anteriores e no início dos campos internos, com um elemento remático no final do seu campo interno (VK 1, 5 e 11). A VK 3 mostra o deslocamento do pós-verbo para o início do campo anterior, para onde ele leva o seu complemento preposicional obrigatório, temático.

O efeito desta antecipação é claramente uma ênfase maior ainda nos elementos remáticos no campo interno, adjacentes ao pré-verbo. Na metade das oito frases, o pré-verbo da VK textual não é o verbo finito. Em três destes quatro casos, a VK textual, fortemente remática, é um complemento atributivo (relativo). O pré-verbo 6, o juntor relativo *die*, atende a dois pós-verbos, 6a e 6b, paralelizados pelo juntor coordenativo *und* (e). A mesma relação de junção paralela existe entre as frases das VK 8 e 9. O sujeito é tema apenas em seis das doze VK. Entre as oito VK com o verbo finito em função de pré-verbo (onde o sujeito poderia ocupar o respectivo campo anterior), apenas em dois casos o sujeito tematizado ocupa o seu campo anterior (VK 4 e 11). Nos seis casos restantes, o campo anterior é ocupado por complementos preposicionais tematizados (VK 1 e 3) ou suplementos adverbiais (VK 5, 7, 9 e 10).

Veremos agora os resultados da mesma análise para um texto oral. Trata-se do início de uma conversa telefônica entre dois amigos (a pessoa A é descrita como um homem de 28 anos que trabalha na área de comunicação visual e vive em Frankfurt, e B como uma mulher de 27 anos que vive em Berlin e é gerente do restaurante para funcionários de uma grande empresa). O diálogo foi gravado, transcrito e publicado por Brons-Albert (1984: 110). A transcrição reproduz algumas características da língua falada (contrações e corruptelas) e alguns traços regionais / dialetais, aparentemente para reforçar o caráter de oralidade. Porém, como o interesse aqui é a progressão paralela das VK e da perspectiva funcional das frases, não é necessário entrar em detalhes da discussão sobre os critérios da reprodução fonética nesta transcrição. Como vemos, A ligou para B para agradecer um pequeno presente que B lhe enviou pelo correio.

(27a)

B: B  
 A: Tach, B, hier ist A.  
 B: Ah, hallo A!  
 A: Ich wollt mich nur für die Hefte bedanken.  
 B: Ach!  
 A: Sin gestern angekommen!  
 B: Is doch nicht nötig!  
 A: Sin echt prima!  
 B: Ja, gefällt's dir?  
 A: Joa, dann kann ich wenigstens mein Englisch en bißchen vervollständigen.  
 B: Ach Gott, ne, für mich wär das nischt.  
 A: Nee?  
 B: Ich wär in Englisch total doof!  
 A: Ach, so'n paar Bildergeschichten, das schaffsde do auch!  
 B: Ich hab ganz kurz reingeguckt, naja ...  
 A: hmm  
 B: ma kommt schon irgendwie mit.  
 A: Ja, sicher! Vor allen Dingen, sin au sagenhaft gezeichnet, teilweise.  
 B: Ja?  
 A: Mhm. Hab mich wahnsinnig gefreut.  
 B: Is ja schön. Ja, wenn ick ma wieder vorbeikomme, schick ich dir ma wieder welche rüba.  
 A: Ja, aber hör ma, stürz dich nich in Unkosten!  
 B: Ach, na hör ma, is nich so schlimm!  
 ...

B: B  
 A: Oi, B, aqui é o A.  
 B: Ah, olá A!  
 A: Eu só queria agradecer pelas revistas.  
 B: Ah!  
 A: Chegaram aqui ontem!  
 B: Não tem por quê!  
 A: São realmente massa!  
 B: Sim, você gostou?  
 A: Siim, agora posso, pelo menos, expandir o meu inglês um pouquinho.  
 B: Meu Deus, não, isso não é comigo.  
 A: Não?  
 B: Eu sou totalmente tapada em inglês!  
 A: Ah, algumas histórias em quadrinhos assim, isso tu também consegue!  
 B: Eu dei uma olhadinha rápida, não sei ...  
 A: hmm  
 B: a gente se vira, de algum jeito.  
 A: Sim, com certeza! Principalmente, são maravilhosamente desenhadas, algumas.  
 B: Sim?  
 A: Mhm. Fiquei contente pra caramba.  
 B: Que bom. Então, quando eu passar lá de novo, te mando mais umas, quem sabe.  
 A: Sim, mas escuta, nada de grandes despesas!  
 B: Ah, o que que tá pensando, não é nada tão grave!  
 ...



À primeira vista já, nota-se uma estrutura de VK diferente do texto escrito em (26b). Em (27b) ocorrem vários enunciados sem VK / verbo (sete entre 28). Ao contrário de (26b), onde não havia campos externos, em (27b) encontramos bastante uso deste recurso, e, como existem campos externos esquerdos (cee) junto a campos anteriores (ca), bem como campos posteriores (cp) junto a campos externos direitos (ced), eles são sempre assinalados na linha superior ao texto, para manter a clareza máxima. As justificativas para a delimitação destes campos já foram expostas antes (veja II.1.8.11 e II.1.8.12 acima) e aqui não precisam mais ser discutidas. No total, para apenas 21 VK, temos onze campos externos esquerdos, dois campos posteriores e um campo externo direito. O grande número de campos externos esquerdos explica-se pelas partículas interativas e modais ou suplementos adverbiais, elementos relativamente típicos para este tipo de discurso oral, ainda mais na versão telefônica, onde o uso maciço de partículas e modalizações pode substituir parcialmente a ausência de pistas não-verbais visuais. Em apenas uma situação, o campo externo esquerdo abriga um elemento temático enfatizado e repetido por um elemento dêitico anafórico no campo anterior (VK 10). Apesar da maior frequência no canal oral, Ellen Prince (1995) mostra três funções discursivas do deslocamento para a esquerda em exemplos de discurso escrito do inglês e ídiche e salienta a sua relação com topicalização: a primeira função seria facilitar o processamento de períodos mais complexos, a segunda, colocar marcadores catafóricos para enumerações de conjuntos parcialmente ordenados (*partially ordered sets*, por exemplo: *Dem ersten, dem gebe ich ...* – Ao primeiro, a este eu dou ... ) e a terceira, antecipar elementos exigidos pela regência do verbo para evitar que a sua ocorrência posterior configure a possibilidade de interpretar a frase como violação da regência. Ela não aceita, portanto, a interpretação do deslocamento para a esquerda como "desvio" típico para o discurso oral.

Das dezesseis VK com o verbo finito em função de pré-verbo (V<sub>2</sub>), o campo anterior ficou vazio em sete casos (VK 3, 4, 5, 13, 14, 15 e 19), ou seja, o tema da frase não precisou ser mencionado pois estava presente no contexto, e o elemento Ø no campo anterior exerce, ao mesmo tempo, uma função sintática (do campo anterior) e semântico-discursiva (representa o tema). As 21 VK são predominantemente remáticas. A distribuição de tema e rema dentro dos campos internos é semelhante à do texto escrito do exemplo (26b): nas VK integradas por uma VK textualmente ativa, ou em casos onde o campo anterior é ocupado por partículas ou suplementos modais, um elemento temático ocupa o início do campo interno. A junção entre VK é muito menos frequente. Desconsiderando as VK 18 e 20, que abrigam imperativos que podem ser interpretados como meros elementos discursivos semi-ritualizados, e são integradas pelas VK 19 e 21, temos apenas

uma junção de VK, entre a VK 16 e 17, onde a segunda torna-se textualmente ativa, com informação remática.

Resumindo, podemos constatar que a VK e a junção entre VK exercem um papel importante na progressão da perspectiva funcional de frase: A) dentro da frase, pelo fato de delimitar seus campos topológicos, B) entre frases, pela sua função de integração dentre várias VK, e C) ao longo do texto, pela opção flexível, de usar como VK textualmente ativa, ou a inicial ou a final ou a do meio de uma série de VK integradas, devido às várias possibilidades de combinação entre os sistemas de campos abertos por cada VK. Evidentemente, a análise de apenas alguns exemplos acima não é suficiente para afirmações representativas sobre a distribuição de elementos temáticos e remáticos em vários tipos de texto. O objetivo principal foi de mostrar que a VK é uma ferramenta importante para estruturar a progressão da perspectiva funcional da frase em alemão e como ela contribui para esta função textual. Assim, foi documentado como a VK abre várias possibilidades de combinação e de que forma ela age como uma estrutura eminentemente textual, como Weinrich postulou, sem que ele tenha entrado em uma análise mais profunda para apoiar esta avaliação.

A análise de diferentes exemplos de textos escritos e orais aqui serviu para mostrar a viabilidade e a flexibilidade do modelo de descrição da VK deste trabalho, na situação relativamente extrema de períodos complexos, com a integração de frases múltiplas. Como vimos acima, nos exemplos (22c), (22d), (23c), (23d), (24a) e (24b), o modelo aqui proposto é suficientemente flexível para se adaptar às várias situações contextuais possíveis. Ele explica como uma mesma frase ou seqüência de frases pode ser utilizada para realizar diferentes intenções pragmáticas, usando o mesmo modelo descritivo. Ao contrário disso, vimos que, em situações com um contexto comunicativo definido, como nos exemplos (26) e (27), o modelo explica com precisão as opções realizadas pelos respectivos autores.

Abaixo temos agora um outro exemplo do canal oral, de 1 minuto e 44 segundos de fala autêntica, de um professor de história (Rüdiger Machetzki), num programa de discussões televisivas (Club2, da emissora austríaca ORF2, transmitido em 6/10/1994, às 23:30 horas), transcrito de uma gravação em vídeo, onde teremos melhores condições de avaliar contexto discursivo e marcadores prosódicos. Novamente, pelo comprimento do exemplo, o seu conteúdo será apenas traduzido, sem a tradução literal ilustrativa intermediária.



(28a) Ja, die Arbeitslosigkeit wird wahrscheinlich das größte Problem sein, weil es die soziale Stabilität am meisten von allen anderen Problemen gefährdet, mehr noch als Inflation. Aber in der Tat ist die chinesische Regierung in den Bereichen, die sie direkt kontrolliert, in der Wirtschaft, also in den größeren staatlichen Betrieben, relativ vorsichtig, zögerlich vorgegangen, und ich selbst muß auch sagen: Ich sehe auch keine Alternative zu diesem sehr vorsichtigen Vorgehen, eben aus Gründen der sozialen Stabilität. Aber ich glaube, auf Dauer wird das Problem der staatlichen Betriebe sich ja nicht von alleine lösen, sondern einer Lösung sich selbst zuführen, die unabhängig vom direkten politischen Willen ist. Wenn wir uns andere Länder ansehen, wo man große Staatsbetriebe hat, wie – nehmen wir ruhig Rußland, oder andere Länder der ehemaligen Sowjetunion – in denen diese Staatsbetriebe einfach nicht in der Lage sind (egal was man an Reformansätzen versucht hat), aus ihrem gewohnten Rhythmus herauszukommen. Und ich glaube, daß auch Ähnliches für die großen Betriebe in China festzustellen ist. Das heißt, egal was man theoretisch als Reformansatz für richtig hält, in sich logisch, es wirkt in der Praxis nicht, weil all das, was wir mit diesen Reformsignalen verbinden, nicht angenommen wird. Das heißt, auf Dauer können sich diese Betriebe ... oder wird eine Änderung im Bewußtsein der Belegschaften in diesen Betrieben – vor allem in den Betriebsführungen – erst eintreten, wenn eine Alternative da ist, die realen Druck ausübt.

*"Sim, o desemprego provavelmente será o problema maior, porque ameaça mais a estabilidade social do que todos os outros problemas, ainda mais que a inflação. Mas, de fato, o governo chinês procedeu de maneira relativamente cautelosa, vacilante, em todas as áreas que controla diretamente na economia, ou seja, nas empresas estatais, e eu mesmo tenho que dizer também: eu não vejo nenhuma alternativa a este procedimento tão cauteloso, justamente por razões da estabilidade social. Mas eu acredito, que, a longo prazo, o problema das empresas estatais não se resolverá por conta própria, mas se direcionará sozinho para uma solução que é independente da vontade política. Se olharmos outros países, onde se tem grandes empresas do estado, como – tomemos a própria Rússia, ou outros países da antiga União Soviética – nos quais estas empresas do estado simplesmente não estão em condições (independentemente do que se tentou como abordagens de reforma), de sair do seu ritmo habitual. E eu acho que também coisas semelhantes podem ser constatadas para as grandes empresas na China. Isto é, independente do que se aprobe teoricamente como abordagem para reformas, como lógico em si, na prática, não funciona, porque tudo isso que nós associamos com estas abordagens de reforma não é aceito. Isto é, a longo prazo estas empresas podem-se ... ou uma mudança na consciência dos empregados destas empresas – principalmente da gerência destas empresas – só iniciará no momento em que houver uma alternativa capaz de exercer uma pressão real."*

A transcrição (28a) reproduz o texto no registro escrito, respeitando as regras de pontuação e corrigindo violações das regras sintáticas, preservadas na transcrição seguinte.

A transcrição (28b) na página seguinte não focaliza mais tanto a distribuição e integração de VK e seus respectivos campos topológicos, nem inclui a progressão de topicalização mostrada em (26b) e (27b). No caso deste exemplo, temos acesso aos dados prosódicos, até a pistas extra-lingüísticas visuais, e podemos verificar como estes elementos comportam-se ao longo da progressão de VK do exemplo. A transcrição abaixo não contém necessariamente a mesma segmentação de frases mostrada em (28a), como veremos. A transcrição, mais próxima ao original falado, mostra os marcadores prosódicos importantes, como pausas, acentos e movimentos no tom da voz, anteriormente referidos neste trabalho, para assim se verificar seu comportamento em relação à nossa análise de integração de VK. Além disso, a transcrição não eliminou uma série de

"impurezas", como erros de concordância, *false starts* e pausas, hesitações, respirações audíveis, etc. A transcrição (28b) tenta reproduzir todos estes detalhes de uma forma relativamente fiel, para aumentar a base de informações disponíveis para a análise e para mostrar até que ponto o modelo descritivo aqui proposto é adequado para a linguagem autêntica ou apoiado por ela. Outros detalhes, como realização de fonemas etc., não são importantes e não aparecem.

Como sua importância é evidente, a análise de dados prosódicos dentro de estudos do discurso iniciou relativamente cedo. Depois de trabalhos precursores como, por exemplo, os de Pierre Delattre (1965), nos anos 80 houve uma grande série de trabalhos neste sentido, como os de Janet Bing, Anthony Fox ou Helmut Richter (todos de 1984, junto com outros trabalhos dos anais do mesmo evento) ou Dwight Bolinger (1985, 1986 e 1989), que influenciou muitos autores profundamente, entre eles Givón. Os termos *high-*, *mid-* e *low-fall* (respectivamente *-rise*) usados na transcrição (28b) são empregados, por exemplo, por M.A.K. Halliday (1970), David Brazil (1985) e Malcolm Coulthart (1985), para descrever situações discursivas de concordância ou discordância, onde o movimento no tom da voz, em combinação com o nível inicial e terminal do tom, permitem conclusões sobre a interação entre os participantes do discurso. Dentro da abordagem deste trabalho, este uso do movimento no tom da voz não é analisado, mas sim o movimento do tom da voz como sinal sintático, ou seja, a elevação do tom da voz no final de uma VK que marca que esta VK não é a textualmente ativa, e que mais informação em (uma) outra(s) VK seguirá, enquanto a cadência descendente no tom sinaliza que a VK em questão provavelmente era a textualmente ativa e que a informação principal aqui está encerrada, com a possibilidade de informações posteriores no campo posterior ou no campo externo da direita. Num sentido semelhante, as pausas podem ser marcadores sintáticos, principalmente como marcadores que reforçam a delimitação de campos externos e posteriores. Sem o emprego de equipamento especial para a quantificação exata tanto da duração das pausas quanto do nível no tom da voz, as indicações abaixo em (28b) são apenas valores aproximativos. Porém, como a argumentação deste trabalho não se apóia na diferenciação entre diferentes níveis da voz e sim na tendência do movimento e na existência de uma pausa e não na sua duração absoluta, as eventuais imprecisões na análise abaixo podem ser desculpadas. O exemplo está incluído no CD-ROM anexado, em vídeo digital.

Explicação dos símbolos usados em (28b):

- ⊗<sub>n</sub>: pré-verbo  
⊗<sub>n</sub>: pós-verbo  
ausübt: partes sublinhadas marcam acento tônico de palavra ou frase  
-R- : respiração audível  
-p-, -pp-, -ppp-: pausa muito curta, curta ou média  
istldas : distância nitidamente reduzida entre duas palavras

movimentos da voz:

- |     |          |     |          |     |           |
|-----|----------|-----|----------|-----|-----------|
| ↘ : | low-fall | ↘ : | mid-fall | ↘ : | high-fall |
| ↗ : | low-rise | ↗ : | mid-rise | ↗ : | high-rise |

— : cadência final com tom de voz descendente em dois a quatro degraus

(28b)

linha

„Ja -p- die Arbeitslosigkeit wird wahrscheinlich das -pp- ä größte Problem sein weil es die soziale -p- 1  
⊗<sub>1</sub> ⊗<sub>1</sub> ⊗<sub>2</sub>

Sch-p- Stabilität am meisten -R- von allen an.. unter anderen -pp- Problemen gefährdet mehr noch als 2  
⊗<sub>2</sub>

-R- ä Inflation -R- aber ä -pp- in der Tat ist die chinesische Regierung -p- in den Bereichen die sie 3  
⊗<sub>3</sub> ⊗<sub>4</sub>

direkt kontrolliert in der Wirtschaft also den größeren staatlichen Betrieben -R- relativ -p- vorsichtig 4  
⊗<sub>4</sub>

-p- zögerlich vorgegangen und äh ich selbst muß auch sagen -p- ich seh auch keine Alternative Ø -R- 5  
⊗<sub>3</sub> ⊗<sub>5</sub> ⊗<sub>5</sub> ⊗<sub>6</sub> ⊗<sub>6</sub>

zu diesem sehr vorsichtigen -R- -p- Vorgehen leben aus -p- Gründen der sozialen -p- Stabilität -pp-R- 6

aber -pp- ich glaube Ø -p- auf Dauer -p- wird eh das Problem der staatlichen Betriebe sich -R- ja nicht 7  
⊗<sub>7</sub> ⊗<sub>7</sub> ⊗<sub>8</sub>

von alleine lösen aber eh einer Lösung ö -pp- sich selbst zuführen die v... -p- unabhängig vom -R- ä 8  
⊗<sub>8a</sub> ⊗<sub>8b</sub> ⊗<sub>9</sub>

-p- direkten politischen Wollen ist wenn -p- wir uns andere Länder ansehen wo man große 9  
⊗<sub>9</sub> ⊗<sub>10</sub> ⊗<sub>10</sub> ⊗<sub>11</sub>

Staatsbetriebe hat -R- wie -pp- nehmen wir ruhig Rußland Ø oder andre Länder der ehemaligen 10  
⊗<sub>11</sub> ⊗<sub>12</sub> ⊗<sub>12</sub>

Sowjetunion -R- in denen diese Staatsbetriebe einfach nicht in der Lage sind Ø egal was man an 11  
⊗<sub>13</sub> ⊗<sub>13</sub> ⊗<sub>14</sub> ⊗<sub>15</sub>

Reformansätzen versucht hat -R- aus ihren m m gewohnten Rhythmus herauszukomm -R- und ich glaube 12  
⊗<sub>15</sub> ⊗<sub>14</sub> ⊗<sub>16</sub>

Ø daß auch -pp- Ähnliches für die großen Betriebe in China festzustellen ist das heißt Ø egal was 13  
⊗<sub>16</sub> ⊗<sub>17</sub> ⊗<sub>17</sub> ⊗<sub>18</sub> ⊗<sub>18</sub> ⊗<sub>19</sub>

man theoretisch -R- als Reformansatz für richtig hält -R- in sich logisch -pp- es wirkt in der Praxis 14  
⊗<sub>19</sub> ⊗<sub>20</sub>

nicht weil all das was wir äh mit -p--R- diesen eh Reformsignalen verbinden -p- nicht angenommen wird 15  
⊗<sub>20</sub> ⊗<sub>21</sub> ⊗<sub>22</sub> ⊗<sub>22</sub> ⊗<sub>21</sub>

-R- das heißt Ø auf Dauer -pp- könn' sich diese Betriebel oder wird eine Änderung -p- im -p- Bewußtsein 16  
⊗<sub>23</sub> ⊗<sub>23</sub> ⊗<sub>24a</sub> ⊗<sub>24b</sub>

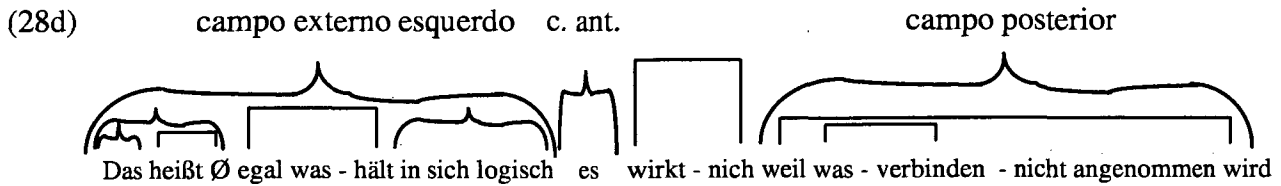
der Belegschaften in diesn Betriebn vor aliem den Betriebsführungen -p- erst eintreten -p- wenn eine 17  
⊗<sub>24</sub> ⊗<sub>25</sub>

Alternative da ist die -pp- realn Druck ausübt.“ 18  
⊗<sub>25</sub> ⊗<sub>26</sub> ⊗<sub>26</sub>

Como se percebe à primeira vista, a progressão de frases é bem menos nítida do que a das VK, o que corresponde ao fato de que a língua falada nem sempre respeita muito as condições impostas pela gramática para frases "bem-formadas". Além das hesitações, dos elementos para camuflá-las (*äh, mm* etc.) e dos limites bem menos definidos entre frases, temos outros sinais de pequenos ou nem tão pequenos desvios da versão "limpa" no registro escrito, elaborada para (28a) acima. Assim, tem-se, por exemplo, *false starts* em nível de VK (linha 16-17: *könn' sich diese Betriebe oder wird eine Änderung im Bewußtsein der Belegschaften in diesn Betrieben*) ou de grupos nominais (linha 2: *von allen an... unter anderen*). Além disso, temos erros gramaticais: na linha 8 o juntor *aber* está errado, no seu lugar deveria estar *sondern*, e, na linha 12, há um erro de declinação: a preposição *aus* que rege o dativo é seguida por uma forma dativa no plural (o artigo possessivo *ihren*), mas a continuação do grupo preposicional (*Rhythmus*) exigiria a forma singular do dativo (*ihrem*). Tanto os *false starts* quanto os erros podem ser atribuídos a mudanças no planejamento dos enunciados em curso, depois de já iniciados. Os dois erros assinalados, de certa forma, podem ser vistos como *false starts* evitados. Ou o falante pode ter julgado que deixar os erros como estão era preferível a um recomeço, ou talvez nem tenha percebido as pequenas inconsistências sintáticas.

Quanto à progressão de VK textuais e da estrutura de tema-rema, temos o seguinte quadro: a VK 2 (*weil - gefährdet*) integra, no seu campo anterior, a VK 1 (*wird - sein*) que tem a partícula interativa *ja* no seu campo externo esquerdo, e, no seu campo posterior, a seqüência comparativa (*mehr noch als die Inflation*). O conteúdo da VK 1 é uma retomada de um tema anteriormente já presente e ela introduz a fala que é uma resposta à pergunta do entrevistador sobre qual seria o maior problema: o desemprego, a inflação ou outros. Assim, a VK 2 traz a informação remática do enunciado. A VK 3, com *aber* em função de partícula no seu campo externo esquerdo, integra no seu campo interno a VK 4 (frase atributiva). Chama a atenção como a área temática em adjacência direita ao pré-verbo *ist* é extensa e elaborada em 3 etapas. A área remática no final do campo interno inicia apenas com os advérbios de avaliação (*relativ zögerlich*). A VK 6 (*seh - Ø*) integra, no seu campo anterior, a sua introdução pela VK 5 (*muß - sagen*), o complemento preposicional (*zu diesem ... Vorgehen*) do rema (*keine Alternative*), no seu campo posterior, e o suplemento adverbial preposicional (*aus Gründen...*) no seu campo externo direito. A VK 8 (*wird - lösen / einer Lösung zuführen*) integra, no seu campo anterior, novamente uma VK de um verbo instrumentalizado como introdução (*glaube - Ø*), novamente com a partícula *aber* no seu campo externo esquerdo. Depois do pré-verbo (*wird*), entra o tema (*das Problem der staatlichen*





Quase a mesma estrutura vemos repetida na seqüência final, onde temos uma outra VK introdutiva, a 23 (*heißt - Ø*), aqui em função de campo externo esquerdo. Segue um campo anterior onde vemos a VK 24 aberta duas vezes, num *false start*, (24a *könn'*, 24b *wird - eintreten*), seu próprio campo anterior preenchido por um suplemento (*auf Dauer*). A VK textual com o rema principal e a VK 25 (*wenn - da ist*), seguida por um atributo no seu campo posterior, está presente em forma da VK 26, também remática: (*die - ausübt*).

Analisando os movimentos no tom da voz que acompanham a estrutura de VK, podemos verificar que em todos os pré-verbos com movimento perceptível no tom de voz há um movimento ascendente. Os pré-verbos das VK 5, 6, 7, 16, 22 e 26 não têm tom ascendente. A VK 6 é textualmente ativa, porém mostra um pós verbo Ø que opera mais como separador de campos, mas não precisa ser conectado ao seu pré-verbo no sentido de cumprir uma expectativa semântica. As VK 5, 7 e 16 são introduções de fala ritualizadas. A VK 22 completa é um atributo inserido no campo interno da VK 21. O pré-verbo da VK 26 inicia um campo posterior. Assim, a VK 22 seria a única onde normalmente poderia esperar-se um movimento de voz ascendente em seu pré-verbo. Nenhum pré-verbo, porém, mostra movimento de voz descendente.

Mais interessante em termos da proposta descritiva deste trabalho é a análise do movimento no tom da voz nos pós-verbos, levando em consideração o status textual das VK. Conforme a descrição acima, os pós-verbos das VK textuais mostram o movimento descendente no tom da voz, contrário aos pós-verbos das VK integradas no campo anterior da VK textual, que anunciam o pré-verbo adjacente da VK seguinte com a elevação do tom da voz. A única exceção é o pós-verbo da VK 3, que mostra tom ascendente. A explicação mais provável deste caso é que o planejamento inicial do enunciado iniciado previa uma continuação por uma VK textual que não aconteceu. Assim, a VK 3 ficou com o papel, mas não com o marcador prosódico final de VK textualmente ativa.

De modo geral, podemos constatar que a análise dos movimentos no tom da voz apóia a descrição proposta acima. Mais importante ainda é que o modelo descritivo mostrou-se capaz de explicar situações autênticas com todas as suas impurezas acima descritas de forma clara e consistente. A

análise fina de detalhes prosódicos em relação à VK não cabe aqui, por causa da proposta mais fundamental de uma descrição sintática geral mais apropriada. Da mesma forma, não há espaço aqui para uma descrição mais elaborada de todos os usos pragmáticos e discursivos dos recursos oferecidos pela *Verbalklammer*, pois esta tese é situada na sintaxe e não na análise do discurso. Ficou claro, porém, **que** a VK tem uma função importantíssima nesta área.

Mesmo sem poder entrar em detalhes mais aprofundados (isso caberá a uma futura pesquisa), será indicado ainda brevemente um uso discursivo possível da VK: como instrumento na negociação de turnos. Já foi descrito que a VK abre uma expectativa semântica, contextualmente definida pelo seu pré-verbo, que é cumprida apenas na hora do pós-verbo fechar a estrutura descontínua. Em alguns casos, temos VK bastante extensas, também no texto oral (28b), onde a maior inclui 22 elementos lexicais (VK 3). Por isso, poder-se-ia esperar que o momento para pausas para a respiração ou para o planejamento da continuação do texto caíssem após o encerramento de uma VK, depois do seu pós-verbo. Olhando para a distribuição de pausas e respirações audíveis na seqüência de 26 VK do exemplo (28b), porém, vê-se que, na prática, acontece o contrário. A transcrição registra 32 pausas (21 muito curtas, nove curtas e duas médias) e 17 respirações. Apenas sete entre estes 49 eventos ocorrem imediatamente após o fechamento de uma VK: quatro respirações, após as VK 11, 12, 14 e 15 e três pausas muito curtas, após as VK 5 e 22, 24. Nenhum destes cinco eventos ocorre após uma VK textual. Em seis das sete situações, temos indicadores fortes de que o central da frase (a VK textual, remática) ainda não ocorreu: antes das três pausas em questão (5, 22 e 24), temos uma sensível elevação do tom da voz, e das quatro respirações que incidem após um pós-verbo (11, 12, 14 e 15), três ocorrem entre campos externos esquerdos, campos anteriores e a VK textual, apenas a respiração após a VK textual 14 coincide com o lugar previamente esperado para este tipo de evento. Nas 42 situações restantes, as pausas e respirações ocorrem justamente dentro das VK. Concomitantemente, em 13 dos 26 pós-verbos podemos observar o fenômeno oposto: a velocidade da fala aumenta e o falante encolhe a distância entre o pós-verbo e o próximo elemento que é, em nove destas situações, o próximo pré-verbo, adjacente. Não somente as pausas não incidem no lugar esperado, elas parecem ser evitadas de maneira proposital.

Por que o falante evitaria concentradamente as pausas após um pós-verbo, ainda mais depois de encerrar uma VK textual? Aparentemente, o momento depois do fechamento de uma VK é uma posição mais vulnerável no sentido de correr mais risco de sofrer uma interrupção por outros participantes do discurso e assim perder o turno. Interromper um falante depois que ele concluiu



uma VK (textual) parece configurar um ato muito menos agressivo do que interromper no meio de uma VK. Como vemos no exemplo (28b) acima, o falante se permite momentos de pausas e elementos para preenchê-las como *äh, eh, m*, etc., relativamente extensos, e sempre no meio de uma VK, pois assim este parece ser o momento para um (re-) planejamento da continuação da fala. Isso é apoiado por outros indícios já apontados. As falhas e erros sintáticos existentes no trecho reproduzido, à primeira vista, problemas de performance ou lapsos, são sempre causados por revisões no planejamento do enunciado depois que um ou vários elementos já foram enunciados. Ou seja, o meio de uma VK é aparentemente o lugar mais seguro para estas manobras, onde corre-se o menor risco de interrupção. De fato, ao longo da discussão tranqüila e civilizada, de quase duas horas da gravação citada, as poucas interrupções ocorrem depois que um participante fechou uma VK textual. Nestes momentos, muitas vezes até dois ou três outros participantes começam a falar simultaneamente, como por um sinal combinado. Este sinal, porém, é dado pela própria "vítima" da interrupção: o encerramento de uma VK textual. Assim, vemos mais uma possível função discursiva da VK. Ela pode ser utilizada no gerenciamento e na negociação de turnos num discurso. Neste aspecto, a elevação no tom da voz no pós-verbo da VK 3 textual acima poderia até ser interpretada de uma outra forma ainda, como tentativa de evitar uma possível perda de turno.

### **III.3 A importância da descrição proposta por este trabalho para o ensino do alemão como língua estrangeira**

A descrição da *Verbalklammer* proposta neste trabalho teve o objetivo de focalizar melhor a regularidade sintática subjacente a todas as frases do alemão em um modelo descritivo único. Como Weinrich colocou, é uma obrigação da ciência tentar estender o terreno coberto por analogia e reduzir as anomalias na descrição de fenômenos da linguagem. Este imperativo inclui não apenas o objetivo de esclarecer cada vez melhor o funcionamento da língua dentro da comunidade científica, mas evidentemente tem ainda mais importância para o ensino de línguas, maternas tanto quanto estrangeiras. O professor e estudante de língua estrangeira estão na posição menos vantajosa e têm obstáculos maiores a vencer. Eles são os que mais precisam da ajuda da lingüística. Como a maioria dos professores de alemão como língua estrangeira tem um domínio da língua alvo muito bom ou equivalente ao falante nativo, eles (como os falantes nativos em si) não sentem (mais) a inconsistência do modelo descritivo e didático usado. Portanto, o aluno está, muitas vezes, sozinho com as suas dúvidas e perguntas.

### III.3.1 Situação atual do ensino da *Verbalklammer*

O fenômeno da sintaxe verbal em alemão é tradicionalmente abordado de uma forma insuficiente, partindo da estrutura SVO como base. Assim, também os alunos não são advertidos em tempo sobre o verdadeiro princípio sintático, a *Verbalklammer*. Conseqüentemente, na prática, o aluno de uma língua materna com estrutura SVO (como o português) passa a formular quase inevitavelmente frases em alemão que seguem o princípio SVO. Ainda mais porque a maioria dos livros didáticos apresenta frases SVO nas primeiras unidades. Erros de serialização são a consequência desta forma: "*Heute, ich gehe ...*" em vez de "*Heute gehe ich...*"). Mais tarde, quando os verbos bipolares (chamados de "verbos separáveis") já foram apresentados, o aluno facilmente esquece do elemento verbal na posição final, formulando assim frases deficientes em termos sintáticos, semânticos e pragmáticos.

Até hoje a gramática tradicional greco-latina com sua sistemática, suas categorias e sua terminologia tem uma influência forte nos estudos sintáticos do alemão (como mostrado na parte II deste trabalho), o que faz com que muitos fenômenos básicos da estrutura do alemão ainda não tenham encontrado sua descrição adequada, como no nosso caso a *Verbalklammer* e toda a área da topologia e sintaxe verbal. O desvio de analisar o alemão, uma língua que preservou seus fundamentos germânicos, apesar de várias influências das línguas latinas, através de instrumentos que foram desenvolvidos na análise de línguas não-germânicas, prejudicou não somente os resultados dos trabalhos lingüísticos, como também toda didática derivada de tal estudo descritivo. Assim, ocorre a triste situação em que, muitas vezes, a parte de gramática no ensino de alemão como língua estrangeira, ao invés de ajudar a esclarecer o verdadeiro funcionamento do sistema, confunde mais ainda o estudante, contribuindo desnecessariamente à fama de "língua difícil" do alemão.

A deficiência da descrição lingüística acima criticada fica ainda mais evidente no fracasso do ensino que dela tira os seus modelos didáticos. Neste sentido, o ensino de L2 pode ser considerado a prova de fogo para o trabalho lingüístico descritivo. Muitas publicações sobre as dificuldades específicas do ensino do alemão para falantes de outras línguas e sobre a análise de erros mencionam a ordem dos elementos na frase (por exemplo Zindler, 1975). Antônio Franco, da Universidade do Porto (Portugal), que dedicou sua tese de doutoramento à análise contrastiva dos erros de alunos portugueses de alemão, constata que a ordem das palavras na frase "constitui de longe a área com mais elevado número de desvios registrados" (Franco, 1986: 35). De fato, toda

experiência – também no curso de alemão da UFSC – mostra que, ainda em nível intermediário, os alunos de alemão como língua estrangeira apresentam sérias dificuldades neste sentido. Donatien Mode (1987) constatou em seu levantamento a grande dificuldade que as regras topológicas do alemão apresentam para alunos cuja L1 é francês. Sobre a peculiaridade da posição final do verbo finito nas chamadas "frases subordinadas", sempre houve consenso e atenção dos lingüistas e, principalmente, dos professores de alemão para estrangeiros. Como vemos agora, esta peculiaridade é só uma pequena parte de um sistema muito mais abrangente e fundamental para a constituição de *todas as frases* em alemão. Este e outros fenômenos são conhecidos e tematizados como problemas do ensino de alemão como língua estrangeira que materiais adicionais tentam solucionar com um número considerável de exercícios isolados sobre aspectos parciais (cf. Dreyer & Schmitt, 1995; Schmitt, 1993; Griesbach, 1990; Zielinski, 1973). O problema, porém, não parece ser, em primeiro lugar, a falta de exercícios, e sim a apresentação inicial pelos livros didáticos.

Seria, então, muito importante mudar a didática do sistema sintático verbal e dar aos alunos, desde o início, acesso às informações sobre o verdadeiro princípio regente da construção de frases. Além de evitar erros na posição de palavras, isso traria outros benefícios, a saber: o aluno só pode reconhecer a necessidade de um sistema tão diferenciado de declinação do grupo nominal (outro desafio para professores e alunos), quando ele pára de formular frases SVO, onde a função de sujeito e objeto é marcada simplesmente pela posição, dispensando, com uma certa razão, toda declinação. Só a liberdade de posicionar os elementos nominais numa frase, decorrente da VK, cria a necessidade comunicativa de marcar sujeito e objetos de uma outra maneira.

### III.3.2 O problema geral da gramática didática

A maioria dos livros didáticos para o ensino do alemão como L2 prioriza, no material lingüístico apresentado, formas contextualmente neutras e evita formas marcadas, na intenção de simplificar o quadro e facilitar a aprendizagem dos elementos considerados "básicos". Da mesma forma, muitos usam preferencialmente textos construídos pelos seus autores, em vez de textos autênticos. Isso ocorre novamente com o objetivo de facilitar a compreensão pelos alunos e também para compatibilizar os diálogos e textos com a progressão lexical e gramatical do método e assim garantir que, em um dado momento no percurso pelo material, o aluno seja confrontado apenas com os elementos novos que devem ser aprendidos neste dado momento. Em alguns casos,

investe-se energia considerável para aumentar uma aparência pseudo-autêntica dos diálogos e textos. Não obstante a isso, é seguro dizer que a grande maioria do material lingüístico apresentado em livros para o ensino de alemão como língua estrangeira para iniciantes é artificial, mesmo sem a possibilidade de apresentar aqui um levantamento detalhado e documentado por causa do espaço que tomaria. Passando por alguns livros didáticos populares de quatro décadas, podemos constatar uma tendência de uma certa variação no uso de textos autênticos, porém, através de todas as mudanças nas abordagens didáticas (método de gramática e tradução – anos 50/60, método audio-lingual – anos 60/70, método comunicativo anos – 70/80, método nocional e sócio-construtivista – anos 80/90), a predileção dos autores de livros didáticos por textos escritos por eles mesmos é quase uma constante:

- **Kessler: *Deutsch für Ausländer*** de 1953 – não contém uma única frase autêntica sequer;
- **Schulz & Griesbach: *Deutsche Sprachlehre für Ausländer*** (primeira publicação em 1955, edição revisada de 1967) – usa na última lição do livro um pequeno texto literário de Erich Kästner, adaptado pelos autores, todo o resto é artificial;
- **Braun, Nieder & Schmoe: *Deutsch als Fremdsprache*** de 1967 – somente diálogos, porém todos construídos pelos autores para mostrar o fenômeno sintático apresentado com a maior frequência possível (ex: 12 frases relativas em todas as combinações de casos em 15 linhas); usa alguns elementos autênticos, como anúncio de jornal, cardápio, *outdoors*;
- **Schäpers: *Deutsch 2000*** de 1972 – nenhum texto autêntico, em compensação exercícios estruturais de automatização (*pattern drills*);
- **Häussermann: *Sprachkurs Deutsch*** de 1978 – quase exclusivamente textos e diálogos construídos; alguns poucos textos literários muito curtos e elementos autênticos como anúncio de jornal, horário de trem, etc.;
- **Neuner et al.: *Deutsch Aktiv Neu*** de 1986 – muitos dos textos e diálogos das lições são escritos ou adaptados pelos autores; um texto literário autêntico em cada lição (poesia concreta), muitos elementos autênticos, como documentos, anúncios de jornal, cardápio, *outdoors*, horários, placas, bula de remédios, instrução para fotocopiadora etc. e diálogos autênticos para treinar compreensão oral, desde o início;
- **Aufderstraße et al.: *Themen Neu*** de 1992 – nenhum texto ou diálogo autêntico, até elementos como cardápios etc. não são autênticos;
- **Eismann et al.: *Die Suche*** de 1993 – o livro usa um texto literário contínuo como eixo integrador para cada volume, escritos sob encomenda por H.M. Enzensberger e P. Schneider para este fim; poucos elementos autênticos como cardápio, etc.;
- **Müller et al.: *Moment Mal!*** de 1996 – a maioria dos textos e diálogos das lições é escrita ou adaptada pelos autores; alguns elementos autênticos, como documentos oficiais, anúncios de jornal, cardápio, *outdoors*, horários;

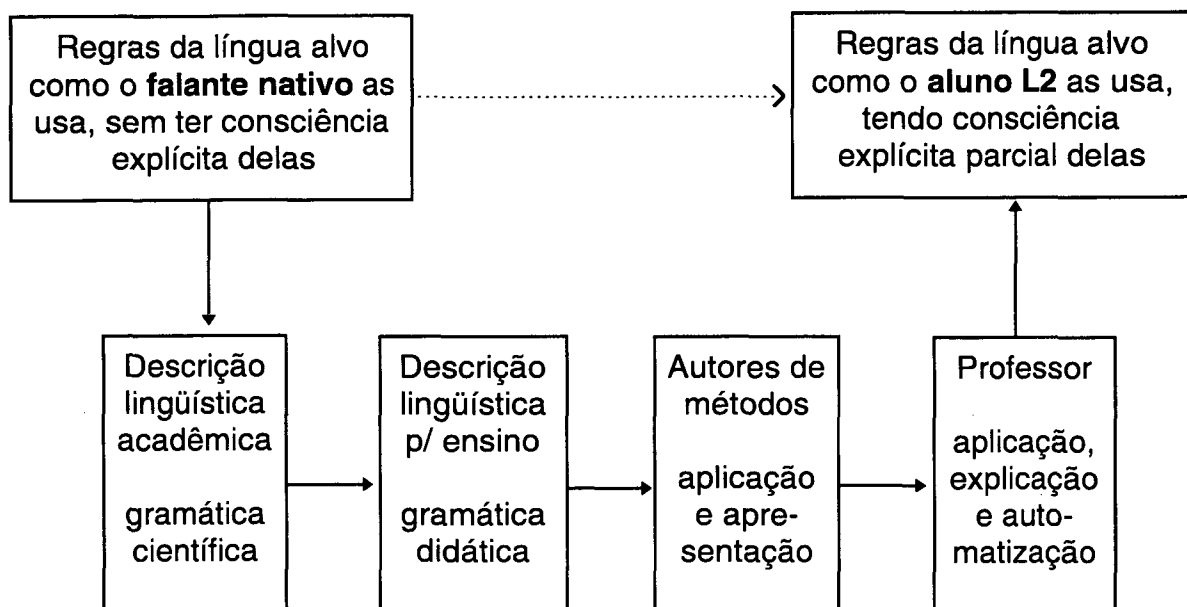
Em alguns casos, deve haver motivos pragmáticos que justifiquem a opção por textos artificiais, por exemplo, o problema de encontrar material autêntico adequado ou a dificuldade de conseguir a liberação dos direitos autorais para o uso. Na maioria das vezes, porém, os autores devem ter a convicção de facilitar a compreensão e "filtrar" certos elementos considerados difíceis para controlar a exposição a estruturas novas. Um tanto extremo, mas ao menos explícito neste sentido,

é o ponto de vista de Heiko Bock (co-autor de *Themen Neu*), que defendeu em uma entrevista (concedida à edição de 1995 da revista *Projekt* da Associação Brasileira das Associações de Professores de Alemão) os textos não autênticos nesta obra, redefinindo o conceito de texto autêntico no sentido de que autêntico seria apenas o texto que o aluno pudesse compreender no dado momento de seu processo de aprendizagem. A artificialidade "didática" dos textos, porém, nem sempre facilita o processo de aprendizagem dos alunos. A adaptação dos textos, muitas vezes mutila funções textuais e comunicativas importantes, como redundâncias intra-textuais e conexões extra-textuais, dêixis, isotopias ou a progressão da perspectiva funcional de frase. A fixação em formas não-marcadas, por exemplo, impede que o aluno disponha de uma base de dados suficiente para tirar suas próprias conclusões indutivas sobre as regularidades vigentes da L2. Além disso, muitas vezes, os textos artificiais dos livros didáticos não têm uma intenção comunicativa consistente. O seu conteúdo é secundário. Os autores priorizam outros critérios, por exemplo, a apresentação de estruturas sintáticas e léxico novos que devem ser aprendidos pelos alunos com a ajuda do texto. Ou seja, estes elementos têm uma intenção comunicativa primária no meta-nível da forma. O aluno atento recebe do autor apenas a mensagem: "Você deve olhar para todas as variantes do *Konjunktiv II* que eu mostro neste texto!". Com isso, o conteúdo é dispensável, arbitrário ou aleatório. Isso implica deficiências motivacionais da parte do aluno que, inclusive, prejudicam a intenção de passar elementos formais com a ajuda deste texto.

No caso da *Verbalklammer*, o uso predominante de serializações neutras exclui a possibilidade de apreender todas as possibilidades do sistema de topicalização do alemão. De fato, boa parte dos alunos mesmo muito avançados ainda mostra dificuldades consideráveis na constituição eficiente de textos além do nível frasal. Mais grave ainda é que o recurso de "esconder" formas marcadas para não "confundir" o aluno no caso da VK não apenas limita a aquisição de uma parte importante da competência discursiva, mas também impede que a regularidade sintática básica do alemão torne-se mais evidente, ao ponto de não ser percebida com clareza e aprendida pelos estudantes de L2. Pois a regularidade é constituída não apenas pelas formas neutras. As formas marcadas podem salientar até mais a regularidade que as permite do que as não-marcadas. O quadro completo, seguramente, apenas ergue-se dispondo das formas neutras *tanto quanto* das marcadas.

Parece injusto ou até trágico que, na tentativa de aumentar a facilidade da aprendizagem, em muitos casos, as abordagens didáticas excluem os alunos do acesso a informações imprescindíveis para um processo de aprendizagem completo e mais eficiente. Isso ocorre porque os autores de livros didáticos e os professores (com a sua competência de falante nativo) nem sempre têm

consciência dos princípios constitutivos da língua, pois o falante nativo normalmente não precisa desta meta-reflexão. O modelo abaixo visualiza o processo:



O caminho normal do ensino percorre seis etapas: do ponto inicial, o sistema lingüístico da língua alvo como presente na mente dos falantes nativos, através da descrição lingüística científica, que é a base para uma descrição didática da gramática, que entra nos livros didáticos que são usados por um professor, resultando no sistema de regras da língua alvo como ele se forma na mente do aluno de L2. Evidentemente, em cada uma destas etapas existem filtros perceptivos limitantes e, em todas, podem ocorrer perdas sistêmicas e performativas consideráveis. Em conjunto com outros fatores limitantes do processo, estas perdas contribuem para a falta de eficiência observada no ensino de línguas estrangeiras. O ideal seria o atalho marcado pela seta pontilhada, ou seja, que o processo de aprendizagem, em certos momentos, aproxime-se a um processo de aquisição de L2, para evitar as perdas assinaladas e aumentar a sua eficiência. Não podemos entrar em detalhes sobre as implicações destes conceitos em si e dentro do ensino de línguas estrangeiras, porém, uma das maneiras de possibilitarmos ao menos algumas fases de aprendizagem que se aproximam de processos de aquisição é o uso de uma quantidade maior de textos realmente autênticos no ensino.

No caso da *Verbalklammer*, como vimos, a limitação já começa no primeiro passo, na descrição científica do alemão. Como a maioria das descrições relevantes não considera nem descreve a VK de uma maneira satisfatória, é quase inevitável que os métodos de ensino mostrem a mesma insuficiência. Além disso, tradições didáticas, uma vez estabelecidas, podem perpetuar-se, apesar

de serem contraproducentes. Principalmente por razões mercadológicas. Pois as editoras precisam considerar o fato de que, em primeiro lugar, os professores precisam reconhecer-se num livro para tornar a sua produção economicamente viável, num mercado competitivo. O quadro é agravado por causa da resistência dos professores, às vezes compreensível, contra inovações. Por último, uma grande parte dos professores no mercado mundial não tem a qualificação (lingüística) desejável e, por isso, sente-se insegura já na área "canônica" de apresentação de gramática, que vem sendo repetida com variações ínfimas há gerações. Por não poder dispensar este segmento significativo do mercado, as editoras mostram-se muito cautelosas em relação a inovações metodológicas radicais, até o ponto de haver sinais nítidos de um retrocesso nos produtos de algumas empresas do setor em relação à apresentação de modelos para o ensino da gramática.

### III.3.3 Sugestões para o ensino da *Verbalklammer*

As sugestões derivadas da análise da *Verbalklammer* são basicamente as seguintes:

- **iniciar o ensino de alemão com a VK como primeiro modelo de frase**
- **apresentar todas as formas da VK de uma maneira consistente e unificada, salientando a sua função sintática e pragmática**
- **substituir meta-linguagem e terminologia vazia e usar apresentações visualizadas simples**
- **incluir formas marcadas na apresentação de material lingüístico para focalizar mais as regularidades subjacentes**
- **usar mais textos autênticos**

As cinco sugestões podem parecer simples e óbvias, porém elas têm um alcance profundo e representam mudanças incisivas nos livros didáticos existentes.

#### *III.3.3.1 VK já nas primeiras frases*

Como a VK é a base de todas as frases do alemão, ela precisa ser introduzida de forma explícita já nas primeiras frases apresentadas ao estudante de L2. As estruturas indicadas para isso seriam os verbos bipolares, num primeiro instante, e, logo depois, a introdução de alguns verbos modais acrescentaria mais exemplos. Desde o início, o modelo de frase precisa conter as duas posições verbais na frase, a do pré-verbo e do pós-verbo. Frases que não preenchem a posição do pós-verbo

devem ser apresentadas como marcadas, chamando-se a atenção do aluno para o fato da ausência do pós-verbo na frase. Como vimos, de fato, estas frases são uma minoria nos exemplos de textos orais; mais de 70% das frases mostram pré- e pós-verbo. Hoje, as frases com estruturas verbais descontínuas são apresentadas posteriormente e, inevitavelmente, são vistas como uma exceção pelos alunos que, mentalmente, já estabeleceram um modelo SVO da frase em alemão, prejudicando assim profundamente e sem necessidade seu aprendizado de uma maneira muito séria, pois a maneira atual de apresentação evita a compreensão do princípio sintático mais importante da frase, programa erros na serialização e prejudica o domínio pleno das ferramentas de expressão do alemão.

### *III.3.3.2 Modelo unificado para todas as VK*

Depois dos verbos modais segue o *Perfekt* nos mesmos moldes. Mantendo a progressão gramatical hoje praticada pela maioria esmagadora dos livros, os estudantes já terão uma base mais firme da sintaxe e mais próxima da realidade lingüística, pois o seu modelo de frase sempre foi baseado na *Verbalklammer*. Na hora da apresentação das "frases subordinadas", que deveriam ser chamadas mais corretamente de *junções de VK*, este mesmo modelo já terá colocado a base para compreender melhor porque o verbo finito ocupa a posição  $V_{\text{final}}$ . Para a integração de VK, será usado o modelo (5) mostrado acima em III.2.2. O importante é mostrar que, na integração de duas (ou mais) VK, sempre uma delas torna-se a VK textual, dependendo das necessidades do contexto.

### *III.3.3.3 Substituir terminologia vazia por conceitos claros e visualização da regularidade*

Como vimos, com poucos elementos descritivos (*Klammer, Vorverb / Nachverb, Vor- / Mittel- e Nachfeld*), todas as frases do alemão podem ser descritas de forma consistente, mesmo as que normalmente não aparecem em livros para o ensino de L2 (com ocupação do campo posterior, por exemplo, por elementos excluídos do campo interno). Estes nomes simples ligados a conceitos espaciais que favorecem a sua retenção descrevem, ao mesmo tempo, aspectos funcionais importantes da VK. Ao contrário disso, muitos dos termos usados nos livros didáticos até hoje, na verdade não acrescentam nada para o aluno, ou até confundem. Assim, por exemplo, o conceito de "verbo auxiliar" (*Hilfsverb*) não auxilia, pois em alemão, os chamados verbos auxiliares (*sein / haben / werden* – ser / ter / tornar-se) ocorrem muito mais como verbos principais do que como verbos auxiliares em predicados analíticos. Como foi apontado acima (veja III.2.3), os termos "oração principal / subordinada" (*Haupt- / Nebensatz*) também mais escondem do que esclarecem a



função comunicativa por trás do fenômeno. Na melhor das hipóteses, os alunos decoram estes rótulos, para eles vazios, sem compreendê-los, e concordam quando o professor explica que uma frase se chama *Nebensatz* porque o verbo finito está no final, e, quando o professor interrompe com a correção "*Das ist ein Nebensatz!*" (Isso é uma subordinada!), eles sabem que outra vez esqueceram de encerrar uma frase com o elemento verbal finito. Os rótulos semânticos como *Kausalsatz*, *Konsekutivsatz*, *Konditionalsatz*, *Finalsatz*, *Adversativsatz* (subordinada de causalidade, consecutiva, condicional, de finalidade, adversativa), etc. não acrescentam nada para o aluno. Os chamados verbos modais (*Modalverben*) podem ser descritos melhor como pré-verbos que exigem um pós-verbo no infinitivo. Assim, o modelo único de descrição pode eliminar terminologia e meta-linguagem pouco produtiva para o aluno e colocar substitutos mais intuitivos e explicativos no lugar.

Importante é a visualização da regularidade subjacente em todas as frases com apresentações que usem sempre as mesmas cores para o campo anterior, interno e posterior e os dois elementos verbais da VK. O mesmo esquema visual deve ser usado para apresentar todos os tipos e todas as variantes de VK (com VK integradas no campo anterior, interno e posterior), mostrando que sempre há uma VK textual. O livro *Deutsch Aktiv Neu* usa uma visualização de uma *Klammer* (grampo de carpinteiro) que seria interessante (Neuner et al., 1992: 140).

#### *III.3.3.4 Incluir formas marcadas na apresentação*

A quarta sugestão, de usar também e desde o início formas marcadas, apóia a decisão de apresentar melhor o princípio realmente importante na construção de frases em alemão. Assim, no primeiro contato com a VK, já nas primeiras aulas, é importante evitar que o aluno ergua uma idéia de estrutura SVO na sua reprodução mental da sintaxe do alemão. É muito fácil, porém crucial, usar frases autênticas, por exemplo, com advérbios temporais ou locais como *jetzt*, *heute*, *hier*, *dort* (agora, hoje, aqui, lá) ou outros no campo anterior e deixar extremamente claro que o campo anterior não é a posição do sujeito. Com isso, não apenas se contribuiria para uma melhor compreensão das regras de serialização, como também, os estudantes desenvolveriam cedo o uso de elementos referenciais e dêiticos além do limite da frase e muito importantes para a constituição do discurso / texto. A frase com o sujeito em posição inicial ocorre naturalmente quando ela é isolada do seu contexto. Como o objetivo principal do aluno é a competência comunicativa dentro de contextos concretos do uso da linguagem, evitar a frase SVO apenas reforça esta meta. Dependendo do tipo de texto, o sujeito ocorre em 30 a 70% dos casos no campo anterior, em

função da complexidade da estrutura de topicalização. Em discursos mais simples, há uma tendência maior de o sujeito ser o tema da frase e ocupar a posição inicial. Mas, mesmo assim, para fins didáticos, o uso preferencial da posição marcada, neste caso, ajudará muito a compreender as regras sintáticas do sistema da *Verbalklammer*.

Usar formas marcadas para salientar a regularidade subjacente inclui a ocupação do campo posterior, já num estágio relativamente inicial. A ocupação do campo posterior normalmente é evitada pelos livros didáticos. Isso deve-se ao fato de que tradicionalmente os alunos têm dificuldade com os elementos verbais na posição final, também devido às falhas dos próprios livros. Assim, os seus autores acreditam que seria contraproducente mostrar frases onde o pós-verbo, que seria o elemento final da frase, fosse seguido por outros elementos. Aqui vemos como a tentativa de remediar problemas é tão desapropriada quanto a premissa que ajudou a criá-los. A regra da sintaxe do alemão, conforme foi mostrado neste trabalho, não diz que o pós-verbo deve ocupar a posição final. Ela diz que há uma VK com pré- e pós-verbo e que ela abre três (ou cinco) campos topológicos. Por isso, é imprescindível apresentar frases com o campo posterior preenchido. Muito longe de ser contraproducente, é uma medida para apresentar o funcionamento real da estrutura e, como o campo posterior é definido pela VK, a sua apresentação reforçará a percepção da VK pelos alunos, reduzindo assim erros de serialização. O uso de frases com um campo posterior já relativamente cedo na aprendizagem é importante também porque o campo posterior já é necessário na integração de VK em junções onde a VK textual é a inicial.

### *III.3.3.5 Usar mais textos autênticos*

A conseqüência de várias das sugestões anteriores é a de usar mais textos autênticos, desde o início, mesmo que isso signifique um trabalho maior para os autores do livro. Infelizmente, a tendência momentânea no mercado editorial é quase o oposto. O livro *Deutsch Aktiv Neu* foi o que mais usou textos autênticos, mas até o novo livro da mesma editora (*Moment Mal!*), embora mantenha ainda três dos autores da equipe anterior (Schmidt, Scherling e Wilms), usa muito menos textos e materiais autênticos. Não há, por exemplo, nenhum texto literário no primeiro volume. Como Weinrich (1983) mostrou, o texto literário não deve fazer parte do ensino de L2 para transportar valores burgueses questionáveis de erudição, mas sim porque na sua busca de expressividade, o texto literário usa as regularidades da L2 de uma maneira mais saliente. Ao mesmo tempo, o texto literário é "sub-determinado" (*unterdeterminiert*), ou seja, abre lacunas interpretativas (*Leerstellen*) que o leitor deve preencher, exigindo assim mais atenção e

participação do aluno do que em textos super-determinados, e, por isso, desinteressantes, monótonos e inexpressivos. O texto literário é "artificial" de certa forma, mas no sentido de "artístico" e não no sentido de "não verdadeiro". Como o escritor usa a forma lingüística com arte e de maneira muito consciente para comunicar os seus conteúdos de maneira mais expressiva do que em linguagem coloquial, ele usa as características da língua de maneira mais intensa, permitindo assim que elas se tornem mais visíveis para o estudante de L2. E, ao contrário do que acontece com os textos artificiais escritos pelos autores dos livros didáticos, o escritor tem uma intenção comunicativa primária no seu texto, sendo que o aluno, como leitor do texto, é o destinatário original intencionado pelo autor. Ou seja, existe, nesta situação de leitura, um processo intacto de comunicação autêntica que envolve o aluno de maneira completa e real, ao contrário do diálogo de aula, escrito pelos autores do livro que normalmente não transcende da simulação bem intencionada de um processo de comunicação. Mas, de fato, a "intenção comunicativa" do aluno nestas situações é a de evitar erros, e, em perfeita harmonia, a do professor é justamente detectar e corrigir todos estes erros.

O uso de material autêntico não tenta partir de uma situação hipotética e irreal de aprendizagem totalmente controlada de L2 pelo método e pelo professor (*input = output*). Pelo contrário: é uma ilusão acreditar que seja possível aprender uma língua estrangeira apenas assimilando de maneira aplicada os conteúdos apresentados nos livros didáticos. O importante é que o aluno tenha o maior contato possível com a L2, de todas as maneiras possíveis, mesmo e principalmente fora do contexto de aula. Para isso, estará mais bem-preparado se o "choque de realidade" foi amortecido na sala de aula, com material autêntico, mas a ajuda estruturada pelo professor está ao seu alcance. O uso de textos autênticos tem outras vantagens (por exemplo na semantização, na maior necessidade e possibilidade de desenvolver estratégias de leitura e na exigência de uma postura mais autônoma dos alunos) e está relacionado a conceitos novos de aprendizagem de L2 (buscando realizar momentos de aquisição e não apenas aprendizagem de L2, como acontece, por exemplo, em abordagens didáticas sócio-contrutivistas). Por outro lado, pelos mesmos motivos, exige mais esforço dos autores dos livros didáticos, dos professores e dos alunos, mas traz como prêmio um ganho enorme em eficiência no ensino de L2 e uma competência lingüística maior dos estudantes.

# Resumo final

O presente trabalho tentou estender a descrição sintática existente da *Verbalklammer*, para obter um modelo descritivo unificado, mais simples, com maior abrangência e, ao mesmo tempo, mais adequado à realidade lingüística, para chegar a sugerir finalmente algumas mudanças elementares na abordagem didática à gramática em questão.

Na parte dois do trabalho, foi mostrado que as descrições existentes nas gramáticas de referência não são completas nem plenamente satisfatórias. Inevitavelmente, a *Verbalklammer* aparece de uma maneira ou outra. Porém, nenhuma das descrições chega a descrever o fenômeno de maneira unificada, ou mostrar que o mesmo modelo sintático está presente em todas as frases do alemão. A *Duden-Grammatik* considera a VK apenas uma variante posicional e, por isso, dedica apenas um espaço muito reduzido a este fenômeno, onde são mencionadas apenas as situações de predicados analíticos. Nem as "frases subordinadas" são consideradas VK, apesar da evidente analogia das tabelas visualizadas pelos autores.

Helbig & Buscha já descrevem a VK (moldura verbal) como constitutiva para a frase e, apesar de uma certa insegurança ao estabelecer um critério para isso, incluem a maioria das estruturas do fenômeno (exceto as "frases subordinadas"). Seu conceito de proximidade sintática ao verbo, embora não sirva para explicar a descontinuidade verbal em si, é útil para descrever as relações posicionais dentro do complexo verbal e para explicar porque campos internos, por vezes muito extensos, são possíveis. Na descrição da ocupação do campo posterior ocorrem inseguranças e avaliações errôneas.

Schulz & Griesbach contribuem para uma análise mais focalizada nos campos topológicos da frase em alemão. De certa maneira, esta abordagem relega a *Verbalklammer* a um segundo plano, e, com a prioridade dada ao *Satzfeld* (campo da frase = campo interno), os autores acabam perdendo, na sua análise, tanto as funções dos campos quanto das regularidades para a ocupação dos campos anterior e posterior. A tipologia neutra de frases proposta por Griesbach (1986) é muito interessante, embora não tenha chegado a uma descrição da integração de frases mais objetiva, ou seja, em resumo, a abordagem permanece dentro do âmbito dos conceitos da oração principal / subordinada. A análise das funções dos campos proposta considera a perspectiva funcional da frase, porém, ainda é muito simplista e atribui funções de maneira exclusiva, quando, na verdade, temos um sistema complexo de codificação multifacetado de funções concorrentes.

Flämig e Heidolph et al. descrevem a VK como central, porém, novamente, não incluem a "frase subordinada". Apesar de descreverem o alemão como língua SOV, eles incluem a posição  $V_{\text{final}}$  no campo principal, perdendo assim a possibilidade de uma descrição adequada das ocupações do campo posterior. Heidolph et al. diferenciam a descrição da serialização dentro do campo interno em relação a Schulz & Griesbach e mostram que a mesma relação entre informações pode ser codificada sintaticamente através de estruturas diferentes (predicação, atribuição, complementação preposicional e subordinação), apoiando assim, de certa forma, o conceito mais abrangente de junção de Weinrich neste sentido, usado pelo presente trabalho.

Engel introduz o conceito de *Verbalklammer* virtual, presente de forma latente em todas as frases afirmativas, contribuindo assim com uma peça chave para a descrição unificada da frase por este trabalho. A descrição das possibilidades de ocupação do campo anterior e principalmente a consideração do fato de que as suas funções são múltiplas (topicalização, ênfase e foco) corrigem a abordagem um tanto simplista de Schulz & Griesbach neste sentido. Engel deixa claro que os campos topológicos disponibilizam um sistema complexo de possibilidades de ênfase. A sua descrição de valência dentro do complexo verbal ajuda a descrever alguns aspectos de serialização, embora as regras dadas para a antecipação do auxiliar não sejam satisfatórias. A integração de frases é o ponto fraco de Engel. Além de permanecer no conceito de subordinação e não descrever a função da VK na integração de frases, Engel cai em generalizações prematuras sobre possibilidades topológicas nesta área.

Eisenberg, com toda a razão, critica conceitos de constituição de frases que não se aplicam à realidade lingüística da língua alemã e constata as dificuldades da abordagem gerativista com a ordem dos elementos mais livre do alemão. Interessante é o conceito de regência posicional usado por Eisenberg, que reforça a posição deste trabalho de considerar a relação sintática da VK como evento sintático central da frase em alemão. Como antes Engel, infelizmente faz avaliações errôneas sobre a integração de frases.

Zifonun et al. (*IdS-Grammatik*) apresentam o trabalho mais minucioso e completo e contribuem muito com a sua abordagem predominantemente funcionalista, que inclui aspectos anteriormente não muito considerados na descrição sintática, por exemplo, o reconhecimento de que frases  $V_{\text{final}}$  podem ser frases completas e independentes. Sua descrição detalhada da ocupação e delimitação dos campos sintáticos é completa, correta e contribui para acentuar a função da VK não descrita pelos autores de constituir e delimitar estes campos. A análise profunda de construções infinitivas

em analogia com frases complemento ou suplemento acrescenta um elemento importante para a descrição unificada de frases deste trabalho, que, por isso, passa a incluir estas construções como VK de junção com pré-verbo Ø. Seu modelo de frase serve como ponto de partida para o modelo deste trabalho.

Abordagens gerativas clássicas não conseguem abordar a VK, pois consideram a posição  $V_{final}$  como a posição genuína do verbo e a ocorrência de um elemento verbal descontínuo, para estes autores, é apenas acidental e não merece maior consideração, deixando assim esta abordagem sem condições descritivas para um dos elementos constitutivos da frase em alemão. A teoria HPSG (*Head-Driven Phrase Structure Grammar*) é muito inovadora na medida em que consegue se livrar de certas limitações da abordagem gerativa para a descrição de *corpus* autênticos de linguagem natural, o que leva à sua aproximação a posições funcionalistas. Especialmente convincente é a descrição correta de frases através de feixes de propriedades sintáticas e regras de co-ocorrência de (grupos) de elementos. Apesar disso, a abordagem não contribui para a tentativa descritiva deste trabalho, pois, de certa forma, atomiza a descrição dos fenômenos em questão.

Publicações funcionalistas anglófonas não abordam o fenômeno da *Verbalklammer*, principalmente por causa da ausência desta estrutura no inglês moderno. Em compensação, Weinrich, com pressupostos funcionalistas em um sentido mais amplo, contribui de forma substancial para a descrição completa e correta do fenômeno. Primeiro, resolve a longa discussão tipológica, descrevendo a VK como tipo sintático do alemão. Depois, inclui todas as estruturas pertencentes ao fenômeno na mesma descrição e propõe uma terminologia mais adequada para o fenômeno que leva em consideração a sua importância independente da limitação de conceitos sintáticos anteriores. Weinrich desenvolve uma tipologia para as várias VK e descreve a sua integração segundo uma hierarquia sintática de VK, dentro da mesma frase. Para isso, sugere o conceito de VK textual (*Textklammer*), usado neste trabalho também para descrever a integração de múltiplas VK em seqüências de frases. O conceito de junção de Weinrich serve para superar as limitações do modelo de subordinação para uma descrição unificada da frase em alemão.

As análises quantitativas de um *corpus* de exemplos reforçam a premissa deste trabalho, a de que a *Verbalklammer* ainda não tinha encontrado uma descrição correta e completa. Seus resultados estatísticos são confirmados aproximadamente pela pequena análise de exemplos feita aqui. Principalmente, porém, esta análise quantitativa confirma a posição de Thurmair que a VK não chega a ser um obstáculo de processamento de frases, pois mostra que o número de grupos lógicos

(que seriam o fator limitante da memória de curto prazo) na média é muito baixo e não difere substancialmente para o canal oral e escrito.

A discussão diacrônica sobre a origem da VK citada por Thurmair foi complementada por exemplos que provam que a *Verbalklammer* como regularidade sintática subjacente existe desde muito cedo na língua alemã, embora serializações mais livres sejam mais frequentes no alemão medieval. Com isso, a argumentação de von Polenz e outros de que a VK seria uma transferência relativamente tardia do estilo escrito burocrático, influenciado pelo latim, pode ser superada, reforçando a posição de Admoni e outros de que ela faz parte do núcleo oral da língua alemã. Esta posição é reforçada por tendências do uso preferencial de VK completas no registro informal / canal oral. Com isso, também argumentações de que a tendência à ocupação do campo posterior por determinados elementos (exclusão) seria um indício de um lento desaparecimento da VK podem ser descartadas.

Juntando-se todos estes elementos como base para desenvolver a descrição defendida por este trabalho, no capítulo III.2, foi mostrado que todas as ocorrências da VK podem ser descritas com um modelo único, sem simplificações perigosas, sem perder o valor explicativo do modelo e sem declarar partes importantes do fenômeno como "exceções". Assim, a *Verbalklammer* é o eixo sintático de todas as frases do alemão e abre três ou cinco campos sintáticos da frase. Todas as frases, *sem exceção*, podem ser descritas pelo modelo desenvolvido em III.2.2:

c. ext. esquerdo	c. anterior	<b>pré- verbo</b>	c. interno	<b>pós- verbo</b>	c. posterior	c. ext. direito
------------------	-------------	-----------------------	------------	-----------------------	--------------	-----------------

Os tipos de frase do alemão são definidos pela obrigatoriedade ou liberdade da ocupação de certos campos com certos elementos (Ø).

Assim, a VK estrutura a frase com efeitos diretos para a constituição textual e a disponibilização de ferramentas centrais para a progressão da perspectiva funcional da frase (tema - rema) e outros aspectos importantes, como ênfase e foco. Foi mostrado como a VK estabelece um sistema de campos que permite uma disposição muito diferenciada do conteúdo da frase, com enormes possibilidades de diversificação de nuances de topicalização, foco e ênfase, dependendo do tipo de frase e do tipo e número de elementos, a VK permite milhares de variantes da mesma frase.

Além disso, a VK possibilita a integração de frases, e os mesmos princípios atuam num plano mais elevado, tratando as (seqüências de) VK integradas como posições definidas, como antes os campos de uma só VK, multiplicando assim mais ainda o número de possíveis variações do conteúdo em fina sintonia com a sua complexidade e com as necessidades e preferências situacionais. Neste contexto, foi mostrado que o conceito mais abrangente da junção de Weinrich é mais adequado para a descrição de um modelo sintático de frases complexas do alemão do que o conceito de subordinação. Além de não ser completamente consistente em vários aspectos, o conceito da subordinação tem o defeito constitutivo de frisar a diferença entre tipos de frases diferentes e, assim, encobrir a regularidade subjacente a todas as frases.

No capítulo III.2.3, a aplicação do modelo proposto a diferentes tipos de textos escritos e discursos orais mostra a sua viabilidade, confiabilidade descritiva e adaptabilidade em geral. Ficou especialmente claro, conforme as premissas do modelo de discurso da abordagem funcionalista, a sua flexibilidade para cobrir (sem recorrer a exceções ou outros meios descritivos) a ampla gama de ocorrências empíricas em situações comunicativas autênticas escritas e orais, mesmo onde o texto mostra complexidade sintática considerável ou deficiências performáticas sensíveis. Assim, a observação de Weinrich de que a VK é uma estrutura eminentemente constitutiva para criar textualidade é averiguada, confirmada e aprofundada num plano mais amplo do que Weinrich analisou em suas publicações.

Não foi possível (nem era o objetivo deste trabalho) estudar detalhadamente todos os usos pragmáticos e discursivos da VK, por exemplo, todas as possibilidades de topicalização e tematização, ênfase e foco, ou a instrumentalização da VK para a negociação de turnos, entre muitos outros, que serão um campo para pesquisas futuras. Porém, por mais restrita que tenha sido a análise de exemplos de textos, este trabalho já consegue mostrar que a VK tem funções importantes nesta área que justificam que uma atenção maior ainda lhe seja dedicada, tanto na descrição científica, quanto na didática do alemão.

Por último, em decorrência da análise descritiva, foram indicadas algumas sugestões para o ensino do alemão como língua estrangeira, principalmente no sentido de apresentar o fenômeno de maneira unificada e não excluir uma parte importante das suas ocorrências, em frases marcadas que muito contribuem para mostrar a regularidade subjacente de maneira mais nítida. O uso de mais exemplos de textos autênticos em livros didáticos é uma das conseqüências desta exigência.



Este trabalho está longe de ser exaustivo no sentido de esgotar tudo que diz respeito ao fenômeno da VK que é muito amplo e possui um número enorme de facetas e aspectos que devem ser analisados ainda mais detalhadamente. Vários pontos de partida para futuras pesquisas foram indicados acima. Foi possível mostrar, porém, que uma visão mais abrangente sobre o assunto facilitará o trabalho descritivo para estudos mais específicos de aspectos parciais.

Concluimos esta tese com a esperança de que ela consiga, ao menos, contribuir para uma discussão viva e produtiva do seu tema, na comunidade de lingüistas tanto quanto de professores do alemão como língua estrangeira.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ADMONI, W. 1973. *Die Entwicklungstendenzen des deutschen Satzbaus von heute*. Linguistische Reihe, Band 12. München: Hueber
- ALTMANN, H. 1981. *Formen der Herausstellung des Deutschen. Rechtsversetzung, Linksversetzung, Freies Thema und verwandte Konstruktionen*. Tübingen: Narr
- \_\_\_\_\_. 1993. *Skript zur Vorlesung Topologie*. München: Institut für Deutsche Philologie (manuscrito)
- ASENDORF, M., FLEMING, J., MÜLLER, v. A. & ULLRICH, V. 1994. *Geschichte. Lexikon der Grundbegriffe*, Reinbek: Rowohlt (Versão digital adaptada por M. KUCHENBUCH, 1995. München: Systema)
- ASKEDAL, J. O. 1995. *Überlegungen zum Deutschen als sprachtypologischem Mischtyp*. Palestra no Congresso 1995 do Institut für deutsche Sprache (IdS), Mannheim: manuscrito
- AUFDERSTRASSE, H. et al. 1992: *Themen neu. Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache*. Ismaning: Hueber
- BACH, E. 1962. The order of elements in a transformational grammar of German. In: *Language*, 38. Journal of the Linguistic Society of America, p. 263 - 269
- BECH, G. 1955. *Studien über das deutsche Verbum infinitum*. Linguistische Arbeiten, N° 139, Tübingen: Max Niemeyer Verlag (2ª edição 1983)
- BECKMAN, B. 1975. *Underlying Word Order - German as a VSO Language*. Ann Arbor: University of Washington Press (tese de doutoramento)
- BIERWISCH, M. 1963. *Grammatik des Deutschen Verbs*, Berlin: Akademie
- BENEŠ, E. 1964. Die Verbstellung im Deutschen, von der Mitteilungsperspektive her betrachtet. In: *Muttersprache*, p. 9-21
- \_\_\_\_\_. 1973. Thema-Rhema Gliederung und Textlinguistik. In: SITTA, H. & BRINKER, K. (eds.): *Studien zur Texttheorie und zur deutschen Grammatik*. Düsseldorf
- BING, J. 1984. Discourse Domain Identified by Intonation. In: D. Gibbon & H. Richter (eds). *Intonation, Accent and Rhythm – Studies in Discourse Phonology*. Berlin: De Gruyter, p. 10-19
- BOLINGER, D. 1985. The Inherent Iconism of Intonation In: J. Haiman (ed). *Symposium on Iconicity in Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, p. 97-108
- \_\_\_\_\_. 1986. *Intonation and its Parts. Melody in Spoken English*. London: Edward Arnold
- \_\_\_\_\_. 1989. *Intonation and its Uses. Melody in Grammar and Discourse*. London: Edward Arnold
- BOLLI, E. 1975. *Die verbale Klammer bei Notker. Untersuchungen zur Wortstellung in der Boethius-Übersetzung*. Berlin: De Gruyter
- BORTER, A. 1982. *Syntaktische Klammerbildung in Notkers Psalter*. Berlin: De Gruyter
- BRAUN, K., NIEDER, L. & SCHMÖE, F. 1974. *Deutsch als Fremdsprache IA. Grundkurs*. Stuttgart: Klett
- BRAUNMÜLLER, K. 1982. *Satztypologische Studien zum Germanischen*. Tübingen: Narr
- BRAZIL, D. 1985. *The Communicative Value of Intonation in English*. Birmingham: Bleak House
- BRONS-ALBERT, R. 1984. *Gesprochenes Standarddeutsch. Telefondialoge*. Studien zur deutschen Grammatik, Vol. 18. Tübingen: Narr
- BUSSMANN, H. 1983. *Lexikon der Sprachwissenschaft*. Stuttgart: Kröner
- CARPENTER, B. 1992. *The Logic of Typed Feature Structures*. Cambridge Tracts in Theoretical Computer Science N° 32. New York: Cambridge University Press
- COULTHART, M. 1985. *An Introduction to Discourse Analysis*. London: Longman
- DAL, I. 1962. *Kurze deutsche Syntax auf historischer Grundlage*. Tübingen: Niemeyer
- DEAN, O. 1974. *The Significance of Word-Order Typology for the Basic Position of the Verb in a Grammar of German*. Athens: University of Georgia

- DELATTRE, P. 1965. *Comparing the Phonetic Features of English, French, German and Spanish. An Interim Report*. Heidelberg: Groos
- DE KUTHY-GROSSKOPF, K. 1996. *Der Rattenfängereffekt bei Relativ- und Interrogativsätzen im Deutschen*. Universidade de Tübingen (dissertação de mestrado)
- \_\_\_\_\_ & MEURERS, W. D. 1998. Towards a General Theory of Partial Constituent Fronting in German. In: BOUMA, G. et. al. (eds.) *Proceedings of the FHCG-98*, Saarbrücken: DFKI
- DIJK, T. A. 1977. *Text and Context. Explorations in the semantics and pragmatics of discourse*. London: Longman
- DIK, S. 1980. *Studies in Functional Grammar*. London: Academic Press
- DRACH, E. 1937. *Grundgedanken der deutschen Satzlehre*. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft (4ª edição de 1963)
- DREYER, H. & SCHMITT, R. 1995. *Lehr- und Übungsbuch der deutschen Grammatik*. Ismaning: Verlag für Deutsch
- DROSDOWSKI, G., HENNE, H. 1980. Tendenzen der deutschen Gegenwartssprache, in: Althaus, H., Henne, H. & Wiegand, H. (eds.) *Lexikon der Germanistischen Linguistik*, Tübingen: Niemeyer, p. 619-632
- DROSDOWSKI, G. (ed.). 1984. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*, Duden Band 4, Mannheim: Bibliographisches Institut (4ª edição)
- EDMONDSON, J. A. 1982. *Eine Einführung in die Transformationssyntax des Deutschen*. Tübingen: Narr
- EISENBERG, P. 1994. *Grundriss der deutschen Grammatik*. Stuttgart, Weimar: J. B. Metzler (3ª edição)
- \_\_\_\_\_ (ed.). 1998. *Grammatik der deutschen Gegenwartssprache*, Duden Band 4, Mannheim: Bibliographisches Institut (6ª edição)
- EISMANN, V. et al. 1993. *Die Suche. Das andere Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache*. Berlin: Langenscheidt
- ENGEL, U. 1977. *Syntax der deutschen Gegenwartssprache*, Berlin: Erich Schmidt
- \_\_\_\_\_ 1996. *Deutsche Grammatik*. Heidelberg: Julius Groos, 3ª edição
- \_\_\_\_\_ & SCHUMACHER, H. 1978. *Kleines Valenzlexikon deutscher Verben*. Stuttgart: de Gruyter
- ERDMANN, O. 1886. *Grundzüge der deutschen Syntax nach ihrer geschichtlichen Entwicklung*. Stuttgart: Cotta
- EROMS, H.-W. 1986. *Funktionale Satzperspektive*, Tübingen: Niemeyer
- ETZENSPERGER, J. 1979. *Die Wortstellung der deutschen Gegenwartssprache als Forschungsprojekt*, Berlin – New York: de Gruyter
- FIRBAS, J. 1964. On defining the theme in functional sentence analysis. In: *Travaux Linguistiques de Prague*, 1, p. 267-280
- FLICKINGER, D., C. POLLARD & T. WASOW. 1985. Structure Sharing in Lexical Representation. In: *Proceedings of the 23<sup>rd</sup> Annual Meeting of The Association for Computational Linguistics*. Morristown, NJ: Association for Computational Linguistics
- FLÄMIG, W. 1991. *Grammatik des Deutschen*. Berlin: Akademie Verlag
- FOURQUET, J. 1952. *Grammaire de l'Allemand*, Paris: Hachette
- \_\_\_\_\_ 1970. *Prolegomena zu einer deutschen Grammatik*. Düsseldorf: Schwann
- FOX, A. 1984. Subordinating and CO-ordinating Intonation Structures in the Articulation of Discourse In: D. Gibbon & H. Richter (eds). *Intonation, Accent and Rhythm – Studies in Discourse Phonology*. Berlin: De Gruyter, p. 120-133
- FRANCO, A. C. 1986. *Uma Análise de Erros no Âmbito do Português-Alemão, Análise com base na produção escrita de aprendentes portugueses de alemão como segunda língua*. Universidade do Porto (tese de doutorado)
- FRISCH, M. 1986. *Gesammelte Werke in zeitlicher Folge*. Vierter Band. Frankfurt: Suhrkamp

- GAZDAR, G. 1982. *Phrase Structure Grammar*. Em: JAKOBSON, P. e G.K. PULLUM (eds.). *The Nature of Syntactic Representation*. Dordrecht: Seidel
- GIVÓN, T. 1983. *Topic Continuity in Discourse. A Quantitative Cross-Language Study*. Amsterdam: John Benjamins
- \_\_\_\_\_ 1990. *Syntax – a functional-typological introduction*, vol. I. Amsterdam: John Benjamins
- \_\_\_\_\_ 1993a,b. *English Grammar. A Function-Based Introduction*. Vol. I e II. Amsterdam: John Benjamins
- \_\_\_\_\_ 1995. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins
- GLINZ, H. 1980. Deutsche Standardsprache der Gegenwart in: Althaus, H., Henne, H. & Wiegand, H. (eds.) *Lexikon der Germanistischen Linguistik*, Tübingen: Niemeyer, p. 609-619
- GORSKI, E.M. 1994. *O Tópico Semântico-Discursivo na Narrativa Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: UFRJ (tese de doutorado)
- GOTTSCHED, J. C. 1762. *Deutsche Sprachkunst*, Leipzig
- GREENBERG, J. H. 1963. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: GREENBERG, J. (ed.) 1963. *Universals of Language*, Cambridge: University Press, p. 73-113
- \_\_\_\_\_ 1974. *Language typology: a historical and analytic overview*. *Janua Linguarum, Series Minor*, 184 The Hague, Paris: Mouton
- GREWENDORF, G. 1980. Funktionale Satzperspektive und deutsche Wortstellung, In: *Linguistische Berichte* 66, p. 28-40
- \_\_\_\_\_ 1988. *Aspekte der deutschen Syntax. Eine Rektions-Bindungs-Analyse*. Studien zur deutschen Grammatik, N° 33, Tübingen: Gunter Narr Verlag
- \_\_\_\_\_ 1992. *German – A Grammatical Sketch*. Sprachwissenschaft in Frankfurt, Arbeitspapier Nr. 8. Frankfurt: Johann Wolfgang Goethe-Universität
- GREWENDORF, G. & WILDER, C. 1991. *Universal Grammar in German and Scandinavian Linguistics*. Sprachwissenschaft in Frankfurt, Arbeitspapier Nr. 5. Frankfurt: Johann Wolfgang Goethe-Universität
- GRIESBACH, H. 1986. *Neue deutsche Grammatik*, Berlin: Langenscheidt
- \_\_\_\_\_ 1990. *Test- und Übungsbuch zur deutschen Grammatik*. Ismaning: Verlag für Deutsch
- HAIDER, H. & PRINZHORN, M. (eds.). 1986. *Verb Second Phenomena in Germanic Languages*. Dordrecht: Foris
- HALLIDAY, M.A.K. 1967. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics*, 3, p. 199-244
- \_\_\_\_\_ 1970. *A Course in Spoken English: Intonation*. Oxford: Oxford University Press
- \_\_\_\_\_ 1985. *An Introduction to Functional Grammar*, London: Edward Arnold
- HÄUSSERMANN, U. et al. 1978. *Sprachkurs Deutsch. Unterrichtswerk für Erwachsene*. Frankfurt/M.: Diesterweg
- HELBIG, G. & BUSCHA, J. 1999. *Deutsche Grammatik. Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*, Leipzig: Verlag Enzyklopädie, 19ª edição
- HEIDOLPH, K. E., FLÄMIG, W. & MOTSCH, W. 1981. *Grundzüge einer deutschen Grammatik*, Berlin: Akademie-Verlag
- HINRICHS, E. W. & T. NAKAZAWA. 1989. Flipped out: AUX in German. In: *Aspects of German VP Structure, Sfs-Report-01-93*, Tübingen: Eberhard-Karls-Universität
- \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_ 1994a. Linearizing AUXs in German Verbal Complexes. In: NERBONNE, J. et al. (eds.) *German in Head-Driven Phrase Structure Grammar*, p. 11-38
- \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_ 1994b. Partial-VP and Split-NP Topicalization in German - An HPSG Analysis. In: E. Hinrichs, D. Meurers, and T. Nakazawa: *Partial-VP and Split-NP Topicalization in German – An HPSG Analysis and its Implementation*. Tübingen: Arbeitspapiere des SFB 340 Nr. 58
- JOHNSON, D. 1977. On Relational Constraints on Grammars. In: COLE, P. e J.M. Sadock *Syntax and Semantics*, vol.8, *Grammatical Relations*. New York: Academic Press

- JOHNSON, D. & P. POSTAL. 1980. *Arc Pair Grammar*. Princeton: Princeton University Press
- JÜNEMANN, B. 1990. *Zweiteilige Verben im Wortschatz der deutschen Gegenwartssprache*. München: LMU (dissertação de mestrado)
- KAISER, D. 1996. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Ein Modell im Spannungsfeld von Mündlichkeit und Schriftlichkeit. In: D. RALL & M. RALL. *Actas del VIII Congreso Latinoamericano de Estudios Germanísticos 1994*. México, DF: Universidad Nacional Autónoma de México
- KASPER, R. 1994. Adjuncts in the Mittelfeld, In: NERBONNE, John / NETTER, Klaus / POLLARD, Carl (Eds.) *German in Head-Driven Phrase Structure Grammar*, Stanford: CSLI, p. 39-69
- KATHOL, A. 1995. *Linearization-Based German Syntax*. Columbus/Ohio: University Press (tese de doutorado)
- KESSLER, H. 1953. *Deutsch für Ausländer. I. Teil, Leichter Anfang*. Essen: Kessler Verlag
- KISS, T. 1994. Obligatory Coherence: The Structure of German Modal Verb Constructions. In: NERBONNE, John / NETTER, Klaus / POLLARD, Carl (Eds.) *German in Head-Driven Phrase Structure Grammar*, Stanford: CSLI, p. 71-108
- KOCH, P. & OESTREICHER, W. 1985. Sprache der Nähe – Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte, In: *Romanistisches Jahrbuch*, 36, 1985, p.15-43
- \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_ 1994. Schriftlichkeit und Sprache" In: H. Günther & O. Ludwig (eds.). *Schrift und Schriftlichkeit / Writing and its Use. Ein interdisziplinäres Handbuch internationaler Forschung*. Bd. 1. Berlin / New York, p. 587-604.
- KOSTER, J. 1975. Dutch as an SOV Language" In: *Linguistic Analysis*, 1, p. 111-136
- LANGE, K.-P. 1978. Problems with OV/VO Order. In: M.A. Conte (ed). *Akten des 12. Linguistischen Kolloquiums Pavia 1977*. Tübingen: Narr, p. 13-22
- LEE, D. H. 1979. *Aspekte der deutschen Syntax. Untersuchungen zur deutschen Syntax, mit besonderer Berücksichtigung der Wortstellung*. München: Tuduv
- LEES, R. B. 1957. Structural Grammars. in: *Mechanical Translation*, 4, p. 5-10
- LEHMANN, W.P. 1972. Converging theories in Linguistics In: *Language*, 48, p. 266-275
- LEISI, E. 1975. *Der Wortinhalt. Seine Struktur im Deutschen und Englischen*, Heidelberg: Groos
- LÖTSCHER, A. 1983. *Satzakzent und Funktionale Satzperspektive im Deutschen*. Tübingen: Niemeyer
- LUTZEIER, P. R. 1991. *Major Pillars of German Syntax. An Introduction to CRMS-Theory*. Tübingen: Niemeyer
- MCCAWLEY, J. D. 1970. English as a VSO Language. In: *Language*, 46, Journal of the Linguistic Society of America, p. 286-299
- MATHESIUS, V. 1929. Zur Satzperspektive im modernen Englisch, In: *Archiv zum Studium der Neueren Sprachen und Literaturen*, 84, p. 202-210
- MARTINI, F. 1963. *Deutsche Literaturgeschichte*, Stuttgart: Kröner
- MEURERS, W.D. 1998. Partial Verb-Fronting Revisited. In: WEBELHUTH, G., J.-P. KOENIG & A. KATHOL 1998. *Lexical and Constructional Aspects of Linguistic Explanation*. Stanford: CSLI
- MODE, D. 1987. *Syntax des Vorfelds, Zur Semantik und Didaktik der deutschen Wortstellung*, Tübingen: Niemeyer
- MÜLLER, G. 1996 *Incomplete Category Fronting*. Tübingen: Sfs-Report 01-96
- MÜLLER, M. et al. 1996. *Moment Mal! Lehrwerk für Deutsch als Fremdsprache*. Berlin: Langenscheidt
- MÜLLER, S. 1994a. *Computerlinguistik und Prolog – Teil 1: Syntax*. Vorlesungsskripte Computerlinguistik, Berlin: Humboldt Universität
- \_\_\_\_\_ 1994b. *Problems with Complement Extraction Lexical Rules*. <http://www.dfki.de/~stefan/Pub/celr.html>. 03/02/1999

- \_\_\_\_\_. 1999. *Deutsche Syntax deklarativ. Head-Driven Phrase Structure Grammar für das Deutsche*. Tübingen: Niemeyer (no prelo – versão de 03/02/1999)
- MUNGAN, G. 1986. *Die semantische Interaktion zwischen dem präfigierenden Verbzusatz und dem Simplex bei deutschen Partikel- und Präfixverben*. Deutsche Sprache und Literatur 886, Frankfurt: Europäische Hochschulschriften
- NERBONNE, J., K. NETTER & C. POLLARD (Eds.) 1994. *German in Head-Driven Phrase Structure Grammar*, Stanford: CSLI
- NEUNER, G. et al. 1986. *Deutsch aktiv Neu. Lehrbuch GS I*. Berlin: Langenscheidt
- PAUL, H. 1919. *Deutsche Grammatik*, vol. 3, Halle
- PEREIRA, F. & S. SHIEBER. 1987. *PROLOG and Natural Language Analysis*. CSLI Lecture Notes N° 10, Stanford: CSLI
- POLLARD, C. & I. SAG. 1987. *Information-Based Syntax and Semantics, Vol. 1 Fundamentals*. Stanford: CSLI
- \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_ 1994. *Head-Driven Phrase Structure Grammar*. Stanford: CSLI
- PRINCE, E. F. 1995. *On the Limits of Syntax, with reference to Left-Dislocation and Topicalization*. Presented at the Limits of Syntax Workshop, OSU, December 1995. (<http://www.ling.upenn.edu/~ellen/home.html> – 21/1/99)
- REAPE, M. 1990. Getting Things in Order. In: BUNT, H. / A. VAN HORCK (Eds.), *Discontinuous Constituency, Natural language processing, N° 6*, p. 209-253
- \_\_\_\_\_ 1992. *A Formal Theory of Word Order: A Case Study in West Germanic*. University of Edinburgh (tese de doutoramento)
- REDDER, A. 1992. Funktional-grammatischer Aufbau des Verb-Systems im Deutschen. In: Hoffmann, L. (ed.): *Deutsche Syntax: Ansichten und Aussichten*. Jahrbuch des Instituts für deutsche Sprache 1991, Berlin: de Gruyter, p. 128-154
- REIS, M. 1980. On justifying Topological Frames: 'Positional Field' and the Order of Nonverbal Constituents in German. In: *Documentation et Recherche en Linguistique Allemande Contemporaine Vincennes, 22/23*, p. 59-85.
- \_\_\_\_\_ (ed). 1993. *Wortstellung und Informationsstruktur*. Tübingen: Niemeyer
- RICHTER, H. 1984. An Observation Concerning Intensity as a Predictable Feature of Intonation, In: Gibbon, D./Richter, H. (eds.). *Intonation, Accent and Rhythm: Studies in Discourse Phonology*, Berlin: de Gruyter, p. 283 - 310
- RINAS, K. 1997. *Präsuppositionen und Komplementierung. Zur Erklärung von AcI-Konstruktionen, Langen Extraktionen, 'Neg-Raising', Verbzweit-Einbettungen, Kohärenten Konstruktionen und verwandten Phänomenen*. Trier: Wissenschaftlicher Verlag
- ROSS, J. 1967. *Constraints on Variables in Syntax*. Massachusetts Institute of Technology, (tese de doutoramento)
- SAG, I. 1995. *English Relative Clause Constructions*. Stanford: CSLI
- \_\_\_\_\_ 1997. English Relative Clause Constructions. *Journal of Linguistics* 32(2), p. 431-484
- SAG, I. & T. WASOW. 1999. *Syntactic Theory. A Formal Introduction*. (no prelo – versão de 20/01/1999)
- SCHÄPERS, R. 1972. *Deutsch 2000. Eine Einführung in die moderne Umgangssprache*. Ismaning: Hueber
- SCHIFFRIN, D. 1994. *Approaches to Discourse*. Cambridge: Blackwell
- SCHMITT, R. 1993. *Weg mit den typischen Fehlern! Teil 1 + 2*. Ismaning: Verlag für Deutsch
- SCHNEIDER, W. 1959. *Stilistische Deutsche Grammatik*, Freiburg: Herder
- SCHULZ, D. & GRIESBACH, H. 1967. *Deutsche Sprachlehre für Ausländer. Grundstufe in einem Band*. Ismaning: Hueber
- \_\_\_\_\_ & \_\_\_\_\_ 1984. *Grammatik der deutschen Sprache*. Ismaning: Hueber (11ª edição)
- SHIEBER, S. 1986. *An Introduction to Unification-Based Approaches to Grammar*. CSLI Lecture Notes N° 4, Stanford: CSLI
- SOWINSKI, B. 1983. *Textlinguistik*. Stuttgart: Kohlhammer

- SÜTTERLIN, L. 1910. *Die deutsche Sprache der Gegenwart*. Leipzig
- TESNIÈRE, L. 1976. *Éléments de syntaxe structurale*, Paris: Klincksieck
- THIERSCH, C. 1978. *Topics in German Syntax*. Cambridge: MIT (tese de doutoramento)
- THURMAIR, M. 1991. Warten auf das Verb, Die Gedächtnisrelevanz der Verbklammer im Deutschen, in: *Jahrbuch für Deutsch als Fremdsprache*, 17, 174-202
- UHMANN, S. 1993. Das Mittelfeld im Gespräch. In: Marga Reis, *Wortstellung und Informationsstruktur*. Tübingen: Niemeyer, p. 311-354
- VENNEMANN, T. 1974. Theoretical Word Order Studies. Results and Problems. In: *Papiere zur Linguistik*, 7, p. 5-25
- VENNEMANN, T. & HARLOW, R. 1977. Categorical Grammar and Consistent Basic VX Serialization. In: *Theoretical Linguistics*, 4, p. 227-254
- VOYLES, J.B. 1978. German as an SOV Language. In: *Linguistische Berichte*, 54, p. 1-18
- WEBELHUTH, G. & H. DEN BESTEN 1987. Remnant Topicalization and the Constituent Structure of VP in the Germanic SOV Languages (abstract for the 10th GLOW Colloquium). In: H. Bennis and J. Koster (Eds.), *GLOW Newsletter* Nr. 18, pp. 15-16. Dordrecht: Foris.
- WEERMAN, F. 1992. *The V2 conspiracy. A synchronic and diachronic analysis of verbal positions in germanic languages*. Dordrecht: Foris
- WEINRICH, H. 1964. *Tempus. Besprochene und erzählte Welt*. Stuttgart: Klett
- \_\_\_\_\_ 1969. Textlinguistik. Zur Syntax des Artikels in der deutschen Sprache. In: *Jahrbuch für internationale Germanistik*, 1, p. 61-74
- \_\_\_\_\_ 1970. *Linguistik der Lüge*. Heidelberg: Groos
- \_\_\_\_\_ 1971. *Literatur für Leser*. Stuttgart: Klett
- \_\_\_\_\_ 1972. Die Textpartitur als heuristische Methode. In: *Der Deutschunterricht*, 24, p. 43-60
- \_\_\_\_\_ 1974. Übergang in der Linguistik. In: *Die Neueren Sprachen*, 73/ N.F. 23, p. 358-371
- \_\_\_\_\_ 1976. *Sprache in Texten*. Stuttgart: Klett
- \_\_\_\_\_ 1982. *Textgrammatik der Französischen Sprache*. Stuttgart: DVA
- \_\_\_\_\_ 1983. Literatur im Fremdsprachenunterricht – ja, aber mit Phantasie. In: *Die neueren Sprachen*, 82, p. 200-216
- \_\_\_\_\_ 1985. *Wege der Sprachkultur*. Stuttgart: DVA
- \_\_\_\_\_ 1986. Klammersprache Deutsch. In: *Sprachnormen in der Diskussion. Beiträge von Sprachfreunden*, Festschrift Günther Drosdowski zum 15.10.1986, Berlin: de Gruyter, p. 116-148
- \_\_\_\_\_ 1993. *Textgrammatik der Deutschen Sprache*. Mannheim: Dudenverlag
- WITTGENSTEIN, L. 1996. *Tractatus logico-philosophicus. Logisch-philosophische Abhandlung*. Frankfurt: Suhrkamp
- ZEMB, J.M. 1978. Weder SVO noch SOV. Von einer ptolemäischen zu einer kopernikanischen Analyse. In: *Sprachwissenschaft*, 3, p. 262-296
- ZIELINSKI, W.-D. 1993. *Der deutsche Nebensatz. Situative Tonbandübungen*. Stuttgart: Klett
- ZINDLER, H. 1975. Fehleranalyse – Überlegungen zu den besonderen Schwierigkeiten ausländischer Studenten beim Erlernen des Deutschen, In: Funke, H.G. (ed.). *Grundfragen der Methodik des Deutschunterrichts und ihre praktischen Verfahren*, München: Hueber 1975, p. 145 - 159
- ZIFONUN, G., HOFFMANN, L. & STRECKER, B. 1997. *Grammatik der deutschen Sprache*. Schriften des Instituts für deutsche Sprache, Band 7.1-3, Berlin: de Gruyter
- ZIMMERMANN, K. 1978. *Erkundungen zur Texttypologie mit einem Ausblick auf die Nutzung einer Texttypologie für eine Corpustheorie*. Tübingen: Narr

## Anexo 1: CD-ROM

O CD-ROM anexado ao trabalho contém o exemplo (28) transcrito e interpretado no capítulo III.2.4, em vídeo, no formato *Microsoft Video for Windows* (AVI). O nome do arquivo é **Exemplo28.avi**. Para poder visualizá-lo é necessário dispor de um PC com kit multimídia (leitor de CD, placa de som e alto-falantes). Por favor, insira o CD no drive de CD-ROM, abra o gerenciador de arquivos do Windows (*Windows Explorer*) e clique duas vezes no nome do arquivo. Caso o seu computador não consiga ler o formato, instale uma versão mais recente do *Media-Player* da Microsoft, também disponível no CD. Para isso, copie o arquivo *mpfull.exe* do CD para um diretório de seu computador e clique duas vezes nele para iniciar a instalação.

Além disso, os exemplos de textos escritos e orais da pequena análise quantitativa do capítulo III.1 estão disponíveis no CD, em formato de Word para Windows 7.0, e em formato ASCII, com os nomes de **Aula.doc**, **Goethe.doc**, **TV.doc**, **SZ.doc** e **Aula.txt**, **Goethe.txt**, **TV.txt**, **SZ.txt** respectivamente.



## Anexo 2: ABREVIÇÕES

A	ADJ	MF	Mittelfeld
acc	Accusative	MIT	Massachusetts Institute of Technology
AcI	Acusativo com Infinitivo	MJW	Markus J. Weininger
ADJ	Adjunct	N	Noun / Nomen / (grupo) nominal
adj	Adjective	NF	Nachfeld
ADV	Adverb	nom	Nominative
akk	Akkusativ	NONLOC	Non-Local
ant	anterior	n.º	número
APG	Arc Pair Grammar	NP	Noun Phrase
ARG-ST	Argument structure	NUM	Number
AUXF	Auxiliary Form	O	Objeto / Objekt / Object
AVM	Attribute-Value Matrix	op. cit.	opus citado
bse	Base Form	ORF	Oesterreichischer Rundfunk
c	campo	p	página
C	COMP	P	Position / Preposition / Prädikat
CAT	Category	part	partícula / Partikel
CD	Communicative Dynamism	PER	Person
cf.	conferir	PFORM	Preposition Form
CFG	Context Free Grammar	PH	Phrase
CG	Categorial Grammar	PHON	Phonology
CL	Clitic	post	posterior
COMP	Complement	PP	Preposition Phrase
CONT	Content	ppp	Past Participle
CONX	Context	PRD	Predicative
dat	Dativ(e)	prep	Preposition
DCG	Definite Clause Grammar	PRO	Pronoun
dêit	dêitico	PSG	Phrase Structure Grammar
dir	direito	psoa	Parametrized State of affairs
DOM	Word Order Domain	PVP	Partial Verb Phrase
DTR(S)	Daughter(s)	QUE	Question
E	Ergänzung	rSkI	rechte Satzklammer
ERG	Ergative	REL	Relativizer
esq	esquerdo	RELN	Relation
et al.	et alii	S	Sentence / Subjekt / Subject / Sujeito
ex	exemplo	SVO	Sujeito-Verbo-Objeto
ext	externo	SK	Satzklammer
EXTRA	Extrapolition	SkI	Satzklammer
fin	Finit(e)	SUB	Subordinate clause
FSP	Functional Sentence Perspective	SUBJ	Subject
GB	Government and Binding	SYNSEM	Syntactical-Semantical
gen	Genitiv(e)	SZ	Süddeutsche Zeitung
GEN(D)	Gender	USP	Univesidade de São Paulo
GPSG	Generalized Phrase Structure Grammar	V	Verb(o) / Verbindungsteil
H	HEAD	V-1	Verbo finito em posição inicial
H(EA)D	Head	V-2	Verbo finito em posição 2
HPSG	Head-Driven Phrase Structure Grammar	VFIN	Verbo finito em posição final
IdS	Institut für deutsche Sprache	Vf	Verb, finite
IK	Infinitivkonstruktion	VF	Vorfeld
inf	Infinitiv(e)	VFORM	Verb Form
INST	Instance	Vi	Verb, infinite
INV	Inversion	V-L	Verb-Letzt
KM	Kommunikative Minimaleinheit	VK	Verbalklammer
L1	primeira língua / língua materna	VP	Verb Phrase
L2	segunda língua / língua estrangeira	vs	versus
LEX	Lexical	X	other element / outro elemento
LFG	Lexical-Functional Grammar		
LIPOC	language independent preferred order of constituents		
LOC	Local		
LP	Linear Precedence		
lSkI	linke Satzklammer		

### Anexo 3: Sinopse dos dados da análise quantitativa de exemplos do capítulo III.1.1

	Goethe	SZ	TV	Aula	Média
<b>Comprimento médio frases (pal.)</b>	30,31	20,88	8,51	20,01	19,93
<b>Número de frases absoluto</b>	77	114	306	346	210,75
<b>Número de frases em % do total</b>	9,13	13,52	36,30	41,04	25,00
<b>Número de palavras</b>	835	1209	2630	6927	2900,25
<b>Tipo de oração (em %):</b>					
declarativa	40,26	70,18	63,73	64,16	59,58
supl. adjetiva	23,38	9,65	4,25	9,82	11,78
supl. adverbial	23,38	7,02	10,78	9,82	12,75
compl. subst.-objeto	10,39	13,16	8,50	10,11	10,54
compl. subst.-sujeito	2,60	0,00	0,33	0,29	0,61
interrogativa	0,00	0,00	12,09	3,75	3,96
imperative	0,00	0,00	0,33	1,44	0,44
<b>Posição Verbo finito (em %):</b>					
V <sub>2</sub>	37,66	61,40	61,44	62,72	45,04
V <sub>final</sub>	61,04	33,33	17,97	30,35	35,67
Sujeito no camp. Ant. (%)	37,50	39,47	70,59	22,54	42,53
<b>Morfologia verbo principal (%):</b>					
verbo bipolar	25,00	12,96	30,11	14,45	20,63
prefixado não bipolar	31,94	21,30	9,32	13,29	18,96
<b>Tempo verbal (em %):</b>					
presente	31,16	73,68	74,84	89,01	67,17
perfeito	3,90	3,51	12,42	8,96	7,2
preterito	49,35	18,42	12,09	1,16	20,26
mais-que-perfeito	14,29	3,51	0,65	0,29	4,68
futuro	1,30	0,88	0,00	0,58	0,69
<b>passiva (em % das orações)</b>	7,79	7,89	3,59	1,73	5,25
<b>Tipo de verbo finito (em %):</b>					
cópula	8,33	16,83	11,87	13,58	12,65
modal	11,11	14,85	9,71	23,99	14,91
auxiliar	22,22	13,86	19,78	12,71	17,14
<b>VK completas (em % das orações)</b>	83,12	60,53	67,65	72,25	70,89
média palavras incluídas	4,46	8,55	3,20	3,97	5,05
média grupos incluídos	2,12	2,66	2,16	2,10	2,26
exclusões (em % das VK completas)	0,00	10,14	13,04	9,54	8,18
média palavras excluídas	0,00	7,75	2,27	2,87	3,22
<b>VK mais frequentes (em %):</b>					
junção relativa (c/ e s/ prep.)	32,81	14,49	7,25	11,27	16,46
junção consecutiva	14,06	14,49	7,73	7,51	10,95
junção condicional	6,25	2,90	12,08	5,20	6,81
VK cópula	3,13	20,29	13,04	8,09	11,14
VK modal	10,94	15,94	10,14	18,49	13,88
VK Perfekt	0,00	4,35	17,39	5,49	6,81
verbo bipolar	1,56	5,80	12,56	4,05	5,99
<b>As 7 VK acima em % de VK total:</b>	68,75	78,26	80,19	60,1	71,84

## Anexo 4: Exemplos usados na análise quantitativa do capítulo III.1.1

### *Goethe: Wahlverwandtschaften*

#### 2. Teil, 1. Kapitel:

Im gemeinen Leben begegnet uns oft, was wir in der Epopöe als Kunstgriff des Dichters zu rühmen pflegen, daß nämlich, wenn die Hauptfiguren sich entfernen, verbergen, sich der Untätigkeit hingeben, gleich sodann schon ein Zweiter, Dritter, bisher kaum Bemerkter den Platz füllt und, indem er seine ganze Tätigkeit äußert, uns gleichfalls der Aufmerksamkeit, der Teilnahme, ja des Lobes und Preises würdig erscheint.

So zeigte sich gleich nach der Entfernung des Hauptmanns und Eduards jener Architekt täglich bedeutender, von welchem die Anordnung und Ausführung so manchen Unternehmens allein abhing, wobei er sich genau, verständig und tätig erwies und zugleich den Damen auf mancherlei Art beistand und in stillen und langwierigen Stunden sie zu unterhalten wußte. Schon sein Äußeres war von der Art, daß es Zutrauen einflößte und Neigungen erweckte. Ein Jüngling im vollen Sinne des Worts, wohlgebaut, schlank, eher ein wenig zu groß, bescheiden ohne ängstlich, zutraulich ohne zudringend zu sein. Freudig übernahm er jede Sorge und Bemühung, und weil er mit großer Leichtigkeit rechnete, so war ihm bald das ganze Hauswesen kein Geheimnis, und überallhin verbreitete sich sein günstiger Einfluß. Die Fremden ließ man ihn gewöhnlich empfangen, und er wußte einen unerwarteten Besuch entweder abzulehnen oder die Frauen wenigstens dergestalt darauf vorzubereiten, daß ihnen keine Unbequemlichkeit daraus entsprang.

Unter andern gab ihm eines Tags ein junger Rechtsgelehrter viel zu schaffen, der, von einem benachbarten Edelmann gesendet, eine Sache zur Sprache brachte, die, zwar von keiner sonderlichen Bedeutung, Charlotten doch innig berührte. Wir müssen dieses Vorfalls gedenken, weil er verschiedenen Dingen einen Anstoß gab, die sonst vielleicht lange geruht hätten.

Wir erinnern uns jener Veränderung, welche Charlotte mit dem Kirchhofe vorgenommen hatte. Die sämtlichen Monumente waren von ihrer Stelle gerückt und hatten an der Mauer, an dem Sockel der Kirche Platz gefunden. Der übrige Raum war geebnet. Außer einem breiten Wege, der zur Kirche und an derselben vorbei zu dem jenseitigen Pfortchen führte, war das übrige alles mit verschiedenen Arten Klee besät, der auf das schönste grünte und blühte. Nach einer gewissen Ordnung sollten vom Ende heran die neuen Gräber bestellt, doch der Platz jederzeit wieder verglichen und ebenfalls besät werden. Niemand konnte leugnen, daß diese Anstalt beim sonn- und festtägigen Kirchgang eine heitere und würdige Ansicht gewährte. Sogar der betagte und an alten Gewohnheiten haftende Geistliche, der anfänglich mit der Einrichtung nicht sonderlich zufrieden gewesen, hatte nunmehr seine Freude daran, wenn er unter den alten Linden, gleich Philemon, mit seiner Baucis vor der Hintertür ruhend, statt der holprigen Grabstätten einen schönen bunten Teppich vor sich sah; der noch überdies seinem Haushalt zugute kommen sollte, indem Charlotte die Nutzung des Fleckes der Pfarre zusichern lassen.

Allein deßungeachtet hatten schon manche Gemeindeglieder früher gemißbilligt, daß man die Bezeichnung der Stelle, wo ihre Vorfahren ruhten aufgehoben und das Andenken dadurch gleichsam ausgelöscht: denn die wohl erhaltenen Monumente zeigten zwar, wer begraben sei, aber nicht, wo er begraben sei; und auf das WO komme es eigentlich an, wie viele behaupteten.

Von ebensolcher Gesinnung war eine benachbarte Familie, die sich und den Ihrigen einen Raum auf dieser allgemeinen Ruhestätte vor mehreren Jahren ausbedungen und dafür der Kirche eine kleine Stiftung zugewendet hatte. Nun war der junge Rechtsgelehrte abgesendet, um die Stiftung zu widerrufen und anzuzeigen, daß man nicht weiter zahlen werde, weil die Bedingung, unter welcher dieses bisher geschehen, einseitig aufgehoben und auf alle Vorstellung und Widerreden nicht geachtet worden. Charlotte, selbst Urheberin dieser Veränderung, wollte den jungen Mann selbst sprechen, der zwar lebhaft, aber nicht allzu vorlaut seine und seines Prinzipals Gründe darlegte und der Gesellschaft manches zu denken gab.

Sie sehen, sprach er, nach einem kurzen Eingang, in welchem er seine Zudringlichkeit zu rechtfertigen wußte: Sie sehen, daß dem Geringsten wie dem Höchsten daran gelegen ist, den Ort zu bezeichnen, der die Seinigen aufbewahrt. Dem ärmsten Landmann, der ein Kind begräbt, ist es eine Art von Trost, ein schwaches hölzernes Kreuz auf das Grab zu stellen, es mit einem Kranze zu zieren, um wenigstens das Andenken so lange zu erhalten, als der Schmerz währt, wenn auch ein solches Merkzeichen, wie die Trauer selbst, durch die Zeit aufgehoben wird. Wohlhabende verwandeln diese Kreuze in eiserne, befestigen und schützen sie auf mancherlei Weise, und hier ist schon Dauer für mehrere Jahre. Doch weil auch diese endlich sinken und unscheinbar werden, so haben Begüterte nichts Angelegeneres, als einen Stein aufzurichten, der für mehrere Generationen zu dauern verspricht und von den Nachkommen erneut und aufgefrischt werden kann. Aber dieser Stein ist es nicht, der uns anzieht, sondern das darunter Enthaltene, das daneben der Erde Vertraute. Es ist nicht sowohl vom Andenken die Rede, als von der Person selbst, nicht von der Erinnerung, sondern von der Gegenwart. Ein geliebtes Abgeschiedenes umarme ich weit eher und inniger im Grabhügel als im Denkmal: denn dieses ist für sich eigentlich nur wenig; aber um dasselbe her sollen sich, wie um einen Markstein, Gatten, Verwandte, Freunde selbst nach ihrem Hinscheiden noch versammeln, und der Lebende soll das Recht behalten, Fremde und Mißwollende auch von der Seite seiner geliebten Ruhenden abzuweisen und zu entfernen.

## **Um den Reaktor explodiert das Leben**

In der hochgradig radioaktiv verseuchten Sperrzone um Tschernobyl, aus der nach dem Reaktorunglück vor neun Jahren alle menschlichen Bewohner evakuiert wurden, haben sich Wildtiere explosionsartig vermehrt. Das zeigt eine Studie des amerikanischen Ökologen Ron Chesser vom Savannah River Ecology Laboratory in Georgia. Demnach gibt es in dem menschenleeren Gebiet heute zum Beispiel zehnmal so viele Wildschweine wie vor dem Reaktorunglück. Auch Rotwild, Nagetiere und Vögel sind in viel größerer Zahl vertreten als zuvor. Da das Gebiet um den Reaktor in einem Umkreis von 30 km größtenteils umzäunt ist, sei es unwahrscheinlich, so Chesser, daß das Populationswachstum auf "Einwanderer" zurückgehe. Eine ähnliche Entwicklung gab es im ebenfalls eingezäunten ehemaligen Grenzgebiet zwischen der Bundesrepublik und der DDR. Dort konnten sich zahlreiche Wildarten ungestört vermehren, unter anderem auch der Wolf.

Ökologe Chesser und sein Kollege Robert Baker, Zoologe an der Texas Tech University, nehmen jedoch an, daß der Aufwärtstrend in der Gegend um Tschernobyl nicht von Dauer ist. Die enorme, noch immer um das 3000-fache der auf der Erde üblichen Werte erhöhte Strahlung in der Sperrzone um den Katastrophenreaktor fordere möglicherweise in Zukunft ihren Tribut. Bei genetischen Untersuchungen an neun Wühlmäusen aus der Sperrzone fanden die Forscher insgesamt 46 Veränderungen eines bestimmten, von der normalen Struktur her bekannten Gens. Demgegenüber wiesen zehn außerhalb des Gebiets gefangene Mäuse zusammen nur vier Mutationen an diesem Gen auf. Langfristig, so die Forscher, könne die erhöhte Mutationsrate bei den Tieren zu einem Rückgang der Zahl lebensfähiger Nachkommen führen.

(SZ Nr. 194, 24.8.95, p. 25)

## **Jugend aus der Zirbeldrüse**

*Das Hormon Melatonin soll das Altern aufhalten können, bewiesen ist das aber noch nicht*

Fit sein, fit bleiben – und dabei auch noch steinalt werden: Diesen Traum soll eine Pille erfüllen, die derzeit vor allem in den Vereinigten Staaten Furore macht. Nach Vitamintabletten und der Glücksdroge Prozac könnte Melatonin der nächste Verkaufsschlager für die US-Gesundheitsindustrie werden.

Das von der erbsengroßen Zirbeldrüse im Zentrum des Gehirns produzierte Hormon steuert den Tag-Nacht-Rhythmus und wird schon längere Zeit von Vielfliegern und streßgeplagten Büroangestellten gegen Jetlag und Schlafstörungen eingenommen. Neu ist jedoch die bisher ausschließlich durch positive Ergebnisse bei Tierversuchen genährte Hoffnung, der potente Botenstoff ließe sich als Droge gegen das Altern verwenden. "Melatonin ist dabei, zu einer der interessantesten Pillen des Jahrzehnts zu werden", so prophezeite kürzlich das amerikanische Nachrichtenmagazin Newsweek.

### **Beobachtung an Mäusen**

Der Grund für die Aufregung: Mäuse, denen der italienische Immunologe Walter Pierpaoli Melatonin ins Futter gegeben hatte, lebten im Schnitt um ein Drittel länger als ihre Altersgenossen. Und als der heute am Nationalen Institut für Altersforschung in Ancona tätige Pierpaoli die Zirbeldrüsen junger Tiere mit denen von älteren Nagern vertauschte, zeigten sich auch Skeptiker von den Folgen des mikrochirurgischen Eingriffs beeindruckt: Während die betagten Tiere in ihren Käfigen energiegeladen herumtobten, verloren die Jungen nicht nur ihren Elan, sondern auch die Haare und entwickelten Grauen Star.

Weil die Melatoninproduktion der Zirbeldrüse beim Menschen schon nach dem sechsten Lebensjahr stark abfällt – mit 45 Jahren wird nur noch die Hälfte, mit 80 Jahren gerade noch ein Fünftel von der in den ersten Jahren üblichen Menge gebildet – sehen manche Forscher in dieser Substanz einen Schutzfaktor.

Es gibt einige Belege dafür, daß das Wachstum menschlicher Krebszellen durch die Zugabe von Melatonin verlangsamt werden kann. So fand Paolo Lissoni an der Klinik San Gerardo im italienischen Monza heraus, daß eine kleine Gruppe Patienten mit metastasierendem Lungenkrebs länger lebte, wenn ihnen zusätzlich zur normalen Behandlung in jeder Nacht ein Hundertstel Gramm Melatonin verabreicht wurde. Im gleichen Labor gelang es, durch die Gabe von Melatonin den Verbrauch des nebenwirkungsreichen Krebsmedikaments Interleukin-2 zu senken, ohne dadurch die Heilungschancen der Patienten zu verringern. Eine mögliche Erklärung für diese Beobachtungen liefern biochemische Untersuchungen über den Wirkmechanismus des Botenstoffs: Wie die Vitamine C, E und das Provitamin Betacarotin hat auch Melatonin antioxidative Eigenschaften. Diese sogenannten Antioxidantien entschärfen im Körper einen Großteil von schädlichen Abbauprodukten, die "freien Radikale".

Dies mag auch ein Grund dafür sein, daß Melatonin die schädliche Wirkung zahlreicher Gifte bremsen kann, wie der Zellbiologe Russel Reiter von der Universität Texas bei Versuchen mit Mäusen herausgefunden hat. So verursachte die krebserregende Chemikalie "Safrol" bei Tieren, die gleichzeitig Melatonin erhalten hatten, nur ein Hundertstel der Leberschäden, die das Gift bei ungeschützten Kontrolltieren verursacht hatte. Eine normalerweise tödliche Strahlendosis überlebte immerhin die Hälfte der mit dem pharmakologischen Schutzschild versehenen Nager.

Reiter, der "so spät wie möglich" sterben möchte, nimmt jede Nacht ein Tausendstel Gramm Melatonin zu sich – und gibt anderen damit ein schlechtes Beispiel. Denn die langfristigen Folgen dieses Verhaltens sind noch völlig ungeklärt.

Gerald Lincoln von der Einheit für Reproduktionsbiologie des Forschungsinstitutes MRC im schottischen Edinburgh hält es "für nicht klug, Melatonin zu schlucken wie eine Vitaminpille". Bei der üblichen Dosis von drei Tausendstel Gramm schießen die Blutwerte sofort nach Einnahme des Botenstoffs in die Höhe. "Die Konzentration steigt innerhalb von Sekunden auf mindestens das 200fache des Normalwerts." Dies sei eine "pharmakologische Extremsituation" und auch wenn es bisher keinerlei Beweise für eine schädliche Wirkung von Melatonin gebe, könne eine Wirkung auf das zentrale Nervensystem doch nicht ausgeschlossen werden, warnt Lincoln.

Steven Bock aus Rhinebeck im US-Bundesstaat New York berichtet von 300 Patienten, denen er das Hormon eine zeitlang verabreicht hatte. Bei den Versuchsteilnehmern konnten keine nachteiligen Wirkungen beobachtet werden. Für Bock war dies Grund genug, ein Buch zu schreiben, das im September unter dem verheißungsvollen Titel Wunderhormon Melatonin in deutscher Übersetzung erhältlich sein wird (Knaur Taschenbuch, München; 12,80 Mark). Walter Pierpaoli hat seine Erfahrungen ebenfalls veröffentlicht, und zwar in dem soeben in den USA erschienenen Werk The Melatonin Miracle (Simon & Schuster, New York, 256 Seiten, 21 Dollar).

Verblüffend für Kritiker ist vor allem der anscheinend sorglose Umgang mit einer hochwirksamen Substanz, die schon in geringsten Konzentrationen in den Stoffwechsel eingreift. In den drogerieähnlichen Health-Food-Stores jenseits des Atlantiks ist Melatonin nicht nur frei verkäuflich, sondern auch billig zu haben: 60 Pillen kosten im Sonderangebot gerade mal zwölf Mark. Das reicht bei täglicher Einnahme für zwei Monate.

In Deutschland ist eine ähnliche Entwicklung zu erwarten: Zwar gibt es kein einziges zugelassenes Arzneimittel mit dem Wirkstoff Melatonin, als "Nahrungsergänzungsmittel" darf der Botenstoff jedoch in die Europäische Gemeinschaft eingeführt werden. Beim Bundesinstitut für gesundheitlichen Verbraucherschutz in Berlin verweist man auf die Zuständigkeit der Landesbehörden. Diese wiederum sahen bisher keinen Anlaß, die neue Modepille zu reglementieren.

Für kleine Importfirmen ist dies eine profitable Situation. Schon jetzt habe man Schwierigkeiten, der wachsenden Nachfrage gerecht zu werden, berichtet Dieter Hemrichs von der Supplementa GmbH in Münsing am Starnberger See, die das Produkt eines amerikanischen Herstellers vertreibt, und zwar zum stolzen Preis von 43,60 für 60 Pillen.

#### Als Arznei behandeln

Die Vorstellung indessen, Melatonin könne bald ebenso selbstverständlicher Bestandteil einer gesunden Ernährung werden wie Jodsalz oder frisches Obst, treibt Richard Wurtmann die Sorgenfalten auf die Stirn. Der Hirnforscher am renommierten Massachusetts Institute of Technology hat sich als einer der ersten mit der Wirkung von Melatonin auseinandergesetzt. Er plädiert dafür, den Botenstoff wie ein Arzneimittel zu behandeln. Das würde bedeuten, daß der Vermarktung der vermeintlichen Wunderpille umfangreiche, penibel dokumentierte und damit auch sehr teure klinische Studien vorausgehen müßten. Die amerikanische Zulassungsbehörde FDA (Food and Drug Administration) sieht dafür jedoch keinen Grund. Sie warnt die Konsumenten lediglich, daß sie Melatonin schluckten "ohne jegliche Gewähr, daß es sicher ist oder irgendeinen Nutzen bringt.

(SZ Nr. 194, 24.8.95, p. 27)

## TV: "Hautnah" – Pro 7

(7.8.95, 22:05 h, 11'30", mit Kerstin Graf)

KG: Bei uns im Studio, liebe Zuschauer, ein Mann, der alies an Frauen hasst, was falsch ist. Und: Zwei Frauen die mogeln. Bettina Wolf, Sie haben wir ja gerade in unserem Film gesehen. Eine phänomenale Verwandlung. Haben Sie da kein schlechtes Gewissen?

BW: Nein, warum? Ich meine, es macht doch Spaß, sich ab und zu ein bißchen zu verändern. Und: Ich finde nicht unbedingt, daß man da mogelt, sondern man tut sich ja 'n bißchen selbst etwas Gutes, so wie manche Männer sich 'n Auto leihen, das ihnen nicht gehört.

KG: Aber ist es nicht doch so etwas wie Vorspiegelung falscher Tatsachen: Die Augenfarbe, die Haare, der Brustumfang...

BW: Vorspiegelung würde ich nicht sagen. Ich meine, das, was ich habe, das tue ich ein bißchen aufpolstern. Ich mach mir da kein Silikon, oder, in diese Richtung möchte ich nicht unbedingt. Und, die Haare und so, das ist auch schon echt, und dann falsche dazwischen, so daß man das nicht unbedingt sieht, und, wenn 's mal hart auf hart kommt, dann ist das Teil weg, und dann fällt 's auch nicht auf. Also ist das noch nicht mal gelogen.

KG: Was machen Sie denn noch alies? Paar Sachen hab' ich schon angesprochen, kommt noch was dazu?

BW: Ach, was noch dazukommt? Na ja also, angefangen bei Strümpfen und Schuhen, und paar mal falsche Wimpern drauf, wie gesagt die Augenfarbe öfter mal wechseln, und manchmal auch 'ne andere Perücke aufziehen, mal 'ne blonde, 'ne kurze, oder so, das ist auch lustig.

KG: Aber bestimmt nicht täglich und zur Arbeit. Zu welchen Aniässen machen Sie sich so auf?

BW: Wenn ich eingeladen bin, oder wenn wir so essen gehen manchmal, oder früher auch in Diskotheken. Aber im Prinzip ist das für mich keine festgefahrene Schiene, daß ich zu ganz bestimmten Dingen eben nur das mache. Das mach' ich auch mal durch die Stadt zu gehen. Wenn ich mich nicht so gut fühle, dann ist 'n bißchen mehr drauf, wenn 's mir besonders gut geht, dann geh' ich ungeschminkt durch die Stadt. Hat einfach was mit da drin zu tun.

BK: Jörg Künstler. Was halten Sie von Frauen, die sich so zurechtmachen, die soviel dran geben, gut auszusehen, und auch mit falschen Mitteln arbeiten?

JK: Da halte ich also sehr wenig von. Ah, wie gesagt, die Mogelpackung, äh, wie auch schon eben angesprochen, äh ist natürlich so 'ne Sache, wenn man 'ne Frau kennenlernt, äh, ich hab' das schon mal im Uriaub gehabt, hab' ich 'ne Frau kennengelernt, wir fanden uns nett, äh, ich bin nachher mit ihr auf's Hotel gegangen, und äh, am nächsten Morgen' wach' ich also auf, äh, kuck' auf das Kissen, äh, undühl' auf meine Nase, äh, ich hab' erst gedacht, ich hatte Nasenbluten, dem war doch nicht so, und da hatte die Frau sich, anstatt abends im Bad, äh in der Nacht auf dem Bett abgeschinkt. Das heißt also auf dem Kissen. Das Kissen war ziemlich voll Schminke und so und das kam für mich nicht so angenehm rüber. Und äh, mir ...

KG: Ach das war alies? Make-up auf dem Gesicht?

JK: Bitte?

KG: Mehr war das gar nicht? Nur Make-up auf dem Gesicht?

JK: Das war jetzt zum Beispiel 'n Beispiel, ja klar, aber äh, die sah hait nicht so da drunter aus, wie sie äh vorgegeben hat, am Abend, ja klar. Und dann ist das natürlich ....

KG: Blaß, wahrscheinlich, oder wie?

JK: Ja, blaß natürlich und teilweise auch unreine Haut. Ich meine, man kann natürlich auch nichts dafür. Aber da darf man dann die Männer nicht so täuschen mit was, was nicht da ist. Und äh,...

KG: Wie würden Sie denn reagieren, wenn Sie morgens, ich sag' das mal so krass, neben einer Mogelpackung aufwachen. Das heißt, sie stellen fest, die Augenfarbe ist nicht echt, und das Haarteil liegt daneben?

JK: Dann würd' ich da schon direkter drauf ansprechen die Dame, und äh, oder kommt auch drauf an, äh, manchmal läßt man's lieber, will da nicht irgendwie jemanden bloßstellen, oder so, dann versucht man das Ganze irgendwie so deutlich zu kehren und macht sich aus dem Staub, vielleicht oder...

KG: Also, er, er ist da noch 'n Gentleman...

JK: Richtig!

KG: Haben Sie denn... ist Ihnen das schon einmal passiert, daß sie einen Mann so desillusionieren mußten?

BW: Nein, eigentlich nicht. Also meinen eigenen Mann habe ich nicht desillusioniert, ich hab' ihn sogar kennengelernt, da war ich völlig in Montur, mit falschen Haaren und extrem geschminkt und dies und das, und da haben wir uns dann verabredet zum Teetrinken, und ich bin nach Hause gelaufen, hab' mir 'n Jogginganzug angezogen, Haare ausgebürstet, Pferdeschanz, abgeschminkt, Niveacreme ins Gesicht, und so bin ich dann Teetrinken gegangen. Er hat schon komisch gekuckt, das kommt dazu, aber mhm, er fand das irgendwie lustig. Er hat mich erst nicht erkannt, und da sag' ich, du hast doch das Recht, wenn du öfter mit mir essen gehst oder so, daß du weißt, wie ich so aussehe. Und, ja, jetzt sind wir verheiratet.

KG: Also, er hat sich von der Natürlichkeit überhaupt nicht abschrecken lassen. ...

BW: Nein!...

KG: Im Gegenteil, er hat die Dame geehlicht. Manuela Mock: Sie gehen noch viel weiter. Sie tragen auch falsche Kontaktlinsen, arbeiten auch mit Haarteilen, aber sie haben sich auch äh unter's Messer gelegt, das heißt, Schönheitsoperationen über sich ergehen lassen. Was haben Sie da machen lassen?

MM: Also, ich hab' da schon ganz früh angefangen, ich hab da mit 16 meinen Chirurgen angebettelt, daß er mir die Augen machen soll, und das lag aber daran, daß ich also Schlupflider hatte und auch ziemlich müde immer aussah. Und da hat er mir das gemacht, und dann war ich drauf. Und dann ging das weiter, aber ich ...

KG: Drauf? Was heißt das?

MM: Ja, drauf. Wenn man das einmal anfängt, dann kann man nicht mehr aufhören. Weil um mich herum waren dann viele Leute, die das auch gemacht haben. Da hab' ich mir gedacht, na ja, was machen wir als nächstes? Da hab' ich versucht, mir, da wollt' ich mir Backen machen lassen, das ging aber nich', und da hatt' ich bißchen Angst gehabt, (weil ich mir ...)

KG: Backen machen, also da so Kissen einlegen...

MM: Ja, Kissen in die Wangen, ja. Das könnt' ich vielleicht nochmal angehen demnächst, also... Jetzt gibt's ja bessere Techniken...

KG: Aber Sie haben sich die Backenzähne ziehen lassen.

MM: Die hab' ich mir ziehen lassen. Also, einer war total hinüber, und dann sagte der Zahnarzt zu mir, also eigentlich könnten wir den anderen auch rausmachen, das gibt doch ein schmales Gesicht. Da sag' ich: "Danke!" und: "Weg damit!", und tschüß.

KG: Was hat sich für Sie verändert, seitdem Sie das machen, falsche Kontaktlinsen tragen, Haarteile, Wonder-Bras, Schönheitsoperationen ...

MM: Verändert hat sich eigentlich 'ne ganze Menge, aus dem einfachen Grund, man kann eigentlich sich auch viel mehr erlauben, weil die Leute nehmen einen überhaupt gar nicht ernst. Ja? Ich setz' ja keine falsche Nase auf oder mach irgendwelche anderen Sachen, ja, diese ... grade dieser Wonder-Bra, der wird ja so hingestellt wie die ... Modell Zauberflöte, wenn man den hinten aufmacht, ist der ganze Zauber flöten, ja. So isses ja nich', ich meine, es is' 'ne Mogelpackung in dem Sinne, ich benutze ja sichtbare Sachen, daß die Haare nicht so morgens nach dem Aufstehen aussehen, das weiß jeder, daß da 'ne Tonne Haarspray drin is', ja, und es sieht auch jeder, daß ich Lippenstift im Gesicht hab'. Also mogle ich auch nicht. Ich mogel ja nix weg. Ich hab' auch keine unreine Haut, die ich wegmachen muß. Aber es sieht einfach als Grundierung besser aus, wenn man Make-up im Gesicht hat. Und es ist eine Show, ich seh das so, daß ich mich abends besser amüsieren kann. Ich würd' also tagsüber so nich' rumlaufen. ...

KG: Isses denn so, jetzt muß ich auch mal Bettina fragen, daß ... Sie kennen ja den Unterschied, wenn Sie ganz normal, ungeschminkt, oder ohne Kontaktlinsen, ohne Haarteil aus dem Haus gehen und dann eben in Ihrer Aufmachung. Wie reagieren die Leute?

BW: Mhm, also wenn ich jetzt ungeschminkt und mit jedem Pickelchen, den ich habe, durch die Stadt ziehe und einkaufen gehe, bin ich eben wie jeder andere ich tauche in die Masse unter. Wenn ich allerdings jetzt hingehge, und ich fang' schon einfach mit der Grundierung, Lippenstift und dergleichen und die Haare schön gemacht und dann auch schon der passende Outfit, daß man eben 'n Jackett hat oder eben 'n schönen Schuh, dann wird man schon angekuckt, und man wird auch teilweise anders behandelt. Und ich find das eigentlich...

KG: Wie: anders behandelt?

BW: Mhm, wenn man jetzt aussieht als hätt' man was an, was sehr teuer ist, und man kommt jetzt, ich nenn' jetzt kein Kaufhaus, aber ein größeres Kaufhaus, wo so Boutiquen drin sind, mit Kosmetica, dann wird man angesprochen: "Ach darf ich Ihnen dieses und darf ich Ihnen jenes...?", und dann wird man zugeschlagen mit Proben, die man gar nicht möchte, und andere versuchen dann eben: "Ach könnt' ich mal n' Pröbchen haben?", und das ist dann eben ...

KG: Herr Künstler, ist es nicht eigentlich so, ist... ist was schönes nicht viel angenehmer anzuschauen als was mhm unschönes, nicht zurechtgemachtes?

JK: Natürlich, äh, da muß ich Ihnen schon recht geben. Bloß äh, 'ne Schönheit soll halt äh natürlich sein, sag ich jetzt mal, nä. Wenn 'ne Frau morgens aufsteht und äh mhm, ä so aufwacht und sofort irgend wie was ... zum Beispiel in die Stadt gehen kann oder ... oder irgendwas machen kann, und einfach ohne Schminke irgendwie gut klarkommt, weil se halt ne schöne Haut hat, oder mal 'n ...

KG: Was lassen Sie denn durchgehen?

JK: Was laß' ich durchgehen?

KG: Ja.

JK: Ja zum Beispiel ...

KG: ...an Hilfsmitteln...

JK: ..., äh zum Beispiel äh, wenn man unter die Sonnenbank mal geht oder so, das is' ja in Ordnung, oder jetzt wenn man äh gut aussieht, 'ne gute Haut hat, ...

KG: Gefärbte Haare?

JK: ... macht sich vielleicht 'n bißchen ... macht sich vielleicht 'n... Gefärbte Haare? Find' ich nicht so angenehm unbedingt, weil das ist dann natürlich irgendwie 'n bißchen doch schon 'ne starke Veränderung, nä.

KG: Hatten Sie mal 'ne Freundin mit gefärbten Haaren?

JK: Mhm, ich hatte ... kannte 'n Mädchen mit gefärbten Haaren, also 'ne Freundin, ja, und ich äh fand's nicht so angenehm. Ich hab's aber später irgendwie erst sozusagen rausgekriegt, oder äh ... weil 's mir nicht gesagt wurde sozusagen, nä, und äh nachher ... ich weiß nicht, ob das dann deswegen war, und ... auf jeden Fall hat 's mir nich' so gut gefallen, ...

KG: Ouh...

JK: ... weil ich mir immer überlegt habe, naja, jetzt hat se vielleicht normal blonde Haare und wie würd' se denn dann aussehen, und dann ...

KG: Ach die hatte schwarze Haare.

JK: Die hatte schwarze Haare und normal blond, nä. Und blond is' ja mal 'ne schöne und ... is' 'ne schöne Haarfarbe und, nä, und ...

KG: Jetzt stellen Sie sich das vor, Manuela. Da ist ein Mann, der seiner Freundin vielleicht den Laufpaß gibt, weil er feststellt, sie hat ihm die wahre Haarfarbe verschwiegen.

MM: Also, das find' ich ganz erbärmlich. Also ich mein', man soll doch eigentlich einen Menschen nicht nur nach seinen Äußerlichkeiten beurteilen. Ich hab' mir das ja zum Beispiel selber angetan. Ich bin ja nicht zum Friseur geprügelt worden, und mir wurden die Haare nicht gegen meinen Willen gefärbt. Und eigentlich isse egal, wie jemand aussieht, es ist der Mensch, der dahintersteckt, denk' ich, verändert sich zwar mit der Fassade, aber wenn man dann zuhause ist, ist man, glaube ich, dann auch nicht mehr aufgetaucht, und ich denke man sollte doch 'n bißchen toleranter sein und das durchgehen lassen, daß eine Frau gerne auffällt und ihre eigene kleine Show sich aufbaut.

KG: Jörg, meiden Sie denn schöne, auffällige Frauen?

JK: Ich meide keine schönen, auffälligen Frauen, ganz im Gegenteil. Ich mag schöne Frauen. Allerdings auffällige da äh ... wenn ich mir die anschau ... Es gibt ja auch Frauen, die auffällig sind und schön und natürlich, nä.

KG: Mhm. Ich find 's ja fast schon 'n bißchen gemein, wenn man daherkommt und sich, ja mit Kontaktlinsen grüne Augen macht, obwohl man die gar nicht hat. Das ist doch eigentlich uniauterer Wettbewerb, oder nich'?

MM: Ja was is' schon fair? Was is' fair? Da ... ich hab' gutes äh Verständnis jetzt, daß äh der Herr Künstler nicht neben einem Ersatzteillager aufwachen möchte morgens. Aber ich laß ja meine Sachen nich' im Bett rumfliegen, und ich nehm' auch meine Kontaktlinsen vorher raus und äh die Frau, die er vorher beschrieben hat, die aufsteht und natürlich schön ist, ich glaube, die gibt 's gar nicht. Und...

JK: Doch!

MM: Ja und ... vielleicht sollte man 's mit 'nem Haustier versuchen? Das schüttelt sich und dann isse fertig, ja? Und dann...

KG: Er sagt: doch!

MM: Aber, ja aber es is' vielleicht 'n anderer Typ Frau dann. ... Würde ich sagen, 'n ganz anderer Typ Frau. ... Jemand, der das einfach nicht möchte und es, sagen wir in Anführungsstrichen, nicht nötig hat. Ich brauche das. Um mich selber zu verwirklichen, um mein Ego zu pflegen, und einfach, um ein bißchen ausgeflippt auszusehen. Komm' ich besser mit Leuten in Kontakt, und ...

KG: Wie lang ... Was Sie jetzt anhaben, denk' ich mal, ist Abendgarderobe.

MM: Ja das ist eigentlich ein abgelegtes Bühnenkleid von 'ner Freundin von mir, und da hab' ich mich in das Kleid verliebt, und damit hab' ich also schon die tollsten Auftritte gemacht, und alle fragen mich: "Wo ist das Kleid her?", und das sind auch Gesprächsthemen. Man vereinsamt nicht, wenn man geschminkt is'. Und äh, am ... am schönsten find' ich, wenn ... wenn kleine Kinder mich anucken, und ich bin jetzt dahinter gekommen, was dahinter steckt. Das kleine Mädchen sagte: "Mami, Mami, kuck mal, hat die Frau aber hohe Haare!", und das war also tagsüber im HL-Markt. Jetzt weiß ich auch warum mich Kinder so anucken, nä. Und das... Man hat einfach ganz andere Eriebnisse. Also, wenn ich mit 'm Pferdeschwanz rumlaufe und... und keine Schminke, dann fühl' ich mich auch wohl, da geh' ich auf 'n Flohmarkt so, nä. Aber es macht nicht so viel Spaß. Ich krieg nicht so viel Kontakt, als wenn ich so aufgeprasseit und irgendwo mein' Kopf reinstecke. Da sagen die: "Oh kuck mal, wie sleht die denn aus! Oh, help, help help!". Und das macht mir einfach Spaß, die Leute 'n bißchen zu provozieren auch, und ...

KG: Und die Männer?

MM: Die Männer? Ach Gott, die Männer sind mir in der Hinsicht dann vollkommen egal! Mhm, ich mach' das für mich. Und mein Freund akzeptiert das auch. Und er läuft nicht jetzt 3 Schritte hinter mir, weil er sich schämt oder sonst irgendwas. Es ist ganz einfach ein Kontrastprogramm. Er ist sehr konservativ. Also er ist sehr ... eigentlich bieder, und und 'n ganz normaler ... Mann, wie man so sagt, ...

KG: Aber Sie sorgen schon dafür, daß er morgens nicht neben 'nem Ersatzteillager aufwacht, sondern ...

MM: Nee, ich räum das vorher weg ...

KG: ... sie räumen das...

MM: Ja, ich hab' also Haarteile, und die stehen im Regal, und das is' also wunderbar. Und es is' 'ne schöne Dekoration auch, ja...

KG: Ja, so hat also jeder seine Tricks. Ehm Jörg Künstler, Sie haben schon gesagt, Sie haben nach wie vor ein Faible für schöne Frauen, natürliche Frauen, das will ich Ihnen auch überhaupt nich' nehmen, um Gottes Willen, solange Sie den anderen Frauen den Spaß lassen, wenn es... wenn sie sich gerne, sag' ich mal, 'n bißchen aufbretzein. Und dabei jede Menge Spaß haben. Danke daß Sie da waren.

## Aula: Valenzgrammatik

(UFSC, 30/10/1995, 14:10 - 14:55 h)

OBS: números entre parênteses indicam pausas em segundos, (4) = quatro segundos

PROFESSOR: Also, ich will mal versuchen, mich selber daran zu erinnern, also was wir heute morgen besprochen haben, und vor allen Dingen, was wir noch nicht besprochen haben. Ich glaube, äh, (5) die Begriffe (3) Valenz und Rektion äh haben wir unfähr geklärt. Äh wir haben (3) äh etwas über Ersetzbarkeit und Nicht-Ersetzbarkeit gesprochen und wir haben auch gesehen (2), daß das mit Problemen verbunden ist, das haben wir auch so ungefähr geklärt. Dieses semantische Kriterium, Teilnehmerinformation und äh andere Information, das würde ich ganz gerne noch (1) etwas (2) aus(1)fächern. Ich glaube nämlich, daß wir hier nicht so gut (1) mit einer (1) Zweier(1)unterscheidung bedient sind, oder anders gesagt, daß wir das noch etwas (3) ehm verbreitern können. (3) Und ähm, da möchte ich nochmal auf einige andere (1) nicht-ideale (1) Kombinationen (1) eingehen. Oder das könn' wir vielleicht sogar bei dieser Gelegenheit auch (1) machen. Ehm, (9) ich hatte gestern am Beispiel äh (3) "schlafen" (2) etwas gemacht, was wir heute nochmal ehm am Beispiel äh Geschäfts(1)vorgang (1) machen möchte. (12 – escreve no quadro) Ich nehme dieses Beispiel deswegen äh, weil das sozusagen in der Literatur ein Standardbeispiel ist, da findet man sehr sehr viel drüber publiziert, von Filimore oder Ma(unverständlich) oder äh Heringer, oder (1) von vielen anderen Autoren, die sich immer wieder auf dieses schöne äh (2) quasi Idealbeispiel bezogen haben. (1) Ähm also wir benutzen, um Geschäftsvorgänge zu bezeichnen, solche Verben wie "kaufen / verkaufen / bezahlen / kosten" und so weiter, nä. (1) Also wir können uns vielleicht, um es zu vereinfachen, mal äh darauf beschränken, daß es hier 4 Teilnehmer gibt, obgleich ich der Meinung bin, daß man guten Grund hat, zwischen dem Geld, das man bezahlt, und dem Preis, den es kostet, würde ich generell eine Unterscheidung zu machen. Aber ich will das jetzt hier mal (1) einfachheitshalber weglassen. Das ist hier auch (1) völlig nebensächlich. Ja, dann können wir sagen, daß wir 4 Teilnehmer haben, nämlich kann man die als Käufer, Verkäufer, (6 – escreve), Kaufgegenstand oder könnte man sagen die Ware, (8 escreve) und ähm (2), ja, schreibn wa mal hin Geld, -nä?- "Geld für die Ware", schreibn wa mal hin. (7 – escreve) Das wür – das müßte nicht unbedingt ein Geldbetrag sein, es könnte auch irgendwie ein Gegenwert oder sowas sein. Aber nehmen wir mal einfach an, sozusagen, ehm, ba bei uns ist das normalerweise Geld. Tja, man könnte auch einen Gegenstand gegen einen andern tauschen, und dann wä- dann könnte das auch als "kaufen" verstanden werden, ja. Aber das ist ja auch (1) darauf kommt's nicht an. Äh dann können wir sagen, das ist der Teilnehmer A, das ist der Teilnehmer B, das ist der Teilnehmer C und der Teilnehmer D. Und wir können auch, ehm, wenn wir das wollen, das möchte ich jetzt auch nicht machen, können wir die auch so aufschreiben, wie ich in meinem Schema gestern die 4 Teilnehmer eines Kommunikationsvorganges aufgeschrieben habe, können wir immer zu zwei (1) zwei können wir eine Verbindung ziehen. Und dann könn' wir auch diese Verbindung äh spezifizieren, -nä?- Also zum Beispiel der Käufer, äh, der muß den Kaufgegenstand abgeben, nä, und der Verkäufer, der muß, nee, einen Moment, der Käufer äh der muß den Kaufgegenstand entgegennehmen, -nä?-, und der Verkäufer, der muß den Kaufgegenstand abgeben, -nä?- Der Käufer, der muß den Geldbetrag abgeben. Der Verkäufer, der muß den Geldbetrag entgegennehmen, -nä?- Der Geldbetrag stellt also einen (1) Wert(1)äquivalent zum Kaufgegenstand dar, -nä?- Oder der Kaufgegenstand wird durch den Geldbetrag ersetzt, und so weiter. Also man kann immer so zwischen zwei und zwei, kann man also da jederzeit äh (1) eine Relation (1) bestimmen, nä? Die könnte man jetzt, wenn man wollte, auch so noch hinschreiben (2) -nä?- Und dann könnte man sozusagen (1) durch die (2) Konstellation dieser ganzen Beziehungen, könnte man nun hier etwas wie eine ähm Definition äh der Situation geben, (2) -nä?- Und zwar eine Definition, die jetzt ähm (3) unsere Vorstellung von solchen Ereignissen betrifft, (2) -nä?- Und die zunächst mal ein- wesentlich allgemeiner ist als alle Beschreibungen, die wir mit einem einzigen Verb geben können, (2) -nä?- Wenn ich nachher ein einziges Verb benutze, um über so einen Vorgang zu sprechen, zum Beispiel das Verb "kaufen", nä, dann sehe ich gleich, daß ich dann auf diesen und diesen Teilnehmer abhebe (zeigt an der Tafel auf die Teilnehmer), dagegen die beiden anderen Teilnehmer bleiben mehr oder weniger im Hintergrund, -nä? (2) – Nä? Wenn ich dagegen das Verb "verkaufen" nehme, dann hebe ich auf diese beiden ab (zeigt), -nä?- und die bleiben- A und B bleiben im Hintergrund. Oder wenn ich das Verb "bezahlen" (1) nehme, -nä?- Dann bin ich wieder bei diesen (zeigt), und der Geldbetrag spielt dabei auch 'ne wichtige Rolle, -nä?- Eigentlich, nee, ich bin beim Käufer und beim Geldbetrag, aber der Gegenstand ist noch in der Nähe. Der Verkäufer dagegen tritt (1) etwas in den Hintergrund, -nä?- Und so weiter. Dies hat alles äh (1) sehr ausführlich (2) Charles Fillmore getan, in verschiedenen Arbeiten, (2) -nä?- Deshalb muß ich das hier jetzt nicht wiederholen. Der Name Charles Fillmore ist wahrscheinlich bekannt, oder? (7 – escreve) Fillmore – der die sogenannte Kasustheorie (1) begründet hat, (1) -nä?- Okay! Wir können dann sagen, daß diese vier Teilnehmer hier (1), die ich hier mal mit der Nummer eins bezeichne. Diese vier Teilnehmer können wir sozusagen als Teilnehmer (1) bezeichnen, die konstitutiv für ein solches Ereignis sind, (2) -nä?- Oder dann auch als (1) Teilnehmer, die eine (1) für solche Sachverhalte spezifische Funktion haben. (3) Nä? Also wolln wir mal das äh als "Teilnehmer mit spezifischer Funktion" bezeichnen. (2) Und genau um solche Teilnehmer geht es, (15 – escreve) in solchen Fällen, wo ich heute Morgen von Teilnehmerinformation gesprochen habe. Es gibt aber, ganz prinzipiell, auch die Möglichkeit, einige andere Teilnehmer oder Sachverhalte ins Spiel zu bringen, die keine spezifische Funktion haben. Darüber gibt's aber auch 'ne reiche Literatur, -nä?- Wir könnten zum Beispiel bei Geschäftsvorgängen könnten wir zum Beispiel auch einen Begünstigten ins Spiel bringen. (1) Nä? (1) Es könnte nämlich zum Beispiel sein, (1) daß eine Mutter (1) ein Eis kauft (2). Aber nicht für sich, sondern für ihren danebenstehenden Sohn. Dann ist die Mutter zwar die Käuferin, -nä?- Aber die Mutter ist nicht von der- von dem Kauf begünstigt. Das bedeutet, die Mutter behält die Ware nicht in der Hand, (1) -nä?- Das ging direkt weiter, -nä?- Ja es könnte sogar so sein, daß die Mutter das Geld gibt, und das Kind nimmt direkt das Eis entgegen, (1) nä, vom Verkäufer, (2) -nä?- Trotzdem (1) ist so ein Begünstigter nicht (1) in demselben Sinne sozusagen (1) konstitutiv für ein Geschäftsvorgangereignis. Das heißt, egal ob dieser Begünstigte da ist oder nicht, -nä?- Das wäre in jedem Falle ein Geschäftsvorgang. Dagegen, wenn kein Käufer da wäre, dann



wäre es auch kein Geschäftsvorgang, nä. Das macht schon einen anderen Unterschied, (2) -nä?- Und da können wir auch äh ganz klar sehen, äh, wir wählen auch unsere Bezeichnungen schon so. Zum Beispiel ein Käufer haben wir hier nur (1) in Geschäftsvorgängen. (2) Nä? (1) Dagegen in anderen Ereignissen haben wir eben andere, zum Beispiel einen Esser, oder einen Trinker, (1) oder einen Fahrer, (1) oder einen Lehrer oder was weiß ich, aber nich' ein Käufer, nä. Dagegen einen Begünstigten könn' wir in allen möglichen Arten von Sachverhalten haben. (1) Nä? (3) Fast alles, was man machen kann, -nä?- kann man machen, indem man jemanden begünstigt, (1) nä, der zum Beispiel danebensteht und den positiven Effekt davon hat., ja? Das heißt er nimmt oder er kann an dem Ereignis sozusagen teilnehmen. Hat aber keine spezifische, keine konstitutive Funktion für das Ereignis. (3) Nä? Und deswegen könn' wir solche Teilnehmer hier dann auch als Teilnehmer (2) mit aspezifischer Funktion bezeichnen. (2) Nä? (13 – escreve) Nä, ehm, es gibt unterschiedliche (1) Konventionen natürlich darüber, ehm, was für Teilnehmer mit aspezifischer Funktion üblich sind, -nä?- Ich hab' gestern mal den Begriff "default" oder Default-Annahme an die Tafel geschrieben. (2) Nä? (1) Äh, zum Beispiel (1) ein Begleiter, -nä?- Oder eine Begleitung, -nä?- Das ist auch 'n typischer Teilnehmer mit aspezifischer Funktion, (1) -nä?- Das hat- Fast alles kann man in Begleitung oder alleine machen. (3) Nä? (1) Aber manche- Für manche Sachen haben wir sozusagen Erwartungen, daß man sie in Begleitung macht, (1) -nä?- Und für andere Sachen haben wir Erwartungen, daß man sie alleine macht, -nä?- Zum Beispiel äh, "auf die Toilette gehen" macht man meistens alleine, -nä?- Sagen wir ma' es gibt schon Leute, die da dann gemeinsam bis dahin gehen, -nä?- Aber dann direkt an der Toilette trennen sich dann normalerweise die Wege schon, -nä?- Dagegen andere Sachen macht man typischerweise in Begleitung. Also, ehm, sagen wir mal (2) studieren, in der Universität, äh, lernen in der Universität, zum Beispiel. Es ist fast nie jemand alleine im Kurs, -nä?- Sondern das fast findet immer in Gruppen statt (1) -nä?- Oder auch andere Sachen so wie zum Beispiel "Spaziergehen" macht man oft in Begleitung -nä?-, oder Essen, oder sowas (1) -nä?-. Also da gibt es unterschiedliche Konventionen die wohl auch für- innerhalb einer Gesellschaft für verschiedene Gruppen unterschiedlich sein können -nä?- Also, wer zum Beispiel in einer großen Firma in Deutschland arbeitet und in der Kantine des Mittags isst, der wird niemals alleine zum Mittagessen gehen (1) -nä?- Das heißt, in dessen Vorstellung von Mittagessen -nä?- wird vermutlich ehm, äh, so ganz fest verankert sein, daß es etwas ist, (1) das mit der ganzen Abteilung oder mit der ganzen Arbeitsgruppe oder sowas stattfindet -nä?-, weil das eben üblich ist, daß eben die Gruppen zusammen zum Mittagessen gehen, damit die Arbeit organisiert unterbrochen wird. -nä?- Mit andern (2) Lebensgemeinschaft- Lebensgemeinschaften kann das ganz anders äh (3) funktionieren -nä?- (2) Also, äh, über die Teilnehmer mit aspezifischen Funktionen gibt es zwar oft Konventionen, (2) die sind aber längst nicht so klar geregt äh wie bei den Teilnehmern mit spezifischer Funktion, ja? (2) Längst nicht so klar, -nä?-. die können fehlen, äh die könn' mehr oder weniger äh frei hinzugefügt werden und so weiter -nä?- (3) Ehm, (1) dann könn' wir (2) auch noch äh darüber sprechen, daß es drittens, ehm auch (1) Gegenstände geben kann, unter "Gegenstand" möchte ich jetzt in einem etwas technischen Sinne auch Personen einbegreifen, (1) die ehm, an einem Sachverhalt gar nicht teilnehmen, die aber doch üblicherweise (1) in der Nähe sind. Ich hab' das gestern schon einmal angeschrieben – "zirkumstante Entitäten". -nä?- Oder "zirkumstante Gegenstände" -nä?- könn' wir auch sagen. (2) Unter "Gegenstände", wie gesagt, Personen inbegriffen, äh wir haben das gestern am Beispiel "schlafen" äh gesehen, also, daß es zum Beispiel (1) üblich ist, äh, daß ehm äh bei einem Schlafereignis sozusagen ehm 'n Wecker in der Nähe steht (2) -nä?- Also mindestens- also ich meine ehm in unseren Kreisen, (2) in unserer Kultur (1) ist das normal -nä?- Niemand wundert sich darüber, wenn das so ist. Und manchmal wundert man sich direkt darüber, wenn das nicht so ist -nä?-. Wenn jemand fragt: "Was? Du hast keinen Wecker? Wie schaffst du's denn (1) immer (1) pünktlich aufzuwachen?" oder sowas, -nä?- Da sieht man schon- an solchen Ereignissen sieht man schon, was üblich ist und was nicht (2) -nä?- Bei Geschäftsvorgängen, zum Beispiel, könnte da ein (1) zirkumstanter Gegenstand, der erwartbar ist (1) und der sogar eine (1) Funktion haben kann, ohne direkt an dem Geschäftsvorgang teilzunehmen, könnte zum Beispiel ein Zeuge sein, der es gesehen hat, wenn jemand was an jemanden anderen verkauft hat -nä?- Das hat in unserer Gesellschaft auch Funktionen, daß es Zeugen gibt bei Geschäftsvorgängen -nä?- daß jemand es gesehen hat. Später (1) wenn es Streit geben würde (1) theoretisch, dann könnte man sich auf einen Zeugen beziehen. Dann könnte man sich erinnern: "Mensch, da stand doch jemand in der Nähe, der hat es doch gesehen." Der hat nicht daran teilgenommen. Und daß er ein Zeuge sein kann, ein justiziabler Zeuge, das ist sogar geradezu davon abhängig, daß er nicht daran teilgenommen hat. Nur darum ist er nämlich unbeteiligt. Und nur darum ist seine Aussage vor- vor Gericht etwas wert, unter Umständen (2) -nä?- Das heißt, es gibt auch äh Konventionen darüber, daß Personen oder Gegenstände ehm, in der Nähe stehen können, dabei stehen können, ohne teilzunehmen, -nä?- Also die Nicht-Teilnehmer sind, aber vielleicht zufälligerweise oder normalerweise da sind. (2) Nä? (1) So! Und dann haben wir äh gesehen äh, daß es eben dann Situierungen gibt, -nä?- und noch 'ne ganze Menge Arten von (2) anderer Information, die ich aber jetzt hier nicht aufführen möchte. (1) -nä?- Wir haben ja auch gesehen, äh (1) als ich vorhin gesagt habe: "andere Informationen" -nä?- oder "Nicht-Teilnehmerinformationen" -nä?-, da haben wir vor allen Dingen alle an Situierungen gedacht -nä?- an Orts- und Zeitangaben -nä?- auch an Qualitätsangaben und solche Sachen. -nä?- Ehm, bei Teilnehmerinformationen haben wir alle daran (zeigt) gedacht (2) -nä?- Und an diese hier (zeigt) haben wir eigentlich gar nicht gedacht. (2) -nä?- Und das ist auch kein Wunder -nä?- Weil die Probleme liegen nämlich genau hier. (3) -nä?- Eine ideale Angaben bezeichnet eine Situierung oder Qualität (1) -nä?- Eine ideale Ergänzung bezeichnet einen Teilnehmer mit spezifischer Funktion. (2) -nä?- Und die Satzglieder oder die Sprachelemente, die Teilnehmer mit aspezifischer Funktion bezeichnen, oder die sogar äh zirkumstante (1) Gegenstände oder Personen oder sowas bezeichnen, die (1) stellen Probleme dar. Ich geb' euch ein Beispiel, dann könnt ihr's noch etwas deutlicher sehen. -nä?- Ehm, ein, ein' Begünstigten, zum Beispiel, ja?, kann man sagen: "Die Mutter kauft ein Eis für ihr Kind." (5 – escreve) So! Wenn wir einfach mal hier abgrenzen, dann ham wir: "die Mutter", "ein Eis" und "für ihr Kind" (3 – markiert an der Tafel) und (4) jetzt könn' wir versuchen, die Frage zu stellen: "Was sind davon Ergänzungen und was sind Angaben?" (2) -nä?- (4) Keine Probleme haben wir hier und hier (zeigt) (3) -nä?- Da findet, grammatisch betrachtet, Zuweisung statt, -nä?- Reaktion (2) und (1) äh das bezeichnet Teilnehmer mit spezifischer Funktion. Es ist auch nicht wegläßbar, haben wir keine Schwierigkeiten. Aber da (zeigt) fangen die Probleme an (2) -nä?- (1) Einerseits (1) wird (1) ein (1) Teilnehmer bezeichnet, wenn auch ein Teilnehmer mit aspezifischer Funktion. -nä?- Dann (1) könn' wir uns überlegen: andererseits ist es wegläßbar (1) -nä?- und andererseits findet auch keine Reaktion statt (2) -nä?- Dann fangen wir jetzt an, zu überlegen: "Also, wie wollen wir das jetzt bewerten?" -nä?- Wollen wir jetzt

rein nach dem Gesichtspunkt der Information (2) nach dahin gehen (zeigt) oder nach dahin gehen (zeigt) (3) -nä?- Meistens löst man das Problem dadurch, indem man dann sagt: "Okay, wenn wir hier keine Reaktion haben -nä?- also die Präposition "für" hat mit dem Wort "kaufen" nichts zu tun, deshalb ist es eine Angabe." (3) -nä?- Allerdings (1) wissen wir nicht genau, was für eine Angabe das sein soll. -nä?- Bei Situierungen ist das einfach -nä?- "Zeitangabe, Ortsangabe" -nä?- Könn' wir auch sagen "Modalangabe", oder "Qualität" oder sowas. Aber was ist dann das da (zeigt)? Eine Begünstigtenangabe? Oder was?

ALUNO: Kann man nicht das durch eine Dativergänzung ersetzen?

PROFESSOR: Das wollt' ich jetzt grade sagen, (1) -nä?- Das wär' jetzt mein nächster Satz gewesen. -nä?- (3) -nä?- Ich wollte nur noch sozusagen kurz äh (1) hinzufügen (1) -nä?- äh was für eine Angabe das sein soll, wissen wir nicht so genau. (3) -nä?- Dafür gibt es auch gar nich' so 'ne klare Terminologie (3) -nä?- Es könnte sozusagen eine allgemeine äh – manche Leute schreiben da präpositionale Angabe -nä?- oder so. Lösen das irgendwie so. (2) -nä?- Wir wissen nicht genau, was das ist. -nä?- So, interessant, oder? Aber doch mindestens haben wir jetzt die Intuition, daß es keine Ergänzung ist, daß es eine Angabe ist. (2) -nä?- Sol Interessanterweise können wir jetzt genau das machen, was ALUNO sagt. Wir können nämlich statt: "für ihr Kind" könn' wir nämlich auch einen Dativ benutzen. -nä?- (2) Wir könn' nämlich auch sagen: "Die Mutter kauft (2) ihrem Kind (6 – escreve) ein Eis." (5 -escreve) -nä?- (2) So! Jetzt sind wir (2) bei dem nächsten äh klassischen Streitfall der Dependenzgrammatik angetroffen. (1) -nä?- Die Frage ist nämlich: äh "Was ist eigentlich "ihrem Kind"?" -nä?- ALUNO hat jetzt einfach mal eben gesagt, das ist 'ne äh Dativ-Ergänzung. -nä?- Wenn wir jetzt schreiben da drei äh Kriterien ehm bearbeiten, äh dann könn' wir mal anfangen äh bei dem (3) Weglaßbarkeitskriterium: Weglaßbar ist es (1) -nä?- Genauso wie's auch vorher war für: "ihr Kind". Weglaßbar ist es. Das spricht für Angabe. (2) -nä?- (1) Wenn wir weitergehen, zum Informationskriterium, hat sich nichts verändert. Wir haben die gleiche Unsicherheit. Wir haben immer noch einen Begünstigten. Der Teilnehmer hat keine spezifische sondern eine aspezifische Funktion. (2) Wenn wir uns vorher für Angabe entschieden haben, dann müssen wir uns auch jetzt für Angabe entscheiden. (2) -nä?- Denn es hat sich ja semantisch nichts verändert. (3) -nä?- oder konzeptuell. (4) Und wenn wir zur Grammatik gehen, dann haben wir jetzt, mit dem Dativ, auf jeden Fall eine grammatische Spezifik, die sehr oft, wenn nicht typischerweise, vom Verb zugewiesen wird. Wenn wir allderdings mal nachkucken, ob das Verb "kaufen" einen Dativ zuweist, "kaufen – wem", "Wem kaufe ich...:", dann haben wir 'n bißchen den Eindruck (3) mindestens einer Unsicherheit. Wir wissen nicht so genau, oder wir finden: "Vielleicht ist das nicht so typisch für das Verb "kaufen", einen Dativ zuzuweisen." (4) Insbesondere, wenn wir dann beobachten, daß man eigentlich (1) zu allen (1) Verben, mit welchen man eine bewußte Tätigkeit oder Handlung bezeichnet, auf die gleiche Weise einen Dativ hinzufügen kann, (5) dann (1) fangen wir noch mehr an, zu zweifeln, ob dieser Dativ nun (1) etwas mit der Reaktion zu tun hat, ob dieser Dativ zugewiesen ist.

ALUNA: Was?

PROFESSOR: Wenn wir- wenn wir uns überlegen, daß wir zu allen anderen Verben, ...

ALUNA: Ja.

PROFESSOR: ... mit denen man eine Handlung oder eine bewußte Tätigkeit bezeichnet, (2) ebenfalls so einen Dativ hinzufügen kann, (2) dann fangen wir noch mehr an, zu zweifeln, ob dieser Dativ wohl von dem Verb "kaufen" regiert oder zugewiesen ist. (5) Und dieser Zweifel hat auch dazu geführt, daß man (2) äh die (3) grammatische (1) Institution des "freien Dativs" in der deutschen (1) Grammatik eingeführt hat. Unter einem "freien Dativ" versteht man einen Dativ, der nicht (1) vom Verb zugewiesen wird, (2) sondern der mit einer bestimmten Semantik (1) kommt. Und zwar genau mit der Semantik eines Begünstigten. Zumindest ist das eine Variante. Man nennt das "dativus ehm ehm äh sympaticus" oder "dativus commodi". (1) -nä?- Und das ist ein ganz großes Problem, auf das wir hier deutlich äh aufmerksam geworden sind. Ich schreib' das jetzt nochmal hier hin. "Dativus sympaticus" ehm heißt das eben zum Beispiel bei Engel, und "dativus commodi" heißt das zum Beispiel bei Helbig. (4 – escreve) Gemeint ist das gleiche. -nä?- "Commodi" bedeutet sozusagen der Bequemlichkeit, "sympaticus" der Sympathie. In beiden Fällen geht es um eine Begünstigung -nä?- Ich kann zum Beispiel sagen: "Ich wasche dir das Auto." (1) -nä?- "Ich repariere dir die Uhr." (1) -nä?- "Ich putze dir die Brille." -nä?- und so weiter. Alias (1), was ich äh bewußt tun kann, kann ich im Prinzip auch tun, um jemanden zu begünstigen. (1) -nä?- Ich kann auch- manche Leute ham geschrieben, das sei nicht möglich bei Verben, die schon einen Dativ regieren. Also zum Beispiel "helfen". "Ich helfe der Nachbarin." -nä?- Aber natürlich kann man sagen: "Ich helfe dir der Nachbarin." Das bedeutet zum Beispiel: Eigentlich solltest du der Nachbarin helfen, aber heute hast du keine Zeit, dann kann ich – für dich – der Nachbarin helfen. -nä?- "Hilf mir mal schnell der Nachbarin!" oder: "Ich helfe dir der-" Das ist kein Problem! -nä?- Wenn wir nur den richtigen Kontext suchen, geht das auch. ALUNO?

ALUNO: Ahm, das kann bedeuten, daß (2) daß das alles von der Absicht der Person abhängt. Das kann bedeuten, daß dann immer die Grammatik keine Rolle mehr spielt. Die Person entscheidet, ob der Dativ verwendet wird, oder nicht. So ist- Das ist völlig neu... Das heißt: "Ich wasche dir das Auto." oder: "Ich wasche das Auto." Du kannst einsetzen: "Ich wasche dir das Auto." Das ist nur deine Absicht. Das heißt, daß die Grammatik (3) nicht mehr völlig gespeichert ist, sondern du kannst sie verändern. Wenn du willst. Das ist völlig von deiner Absicht ...

PROFESSOR: Mindestens in diesem Fall. (1) -nä?- Und in Untersuchungen- Es gibt auch einige Bücher (1) über den Dativ -nä?- und die Untersuchungen äh, die man dort gemacht hat, sprechen ganz stark dafür, daß in der Tat die Sprachbenutzer das auch wissen und das auch so machen. -nä?- Die sagen das auch, daß sie bewußt (1) ein' Dativ (1) dann benutzen, wenn sie so etwas ausdrücken wollen. (3) -nä?-

ALUNO: Grundsätzlich ist eine Dativergänzung immer weglaßbar.

PROFESSOR: Äh, das stimmt nicht. "Ich helfe dir.", da wird es zum Beispiel schon schwierig, "Ich helfe.", also mindestens kann man darüber schon streiten. -nä?- Ob das weglaßbar ist oder nicht. (3) Aber so etwas (zeigt) ist natürlich immer weglaßbar. Ein freier Dativ (1) ist immer weglaßbar. (7 – escreve) Freier Dativ, -nä?- Äh man macht den Unterschied zwischen einem freien Dativ und einem valenzgebundenen Dativ, -nä?- (3) Aiso, ehm, ich möchte diese Frage jetzt gar nicht entscheiden. -nä?- Es ging mir mehr darum, euch (1) einige (1) Gedanken zu zeigen, äh die man hier berücksichtigen muß, die hier in der Diskussion sind. Das Problem – du bist sofort dran, ALUNO – Das Problem (2) hier (1) ist, man kann (2) nicht (1) so einfach (1) entscheiden, ob das eine Ergänzung oder eine Angabe sein kann. (4) Wenn wir die Kriterien betrachten, dann spricht sehr vieles für eine Angabe. Aber trotzdem bleibt (3) ein

gewisses komisches Gefühl, (3) zu denken (3), eigentlich ist das doch (2) ein Objekt. Warum sollte das nicht, in Analogie zu den anderen Objekten, eine Ergänzung sein? -nä?- Es ist eine lange Diskussion. -nä?- Die Diskussion ist offen, die Diskussion ist nicht entschieden, kann wahrscheinlich auch nicht so leicht entschieden werden, das heißt, für uns wird das zum Beispiel in der Praxis bedeuten, festzustellen, ob das ein freier Dativ ist. Dann könn' wir uns daran erinnern, daß das eine Diskussion ist. Wir könn' uns an die Argumente erinnern. (2) -nä?- Und damit kann in einem Fall, wenn wir eine Analyse machen, um (5) textlinguistische oder sonstige Fragen (2) zu behandeln, schon sehr vieles gewonnen sein. Wenn es darum geht, Fehler zu finden und Fehler zu erkennen, kann damit schon alies gewonnen sein. Wenn wir diagnostiziert haben, was es ist, ein freier Dativ zum Beispiel. -nä?- Deswegen müssen wir (1) nicht unbedingt (3) die Entscheidung zwischen Ergänzung und Angabe treffen. Mehr als das: So etwas kann man natürlich auch als Argument benutzen, um zu sagen, die Entscheidung zwischen Ergänzung und Angabe ist überhaupt problematisch. -nä?- Und manche Autoren verzichten deswegen auch darauf -nä?- und sagen äh: "Eigentlich ist das keine relevante Unterscheidung." (1) -nä?- Aber das will ich hier nicht entscheiden. Ich will sozusagen nur (1) einige Gedanken ... Ja, ALUNO?

ALUNO: Themen alt kennt hier "betonte Ergänzung" und "unbetonte Ergänzung".

PROFESSOR: Ja.

ALUNO: Für den Dativ "unbetonte Ergänzung".

PROFESSOR: Wäre auch eine (4) Möglichkeit. Denn das ist- also das ist äh, eine themenspezifische, also THEMEN – Buch – spezifische, denn das äh haben wir, also äh in den Grammatiken äh nicht diese Trennung.

ALUNA: Also das ist (3) geschlossene Diskussion, das geht dann nach Kapiteln.

PROFESSOR: Jajaja. Das ist ... – ALUNO!

ALUNO: Du hast vorhin erwähnt, so: "sympaticus". Aber es gibt ja auch den Dativ der Betroffenen, nicht nur der Begünstigten, also zum Beispiel: "Daß du mir nicht wieder so spät heimkommst!"

PROFESSOR: Wird ergänzt, noch, wird ergänzt!

ALUNO: Aber ...

PROFESSOR: Soweit (2) war ich (1) noch nicht

ALUNO: ... etwas noch grundsätzlich zu dieser Unterscheidung zwischen freiem Dativ und gebundenem Dativ: Ich glaube, daß die Kasusgrammatik nicht umsonst beide Fälle mit dem gleichen Tiefenkasus belegt, völlig egal, ob der jetzt in der Rektion des Verbs drin ist, oder nicht. Und äh zeigt, daß bei manchen Verben der Dativ mittlerweile fest geworden ist, aber eigentlich die kommunikative Funktion gleich ist. (2) Oder anders ausgedrückt: Mit manchen Verben, genauso wie manche Präpositionen mittlerweile einen festen Kasus haben, haben manche Verben mittlerweile eine feste Dativergänzung, die das vielleicht nicht immer hatten und die das vielleicht auch wieder verlieren. Das also eine Frage der Lexikalisierung. Also der Begriff Lexikalisierung ist- paßt nicht ganz genau, wenn man die Ergänzung und die Rollen im Tiefenkasus diskutiert, dann ist die Lexikalisierung ein anderer Bedeutungsinhalt. Aber im Grunde...

PROFESSOR: Semantisierung... (1) -nä?- Also, äh das ist eine lange Diskussion, -nä?- Also es gibt (3) zwei radikale Positionen und 'ne Menge dazwischen: Ehm, die eine radikale Position sagt: Allen (3) grammatischen (2) Erscheinungen (4) einschließlich Kasus liegt irgendwo (2) letztlich (1) eine semantische Geschichte zugrunde. Also dem Genus zum Beispiel Sexus, dem Kasus bestimmte Diskursrollen oder thematische Rollen oder sowas, -nä?- und den Personen zum Beispiel die Kommunikationsteilnehmer und so weiter. -nä?- Man kann dann zeigen, wo das abweicht, und man kann dann weiter die Position beziehen, wie ALUNO gerade gesagt hat, daß das im Laufe der Sprachgeschichte -nä?- sich verfestigt hat, sich teilweise verselbständigt hat, daß aber die Grundlage im Grunde die ist. -nä?- Es gibt äh die Position, die das genaue Gegenteil dazu behauptet. Ehm, die nämlich sagt: Alie grammatischen Kategorien bedeuten zuerst einmal (1) nichts, sondern werden als rein formale Spezifizierungen eingeführt, und nehmen, weil Menschen eine Tendenz haben, das rein Abstrakte sich nicht merken zu können, sich nicht besonders zu schätzen, irgendwie unnatürlich zu finden, im Laufe der Sprachgeschichte mit einer gewissen zunehmenden Tendenz Bedeutungen an. Oder ziehen Bedeutungen an sich, oder sowas. (2) -nä?- Also der Genus zum Beispiel den Sexus (1) -nä?- Während also Genus dieser Theorie nach ursprünglich eine rein abstrakte Kategorie gewesen ist, findet das so (1) immer mehr so- zieht immer so 'ne Besetzung an sich (1) -nä?- Kasus ziehen so bestimmte semantische Rollen, zum Beispiel der Dativ den Begünstigten an sich, und sowas. (1) -nä?- Das Problem bei beiden Theorien ist, daß sie rein spekulativ sind. (2) Es gibt äh (1) keine Möglichkeit, zu überprüfen, äh wie das in der Ursprache ausgesehen hat, und wie sich das von da aus entwickelt hat, (2) und es gibt auch ehm (1) anderweitig keine Möglichkeit, bis jetzt, starke Argumente auf der einen oder anderen Seite zu versammeln.

ALUNO: Ein starkes Argument ist die didaktische Umsetzbarkeit.

PROFESSOR: Ja, hehe, ...

ALUNO: Die erste Hypothese ist da einfach sehr viel produktiver als die zweite, wenn man dann bei der ersten eben sagt, daß es eine gewisse Funktion gibt, die bedingt ist durch die in dem Kontext gegebenen Teilnehmer, als wenn man nur eine Liste vorsetzt: "Hier sind die Verben mit Dativ" und: "Hier sind die Verben mit Akkusativ", und die sollen sie jetzt auswendig lernen.

PROFESSOR: Das interessante ist – und –, daß man sogar in der Didaktik diese beiden Positionen hat, und daß man auch in der Geschichte der Fremdsprachendidaktik eine schöne Wellenbewegung beobachten kann. Eine zeitlang- Ich hab' kürzlich auch in São Paulo ein interessantes Gespräch darüber mit einem Kollegen gehabt, der also eine Arbeit geschrieben hat über die Geschichte der fremdsprachendidaktischen Methoden. (1) -nä?- Es- es scheint in etwa so zu sein, äh daß man äh einen (3) Zyklus von 20, 30 Jahren lang mit zunehmender Intensität daran glaubt, daß man äh in der Fremdsprachendidaktik alies äh durch Semantisierung erklären soll. Also dadurch, daß man für alie sprachlichen Erscheinungen (1) so Bedeutungshilfen gibt. -nä?- Und nach- nach einiger Zeit merkt man dann, also insbesondere wenn man das besonders weit ausgebaut hat im System, merkt man dann, daß man damit auf Probleme stößt. Zum Beispiel mit dem Dativ- es gibt ja sehr viele Beispiele, wo der Dativ auch äh mit viel gutem ehm Willen so nicht äh äh zu erfassen ist, wie das hier steht. Wenn wir also an sowas denken wie: "Der Professor unterzieht die Studenten einer Prüfung." -nä?-

ALUNO: Das Kriterium für den Dativ ist für mich das tiefensemantische Kriterium. In den beiden hier vorliegenden Fällen ist das: "Eine dritte Person die das Resultat oder die Konsequenz aus der Aktion einer ersten erleidet oder davon profitiert."

PROFESSOR: Genau das. Und darum sollten dann ja auch die Studenten im Dativ stehen. Das ist aber nicht der Fall. Die Studenten stehen im Akkusativ und "einer Prüfung" ist der Dativ. Das sind- das gehört zu den krassen Gegenbeispielen dieser Theorie. Aber es gibt viele andere. Man hat dann festgestellt, daß man in solchen- in solchen Fällen (2) das Lernen der nicht (2) von- von dieser semantischen Generalisierung erfaßten Fälle erschwert. (1) -nä?- Das ist auch der Grund gewesen, warum man zum Beispiel mit der Dependenzgrammatik angefangen hat, und die Dependenzgrammatik letztlich so formal aufgebaut hat, indem man dann gesagt hat: "Also, (2) da haben wir eben bestimmte, formal definierte Satzmuster oder Satzbaupläne, und die haben nichts mit der Bedeutung zu tun. Weil man dann sozusagen mehr Hoffnung darauf gesetzt hat, die Lust, auswendig zu lernen und Listen von Verben da zu lernen, dann all die Fälle, die von der semantischen Generalisierung nicht erfaßt werden, leichter lernen. Dafür natürlich dann die anderen Fälle schwerer. (2) -nä?- Und nun kommt man wieder dahin, daß man sagt: "Also das auswendiglernen von so abstrakten Mustern, das ist doch dermaßen aufwendig. Sollte man nicht die semantischen Generalisierungen, die möglichen, didaktisch nutzbar machen?" Dann geht sozusagen wieder der Pendelschlag in die andere Richtung. -nä?- Ich glaube, wie bei vielen anderen Sachen liegt hier ehm die beste Möglichkeit in einer (2) möglichst (1) ausgewogenen Nutzung der Vorteile von beiden Strategien. -nä?- Also, Studenten zu sagen, daß der Dativ oft ein Kasus ist, ehm mit dem man (3) Personen bezeichnet, und besonders oft begünstigte oder benachteiligte, also betroffene Personen, das ist kein Schaden, solange man ihnen klarmacht, daß das nur eine Tendenz ist, (2) und daß es auch viele Fälle gibt, in denen das nicht der Fall ist. -nä?-

ALUNO: Ich denk nur grade. Also ich hätte da schon eine Theorie, wie der Dativ da trotzdem zu erklären ist. Aber... Im Zusammenhang... Durch die Präposition, durch die- die äh die in dem Verb drin ist, die da einlexikalisiert ist und die diesen residualen Dativ da erklärt, -nä?- "Er zieht die Studenten unter die Prüfung."

PROFESSOR: Aber es ist ja irgendwie doch komisch, daß es "unter der Prüfung" heißt, nicht? -nä?- Es ist ja eben nicht Akkusativ. (1) -nä?- Also über solche Fälle kann man- kann man viel nachdenken. Das findet man eben auch in den Büchern über den Dativ äh auf(1)geschlüsselt. Und äh die beiden äh bekanntesten Autorinnen, also das eine ist äh Heide Wegener -nä?- , die das Buch "Der Dativ im heutigen Deutsch" geschrieben hat, die andere überlege ich grade, wie die heißt. Ich muß mal nur nachkucken. Ich hab das hier auch zitiert. Ehm (4)

ALUNO: Bei Welke findet sich da auch was.

PROFESSOR: Ja, bei Welke auch. Aber ich will nur mal eben kucken, wie die Frau heißt. (3) Ehm, das ist eine Dänin, die in Stockholm arbeitet. ... den Namen jetzt im Moment nicht (2) präsent. (3) Sehn', ob ich das hier finde. (13 sucht) Irgendwie äh finde ich das jetzt nicht so schnell. Das muß ich das vielleicht äh (1) nachher nochmal (1) in Ruhe überprüfen (3) und das nochmal nachliefern. Nö, das hat keinen Sinn. Ich finde das jetzt nicht so schnell. Aber ich sag' das dann nachher nochmal, wie die Frau heißt, die das andere Dativ-Buch geschrieben hat. -nä?- Ehm, (6) ja (1), um (3) an- an diesen Punkt zurückzukomm'. (2) Ehm, (5) das ist ein anderer Fall (5) hier, von (4) nicht-idealer Übereinstimmung. -nä?- Wobei hier die Übereinstimmung eigentlich- die Verhältnisse also schon sehr (2) klar (1) auf Angabe hinweisen. -nä?- Das einzig Komische ist, äh daß in diesem Fall äh sozusagen der (2) oder die beiden komischen Sachen sind, daß es sich ehm (3) die- mit- nicht richtig um Teilnehmer- und nicht richtig um Nicht-Teilnehmerinformation handelt -nä?- Und ehm äh, daß es auch- daß man nicht ganz genau entscheiden kann, ob nun der- dieser Dativ hier vom Verb gefordert wird, oder ob der äh aus andern Gründen hier dasteht. (2) -nä?- (1) Man kann sich- Ja?

ALUNO: Entschuldigung, ich hätt' noch 'ne Anmerkung zum Unterschied zwischen "ihrem Kind" und "für ihr Kind".

PROFESSOR: Mhm?

ALUNO: Ich würd' da sagen, daß "für ihr Kind" mehr in Richtung Angabe geht, weil es 'ne restriktive Einschränkung der Information darstellt. Das heißt, wenn ich sag: "Die Mutter kauft ein Eis für ihr Kind." dann ist das: "nicht für sich", "sie möcht's nicht essen". Und wenn ich sag- mit der Information: "ihrem Kind", dann ist das wesentlich mehr sozusagen eine affirmative Information, die das Eis näher erläutert, die dem Eis sozusagen äh weiter näher determiniert, während "für ihr Kind" wäre Einschränkung über die Mutter, was die Mutter betrifft.

PROFESSOR: Also ich- ich stimme dir zu ehm, oder auch dem- äh der Untersuchung zu ehm, daß das nicht 100%-ig äquivalent ist. -nä?- Ehm, da hab' ich auch äh (2) schon mal was dazu geschrieben. Also ich meine, das ist ehm, (2) Das macht man 'n bißchen zu leicht, wenn man das als äquivalent bezeichnet. Ob das nun grade diese Unterscheidung ist, die du da grade erwähnt hast, kann ich jetzt hier so spontan mal nicht beurteilen. -nä?- Ehm, ich weiß aber auch nicht, ob das im Moment jetzt hier ehm (1) soo (3) viel klärt. Also ich glaube, was- was- was wir im Moment aus diesen Sachen hier lernen könn', denn das ist, warum ich die auch vorstelle, ist ehm, um mal deutlicher zu machen einfach, was sind- was- was hat es mit dieser Unterscheidung Ergänzung und Angabe überhaupt auf sich. -nä?- Wie- wo sind die Punkte, die da zu Zweifeln geführt haben? Was wird da diskutiert? Und ehm (1) da gibt's viele Dinge, die dazu gedacht und geschrieben und gesagt worden sind, ehm, wenn man- wenn man sich dann darauf spezialisieren möchte, ehm (2) dann ist es vielleicht dann interessanter, zum Beispiel jetzt (2) diese speziellen (1) Feinheiten da nochmal (2) zu diskutieren.

ALUNO: Ist noch Zeit für die Richtungsverben? Oder müssen wir weitergehen?

PROFESSOR: Das Richtungsverb? Ehm "Ich fahre zum Bahnhof." Ehm, ja. (2) Ich meine äh, im Prinzip ist das- ist diese mit den (1) Direktivergänzung' der gleiche Fall äh, wie das, was wir heute Morgen hatten, mit dem "wohnen". (1) -nä?- "Ich wohne ehm (1) äh in der Mozartstraße." und: "Ich fahre zum Bahnhof." Das ist ehm im Prinzip identisch. Man könnte nur folgendes sagen äh: Die- die Direktivergänzungen (2) sind- oder die sogenannten Direktivergänzungen (1) sind oft (2) nicht obligatorisch, sondern weglaßbar. (2) Und das (1) hat (1) einen zusätzlichen Diskussionsschub ausgedrück- äh ausgelöst, nämlich den, (2) ob man (1), wie Engel das macht, nur dann (2) von einer (1) nicht-regierten Ergänzung sprechen soll, wenn dieses Element obligatorisch ist, oder ob man eventuell auch (2) fakultative (1) ehm adverbiale Ergänzungen -nä?- annehmen soll. Das wären zum Beispiel die Wegergänzungen, die Richtungsergänzungen. -nä?- "Ich gehe durch die Stadt./Ich fahre zum Bahnhof." (1) -nä?- Ich kann auch sagen:

"Ich gehe." Fertig! "Ich fahre." Fertig! (2) -nä?- Die sind weglassbar, aber trotzdem ist man unter bestimmten Gesichtspunkten doch- hat man gedacht, es gibt eine Analogie zu (2) "in der Mozartstraße" bei "wohnen".

ALUNO: Da gibt es noch einen Unterschied: Es ist nur weglassbar, wenn das da isoliert ist. Das hängt vom Kontext ab, nä?

PROFESSOR: Ja, die Diskussion ist ja die gleiche, die wir schon hatten. -nä?- Also jedenfalls...

ALUNO: Für mich ist das eher wieder ein Indiz, daß es verschiedene Verben "fahren" gibt. "Der Bus fährt." und: "Der Bus fährt zum Bahnhof." Das Gegenteil von: "Der Bus fährt." ist: "Der Bus steht.". "Der Bus fährt zum Bahnhof." Das Gegenteil ist: "Der Bus fährt äh (1) zum Flughafen."

PROFESSOR: Vielleicht bringt das nichts substanzuell Neues. (1) -nä?- Im Prinzip ist das, was- ganz analog zu was wir schon hatten. (1) -nä?- Das ist nur ein anderer äh Fall, ehm der also in der- in der- in der referenzgrammatischen Literatur dazu geführt hat, daß man sich gefragt hat, ob man auch fakultative ehm Ergänzungen, die kein zugewiesenes (1) grammatisches (1) äh Spezifikum tragen annehmen soll. -nä?- Viele Autoren machen das. Helbig zum Beispiel macht das. (2) -nä?- Andere Autoren lehnen das ab. Und sagen dann, das sind grundsätzlich Angaben. (1) -nä?- Insofern gibt es keine allgemein verbindliche (1) äh Lehrmeinung.

ALUNO: Und deine Meinung? Was ist denn deine Meinung dazu?

PROFESSOR: Ehm, ich bin der Meinung äh, das einzige, hab' ich vorhin schon mal angedeutet, äh, das einzige äh verlässliche Kriterium für äh (1) grammatische Valenz, also äh in diesem Sinne die Rektion ist. Ich würde alles, was nicht zugewiesen wird, was keine zugewiesene grammatische Spezifik hat, als Angabe bezeichnen. -nä?- Ich sehe ein, daß man das differenzieren muß. -nä?- Es gibt sicher verschiedene Typen von Angaben und so weiter.

ALUNO: Für dich wär' "fahren" ein einwertiges Verb?

PROFESSOR: Ja, "fahren" -nä?- "wohnen" auch. Einwertiges Verb. "Gehen", alle diese Verben. -nä?- Ich sehe nicht

...

ALUNO: Und wie ist das mit: "Ich fahre das Auto."? Ist das ...

PROFESSOR: Also in meinem Modell hier äh das ich hier vorstelle, und das ich nachher auch nochmal (1) mit den Satzmustern etwas genauer vorstellen möchte, sind das einwertige Verben. Das ist aber ehm, ich sag da immer ganz klar dazu, das ist eine Entscheidung von vielen möglichen. (2) -nä?-

ALUNO: Und auch die Tatsache, daß es bei dem "fahren" sogar das Hilfsverb im Perfekt sich ändert, je nachdem, ob man es eben einwertig oder zweiwertig benützt, ist das kein Indiz, daß es da verschiedene Varianten gibt? (4) "Ich habe das Auto gefahren./ Ich bin in die Stadt gefahren."

PROFESSOR: Ja, also das- das Hilfsverb beim äh Perfekt, das ist ja sowieso noch 'ne- 'ne längere Geschichte. Also da können wir, glaub' ich in diesem Seminar nicht sinnvoll drauf eingehen, -nä?- womit das zusammenhängt. Und ob das überhaupt beides Perfekt ist. (1) -nä?- Es gibt Leute, die das schlichtweg abstreiten, daß "sein" plus Partizipkonstruktion etwas mit Perfekt zu tun hat. Ich neige auch zu dieser Meinung. (1) -nä?- Ich glaube das ist kein Perfekt. Aber das ist eine lange Geschichte, und da möcht' ich mich jetzt eigentlich gar nicht unbedingt so gern drauf einlassen. ALUNO?

ALUNO: Man analysiert hier funktional, ja? Das kann bedeuten, daß wir, wenn wir funktional analysieren wollen, auf alles verzichten sollen, da alles eine lange Geschichte ist.

PROFESSOR: Ehm, hehehe, (3) ja äh...

ALUNO: Nee, ich frage nur. (2) Denn man muß ja ganz genau (1) ja, determinieren, was wir damit analysieren wollen.

PROFESSOR: Ja äh...

ALUNO: Wenn wir äh über andere Bereiche äh suchen oder was, (4) dann ist es immer schwer.

PROFESSOR: Also unter diesem Gesichtspunkt zum Beispiel hab' ich äh (2) die Meinung vertreten, daß man (1) sich nach der Rektion richten soll. -nä?- Denn die Rektion ist ein ganz klares Kriterium. (1) -nä?- Jedenfalls in den meisten Fällen ganz klar. Es gibt bei der Rektion natürlich auch Zweifelsfälle. -nä?- Da muß man es noch einmal ein bißchen genauer (1) ehm untersuchen, (2) wie man es erkennen kann, ob eine grammatische Eigenschaft regiert ist oder nicht. -nä?- Und da scheint mir das Beispiel mit dem Dativ auch hilfreich zu sein, -nä?- Da könn' wir nochmal drauf zukomm'. Es ist allerdings ehm ein Argument, zugegebenermaßen, das ein bißchen sich äh gegen das richtet, was ALUNO grade gesagt hat, nämlich die semantische Basis von grammatischen Phänomenen. -nä?- Die Entscheidung zwischen zugewiesen und nicht un- zugewiesen (1) funktioniert nur dann, wenn man annimmt, (1) daß grammatische Kategorien oder grammatische Formen (1) keine semantische Basis haben. (2) -nä?- Und wenn man in diesem Sinne annimmt, daß: "Ich helfe dir." darum den Dativ hat, weil das Verb "helfen", rein formal, den Dativ erfordert, und nicht darum, weil der, dem geholfen wird auch der Begünstigte ist, (2) -nä?- Dann kann man eine- (1) dann kann man diese Unterscheidung machen. Man kann sagen, hier, in so einem Fall, ist der Dativ aus semantischen Gründen gewählt worden, weil er bedeutet, daß der hier ins Spiel gebrachte Teilnehmer der Begünstigte ist. (3) Bei dem Verb "helfen" ist der Dativ aufgrund rein formaler Gründe deswegen ins Spiel gebracht worden, weil das Verb "helfen" ihn verlangt. (3) -nä?- Dann könnte man auch vom (1) grammatisch (4) zugewiesenen Merkmalen sprechen, oder- oder Spezifiken sprechen, und von semantisch regierten, und äh semantischen oder aus semantischen Gründen selegierten. (3) -nä?- Und das äh kann man schon systematisieren, im Deutschen. Man kann zum Beispiel zeigen äh, daß es auch einen (2) aus semantischen Gründen selegierten Akkusativ gibt, der eine Quantität ausdrückt. Der zum Beispiel eine zeitliche Quantität: "Ich habe den ganzen Tag gearbeitet." (2) -nä?- Und daß es auch aus semantischen Gründen selegierte Genitive gibt, nämlich zum Beispiel als Possessivkasus (3) -nä?- (1) oder als Partitivkasus -nä?- Und daß es auch zugewiesene Genitive und zugewiesene Akkusative (3) -nä?- und zugewiesene Dative gibt. (1) Und das gleiche ist auch beim Nominativ der Fall. (2) Ein Nominativ als Vokativ (1) ist natürlich nicht zugewiesen, denn der hat überhaupt kein übergeordnetes Verb. (1) -nä?- Der ist aus semantischen Gründen, (1) als Vokativ, als Anredeform (2), als Ansprechform (2) ehm selegiert worden. (2) -nä?- Also, man kann diese Sache zur Methode machen und kann zeigen, daß alle (3) grammatischen Spezifiken im Deutschen in einer zugewiesenen und einer nicht-zugewiesenen Variante existieren. (2) In der nicht-zugewiesenen Variante gehen sie einher mit einer ganz spezifischen Semantik, (1) und in der zugewiesenen (1) Variante (1) da gehen sie einher mit speziellen Konkordanz. -nä?-